



FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO



LINA CARLA MENDES NICOLAU

**DA “ESCOLA ATRIBUÍDA” À “ESCOLA RECLAMADA”:
O LUGAR DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES PESSOAIS
DOS JOVENS**

Dissertação de mestrado

2007

DA “ESCOLA ATRIBUÍDA” À “ESCOLA RECLAMADA”:
O LUGAR DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES PESSOAIS
DOS JOVENS

Lina Carla Mendes Nicolau

Dissertação apresentada na
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação,
Universidade do Porto, para obtenção do grau de mestre
em Ciências da Educação,
Especialização em Educação e Diversidade Cultural, realizada sob orientação
do Professor Doutor António M. Magalhães

Resumo

Partindo de dez entrevistas a rapazes e raparigas que frequentaram uma actividade de educação não formal numa escola secundária, o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania – NFPC, este trabalho tem como objectivo estudar as narrativas dos jovens deste núcleo, na medida em que ele se estabeleceu como mediador entre as vivências da escola e as exteriores a ela. O propósito foi o de tentar compreender se a “escola atribuída” se transformou num elemento decisivo na formação das identidades daqueles jovens, ou/e se foram eles, com os seus guiões, a procurar na escola, e em interacção com ela, o cumprimento dos seus próprios projectos pessoais e, assim, potenciarem a emergência de uma “escola reclamada”.

Para estudar as narrativas dos rapazes e raparigas do NFPC, a metodologia adoptada foi, no quadro da análise de discurso, a proposta pela abordagem da psicologia discursiva, por surgir como mais coerente com o objectivo deste trabalho. Conhecer é atribuir sentido ao mundo. A atribuição desse sentido resulta de uma construção social, interactiva, através da qual os indivíduos, na dinâmica das relações sociais, sempre contextualizadas, constroem os quadros a partir dos quais compreendem as situações e objectos que os rodeiam. Nesta visão, a produção de conhecimento é tida como uma acção de construção erigida num tempo e espaço específicos e constitutiva de uma realidade intersubjectiva.

Na perspectiva assumida, entender o *self* como discurso acentua a importância do relacionamento “eu” – “outro”, deslocando o foco da pesquisa do indivíduo para a relação construída. Portanto, o entendimento do *self* como um discurso associa, intimamente, o carácter relacional e o carácter discursivo do *self* ou da identidade.

Assim, num contexto de modernidade tardia, onde as identidades se apresentam frequentemente mais fragmentadas, instáveis e construídas através de discursos contraditórios e antagónicos, o NFPC emerge nas narrativas dos jovens como um espaço-tempo com importantes potencialidades para a formação, para a autonomia e para a cidadania, uma vez que no exercício da reflexividade eles vão construindo as suas subjectividades e se implicam, pessoalmente, nos processos relacionais; ele é assumido como um lugar transversal peculiar onde os rapazes e raparigas se vão construindo, e como gerador de novos entendimentos sobre si próprio, os outros, o trabalho escolar, o conhecimento, ou seja, como um espaço onde se entrelaçam mundos diversos.

Résumé

En partant de dix récits de jeunes garçons et de jeunes filles qui ont fréquenté une activité d'éducation non-formelle dans une école secondaire, le Club de Formation Personnelle et de Citoyenneté – NFPC (*Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania*), ce travail a comme objectif d'étudier les récits des jeunes de ce club, dans la mesure où lui s'est établi comme médiateur entre les expériences de l'école et celles extérieures à elle. Le but a été d'essayer de comprendre si "l'école attribuée" s'est transformée en un élément décisif dans la formation des identités de ces jeunes, ou/et si furent eux, avec leurs guidons, à chercher dans l'école, et en interaction avec elle, l'accomplissement de leurs propres projets personnels et, ainsi, à exploiter l'émergence d'une "école réclamée".

Pour étudier les récits de ces jeunes, la méthodologie utilisée a été, dans le cadre de l'analyse du discours, celle de la proposition par l'abordage de la psychologie discursive, puisqu'elle paraît être une des plus cohérentes face à l'objectif de ce travail. Connaître c'est attribuer un sens au monde. L'attribution de ce sens est le résultat d'une construction sociale, interactive, à travers laquelle les individus, dans la dynamique des relations sociales, historiquement datées, construisent les concepts à partir desquels ils comprennent les situations et les objets qui les entourent. Dans cette perspective, la production de connaissance est vue comme une action de construction, dressée dans un temps et un espace spécifiques et constitutive d'une réalité intersubjective.

En ce sens, comprendre le *self* comme un discours accentue l'importance des relations “ moi ” – “ l'autre ”, en déplaçant le centre de la recherche de l'individu vers la relation construite. Donc, comprendre le *self* comme un discours associe, intimement, le caractère relationnel et discursif du *self* ou de l'identité.

Donc, dans un contexte de modernité tardive, où les identités se présentent fréquemment plus fragmentées, instables et construites à travers des discours contradictoires et antagoniques, le NFPC, émerge dans les récits des jeunes, comme un espace-temps avec d'importantes potentialités pour la formation, pour l'autonomie et pour la citoyenneté, vu que dans l'exercice de la réflexivité ils vont en construire peu à peu leurs subjectivités et ils s'impliquent, personnellement, dans les processus relationnels; il est supposé comme une place transversale particulière où les jeunes garçons et les jeunes filles se construisent, et comme promoteur de nouveaux accords sur soi-même, les autres, le travail scolaire, la connaissance, c'est-à-dire, comme un espace où s'entremêlent des mondes divers.

Abstract

Based on ten interviews to young boys and girls who attended an extra-curricular activity at a secondary school, namely, the Personal Formation and Citizenship Club (*Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania - NFPC*), this project aims at studying the narratives of these young people taking into account that this club played the role of a mediator between their experiences inside and outside school. The objective was trying to understand if the “attributed school” was decisive in the development of their identities or/and if they, using their own scripts, tried to achieve their aims by searching for the available means at school and interacting with it, managing to fulfil their goals, therefore creating a “claimed school”.

In order to study the reports of the *NFPC* boys and girls, the method used was discourse analysis, within the approach suggested by the discursive psychology, as it was more coherent with the purpose of this project. Knowledge means giving meaning to the world and this meaning is the result of a social, interactive development, through which individuals, within the context and dynamics of their social relationships, build up their references, thus being able to understand situations and objects around them. According to this perspective, producing knowledge is considered a deliberate action occurring at a specific time and place and it is constitutive of an intersubjective reality.

From this point of view, understanding the *self* as discourse and speech, emphasises the importance of the relationship between the “I” and “the other”. Consequently, the research displaces the focus from the individual to the social relationship. Hence, accepting the *self* as a discourse means to associate intimately the relational nature with the discursive nature of the *self* or identity.

Therefore, in the context of late modernity in which identities are frequently more fragmented, unstable and built up upon contradictory or opposing patterns, *NFPC* stands out in these young people’s narratives as a place-time with relevant potentiality for their education, autonomy and citizenship skills, as reflexivity helps them to build their subjectivity and get personally involved in the relational process. In the narratives analysed the *NFPC* is acknowledged as a special transversal place where boys and girls grow up and as generating new ways of understanding themselves, the others, school work, knowledge, that is to say, a space where the various worlds mix together.

Índice

Introdução	11
1. A história pessoal da minha investigação	11
2. Construção da pesquisa: objecto e opções metodológicas	20
3. Itinerário da investigação	28

I PARTE

1. Questões de identidade numa era de transição	31
1.1. Pós-modernidade e identidades pessoais	31
1.2. A Identidade, uma construção relacional	37
1.3. Identidades: do dilema à reflexividade	43
2. A Escola	51
2.1. A escola entre tempos de promessas e de incertezas	51
2.2. “Include me out!”	55
2.3. Possibilidades de agência política	63
3. Jovens e juventudes: semelhanças e/ou diferenças?	67
3.1. Juventude: o nascimento da categoria	67
3.2. Juventude e identidade	67
3.3. Paradoxos da Juventude	70

II PARTE

1. Design da investigação e técnicas utilizadas	77
1. 1. As questões de investigação	77
1. 2. A escolha da amostra	77
1.3. A caracterização da amostra	78

1. 4. A produção do material através das entrevistas	80
1. 5. O trabalho de campo	80
1. 6. Para a análise dos dados	81
1.6.1. Sobre cada um dos temas da entrevista	82
1.6.2. Sobre cada um dos indicadores da psicologia discursiva	83
 2. As narrativas dos jovens do NFPC	 87
2.1. Uma leitura possível	
A. A família	91
B. A Escola	94
C. O Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania (NFPC)	107
C. Escola/Núcleo: a comparação	125
D. Família/Núcleo: a relação	127
E. Estudar “fora”	128
F. Os projectos pessoais	130
G. A minha visão de mim e dos outros	133
H. Os relacionamentos e a intimidade	144
I. O lugar de pertença	146
 3. O lugar da escola na construção das identidades pessoais dos jovens do NFPC	 147
3.1. Questões de subjectividade	147
3.2. Quanto “pesa” o NFPC?	150
3.3. Ser jovem: essências ou processos?	153
 Considerações finais	 155
 Referências bibliográficas	 159
 Anexos (Vol. I e II)	

Sermos responsáveis não significa seguirmos as regras, pode com frequência exigir que desrespeitemos as regras ou tomemos vias de acção não garantidas por regras. Só uma responsabilidade assim entendida pode fazer do cidadão essa base sobre a qual se torna concebível a construção de uma comunidade humana dotada da capacidade e da inteligência suficientes para enfrentar os desafios do presente
Concebível... E não mais do que isso, uma vez que nada pode garantir que essa comunidade virá um dia a ser construída, nem há métodos que permitam provar que o será. Na realidade, a única garantia é a que for dada pelos esforços continuados dos próprios construtores (Bauman, 2007: 292).

Introdução

1. A história pessoal da minha investigação

Lê-se na justificação deste curso de mestrado em Ciências da Educação – Educação e Diversidade Cultural, que esta especialização “tem como propósito principal aprofundar questões relacionadas com uma educação (escolar e contínua) sensível à diferença e à diversidade cultural”¹. Na convicção de que “a sociologia da educação deve ser sensível, cada vez mais, à emergência e centralidade social de novos contextos e processos educativos (informais e não formais), de modo a dar conta de outras formas de educação, formação e aprendizagem, não subordinadas e não subordináveis ao *paradigma escolar*” (Afonso, 2005: 17), desde cedo, procedi à tentativa de clarificação do meu objecto de estudo que, inevitavelmente, diligenciaria no sentido de rentabilizar todo um conhecimento adquirido ao longo de uma prática docente de vários anos. Foi meu intento que a investigação se confessasse útil e relevante, quer científica, quer pessoalmente.

Responsável pela leccionação da disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social a partir de 1999 desenvolvi, conjuntamente com alunos e encarregados de educação, em 2001, de um projecto de educação não formal, o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania – NFPC. Sucede, então, que me situo no âmbito da educação não formal promovida a partir de contextos de educação formal. A minha formação, de perto de dois anos, conferindo-me habilitação para a leccionação na área da Formação Pessoal e Social, permitiu consolidar um interesse que tem marcado o meu percurso como docente. Naquele âmbito, foi-me permitido desenvolver no terreno um detalhado plano de actividades (Componente Prática Pedagógica de Desenvolvimento Pessoal e Social) que incidira, justamente, sobre temas cujo conhecimento vim a dilatar com o presente mestrado.

¹ In desdobrável de divulgação do curso de mestrado em Ciências da Educação especialização em Educação e Diversidade Cultural, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2005/2007

A experiência de sete anos na área da formação pessoal e social induziu-me uma empenhada reflexão e concretização de práticas que envolveram a comunidade educativa e, com a qual, se estabeleceram diferentes parcerias.

Sendo a escola uma construção histórica moderna, como forma, como organização e como instituição, ela rapidamente veio revolucionar os modos de socialização; o seu modelo de escolarização obrigatória e massificada assumiu um papel crucial na sociedade. Nesta sequência, ao liderar a função educativa, a escola subestimou saberes de que os indivíduos eram portadores, desde que não fossem ensinados por profissionais. Consequentemente, depreciou, no dizer de Rui Canário, “o processo educativo como um trabalho que o educando realiza sobre si próprio, em interacção com os outros e com o mundo, a partir do seu património experiencial” (2005:192). Embora não me situando completamente na linha de pensamento de Ivan Illich, defendo que a educação alicerçada, sobretudo, na escolarização afasta “a educação da realidade e o trabalho da criatividade” (1971: 84).

Terá a escola, no contexto actual de leccionação de conteúdos, espaço para uma consideração ampla e humanamente abrangente onde caiba o indivíduo para além do aluno? Que mecanismos tem a escola colocado em acção para saciar esta necessidade de enquadramento humano dos alunos no processo escolar? Como se opera o diálogo entre o desempenho escolar e as vivências pessoais de cada rapaz e rapariga?

Nas escolas existem mecanismos que podem ser desenvolvidos para criar espaços de abertura às diferenças e de estímulo à comunicação entre as diferentes fases de vida. Estes espaços assumem, por vezes, a configuração de actividades de complemento curricular² ou, de outra forma, de educação não formal.

Se por educação formal se entende aquela que é desenvolvida nas escolas, as instituições regulamentadas por lei, certificadoras e organizadas de acordo com directrizes nacionais, com ambientes onde os padrões de comportamento estão definidos antecipadamente, onde os conteúdos de aprendizagem são previamente estipulados para serem aprendidos e onde o agente do processo de construção do conhecimento é o professor (Gohn, 2006), por educação não formal (que não é aqui percebida como educação informal³) se entende toda a actividade educativa onde os

² Estruturas que, de acordo com a sua formulação na Lei de Bases do Sistema Educativo, no seu artigo 48º especifica que deverão orientar-se para “a formação integral e a realização pessoal dos educandos no sentido da utilização criativa e formativa dos seus tempos livres”. E no seu ponto 2 como procurando “o enriquecimento cultural e cívico (...) e a inserção dos educandos na comunidade” (Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 46/86, de 14 de Outubro).

³ Por educação informal entenda-se aquela que os indivíduos empreendem mediante o processo de socialização ao longo das suas vidas, tendo como principais agentes educativos a família, os amigos, os vizinhos, os colegas, os *media* e onde os espaços de acção se encontram delimitados por diferentes

indivíduos aprendem e onde o educador é aquele com quem se interage – o outro ou os outros (*ibidem*, 2006). Os territórios educativos são, aqui, os que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos havendo a intencionalidade da interação, da troca de experiências, sendo os ambientes e as situações interactivas construídos colectivamente, induzindo um processo educacional sem objectivos definidos *a priori*. De participação, habitualmente, voluntária, ela também poderá suceder na sequência de momentos de vida que estão a ser experienciados no percurso biográfico do indivíduo e que o impelem a tal. A educação não formal, contrariamente à formal, não se divide por idades ou por níveis de conhecimento, agindo sobre aspectos subjectivos do grupo e preocupando-se com a formação política e sociocultural dos seus elementos. Alicerçada na solidariedade e desenvolvimento de interesses em comum ela impele a que o grupo construa uma identidade colectiva.

A educação não-formal poderá desenvolver, como resultados, uma série de processos tais como:

- consciência e organização de como agir em grupos colectivos;
- construção e reconstrução de concepção(ões) do mundo e sobre o mundo;
- contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade;
- forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não o capacita apenas para entrar no mercado de trabalho);
- quando presente em programas com crianças ou jovens adolescentes a educação não-formal resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que os media e os manuais de auto-ajuda denominam, simplificada, como auto-estima); ou seja dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de auto-valorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais, etc.);
- os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca" (Gohn, 2006: 30).

Ainda de acordo com Gohn, algumas das lacunas apresentadas pela educação não formal revelam a necessidade de formação específica para os educadores, onde seja esclarecido o papel e as actividades a empreender; de uma clarificação das funções e propósitos da educação não formal; de uma maior sistematização das metodologias utilizadas no trabalho quotidiano; de construção de metodologias que permitam o acompanhamento do trabalho que esta a ser realizado; de construção de instrumentos metodológicos de avaliação e análise do trabalho realizado; de construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho dos educadores que participaram em programas de educação não formal;

aspectos tais como: referências de nacionalidade, localidade, género, religião e etnia. Este processo ininterrupto, mas não organizado, actua ao nível das emoções e dos sentimentos e os resultados obtidos não são premeditados, sucedendo-se de acordo com o desenvolvimento do senso comum dos indivíduos que os vai orientando no pensamento e na acção, de acordo com as experiências vividas no passado (Gohn, 2006).

de construção de metodologias e indicadores que possibilitem o estudo e a análise dos trabalhos no âmbito da educação não formal em campos não sistematizados; de um mapeamento das formas de educação não formal na auto-aprendizagem dos cidadãos, sobretudo os jovens (2006: 32)

Nesta linha de pensamento, também Rui Canário afirma que:

[a] “descoberta” e a visibilidade da educação não formal são contemporâneas da designada “crise da escola”, diagnosticada a partir dos anos 70. As fortes críticas que incidem sobre o modelo escolar convergem com a emergência de uma visão ampla e integrada do pensamento e da acção educativos, induzida pelo movimento de educação permanente. O reconhecimento da centralidade da pessoa num processo de aprendizagem que, necessária e desejavelmente, combina uma grande diversidade de modalidades, corresponde a entender o processo educativo como um *continuum* que integra e articula diferentes graus de formalização da acção educativa. Nesta perspectiva, educação escolar e não escolar, educação formal e não formal não são mutuamente exclusivas, nem estão separadas por fronteiras estanques. Encarada como um “meio de vida”, a escola constitui um ecossistema de aprendizagem que integra, simultaneamente, tanto as actividades formais características da sala de aula, quanto as modalidades educativas não formais que ocorrem, em permanência, fora dela. Neste sentido, o enriquecimento deliberado do ambiente escolar, multiplicando as oportunidades de aprender sem “ser ensinado”, pode representar um caminho importante para a “reinvenção” da escola (2006:196).

É sobre um destes espaços que pretendo, aqui, averiguar: o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania.

O Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania surgiu após a experiência de dois anos bem sucedidos de leccionação da disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social (DPS). No ano lectivo de 1998-1999, funcionou pela primeira vez na Escola Secundária de Raul Proença a disciplina de DPS para todo o terceiro ciclo. Nove (9) turmas e no total noventa e sete (97) alunos iniciaram esta nova experiência. Um desafio esperado, preparado e totalmente assumido. Pouco ou nada informados acerca desta nova disciplina que integrava o currículo (a maioria dos alunos soube apenas da existência da disciplina no momento da matrícula) a sua escolha recaiu sobre DPS eventualmente por esta se apresentar como alternativa a Educação Moral e Religiosa. As aulas – um tempo lectivo de cinquenta minutos por semana – foram um suceder de situações onde, por vezes, o simples perguntar: “Então, estão bons?”, gerou respostas como “Não! Ontem o meu namorado acabou comigo. Não sei o que fazer. Estou desorientada”, que desviavam obrigatoriamente dos temas do programa da disciplina. De “Ambiente” ou “Consumo”, tudo se recentraria em partilhar para desconstruir aquela inesperada realidade e, a partir dali, perspectivar novos sentidos, novas formas de olhar as situações, procurar novos rumos. A avaliação efectuada pelos alunos sobre a disciplina de DPS permitiu recolher opiniões que, posteriormente, ficaram registadas num relatório final apresentado ao Centro de Formação de

Associação de Escolas do Concelho de Rio Maior, elaborado no ano lectivo de 1998-1999, e das quais se salientam as seguintes:

“É bom falarmos muito sobre os nossos problemas”

“Aprendemos a dizer o que sentimos”.

“Discutimos assuntos do nosso interesse que às vezes não costumamos falar com os pais. Nesta disciplina estamos mais à vontade”.

“D.P.S., tem uma grande utilidade para qualquer um de nós. Aprendi muito sobre mim própria, como avaliar e gerir os meus sentimentos”.

“Tem servido muito para nos tirar dúvidas sobre problemas do dia a dia. Leva-me a pensar no que sou e nos sentimentos que estão dentro de mim”.

“É espectacular. Falamos de assuntos que nunca na vida falámos”.

“D.P.S. ajudou-me a descobrir novos pontos de vista”.

“Falamos de temas que não falaríamos noutros lados”.

“Ficamos também a saber o que os outros sentem”.

“Adorei os jogos e os debates que fizemos”.

“Deixam-nos desabafar, dizer aquilo que achamos, dar ajuda a quem precisa e também nos ajudam em problemas que nós temos e de que não queremos falar”.

“Aqui o aluno pode descontraí-se e deixar de pensar se ficou bem visto ou mal visto pelo”stor”.

“Aprendemos a entendermo-nos a nós próprios e aos outros. No 5º e 6º anos eu pensava que se nos inscrevêssemos em Desenvolvimento Pessoal e Social era uma seca, mas acho que mudei de ideias quanto a isso”.

“Estas aulas são de comunicação e é giro ouvir as várias opiniões. Com a conversa, no fim, essa opinião que tínhamos até pode mudar. Vamos ganhando cada vez mais confiança no nosso grupo e nos nossos amigos”.

“Comecei a ter novos amigos entre pessoas com quem eu não me dava bem e outras, não só da escola como da rua. Aprendi a distinguir um verdadeiro de um falso amigo”.

“Gostei muito de descobrir aquilo a que eu dava valor”.

“É muito interessante: quando chega Quinta-feira às 14h35m, já estamos todos dentro da sala, à espera da professora, e ansiosos por discutir o próximo tema”.

“Não esperava que as aulas de D.P.S. fossem aquilo que são. Esperava qualquer coisa mais séca. Fiquei um bocado espantada. Nunca pensei que houvesse aulas assim”.

“Ajudaram-me a pensar, a reflectir nas minhas atitudes e deram-me coragem para tentar mudar aquilo que acho que não está bem.

“Esta aula ajuda-me a descontraí e a estabilizar”.

“O grupo está a melhorar a olhos vistos pois já superou a timidez inicial. Esta aula só proporciona bons sentimentos”.

“Sempre que eu vinha mal disposta para a aula, com algum problema na cabeça, logo ficava bem porque estas aulas para mim são como um psiquiatra”.

“É muito mais importante uma aula destas do que dez aulas das outras, pois estas aulas ajudam-nos a ser”.

“Os temas são importantes porque nos ajudam a amadurecer e a ter consciência do que se passa à nossa volta”.

“É uma disciplina que fala dos assuntos da vida. Era a disciplina que faltava”.

Mas dois anos de leccionação da disciplina serviram para se revelar indispensável uma reformulação estrutural deste trabalho com os rapazes e raparigas. Por um lado, tornara-se fundamental que as actividades de formação pessoal e social privilegiassem um carácter transversal e, assumidamente, não disciplinar. Por outro, a atribuição de um único tempo lectivo de cinquenta minutos mostrava-se limitador da exequibilidade deste trabalho.

As anunciadas “metodologias de discussão e de projectos de acção considerados importantes numa área curricular que se pretende de reflexão pessoal, de mudança de atitudes, de formação de carácter pela integração de valores na dinâmica de empenhamento em experiências vivenciadas”⁴ não se compatibilizariam com a austeridade e inflexibilidade deste modelo. Acrescia ainda a inconveniência desta disciplina ser constituída como opcional relativamente a Educação Moral e Religiosa e impor, ainda para maior dificuldade, uma avaliação quantitativa dos alunos que a frequentavam.

Com a perspectiva do fim iminente da disciplina de DPS, na sequência da reorganização curricular do ensino básico que previa a criação da área curricular não disciplinar designada por Formação Cívica, a leccionar por Directores de Turma, mesmo sem possuírem formação para o efeito, tornou-se claro que esta nova modalidade não responderia às dificuldades diagnosticadas, antes as parecia aprofundar.

Assim, este cenário justificou a procura de um contexto institucional apropriado para o funcionamento de um projecto estruturado de raiz por quem nele se sentia implicado. O formato nem sequer teria de ser inovador. O modelo instituído dos núcleos e clubes (actividades de complemento curricular, de frequência facultativa, com várias horas atribuídas, sem imposição de avaliações quantitativas, sem currículo rígido, beneficiando de uma docência academicamente preparada) poderia assegurar a resolução das restrições acima expostas.

A constituição do NFPC foi, por conseguinte, desejada e planeada conjuntamente, pela professora, pelos rapazes e raparigas que a frequentavam e por alguns Encarregados de Educação, ou seja, situou-se no “existir-para (...) [que] significa um empenhamento emocional com o Outro antes de se empenhar (e antes de poder estar, concebivelmente, empenhado) numa orientação específica da acção no que se refere ao Outro” (Bauman, 2007: 71).

⁴ Tal como vem expresso no parecer nº 1/98 (DR II série, nº37- 13/2/1998) emanado pelo Conselho Nacional de Educação.

Como se pode confirmar no documento onde se propõe a constituição do NFPC, no ano lectivo de 2000/2001, desde o início se assentou na crença de que este núcleo seria fomentador de uma valorização de cada um. Pretendia-se que, ali, se dialogasse sobre as transformações físicas e psicológicas na adolescência, se abordasse a sexualidade também na sua dimensão afectiva, se reflectisse sobre as questões familiares, a resolução de conflitos, a dignidade humana, os nossos direitos, responsabilidades, regras, as relações que cada um estabelece com o meio ambiente em que existe, a responsabilidade social de cada um, a escola, as amizades, os amores, os desamores, o racismo, a xenofobia, o ciúme, a inveja, a arte, a eutanásia, enfim, qualquer assunto que se assumisse como pertinente aos olhos de cada um. Tudo valia, sem vergonhas. Mas sempre na perspectiva de uns se ligassem aos outros, a todos os outros, quer na escola quer fora dela, em um qualquer outro lugar, mas envolvendo sempre todos os que quisessem participar, independentemente de serem membros do grupo ou não.

Pretendia-se que este núcleo viesse a ser fomentador de reflexões e práticas de natureza vária que ultrapassassem a mera intervenção individual, mas que estivesse, fundamentalmente, voltado para a comunidade, nomeadamente pela promoção de iniciativas públicas plurais.

Ao surgir como actividade de complemento curricular desaparecia qualquer carácter de frequência obrigatória e a liberdade de escolha era o mote único. Tal como a designação “complemento curricular” indica, este modelo não possuía qualquer intenção de substituir ou de competir com a educação formal, ministrada na escola, mas a de articular ambos os tipos de educação.

Mas, concebido desta forma, o novo espaço parecia assumir-se como um conceito inusitado, uma infracção ao estabelecido por uma ordem escolar instituída, embora previsto na lei. Não surpreende, assim, que, no resumo da reunião do Conselho Pedagógico onde se debateu a constituição deste núcleo, se pudesse ler:

“ [O Conselho Pedagógico deliberou] não permitir que o Núcleo de Formação Pessoal e Desenvolvimento para a Cidadania seja criado para colmatar a falta da disciplina de DPS. Tendo em conta que a disciplina de DPS é bastante importante para os alunos, nomeadamente os do 3º Ciclo, por que não a manutenção da mesma? Assim, dever-se-á tentar que esta disciplina continue a ser leccionada, uma vez que os alunos do 3º Ciclo gostaram das actividades desenvolvidas pela professora, e que o Núcleo de Formação Pessoal e Desenvolvimento para a Cidadania possa ser implementado para os alunos do Secundário”⁵.

⁵ A designação do núcleo surge adulterada no original da acta de 18 de Julho de 2000.

Não obstante alguma hesitação institucional por parte da direcção da escola, que adiou a sua constituição por um ano, o núcleo acabaria por ser devidamente oficializado e estabelecido a partir de Setembro de 2001.

O carácter transgressor deste modelo não reside na sua falta de enquadramento legal, clubes e núcleos são realidades escolares com vários anos de experiência; parece, antes, apresentar-se no modo e na forma como este caso foi intelectual e emocionalmente concebido; pela crença em que as aprendizagens que proporcionaria, a todos os que nele se implicassem, legitimariam na escola, e fora dela, um modo de estar que alargaria o respeito pelas diferentes diferenças incitando à compreensão e valorização das mesmas. Este lugar parece, assim, emergir como um lugar de dissonância cognitiva, transgressor da lógica da própria escola.

Ao longo do tempo era crescentemente insinuante o desejo de tentar compreender a relação entre o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania e a escola como material de bricolagem na construção identitária dos rapazes e raparigas.

Para estudar as narrativas dos jovens deste núcleo, na medida em que ele se estabeleceu como mediador⁶, como elo de ligação, entre as vivências da escola e as exteriores a ela, impunha-se como condição desocultar o impacto deste modelo, alternativo à educação formal, o NFPC, na bricolagem que os rapazes e raparigas fazem de si mesmos.

Assim, a investigação empreendida visou estudar as narrativas de um conjunto de rapazes e raparigas enquanto alunos de uma escola secundária e membros do NFPC, num contexto relacional, para tentar compreender se a “escola atribuída” se transformou num elemento decisivo na formação das identidades daqueles jovens, ou/e se foram eles, com os seus guiões, a procurar na escola, e em interacção com ela, o cumprimento dos seus próprios projectos pessoais e, assim, potenciarem a emergência de uma “escola reclamada”.

A pesquisa realizada em 2007, circunscrita no tempo e no espaço, intentou servir, também, como reflexão a outras realidades através de similitudes e diferenças encontradas e, quem sabe, ao incentivo de outros estudos que aprofundem e

⁶ De acordo com Oliveira e Galego “mediação é um processo socialmente construído, detentor de um papel de catalisador, o que implica considerar que o papel do mediador não é de juiz, de conselheiro, árbitro ou terapeuta, mas sim de alguém que procura a reinserção dos indivíduos na vida em sociedade, isto é, procura reconstruir as interacções positivas entre os indivíduos marginalizados e a sociedade, de modo a que se possa dar a socialização” (2005: 67).

Para Sousa (2002) mediação, como método de resolução de conflitos, tem como referência três princípios básicos: Imparcialidade ou neutralidade, dado que aquele que media deve ser independente face às partes envolvidas nos conflitos, e não deve impor quaisquer soluções, mas contribuir para que através do diálogo as partes cheguem a um acordo; confidencialidade, assumindo a sua responsabilidade em manter sigilo sobre o que se pretende tratar e fomentando uma cultura de confiança que permita a abertura das partes; a voluntariedade, uma vez que se pretende que as partes participem por iniciativa própria e de livre vontade neste processo.

alarguem esta temática. Inevitavelmente, no seu decurso revelou-se clara a consciência de que a minha trajectória de vida, os meus valores, as minhas crenças, se entreteciam com o trabalho científico que pretendia empreender. Esta dissertação foi reafirmada pela necessidade de, uma vez situada no “paradigma emergente” de Santos (2003: 36), assumir, assim, “o carácter auto-biográfico e auto-referenciável da ciência” (*ibidem*: 53), ou seja, a ideia de que é fundamental uma forma de “conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos” (*ibidem*: 55), no entendimento de que a discussão que se vai erigir não será entre sujeito e objecto, mas entre dois sujeitos que se traduzem mutuamente e que produzem textos. O conhecimento surge como simultaneamente local, uma vez que se organiza “em redor de temas que em dado momento são adoptados por grupos sociais concretos como projectos de vida locais” (2003: 47) e total, não disciplinar, “porque reconstitui os projectos cognitivos locais, salientando-lhes a sua exemplaridade” (2003: 48).

Almerindo Janela Afonso, afirmando que não pretende “inventar uma nova fragmentação (ou especialização) do saber sociológico para a qual posteriormente se deseja, ou se espera, a afirmação de uma nova ‘soberania’ disciplinar” (2005: 17), propõe uma “sociologia da educação não-escolar⁷”, referindo que tal se deve à necessidade de a Sociologia da Educação estimular uma maior visibilidade social de novos objectos e temáticas de investigação (2005: 18).

⁷ Almerindo Janela Afonso sublinha que entende por “não-escolar” as formas de aprendizagem e educação que não se submetem ao “paradigma escolar” e que podem ocorrer, quer no interior da escola quer, principalmente, fora dela, bastando para isso que estejamos perante formas de educação e aprendizagem que sejam diferentes daquelas em torno das quais se estrutura a escola tradicional (2005: 17).

2. Construção da pesquisa: objecto e opções metodológicas

Diz Bauman que “ser-se humano significa também fazer-se a experiência do medo” (2007: 112). Bourdieu afirma que “nada é mais universalizável do que as dificuldades (1989: 18).

O conhecimento científico distingue-se de outras formas de conhecimento por duas características fundamentais: um corpo teórico e um método, ou seja, a abordagem científica exige métodos de rigor que permitam a transformação dos factos sociais em objectos sociológicos, racionalmente erigidos. A investigação pode comparar-se a uma pintura onde “os vestígios da pincelada, os toques e os retoques” (Bourdieu 1989:19) se mantêm visíveis, pois o seu autor não os fez desaparecer da sua obra, querendo com isto dar a entender que o processo conducente à apresentação de um produto final não é linear para quem investiga. Fazem parte dele as hesitações, os embaraços, as renúncias, pois em ciência nada nos é dado, mas tudo é construído. Tal como nos disse Popper (1989), o conhecimento que se cria terá um carácter conjuntural e provisório, logo passível de ser refutado. Quero com isto reconhecer que o trabalho que está aqui a ser lido e analisado é o produto do experienciar que em investigação científica, e sobretudo em Ciências Sociais, deve ser feito um esforço permanente, ao longo de todo o percurso, para combinar, de uma forma equilibrada, alguma ambição e alguma modéstia, tal como nos diz Pierre Bourdieu (*ibidem*: 50).

E, se o interesse do objecto de estudo não advém da “importância do tipo de discurso que lhe é consagrado” (*ibidem*: 20), ele ocorre da forma como se constrói o objecto, aliando, intimamente, as opções teóricas às opções metodológicas. Considerada por este autor “a operação mais importante” (1994: 23) da pesquisa, a construção do objecto vai ocorrendo no decurso de todo o processo. Não se constitui como um *a priori*, nem como um único momento e é um trabalho de pormenores.

Determinismos ou monoteísmos metodológicos e de técnicas de análise não se coadunam com a pesquisa sociológica, sendo fundamental, atendendo ao nosso objecto de estudo, convocar todas as técnicas que surjam como relevantes para a recolha dos dados, pois cada objecto deverá ser entendido como um caso particular.

Bourdieu dá-nos a noção de campo, central na sua obra, como

uma estenografia conceptual de um modo de construção do objecto que vai comandar – ou orientar – todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objecto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades (1989: 27).

Esta noção remete-nos para a necessidade de “pensar relacionalmente” (*ibidem*: 23) os objectos de investigação. Deste modo, a construção do objecto

científico exige a ruptura com os preconceitos e com as falsas evidências; exige uma atitude “activa e sistemática” (1989: 32). Esta ruptura “é uma atitude e um trabalho de vigilância crítica e construção conceptual permanente” (Silva, 1995: 44). Bourdieu diz-nos, assim, que a investigação sociológica requer, necessariamente, que se opere “uma conversão do olhar”, uma mudança na forma de pensar efectivando uma “objectivação participante” (Bourdieu, 1989). Este autor distingue “objectivação participante” como sendo a atitude científica mais exigente para o/a investigador/investigadora, uma vez que lhe exige “uma ruptura das aderências e das adesões mais profundas e mais inconscientes, justamente aquelas que, muitas vezes, constituem o ‘interesse’ do próprio objecto estudado” (1989: 51). Só o exercício de todo o *modus operandi* científico permitirá a passagem da realidade social, objectiva, ao mundo dos factos sociais. A investigação em ciências sociais e humanas é um percurso que, de acordo com o autor anteriormente citado, envolve três etapas: a ruptura; a construção do objecto de estudo e a verificação (ou experimentação).

A consciência de que o nosso objecto de estudo será sempre multidimensional, permite compreender o benefício da interdisciplinaridade. “Não faz, portanto, qualquer sentido adoptar uma última sugestão corrente para a divisão de ‘territórios’ entre ciências sociais e pretensas disciplinas ‘individuais’ ” (Silva, 1986: 43). Uma vez que a realidade sociológica é complexa e multifacetada, induz-nos ao reconhecimento de que é um grande benefício o cruzamento de diferentes áreas científicas para que as abordagens se complementem e se encontrem nos fenómenos estudados, nas teorias e nas metodologias usadas. O olhar que empreendermos sobre determinado objecto de estudo será apenas um dentro da multiplicidade sempre possível pelo que uma pesquisa encerra em si possibilidades para novas investigações que conduzirão a outros resultados.

Do que já foi dito creio ser possível deduzir que reconhecer a existência de uma realidade social não se transforma em condição exclusiva para que o objecto de investigação fique definido. Surge, então, a necessidade de todo um enquadramento da questão identificada num campo que permita apreender o objecto num sistema relacional. Ter uma problemática exige submeter o objecto de estudo a uma

interrogação sistemática a partir de um corpo articulado de teorias e de conceitos. (...) É a partir deste modo de conceber a actividade investigativa, encarando-a como um processo de transformação de objectos sociais em objectos científicos, que é possível afirmar que a escola enquanto objecto de estudo não corresponde a ‘uma escolha’, nem a uma ‘descoberta’, nem sequer a uma ‘emergência’, mas sim a um processo de construção realizado pelo investigador. É ainda esta distinção entre objecto social e objecto científico, bem como a compreensão do processo que preside à passagem de um para o outro, que ajuda a clarificar, ou a equacionar, uma outra dimensão importante: a escola, enquanto objecto social, não corresponde a um objecto de estudo (...) mas sim a múltiplos objectos de estudo, consoante a multiplicidade de olhares teóricos de que for alvo (Canário, 1996: 127).

Este trabalho, não sendo de âmbito psicológico, expõe-se numa área de fronteira onde ciências como a sociologia, a psicologia, a antropologia e até a ciência política se encontram, mas também se interrogam sobre o seu papel como ciências autónomas e sobre o seu modelo de cientificidade.

Rui Canário diz-nos que a sociologia da educação tende naturalmente a abarcar uma área extensa, pois a educação confunde-se “com um processo largo de socialização que ocorre em todos os momentos da vida e em todos os lugares” (*ibidem*: 51). Se a preocupação da sociologia da educação durante muito tempo se circunscreveu “aos processos escolares de ensino” (*ibidem*), pode dizer-se que as suas reflexões e análises se foram alargando para se centrarem também noutros outros contextos educativos considerados não formais ou informais. Desta forma, a educação e, particularmente, o sistema educativo serão aqui tidos como espaços e tempos que se integram crescentemente no processo de formação das identidades dos rapazes e raparigas.

A educação escolar parece, de facto, ocupar actualmente uma posição paradoxal, pois no momento em que perde centralidade que o Estado-nação moderno e o projecto da modernidade lhe conferiam tem vindo a assumir, na economia dos trajectos pessoais dos indivíduos, uma cada vez maior relevância (Magalhães, 2001: 301).

A construção identitária realizada por cada indivíduo constitui-se, no dizer do autor anteriormente citado, como uma espécie de “bricolage estratégica” por ser circunscrita pelos lugares estruturais dentro dos quais tal acontece.

Bricolage, porque as autonarrativas utilizam os materiais disponibilizados pelos lugares estruturais como recursos discursivos na construção de sentido; estratégica, no sentido em que não é permanente e pode vogar ao sabor dos contextos, dos objectivos e dos conflitos aí presentes (*ibidem*: 320).

Parece, então, que a escola se assume, simultaneamente, como lugar de reprodução social e como instrumento reflexivo de construção identitária.

Após seis anos de nascimento de uma actividade enquadrada no âmbito da educação não formal – o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania –, e da qual fui coordenadora, foi crescendo uma inquietação, a de saber como é que os rapazes e as raparigas participantes daquele espaço se estavam a apropriar da escola e dos seus espaços para construírem reflexivamente as suas identidades. De tal forma emergiu esta interrogação que me pareceu pertinente a realização da presente pesquisa.

Como professora de uma escola secundária, coordenadora de um núcleo funcionar na mesma escola e investigadora na mesma escola, a estudar um ambiente familiar, senti receios e dificuldades que fui tentando superar esforçando-me permanentemente por criar a necessária estranheza com o que me era familiar, uma vez que já interagira e fazia parte daquele meio antes de decidir estudá-lo.

Consciente de que os meus princípios, crenças, valores não seriam eliminados, obviamente, era crucial identificá-los, mantendo uma autocrítica permanente, na percepção de que a neutralidade, na pesquisa, não existe. A consciência dos perigos desta proximidade, pois a escola, para mim apresenta um contexto altamente familiar (Burguess, 1997: 26), quer como aluna que fui e sou, quer como professora, exigiram-me o exercício dessa “reflexividade reflexa, capaz de agir não *ex post*, sobre o *opus operatum*, mas *a priori*, sobre o *modus operandi*” (Bourdieu, 2004: 124). Ou seja, foi o desempenho de uma vigilância crítica permanente que me consentiu construir o necessário distanciamento intelectual para empreender esta investigação.

O acesso ao terreno de pesquisa e aos jovens esteve, obviamente, facilitado e foi total. Desde logo os rapazes e as raparigas mostraram integral disponibilidade e interesse para participar na pesquisa.

Para estudar as narrativas dos rapazes e raparigas do NFPC, na medida em que este núcleo se estabeleceu como mediador entre as vivências da escola e as exteriores a ela, a metodologia adoptada foi, no quadro da análise de discurso, a abordagem da psicologia discursiva, por surgir como mais coerente com o objectivo deste trabalho.

O discurso é tido como a ideia geral de que a linguagem está estruturada de acordo com determinados padrões de expressão que as pessoas seguem quando tomam parte nos diferentes domínios da vida social. A análise do discurso é a análise desses padrões (Phillips e Jørgensen, 2004: 1). Mas adoptando o conceito de discurso proposto por este é uma forma particular de falar acerca de e de compreender o mundo (ou um aspecto do mundo) (*ibidem*).

Quer o conceito de discurso, quer o de análise do discurso têm vindo a assumir uma relevância crescente nas ciências sociais contemporâneas (Howarth, 2001)⁸, o que é notório pelo número de estudos que utilizam os seus conceitos e métodos e pela diversidade de investigadores de áreas disciplinares tão variadas como a sociologia, a história, a antropologia, a psicologia, a comunicação, estudos literários e políticos (Laclau e Mouffe, 1986; Fairclough, 1995; Gergen, 1991; Potter e Wheterell, 1987; Foucault, 2005).

A análise do discurso não é uma abordagem, mas uma série de abordagens interdisciplinares que podem ser utilizadas para explorar diferentes domínios sociais em diferentes tipos de estudos. Actualmente, ainda não se atingiu um consenso sobre o que são discursos e como analisá-los. Diferentes perspectivas oferecem as suas

⁸ “Enquanto os discursos tentam impor a ordem e a necessidade num campo de sentido, a contingência final do sentido inviabiliza esta possibilidade de ser actualizado... os discursos são entidades relacionais cujas identidades dependem da sua diferenciação de outros discursos, eles próprios são dependentes e vulneráveis aos sentidos que são necessariamente excluídos” (Howarth, 2001: 103).

próprias sugestões (Phillips e Jørgensen, 2004: 1). Cada uma das abordagens da análise do discurso não é apenas um método para a análise de dados, mas um todo teórico e metodológico que inclui as premissas filosóficas (ontológicas e epistemológicas) observando o papel da linguagem na construção social do mundo, modelos teóricos, linhas de orientação para como fazer a aproximação ao campo da pesquisa e técnicas específicas para a análise (*ibidem*).

As diferentes abordagens da análise do discurso baseiam-se no construcionismo social. Os construcionistas propõem que os caminhos através dos quais compreendemos e categorizamos a vida de todos os dias não sejam reflexões transparentes de um mundo “fora dele”, mas um produto de percepções do mundo específicas e contingentes do ponto de vista histórico e cultural. “Linguagem e memória estão intrinsecamente ligadas tanto ao nível da memória individual, como ao da institucionalização da experiência colectiva” (Giddens, 1997: 21). De acordo com este movimento, cuja atitude teórico-metodológica é a adoptada neste trabalho de pesquisa, o conhecimento não está na mente dos indivíduos. Nem as palavras, nem a mente são o reflexo de uma natureza pré-existente. A fonte das palavras que utilizamos acerca do mundo radica na relação social. “A linguagem é o lugar constitutivo da subjectividade. A minha subjectividade é um compósito das minhas memórias do passado, das minhas memórias de futuro construídas nesse lugar de interacção que é a linguagem” (Nunes, 2005: 177). Conhecer é atribuir sentido ao mundo. A atribuição desse sentido resulta de uma construção social, interactiva, através da qual os indivíduos, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas, constroem os conceitos a partir dos quais compreendem as situações e objectos que as rodeiam. Nesta perspectiva, a produção de conhecimento é tida como uma acção construcionista erigida num tempo e espaço específicos e construtiva de uma realidade intersubjectiva.

Aquilo a que chamamos de conhecimento não é o produto de mentes individuais, mas do intercâmbio social; não é o fruto da individualidade, mas o da interdependência (Gergen, 1989: 69).

Esta perspectiva teórica, pautada pela visão hermenêutica da produção de conhecimento, fundamenta-se no anti-essencialismo: para que o mundo social seja construído, o seu carácter não é pré-determinado ou pré-existente e as pessoas não têm quaisquer essências. Tenta-se, assim, superar a dicotomia realismo-subjectivismo, representada no pensamento filosófico pelos paradigmas empirista (ou positivista) e idealista (Rorty, 1979).

Tal postura leva a que sejam declinadas posições radicais como um realismo ingénuo – que acredita na existência de um mundo que precisa de ser descoberto

através de uma relação imediata e invariante entre investigador e realidade, ou um subjectivismo extremo – que atribui a capacidade de conhecer às propriedades da mente individual. O construcionismo social está interessado em identificar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam e/ou compreendem o mundo em que vivem, incluindo a si mesmas (Spink, 1999: 76). Neste sentido, o foco das pesquisas é deslocado das estruturas sociais e mentais para a compreensão das acções e práticas sociais e, sobretudo, dos sistemas de significação e re-significação que dão sentido ao mundo e que conferem aos discursos características polissémicas, isto é, um mesmo objecto social adquire diferentes significados na dinâmica da interpretação (Potter e Wetherell, 1988),

Em síntese, os princípios básicos do construcionismo podem ser explicitados como sendo os seguintes: os objectos não existem independentes da nossa significação. Sujeitos e objectos são construções sociais; adoptar a postura construcionista implica abdicar da epistemologia tradicional que distingue interno-subjectivo-mente de externo-objectivo-mundo e preconizar a formação do *self* como um processo relacional (Gergen, 1991, 1997, 1999); os discursos que fundamentam os processos de significação não são considerados como entidades separadas de acções e práticas sociais (Wetherell e Potter, 1992: 90); a compreensão dos discursos e das acções deve ter em conta tanto as permanências, como, particularmente, as rupturas históricas, através da identificação do velho no novo e vice-versa, que possibilita a clarificação da dinâmica das transformações históricas e impulsiona a sua transformação constante (Foucault, 2005).

As abordagens construcionistas da análise do discurso partilham a premissa estruturalista e pós-estruturalista de que a linguagem é uma forma dinâmica da prática social que molda o mundo social incluindo identidades, relações sociais e a compreensão do mundo. “Virtualmente toda a experiência humana é mediada através da socialização e em especial da aquisição da linguagem” (Giddens, 1997: 21). A linguagem não se encerra na sua função indicativa – denotativa dos objectos, situações ou estados. Opondo-se à noção de transmissor neutro, o discurso é considerado, dentro dessa perspectiva, uma prática social em si, com características próprias e consequências práticas. Esta visão vincula a visão dos processos mentais e categorias como construídos através do social (Phillips e Jørgensen, 2004: 96).

Contrastando com o cognitivismo, perspectiva que tem sido dominante na psicologia social, a psicologia discursiva aborda a linguagem escrita e falada como construções do mundo orientadas para a acção social (*Ibidem*).

Na psicologia discursiva argumenta-se que os nossos caminhos para entender e categorizar o mundo não são universais, mas histórica e socialmente específicos e,

consequentemente, contingentes. Se alguma coisa é entendida como consistente tal depende da situação social e individual. A linguagem não expressa apenas experiências, a linguagem constrói experiências e o subjectivo constitui realidade psicológica (Potter e Wetherel, 1987; Shotter, 1993; Wetherel, 1995). Os discursos não descrevem um mundo exterior, “fora deles”. Os discursos criam um mundo que surge como real e verdadeiro para quem fala. As realidades psicológicas subjectivas são constituídas através do discurso, definido como o uso da linguagem nos textos e conversas de todos os dias (Wetherel e Potter, 1992; Shotter, 1993).

A linguagem (verbal, não-verbal, ou qualquer outro tipo de expressão linguística) possui uma função performativa, ou seja, os discursos constituem *speech acts* ou “actos de fala” (Austin, 1962), expressão familiar à etnomedologia para se referir ao carácter ilocutório da fala, a orientação do uso da linguagem para a acção. Entender o *self* como discurso acentua a importância do relacionamento eu-outro deslocando o foco da pesquisa do indivíduo para a relação construída. Portanto, entender o *self* como um discurso associa, intimamente, o carácter relacional e discursivo do *self* ou da identidade.

A ideia de que a nossa realidade vivida é formada discursivamente não significa que a psicologia discursiva defenda que o fenómeno social não tenha aspectos materiais ou que não exista uma realidade física fora do discurso. O que sucede é que o fenómeno ganha sentido através dos discursos.

Como defendem Edwards e Potter (1992), a psicologia discursiva centra-se na natureza do conhecimento, na cognição e na realidade: na forma como se descrevem e se explicam os acontecimentos, como se constroem os dados factuais, como se atribuem os estados cognitivos. A psicologia discursiva define como temas discursivos, elementos que as pessoas, na produção do seu discurso tematizam, insinuam ou pelos quais se orientam. Estas construções discursivas, mais do que expressões de estados cognitivos subjacentes aos falantes, observam-se no contexto da sua ocorrência como construções situadas e geradas que adquirem, simultaneamente, um sentido para os participantes e para os analistas (1992: 2-3).

Os analistas da psicologia discursiva “procuram padrões na linguagem associados a determinado tópico ou actividade, isto é, procuram famílias de termos específicos e significados com eles relacionados” (Nogueira, 2001: 25). Para Potter e Wetherell (1987) a análise do discurso deve contemplar três propósitos basilares: a função, a construção e a variabilidade do discurso.

Quadro 1 – Propósitos basilares da análise do discurso

Função	Variabilidade	Construção
O conceito de função remete para o conceito de acção e, neste sentido, significa que na análise de Discurso importa saber o que as pessoas estão a fazer com o texto ou fala. A função do texto ou fala pode ser linguística (ligar duas frases, por exemplo), pragmática ou social, como pode ser específica ou global ou ainda, em termos de domínios, ter uma função religiosa, legal, científica, etc. (Potter & Wetherell, 1987).	A variabilidade implica o reconhecimento de que a fala constrói diferentes versões do mundo e é orientada por diferentes funções. É, por isso, de esperar que exista variabilidade no Discurso produzido pela mesma pessoa e que exista variabilidade entre os Discursos produzidos por diferentes pessoas (Wood & Kroeger, 2000).	A construção diz respeito ao modo como toda a actividade simbólica precisa de se apoiar em recursos culturais para que as relações interpessoais façam sentido. Como os indivíduos não podem inventar os símbolos, usam aqueles que estão disponíveis. Nesta ordem de ideias os significados não são produzidos no interior dos indivíduos nem são transmitidos de uma "cabeça" para a outra, mas são produzidos no Discurso à medida que as pessoas constroem novos textos (Potter & Wetherell, 1987).

Fonte: Nogueira, 2001: 25

Os indivíduos servem-se dos discursos para tornar compreensível a realidade, mas também para a construir. É no contexto da interacção social que as mentes, os *selves* e as identidades são negociados e renegociados. Jerome Bruner (1990) defende que uma das ferramentas de que dispomos para construir e (re)negociar significados é a narrativa.

As crianças vão desenvolvendo o seu sentido de *self* pela internalização das suas posições nas categorias com diferentes narrativas e discursos. Escutando “explicações” sobre o mundo elas aprendem, apropriadamente, modos de falar sobre elas próprias e sobre os outros, incluindo sobre pensamentos e emoções. Wetherell e Maybin (1996) dizem-nos que é através das histórias que as crianças contam sobre elas próprias, que elas vão representando, experimentando e negociando aspectos do *self*. Assim, em vez de uma identidade singular e unitária, tem mais sentido falar de **um Eu** (um *self*) emergente, contextual, discursivo, múltiplo e relacional (Wetherell e Maybin, 1996: 223).

Giddens refere que “o conhecimento sociológico circula para dentro e para fora do universo da vida social, reconstruindo-se a si próprio, e a esse universo, como parte *integrante daquele processo de circulação*” (1992: 11)⁹. Na esteira da posição construcionista assumida faz-me sentido encarar o conhecimento produzido por este trabalho aqui exposto como, ele próprio, uma construção discursiva que emerge num

⁹ Grifo do autor

contexto social e histórico específico, representando, apenas, uma das versões possíveis de uma realidade social imbuída de opacidade. Esta forma de entender o conhecimento “ [ênfatiza] a reflexividade¹⁰ como característica maior no processo de formação da relação do eu consigo próprio nas condições de modernidade tardia (Magalhães, 2001: 301).

3. Itinerário da investigação

Considerando a presente dissertação como um itinerário a percorrer, nesta Introdução preocupei-me em revelar a temática e a questão nuclear do estudo empreendido, bem como da fundamentação sobre a selecção do tema, a construção da pesquisa e das opções metodológicas tomadas no âmbito da análise do discurso.

Segue-se uma primeira parte do trabalho onde farei o seu enquadramento teórico. Aqui, a inquietação será a de expor, de uma forma estruturada, os conceitos que guiaram a construção da pesquisa. Serão contempladas reflexões no âmbito das Identidade Pessoais, Escola como um espaço inter/multicultural e Juventude(s).

Numa segunda parte do trabalho, procederei ao confronto com as questões teóricas apresentadas por intermédio dos materiais empíricos obtidos. Farei, então, primeiro, uma explicitação sobre o *design* da investigação e das técnicas utilizadas, para passar, de seguida, à análise e discussão dos resultados obtidos. Num terceiro capítulo, com o título “O lugar da escola na construção das identidades pessoais dos jovens do NFPC” será empreendida uma interpretação dos resultados, partindo das premissas teórico-metodológicas desenvolvidas na primeira parte da dissertação. Por fim, nas Considerações Finais, procuro identificar o que esta investigação me permitiu alcançar sobre as identidades dos jovens que estudei a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos defendidos.

¹⁰ Giddens entende a reflexividade como a “possibilidade de a maioria dos aspectos da actividade social, e das relações materiais com a natureza, serem revistos radicalmente à luz de novas informações ou conhecimentos” (1997: 18).

I PARTE

1. Questões de Identidade numa era de transição

1.1. Pós-modernidade e identidades pessoais

“Não, a sério, a felicidade, esse estado difuso resultante da impossível convergência de paralelas de uma digestão sem azia com o egoísmo satisfeito e sem remorsos, continua a parecer-me, a mim, que pertenço à dolorosa classe dos inquietos tristes, eternamente à espera de uma explosão ou de um milagre, qualquer coisa de tão abstracto e estranho como a inocência, a justiça, a honra, conceitos grandiloquentes, profundos e afinal vazios que a família, a escola, a catequese e o Estado me haviam solenemente impingido para melhor me domarem, para extinguirem, se assim me posso exprimir, no ovo, os meus desejos de protesto e de revolta.”

Lobo Antunes,
Os Cus de Judas, p. 123

Se a modernidade, relativamente aos seus pilares fundamentais, promete a formação de indivíduos conscientes, membros de uma nação e cidadãos de um estado, ela estabelece uma profunda associação entre as autonarrativas e as narrativas do estado-nação. O *self* corresponde aos desejos do Estado-nação e vice-versa, pelo que ter uma identidade é pertencer a si próprio e ao Estado-nação (Stoer e Magalhães, 2005: 105). A modernidade parece comportar contradições estruturais, conflitos sociais e crises pessoais, que apontam para uma relação de conflito, de descontinuidades com a pós-modernidade como resultado da transformação do pilar da emancipação no duplo do pilar da regulação (Santos, 1994: 92).

Nesta perspectiva, o que se designa por “crise das identidades”, ou a perda do “sentido de si”, seria o resultado da acção conjunta de um duplo deslocamento¹¹: a descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos (cf. Hall, 2003: 9; Dubar, 2006). De acordo com a argumentação de Laclau (1990) a consideração de que as sociedades da modernidade tardia, marcadas pela “diferença”, não são globalidades unificadas em redor de um centro organizador a partir do qual ocorrem as mudanças, mas estruturas permanentemente sujeitas a processos de *deslocamento* ocasionados por forças externas a si próprias. Há, aí, uma grande diversidade de centros de poder que permitem a “recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação” (Laclau, 1990: 40) e a construção de novas articulações que produzem novas identidades.

¹¹ Deslocamento é o processo pelo qual uma resposta emocional ou comportamental, que é apropriada para uma situação, aparece numa outra situação, para a qual não é tida como adequada. (Biblioteca Virtual em Saúde, [online] http://www.bireme.br/php/decsws.php?tree_id=F01.393.246&lang=pt, 07-01-16)

Para Giddens, o termo “crise ” surge associado à radicalização da modernidade, pois se “o mundo da modernidade tardia se estende bem para lá dos meios das actividades individuais e dos compromissos pessoais”, ele constitui-se como um mundo lotado de riscos e perigos, considerando adequado não apenas no sentido de mera interrupção, mas no de um estado de coisas mais ou menos contínuo, afectando no âmago quer a auto-identidade quer os sentimentos pessoais (Giddens, 1997: 11).

Para Castells (2003), a “crise” das identidades é encarada como o resultado da emergência da subjectividade na reprodução social, ou melhor, a procura identitária mostra que os sujeitos têm, progressivamente, mais poder e sentem o dever de encontrar sentido para as suas vidas, o que leva a inferir que o que está em causa não “é o caos que ameaça abater-se sobre eus desarmados, mas uma redefinição do próprio processo identitário” (Magalhães, 2001: 313).

O debate sobre o que se possa entender por pós-modernidade tem-se centrado mais na essência do que no nome, considerado por Santos “autêntico na sua inadequação” (1994: 71), para que nos situemos nas mudanças já acontecidas e naquelas que estão a suceder e que, conseqüentemente, afectam o modo como nos desenhamos a nós próprios.

Talvez tenha sido Nietzsche o primeiro filósofo a prenunciar a pós-modernidade quando anunciou que “Deus está morto!”, servindo-se da voz do louco.

O louco saltou para o meio deles e trespassou-os com o olhar. ‘Quem vos vai dizer o que é feito de Deus sou eu’, gritou! ‘*Quem o matou fomos todos nós, vós mesmos e eu! Os seus algozes somos nós todos! E como o fizemos? (...) Não estará a ser noite para todo o sempre, e cada vez mais noite? Não teremos de acender lâmpadas em pleno dia? Será que ainda não estamos a ouvir o ruído dos coveiros a enterrar Deus? Ainda não nos terá chegado o cheiro da decomposição divina? Porque até os deuses se decompõem! Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou somos nós! Como haveremos de nos consolar, nós os algozes dos algozes? O que o mundo possuiu, até agora, de mais sagrado e de mais sagrado e de mais poderoso sucumbiu exangue aos golpes das nossas lâminas (...)*’ (Nietzsche, 1998: 140).

Com o desaparecimento do divino e a desvalorização de todos os valores supremos este pensador alerta para a responsabilidade que recai sobre cada um de nós na construção de um sentido para as suas vidas mediante o perigo concreto de se cair num vazio existencial.

Giddens afirma que, na perspectiva de Lyotard, “responsável pela popularização do conceito de pós-modernidade”, a “ condição da pós-modernidade distingue-se por uma evaporação da ‘grande narrativa’ a ‘linha condutora’ determinante através da qual somos colocados na história como seres dotados de um passado definido e de um futuro previsível” (Giddens, 2002: 1), mas não partilha do

mesmo ponto de vista, pois crê que as transformações a decorrer são mais uma continuação e radicalização do que uma ruptura com a modernidade. Para este autor,

a modernidade é intrinsecamente globalizante e as consequências perturbadoras deste fenómeno combinam-se com a circularidade do seu carácter reflexivo para formarem um universo de acontecimentos onde o risco e o acaso assumem uma nova natureza (*ibidem*: 125)

e defende que o momento que agora se vive é um “período de modernidade tardia” onde os fenómenos frequentemente designados de pós-modernos se referem “à experiência da vida num mundo onde a presença e a ausência se combinam de formas historicamente novas” (*ibidem*: 125), onde o local e o global tecem enredos complexos. Giddens aceita que estão a surgir os contornos de uma era “pós-moderna” onde as consequências da modernidade são “mais radicalizadas e universalizadas do que antes” (*ibidem*: 2).

Bauman (1992) defende o conceito de pós-modernidade vendo-o como duas faces de uma complexa relação entre a presente condição social e a formação que a precedeu e a gestou e que, por isso, “não é nem um afastamento transitório do estado normal da modernidade, nem um estado doentio da modernidade, nem algo a ser rectificado, é a modernidade consciente da sua verdadeira natureza – a modernidade em si” (1992: 187). Descreve-a como “uma condição social auto-reprodutora, pragmaticamente sustentável e com uma lógica própria, com traços específicos (1992: 189).

Quer se fale de pós-modernidade (Lyotard, 1989; Bauman, 1992; Santos, 1994), de modernidade tardia ou radicalização da modernidade (Giddens, 2002), de modernidade reflexiva (Beck, 1992) ou de modernidade reconstruída (Touraine, 1994) “[a] delimitação daquilo que por pós-modernidade se possa entender não é nem uma tarefa neutra nem específica de um só campo do saber” e a sua definição “tem-se esboçado como uma questão de nome e não só de condição” (Magalhães, 1998: 21). Também me parece que o fundamental se concentra na essência do fenómeno.

A percepção do “fim das grandes narrativas” (Lyotard, 1989), a perda de um centro organizador que a modernidade forneceu concedendo segurança ontológica e atenuando o risco na “condução da mudança no sentido desejável” (Magalhães e Stoer, 2006: 23) surgem como questões centrais.

Se “a complexidade é a ciência do século XXI”, sabemos que um sistema complexo tem um “número incontável de subsistemas”, (Pintasilgo, 2003: 210). As sociedades são cada vez mais diversas, mais multiculturais, o que também acentua o dinamismo e as tensões no interior das mesmas. Os efeitos do processo de globalização são constantes e a diversidade uma característica, o que, por vezes,

extrema posições, instala os preconceitos e os estereótipos. Se “tudo está em tudo”¹² o nosso olhar deverá ser holístico, sistémico, ecológico, interactivo, para compreendermos o mundo que nos rodeia

Actualmente, no paradigma em emergência, “a mudança social já não é concebida como sendo da ordem daquilo que é susceptível de ser dominado com base no conhecimento construído acerca dela” (Magalhães e Stoer, 2006: 24) e o facto de haver um acréscimo de reflexividade por parte dos actores implicados nos processos sociais complexifica-os, impedindo que sejam conduzidos numa única direcção. Este quadro exige uma nova forma de lidar com a mudança social em que as determinações cedem lugar às delimitações e onde o mercado, a comunidade e o estado perdem neutralidade política.

Magalhães e Stoer distinguem “não-lugares” e “lugares-brancos”. Se os primeiros se caracterizariam como locais de ausência ou suspensão do tempo e do espaço, os segundos seriam narrados “pela assunção de que existe uma instância ética que os legitima de uma forma inquestionável em termos epistemológicos e políticos”, lugares estes que se activariam fora do “sistema”. Como não há lugares exteriores ao “sistema”, os autores concluem que não há lugares-brancos, pois eles “têm sempre a cor de um sistema ou de um contexto”, o que implica que a reflexividade, quer a institucional, quer a individual, se assuma aqui, de novo, como um dos aspectos cruciais, porque estruturante, mas não “salvador”: “a sociedade e os cidadãos ao recusarem-se como objectos da acção do estado dão uma dimensão política sem precedentes à própria acção política” e ao se pronunciar a recusa e a negação dos lugares referidos se assume as “próprias limitações e condicionamentos”, nos contextos próprios, mas não necessariamente com “um maior domínio sobre os processos sociais e políticos” (Magalhães e Stoer, 2006: 27-28).

A reflexividade da vida social moderna consiste no facto de as práticas sociais serem constantemente examinadas e reformadas à luz da informação adquirida sobre essas mesmas práticas, alterando assim constitutivamente o seu carácter. (...) O conhecimento reflexivo, de que as ciências sociais são a versão formalizada (um género específico de conhecimento pericial), é verdadeiramente fundamental para a reflexividade da modernidade como um todo (Giddens, 2002: 27-28).

A consequência imediata do pensamento de Giddens para as minhas asserções é levar-nos a um entendimento da pós-modernidade como processo, que se afirma também reflexivamente, num esforço de gestão dos défices e dos excessos da modernidade (Santos, 1995).

¹² Título de um artigo de Maria de Lourdes Pintasilgo publicado em 13 de Novembro de 2003 na revista *Visão*, p.210.

As semelhanças perdem sentido e vão sendo substituídas por consensos locais e transitórios que envolvem participantes actuais e podem, por isso, ser modificados a qualquer momento. Já não estamos no domínio do consenso (Lyotard, 1989), da ênfase nas semelhanças, mas no domínio da *paralogia*, do *dissentimento* na procura de novas ideias, enunciados novos – na procura do dissenso (Lyotard, 1987/1989).

Se pensamos que nesta condição pós-moderna será a estrutura do próprio campo cognitivo a ser revolucionada (Bauman, 1992: 190-191), estando o seu foco centrado na agência do sujeito,

[é] pois o sujeito que, mais do que elogiar é preciso recuperar na sua totalidade e reconstruir na sua substância que é a sua *não substancialidade* (...) ele é essencialmente uma dinâmica e uma dialéctica, uma construção desprovida de fundamentação que as grandes narrativas proporcionavam. É ao mesmo tempo uma possibilidade de vazio e uma possibilidade de ser, mas não uma substância (Bauman, *ibidem*: 44).

Ulrich Beck (1992) refere a “modernização reflexiva”¹³ como um fenómeno que, devido ao seu intrínseco dinamismo, leva a que a sociedade moderna termine com a formação de classes sociais, ocupações, papéis dos sexos, família nuclear, agricultura, sectores empresariais e também com os pré-requisitos e as formas contínuas do progresso técnico-económico. Esta nova etapa, em que o progresso se pode transformar em autodestruição, em que um tipo de modernização destrói o outro e o altera, é o que Beck nomeia de “etapa da modernização reflexiva”. Ou seja, “a modernização reflexiva também – e essencialmente – significa uma ‘reforma da racionalidade’ que faz justiça à ambivalência histórica *a priori* numa modernidade que está abolindo as suas próprias categorias de ordenação” (Giddens, Beck e Lash, 1997: 12).

Se os guiões individuais e colectivos da pós-modernidade são guiões abertos, substancialmente reflexivos, são-no porque o *self*, individual ou colectivo, é uma interrogação mais ou menos contínua sobre o passado, o presente e o futuro (Giddens, 1991: 22). Neste ponto de vista, os projectos, as pequenas narrativas, são incomensuráveis e incomensuravelmente diferentes e, por isso, conflituantes, não havendo já forma de os legitimar à luz de grandes narrativas, como tenho vindo a defender.

Partilho com Stoer e Magalhães da perspectiva de que nestes tempos de transição paradigmática se desvanece a conformidade entre a autonarração e a narrativa do Estado. Os Estados-nação ocidentais, como mecanismos discursivos

¹³ Para Ulrich Beck, a sociedade passa a ser reflexiva quando “ela se torna um tema e um problema para si própria” (1997: 19).

monolíticos, ganham consciência da sua fragilidade, pois a reflexão empreendida sobre acontecimentos históricos têm revelado que os dispositivos de legitimação utilizados se traduziram frequentemente em situações de dominação, de abuso (como por exemplo: a escravatura, o colonialismo e a exploração capitalista) e vêem-se confrontados com as próprias “diferenças” que acolhem quando estas se insurgem contra os princípios que fundamentam os Estados-nação. “A autonarração sentiu, por outro lado, o processo de pluralização dos espaços estruturais¹⁴ onde se forma a identidade” (Stoer e Magalhães, 2005: 105-106) A reconfiguração do Lugar da cidadania como um espaço estrutural onde se passa a “reclamar” a cidadania; a do trabalho de acordo com a forma como é conceptualizado no capitalismo moderno, onde as carreiras profissionais deixam de definir os indivíduos por se tornarem mais flexíveis e imprevisíveis e, por isso, já não constituem alicerce para a construção da identidade; a transformação do espaço doméstico em consequência da alteração do tipo de relações sociais entre os membros da família que permite também a diversificação dos *selves*; o crescente protagonismo do espaço mundial que, em consequência da globalização, dilui o papel homogeneizador dos Estados-nação na construção das identidades, ao integrarem identidades regionais (União Europeia, por exemplo) e leva à reconfiguração das identidades locais como resultado do fenómeno dialéctico entre o global e o local – “glocalização” – que, por conter uma série de processos imprevisíveis, é gerador de novos riscos, de natureza variada, que afectam todas as pessoas (Stoer e Magalhães, 2005).

Partilho também da ideia defendida por Giddens de que em condições de modernidade tardia se instalou “uma crescente interligação entre os dois ‘extremos’ de extensividade e de intensividade: influências globalizadoras, por um lado, e tendências

¹⁴ Santos, refere as sociedades capitalistas como configurações políticas, constituídas por espaços estruturais. Estes equivalem a modos básicos de produção de poder, autónomos, que se articulam de formas próprias mas interrelacionados (Santos, 1994: 111-113).

Stoer e Magalhães consideram cinco espaços estruturais onde “o processo de construção das identidades difere conforme os contextos em que esse processo tem lugar (tradicionais ou pós-tradicionais) e encontram-se delimitados por aquilo a que Santos designa por ‘espaços estruturais’ que incluem o espaço doméstico, o espaço de trabalho, o espaço da cidadania, o espaço comunitário, o espaço de mercado e o espaço mundial e que representam ao mesmo tempo tanto um lugar relativo como central na construção da identidade. O que quer dizer que estes espaços, ao mesmo tempo que proporcionam as matérias-primas com as quais tanto os indivíduos como os grupos constroem as suas identidades, são também relativos, devido ao facto de os ‘espaços estruturais’ se encontrarem, eles próprios num contexto específico (isto é variam de acordo com o tempo e com o espaço). (...) Os ‘Lugares’, por sua vez, dado que são abstracções das possibilidades enquadradas pelo tempo e pelo espaço, só ganham vida enquanto tal, em contextos concretos. Estes contextos incluem (...) a família a escola o hospital, a prisão, o tribunal, a vizinhança, etc. É nestes contextos que as possibilidades e as impossibilidades, traduzidas por “Lugares”, são activadas ou desactivadas. Este processo implica a gestão das escolhas disponíveis para os indivíduos e grupos e as estratégias para assumir que algumas das escolhas se encontram para lá das nossas possibilidades. (...) Os “contextos” que activam os “Lugares” e que por sua vez e que por sua vez activam os ‘espaços estruturais’, são como dissemos antes, configurações espaço-temporais que apresentam possibilidades que fazem nascer escolhas, tanto para o indivíduo como para os grupos. O contexto da escola é um excelente exemplo deste processo (...)” (2005: 101-102).

peçoais, por outro” (1997: 1). Assim, a construção das identidades é um processo que passa a suceder “de baixo para cima”, contrariando o sentido enformador do Estado-nação. Tal facto é atribuído à crescente reflexividade exercida pelos grupos e pelos indivíduos e que lhes confere uma maior consciência das suas possibilidades na construção das suas narrativas identitárias. (Stoer e Magalhães, 2005: 106).

1.2. A Identidade, uma construção relacional

Se esperarmos viver não somente de momento a momento, mas na plena consciência da existência, então a nossa maior necessidade e a nossa mais difícil realização é encontrarmos um sentido para as nossas vidas. É sabido que muitos perderam a vontade de viver e cessaram até de tentar fazê-lo porque a vida deixa de fazer sentido para eles. A compreensão do sentido da vida não se adquire de repente, em determinada idade, nem mesmo quando já tivermos chegado à maturidade cronológica” (Bettelheim, 1998: 9).

George Herbert Mead (1974) assumiu-se como figura fundamental no reconhecimento teórico da importância da socialização na construção da identidade. Este autor partiu dos pressupostos de que a linguagem precede o pensamento, implicando, por isso, a interacção social e que, por consequência, a relação com o outro antecede a relação consigo mesmo e a relação entre o sujeito e o objecto. Nesta perspectiva, a intersubjectividade, mediada pela linguagem, precede a subjectividade, ou seja, a consciência de si e a consciência em relação aos objectos. Assim, no decurso do processo de construção da identidade a dimensão relacional vai assumir-se como mais relevante do que a dimensão cognitiva.

Para Fredrik Barth (1969) a identidade também surge como uma construção relacional produto da oposição de um grupo relativamente aos outros, com os quais se contacta sendo, para este autor, um modo de categorização utilizado pelos grupos para elaborarem as suas permutas.

Na perspectiva do construcionismo social, os processos linguísticos e relacionais são tidos como os que permitem a produção de conhecimentos sobre o *self* e sobre o mundo envolvente. As diversas abordagens construcionistas têm em comum a noção de que o *self* depende das práticas discursivas sendo através delas que os indivíduos atribuem sentido ao que os rodeia e às suas próprias acções. Ou melhor, o *self* é, aqui, concebido como uma construção social resultante das práticas discursivas em situação. Ele pode ser entendido como expressão da capacidade para a linguagem e para a narração e é definido em cada momento de uma interacção através das formas que os indivíduos utilizam para se descreverem a si mesmos (e como são descritos pelos outros) nas suas conversas (Gergen, 1991, 1994; Harré, 1998; Harré e Van Langenhove, 1999; Potter e Wetherell, 1996; Shotter, 1998, 2000).

Nesta abordagem teórica o *self* surge como discurso em que a linguagem e a interacção social têm um papel preponderante. Sendo assim, o *self* é tomado como o resultados das práticas discursivas e só é possível construí-lo no desenvolvimento de um processo relacional.

A identidade será, então, um fenómeno social, relacional, que germina a partir da diferença (Hall, 2000; Woodward, 2000) e tanto a identidade como a diferença são geradas pelo mundo cultural e social comprometendo-se, intimamente, com as relações de poder.

O *self* é, nos actuais contextos, construído reflexiva e continuamente no meio de uma diversidade de estilos de vida¹⁵ e maneiras de ser, de novos sentidos.

Construímo-nos neste processo inacabado de pensar o próprio pensamento, nesta hermenêutica, nesta acção de conquista do que está **aqui** dentro.

“A auto-identidade não é um traço distintivo, ou sequer uma colecção de traços possuídos pelo indivíduo. É o *Self* tal como reflexivamente compreendido pela pessoa em termos da sua biografia. Aqui a identidade ainda pressupõe continuidade através do tempo e do espaço: mas a auto-identidade é uma continuidade tal como interpretada reflexivamente pelo agente. Isto inclui o componente cognitivo de Pessoa. Ser uma ‘pessoa’ não é apenas ser um actor reflexivo, mas sim ter um conceito de pessoa (tal como aplicado tanto ao *Self* como aos outros). O que se quer dizer com ‘pessoa’ certamente varia com as culturas, embora haja elementos da noção que são comuns a todas as culturas. A capacidade de usar ‘Eu’ em contextos cambiáveis, característica de todas as culturas conhecidas, é a característica mais essencial das concepções reflexivas de Pessoa” (Giddens, 1994: 47).

Quando se pretende definir identidade, evidenciam-se frequentemente as oposições que ocorrem dentro do processo e fala-se, por exemplo, de identidade pessoal *versus* identidade social (Goffman, 1975) de *mesmidade versus ipseidade* (Ricoeur, 1990), de identidade para si *versus* identidade para os outros (Dubar, 1991), de *entre si íntimo versus* si estatutário (Singly, 1996).

Segundo Dubar, existem duas grandes correntes para definir identidade. Uma designada de essencialista por acreditar nas ‘essências’, nas realidades essenciais, nas substâncias ao mesmo tempo imutáveis e originais e onde a *mesmidade*¹⁶, ou a permanência no tempo, é tomada como uma realidade “em si” (cf. Dubar, 1997; 2006). Defende-se, aqui, uma pertença herdada e uma singularidade, ambas essenciais e definitivas. “A identidade dos seres existentes é o que faz com que permaneçam idênticos, no tempo, à sua essência” (Dubar, 2006: 8). Criam-se, assim, categorias

¹⁵ Giddens considera a expressão “estilo de vida” como “um exemplo interessante de reflexividade e define o seu significado como referente a “um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adopta não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (1997:75).

¹⁶ “*Mêmeté*”, expressão de Paul Ricoeur (1990) que significa do carácter do que é idêntico.

consideradas reais, que reúnem todos aqueles que têm aquele determinado aspecto em comum; e outra, oposta, a nominalista ou existencialista¹⁷ (*ibidem*: 9). Esta última, defende que não existem essências fixas, pois tudo está sujeito a mudança, variando a identidade de qualquer indivíduo de acordo com a época histórica e o ponto de vista considerado sendo, que, neste caso, “as palavras, os nomes que dependem do sistema de palavras em uso, servindo, num determinado contexto, para as nomear” (Dubar, 2006) são as categorias que possibilitam aceder a conhecimento sobre os indivíduos.

Para Dubar não há pertenças “essenciais”, este processo de identificação é mutável no tempo consistindo os modos de identificação em “afecções a categorias diversas que dependem do contexto” (*ibidem*). Há dois tipos de modos de identificar que se podem descrever como as “identificações para Outro”, serão as atribuídas pelos outros e as “identidades para Si”, ou as identificações reivindicadas por si próprio, que poderão ser coincidentes, ou não.

Na argumentação deste autor, não é possível construirmos a nossa identidade sozinhos, uma vez que está dependente dos juízos que os outros realizam e das nossas próprias orientações e autodefinições, sendo um produto de sucessivas socializações (Dubar, 1997: 13). Kauffman argumenta que não podendo reduzir-se o indivíduo apenas à sua subjectividade, a definição de Dubar segundo a qual “a identidade não é senão o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições” (Dubar, 1997: 105) conduz a uma maior “ininteligibilidade” deste conceito, pois “perde-se “a visão de conjunto” e “[a]o tornar-se tudo, ela não será em breve nada” (Kauffman, 2005: 43).

Partilhando do ponto de vista de António Magalhães, as diferentes concepções da construção da identidade pessoal terão de ser consideradas tendo em conta os paradigmas sociais e epistemológicos nos quais essas concepções despontaram (2001: 303), pelo que vejo como uma absoluta necessidade reflectir o tempo presente e o paradigma que lhe parece estar subjacente, pois “os paradigmas sócio-culturais nascem, desenvolvem-se e morrem” e “a morte de um dado paradigma traz dentro de si o paradigma que lhe há-de suceder” (Santos, 2002:15). Sendo o indivíduo um processo onde o social e o individual estão entretrecidos, qualquer reflexão sobre ele remete para a consideração de um contexto histórico em que participa e que, por isso, se reflecte nos processos identitários.

¹⁷ De acordo com Dubar não existem essências, mas existências contingentes (2006: 9), daí a proposta de corrente existencialista.

Nas sociedades pré-modernas a tradição, não sendo completamente estática, associava tempo e espaço (e lugar)¹⁸ e o “passado” assumia maior importância do que o “futuro” (Giddens, 2002: 26). Nesta linha, a segurança ontológica dos indivíduos e a correspondente confiança que desenvolviam advinha do conhecimento que possuíam do seu local (espaços e tempos) cujos contornos eram conhecidos e próximos, e da coincidência entre o espaço doméstico, o espaço comunitário e o espaço do trabalho. “A supremacia do Nós sobre o Eu (Elias), as formas místicas de crenças sobre as formas racionais (Weber) e as formas pré-capitalistas de produção (Marx)” (Dubar, 2006: 51) geravam um ambiente protector onde a confiança se assumia como fundamental para as estratégias de construção identitária, para a edificação do “eu como autoconsciência de si” (Magalhães, 2001: 311; Stoer e Magalhães, 2005: 102).

Mas este cosmos é questionado e inicia a sua mutação desde a descoberta do “Novo Mundo”, o Renascimento e a Reforma que, de acordo com Habermas, se constituíram como os acontecimentos que marcaram a passagem da Idade Média para a Modernidade. Se bem que apenas no século XVIII esse momento histórico passe a ser “ (...) reconhecido retrospectivamente como sendo na realidade um começo” (Habermas, 1990: 17). Com o Iluminismo as ideias de progresso e autonomia da razão fundamentam a concepção do mundo como algo que se deve compreender e controlar, para que se concretize um projecto de felicidade existencial. É a prática de um movimento de consciência individual, onde desaparece a segurança oferecida pelo “Nós sobre o Eu”, onde as pessoas se entregam a si próprias e se desvanecem os princípios metafísicos e de carácter religioso. Mas, “[a]o mesmo tempo que a modernidade desperta para a consciência de si própria nasce nela uma necessidade de autocertificação, que é compreendida por Hegel como a necessidade da filosofia” (Habermas, 1990: 27), ou seja, é aqui reconhecida a necessidade de reflexão da modernidade sobre ela mesma para compreender o que a fundamenta. Parece, assim, a Habermas, que Hegel surge como o primeiro filósofo a problematizar a transição para uma nova época e a defender que a subjectividade é o elemento estruturador que permite a dialéctica entre a liberdade e a reflexão.

Sendo assim, posso dizer, em traços largos, e sustentada em Giddens, que a modernidade se refere aos “modos de vida e de organização social que emergiram na Europa cerca do século XVII e que adquiriram, subsequentemente, uma influência mais ou menos universal” (Giddens 2002: I). De acordo com Santos, ela assenta nos

¹⁸ Espaço e Lugar não são, necessariamente, coincidentes. “O ‘lugar’ conceptualiza-se melhor através da ideia de local, que se refere aos cenários físicos da actividade social situada geograficamente” (Giddens, 2002: 13).

pilares da regulação e da emancipação¹⁹. Estes pilares articulam-se entre si e integram uma grande riqueza e diversidade de ideias novas que transformam o projecto sociocultural da modernidade num projecto de grande riqueza, mas submetido a desenvolvimentos contraditórios e que nos afastaram “de *todos* os tipos tradicionais de ordem social, de uma forma sem precedentes” (Giddens, 2002: 3).

É a concepção de um sujeito centrado sobre si mesmo, de uma entidade “indivisível, singular, distintiva e única” (Williams, 1976) que a idade moderna faz despontar. O humanismo renascentista situou o Homem no centro do universo; o Iluminismo e as revoluções científicas enaltecera a imagem do Homem racional e científico (Hall, 2003: 26). Com Descartes, a tradição cristã é quebrada e Deus (*res divina*), a substância eterna, perfeita, infinita, que pensa e é independente deixa de ser colocada em primeiro lugar. O primado passa a ser dado ao espírito (*res cogitans*), à substância pensante, imperfeita, finita e dependente, oposta à matéria (*res extensa*), substância que não pensa, extensa, imperfeita, finita e dependente. A verdade inquestionável para este filósofo não é Deus, mas o *cogito*, o pensamento. As coisas devem ser explicadas reduzindo-as aos seus elementos essenciais. O *cogito* cartesiano, ao afirmar-se como lugar das certezas absolutas, irrompe como uma garantia epistemológica evidente. A ousadia desta ruptura com o pensamento medieval leva a que a noção de sujeito individual seja posicionada no centro do pensamento como sujeito racional, pensante e consciente. É o “sujeito cartesiano” (*ibidem*: 27).

Sendo o tema da identidade pessoal dominante no pensamento filosófico, na modernidade ele assume um carácter epistemológico com Jonh Locke. Este pensador formula esta questão procurando encontrar o critério que possibilite (re)identificar a pessoa ao longo do tempo. É a ideia da identidade que permanece a mesma ao longo do tempo de acordo com a consciência que a pessoa possui.

Temos de ter (agora) em conta o que é que pessoa representa – e que penso tratar-se de um ser pensante e inteligente, que possui raciocínio e reflexão, e que se pode pensar a si como si próprio (*it self as it self*) em diferentes tempos e espaços; é-lhe possível fazer isto devido apenas a essa consciência que é inseparável do pensamento e, pelo que me parece, é essencial para este, sendo impossível, para qualquer um, compreender sem apreender que compreende. (...) Na medida em que é pela consciência que possui dos pensamentos e acções do presente que o eu é agora para si próprio, e assim será o mesmo eu na medida em que a mesma consciência se possa alargar a acções passadas ou futuras; e não seria duas pessoas, pela distância temporal ou pela alteração da substância, tal como um homem não seria dois homens por vestir hoje roupa diferente da de ontem, independentemente de ter dormido muito ou pouco tempo: a mesma consciência une essas acções distantes numa mesma pessoa,

¹⁹O pilar da regulação e constituído pelos princípios do Estado, do mercado e da comunidade e o pilar da emancipação é constituído por três lógicas de racionalidade: a estético-expressiva da arte e da literatura, a da moral-prática da ética e do direito e a cognitivo-instrumental da ciência e da técnica (Santos, 1996: 71).

independentemente das substâncias que contribuíram para a sua produção (Locke, 1999: 436-457).

Este indivíduo é um sujeito autónomo, singular, igual aos demais, dotado de uma interioridade, regulado pela lei – o “indivíduo soberano”. É esta figura, ou dispositivo conceptual, que está impresso “nos processos e práticas centrais que fizeram o mundo moderno” (Hall, 2003: 28).

A partir do século XIX, a sociedade moderna complexifica-se e a relação do capitalismo com o paradigma da modernidade leva à reconfiguração dos indivíduos/cidadãos como assalariados. A construção dos seus discursos identitários passa a ter, crescentemente, como lugar fundamental o trabalho. Através das carreiras profissionais cada um pretende edificar o sentido e a segurança que conduzem a que haja a confiança suficiente para que surjam narrativas de identidade consistentes (Stoer e Magalhães, 2005: 104). Na modernidade, as identidades culturais são forjadas no contexto das culturas nacionais. Estas estimulam a criação de modelos de instrução universais através de um sistema educativo nacional, generalizam uma única língua como forma de identificação para a nação, tentam homogeneizar as diferenças culturais. “Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica chave da industrialização e um dispositivo da modernidade” (Hall, 2003: 49-50). A identificação nacional surge como fundamental para conceder ao indivíduo a sua âncora na comunidade simbólica, uma vez que a nação, para além de uma entidade política é um sistema de representação cultural, um discurso construtor de sentidos e de identidades.

A globalização, sendo uma das consequências da modernidade, segundo Giddens, é por ele definida “como a intensificação das relações sociais de escala mundial, relações que ligam localidades distantes de tal maneira que as ocorrências locais são moldadas por acontecimentos que se dão a muitos quilómetros de distância e vice-versa” (2001: 45). Caracteriza-a como um fenómeno dialéctico entre o local e o global que, por conter uma série de processos imprevisíveis, é gerador de novos riscos, de natureza variada, que afectam todas as pessoas. A globalização é um fenómeno multifacetado e uma força motora instigadora de uma série de mudanças de natureza diversa, que alteram as sociedades e obrigam à reestruturação dos Estados-nação, uma vez que o poder se dilui e a sua soberania também porque há “problemas que são verdadeiramente globais e transnacionais – na verdade a-nacionais – e que se situam para além do poder de resolução de qualquer nação individualmente considerada. A particularidade que distingue a globalização daquilo que acontecia antes é que esta é supranacional” (Dale, 2000: 93).

1.3. Identidades: do dilema à reflexividade

(...) as deslocações de sentido que a família, a escola e o próprio Estado estão a sofrer fazem com que a ansiedade, a insegurança e mesmo o desespero anómico se instalem no próprio cerne do processo de construção dos eus (Magalhães, 2001: 312).

Para o indivíduo desenvolver a sua personalidade assume-se como fundamental a construção de um núcleo estruturador e securizante – a confiança (cf. Erikson, 1965a)²⁰ – resultante da relação de protecção estabelecida desde os primeiros tempos de vida, entre a criança e quem se encarrega directamente da sua educação (habitualmente a mãe). Essa confiança é geradora de “um sentimento de segurança ontológica”, que permite a edificação de um “casulo protector” para o *self* (Giddens, 1997: 3). “A segurança ontológica tem a ver com o ‘ser’, ou nos termos da fenomenologia, com o ‘estar no mundo’ ” e tem as suas raízes no inconsciente (Giddens, 2002: 64). Sendo um fenómeno sobretudo emocional funciona como protecção para com as “ansiedades ontológicas” que, potencialmente, nos cercam numa *sociedade de risco* (Beck, 1992). A confiança é fundamental quando se desconhecem os pensamentos e intentos das pessoas consideradas íntimas. Conseguir gerir a ausência, a separação espaço-tempo, permite acreditar “no regresso da pessoa que cuida de nós”, consente que se confie nos outros gerando um sentimento de continuidade das coisas e das pessoas. Tal como Erikson refere (cf. 1965), e Giddens reitera (cf. 1997, 2001, 2002), para a criança as rotinas produzem segurança ontológica e, as duas entrelaçadas, permitem edificar a confiança básica. Mas, o apego à rotina provoca sentimentos antagónicos: se, por um lado, é psicologicamente tranquilizador, permitindo desenvolver a criatividade, por outro, tem inerentes sentimentos de perda, (pois o que é previsível nem sempre ocorre), que exigem um esforço pessoal. “A continuidade das rotinas da vida quotidiana só é alcançada através da vigilância constante das partes envolvidas” (Giddens, 2002: 68)

²⁰ A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson argumenta que o crescimento psicológico acontece através de estádios e fases, não ocorre ao acaso e depende da interacção do indivíduo com o meio que o rodeia. Cada estádio é atravessado por uma crise psicossocial entre uma vertente positiva e uma vertente negativa. As duas vertentes são necessárias mas é essencial que se sobreponha a positiva. A forma como cada crise é ultrapassada ao longo de todos os estádios irá influenciar a capacidade para se resolverem conflitos inerentes à vida. Esta teoria concebe o desenvolvimento em oito estádios, um dos quais localizado na adolescência. Refiro o primeiro estádio e as suas características por me parecer adequado à clarificação do contexto da minha argumentação. Assim, o primeiro estádio é o da **confiança/desconfiança** e é situado durante, aproximadamente, o primeiro ano e meio de vida. A criança adquire, ou não, uma segurança e confiança em relação a si própria, e ao mundo que a rodeia, através da relação que tem com a mãe. Se a mãe não responde às suas necessidades, a criança pode desenvolver medos, receios, sentimentos de desconfiança que poderão vir a reflectir-se nas suas relações futuras. Se a relação é de segurança e as suas necessidades são satisfeitas, a criança vai ter melhor capacidade de adaptação às situações posteriores, às pessoas e aos papéis socialmente requeridos (cf. Erikson, 1965, 1968).

para que cada um se certifique de que o outro permanece um agente credível, competente, fiável. Suportado principalmente pelo trabalho de Garfinkel (1963) sobre as “experiências com a confiança”, Giddens afirma que o que no processo de formação da confiança básica para além da “correlação da rotina, da integridade e da recompensa se aprende, também, uma “metodologia extremamente sofisticada de consciência prática”²¹ que funciona como sistema de protecção resistente à ansiedade existencial ou medo, o adverso da confiança (Giddens, *ibidem*: 69-71).

Continuando, na esteira de Giddens, faz sentido, para mim, defender que o sentimento de segurança ontológica corresponde a ter, ao nível do inconsciente e da consciência prática, “respostas” para quatro questões existenciais fundamentais do ser humano:

- a) **Existência e ser:** “ ‘Ser’, para o indivíduo humano, é ter consciência ontológica (o que difere da consciência da auto-identidade). Ao “fazerem” a vida de todos os dias, todos os seres humanos ‘respondem’ à questão do ser e fazem-no por via da natureza das actividades que levam a cabo” (Giddens, 1997: 45);
- b) **Finitude e vida humana:** esta questão prende-se com as “relações entre o mundo externo”, inanimado, que surge como “eterno”, e o carácter finito da *vida humana*, pois se não é problemático aceitar a morte biológica o mesmo não acontece relativamente à tentativa de compreensão da “morte subjectiva” (Kierkegaard, 1941), geradora de ansiedades;
- c) **A experiência dos outros:** esta questão remete para o desenvolvimento da confiança nas outras pessoas, nos outros, e que se assume como “a origem da experiência de um mundo externo estável e de um sentimento corrente de auto-identidade”, que tem o seu início no âmbito da confiança básica, mas que antecede “o reconhecimento das figuras como ‘pessoas’ ”. Nos contextos da vida adulta a “confiança, as relações interpessoais e uma convicção da ‘realidade’, das coisas caminham de mãos dadas” (*ibidem*: 48);
- d) **A continuidade da auto-identidade:** “a auto-identidade é o *self* tal como reflexivamente compreendido pela pessoa em termos da sua biografia” (*ibidem*: 49), ou seja, uma auto-identidade estável significa que a pessoa é capaz de desenvolver reflexivamente “um sentimento de continuidade biográfica” (*ibidem*: 51) e de o comunicar aos outros como resultado do tal “casulo

²¹ A “consciência prática” é, em Giddens, o conhecimento tácito e engenhosamente aplicado na acção, que o actor não verbaliza, pelo que não se confunde com a “consciência discursiva”; refere-se a uma razão comunicativa, onde são aspectos fundamentais a “interpretação do agente” e a “agência”, o que não significa de forma alguma uma razão centrada no sujeito e na subjectividade; é uma capacidade prática que apenas existe no seu exercício, em condições de tempo e de espaço únicos (1990: 278-279).

protector”, construído na infância, que ‘filtra’, na conduta prática do dia a dia, muitos dos perigos que em princípio ameaçam a integridade do *self* (*ibidem*).

Ao contrário do que se passava nas sociedades pré-modernas, comunitárias, nas pós-modernas a confiança nos sistemas abstractos²² assume-se como fundamental no quotidiano requerendo fé em princípios impessoais e pessoas desconhecidas. Estes sistemas, embora não permitindo a reciprocidade nem a intimidade que as relações humanas proporcionam, têm sido responsáveis pela inoculação de grande parte da segurança ontológica dos indivíduos em consequência das rotinas que instituem.

Parece inevitável que se estabeleça uma ligação directa e dialéctica entre as mudanças sociais que têm vindo a suceder e as *transformações da intimidade* (Giddens, 2001), ou seja, na vida pessoal dos indivíduos.

A confiança sentida em relação aos outros deixou de se inscrever no âmbito da comunidade local e das relações de parentesco para passar a afirmar-se como o resultado de uma construção onde cada um deve empenhar-se, expondo-se, ao longo do trajecto. Ela é encontrada no compromisso assumido dentro da relação, no “trabalho” que cada um realiza para que ela se mantenha.

Nesta “abertura do indivíduo ao outro”, em que a honra é substituída pela lealdade e a sinceridade pela autenticidade (Giddens, 2002: 84), vai acontecendo um “*processo mútuo de autodesvendamento*” (*ibidem*: 85) onde a construção do Eu como projecto reflexivo terá de surgir enquadrada no âmbito dos sistemas abstractos. É a emergência da *relação pura*.

Nas relações de intimidade de tipo moderno, a confiança é sempre ambivalente e a possibilidade de ruptura está sempre mais ou menos presente. Os laços pessoais podem ser rompidos, os laços de intimidade podem regressar à esfera dos contactos impessoais – na relação amorosa acabada, o íntimo volta a transformar-se subitamente num estranho. A exigência de “abertura pessoal” ao outro que as relações pessoais de confiança pressupõem agora, a obrigação de nada esconder do outro, misturam segurança e ansiedade profunda. A confiança pessoal exige um grau de auto-compressão e de auto-expressão que deve ser, em si, mesmo, uma fonte de tensão psicológica. De facto, o auto-desvendamento mútuo combina-se com a necessidade de reciprocidade e apoio; no entanto, os dois são muitas vezes incompatíveis. A frustração e o sofrimento entrelaçam-se com a necessidade de confiança no outro, que é a pessoa que nos proporciona atenção e apoio (*ibidem*: 100-101).

Se a modernidade tardia é uma radicalização da modernidade tal significa que a separação do tempo e do espaço, os mecanismos de descontextualização e a reflexividade institucional também se extremam.

Os contextos pós-modernos trouxeram consigo a incerteza e a diversificação dos estilos e percursos de vida, entrançando o social e o pessoal

²² Sistemas abstractos – Garantias simbólicas e sistemas periciais de um modo geral (Giddens, 1997:215).

... a aceleração do ritmo da mudança cultural exige um novo enfoque do eu, que suprima o objectivo tradicional da respectiva 'estabilidade' (o eu como objecto) e o substitua por um objectivo de 'mudança' (o eu como processo); o eu é mutável e está 'aberto à maior amplitude possível de experiências', caracterizando-se pela tolerância e pela flexibilidade (Gergen, 1997: 200).

Gergen defende a ideia de que, nos contextos contemporâneos, o “eu” atinge um estado de “saturação social” e alarga a sua rede de relações sociais, quer directa quer indirectamente, levando a alterar a forma como se conceptualiza o sujeito e os seus “quadros de referência” social, transformando, conseqüentemente, a natureza das interações sociais e engendrando uma nova cultura.

Ao longo do trajecto de vida dos indivíduos as mudanças que se sucedem são geradoras de processos de reconfiguração identitária porque o “si” é perturbado. Situações como, por exemplo, insucesso escolar, um despedimento, a pré-reforma, um divórcio, um fecho de uma fábrica, “cortam o curso da vida e engendram perdas materiais, perturbações relacionais e uma mudança de subjectividade” (Dubar, 2006: 144). A aprendizagem através da experiência relacional promove a reflexividade. O Eu reflexivo edifica-se na interação social através de processos de negociação sem fim.

Assim, na modernidade tardia as identidades tornam-se progressivamente fragmentadas e instáveis. O Eu, ao estar mergulhado numa enorme variedade de relações desconexas e contraditórias, vê-se a desempenhar uma grande multiplicidade de papéis sociais. As novas tecnologias da informação têm contribuído para a criação de um mundo cada vez mais complexo e dissemelhante.

A construção dos *selves* vê-se, assim, oscilar entre dois registos conflituantes observados e designados por Magalhães como “Troianos” e “Cassandra” (ver Quadro 2) a que chamou o “Síndroma de Cassandra”. Este autor, ao socorrer-se do poema épico de Homero sobre a queda de Tróia²³, parte da reflexividade, característica fulcral da condição pós-moderna da sociedade e do pensamento, para estabelecer um paralelo entre o poema e os dilemas contemporâneos do projecto de construção reflexiva do *self* como uma identidade coerente. O registo Troianos, ao representar as *garantias simbólicas* concedidas pelos sistemas abstractos, articula um limite essencialista, auto-referencial de construção do *self* e o registo Cassandra, articula o limite esquizóide, por representar as ansiedades, os riscos que se correm e conduzindo, por isso, à constituição de “identidades híbridas, dilemáticas, divididas entre si e si mesmas” (Magalhães, 2001: 304-314).

²³ “Homero, conta, no seu poema épico acerca da queda de Tróia, que a filha mais nova e mais bela de Príamo e de Hécuba, Cassandra, a quem Apolo tinha dado o poder da previsão, tinha profetizado o cerco e a destruição da cidade. Contudo – e porque o próprio deus a tal a tinha condenado –, ninguém acreditou na sua previsão, nada fazendo para evitar a catástrofe que se abateu sobre os troianos” (Magalhães, 2001: 311-312).

Quadro 2 – Os dilemas do projecto reflexivo do *self* em condições de modernidade tardia

TROIANOS	CASSANDRA
1) O <i>self</i> é cada vez mais um projecto reflexivo pelo qual o indivíduo é responsável, no sentido em que se pode construir de acordo com determinado projecto, ficando o autoconhecimento subordinado ao objectivo de construção de uma identidade coerente e estimuladora da auto-estima;	1) O <i>self</i> , no projecto reflexivo de se construir como uma identidade coerente, vê-se limitado, constrangido e dilacerado nesse projecto: não são muitos os que se podem rodear de tudo o que é reflexivo e praticamente necessário para a construção desse projecto;
2) O <i>self</i> é um desenvolvimento pelo qual o indivíduo organiza o seu presente e lê o seu passado em função de um projecto futuro (colonização narrativa do futuro);	2) O futuro tanto pode colonizar o presente e o passado com sentidos securizantes como pode colonizá-los com a ansiedade;
3) A identidade do <i>self</i> torna-se, então, numa narrativa de si enquanto estruturação de sentido;	3) A reflexibilidade das subjectividades pluraliza-as e torna-as entre si, muitas vezes, conflituais e inconciliáveis;
4) A identidade, portanto, é uma manipulação do tempo como tempo pessoal;	4) O tempo absorve o indivíduo, resistindo à sua manipulação;
5) A reflexividade enquanto autoconhecimento e autocondução apropria-se do corpo e verga-o aos seus ditames (dietas, terapias, disciplinas, etc.)	5) O corpo é o outro de nós, recusando-se ao projecto reflexivo do <i>self</i> (e. g., a fugacidade da juventude, a masculinidade de um corpo que o <i>self</i> quer feminino, etc.);
6) A vida é assumida como uma série de passagens (nascimento, casamento, separação, etc.) que comportam perdas e ganhos;	6) O carácter definitivo das perdas surge reflexivamente como um jogo de soma negativa;
7) A reflexividade do processo é totalmente auto-referencial, ou seja, a demanda do <i>self</i> autêntico (o limite essencialista)	7) A reflexividade encontra uma pluralidade de <i>selves</i> , igualmente autênticos e que convivem na sua contradição (o limite esquizóide).

Fonte: Magalhães, 2001: 313

Como Lacan afirmou, “o eu é um objecto comparável a uma cebola; poderíamos descascá-lo e encontraríamos sucessivas identificações que o constituem” (1981: 144). Tal afirmação remete para o carácter híbrido das identidades em que cada indivíduo escolhe, de uma forma estratégica, a identidade que quer assumir. “Identidades móveis e manipuláveis” que podem ser entendidas como uma condenação, mas como um recurso emancipatório, do qual se poderá tirar partido

reflexivamente (Magalhães, 2001: 316), para que cada um construa o guião de vida que lhe permita ser autor e actor do mesmo.

E se a identidade de uma pessoa não está no seu comportamento, mas na sua capacidade em manter uma narrativa coerente sobre si própria, então identificar-se ou ser identificado significa “dizer-se por palavras” (Dubar, 2006: 172), pelo que se poderá inferir que a identidade pessoal para ser narrativa tem que ser historiada no “tempo da *memória activa*” (Dubar, *ibidem*: 175). Este tempo é um tempo subjectivo, da memória, aquele que permite seleccionar os acontecimentos que darão consistência à forma como nos enunciamos. O Eu não é inteiro como desde Freud se comprovou. “O inconsciente escapa totalmente a este círculo de certezas no qual o homem se reconhece como Eu” (Lacan, 1981). No dizer de Fernandez-Zoïla o indivíduo é “um conglomerado de fragmentos em relações incertas” (1999: 66). A “auto-história interpretativa” (Giddens, 1997: 71) elaborada pelo indivíduo surge, neste ponto de vista, como central para a afirmação da auto-identidade. À pergunta ‘quem sou eu?’ ‘posso responder: sou a minha história; sou o princípio unificador de todas as minhas experiências, sou um ser em permanente aprendizagem.

A identidade é concebida como o que existe de mais pessoal. A “intriga subjectiva íntima” (Biswanger, 1971), resultante do diálogo interno “entre si e si próprio” (Dubar, 2006: 180) que se vai construindo ao ser relatada, pretende atribuir sentido à história pessoal

Possuímos um Eu construído, resultado das nossas escolhas onde a alteridade, o outro, é imprescindível para a manutenção de uma relação dialéctica.

O cerne do processo relacional é de facto, em primeiro lugar, a interiorização do outro em si, ao mesmo tempo que o reconhecimento de si próprio como um outro está no centro do processo biográfico íntimo, mediador do “ele ou ela” (que é também por vezes um “tu”) entre o *si próprio reflexivo* (“*ter alguém com quem falar*”) e o *si narrativo* (“*falar de si próprio a partir do outro*”, num projecto de vida partilhada. Esta “*aspiração da vida autêntica com e para o outro*”) é, segundo Ricoeur, a primeira metade da definição da identidade narrativa (*ibidem*: 181).

Mas, para Ricoeur, a segunda parte da sua definição de identidade narrativa envolve o papel das “instituições correctas”, ou seja, a necessidade de as instituições societárias serem justas. O “ ‘societário’ é uma democracia solidária no seio do qual a política deve não só ser desejada como também deve ser construída com a participação da maioria” (Dubar, *ibidem*: 181-82). O outro, aqui, inclui todos os outros, a humanidade, e não apenas os que situamos no universo das nossas relações próximas. Neste contexto, o sermos capazes de nos dizermos a nós e também aos outros exige a construção de um tipo de colectivo diferente do comunitário, onde da dominância centralizadora do Nós passamos à reclamação do lugar do Eu. É o espaço crescente de novas configurações de subjectividade que demandam ao Eu reflexivo a

aprendizagem de novas linguagens que se constituam como suas e onde a dimensão ética está presente.

Dito de outra forma, a identidade pessoal constitui-se como um processo onde nos apropriamos de recursos e construímos referências. Ela assume-se como “aprendizagem experiencial” onde a atitude reflexiva, por intermédio de “relações significantes”, permite a edificação da própria narrativa identitária (Dubar, *ibidem*: 170).

A composição da identidade de cada indivíduo é designada por Magalhães de “*bricolage* estratégica” (Magalhães, 2001). Se por um lado a auto-identidade está delimitada pelos Lugares onde ela acontece, conjuntamente são eles que fornecem os recursos necessários (classe, cultura nacional, profissão, integração) a essa composição identitária como uma autonarrativa dotada de sentido, em que a importância atribuída aos Lugares só depende do percurso existencial do indivíduo e das escolhas que vai realizando (*ibidem*: 320-321).

Sabendo-se do papel assumido pela escola, como Lugar estrutural, na construção das identidades pessoais dos jovens em contextos fordistas e modernos, averiguar do lugar da escola na construção das suas identidades, num contexto de pós-modernidade, será procurar estabelecer a relação entre a reflexividade dos *selves* e a construção dos seus sentidos, mas na convicção de que “[o] corpo contém, tanto como o cérebro, a história da vida”²⁴ (O’Brien, 2006).

²⁴ O’Brien, Edna (2006) in Roth, Philip, *O animal moribundo*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

2. A Escola

2.1. A escola entre tempos de promessas e de incertezas

Diz-se que a escola está em crise, que o mundo educativo está em crise. Esta ideia tem-se acentuado desde os anos 70, do século XX (Canário, 2005). Mas as contradições existentes no mundo educativo reflectem também uma crise das formas de se pensar a educação, como defendem Correia (1999: 13) e Canário (2005: 59).

A ideia da escola e da instituição escolar tal como a conhecemos hoje são modernas por excelência. Elas são o produto do cruzamento do projecto do Iluminismo com o do estado-nação e de ambos com o capitalismo enquanto forma de organização da produção. O Iluminismo atribuiu à instituição escolar eventualmente a função mais nobre e central do projecto da modernidade: a formação do homem novo (...) do cidadão indivíduo. Acreditava-se que este, deixado aos cuidados da razão, da ciência e do saber técnico, se erigiria como o senhor da natureza, da sociedade e, logo, de si mesmo. Por seu turno, o projecto de consolidação dos estados-nação endereçava à escola um mandato muito forte: caber-lhe-ia a difusão da cultura, da língua e da ciência nacionais e a formação dos respectivos cidadãos (Stoer e Magalhães, 2005: 38).

De acordo com Canário (2005: 60-61), vive-se actualmente um conjunto de paradoxos, tais como:

1 - O triunfo da escolarização, no final do milénio, ser contado como uma história de 'progresso' e de 'vitórias', o que contrasta com a visão pessimista da "crise", instalada desde os anos 70;

2 - A 'erosão' a que foi submetida a educação escolar, por via de uma crítica permanente e sistemática, ser contemporânea da hegemonia do modelo escolar que tendeu a contaminar todas as modalidades educativas, podendo afirmar-se que a educação permanece refém do escolar;

3 - A crescente escolarização das nossas sociedades é acompanhada pelo agravamento de problemas de natureza social que configuram autênticos impasses civilizacionais. As promessas iluministas do triunfo da razão, de que a escola é historicamente herdeira e executora e cuja concretização a ciência e a técnica deveriam facilitar, encontram um obstáculo intransponível na imaturidade política dos nossos modos de governo social;

4 - Centralidade da missão de promoção da cidadania atribuída à escola, que contrasta com um fenómeno de retrocesso na participação política, nas sociedades mais ricas e escolarizadas;

5 - A crescente insatisfação com a escola traduz-se numa intensificação da procura e na opção por percursos escolares mais longos como se a escola se tivesse transformado num 'mal necessário' (*ibidem*).

A narrativa da modernidade assumiu-se como um projecto de desalienação, de emancipação humana, intelectual, social e política, onde "[o] conhecimento racional forneceria aos indivíduos um potencial de consciência, de acção sobre o mundo e de cidadania que como que o tornaria senhor do seu próprio destino" (Stoer e Magalhães, 2003: 1180). Neste paradigma se inscreveu o triplo mandato educativo e a escola passa a ser chamada para formar indivíduos, cidadãos e trabalhadores.

Assim, com a invenção da escola, no início da modernidade, separou-se o aprender do fazer, criou-se a relação pedagógica no quadro da classe, uma nova forma de socialização, a escolar, que aos poucos se torna dominante, e inventa-se a infância (Canário, 2005: 63).

A escola ao conceber uma nova forma de aprendizagem desvaloriza os conhecimentos adquiridos fora dela e adultera as circunstâncias educativas não escolares, modificando-as à sua imagem e semelhança. Dá-se necessariamente um empobrecimento do campo e do pensamento educativos o que a impede de ter referenciais externos que lhe facultem criticar-se e modificar-se.

O tipo de organização da escola passa a ser visto como *o que é natural* e, portanto, nem se questiona, sendo o modelo que afere a actuação dos actores educativos. A estabilidade da escola, assim, é um facto (*ibidem*: 76). Desta forma, a escola constitui-se numa instituição que, a partir de valores estáveis e próprios, opera como uma fábrica de cidadãos, como que prevenindo a “anomia” de Dürkheim (1987) e preparando para a integração na divisão social do trabalho, vista como portadora de uma nova forma de coesão social, uma solidariedade orgânica.

Do ponto de vista histórico, a escola cumpre um papel fundamental de unificação linguística, política e cultural sendo, por isso uma peça essencial na edificação dos estados-nação (Canário, 2005: 76).

Usando as palavras de Boaventura Sousa Santos (2002), podemos afirmar que o projecto da modernidade produziu tensões antinómicas ao balancear-se entre a emancipação e a regulação, pois se por um lado se pretendia a democratização do acesso ao conhecimento, por outro, os sistemas escolares eram gerados e impostos de cima para baixo para construir, homogeneizar e consolidar os estados-nação.

A problematização desta função da escola, numa óptica diacrónica, pode ser mais concretamente referenciada a partir da reflexão proposta por Rui Canário, segundo a qual se distinguem três períodos diferenciados: “o período da escola das certezas, o período da escola das promessas e o período da escola das incertezas” (2005: 63).

Assim, de acordo com o autor, entre a Revolução Francesa e o fim da Primeira Grande Guerra – o período da “escola das certezas”, estado-educador – pretende-se garantir a unidade do estado nacional, partindo de uma cultura que se elege como cimento unificador e, com esse propósito, perspectiva-se a socialização feita na escola como uma educação moral (Barrère e Sembel, 1998). A escola também é chamada a desempenhar um papel importante na produção de uma força de trabalho disciplinada e vai funcionar como “um instrumento de inculcação de valores e normas sociais” que enquadram o processo de escolarização das classes populares “e a sua preparação

para o trabalho fabril” (Dubet, 1996: 500). Neste modelo, a integração social do indivíduo e a sua autonomia, ou seja, a subjectividade dos indivíduos e a objectividade das funções sociais, são entendidas como duas faces de uma mesma realidade” (Dubet e Martucelli, 1996: 528). Uma das mais decisivas transformações a que a escola aparece ligada é a passagem de uma sociedade em que o estatuto social é transmitido por via familiar para uma sociedade em que o estatuto social é adquirido pela acção individual (Martucelli, 2000). Nesta perspectiva, a escola vai propor processos de aprendizagem exteriores aos sujeitos, desvalorizando a experiência dos aprendentes e, portanto, na desvalorização de atitudes de pesquisa e de descoberta.

Surge, então, o aluno, uma nova categoria social, como resultado da acção que se vai exercer sobre a criança obrigando-a a adaptar-se às regras escolares. Neste espaço, a relação pedagógica que se desenvolve entre os alunos e os mestres não é “uma relação de pessoa a pessoa, mas uma submissão do mestre e dos alunos a regras impessoais. Num espaço fechado e inteiramente ordenado à realização por cada um dos seus deveres, num tempo tão cuidadosamente regulado que não pode dar lugar a nenhum movimento imprevisto, cada um submete a sua actividade aos princípios ou regras que a regem” (Vincent, Lahire e Thin, 1994: 17-18).

A escola é responsável por um modo de socialização que, para acontecer, rompe com a aprendizagem alicerçada no património da experiência – aprendizagem não formal – ao criar um lugar e um tempo específico para aprender, divergentes do espaço e do tempo sociais. À escola não interessa a experiência de vida que se tem e que permitiu a autoconstrução do indivíduo. Frequentemente, aquela passa a ser vista como um obstáculo e não como uma mais valia.

Após a Segunda Guerra Mundial, de 1945 até 1975, sempre na linha proposta por Rui Canário, parece surgir o período da “escola das promessas” – estado-providência – quando do estado-educador, nos passamos a situar no chamado *estadocentrismo*, onde o sistema educativo é administrado de acordo com um modelo de tipo empresarial, segundo uma perspectiva que procura acolher conceitos como desenvolvimento humano, igualdade e mobilidade social e económica. A escola é então encarada como uma realidade universalmente instituída, que não se questiona, seguindo uma noção de bem comum.

É a fase da massificação escolar. Passa a ser feita a associação entre crescimento económico e qualificação escolar dos indivíduos e o estado-providência regulará os conflitos sociais que tendam a surgir.

Nos anos 70 do século XX constata-se a falência das promessas da escola (Canário, 2005: 80). A sociologia da “reprodução”, com os estudos de Bourdieu e Passeron, destacou o efeito reprodutor e amplificador das desigualdades sociais

através de mecanismos de violência simbólica. É o tempo da descoberta do quarto mundo, o dos “excluídos do interior” (Bourdieu e Champagne, 1998).

A crítica social das funções da escola passou a incluir também o cultural. A educação democratiza-se, mas o resultado da sua acção fica comprometido com a produção de desigualdades sociais, deixando de ser tida como uma instituição justa num mundo injusto.

A crise do estado-providência, não só questionou a organização centralizada e estandardizada da escola, como interrogou também um certo tipo de conhecimento do social, terminando com o monopólio da igualdade de oportunidades e fazendo emergir outras referências como “o vigor comunitário, a procura de eficácia, o respeito da criança, a livre concorrência entre estabelecimentos” (Derouet, 1992: 32).

Com o desgaste do estado – providência entramos no período da “escola das incertezas” (Queiroz, 1995), ou seja, a “escola entrou irremediavelmente num universo de justificação múltipla” (Derouet, 1992: 32) que apela, simultaneamente, a princípios de justiça e a lógicas de justificação, por vezes contraditórias, que só permitem regular a actividade dos actores educativos e fazer funcionar o sistema se forem pensados como compromissos locais (Correia, 1998: 108).

Este momento manifesta-se por uma decepção com a escola, que aumentou a partir do final dos anos 70. Foi o resultado de mudanças profundas que afectaram de forma ímpar a juventude, especialmente no que diz respeito à natureza da sua relação com a escola e com o mercado de trabalho e que é marcada pela incerteza. Esta situação se, por um lado, é objectiva é, por outro, vivida subjectivamente pelo sofrimento que comporta para o indivíduo, na medida em que não consegue definir o seu projecto de vida (Correia e Matos, 2001).

De acordo com esta tipologia proposta por Rui Canário, os sistemas educativos, quando concebidos numa dimensão exclusivamente nacional, tornam-se inaptos. As suas missões de reprodução de uma cultura e de uma força de trabalho nacionais perdem sentido, numa perspectiva globalizada, e dá-se a passagem de um paradigma da qualificação para um paradigma da competência (Canário, 2005: 83).

Parece claro que a escola já não se assume como “a instituição socializadora central” e apenas excepcionalmente, ainda, se reveste da sua missão “quase salvadora (a formação do homem-novo, do indivíduo-cidadão)” enquadrada no projecto da modernidade (Stoer e Magalhães, 2005: 40). Trata-se, agora, da reconfiguração do triplo mandato educativo, “o mandato meritocrático renovado”, que do ponto de vista sociológico assenta, principalmente, no “reposicionamento da classe média nova nos novos mercados de trabalho estruturados pelas formas emergentes de produção, distribuição e consumo” (Stoer e Magalhães, 2005: 32) e onde esta nova

classe média investe estrategicamente no capital cultural e escolar, como o aventou Bernstein (1989).

Desta forma, reitero que a escola meritocrática, geradora de exclusão social, está em crise. Consolidada, declinando a diferença, nunca foi uma escola que permitisse igualdade de oportunidades de acesso e de sucesso simultaneamente mas, permitiu a primeira e “não é possível a ninguém bem informado subestimar a importância desta ‘conquista’ como o cumprimento de uma das ‘promessas da modernidade’, conquista essa que tornou possível a criação na escola de um espaço de cidadania onde poderia concretizar-se a interiorização pelos alunos dos direitos sociais e humanos básicos” (Magalhães e Stoer, 2002: 24).

Desligar formação de competências, “performance” de pedagogia, e vice-versa, é cavar um fosso que não permite a relação entre as duas e, dessa forma, impede a excelência académica, “mediador entre as necessidades do mundo de produção, em que estamos todos imersos, e as especificidades do processo educativo” (*ibidem*: 100).

2.2. “Include me out!”

Se definirmos as políticas da diferença como o conjunto articulado de modos como, no Ocidente, os estados, as suas concepções e as suas práticas, regularam e regulam, pensaram e pensam e lidaram e lidam com a diferença, é possível identificar aí três níveis: o nível político, o nível epistemo-ontológico e o nível prático. O primeiro nível é o dos dispositivos legais e normativos que regulam, em termos de cidadania formal a relação dos diferentes aparelhos do estado com as pessoas e grupos diferentes (internos ou externos); o segundo nível localiza-se, aparentemente, a montante do primeiro e é referente às concepções e ao conhecimento sobre as diferenças; o terceiro nível é aquele que corresponde aos quotidianos das nossas sociedades na sua relação com as ditas diferenças. Estes três níveis surgem na prática, como dimensões da mesma abordagem, frequentemente imbricados na sua procura de mútua legitimação (Stoer e Magalhães, 2005: 9).

Neste contexto pós-moderno, que tem servido de base a esta reflexão, entendo que a construção de uma política das diferenças na Escola exigirá que passemos dos discursos às práticas, que se assuma a Escola como um espaço potencialmente democrático e inter/multicultural.

Stoer e Magalhães apresentam quatro modelos que procuram clarificar o tipo de conceptualização e de legitimação que as sociedades ocidentais foram incitando na relação com as diferenças (quadro 3), quer internas quer externas, e defendem que estes modelos foram erigidos uns sobre os outros, pelo que não encontramos os seus componentes separadamente uns dos outros. Eles são “activados em dados contextos articulando ao mesmo tempo as lógicas dos diferentes actores envolvidos e os factores estruturais que os enquadram na sua acção” (2005: 139).

Quadro 3 – Os 4 modelos da conceptualização/legitimação da diferença

<p>• Modelo etnocêntrico:</p> <p>O outro é diferente devido ao seu estado de desenvolvimento (cognitivo e cultural)</p>	<p>Fundado na boa consciência civilizacional do Ocidente. A alteridade não só é julgada a partir dos cânones estabelecidos como normais, como esta normalidade se torna normativa, isto é, a forma de pensar, de viver e de organizar a vida das sociedades ocidentais é obviamente postulada como superior à das outras sociedades e culturas. A história torna-se, assim, num processo de juízo civilizacional feito a partir do ponto fixo: o BEMCHUC (brancos, organizados socialmente pelo estado, masculinos, cristãos, heterossexuais, tendencialmente urbanos e cosmopolitas).</p>
<p>• Modelo da tolerância:</p> <p>O outro é diferente, mas a sua diferença é lida através de um padrão que reconhece essa diferença como legítima (a ser tolerada)</p>	<p>Os 'outros' são identificados no nosso seio e fora de nós. Já não sendo susceptíveis de ser colonial e exoticamente colocados fora do nosso convívio, urgia que lhes fosse atribuído um 'lugar'. A cultura da tolerância surge como a acção daquele que tolera sobre aquele que é tolerado, portanto, objecto da acção moral e política que o 'coloca' entre 'Nós'. A inspiração cristã e humanista não chega para esconder a arrogância ética e epistemológica daquele que diz que tolera.</p>
<p>• Modelo da generosidade:</p> <p>O outro é diferente e essa diferença é assumida como uma construção do próprio Ocidente</p>	<p>Fundado na má consciência do Ocidente enquanto paradigma social. O mundo confortável que construímos para nós, entre muros, faz-nos sentir culpados pela vida desolada dos 'outros'. A culpa, pela autocritica que lhe subjaz, torna-se em programa político: cuidar do 'outro'. O problema do 'outro' é o nosso problema, dado que historicamente este foi continuamente menorizado. Supõe-se que a sua emancipação é a nossa emancipação. São os 'sem voz' que têm que falar, mesmo que não queiram.</p>
<p>• Modelo relacional:</p> <p>O outro é diferente e nós também somos! A diferença está na relação entre diferentes</p>	<p>Recusa da boa e da má consciência prisioneiras do 'jogo de soma zero': <i>quem é que foi o mais oprimido e quem foi o mais opressor?</i> 'Nós' e 'Eles' somos partes de uma relação, o que torna a nossa posição mais frágil: já não somos o 'Nós' que tem a legitimidade universal de determinar quem são os 'Eles'. Mas ao assumirmos que a diferença também somos nós (o 'nós' transforma-se em 'eles'), é a nossa própria alteridade que se expõe na relação. Recusa da acção unilateral, por mais generosa que seja, sobre a alteridade, como se esta tivesse como natureza ser por nós cuidada e agida.</p>

Fonte: Stoer e Magalhães, 2005: 138

Mas a sua proposta foi mais além ao procurarem estabelecer uma correspondência entre esses modelos e as quatro perspectivas possíveis de se identificar na área da formação inter/multicultural, contribuindo, assim, para a reconfiguração da educação inter/multicultural.

Essa correspondência pode ser vista no quadro seguinte:

Quadro 4 – adaptado de “Modelos da conceptualização/legitimação da diferença e sua relação com educação inter/multicultural”

Modelos da conceptualização/legitimação da diferença	Formação inter/multicultural
Modelo etnocêntrico	1. A perspectiva assimilacionista
Modelo da tolerância	2. O multiculturalismo benigno
Modelo da generosidade	3. O multiculturalismo crítico 4. A acção anti-racista
Modelo relacional	5. “A diferença somos nós”

Fonte: Cortesão, L. *et al.*, 2000: 25-26

Assim, se “[o] outro é diferente devido ao seu estado de desenvolvimento (cognitivo e cultural)” (Stoer e Magalhães, 2005: 138) numa perspectiva assimilacionista, os grupos minoritários são integrados na sociedade dominante, que é tida como aquela que é correcta e beneficia os indivíduos, aceitando e absorvendo, indiscutivelmente, as suas regras e valores.

Estamos em presença de uma educação monocultural, em que os alunos são vistos como idênticos sem se pensar sequer em diferenciar o currículo ou tipo de relação pedagógica. Promove-se uma igualdade que, conseqüentemente, pretende esbater quaisquer diferenças de que os grupos e os indivíduos são portadores, ignorando-as, simplesmente. O etnocentrismo desta atitude é evidente, assim como o sofrimento que lhe está intrínseco, mas que nem é equacionado.

Se “o outro é diferente, mas a sua diferença é lida através de um padrão que reconhece essa diferença como legítima (a ser tolerada)” então, na óptica do que se chamou “multiculturalismo benigno” (Stoer, 1999) ou condescendente, o “outro diferente” é reconhecido, é tolerado, mas não há qualquer preocupação em conhecê-lo, embora seja olhado de uma forma “bondosa”, pois possui uma desvantagem, uma “deficiência”, um *handicap*, uma condição que o inferioriza, principalmente de ordem cultural: a diferença de que as crianças e os jovens das minorias étnicas e das classes trabalhadoras são portadores.

[P]assou-se, pelo menos na retórica dos documentos emanados do centro do sistema, a aceitar e a referir explicitamente a existência real de diferenças (cf. Leite, 1998). Mas geralmente isto fazia-se e faz-se na escola, através daquilo que se poderia designar pela folclorização dessas diferenças (...). Ora a simples constatação das diferenças, a adopção acrítica de um relativismo cultural (que se traduz por uma aceitação incondicional da diversidade) coexistindo com a ausência de análise das relações de poder sempre envolvidas nas situações em que diferentes culturas coexistem no mesmo espaço, tudo isto comporta também certos riscos (Stoer e Cortesão, 1999: 23).

A educação inter/multicultural é vista como compensatória cultural e pedagogicamente, centrando-se nos “estilos de vida” e não nas “oportunidades na vida” (Cortesão, Stoer e Magalhães, 2000: 25-26). Dessa forma, a sociedade dominante reforça o fosso entre ela e os “outros”, entre o “nós” e os “outros” arrogando-se no direito de decidir “quem tolera quem”. Mais uma vez os discursos e as práticas vão no sentido de “alguém” a inferiorizar, a menosprezar, “alguém” e fomenta-se a desigualdade e a exclusão. A desigualdade integra submetendo, tolerando a diferença, o que leva à permissão da presença funcional e/ou à exploração de grupos minoritários; a exclusão concretiza-se porque a sociedade dominante deixa de tolerar a existência de grupos minoritários e pretende expulsá-los ou eliminá-los (Santos, 1999; Stoer e Cortesão, 1999: 15).

Nas escolas, algumas práticas de “educação multicultural benigna” conduzem “somente a uma tentativa ‘caridosa’ e/ou tecnocrática de enfrentar a diversidade cultural na escola” (Stoer e Cortesão, 1999: 26), mas sem qualquer hipótese de alternativa relativamente à perspectiva castradora do etnocentrismo.

Quando se entende que “o outro é diferente e essa diferença é assumida como uma construção do próprio Ocidente” (Stoer e Magalhães, 2005: 138) então há questionamento, há auto-crítica a todas as acções empreendidas e assume-se uma culpa, uma consciência dos erros praticados na relação com as diferenças. A forma de atenuar essa culpa é, agora, “cuidando” do “outro” assumindo que os seus problemas são também os nossos. Pretende-se dar voz aos “sem voz”, mesmo que estes não queiram falar. E com a sua emancipação conseguimos a nossa.

Aposta-se no diálogo, valoriza-se a construção de “pontes” entre as culturas, mas porque se ganhou a consciência de que era necessário agir para refazer uma situação de injustiça.

É neste quadro sumário, fundamentado na teoria crítica, de que Adorno, Habermas e Marcuse são alguns dos seus representantes, que surgem dois tipos de formação inter/multicultural: o multiculturalismo crítico, onde a desocultação é tida como essencial para se entender as relações entre grupos com estatutos diferentes e que usufruem também de situações diferentes de poder de decisão, surgindo “como resposta contra-hegemónica da modernidade ao incumprimento das suas próprias promessas” (Stoer e Magalhães, 2005: 141); e a acção anti-racista, que os autores referidos anteriormente consideram não ser mais do que “o exercício de uma perspectiva crítica” suportada pela pedagogia crítica (*ibidem*: 142).

Giroux, representante da pedagogia crítica, com o seu trabalho possibilitou uma renovação da crítica social afirmando que o verdadeiro problema sociopolítico é o do exercício da democracia (Aronowitz e Giroux, 1985). Consagrando muita atenção

aos valores sociais defende que o objectivo da pedagogia crítica é a criação de um imaginário político que possibilite criar novas instâncias públicas, assentes em princípios de igualdade, liberdade e justiça, que favoreçam o sentido de responsabilidade social e desencadeiem atitudes activas de luta no quotidiano.

A pedagogia crítica, ao situar-se num “paradigma radical” (Giroux, 1992), pretende criar e utilizar uma linguagem crítica, um discurso novo (Laclau, 1990; Giroux, 1992), pois a linguagem da pedagogia crítica é a da “democracia crítica” (*ibidem*).

Nesta corrente é acentuado o carácter sociocultural do conhecimento sendo aquela um conjunto de práticas textuais, verbais e visuais através das quais as pessoas aprendem a compreender-se a si mesmas e a analisar as suas relações com os outros e com o meio (*ibidem*). Os formandos devem desenvolver uma visão multiétnica, ecológica, anti-racista, anti-patriarcal, da comunidade democrática, respeitando as diferenças entre os indivíduos e os grupos. Os educadores são trabalhadores intelectuais, transformadores intelectuais (Giroux, 1992), que deverão questionar os currículos constituídos e, sobretudo, o “currículo oculto” (Giroux, 1983), sempre numa constante vigilância crítica das suas atitudes.

Stoer e Cortesão (1999: 31) alertam-nos para a convergência, e até complementaridade, de posições que McCarthy (1994), Carr e Kemmis (1986) demonstram nas suas posições, no sentido da construção de práticas assentes na linha da investigação-acção, e afirmam:

As propostas de Carr e Kemmis e de McCarthy constituem um exemplo do trabalho que vários outros autores também desenvolvem: o da situação em que é visível a articulação fácil, e que se apresenta como fecunda entre teoria crítica, investigação-acção e as tentativas de abordar problemas decorrentes da educação face à diversidade (Stoer e Cortesão, 1999: 31).

Na perspectiva que tenho vindo a explicitar, Stoer e Cortesão defendem, acentuando o caso português, que a educação inter/multicultural democrática e crítica depende da capacidade que os educadores e professores revelarem na apropriação do que designam por o espaço democrático da cidadania proporcionado pela escola (ver Stoer e Araújo, 1992: 159; Stoer e Cortesão, 1999: 49), pois “as ‘boas pontes’ que tomam em conta as margens em que se apoiam, terão de valorizar também outras culturas para além da escola, estimulando, simultaneamente, atitudes reflexivas face aos progressos globais de educação” (*ibidem*: 60).

Apesar das enormes virtualidades do posicionamento do multiculturalismo crítico e da acção anti-racista, relativamente às abordadas anteriormente, parece-me que a diferença ainda continua a não assumir o seu próprio discurso, tendo quem fale por ela, quem a represente.

O modelo relacional ou abordagem relacional, assume a referida consciência crítica do modelo da generosidade, mas não aceita que a abordagem da diferença seja referida ou dita a partir de um centro qualquer que não o que resulta da própria relação entre as diferenças presentes (Stoer, Magalhães e Rodrigues, 2004: 91).

É o assumir da “nossa” diferença que irá redefinir a relação que se estabelece entre as diferenças, pelo que o multiculturalismo crítico e a acção anti-racista não conseguem renovar a educação inter/multicultural (Stoer e Magalhães, 2005: 142).

Stoer, agora assumindo uma atitude crítica quanto a posições suas adoptadas anteriormente, reitera com Magalhães que o que passa a estar em causa nesta visão é “as rebeliões das diferenças” (Stoer e Magalhães, 2001) que, assumindo-se como agência reclamam ser elas próprias os seus porta-vozes, os sujeitos do discurso sobre si próprias. A cultura ocidental deixa de ser tomada como o modelo, o padrão de comparação, e a diferença também somos “nós”.

A natureza conflitual, “não sincrónica”²⁵, e a sua negociação serão aspectos com os quais se terá de aprender a lidar, fugindo ao medo que funda o preconceito e a exclusão.

O lidar com as diferenças não tem como sinónimo ser relativista face às diferentes culturas levando-as ao seu próprio isolamento e excluindo-as, assim, da possibilidade de participar no fenómeno de globalização; ser anti-etnocêntrico faz-nos cair noutro tipo de etnocentrismo. Parece possível defender o anti-anti-relativismo de Geertz (1985) e o anti- anti-etnocentrismo de Rorty (2000), gerindo-os. Creio que o problema que se volta a colocar é o da necessidade de fazer conviver as diferenças, de modo a que agentes de justiça e de amor coexistam e se possa criar uma sociedade democrática (Stoer e Magalhães, 2005: 134-135).

Esta nova forma de nos posicionarmos face às diferenças, que estão em tudo e em todos, obriga-nos a pensar na incomensurabilidade como a sua medida e a expormo-nos na relação não como referências, mas como mais uma possibilidade.

O paradigma emergente manifesta-se sobretudo na proliferação das margens, na multiplicação das escalas que as definem e na variedade de cartografias que guiam os nossos passos. Em lugar de uma competição entre centros, a transição paradigmática é, poderíamos dizê-lo, uma competição entre margens. A cumplicidade simbiótica entre a fronteira e a transição paradigmática reside nesta escassez de centros e na abundância de margens. Viver na fronteira é viver nas margens sem viver uma vida marginal (Santos, 2002: 327).

Assim, do desejo de estabelecer pontes entre culturas apreendidas como incompletas, passamos à consideração das “margens do nosso lado, da nossa

²⁵ O conceito de não sincronia, invocado por McCarthy, defende a posição “de que os indivíduos ou grupos na sua relação com as instituições económicas, políticas e culturais, tal como as escolas, não partilham ao mesmo tempo visões, interesses, necessidades ou desejos idênticos” (McCarthy, 1988: 275).

diferença” que “podem traduzir-se num projecto de gestão da diferença, mas nunca na sua dominação” (Stoer e Magalhães, 2005: 140).

Os *curricula*, os dispositivos e os processos de ensino-aprendizagem devem repercutir essa perspectiva segundo a qual se assume, relacionalmente, a incomensurável diferença dos outros e da nossa própria, ao mesmo tempo que não se deve evitar soçobrar nos braços do voluntarismo e da ingenuidade, por exemplo em relação às características extremamente selectivas dos novos mercados de trabalho.

(...) As políticas curriculares, parece-nos, ganhariam em assumir-se como terreno de dissenso, de confronto cultural, e menos como reduto último de identidades (mesmo a identidade nacional) que disfarçam sob o manto de um consenso sem conteúdo a perda da sua legitimidade social (*ibidem*).

É inequívoca a dedução de que, partindo destes princípios, o que está em causa é “a escola reclamada” (Stoer, Magalhães e Rodrigues, 2004; Stoer e Magalhães 2005, 2006) e não a atribuída, o que se prende com emergência de uma nova forma de cidadania individual e colectiva, também ela cada vez mais “reclamada” onde o local parece ser seu elemento estruturador.

Reconheço que não estamos em presença de fenómenos românticos onde apenas “as identidades individuais e colectivas e as culturas oprimidas reclamam a sua visibilidade social” (Magalhães e Stoer, 2006: 166), pois as chamadas “novas classes médias novas” também reclamam o que desejam para manter, aflitivamente, o seu *status quo*, mas diante da possibilidade de uma maior diversificação dos projectos educativos a desenvolver.

Beck alega que a “individualização” não designa “atomização, isolamento, solidão, o fim de todos os tipos de sociedade, ou a impossibilidade de relacionamento”, nem a “emancipação ou o renascimento do indivíduo burguês após o seu falecimento” (2000: 13), mas, antes de mais, a “individualização” refere-se a processos de descontextualização e recontextualização dos modos de vida da sociedade industrial que os substituem por outros diferentes, nos quais os indivíduos são impelidos a “produzir, encenar e montar eles próprios as suas biografias” (*ibidem*), biografias, estas, que são reflexivas (Giddens, 1997). Nesta concepção os indivíduos não são livres de querer a sua individualização, pois ela impõe-se.

A individualização é uma compulsão, mas uma compulsão para o fabrico, autodesenho e auto-encenação não apenas da nossa própria biografia, como também dos nossos compromissos e redes, à medida que as nossas preferências e fases da vida mudam, mas, é claro, sob as condições e os modelos gerais do Estado de bem-estar, como seja o sistema educativo (adquirindo diplomas), o mercado de trabalho, o direito laboral e social, o mercado imobiliário e assim por diante. Mesmo as tradições do casamento e da família estão a começar a ficar dependentes da tomada de decisão, e devem, com todas as suas contradições, ser sentidas como riscos pessoais (Beck, 2000: 15).

Também Bauman reforça a ideia de individualização como destino e não como escolha. Em sua opinião, há um fosso imenso entre “a individualidade como destino e

a “individualidade como capacidade prática de auto-asserção” ou individuação (Beck, 1992: 128), pois um indivíduo apenas “individualizado” não pode escolher por não ser um indivíduo auto-sustentado e auto-afirmado (2001: 47).

Com o desenvolvimento da sociedade em rede dilui-se o conflito entre, por um lado, o conhecimento como veículo de formação e competências essenciais e, por outro, como formação integral do indivíduo. A reconfiguração deste processo advém das “transformações da natureza do trabalho, do mercado de trabalho, da vivência da cidadania e da afirmação sem precedentes das identidades pessoais e grupais” (Magalhães, 2007: 32).

Stoer e Araújo afirmam que Sousa Santos define o sistema educativo como sendo “um agrupamento de relações sociais que ocupam uma posição intermédia (entre o Capital e o Trabalho, a que falta uma autonomia estrutural, (...)) heterogénea na sua textura interna, já que combina elementos de todos ou de alguns espaços estruturais” (nomeadamente o espaço doméstico, o espaço da produção, o espaço da cidadania e o espaço mundial) (Stoer e Araújo, 1995: 155). Ora, estes espaços estruturais ao desenvolverem-se de uma forma contraditória reflectem-se no sistema educativo alterando-se, diacronicamente, o posicionamento deste último.

Se a gestão política dos sistemas educativos se vê confrontada com a substituição da sua lógica moderna, “de cima para baixo”, promotora do triplo mandato educativo (formação de indivíduos, cidadãos e trabalhadores), por outra lógica mais despretensiosa, “de baixo para cima”, tal acontece porque os projectos dos indivíduos e dos grupos passam por situar a educação escolar como parte integrante dos seus planos. Tal acontecimento terá de conduzir a uma reconfiguração da acção do Estado, nomeadamente no caso português, pois “é necessário desenvolver, no contexto da sociedade da informação e do conhecimento, um esforço importante para apoiar a capacidade de aprender daqueles que correm os maiores riscos de serem marginalizados” (Magalhães, 2007: 33).

Em Portugal, onde assistimos à simultânea crise e consolidação da escola de massas e do processo de democratização do acesso e do sucesso (Stoer e Araújo, 2000), esta reconfiguração terá de acontecer ao mesmo tempo que aquela crise é gerida, dado que não há etapas históricas a cumprir num mundo que crescentemente se afirma como espaço sem tempo (Magalhães, 2007: 33).

Nesta linha, a escola ao constituir-se, simultaneamente, como um lugar de reprodução social e um instrumento reflexivo a ser utilizado nas narrativas pessoais transforma-se numa “das realidades mais ‘sociológicas’ das nossas sociedades” (Magalhães, 2001: 324). Ou seja, a escola conquista centralidade por constituir-se “como espaço e tempo de vivências e de expressões de si” (*ibidem*: 327) e não tanto pelo seu papel no processo de socialização. Assim,

a escola pode ser dimensionada em termos de práticas sociais com um sentido emancipador, incluindo aí a ideia de que surge como material identitário que os sujeitos podem manipular de acordo com as suas estratégias de vida. A construção das identidades pessoais pode encontrar nesses espaços e tempos, no cruzamento das possibilidades oferecidas e construídas nos lugares estruturais, oportunidades reflexivas, que permitem construir guiões que, pelo menos, abram o possível ao desejável (*ibidem*).

Como Magalhães alerta, a perspetivação da “educação como forma privilegiada de mecanismo emancipatório” não nos pode fazer esquecer que o projecto educativo já é algo proposto de um “Nós” para um “Eles” o que acentua o seu carácter dilemático podendo gerar resistências e até recusas (2007: 30). Se a escola como política redistributiva se enredou em si própria e parou o seu desenvolvimento, para se renovar necessita de se descentrar e assumir lógicas de desenvolvimento que não se circunscrevam à “lógica do território nacional da escolarização moderna” (*ibidem*: 31), ou seja, a escola só pode refundar-se se, através de uma “cidadania reclamada” for exigido um processo de formação escolar que se articule com as novas necessidades do mercado de trabalho, agora assente na informação e no conhecimento (*ibidem*).

2.3. Possibilidades de agência política

Somos cada vez mais translocais (Fortuna, 1999). A globalização, ou mundialização na perspectiva de Carnoy (2001), obriga a que os estados-nação necessitem de se reposicionar numa rede de informação e conhecimentos onde parecem não ser mais do que nódulos num espaço de fluxos.

Assumindo uma posição de soberania intermédia essa reconfiguração surge entre o local e o supranacional. O local que não é necessariamente coincidente com o espaço territorial, nem com a comunidade local, pois não se esgota nele. Mas se a rede se amplifica, então qualquer produção de conhecimento local passa a ser global e vice-versa.

Hoje, parece que uma das formas de se ser excluído é não pertencer à rede (Castells, 2005), o que leva autores como Visvanathan (2001) a defender que é necessário criar modelos alternativos ao desenvolvimento fora da rede. E de alguma forma se lhe pode pertencer. O mercado assoma como uma dessas formas assim como elemento promotor de uma racionalidade de homogeneização das diferenças, ao regular a vida social e impedindo que os sujeitos reclamem uma posição na dita rede.

“Com a emergência do pós-fordismo e com as decorrentes transformações no modo de produzir, distribuir e consumir, o conhecimento (...) é reconfigurado como rede comunicacional e informacional, e como mercadoria, assumindo um lugar central

na produção” (Stoer e Magalhães, 2003: 1196) o que tem questionado o seu lugar no processo educativo e, especialmente no desenvolvimento dos indivíduos.

Tenho total dificuldade em aceitar que seja o mercado, ou outra entidade equalizante qualquer, a impor-se nas nossas vidas definindo quem está incluído ou excluído socialmente, embora admita a importância que aquele assume. Considero, por isso, fundamental equacionar outras perspectivas, nomeadamente aquela que é defendida por Carnoy (2001) e que abre a possibilidade de pensar numa nova reconfiguração partindo da intervenção ao nível da educação, funcionando esta como um processo de formação ao longo da vida onde o desenvolvimento das identidades cumpre um papel fundamental. Nesta óptica, o conhecimento permitirá que os indivíduos sejam competentes para circular em num mercado de trabalho reorganizado pelo capitalismo informacional (Castells, 2005).

A “escola reclamada”, ao contrariar o projecto da modernidade desenvolvendo-se de “baixo para cima”, e conjugada com o “estado em rede”, abre campo para perspectivar as possibilidades de agência política, ou seja, se por um lado é um conjunto de ameaças também é um conjunto de oportunidades, por outro: tanto pode sentenciar os cidadãos a permanecerem indivíduos eternamente, como permitir a reconfiguração das identidades a partir do momento em que a educação escolar passa a fazer parte dos projectos dos próprios sujeitos, na sequência de uma reflexividade social que caracteriza o exercício da cidadania (Giddens, 2002).

Considero que a diferença é a base que permitirá construir novas alternativas para uma sociedade mais inclusiva. Relativizando o nosso “nós” estamos em condições de gerir a diversidade cultural e de nos implicarmos na mudança social. A metáfora do bazar do Kuwait, proposta por Geertz, é criticada por David Rodrigues pela “bondade” que lhe parece estar implícita, comparando-a à da defesa da Educação Inclusiva ao nível dos princípios. Este autor refere que não se consegue discutir a Educação Inclusiva sem se atender à questão do poder para que se passe então “de um etnocentrismo arrogante para uma posição de respeito pelas diferenças” (Rodrigues, 2006: 21).

De acordo com Magalhães e Stoer, a metáfora do bazar do Kuwait, de Geertz, defende que, numa época de globalização, o mundo se assemelha progressivamente a “uma enorme colagem” (2005: 134). Ora, esta metáfora do bazar em conjunto com “a diferença somos nós” podem ser os “elementos estruturadores” para fundamentar um processo de inclusão, erigido no direito à diferença e, por isso, permitir “a reconfiguração da esfera pública como um espaço de regulação, um espaço em que a justiça redistributiva esteja ligada ao reconhecimento das diferenças e constitua uma

geometria variável” (*ibidem*). Esta geometria variável vai derivar do poder²⁶, ou melhor, da forma como as relações de poder se exercem (Foucault, 1982) e do conflito entre as diferenças, o que fará com que os equilíbrios sejam efémeros e inconstantes: “a democracia já não é um ‘estádio’, mas um fim em si mesmo (ou sem fim)” (Magalhães e Stoer, 2006a: 72-74).

Como defende Bernstein, “a esperança essencial para a mudança surge não da própria esperança, mas da compreensão dos diversos modos de regulação da consciência e da sua regulação com as diferentes bases sociais” (1989: 398), o que nos levará, provavelmente, a assumir com humildade e flexibilidade a exigência dos tempos que vivemos, na convicção de que

a agência política que procura articular desejabilidade e possibilidade, embora não fundada em quaisquer metanarrativas, não só é politicamente viável como reflexivamente iniludível, pelo menos para a leitura futurante que fazemos da condição pós-moderna como cumprimento das promessas por realizar da modernidade. A agência docente é viável, desejável e politicamente efectiva, sendo as proposições da crítica sociológica não um atavismo aniquilador da acção, mas um relativizador, um convite constante à humildade política (porque a mudança à superfície, não é a verdadeira mudança) e científica (porque a reflexividade, como já se viu, circula, nas texturas sociais, sob a forma de dupla hermenêutica) (Magalhães, 1998: 96).

Acredito que a escola democrática é um espaço dos possíveis, “agenciável politicamente” (Magalhães, 1998: 112), a necessitar de reconfiguração de acordo com o novo paradigma emergente caracterizado duplamente pela conflitualidade e reflexividade.

“A diferença somos nós” (Stoer e Magalhães, 2005), pensando as diferenças a partir das próprias diferenças, do que elas querem dizer, e não a partir do discurso científico elaborado sobre elas, e quase sempre sem elas, parece-me ser a proposta que, não desperdiçando toda a experiência, todo o conhecimento anterior, nos permite reconfigurar relacionalmente as questões da diferença, conscientes da exigência que tal comporta, mas cientes que é neste equilíbrio instável de tentativa de gestão que cada um pode encontrar o seu próprio espaço na rede, jogando as regras, que lhe permita reclamar o que valida construir o projecto que dá sentido a cada indivíduo e onde cada um tem voz própria fazendo o seu percurso da individualização para a individuação.²⁷

²⁶ Boaventura Sousa Santos refere que “o poder é qualquer relação social regulada por uma troca desigual. É uma relação social porque a sua persistência reside na capacidade que ela tem de reproduzir desigualdade mais através da troca interna do que por determinação externa (2002: 248).

²⁷ Segundo Ulrich Beck (1992) no processo de individualização, em consequência da modelagem institucional, o indivíduo vê-se sentenciado a satisfazer as suas próprias necessidades sem ter, forçosamente, um maior controlo sobre a sua vida; na ‘individuação’ o indivíduo, apesar de não controlar todo o processo, vai construindo a sua unicidade/ singularidade, emancipando-se na medida em que efectua as suas próprias escolhas.

3. Jovens e juventudes: semelhanças e/ou diferenças?

3.1. Juventude: o nascimento da categoria

O que quer dizer “ser jovem” nos tempos que vivemos?

Ser jovem não significou em todos os tempos a mesma coisa e não é mesmo certo que tenha sempre significado alguma coisa (Galland, 1999: 6), estando o conceito de juventude profundamente enlaçado com o estatuto social que os jovens têm vindo a conquistar no contexto das sociedades ocidentais, industrializadas.

Philippe Ariès (1980) mostrou que entre os finais do século XVIII e o começo do século XIX se elabora a definição de criança como ser a educar e que se inicia a distinção das crianças pela sua idade. Ao poder relacionar-se este facto com o comportamento das elevadas taxas de mortalidade infantil e o início do decréscimo das taxas de natalidade em França, a categoria social *infância* surge como resultado de um processo de construção social. Não se concebia, portanto, nenhuma fase transitiva entre a infância e a adultez.

A acção do Estado de generalizar a instrução a todas as crianças, tornando-a obrigatória e gratuita, fundada sobre a ideia de criança como um ser a educar, reforçou e difundiu aquela ideia na sociedade (Ariès, *ibidem*).

A promoção da infância, e depois da juventude, é atribuída à burguesia abastada na sequência da diminuição das taxas de natalidade. Assim, a partir do século XVIII, esta classe social vai, gradualmente, transformando a forma de olhar a sua descendência, conferindo uma maior atenção aos seus filhos e à sua educação, por serem tomados como um capital que deve frutificar. O triunfo dos ideais da Revolução Francesa, a proclamação do direito de igualdade para todos à nascença, arquitecta esta ambição de promoção social que só será conseguida através da educação fora da família, na escola, e que conduz ao surgimento de uma nova categoria social, a da juventude. Pode concluir-se, então, que a *invenção* da juventude, como idade de vida, se encontra também associada à emergência da escola como instância educadora e de socialização das novas gerações, que prolonga o tempo de transição da infância para a adultez.

3.2. Juventude e identidade

No discurso da Psicologia a juventude é habitualmente designada por adolescência o que atribui a este conceito um alicerce biológico. A Psicologia conceptualiza a adolescência como uma etapa do desenvolvimento humano indispensável para o crescimento e maturação física e psicológica (Sprinthall e Collins,

1999: 151). Nesta fase, o adolescente procura construir e edificar de uma forma pro-activa a sua identidade, que exercita e se afirma como ser independente, autónomo, diferente do outro, com necessidades, interesses, capacidades e linguagens diferentes.

Cordeiro defende que

a compreensão dos fenómenos psicológicos da adolescência abrange dois aspectos: a trajectória evolutiva da pessoa, da gestação à terceira idade – a perspectiva do desenvolvimento; a inter-relação permanente indivíduo-meio, isto é, os grupos em que o jovem está integrado (família, escola, grupos desportivos, recreativos, culturais, etc.) – a perspectiva psicossocial” (1987: 139).

Considerada a adolescência como um período em que a mudança é a principal fonte de toda a novidade, ela é tida como a origem a um conjunto vasto de novas capacidades para o jovem. O seu corpo adquire uma outra forma, uma nova atitude e linguagem; ele pensa agora as possibilidades, as hipóteses e, de uma forma mais abstracta, os outros passam a ter um maior peso e a determinar a vida do indivíduo, as suas motivações e os seus comportamentos (Sprinthall e Collins, 1999). Nesta etapa de vida pode dizer-se, então, que a Psicologia identifica como prioridades o desenvolvimento da autonomia e da intimidade identificando como principais tarefas desenvolvimentais:

- o desenvolvimento pubertário que marca o início da adolescência bem como as reacções a essas mudanças;
- o desenvolvimento cognitivo;
- as modificações na socialização com incidência na predominância do grupo de pares enquanto referente de padrões de conduta;
- a construção da identidade, isto é, a construção do *self* (Claes, 1985) ;
- o desenvolvimento moral que se refere “ao processo de progressiva complexificação do raciocínio subjacente ao juízo sobre o bem, mal, justo e injusto” (Coimbra, 1990: 29) bem como à capacidade de aceitar e seguir um sistema de regras. Mas de acordo com Sprinthall e Collins (1999: 192) “[s]e existe alguma ideia que seja universalmente atribuída ao processo de crescimento pessoal durante a adolescência, ela refere-se ao desenvolvimento da identidade”.

Eric Erikson (1976) associou o desenvolvimento da adolescência à ideia de crise da identidade. Tal associação fundamenta-se na concepção de adolescência como fase de transição para a adultez onde a maturação biológica e psicológica origina o conflito pessoal desencadeador de conflitos sociais. É, assim, a tentativa de atribuição de um sentido coeso à própria existência e à realidade, afirmando-se perante si próprio e perante os outros. A sua teoria defende que o crescimento psicológico sucede mediante estádios e fases inter-relacionados, de acordo com um plano de

fundo. A passagem sucessiva de uns estádios a outros não ocorre, por isso, aleatória nem automaticamente, mas de acordo com as orientações gerais desse pano de fundo. Para este autor, a identidade é tida como algo uno, com características dinâmicas e adaptáveis e que permanece para além do passar dos tempos (Erickson, *ibidem*). Vista como um processo complexo a construção da identidade acompanha o ciclo de vida do indivíduo. Neste processo a construção biológica, a organização pessoal da experiência e o meio cultural concedem significado, forma e continuidade à existência do indivíduo. O desenvolvimento do indivíduo é determinado e ocorre num contexto social marcado pelas relações interpessoais, pela interacção com a família, com as instituições sociais e com a cultura num momento histórico particular. Erikson afirma que a construção da identidade envolve um sentido de unicidade – “a unicidade da personalidade é sentida, agora, pelo indivíduo e reconhecida pelos outros, como tendo uma certa consistência ao longo do tempo, como se fosse um facto histórico irreversível” (1976).

Alan Waterman (1985) defende que o desenvolvimento da identidade não acontece de acordo com uma sequencia invariável de estádios e que a formação da identidade pode ocorrer de forma diferente para ambos os sexos e para os adolescentes negros e de outros grupos minoritários, quando comparados com jovens brancos da classe média, podendo também apresentar diferenças quando se comparam jovens universitários e não universitários.

Mas “a questão dominante desta fase, como de qualquer outra, é a garantia de que o ego activo e selectivo está no comando e capacitado para estar no comando, graças a uma estrutura social que confere a um dado grupo etário o lugar de que necessita – e em que é necessitado” (Erikson, *ibidem*: 247).

Para Erikson será a formação de uma identidade coesa que determinará a possibilidade de lidar com os desafios inerentes aos momentos iniciais da idade adulta, ou seja, a capacidade para perceber e agir de acordo quer com as suas ideias e sentimentos quer com as ideias e sentimentos dos outros, o que ele considera fundamental para atingir a maturidade psicológica na adolescência (Sprinthall e Collins, *ibidem*; 239).

A Psicologia ao definir a juventude como uma fase desenvolvimental de transição entre a infância e a idade adulta e, assim, a partir da idade, tem inerente problemas que se prendem com o facto de não se ordenarem da mesma forma, para os dois sexos, os acontecimentos que marcam a passagem à idade adulta e de se tornarem cada vez mais confusos os limites biológicos e sociais desta mesma fase.

As diferentes abordagens da Psicologia Social tendem a privilegiar na sua terminologia o uso de juventude em vez de adolescência por se aproximar mais da conceptualização de juventude como categoria socialmente construída.

3.3. Paradoxos da Juventude

A juventude, sendo um processo de socialização (Galland, 2004: 58), é, assim, uma construção social e histórica permanente, cujas condições de definição se alteram de acordo com as mutações sociais. O aumento da sua visibilidade social deve-se ao intervalo de tempo que ocupa como fase transitória, de experimentação, que se tem prolongado, principalmente, entre a família e a escola como entidades socializadoras dominantes. Pais, refere que na perspectiva histórico-social “a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados ‘problemas sociais’ ” (2003: 30). É a ênfase na visão da juventude como problema. As mutações socio-económicas que ocorreram, sobretudo a partir dos anos sessenta do século XX, permitiram que a juventude e os seus problemas passassem a ser relevantes quer para os *media* como para os políticos e pesquisadores (Tanguy, 1986; Grácio, 1990; Galland, 2002; Pais, 2003).

A noção de juventude, encarada como fase de vida entre a infância e a idade adulta, ganha visibilidade com o reconhecimento de problemas sociais que afectariam especialmente esta categoria (Pais, 1990).

De acordo com Pais, o termo “juventude” revela um paradoxo, pois manifesta ideias e conceitos distintos (2003: 41). Desta forma, a Sociologia da Juventude tem-se posicionado entre duas tendências: a da unidade, que concebe a juventude como um todo homogéneo constituído por indivíduos idênticos que pertencem a uma mesma fase de vida, procurando-se as similitudes de uma cultura juvenil particular e caracterizada, principalmente, em termos etários e a da diversidade, quando se tomam em linha de conta as diferentes características sociais que distinguem uns jovens dos outros, e que levam à identificação de diferentes culturas juvenis (Pais, 2003: 44). Estas duas abordagens da Sociologia da Juventude congregam diferentes teorias que originam duas importantes correntes: a geracional e a classista sintetizadas no quadro seguinte:

Quadro 5 – A corrente Geracional e a Classista

	Corrente Geracional	Corrente Classista
Noção de Juventude	Juventude é uma fase de vida; Reforçado o seu aspecto unitário; Membros de uma geração com problemas semelhantes; Definida em termos etários e sem condição social.	<i>Culturas juvenis</i> = a <i>Culturas de classe</i> ; Reforçada a diversidade mas determinada, especialmente, pelas origens sociais; <i>Culturas de resistência</i> às contradições de classe.
Análise Valorizada	Valorizadas as teorias de socialização e geração: Análise das continuidades/descontinuidades intergeracionais, conservação ou não das formas e conteúdos das relações sociais entre gerações.	Valorização das teorias classistas da reprodução social; Análise da reprodução das classes sociais.
Conteúdos da Teoria	Existência de uma <i>cultura juvenil</i> que se relaciona com a <i>geração adulta</i> através quer da: <i>Socialização contínua</i> – continuidade e reprodução da cultura adulta na juvenil através de um relacionamento aproblemático causando socialização dos jovens e a juvenalização da sociedade (anos 50); quer de : <i>Rupturas, Conflitos ou crises intergeracionais</i> – destaque das descontinuidades através do relacionamento problemático, mas sempre por oposição à cultura da geração adulta não considerando a juventude como autónoma (anos 60).	Atenção para a divisão social entre os jovens, afirmando homogeneidade entre os valores e comportamentos de jovens da mesma classe social e a heterogeneidade de comportamentos e valores entre os jovens de diferentes condições sociais.
Transição para a Vida Adulta	A transição para a vida adulta dá-se através da reprodução de crenças, normas, valores e símbolos das gerações mais velhas sendo possível certas atitudes desviantes que surgem, no entanto, por oposição à geração adulta.	As formas de transição para a vida adulta são diversificadas pois são pautadas por mecanismos classistas.
Críticas à Teoria	Vê a juventude apenas enquanto entidade homogénea; Determinismo em relação às influências das gerações mais velhas; Quando estuda os comportamentos desviantes tende a tomar a juventude marginal como um todo.	Determinismo que leva à dificuldade em explicar situações de homogeneidade de atitudes entre jovens de classes diferentes e situações de heterogeneidade de atitudes entre jovens da mesma classe.
Semelhanças entre as Teorias	Associação à cultura dominante e determinismos (corrente geracional - domínio das culturas mais velhas; corrente classista - resistência à cultura dominante); Recorrência à noção de segmentação do mercado de trabalho quando se referem à inserção profissional dos jovens (corrente geracional - segmentação por idades; corrente classista - segmentação por classes sociais).	

Fonte: Sousa, Filomena, "O que é ser adulto?" [online]: <http://www.seradulto.com/index2.htm>,

07-05-14

Mais do que as semelhanças entre os jovens, ou grupos de jovens, importa procurar as diferenças sociais existentes entre eles. Cada jovem é um actor social, um potencial actor da sua socialização. O jovem, actor social, age e reage por si próprio e constrói as situações. A visão dos jovens como actores sociais implica que a socialização seja assumida como processo interactivo, processo permanente de construções de disposições, de representações que, por isso, inevitavelmente, exercem efeitos socializadores sobre os adultos.

Se “o aparecimento da juventude é um produto histórico do processo de industrialização tecnológica das sociedades e da escolarização de massas” (Cruz, 1984: 286) os seus limites são definidos sobretudo pelas condições sociais e não, sobretudo, pelas biológicas ou cronológicas, embora estas se encontrem associadas à construção social da juventude. Esta categoria surge, então, como passível de se alterar ao longo do tempo uma vez que se vai reformulando de acordo com os novos contextos sociais, económicos e políticos específicos de um determinado espaço e tempo.

Assim, com a juventude foi desenhado um modelo de passagem à vida adulta cujos principais critérios seriam o fim dos estudos, a inserção socioprofissional, a constituição de um novo lar e, por conseguinte de uma nova família. Actualmente, estes preceitos parecem não se adequar e os jovens deparam-se com uma séria dificuldade que consiste em sair da juventude para aceder ao estatuto de adulto (Deniger, 1996). A juventude revela-se como um período de indeterminação social e profissional que tende a prolongar-se. As suas fronteiras surgem fluidas, ambíguas, o que é testemunhado pela expressão “jovem-adulto” e o seu tempo de duração alongou-se (Roy, 2002).

Segundo Jean-François René (1993) para além deste alongamento no tempo de passagem que é a juventude, ela surge como um período de vida marcado por uma indeterminação crescente em que os jovens vivem uma situação de precariedade que apresenta diferentes facetas e que provoca uma mudança significativa na juventude: de um tempo de vida, ela transforma-se num espaço de vida precário. A sua justificação para esta concepção assenta nos argumentos de que os jovens se instalam neste espaço de vida por um tempo indefinido e que este espaço não é de completa exclusão, nem de integração ou instalação na vida adulta. Mas a juventude também tem em comum “um profundo investimento narcísico e de confrontação com os outros, resultante dos processos de construção das identidades, elas próprias plurais, ambivalentes e sincréticas” (Lopes, 1997: 45).

Para que se compreendam as realidades sociais, os jovens devem ser tomados em linha de conta na escola, na família, na sociedade em geral, e não apenas como

alunos ou como filhos, mas como membros de tal ou tais grupos sociais integrados num processo de socialização e, mais alargadamente, como actores dotados de competências para agir e reagir às situações. Considerando esta heterogeneidade ter-se-á de falar em jovens e não no jovem e em juventudes e não na juventude. Para entender as culturas juvenis (Pais, 2003), não é suficiente realizar uma síntese das duas teorias referidas anteriormente, mas considerar as novas tendências económicas, as novas divisões do trabalho e as modificações do processo de inserção dos jovens no mercado, que a partir dos anos 70, do século XX (e em Portugal a partir dos anos 80) produzem uma nova condição social da juventude (Roberts e Parsell, 1990) marcada por aspectos tais como:

desemprego e a marginalidade: jovens que deixam a escola e têm experiência directa com esse problema. O desemprego ameaça mesmo os que têm trabalho e é um receio para todos os jovens. O desemprego apresenta um carácter endémico, muitos jovens encontram-se hoje “a mais” (Coleman, 1985; Roberts & Parsell, 1990), aumentando as situações de exclusão e marginalidade juvenil; a Inversão das contradições: até aos anos 70 – jovens podiam trabalhar e ter salários de adultos antes de terem o direito a casarem sem consentimento dos pais; após os anos 70 – jovens obtêm os direitos dos adultos antes de serem economicamente independentes; transições prolongadas: enquanto o ingresso em empregos de adulto se tornou mais demorado, prolonga-se também a juventude com o aumento da ocupação escolar (“democratização do ensino” secundário e superior) e a difícil entrada no mercado de trabalho; incerteza: incerteza em relação ao futuro, em relação ao que se vai ser e fazer. Incerteza que advém da instabilidade característica das dimensões da vida adulta – profissional, familiar, emocional e financeira; novas divisões: Até aos anos 70 – divisão entre a maioria de jovens que iniciavam cedo uma actividade profissional e uma minoria que continuava os estudos após a escolaridade obrigatória; divisões entre as jovens domésticas, as operárias e as empregadas de escritório. Após os anos 70 – divisão entre a maioria de jovens que continua os estudos e a minoria que sai cedo da escola e começa a trabalhar; divisão entre jovens de classe média alta com melhores empregos que os das classes baixas (“nova sub-classe” de jovens escolarmente mal sucedidos) que se encontram no desemprego ou subemprego (Coleman, 1985).

“A pluralidade de situações e a multiplicação de discontinuidades e estatutos híbridos e provisórios parecem ser o essencial da condição juvenil actual” (Lopes, 1997: 38). Para este autor “[s]er jovem no presente momento histórico das sociedades ocidentais é estar permanentemente de passagem e, em certa medida, ser prisioneiro das condições sociais dessa mesma passagem. Não mais se conseguem identificar as transições ritualizadas de um estatuto (o de estudante, por exemplo) para outro (o de trabalhador); pode ser-se simultaneamente várias coisas, em vários espaços, e transitar com grande fluidez de uma situação para outra.

Em segundo lugar, as formas de ‘estar’ nessa permanente passagem agrupam um conjunto de práticas fortemente diferenciadas e que ‘frequentemente apenas têm em comum o nome’ (*ibidem*: 40).

Os jovens são agentes sociais e, por isso, capazes de se afirmar socialmente. A dificuldade que existe em conseguir adjectivos que caracterizem a condição juvenil é

expressa por Galland, num artigo que escreveu e a que deu o título “um estatuto indefinido e indefinível” (1987). É Galland um dos autores que sugere até que o conceito de juventude possa ser substituído.

A juventude é vivida, então, como um processo definido a partir de uma evidente singularidade: é a fase de vida em que se inicia a busca da autonomia marcada, quer pela construção de elementos da identidade – pessoal e colectiva – quer por uma atitude de experimentação (Galland, 2004).

A concepção de que o desenvolvimento pessoal se realiza ao longo de toda a vida leva a que o indivíduo se assuma como o autor da sua própria vida e do(s) sentido(s) que lhe atribui.

O aparecimento de uma fase de vida influencia o processo de estruturação de todas as outras fases de vida. No caso da juventude ela influencia particularmente a forma de ser adulto, pois leva a que se redefinam as representações sobre o que é ser adulto. Mas se os jovens sentem necessidade de ter uma referência – a adultez – a própria juventude parece ser a referência dos adultos – os “adultos inacabados” (Freire, 1980) – que pretendem um rejuvenescimento constante ao se preocuparem com o corpo, os modos de vestir, o estar em constante aprendizagem, a promoção de relações mais próximas e de negociação com os filhos, a valorização dos seus tempos de lazer e de sociabilidade com os amigos e não se acomodando a percursos estanques ou de insucesso (Sousa, 2007).

Concordando com João Teixeira Lopes, penso que a juventude como objecto sociológico existe e que deve ser construída na convicção de que é, primeiramente, uma condição social e que, por isso, a sua análise exige que se considere cada caso, devendo “a condição juvenil dos agentes” ser interpretada de acordo com os “cenários de interacção”, pois de acordo com eles os “agentes juvenis” agirão de maneira diferenciada e construirão as suas identidades. Assim, na linha de Giddens, e de acordo com os pressupostos da sua teoria da estruturação, também defendo que os jovens devem ser encarados como agentes sociais, com todas as características destes, ou seja, “gozando as competências e sofrendo os constrangimentos que qualquer agente sofre” (1997: 49-50).

Il Parte

1. Design da investigação e técnicas utilizadas

1.1. As questões de investigação

Na análise do discurso desenvolvida pela psicologia discursiva, tal como noutras abordagens qualitativas, as questões de investigação preocupam-se com a produção de sentidos, mas esta abordagem distingue-se das outras pelo facto de procurar compreender como é que as pessoas geram as suas construções do mundo, dos grupos e das identidades através das práticas discursivas (Phillips e Jørgensen, 2002: 119), ou seja, a sua preocupação fundamental é o uso da linguagem e a forma como os padrões discursivos são, ou não, gerados e mantidos pelos indivíduos (Potter e Wetherel, 1987: 161). Desta forma, não se classificam pessoas enquanto sujeitos singulares, mas as formas discursivas utilizadas por elas e que serão interpretadas como formas identitárias²⁸.

Assim, ao estudar as narrativas dos rapazes e raparigas do Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania, instrumento de mediação entre as experiências curriculares e extra curriculares, pretendi averiguar através da realização de entrevistas semiestruturadas:

1. Como é que estes jovens se estão a apropriar da escola e dos seus espaços e tempos para construírem reflexivamente as suas identidades;
2. Qual é o papel da escola na construção das estruturas identitárias dos jovens do NFPC;

Se é a escola que forma as identidades destes jovens ou/e se são eles, com os seus guiões, a procurar na escola, e em interacção com ela, o cumprimento dos seus próprios projectos pessoais, potenciando a emergência de uma “escola reclamada”.

1. 2. A escolha da amostra

A Análise do Discurso – Psicologia Discursiva exige um trabalho demorado, “intenso e difícil de sintetizar” (Nogueira, 2001: 33).

Num primeiro momento, realizou-se uma pesquisa entre os meses de Março e Julho de 2007. Inicialmente, envolveu dezoito jovens (doze raparigas e seis rapazes) do NFPC, da Escola Secundária de Raul Proença, em Caldas da Rainha, por aquele

²⁸ “Existem modos de identificação, variáveis ao longo da história colectiva e da vida pessoal, afectações a categorias diversas que dependem do contexto. Estas formas de identificar são de dois tipos: as identidades atribuídas pelos outros (aquilo a que eu chamo ‘identidades para Outro’) e as identidades reivindicadas por si próprio (‘Identidades para Si’). De facto, pode-se sempre aceitar ou recusar as identidades que nos são atribuídas. Podemos identificar-nos duma outra forma que não a dos outros. É a relação entre estes dois processos de identificação que está na base da noção de formas identitárias (Dubar, 2006: 9).

núcleo se assumir como mediador entre as vivências da escola e as exteriores a ela. O critério de escolha obedeceu, ainda, a duas condições: rapazes e raparigas que fizeram um percurso neste grupo e deixaram de o frequentar por terem terminado o secundário e jovens que, ainda participando, tenham exercido a liderança de sessões e actividades diversas do núcleo. Nesta última situação encontravam-se três dos dezoito jovens considerados.

Posteriormente, por questões que se prenderam com a exequibilidade desta dissertação dentro dos prazos estipulados, e tendo a convicção de que para conseguir obter respostas às minhas questões de investigação o número elevado de entrevistas apenas me estava a impor mais trabalho sem enriquecimento da análise, a amostra foi reduzida de dezoito para dez²⁹ obedecendo, agora, a duas novas condições de selecção: todos os jovens já tinham concluído o décimo segundo ano e haviam frequentado o NFPC pelo menos três anos consecutivos.

1.3. A caracterização da amostra

Para realizar este estudo entrevistei dez jovens: quatro rapazes e seis raparigas, de idades compreendidas entre os dezanove e os vinte e dois anos de idade. Assim, sete deles tinham dezanove, um tinha vinte e dois e dois anos de idade. Sete nasceram em Portugal, dois no Brasil e outro em França possuindo, este último, dupla nacionalidade. Sete deles estão a frequentar o ensino superior, dois a realizar um curso de especialização tecnológica e um dos jovens já está a trabalhar, depois de ter realizado pequenos cursos na área da Informática e no campo empresarial. Todos os rapazes e raparigas vivem no concelho das Caldas da Rainha com a família, mas apenas dois com carácter de permanência, pois três estudam em Lisboa, dois em Leiria, um em Viseu, um no Estoril e outro no Reino Unido, em Cardiff, regressando a casa aos fins-de-semana e/ou nos períodos de férias. Perante a religião, quatro assumem-se como católicos, dois como agnósticos, um como protestante, um como cristão, um como místico e um como “discípulo de um Deus sem rótulo”. Sete dos jovens vivem com os pais que vivem o seu primeiro casamento e cuja duração média é de vinte e quatro anos. Dois dos jovens têm os pais divorciados há mais de quinze anos e a um deles morreu o pai no dia em que fez nove anos. As mães apresentam habilitações académicas inferiores às dos pais. Quatro delas têm o quarto ano, uma o sétimo, uma o nono, uma o décimo primeiro, uma o décimo segundo e duas uma licenciatura e dois dos pais têm o quarto ano, um o nono, quatro o décimo

²⁹ Potter e Wetherell referem que para este tipo de análise do discurso frequentemente é suficiente usar uma amostra de apenas alguns textos (por exemplo, cerca de dez entrevistas) (1987: 161).

segundo e dois uma licenciatura. Todas as mães, à excepção de duas que são domésticas, trabalham fora de casa. Uma é cabeleireira, outra é empregada de escritório, outra é comerciante, uma trabalha na pesquisa e produção de castas vinícolas, duas são empresárias, outra é médica-dentista e uma outra é professora do ensino secundário. Quanto aos pais, um é taxista, outro é comerciante, outro é artista plástico, um é médico-dentista, outro é professor do ensino básico e secundário e contabilista e quatro são empresários.

Todos estes dez jovens concluíram o secundário ao fim de doze anos de ensino, com médias que lhes permitiram aceder aos cursos que desejavam. A excepção é uma das raparigas que não obteve aproveitamento em todas as disciplinas do décimo segundo ano pelo que necessitou de mais um ano para o conseguir e não obteve média para ter acesso ao curso universitário que pretendia, o que a levou a optar, de imediato, por um curso de especialização tecnológica (CET) em Serviço Social e Desenvolvimento Comunitário, uma das suas áreas de interesse. Duas das jovens, antes de ingressarem nos cursos que presentemente frequentam, já tinham feito uma primeira opção. Assim, uma delas concluiu os dois primeiros anos de Direito antes de optar por Relações Públicas e Comunicação Empresarial e uma outra concluiu o primeiro ano de Turismo antes de se decidir pela mudança para um curso de especialização tecnológica (CET) em Técnicas e Gestão Hoteleira. No primeiro caso, de acordo com as suas palavras, a mudança deveu-se a um desajustamento entre si e o curso:

Recusei completamente alterar a minha maneira de ser para fazer uma coisa, pela qual eu tinha uma, uma certa paixão aaa.... Era preciso abdicar de muitas características pessoais que eu tenho que, que iam, que contrastavam com aquilo que era o curso, das quais eu iria ter que abdicar para exercer um trabalho que não era o trabalho que eu queria exercer quando fiz a escolha, mas que era o trabalho que deveria ser feito depois de acabar o curso (...) (E7).

E, no segundo, a mudança vem na sequência do falecimento do namorado em 9 de Junho de 2006, devido a um acidente de mota:

O namorado... também, que entrou no 10º ano. Depois a universidade, em Leiria, que depois aconteceu aquilo ao final do ano e não me apeteceu continuar, que é mesmo assim. E, hoje, cá estou e sou feliz em casa (E1).

Apenas esta última jovem é trabalhadora-estudante.

As áreas de estudos destes rapazes e raparigas são plurais e passam pela Engenharia, Bioquímica, Antropologia, Serviço Social, Medicina Dentária, Informação Turística: Guia Intérprete Nacional, Relações Públicas e Comunicação Empresarial, Serviço Social e Desenvolvimento Comunitário, Técnicas e Gestão Hoteleira (consultar anexo 3, vol. I).

1.4. A produção do material através das entrevistas

Como instrumento de produção dos dados foi usada a entrevista semi-estruturada, por permitir o acesso aos discursos construídos pelos entrevistados quando tentam responder às questões colocadas. Vista como um processo de interacção social, tanto os entrevistados como a entrevistadora intervêm na construção dos significados e são tomados como iguais (Phillips e Jørgensen, 2002: 123). Na construção do guião das entrevistas tive a preocupação de considerar as dimensões temática e interactiva e na análise das mesmas tomei em linha de conta a forma como realizei as perguntas. Conjuntamente com o roteiro da entrevista foi elaborado um questionário que permitisse efectuar um breve perfil sociológico destes indivíduos. Ambos os instrumentos se encontram em anexo, neste trabalho. Tendo sempre ao alcance as questões de investigação o guião foi elaborado procurando dar-lhe resposta. Para salvaguardar a identificação dos jovens que participaram neste estudo foram-lhes atribuídos nomes fictícios estando cada entrevista identificada pela letra “E” e um número correspondente de um a dez (exemplo: E1).

1. 5. O trabalho de campo

Estes jovens tiveram conhecimento do mestrado em que me empenhava logo em finais de 2005 e, também, desde cedo foram informados de que era meu objectivo proceder a um estudo que os envolvesse, caso estivessem dispostos a colaborar, por terem frequentado o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania. Depois de alguns encontros sentiram-se devidamente esclarecidos sobre o que era pretendido e, como já referi no início deste trabalho, mostraram toda a sua disponibilidade para a concretização desta investigação. As entrevistas individuais foram realizadas entre 23 de Março e 10 de Abril de 2007 por ser este o período em que os jovens se encontravam nas Caldas da Rainha, em férias da Páscoa, uma vez que, exceptuando um deles, são estudantes. Todas elas foram realizadas em minha casa, ambiente conhecido de todos estes jovens por ter sido, para além da escola, local de preparação de diversas actividades organizadas pelo NFPC, e gravadas com a autorização prévia de cada um deles, tendo cada entrevista, em média, duração de hora e meia.

Combinámos que depois de defendida esta dissertação se faria um encontro para divulgação e debate dos resultados obtidos.

1. 6. Para a análise dos dados

O processo de transcrição das entrevistas foi realizado entre Março e Maio, a partir do momento em que as mesmas se começaram a realizar. Para o processo de transcrição, no âmbito da Psicologia Discursiva, adoptei as recomendações de Phillips e Jørgensen (2002: 124) para que as entrevistas pudessem ser analisadas como um processo de interacção social.

Após várias leituras das entrevistas, primeiro com o objectivo de apreender a globalidade das mesmas e de cada uma delas, depois com a intenção de identificar temas que emergissem das narrativas recolhidas, procedi à construção de uma grelha de leitura de todo o material. Assim, partindo do meu quadro teórico (um procedimento *a priori*) e da minha primeira leitura do material (um primeiro procedimento *a posteriori*) confrontei-me com a coerência e consistência da minha opção metodológica (e respectivas técnicas), com a intenção teórica do meu projecto e com a minha problemática relativamente ao material recolhido. Deste modo, foi construída uma grelha de leitura, correspondendo a primeira coluna à forma como organizei o roteiro da entrevista. Aí, os temas contemplados foram a Família, a Escola, o Núcleo, “Escola/Núcleo: a comparação”, “Família/Núcleo: a relação”, o “Estudar ‘fora’ ”, os “Projectos pessoais”, “A minha visão de mim e dos outros”, os “Relacionamentos e a intimidade” e o “Lugar de pertença” como se pode ver no quadro 6, página 88. Os temas desdobraram-se, por sua vez, em categorias e subcategorias como é possível observar no anexo 8 (volume II).

Na perspectiva aqui seguida, a identidade pessoal é concebida como um produto de determinados discursos e, simultaneamente, como um recurso para acompanhar as acções sociais na conversa em interacção. Assim, as identidades são formadas através dos caminhos que cada pessoa escolhe para se posicionar nos textos e conversas do dia-a-dia e elas vão mudando conforme o entendimento que cada um vai adquirindo da construção discursiva da identidade. Ou seja, o posicionamento discursivo é tido como uma parte integral do processo através do qual os indivíduos constroem visões delas próprias, em interacção com os outros. Assim, surgem na “modernidade tardia” como identidades múltiplas, híbridas, cada vez mais fragmentadas e instáveis já que são arquitectadas através da construção de diferentes discursos que podem ser articulados conjuntamente (Phillips e Jørgensen, *ibidem*: 110). Na sequência deste posicionamento teórico-metodológico nas colunas seguintes estão presentes os indicadores³⁰ da análise do discurso que, em meu entender,

³⁰ Indicadores, na perspectiva de Wrasse (2004), “são uma espécie de ‘marca’ ou sinalizador que buscam expressar algum aspecto da realidade sob forma que se possa observar ou mensurar. São instrumentos de mediação, já que são utilizados para captar aspectos dos fenómenos e processos da realidade social

permitiram uma leitura das narrativas. Foram, assim, considerados os *selves*; as comunidades imaginadas, o investimento psicológico, os dilemas de fundo, os pontos de crise, as mudanças de pronomes e a organização retórica do texto e da fala. Seguidamente, para cada entrevista, selecionei os fragmentos de texto e coloquei-os nos espaços que me pareceram adequados, de acordo com os sentidos do que era dito, procurando construir um quadro de relação entre os vários indicadores.

1.6.1. Sobre cada um dos temas da entrevista

Na construção dos temas da entrevista foram estruturantes as influências das obras de Dubar (1997, 2006) e Giddens (1994, 2001, 2002) e Magalhães (1998, 2001, 2002, 2005, 2006, 2007).

Como já referi anteriormente, os temas do roteiro da entrevista foram seleccionados de acordo com os objectivos deste trabalho de investigação. Assim, a família, a escola e o núcleo foram tidos em conta como lugares estruturais onde acontece a construção identitária dos jovens em estudo e que emergem “simultaneamente como delimitação das possibilidades que aos indivíduos se oferecem na sua auto-identificação e como instrumentos e materiais dessa constituição” (Magalhães, 2001: 320).

Procurou-se, também, compreender qual a comparação que os jovens realizam entre a escola e o núcleo. Qual a relação que estabelecem entre o lugar da família e o do núcleo, ou seja, até que ponto o NFPC permite articular as relações entre os jovens e as famílias. Indagar sobre a forma como os jovens encaram a possibilidade de “Estudar ‘fora’ “, ou seja, de residir e estudar longe dos locais e das pessoas com quem têm convivido, confrontando-se com as diferenças, sobretudo as culturais, pretendia tentar descortinar se, e como, estes jovens experimentam “as pressões da globalização” (*ibidem*: 323) e de que forma se sentem, ou não, cidadãos de uma Europa e de um mundo mais vasto, vendo “na educação uma forma privilegiada de mecanismo emancipatório” (Magalhães, 2007: 30).

Conhecer os seus “Projectos pessoais” assumiu-se como outro aspecto fundamental para que se pudesse clarificar como se projectam no futuro, qual a opacidade e incerteza que a ele associam (Dubar, 2006: 176).

Sendo a identidade, “concebida como o que existe de mais íntimo, pessoal” (*ibidem*: 177) tal levou a que se procurasse recolher “materiais pertinentes” (*ibidem*), ou seja, que se procurasse “compreender em que é que uma ‘situação vivida’ ou uma

cuja totalidade é impossível de apreender. Os indicadores só têm significado nas relações e práticas sociais que os determinam, explicam e para cujos sujeitos adquirem significado. São parte e expressão de um processo comunicativo pressupondo a preexistência de um pacto entre eles”.

'história típica' gera a um determinado momento, uma maneira de se definir e de definir os outros" (*ibidem*: 178), o que deu origem ao tema "A minha visão de mim e dos outros".

A intencionalidade do tema "Os relacionamentos e a intimidade" foi a de indagar sobre a concepção de amor que estes jovens assumem, romântico ou confluyente, visando esclarecer sobre a forma como é concebida "a democratização da vida pessoal" (Giddens, 2001: 132), onde "[o] princípio da autonomia fornece o fio condutor e a mais importante componente substantiva destes processos. No domínio da vida pessoal, autonomia significa a realização com êxito do projecto reflexivo do *self* – a condição de um indivíduo se relacionar com os outros de um modo igualitário (*ibidem*).

Com o tema "Lugar de pertença" o propósito foi o de tentar inferir, a partir dos discursos dos jovens, sobre a importância da narrativa dos Estados-nação na construção auto-identitária destes rapazes e raparigas.

1.6.2. Sobre cada um dos indicadores da psicologia discursiva

Para a análise das entrevistas foram construídos os seguintes indicadores:

Selves

Com o objectivo de estudar identidades considere-se que na perspectiva da psicologia discursiva, baseada no construcionismo social, os *selves* não são entidades isoladas e autónomas, mas formados, negociados e renegociados em constante dinâmica interagindo com o social (Phillips e Jørgensen, 2002: 108). Seguindo a linha de Bakhtin (1981), de que o pensamento é diálogo interno resultante do debate público são os diálogos sociais que se encontram nos fundamentos da construção dos *selves* discursivos e, portanto, relacionais. Os *selves* indicam uma leitura dos discursos a partir de um posicionamento individual.

Comunidades imaginadas

Comunidades imaginadas é o título de um livro clássico em Sociologia, de Benedict Anderson (2005), referente, sobretudo, às comunidades nacionais. Nele, o autor propõe que "num espírito antropológico" nação seja definida como "uma comunidade política imaginada – e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana" e clarifica que a concebe como imaginada "porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca entrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão" (2005: 25).

Neste trabalho englobei com a mesma designação os fragmentos de texto em que os jovens entrevistados também se referem a (e constroem) comunidades imaginadas, ou seja, ao grupo com que, preferencialmente, têm ou gostariam de ter afinidades e que projectam para além da realidade social existente.

A criação de identidades colectivas baseadas na ideia de uma identidade comum permite que se criem identidades colectivas – comunidades imaginadas – mesmo que os indivíduos desses grupos manifestem divergências com alguns membros desses grupos, pois a subjectividade é fragmentada. Como não podem ser tomadas como garantidas, porque a identidade está sempre aberta à mudança, a partilha de interesses ou a afiliação para com os mesmos grupos não é permanente e as comunidades podem ser dissolvidas surgindo outras (Phillips e Jørgensen, 2002: 112).

Investimento psicológico

A análise do discurso diz-nos como é que as pessoas formam as suas identidades através do posicionamento ou investimento que realizam em discursos particulares. A tentativa de compreensão dos mecanismos psicológicos que levam a que os indivíduos se identifiquem mais com uns discursos do que com outros procura combinar a análise do discurso com a psicanálise, apesar das diferentes premissas teóricas de que partem. De acordo com a teoria de Billig (1997) a análise do discurso e a psicanálise encontram-se ligadas através do conceito de “inconsciente dialógico” (Bakhtin, 1981). Billig ao conceber o inconsciente como produto do diálogo, com e no mundo social, defende que é através desse diálogo que os indivíduos recalcam acontecimentos e, a um nível mais geral, adquirem a habilidade para recalcar.

Phillips e Jørgensen referem que através da análise do discurso é possível investigar o processo da linguagem nos processos de recalçamento, pois são algumas formas de falar que fazem com que alguns temas sejam possíveis e outros se transformem em tabus. São os tabus sobre certos temas que conduzem o falante a escolher entre diversos discursos possíveis e a investir num, em particular (2002: 115). De acordo com este posicionamento, a teoria de Billig fornece-nos um método para “ler nas entrelinhas” e identificar o não dito, se bem que é preciso considerar que se alguma coisa não é dita pode ser por não fazer sentido no contexto social e histórico em questão, o que remete para a necessidade de se ter em conta a noção de ordem do discurso (2002: 116).

Dilemas de fundo

Diariamente o uso da linguagem envolve dilemas de fundo. Estes traduzem, por um lado, a luta efectuada pelos indivíduos para construir como factuais e estáveis as suas representações do mundo e, por outro, a luta para desconstruir outras resultantes dos interesses pessoais ou de grupo, como Potter (1996) refere.

Na análise das entrevistas considerei neste indicador as situações em que o entrevistado mostrava hesitação na opção por um tipo de discurso ou por outro.

Pontos de crise

Os pontos de crise são sinais que indicam que algo correu mal na interacção e que podem reflectir tensões existentes entre discursos diferentes. Um sinal pode ser aquele com que um entrevistado tenta salvar uma situação repetindo um argumento, pode ser “desfluência” onde os entrevistados mostram hesitação, ou repetem fragmentos, silêncio ou súbita mudança no estilo (Fairclough, 1992).

Mudanças de pronomes

Uma variação nos pronomes (por exemplo do Eu para o Nós) pode indicar uma mudança de posicionamento num assunto com um tipo de discurso para um outro posicionamento ou num outro tema, com outro discurso.

Organização retórica do texto e da fala

Este aspecto refere-se à orientação do texto e da fala para a acção social e permite, então, identificar o modo como os diferentes argumentos convivem em cada uma das entrevistas e no conjunto das entrevistas.

2. As narrativas dos jovens do NFPC

2.1. Uma leitura possível

De acordo com Potter e Wetherell (1987) a natureza polissémica dos discursos, permite aos indivíduos transitar por incontáveis contextos e viver diversas situações, de modo satisfatório.

Sendo as identidades produtos específicos e recursos para a acção social (*ibidem*), no estudo realizado, que traduz apenas uma das possíveis interpretações dos dados recolhidos, evidencia-se o facto de as narrativas³¹ se construírem, sobretudo, a partir dos “selves”, seguindo-se as “mudanças de pronomes”, as “comunidades imaginadas”, os “dilemas de fundo”, os “pontos de crise” e o “investimento psicológico” (ver quadro 6, p. 88). Ou seja, na procura de uma maior compreensão sobre a forma como os jovens constroem as suas identidades pessoais encontrei uma pluralidade de posicionamentos nos discursos elaborados por todos os entrevistados que variaram de quatro a seis por cada entrevista revelando que a versão sobre um acontecimento, a explicação sobre o carácter único de determinado grupo, ou a caracterização de certos traços de personalidade se podem construir de formas diversas. Segundo os efeitos que cada entrevistado pretende alcançar com os seus discursos – as funções – assim eles dão a conhecer diferentes perspectivas dos seus mundos sociais, ou seja, constata-se que são diversificados, incongruentes e mutáveis, o que contraria a ideia de que os indivíduos são consistentes e congruentes (*ibidem*).

O indicador “selves” é dominante em todos os temas,

Definitivamente, sempre foi um lado muito importante, sempre fez parte da minha vida. A escola, seja de que tipo for, é aí que desenvolvemos as relações sociais, o nosso intelectual, logo, relações a nível emocional (E1).

Aprendi. Aprendi...coisas, talvez eu não consiga explicar, mas eu sei que grande parte daquilo que eu sou foi construído em base... em base de certas coisas. Nem que sejam pequenas, a gente vai construindo um pouquinho, porque um pouquinho de cada pessoa que tá lá, também tá dentro de mim! (E4).

à excepção da “Escola/Núcleo: a comparação”,

Se fosse criar um núcleo hoje e se me perguntassem se o criava dentro de uma escola ou fora de uma escola, **eu** criava-o numa escola. (...) porque é muito importante ser... nesse contexto, em tempo real, num sítio real, onde **nós** estamos, onde parte das coisas que **nós** aaa... confidenciamos, lá, que vivemos (E7).

e de “A minha visão de mim e dos outros”, onde se evidencia o indicador “mudanças de pronomes”.

³¹ Entenda-se, aqui, por narrativa a pequena história que cada um dos entrevistados conta sobre si, havendo, por isso, uma sequência cronológica, uma ligação entre os vários acontecimentos e uma alteração numa determinada situação através de um conjunto de eventos (Carvalho, 2000: 145-147).

Ninguém vê que **nós** só pensamos aquilo que **eles** nos deixam pensar. E **eu** sou vítima disso. Toda a gente é. E **eu** sou mais vítima disso do que aquilo que gostaria, porque tenho noção disso (E10).

Oferecem maior variedade discursiva os temas Família, Escola, Núcleo, “A minha visão de mim e dos outros”. A menor diversidade de posicionamentos nos discursos regista-se quanto aos temas o “Lugar de pertença” e “Família/Núcleo: a relação”.

Quadro 6 – Posicionamentos discursivos, por tema, no total das 10 entrevistas (valores absolutos obtidos pelo número de entradas nas diferentes categorias e subcategorias consideradas).

Indicadores Temas	Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
A Família	38	4	4	2	2	16
A Escola	80	21	2	6	2	36
O Núcleo	50	26	6	5	2	39
Escola/Núcleo: a comparação	8	8	1	-	-	11
Família/Núcleo: a relação	6	1	-	-	-	8
Estudar “fora”	16	3	-	3	3	1
Os projectos pessoais	6	2	-	1	2	4
A minha visão de mim e dos outros	9	8	4	6	4	11
Os relacionamentos e a intimidade	4	2	1	-	-	2
Lugar de pertença	6	1	-	-	-	1
Total	223	76	18	23	15	129

Como padrões de enunciação narrativa sobressaem o “eu” e o “nós”, testemunhados nos resultados obtidos relativamente aos posicionamentos discursivos considerados nesta análise e designados como “selves” e “comunidades imaginadas”. É a supremacia do Eu sobre o Nós, que também pode ser um Eu e que pode significar a procura, por parte do sujeito, de um sentido para a sua vida, onde a reflexividade assume um papel cimeiro em virtude da complexificação dos processos sociais indicando-nos traços da modernidade tardia onde se sente que estes jovens vão construindo as suas identidades, individuais ou colectivas, num questionamento frequente sobre o seu passado, presente e futuro.

E o Teatro, portanto, no, no, no lidar, no comunicar, no projectar a voz. Muitas coisas encaixavam-se e eu sinto hoje, olho pa trás, assim... realmente, nada é por acaso. As minhas escolhas, as minhas escolhas não foram ao acaso (E5).

Eu penso, muitas vezes, o que é que me tinha acontecido se não fosse o núcleo, porque... há muitos... conceitos que são, que eram falados no núcleo, que foram falados no núcleo, que eram desenvolvidos lá, que pra mim, continuam a ser definidos exactamente da mesma e...e eu utilizo-os até hoje na minha vida e ficaram muito assentes nessa altura, porque eu tive mostras disso (E7).

Sinceramente, não sei. E arrisco-me a dizer que seria, se calhar, tão feliz como sou agora. Portanto... lá está, porque não há escolhas, não há, não há algo que esteja fixo, não há algo que... Nós, hoje em dia, não podemos dizer: eu vou por aquele caminho porque por aquele caminho eu sei que vou ter aquele sítio (E8).

eu sei que seria outra pessoa completamente diferente se não fosse o núcleo. Era uma pessoa muito mais tacanha e muito mais fechada nas minhas vistas e o núcleo abriu-me, abriu-me o ponto que a pessoa que tá sentada ao meu lado, quando sai da sala, vai pa casa e tem uma vida tal como eu tenho uma vida quando vou pa casa. Eu é que experiencio a minha e não experiencio a dela (E10).

Se a escola, formal, aparece sobretudo como o lugar de apresentação do Eu, o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania, ao articular a escola com a comunidade educativa (Gohn, 2006), acrescenta-lhe o lugar de identificação com o Nós e onde o Eu se diz a si próprio e aos outros. De acordo com Dubar há Nós que não são comunidades (2006: 166).

A justificação apresentada para esta afirmação radica na sua tese de que há formas identitárias – as comunitárias – “que supõem a crença na existência de *grupos chamados ‘comunidades’ considerados como sistemas de lugares e de nomes predeterminados aos indivíduos que se reproduzem de forma idêntica através das gerações*” e outras, em emergência – as societárias – que “supõem a existência de *colectivos múltiplos, variáveis, efémeros, aos quais os indivíduos aderem durante períodos limitados e que lhes fornecem as fontes de identificação que eles gerem de maneira diversa e provisória*” (2006: 10). Por exemplo, o aderir ao NFPC foi resultado do interesse, da paixão, do desejo e do altruísmo. “Prazer, satisfação, alegria. Não é um compromisso para toda a vida e “só cria deveres livremente consentidos”, ela permite encontrar pessoas, falar com elas, cooperar em conjunto. Mas o Eu guarda a predominância” (Dubar, 2006: 167).

Aprende, mas lá está, não é aprender matéria em sentido obrigatório tipo, estão-nos a impingir uma coisa que temos que saber. Aprende. Aprende-se a lidar. Aprende-se a viver de forma diferente. Aprende-se a ver as coisas de forma diferente. Aprende-se a construir relações. É um aprender, com prazer. É uma interacção (E1).

as pessoas chegavam lá e tanto que se abriam! Não é? E () nós falávamos sempre! É muito bom aquilo que se cria no núcleo. O à vontade. (E2).

eu sentia um desejo muito grande, muito grande de tar ali! (E3)

Acho que todos, também, iam de mente aberta. Acho que isso também era, era um dos... grandes qualidades do núcleo (E4).

É tão importante dizer às outras pessoas o quanto gostamos delas. Eu acho que aprendemos muito no Núcleo a, a, com isso. Uma vez nós falámos no Núcleo... foi uma sessão de revelações de “Ah! Mas eu já gostei de ti uma vez!” e nunca se diz quando, às vezes, tem-se vergonha de dizer que se gosta da pessoa e eu acho que, eu adoro gostar das pessoas! Porque é bom, é saudável! E do Núcleo foi uma das coisas

que eu aprendi. Quando se gosta da pessoa, nem que seja por nada é assim: "Gosto de ti! Acho-te um espectáculo! Adoro-te!". Pra já, porque, depois, vamos pa casa, sentimo-nos bem nós... porque nos sentimos bem! É bom gostar. É bom. É positivo! (E5).

Todos nós... contamos um bocadinho da nossa vida, tanto como os outros contam... a deles, e acho que aprendemos a ajudarmo-nos muito mais e isso cria confiança, cria relações de confiança, de amizade (E6).

Portanto, nós estamos constantemente acompanhados e isso faz com que a nossa... aaa... tendência para fazermos as outras coisas bem, relacionarmo-nos melhor com os outros, seja, realmente, evidente. Isso, eu tenho a certeza que sim (E7).

Nós se quiséssemos debater o assunto debatíamos, se não estávamos... calados e nem sequer falávamos, nem sequer dávamos a nossa opinião. Estávamos pra ouvir e no entanto, nós não éramos apontados porque estávamos ali calados e nem sequer falávamos nada. Não é? (E8).

E uma ideia nunca vinha só, e a outra pessoa: "e também já me aconteceu a mim!" e a outra pessoa já se sentia mais confiante. "Ah! Já somos dois! podemos-nos ajudar!". Engraçado. Não é? (E9).

No núcleo não somos todos iguais, portanto a única maneira de, de, de transmitir a nossa posição, transmitir a nossa visão é ser assertivo (E10).

O estudo efectuado revela que estes jovens encaram a sua identificação com o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania como produto das suas escolhas pessoais, evidenciando-se a supremacia do sujeito individual (*se/ves*) sobre o grupo (comunidades imaginadas) e da "primazia das identificações 'para Si' sobre as identificações 'para o Outro' ". Desta forma, as pertenças sentidas não são "essenciais", mas "existenciais", não havendo diferenças exclusivas *a priori* e permanentes entre estes rapazes e raparigas. As "mudanças de pronomes", oscilando entre um "eu", um "nós" um "ele" e, mais raramente, um tu,

Eu acho que nós estamos gerações atrasados, mas eu acho que nós ainda temos aquele espírito de há trinta anos atrás.

Quando é que foi a última revolução que eles tiveram? Eles estiveram sempre muito bem, muito obrigado. Não é? Nós, foi preciso todos saírem à rua. É muito triste que se perca a noção do que é que foi o 25 de Abril (E10).

(...) tava toda a gente calada e era eu e ele. E eu a pensar assim: "Eu tou a perceber o que tu queres dizer. Porquê que é tu não tas a querer perceber o que eu quero dizer?", porque eu tava a acordar... ok. Tu pensas isto, mas vê lá o que é que eu penso! E ele esqueceu-se disso, mas pronto (...) (E10).

Eu acho é que muitas das vezes nós assistimos a situações nas salas de aula que são provocadas por uma falta de tempo de toda a gente que está à volta destes adolescentes, pa eles, pra dedicar a eles, não é? pra lhes dedicar (E7).

dizem-nos que todo o processo de construção do discurso é social e, nesta medida, se pode questionar a oposição entre a identidade individual e social uma vez que "toda a identidade individual convoca as palavras, as categorias, as referências socialmente identificáveis, ou seja, elas podem estar circunscritas a um domínio particular de relações sociais ou dizer respeito a todos os aspectos da vida reconduzidos a uma pertença principal (Dubar, 2006: 11). Os pronomes constituem marcas da subjectividade na linguagem e indicam a presença da reflexividade e da narratividade. É o processo relacional que funda o processo de construção da identidade pessoal:

fazer algumas coisas que nós achamos que não conseguimos. Olhar pró colega do lado e ver "ele tem exactamente a mesma dificuldade que eu, mas ele tá a conseguir superar. Será que se eu tentar um bocadinho mais e não me resguardar aqui no meu cantinho eu não vou conseguir também? (E7).

As entrevistas individualmente, e no seu conjunto, revelaram grande riqueza de recursos linguísticos, cognitivos, éticos, reflexivos e narrativos.

O registo subjectivo é o dominante em todos os discursos, e em relação a todos os temas, sentindo-se que cada indivíduo tem necessidade de se interpretar a si próprio, num diálogo consigo mesmo e com a entrevistadora, apresentando, frequentemente, pontos de vista ou justificações para as escolhas efectuadas numa tentativa de construir uma narrativa de si que lhe permita construir-se como uma identidade coerente. Desta forma, os dez entrevistados procuraram dizer-se organizando o presente à luz do seu passado atendendo aos projectos de futuro que possuem. É claramente a dominância de um registo de construção reflexiva do projecto do *self* onde o processo é, sobretudo, auto referencial (Magalhães, 2001: 313).

A. A família

Os discursos sobre a família posicionam-se, sobretudo nos *sel/ves* e nas mudanças de pronomes, seguindo-se posicionamentos discursivos como comunidade imaginada, investimento psicológico, dilemas de fundo e pontos de crise.

A família, concebida aqui como uma comunidade de afectos, é o lugar da socialização primária, do início da "trajectória do *self*" (Giddens, 1994: 65). Nela constrói-se a segurança e a confiança básicas.

A confiança básica é um mecanismo de ocultação em relação a riscos e perigos nos cenários circundantes da acção e interacção. É o principal apoio emocional de uma carapaça defensiva ou casulo protector que todos os indivíduos normais carregam consigo, como meio através do qual são capazes de prosseguir com os assuntos do dia a dia (Giddens, *ibidem*: 37).

▪ A família e os *sel/ves*

A análise das entrevistas mostra que a maioria dos rapazes e raparigas, posicionando-se individualmente, consagram à sua infância e percurso familiar ou um discurso de bem-estar e segurança gerador de auto-confiança, pela estabilidade familiar, domínio do espaço físico onde se vive, as relações com os seus pares, os vizinhos, a "brincadeira", a liberdade que se teve e a segurança, também económica, proporcionada pelos pais,

Para já, sempre muito feliz (risos) sempre. Nasci e sou natural de Salir e vivi lá os primeiros três anos com os meus pais, a minha irmã. Depois viemos para as Caldas, vivi uma data de anos no Bairro dos Arneiros, assim sempre num meio muito ... muito... bairro!!! Sempre com os amigos da escola, as vizinhas... a brincar. Uma infância muito normal, sem problema algum (E1).

ou, então, realçam riscos e perigos que lhes geraram maior insegurança como a morte do pai, a instabilidade familiar, a emigração, a doença e a falta de reconhecimento institucional do real local onde se nasceu, como se de lá não se fizesse parte:

depois de uma infância, de uma infância volumosa e ...especial, não é? Acompanhada com todos os mimos, com tudo aquilo que eu queria, houve a, houve a ... o corte! O corte devido ao falecimento do meu pai E, então, aí... é assim, a partir dos meus nove anos começ, não me lembro de, quer dizer, recordo-me de todas estas sensações, da maneira como fui educado, mas não me recordo de nada em especial daquilo que... não me recordo do meu pai, não me recordo... O meu pai faleceu no dia em que eu fiz nove anos (E8).

Nasci na Nazaré... Nasci nas Caldas. Fui registada na Nazaré, portanto... como tendo nascido na Nazaré, portanto, quase que se assume que eu tenha nascido lá, apesar de, curiosamente, ter nascido cá e aaa, e uns anos depois ter vindo morar para cá. Portanto, foi quase à nascença uma negação (risos) daquilo que viria a acontecer mais tarde (...) (E7).

as relações familiares com os pais, nomeadamente com a mãe, surgem na maioria das narrativas como sendo securizantes para o *self* e comparadas à construção de uma casa. É o casulo protector onde se sentem apoiados e respeitados.

A minha mãe todos os dias me prepara o pequeno-almoço. Tipo, eu levanto-me eles ainda estão deitados. Então, ela, todos os dias à noite, prepara-me um saquinho com fruta descascada e cortada para trazer, para comer! Isto não é normal (muitos risos). (...) É verdade, a minha mãezinha é mesmo... (E1).

Eles ajudaram-nos a construir a base, essa base é a escola, essa base é a educação essa base é aquilo que vai sustentar a casa pa casa não cair. Porque se eu tivesse uma má educação, se eu fosse mal educado, se eu agisse mal, se pra mim a vida fosse uma, uma frustração enorme, essa casa andava sempre aos balanços, cada pilar, cada tijolo que eu punha na casa... a casa iria ficar mal construída (E9).

Se bem que expectativas diferentes de cada um dos pais para os filhos podem ser geradoras de ansiedade e “[as] sementes da ansiedade estão no medo da separação do agente educador primordial (normalmente a mãe)” o que ataca o núcleo do *self* ameaçando a consciência da auto-identidade (Giddens, 1994: 42).

o meu pai gostava que eu fosse uma pessoa diferente da pessoa que a minha mãe queria que eu fosse. Havia duas, duas expectativas diferentes em termos morais, em termos éticos, ah... por causa da religião da minha mãe e por causa do ateísmo do meu pai (E10).

Mas a mãe pode mesmo ser a fonte de insegurança para o *self* e onde está presente o medo da perda e o discurso é desculpabilizante do comportamento dela, por ser muito nova, parecendo atribuir à idade uma menor responsabilidade:

Minha mãe foi uma mãe... assim, ela me teve muito nova... muito nova... pra mim é muito nova... dezasseis anos. E, por ser muito nova era muito inexperiente. E por ser muito inexperiente não, não, não... não soube como cuidar... e não... não teve atenção, às vezes, a muita coisa. Depois, houve muita coisa que me fez muita falta. (...) E mesmo não tendo vivido muito tempo com ela... eu peguei, eu peguei um amor mais forte pela minha mãe quando ela ficou doente, porque eu vi que ela não podia morrer. Não podia perder minha mãe (E3).

E, tal como Dubar afirma, quando se sofre uma perda e se pretende preencher o vazio aberto, num questionamento sobre si, a tendência é voltar novamente às origens do

Eu, pois “ [qualquer] crise identitária remete para estes laços ‘primeiros’ da existência que religam o triângulo edipiano, objecto central da psicanálise” (Dubar, 2006: 145) o que é ilustrado quando uma das jovens, depois de ter perdido o namorado num acidente de mota diz:

Gosto de estar com os meus pais. Foi, foi, foi por isso que ... foi uma das razões por que eu desisti da universidade. Apetecia-me estar perto, não estar longe. É incrível, mas apetecia-me estar em casa, estar ao pé dos meus pais. Sentir-me aconchegada. Não estar longe, porque... então, vim para casa (E1).

Os restantes familiares, sobretudo os avós, são alvo de discursos que se posicionam nos “*selves*”, ou seja, como contributos importantes para a construção do projecto do *self*.

é querida é ternura é ... é aquela, os avós são mesmo isto. E é engraçado que todos os avós dos meus colegas também gosto muito deles e eles também gostam muito de mim, mas eu também gosto muito deles. É ali uma classe ... é ali uma classe ali de...os velhos mesmo, é uma classe que eu preservo muito (E9).

▪ A família e as comunidades imaginadas

A família cruzada com as comunidades imaginadas mostra que ela pode funcionar como um todo colectivo, íntimo, que toma decisões e protege os seus membros. É uma comunidade de pertença com a qual se constroem identificações:

com o núcleo familiar tá tudo muito bem, damo-nos todos muito bem (E6).

Depois nós viemos, e quando nós viemos em uma semana foi decidido que íamos ficar. Nós viemos pra passear e depois foi decidido: “vamos ficar!” (E4).

A compreensão, o à vontade, aaaa todo os tipo de temas, todo o tipo de problemas, até mais íntimos, nós falamos lá em casa. E são sempre os quatro (E5).

▪ A família e o investimento psicológico

A relação entre este tema e o referido indicador faz ressaltar a família como alvo de um discurso onde se sente que existe alguma culpabilidade do entrevistado por não ter reconhecido, desde sempre, a sua importância como “*pilar básico da sociedade*”,

Não me interessa nada. Desde que eu tenha, desde que eu tenha, desde que eu teja com a minha família. Família nunca foi uma palavra que fizesse sentido pra mim. Carreira era o que fazia sentido. Família era um acessório. Família é o pilar básico da sociedade. Um dos grandes problemas do mundo moderno é que família já não é o pilar do mundo moderno da sociedade. Se nós olharmos pra trás, desde sempre, qual foi a primeira coisa que existiu? Família! Família! Depois então sociedade! Nós pensamos: “Sociedade e depois família”. NÃO PODE SER! Família é família se não houver primeiro a estabilidade pa haver família, não pode haver a estabilidade pa haver família não pode haver desenvolvimento. As pessoas esqueceram-se disso e olha! O que deu foi isto! (E10).

Billig ao conceber o inconsciente como produto do diálogo, com e no mundo social, defende que é através desse diálogo que os indivíduos recalcam acontecimentos e, a um nível mais geral, adquirem a habilidade para recalcar.

e também sentia... prontos, quando alguém dizia: “Vou com o meu pai não sei aonde... Vou com o meu pai”, é óbvio que eu sentia um friozinho na barriga e também queria, não é? Mas também isso dava-me forças para seguir em frente e dizer: “eu consigo arranjar outras coisas, consigo fazer outras coisas que me vão deixar de ter a necessidade de ter o meu pai”, portanto. “Eu vou crescer sem... com necessidade dele, mas sem sentir necessidade dele”, que é um bocado complicado de se explicar a quem nunca passou pela experiência, mas eu acho que toda a gente funciona assim. Toda a gente sente saudade e ... sente...sente... é a saudade, não é? É a palavra portuguesa melhor pra definir, não é? Toda a gente sente saudade, mas toda a gente cria pra si própria a ideia de que “não, não! Eu vou crescer sozinho, eu vou conseguir” (E8)

na família, os irmãos são causadores de dilemas de fundo. São sentidas as tensões quanto à escolha do posicionamento a ter para o entrevistado defender o seu ponto de vista:

hoje o miúdo é totalmente dependente da minha mãe. Não sei que influência é que isso vai ter no futuro. No futuro isso vai... eu sei o qu’ê ...o que quer que o miúdo faça na vida eu vou olhar e vou pensar assim: “Se eu não tivesse deixado o miúdo atrás do carro naquele dia (expira) ele não era isto, era outra coisa completamente diferente (E10)

Ahhh o meu irmão... era... quem me dava... porrada a mim e eu nunca, nunca bati no meu irmão ou, aliás, deve=deve ter, o meu irmão é algum... mas pronto, quando ele era pequeno, eu coitado, tinha pena do puto, que era tão bebé. Ahm e, e eu acho que sempre... o meu irmão teve foi um bocadinho coiso, um bocadinho de complexo, porque os meus pais nunca disseram que eu era melhor que ele, mas, mas o... acho que acabou por, acabou por afectá-lo um bocado... (E10).

▪ A família e os pontos de crise

Se os pontos de crise revelam que algo não correu bem na interacção, pode concluir-se que a família também é geradora de tensão entre discursos, sobretudo quando ela é referência como modelo de diferenciação e não de identificação:

E eu... eu cheguei um tempo em que eu tinha uma reacção assim... eu aproveitava os modelos dos meus pais e dizia: “Isso não vai acontecer comigo! Isso não vai acontecer comigo”. Só que cada um tem o seu percurso, tem a sua história. Também não posso fazer disso um... assim algo pra, pra... não sei, não sei. Às vezes, a pessoa tem tendência “Ah! Não aconteceu com ele então também não vai acontecer comigo, porque eu não quero aquele mal”. Só que... quem sabe se não vai acontecer comigo amanhã? A gente muda tanto. A cabeça muda tanto. Tanta coisa. (..) e pronto (E3).

▪ A família e as mudanças de pronomes

A família surgindo como uma comunidade de afectos é também local onde o indivíduo aprende a reconhecer o outro e a reconhecer-se se na sua individualidade:

Orgulho-me deles, choro com eles, estamos à mesa e dizemos... abraçamo-nos os quatro... amamo-nos. Amamo-nos mesmo! Eu sinto mesmo que tenho uma família cristal (E5).

B. A Escola

Cruzando o tema escola com os diferentes indicadores, constata-se que os discursos são elaborados, sobretudo, a partir do indicador *se/ves*, seguindo-se as mudanças de pronomes, as comunidades imaginadas, os dilemas de fundo, o investimento psicológico e os pontos de crise.

▪ O percurso escolar e os *selves*

Os discursos elaborados pelos jovens sobre o percurso escolar, no geral, revelam que este se apresenta como instrumento para a construção do projecto do *self* onde se aprendeu a jogar o jogo escolar

sempre gostei das minhas turmas, sempre me dei muito bem, sempre me enturmei, digamos assim. Sentia-me bem no meio das pessoas e depois conseguia juntar isso com a escola em si, com a parte da aprendizagem e os professores e estudar... na véspera, mas sempre me saí (risos) (E1).

Assim, a pré – primária, a primária e o ciclo ou não são referidos ou são relatados como momentos construtores do *self* pelas novas aprendizagens proporcionadas nas interacções geradas e onde se parece antever algo do que se é hoje.

Foi um tempo de muitas... transições. Muitas pessoas, como eu disse, passaram pela minha vida e me ensinaram alguma coisa e eu ensinei-lhes algumas coisas também. Eu aprendi muito (E4).

o ciclo é assim uma coisa... é só, é um esboço do que vai ser, do que a pessoa vai ser (E10).

Para a maioria dos jovens o percurso até ao final da primária é sentido como “normal” e feliz, mas também como um período de novas experiências e descoberta:

Basta-me dizer que, com cinco anos ia para o infantário sozinho. A minha mãe não me ia pôr ao infantário. E eu vinha do infantário e não sabia se ia para casa, se ia para a casa da minha avó, se ia para a casa da minha vizinha. Quando chegava é que via para onde é que me apetecia ir, portanto, isso deu-me logo, a mim, uma liberdade fantástica e fez de mim uma pessoa diferente (E8).

Lembro-me de no jardim-de-infância... eu... perceber que os rinocerontes, eu lembro-me de algumas coisas do Jardim-de-infância! Um dia a, a professora disse que os rinocerontes estavam em vias de extinção e então eu chorei, pus-me a chorar no meio do jardim-de-infância porque como é que podia ser fazerem uma coisa dessas. Havia, havia um animal que ia deixar de existir porque os Homens eram estúpidos! E lembro-me de... havia um pátio de areia... e eu consegui pôr toda a gente a escavar a areia pós lados para fazer uma piscina no meio. E cada vez, e todos os dias, todos os dias punhamos as areias pós lados e depois no fim-de-semana vinham os senhores da, da junta de freguesia e punham a areia no meio. E eu... bora lá, Vamos começar outra vez. São as coisas que eu tenho do meu jardim. E tive sempre a mesma professora (...) (E10).

A passagem para o segundo ciclo implica, habitualmente, uma adaptação mais exigente para o *self*. Entre estes jovens evidencia-se na transição do primeiro para o segundo ciclo um maior afastamento ao local de residência e a mudança de escola, embora se mantenham alguns dos amigos.

vim pra cá, pr'as Caldas... quinto e sexto ano. Tive na EBI. Pronto. Os meus amigos... transitaram COMIGO... fomos todos (E2).

A negociação identitária torna-se mais real. A construção dos *selves*, na procura de uma identidade coerente, por vezes, vê-se limitada, constrangida e dilacerada comportando-se num registo Cassandra (Magalhães, 2001: 304-314). A adaptação surge, então, como uma estratégia identitária possível para ultrapassar os dilemas que se instalam na construção do projecto reflexivo do *self*.

Ahm, no quinto ano foi quando fui pa, pa, pa, pa outra escola. Pá escola... ah...pó ciclo e foi, foi aí que, que as, que a minha vida começou a ser complicada! Continuei a ter notas excelentes eu lembro-me de ter tudo cincos de uma ponta à outra, pouco mais, poucos quattros por aí, mas... alguém que era assim,

não se conseguia, não se conseguia integrar... muito bem. Não sabia jogar à bola, (já nessa altura) era o nardzito lá do sítio, não é? Acho que a minha média a História, no quinto ano, foi noventa e ...oito. Tive um noventa e seis pelo meio, uma coisa assim, e (pausa) o que é que teve que começar a acontecer? Tive que começar a... usar diferentes máscaras. A ser uma pessoa diferente no recreio e uma pessoa diferente na sala de aula, ou em casa. Quando comecei...mas isto foi um processo lento, porque eu tentava ser outra pessoa, mas eu não queria ser essa pessoa! Mas tinha que ser, porque senão também não tinha amigos não tinha ninguém. Ahm is, isto levou-me pelo ciclo todo. É sempre esse o sentimento. Foi sempre esse sentimento que tava a viver duas coisas. Duas coisas ou três coisas até, mas também me ensinou a adaptar-me (E10).

No percurso escolar destes rapazes e raparigas o liceu assume relevância nos seus discursos como instrumento do projecto do *self*.

■ O “liceu” ou a Escola Secundária de Raul Proença

Em 1971 surge a secção Liceal de Caldas da Rainha, pertencente ao liceu nacional de Leiria. A 5 de Maio de 1975, já liceu autónomo do de Leiria e na sequência do fim do ensino liceal, aquele passou a chamar-se Escola Secundária de Raul Proença. A 10 de Maio de 1984 foi oficializada a designação anterior com a publicação da portaria 283/84 no Suplemento do Diário da República nº 108, I série. Daí que perdure até aos dias de hoje a denominação de “liceu”.

■ O “liceu” e os *selves*

Se por um lado a transição para o liceu marca uma nova mudança de vida, coincidindo com transformações biológicas que assinalam a adolescência e onde as inseguranças estão presentes,

eu fui po liceu, mas começávamos as aulas à segunda-feira e no sábado antes apareceu-me o período, pela minha primeira vez. E aquilo, pra mim, foi um drama. Eu não queria ter o período, nem por nada na minha vida, eu detestava aquilo, eu não queria aquilo. É que não queria mesmo e foi o choque de ir pa uma escola, pa uma turma que eu não conhecia, porque nós fomos três amigas pra lá e as três amigas ficaram em turmas diferentes. 6

(...) Ao princípio eu NÃO gostava. Foi muito mau, porque foi o acumular de tudo. Era ter o período, aquela insegurança, ir pra uma escola NOVA (E2).

Por outro, ele é um lugar de construção das identidades ao qual se atribui a vivência de boas recordações que deixam saudades.

quando falam em escola... pra mim a escola foi... foi o... liceu. Foi a época do liceu. Até porque antes de isso as memórias são...são... não são tão nítidas.

(...) As boas recordações só vêm do liceu... (E4).

Fui parar à Raul Proença, a melhor mudança da minha vida. Acho que a partir daí, tudo o que eu sou hoje começou daí. O meu sétimo ano, com uma turma magnífica, com professores magníficos (...) tenho tido momentos de choro mesmo, com saudade, com saudades do liceu. Haaaa, hammm, desde o edifício às funcionárias, aos professores, ao ambiente, à..., ao café, ao ABC, ao voluntariado (E5).

Eu sinto tanta pena quando vou agora ao liceu buscar o meu irmão, porque eu penso assim “Isto já não é o meu liceu! É o liceu do meu irmão. Já não é as mesmas pessoas, as mesmas coisas. Sinto muita pena, porque se eu pudesse voltar aqueles dias, com aquelas pessoas, com aquelas experiências, era isso que eu queria. Foram os melhores anos da minha vida! (E10).

■ “A turma: nós e os outros”

Os discursos sobre o percurso na escola secundária parecem indicar que a turma a que se pertenceu pode assumir-se como um instrumento utilizado na construção do projecto reflexivo dos *se/ves*; ser alvo de mudanças de posicionamento nas narrativas – mudanças de pronomes; assumir a ideia de identidade colectiva – comunidades imaginadas – ou apresentar dilemas de fundo quanto à escolha do tipo de discurso a assumir.

▪ “A turma: nós e os outros” e os *se/ves*

A turma pode assumir-se como lugar de segurança onde se constroem amizades que se tornam securizantes para o *self*.

... e sétimo, oitavo e nono, pra mim, foram os meus melhores anos, porque foi onde eu agarrei as pessoas que tenho hoje, porque os meus melhores amigos são estes, que estão aqui. Porque, eu tive décimo, décimo primeiro, décimo segundo...sim, tive amizades, mas ...colegas. São colegas (E2).

Receberam-me muito bem na turma. Eu antes de ir pr'as Caldas, já tinha entrado no chat, na Internet. Já tinha conhecido... umas pessoas que estudavam no liceu, mas a amizade não, não, não foi aprofundada. Mas, na turma, receberam-me bem... enturmei-me logo, também... não foi, não foi, não foi difícil. Foi uma maravilha (...) Senti-me bem tratada (E4).

Mas as mudanças de turma levam a novas adaptações e podem gerar intranquilidade.

Depois, no secundário... mudança de turma, mudança deeeeeee professores, mudança de amigos (E5).

Fui ver a minha turma, uma turma de trinta alunos. Eu achei aquilo surreal, prontos, quer dizer. Uma turma enorme, se bem que o funcionário disse logo: eu assim: “ai que turma tão grande, trinta alunos!”; “Ah, isso no primeiro período... metade sai logo (muitos risos)”. Foi verdade (E8).

Mas é lugar de aprendizagem sobre relações interpessoais permitindo que o indivíduo reflecta sobre as escolhas que pretende efectuar de acordo com o seu projecto de si.

Isto nota-se muito na escola. O interesse de que a pessoa, que a hipocrisia é um defeito horrível, e que a pessoa vem ter connosco por interesse, não é? (E9).

E pode ser um lugar onde o indivíduo se sinta só, ansioso, dilacerado, não conseguindo rodear-se do que necessita reflexiva e praticamente para a construção do seu projecto de *self*.

Eu acho mesmo qu' há aí muito, muito estudante a gritar por ajuda. A GRITAR POR AJUDA! E ninguém dá uma mão (E10).

▪ “A turma: nós e os outros” e as mudanças de pronomes

A turma pode assumir-se como um grupo com o qual o “eu” se identifica com o “nós”, mas que também deseja que os outros sejam, também, um “nós”:

nós começamos todos a fazer as festinhas, os encontros e que eu sei sempre gostei muito, porque éramos um grupo... (E4).

era bom pó aluno perceber que: “eu não posso ser prestável, mas a turma é! mas se a turma é tão boa assim, porquê que eu não hei-de ser prestável?” se calhar, aqueles, aqueles alunos menos interessados que, às vezes, os puxávamos, não é? Às vezes... às vezes, puxávamos tamém pa eles, pa eles se interessarem. Eles, às vezes, podiam não querer mas, às vezes, eles sentiam:”Alto lá! isto, realmente,

eles estão tão interessados e é tão bom para o aproveitamento de cada um que nós também vamos lá” (E9).

Para se demarcar (eu/eles; eles/eu; eu/eles/nós) quando se entende que há um certo carácter de desvio à norma assumindo-se, então, um discurso moralista e estereotipado:

acabei por me insurgir um bocadinho contra alguns colegas que eu achava que não tinham um comportamento que deviam ter numa sala de aula e que as pessoas deviam gostar de aprender e que se não gostavam de aprender não estavam ali a fazer nada, portanto xô com eles (risos) não tavam ali... pa, primeiro porque tavam a atrapalhar quem queria fazer as coisas, não é? E, por outro, porque não tinham forma de estar e não, não sabiam fazer a diferença entre o que era o recreio e a sala de aula (E7).

E agora contra mim falo, não é contra mim, porque não era pra mim, mas é assim aa... eu detesto pôr as coisas neste prisma, mas aa... no décimo primeiro havia dois grupos na turma. Era o grupo dos fixos e o grupo dos não fixos. E eu... estava no grupo dos FIXES! Mas o grupo dessas raparigas, era um grupo de raparigas, sentia-se muito alienado. E porquê que eles se sentiam alienados? Porque eles tavam sempre no corte da gente, porque tinham ciúmes, eh pá! E eu compreendo que elas tivessem ciúmes, porque é assim: havia ali duas ou três pessoas naquele grupo que tinham muito dinheiro e podiam fazer o que é...e depois chegavam e falavam da neve e depois chegavam e falavam: “ai, comprei esta camisola... não sei quanto e não sei quê” e eu... como nunca, nunca achei... sou amigo deles como sou dum, dum mendigo, não ligo nada, nada a isso, pronto, não me afectava. Às vezes pensava: ” Escusavam de tar a fazer isto tanto!”, mas pronto. É a tal coisa, somos amigos não ligo. E elas ligavam muito e depois começavam, não sei quê e um dia foram-se queixar à, à directora de turma e a directora de turma veio ter comigo! Que nós tínhamos que as integrar, porque não sei quê. E nós não temos que integrar nada! Nós não tínhamos que integrar nada. Ela, AO fazer isto, ao ter esta posição de “Olha, agora, vocês, coitadinhas das meninas! Vocês têm que as integrar!” isto é pater... paternidade... não existe essa palavra em português! É fazer coitadinhas das meninas! É piorar ainda a situação, não é? Em vez de lhes dar espaço () “vocês têm que ser vocês, têm que ter a vossa identidade”. Ela ao querer ajudar ainda piorou a situação! E depois criou o quê? Criou ainda mais uma barreira entre nós! Ai ela está a dizer isso? Ah! Então pêra! E eu sempre na boa, porque nunca alimentei esse tipo de coisas, mas pronto. As outras pessoas alimentaram e ainda piorou a situação! Há professores que sofrem por causa dessas coisas e depois há professores que passam perfeitamente ao lado e não, não ajudam... (E10).

As turmas de Artes eram os alunos mais velhos, mais... os repetentes as ... as turmas problemáticas todas da escola (risos), as turmas diferentes as turmas de Artes, os alunos de Artes. Encarei também essa situação, que não tinha essa noção, não tinha essa noção que as turmas de Artes, se calhar, o *avant garde* dos próprios alunos, não é? O estarem à frente, todos os símbolos, todos os mitos que se começavam a venerar, desde logo, só porque se andava a aprender Artes (E8).

- **A turma, vista como comunidade imaginada**, é tida como uma identidade colectiva com a qual os jovens se identificaram e que permitiu criar laços de amizade

Pronto e... marcou muito, muito mesmo. Porque nós... é que nós vivíamos as coisas... fazíamos coisas que ficam pa sempre e quando nós tivemos juntos, nós falámos sempre muita coisa. Quando nós íamos brincar pr’ali, pr’acólá, quando... quando nós íamos... quando não tínhamos aulas nós íamos po parque brincar, andar de barco... são coisas... que ficam sempre, sempre, sempre. Que nós vivíamos... Era tão engraçado que nós ríamos tanto, fazíamos tanta coisa e, ao fim ao cabo, fazíamos sempre as nossas coisas. Fomos uma das melhores turmas do liceu! Isso também marca! Isso também é bom! Os projectos que nós fizemos... (E2).

se naquela turma cada um fosse para o seu lado, então, não távamos ali a fazer nada. Se adoptássemos o esquema casa-escola, escola-casa então tava mal e tínhamos de nos conhecer uns aos outros. É essa. NÃO ERA os professores que diziam que vocês têm que conhecer-se uns aos outros, fomos nós que percebemos que era essencial nós conhecermos uns aos outros.

(...) Aquele grupo, de turma que ia para dentro de uma sala de aula, antes de ir pa sala de aula falavam todos: “Eh! Como é que fizeste o trabalho? não sei quê, não sei que mais.” Isto é muito bom. É muito bom porque cria-se uma grande amizade

É aquela turma de sétimo ano, a melhor turma da escola. Não é? Aquele turma formidável! (E9).

“A turma: nós e os outros” e os dilemas de fundo

Mas os dilemas de fundo estão presentes nos discursos, sobretudo quando a memória não permite recordar colegas que desde sempre pertenceram à turma e que só mais tarde é que se consciencializa que eles sempre lá estiveram:

Eu andei sempre... andava sempre, andei sempre... tinha MORAL. Andei com eles... eu comecei, dava-me muito bem com a D., mas eu lembro-me que, ao princípio... não me dava com as pessoas que me dou mais agora: F, a V, a P, a L... a L ... não me lembro dela. Eu, sinceramente... sétimo, oitavo... eu tinha pessoas que... coiso... a L... não me lembro de coisas da L. Não sei. Passava muito... passava ao lado. Eu não me lembro (E2).

e quando a exposição aos outros é pressentida como algo de ameaçador, não se desejando correr o risco.

Então, eu não queria falar na sala. Eu não me sentia... afirmada, confiante pra poder falar. É, é... quando eu dizia que era... eu só queria ouvir, era porque... também era... não era só assim na sala de aula (E3).

■ A biblioteca da escola secundária

▪ A biblioteca da escola secundária e os *selves*

A biblioteca da escola secundária é considerada, na construção discursiva, um instrumento construtor dos *selves*, parecendo desempenhar um lugar de escolhas e de afirmação do “eu” que nem sempre dá resposta aos desejos dos jovens.

Agora é... aquilo era, havia barulho n’ alguma mesa: “P. TÁ CALADO!” se houvesse próxima era logo: “P. TÁ CALADO, porque não sabiam o nome dos outros. E, eu, uma vez, cheguei ao pé da dona C. e da S. e disse assim: “desculpem lá (riso de desprezo): eu não tava a fazer barulho nenhum. Se vocês a única pessoa que conhecem é a minha pessoa, vocês não têm que tar, eu tava calado! Vocês é que passam depois por, por más pessoas, porque vocês tão a mandar calar uma pessoa que tá calada! (indignado) Não é? Vocês têm que ir lá à mesa e falar cuidadosamente, eu disse mesmo: falar cuidadosamente com as pessoas, com os alunos que tão a fazer barulho”. E depois aaaa, lá a Susana pergunta: “Ah! Até parece que, às vezes, falamos com sete pedras na mão!” Parece? Quase todas as vezes falam com sete pedras na mão. Como se... ou vocês o dia correu mal, ou acordaram maldispostas e nós depois é que temos que pagar por isso!”. Há montes de coisas que me aconteceram na biblioteca (indignado). Desde de me proibirem uma vez de comer lá dentro. De entrar a comer, faltava-me um bocado de croissant. “VAIS COMER ISSO LÁ PRA FORA!” e eu virei-me pra elas assim: “Essas bolachas que tão aí? Também tão comidas e você comeu-as aqui dentro!”. Isto é ensinar a escola! (E9).

A Raul tem andado a melhorar muito. Desde o décimo até ao décimo segundo melhorou muito e melhorou muito a minha visão das bibliotecas no meu décimo ano havia Harry Potter em todo o lado e havia lá, pa requisitar, Tolkien não havia o Duas Torres. Pá, tamos a falar de uma das mais influentes obras literárias do século XX. Pronto, este tipo de sentimento. Mas eu aposto que não há Marcel Proust na biblioteca... por exemplo! Isto, são coisas que tinham de lá tar (E10).

■ Os professores

▪ Os professores e os *selves*

Os discursos sobre os professores apresentam-se com diferentes posicionamentos: como instrumentos do projecto de *self*, mudanças de pronomes e integrados nas comunidades imaginadas, alvo de investimento psicológico e como dilemas de fundo.

Se, por um lado, são construídos como modelos:

eu dava muito valor à professora! Ainda dou. É verdade! E isto não é tar aqui a dizer pra parecer bem. Não é. Eu lembro-me de dar muito valor à professora... (E2).

por outro, são tidos como “adultos gigantes” contra os quais nada se consegue fazer:

é difícil uma pessoa se impor, uma pessoa de catorze, quinze anos se impor contra um adulto gigante. Professor (E4).

Relativamente aos professores, os discursos também evidenciam que os jovens criam uma identidade colectiva, ainda que temporária, onde desejam a proximidade com o professor, mas parecem lamentar a dificuldade em que tal suceda, evidenciando-se a posição entre um “nós”, os alunos, e um “eles”, os professores.

Os professores! A gente vê sempre os professores num... numa espécie, numa espécie de mundo à parte. Uma espécie, não é? Porque o professor é... não, não... são poucos os professores que têm uma relação além de professor aluno com os alunos. Além daquela relação de sala de aula. Também porque não há outro lugar de convívio. É só mesmo... pr'ali, porque é só... é aquela função de professor e ele não tem mais nada. E, às vezes, até os professores dizem: “Eu tou aqui pró que for preciso”, mas é difícil uma pessoa, um aluno, ter a coragem... de ir lá e falar com, com o professor se estiver a precisar (E4).

E, contrariando a perspectiva do “adulto gigante” que exige a submissão, há discursos que perspectivam o medo dos professores face ao colectivo que são os alunos detentores de espírito crítico, chegando mesmo a questionar a formação de professores cuja formatação parece evidente.

Porque os professores têm muito medo, muito medo de nós. É perfeitamente compreensível. (...) eu não sei como é que o vosso treino pa ser professores, mas eu não sei se eles têm treino suficiente pa tar em frente a uma plateia que está a fazer julgamentos (E10).

Se os professores são formatados, eles só nos podem formatar, porque eles não vão ter a abertura de mente para nos incutir espírito crítico (E10).

■ A Faculdade

▪ A faculdade e os selves

A faculdade, o longo do percurso escolar, surge, também, como um instrumento a utilizar no projecto de construção do *self* na conquista de uma maior autonomia.

Depois ahmm a transição. Depois a carta de condução, uma sensação de independência, de maturidade. Aaa a entrada na universidade, uma vitória, uma alegria plena. Ahmmm primeiro ano de universidade muito, muito vago. Muuuito ahhhh ahmmm... Sem grande ahhhh contente. Nunca duvidei do curso. Metia-me pena estar com pessoas que ahmmmm a, a, desiludi-me até. Desiludi-me com as pessoas. Pensava que ia encontrar pessoas mais interessantes. Estava todo contente, que ia partilhar dos mesmos interesses dos mesmos sonhos, mas não, não aconteceu. Muita gente está ali, porque não está noutro, portanto, por exclusões de parte. Mas... estou muito contente, porque ser Guia/Intérprete é um sonho mesmo. É... tenho a certeza daquilo que quero (E5).

- **A escola**
- **A escola e os selves**

A escola é assumida, antes de mais, como “um lado muito importante” que “sempre fez parte” da vida destes rapazes e raparigas que não se reduz à componente formal.

Uma segunda casa.

Definitivamente, sempre foi um lado muito importante, sempre fez parte da minha vida. A escola, seja de que tipo for, é aí que desenvolvemos as relações sociais, o nosso intelectual, logo, relações a nível emocional (E1).

era a minha vida, era, era a minha escola, era o meu dia-a-dia, era a minha segunda casa e é a minha segunda casa, de certa forma (E8).

Mas que se reconhece como uma instituição que não agrada a todos:

Há sempre alguns que não querem saber da escola pa nada. (...) Se calhar, acham que a escola não vai servir de nada (E6)

Sendo reconhecida como um espaço de aprendizagem:

Escola... educação...educação. Socialização. Aprendizagem... aprendizagem, não só cultural, aprendizagem de conhecimentos, aprendizagem social (E4)

ela é reconhecida como agente de socialização – socialização secundária – que não substitui a família:

há uma parte educacional que as aulas exigem que deve ser dada, de formação enquanto agente de socialização. Enquanto segundo, não é? Porque a família deve ser o primeiro (E7).

É, então, um lugar onde e que contribui para que cada um conheça melhor quem é, as suas capacidades e se vá construindo.

A escola (pausa) a escola era, sempre foi...eu acho que houve muitas fases, eu vi a escola de maneiras diferentes à medida que... vejo a escola de uma maneira completamente diferente hoje e vi a escola... quando eu era puto era... uma maneira de... ser o melhor. Não era ser o melhor por ser melhor que os outros. Era por ser bom. Eu nunca me preocupei de ser o melhor, quer dizer, havia aquela pontinha de mim que queria ser o melhor, mas nunca me preocupei porque, normalmente, o segundo melhor, quando eu era o segundo e o terceiro melhor eu conhecia o primeiro e o segundo e eram meus amigos e eu ficava feliz por elas, "Olha...", mas era uma maneira de ser bom, de as pessoas reconhecerem valor em mim. Era a única, era o único valor que eu tinha, eu não sabia, eu não tinha mais nenhum valor, era o único valor que eu tinha. Eu nunca soube, eu nunca fui bom em mai nada. Eu nunca fui bom à bola, eu nunca fui bom e... pronto. Em desportos era perfeitamente medíocre. Tinha cinco, mas nunca era, nunca era aquele tipo "uou!"...artisticamente também nunca, nunca me excedi. Pronto! Mediocre, mais uma vez! Mas na escola...pronto a maior parte do meu percurso escolar era ali em cima, sempre a puxar a fasquia e, e pronto! Era uma maneira d'eu ter pessoas com quem discutir coisas. Era assim que eu via a escola quando era mais novo. (silêncio) E É SEMPRE ISTO. ATÉ HÁ BEM POUCO TEMPO FOI SEMPRE ISSO! Era sempre uma maneira de eu falar... eh pá! Pronto! Uma maneira de eu me sentir bem com o meu ego. E isso sempre me deu muita confiança porque eu... por mais que eu não tivesse a roupa que, que, que toda a gente tinha, e houve muita altura em que eu só queria a roupa que toda a gente tinha, mas eu já sabia que não podia ter por isso não valia a pena...pensar nisso (baixou o tom de voz). Ahm (pausa) era... era o meu refúgio. Depois passou a ser o meu refúgio quando eu comecei com problemas com os meus pais era o meu refúgio. Eu vinha pa escola na camioneta das sete e eu ia pa casa com a minha mãe às sete. Passava doze horas na escola. Todos os dias, cinco dias por semana, 50 semanas... pronto. Nos três períodos era sempre aquilo, era tudo pr'ali (E10).

Para estes jovens, é um lugar onde as regras são aceites, *a priori*,

pr'além de uma obrigação é um dever ir pá escola (E9).

Candidatei-me na segunda fase, porque eu não passei o meu exame de Alemão. No segundo exame é que passei. Candidatei-me, na segunda fase, para Serviço Social, em Leiria; Educação Social e

Animação cultural, na ESAD. Na minha ideia, eu entrava em Animação Cultural, porque a última pessoa que tinha entrado tinha dez, eu tinha média de treze! E eu: “Eu vou entrar! Eu entro”. (...) Não entrei. Lembro-me que passei um dia todo a chorar. “E agora? O que é que eu vou fazer?” (...) eu não sabia o quê que havia de fazer. Senti-me me inútil. Foi o que eu me senti, mas não me revoltei com a escola. Não pus em causa a escola. 10 (E2)

mas onde também se efectuam escolhas e deve ocorrer a negociação:

Essa negociação que eu falo é de... uma maneira de estar e uma maneira de passar as coisas que não deve não deve cingir-se única e exclusivamente a escola enquanto formação profissional, mas escola enquanto formação pessoal, também porque... (E7)

o facto de, por exemplo, eu defender uma coisa e a professora... um tema qualquer, defender outra, isto é escola, porque eu mostro as minhas ideias e a professora mostra as suas. Para além de ser uma argumentação () a professora está a mostrar a sua escola, aquilo que sabe porque sabedoria está ligado à escola (E9).

É, portanto, utilizada como um espaço onde cada um se constrói à luz do seu projecto, numa “luta” diária:

Eu tive que fazer da escola um lugar bom Eu ficava assim: “Será?... Será?”. Tinha muito... tinha muito...a, ali, a escola, pra mim, os anos que passei na escola foi cada dia, pra mim, era uma luta. Cada dia que eu deitava eu dizia: “Eu venci um dia!”. Um dia, um dia, um dia (E3).

Mas a escola é vista como detentora de uma responsabilidade que parece não assumir convenientemente, ou seja, ela devia ensinar competências para a vida, para o mundo que existe fora da escola, auxiliando na descoberta de um rumo pessoal a seguir, como instrumento para a construção do projecto do *self*.

A responsabilidade da escola é preparar e ensinar conhecimentos, mas... tem que, cada vez mais, preparar pra fora da escola, pra a pessoa viver fora da escola, também. A escola acho que tem a responsabilidade de... de preparar uma...uma criança para sair da escola e não se sentir perdida (E4).

Mas a escola surge nos discursos dos *selves*, sobretudo, como o produto de uma construção relacional:

o facto de, por exemplo, eu defender uma coisa e a professora... um tema qualquer, defender outra, isto é escola, porque eu mostro as minhas ideias e a professora mostra as suas. Para além de ser uma argumentação () a professora está a mostrar a sua escola, aquilo que sabe porque sabedoria está ligado à escola. (...) eu gostei tanto daquela obrigação de nono ano que quis a obrigação do décimo segundo ano e quis a obrigação da faculdade. Porquê? Porque, se calhar, há coisas ... eu aprendo mais facilmente ouvindo os outros que sabem do que, se calhar, aprender sozinho (E9).

▪ A escola e as comunidades imaginadas

Cruzando o tema escola com o indicador comunidades imaginadas a instituição surge como desactualizada:

Nós temos teorias de ensino que são teorias de ensino que foram usadas pra educar os nossos pais. Nós, não somos os nossos pais (E10).

É um lugar de construção de uma identidade colectiva onde nem sempre se cumpre com tudo o que é exigido, porque se fazem escolhas de acordo com a reflexividade accionada, embora se reconheça a necessidade de regras para que se possa viver em sociedade.

Para quê que serve? Serve... tem muita influência na forma como nos construímos. Mas isso também parte das pessoas com quem estamos, com quem lidamos. Ajuda-nos a construir a nossa própria consciência. A consciência que temos de nós mesmos, do que fazemos, ou seja, a construir o que somos.

É mesmo assim. É a partir daí, porque a escola faz parte da nossa infância, da nossa adolescência, pelo menos nessa fase obrigatória que são as fases mais importantes da nossa vida, que é onde nos construímos, onde nos estamos a pôr as bases para construir algo, para erguer. Depois também depende de cada um. Cada indivíduo é como cada qual! (E1).

Nós aprendemos, nós só retemos se tivermos interesse nisso e nós só fazemos uso dessas coisas se acharmos que devemos fazer (E7).

A escola treina-nos pra vida.(...) E larga-nos na vida.

Treina-nos pra vida no... a escola dá-nos hipóteses. Eu quando cheguei ao nono ano vi-me com quatro agrupamentos à minha frente que não sabia o qu'ê que eram aqueles quatro agrupamentos. (...) Justificando de uma forma muito simples assim, é um treino pra vida porquê? Porque nós temos que tomar opções na nossa vida... e a escola faz parte da sociedade. Nós temos que seguir as regras de uma sociedade porque vivemos nes... tem que... temos que seguir as regras de uma sociedade entre aspas. Estamos sujeitos, porque vivemos numa sociedade, portanto, estamos sujeitos às regras daquela sociedade. Portanto, naquela idade, naquele... ano de calendário... naquela situação, houve aquelas hipóteses... de escolher. Portanto, nós vamos escolher aquilo que nós achamos que... (E8).

A Importância da aprendizagem experiencial é valorizada nos discursos como construção relacional. Como refere Dubar, “a identidade reflexiva não se constrói isolada, mas necessita de experiências relacionais que constituem ao mesmo tempo oportunidades e provações” (2006: 159).

Nós criamos relações em todas as coisas que nós tivemos. Se andarmos no desporto... etc., etc. na escola nós temos... se calhar é um primeiro passo. É quando... se nós tivermos numa turma, e não nos dermos bem com ninguém, não nos sentimos bem (E6).

Todos os erros, os erros que nós temos, as qualidades que nós temos, os defeitos, os, os pontos de interrogação que nós metemos na vida, os pontos finais que nós metemos na vida, os pontos de exclamação, tudo isto é escola. Porquê? Porque é um meio de aprendizagem (E9).

E nos discursos destes rapazes e raparigas a concepção de escola, numa voz colectiva, não parece fixar-se num período da vida, mas na ideia de aprender com a vida, ao longo da vida.

Tudo aquilo que nós vivemos na escola fica pó resto da nossa vida toda. São os primeiros anos que nós vivemos em convivência com as outras pessoas e nós aprendemos, retemos e fazemos uso disso. Muitas das coisas que eu sei hoje, eu aprendi quando tava no liceu e se não as tivesse aprendido eu hoje não sabia e não podia fazer uso delas e tinha que as ir estudar porque elas me faziam falta.

Mas quando digo, quando falo destas coisas não são coisas do conteúdo do programa (E7).

porque a escola é aquilo que nos ensina, é aquilo, só acabando aquele raciocínio de ainda há bocado da escola nunca acaba, por outro lado, nós terminamos, mudamos de instituição, mas a nossa vida continua e aquela sabedoria que vamos adquirindo é, é a escola de outros (E9).

A escola também é construída discursivamente oscilando entre pronomes.

Entre um “eu”, um “nós” e um “eles” a escola é vista como uma instituição da qual se espera que ensine, proteja e que consiga demonstrar-se útil na vida dos jovens, estando consciente da diversidade que acolhe para que possa negociar com o seu público,

Acho que é uma instituição que se pretende que ensine, que... proteja e que faça perceber aos alunos que têm que tirar partido de algumas coisas, numa base de negociação muito grande, porque se tamos a falar de uma escola, de uma primeira a uma quarta classe, não podemos estar a fazer nos mesmos moldes que tamos a fazer num décimo ou décimo segundo, não é? Uma coisa é tamos a falar de crianças, no primeiro caso, outra coisa é tamos a falar de adolescentes, alguns deles adultos, não é? Porque, depois, a idade também não corresponde à maturidade das pessoas, mas isso é outro assunto. Mas eu acho que serve, sobretudo, como agente de negociação entre as pessoas de, de de perceber que uma coisa é aprender, outra coisa é reter e outra coisa é fazer uso disso. São três coisas

completamente diferentes. Nós aprendemos, nós só retemos se tivermos interesse nisso e nós só fazemos uso dessas coisas se acharmos que devemos fazer. E, e acho que a escola serve para ensinar, mas, por outro lado, tem que ter mecanismos para poder aaa... para poder incentivar as pessoas a reter e a fazer uso dessas coisas (E7).

E lamenta-se que o mundo da escola esteja arredado do “mundo real”.

Foi, foi importante, porque foram... foram etapas que se foram... foram, foram professores que ... o D., DP. O DP ... ai! Foi quando eu... eu quando fui à palestra do D.P. é que eu tive assim a certeza “Oh, Pai! Eu peço imensa desculpa, mas não vou ser médico! Deves tar é doido da cabeça!” (muitos risos). E não só a nós! Ali foi o ponto. Não foi só ao núcleo. Eu sei de pessoas... no outro dia tava a conversar com a E. ... a E. disse-me assim: “Olha, aquela conversa, aquela vez que o P. foi lá, o D. foi lá à escola, olha foi, foi muito importante porque”...ninguém sabe de nada. Ninguém na escola sabe o que é o mundo! A escola não tem contacto nenhum com o mundo real. Não tem! Eu continuo a não ter! Por isso é que eu quero fazer outro estágio este ano (E10).

A escola tá no mundo! Nós quando acabarmos a escola vai memo haver coisas lá fora e nós protegemos os alunos coitadinhos. Não sabem o que andam a fazer (E10).

▪ A escola e os dilemas de fundo

Quando perguntei a uma das jovens: “achas que a escola valoriza, ou valorizou, a tua experiência de vida? O teu conhecimento da vida? Aquele que tu tinhas? A escola alguma vez quis ouvir? Alguma vez deu importância a isso?” a resposta revelou dificuldade quanto ao posicionamento discursivo a assumir: “Oh, oh professora! Temos experiências que nem sequer as valorizamos”, procurando uma justificação que de alguma forma parecia remeter para a idade que se tem como competência para interpretar a própria experiência: “Só mais tarde é que as podemos valorizar e aprender alguma coisa com elas e assimilar de alguma forma”. Mas a incerteza surge no pensamento e o discurso revela insegurança. A jovem resolve, pois, justificar-se assumindo um discurso institucional: “Não sei, porque... há um... há regras, há ali, como os professores dizem constantemente... Temos um programa pa dar e temos, temos que dar isto, ou seja, nós estamos ali p’ aprender, p’aprender e as experiências vivemos em conjunto”, tentando ancorar, desta maneira, o argumento que ensaia construir. Reconhecendo que na escola se vivem experiências em conjunto, volta a instalar-se a dúvida e a dificuldade em construir o raciocínio: “Estamos na escola, estamos com outras pessoas, estamos a interagir, estamos a trocar experiências, estamos a vivê-las. Mas... a nível... nem sei se a escola deve valorizar isto...porque nós, por nós mesmos já o fazemos”. Acaba por assumir um discurso que, de alguma forma, parece desculpabilizar a escola por não querer saber da sua experiência de vida: “É inconscientemente é ...tamos...no meio de um conjunto... tamos num conjunto de pessoas, já tamos a viver isso na escola” (E1).

▪ A escola e os pontos de crise

A tensão entre discursos surge quando se fala da escola. Era como se a hesitação revelasse as contradições que se vão gerando internamente quanto ao papel da escola.

Na escola você forma uma boa parte da sua pessoa, porque você não vai pra casa a... você não vai pra escola e só faz o que teus pais te ensinaram em casa. Como eu já disse, você aprende na escola a... regras, regras não! Aprende na escola a socializar (E4).

Na escola as actividades extra curriculares são escolhas pessoais concebidas como instrumentos para a construção do projecto de cada um sobre si que podem até ser terapêuticas quando o *self* revela dificuldade em se construir como uma identidade coerente por encontrar uma pluralidade de *selves*, que, por vezes, não são reconhecidos como autênticos.

Depois, e já entrando noutro período, o do secundário, toda a importância do Teatro, a libertação, era reconhecido na escola doutra maneira, mas também o era. Se, durante o terceiro ciclo, era reconhecido pelo meu trabalho do Núcleo e pelo voluntariado eeeeeee, aaaaaah, pelos prémios que ganhei, no secundário é o Teatro, sem dúvida. O Teatro veiooooo, veiooooo a desenvolver todas as minhas capacidades corporais e... faciais que eu sabia que me iam ajudar para a minha profissão futura. O falar com o público é extremamente importante, o à vontade. Depois, a sorte de me puder mascarar, de puder vestir outras personagens e esconder a minha, que no fundo era isso que Teatro também me tava a ajudar a passar. Foi no fundo... o Teatro foi a terapia para eu tentar esquecer o Z. Tentar esquecer aquele peso de consciência de ter-me separado de pessoas por uma razão que não podia naquele momento explicar (E5).

Mas os discursos revelam mudanças de posicionamento com as mudanças de pronomes. Ora se assume uma identificação com o colectivo que, neste caso, o teatro representa, ora se assume um posicionamento individual, pretendendo algum distanciamento:

somos mal pagos, é preciso ter muita sorte onde... É PRECISO TALENTO, CLARO! Mas é preciso também sorte onde se entra e eu não queria essa incerteza para mim. Deixei a proposta, mas o Teatro é um sonho meu. É um sonho meu a vir a realizar (E5).

■ “Escola: a sua relação com o mundo do trabalho”

Na temática da escola e a sua relação com o mundo do trabalho os posicionamentos discursivos revelam diversidade, embora se centrem nos *selves*. A educação escolar emerge como uma estratégia dos jovens para concretizarem os seus objectivos profissionais conseguindo, assim, incluir-se socialmente através do mercado de trabalho, embora seja reconhecida a dificuldade da tarefa. A escola “atribuída” é questionada. Na linha de Carnoy, defendida por Magalhães, a educação parece ser vista por estes rapazes e raparigas “como um sistema de formação ao longo da vida em que o desenvolvimento das identidades ocupa um lugar central” (2006: 80).

No secundário, até ao 12º...por isso é que, se calhar, há muito insucesso escolar, porque muitas pessoas, muitos jovens, como eu, vão para a escola... “Isto é uma grande seca, mas para quê que eu preciso disto? Se eu estou aqui... yaaa... isto é a nossa História, está bem, é tudo muito bonito. Vou lá fora, não me serve. Onde é que eu vou utilizar estes conhecimentos para me desenrascar? Lá fora, na realidade, no que o mundo é? Portugal, neste caso?”

Actualmente, estou a trabalhar, estou a estudar à noite e sinto-me dinâmica...sinto-me activa. Estou a ficar independente, mas continuo a apostar na minha formação, que é o que eu quero. Ainda estou indecisa se hei-de ir para a universidade se não, mas quero sempre estudar, quero sempre estar sempre activa, sempre a aprender e a evoluir só que manter também uma parte profissional por mais coisa que seja. Neste momento não estou no ramo que eu quero. Mas pronto (E1).

quando eu acabar o meu curso de engenharia, eu, se calhar, terei emprego (E9).

Sem a escola não era instruído. Se não fosse instruído ia pra um emprego qualquer, ou nem sequer tinha emprego, e eu não quero tar a ser sustentado pelos meus pais (E5).

Pois, mas agora aquilo mudou! Agora há lá cursos que se tem mais... Eu sei, eu sei duma pessoa que tá no liceu, que tá a tirar o mesmo curso que eu, mas ... no... até ao décimo segundo. Não é o mesmo curso, mas tem a mesma vertente. Essas pessoas, se calhar, vão mais preparadas do que as pessoas qu'antigamente saíam do décimo segundo, de Humanidades. Mas aí também já vão porque já têm consciência do que querem fazer (E6).

não me vejo a vida toda a fazer a mesma coisa. Eu...pra mim... é: eu, agora tou nisto, VAMO lá ver o que vem aí (E2).

▪ **“Escola: a sua relação com o mundo do trabalho” e as comunidades imaginadas**

O cruzamento da **“Escola: a sua relação com o mundo do trabalho”** e o indicador comunidades imaginadas permite constatar que as identidades grupais também revelam o reconhecimento da importância do aprender ao longo da vida, onde a escola não é a única detentora dos conhecimentos que formam os indivíduos:

chega o momento em que no próprio trabalho parece que evoluímos e se tivermos experiências sempre diferentes, se lidamos com coisas diferentes, situações, pessoas, aprendemos, mas lá está, o estudo, manter ou um curso qualquer ou, não sei, aquela coisa do ter aulas aprender matérias diferentes e... é cultivarmo-nos (entusiasmada).

É cultivarmo-nos, não é professora? É assim que se diz? (E2).

▪ **“Escola: a sua relação com o mundo do trabalho” e as mudanças de pronomes**

Aqui, é evidente a mudança de posicionamento no discurso: do “eu” pode passar-se para o “tu” dirigindo-se, até, à investigadora como se naquele momento falasse com uma colega sua convencendo-a da necessidade de “conhecimentos específicos” adquiridos através de um curso universitário, ou de formação:

mas eu acho que toda a gente deve seguir, porque no décimo segundo tu não arranjas o mesmo emprego do que se tivesses na universidade. Porque p'além de não teres os conhecimentos específicos ... da área que queres seguir, sabes tudo muito geral. Tu podes trabalhar pa uma coisa... tu podes trabalhar em lojas, tu podes trabalhar num café, agora... não podes ser assistente social com o décimo segundo, não podes trabalhar num ... não podes ser empresário, quer dizer, não podes trabalhar num... numa empresa como gestor sem ... sem o décimo segundo. Não tens, não tens os conhecimentos específicos daquilo. Tu podes é tirar um curso ... qu' é importante. Que existem agora e que eu acho que são importantes. Há cursos que têm equivalência ao décimo segundo e que têm uma área específica (E6).

▪ **“Escola: a sua relação com o mundo do trabalho” e os dilemas de fundo**

Os jovens demonstram dificuldade em se posicionar quanto a este assunto e acabam por optar por um tipo de discurso justificativo que concebe a escola como um meio

para se conseguir aceder à universidade para, finalmente se conseguir um trabalho para o qual estejam preparados.

Já? A escola? Não. A faculdade. Acho que é uma pergunta difícil, porque há pessoas que saem dali pa trabalhar. Há pessoas que saem dali pa trabalhar embora não, não sejam preparadas (E4).

Porque é o seguimento lógico. Sei lá! Porque é as pessoas.... as pessoas vão preparadas, mas não têm uma área específica pa trabalhar. Eles não podem...elas têm... têm conhecimentos, mas não têm conhecimentos sobre aquela ÁREA. Não têm conhecimentos sobre determinada área pa trabalhar. Não tão prontos pa ter um emprego (E6).

- **“Escola: a sua relação com o mundo do trabalho” e os pontos de crise**

À pergunta: “mas tu achas que a escola deve preparar pró mundo trabalho?” uma das raparigas revelou tensões relativamente ao discurso a assumir:

Mas assim... tinham que fazer uma data de cursos ... uma data d'áreas, porque... é muito específico. Eu acho que não pode ... dever, se calhar, até devia, mas não dá (E6).

C. O Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania (NFPC)

O NFPC, à semelhança dos temas Família e Escola é construído a partir de todos os indicadores considerados para a análise deste trabalho. Os posicionamentos discursivos concentram-se, primeiramente, nos *selves*, seguidos pelas mudanças de pronomes, comunidades imaginadas, dilemas de fundo, investimento psicológico e pontos de crise, semelhante ao que foi observado para o tema Escola.

- **Tomada de conhecimento da sua existência (a sua história) e os *selves***

O aparecimento do NFPC tem como base a experiência curricular vivida através da disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social. As narrativas quanto à tomada de conhecimento do Núcleo concentram-se, primeiramente, nos *selves* e, para além dos co-fundadores do projecto,

Desde que ele começou. Fui a uma aula de DPS. Ham? E participei no núcleo. Quando ele acabou e quando eu vi: Eh pá! Mas eu gostei tanto daquela aula! Atão....não... temos que formar uma coisa qualquer (E9).

Soube que a professora andava a preparar qualquer coisa. Perguntou-me se eu achava que devia ir pa frente, eu disse que sim, que gostava muito da ideia. Não, não me considero criadora, mas considero-me... devota (risos) (E7)

deve-se, em grande parte, aos amigos,

Há uns que já iam por causa do DPS, mas eu não conhecia nada! Não sabia nada do que se passava! Eu fui por eles dizerem: “Ah, Andreia! Aquilo é muito fixe. Nós falamos e... e não sei quê, não quê mais” e eu fui (E2),

e a alguns professores.

(...) a professora A. numa aula falou comigo: “Olha, C., ele tem um grupo assim=assim=assim, que tá aqui na escola, eles se reúnem na sala dez, aqui ao lado, eu estava na sala doze (...) (E3).

- **Tomada de conhecimento da sua existência (a sua história) e as comunidades imaginadas**

O posicionamento de grupo revela a identificação com uma “causa” pela qual vale a pena lutar:

Esse período foi marcado por isso e pelo, claro, peloooooo crescimento e pela luta daquilo que viria a ser o núcleo, não é? Desde reuniões com o professor Pimpão, a abaixo-assinados, ahhhh uma luta imensa e uma revolta por ter acabado o DPS e a revolta dos alunos, turma A e turma B, por desaparecer uma disciplina que nos dava tanto gozo e que, realmente... (E9).

- **Tomada de conhecimento da sua existência (a sua história) e as mudanças de pronomes**

O cruzamento entre estes dois aspectos parecem salientar o cerne do processo relacional: o “eu”, individualizado, faz o reconhecimento de si próprio e dos outros e fala de si próprio a partir do outro:

Ah, por...por eles, eu tenho... tenho...a sensação que me dá é que eles tinham actividades muito giras e... há o... voluntariado que eu fiz. Fiz com elas (E1).

- **Tomada de conhecimento da sua existência (a sua história) e os pontos de crise**

Na organização do discurso sobressai alguma tensão entre enunciados: entre o gostar do DPS e da professora e pesarem os dois argumentos conjuntamente:

Mas eu sei que eles só falavam bem de DPS. Eeee que gostavam muito e...principalmente... mais da professora. Sinceramente era mais da professora, também (E6).

- **Os motivos da adesão ao NFPC**

Os motivos da adesão deveram-se, para quem não se identificou com a “causa” desde o início, ao conhecimento que já tinham da professora, coordenadora do núcleo, aos convites efectuados pelos amigos e à curiosidade despertada por aquele espaço mediante o entusiasmo evidenciado por quem o frequentava. Os posicionamentos discursivos situaram-se entre os indicadores *sel/ves* e “mudanças de pronomes” sendo este último o mais escolhido para falar sobre as razões que levaram cada um dos jovens a aderir ao grupo.

- **Os motivos da adesão e os sel/ves**

A adesão ao grupo é o resultado de uma escolha pessoal que dá prazer,

eu fiquei interessada e fui. Depois gostei, nunca mais parei (E6).

ou em consequência das dificuldades que o *self* sente, no seu projecto reflexivo, em se erigir como uma identidade coerente:

E eu lembro, e eu lembro... era um dia de chuva. Estava a chover e eu entrei e fiquei muito caladinha e falei: "vamo ver o que que sai daqui!" é co=como eu disse no dia da reunião: pra mim foi uma questão de necessidade. PRECISAVA! Precisava de tar ali. Precisava mesmo (E3)

■ Os motivos da adesão e as mudanças de pronomes

O cruzamento deste tema e deste indicador deixam patente, na construção dos discursos dos jovens, a importância do relacional nas escolhas que efectuam. O prazer, a alegria e o entusiasmo, transmitidos pelos outros, contribuem para a decisão que tomam individualmente.

Eu vou ser sincera: Eu aderi muito ao núcleo pela professora ser nossa professora e por ser nossa directora do sétimo ano e eu conhecer a professora e depois o DPS e fui (E2).

Claro que convidaram. Mas no início não estava muito entusiasmada pra ir. Mas eles iam e eu comecei a ir também (E4).

Fui, porque, depois, também ouvia os outros que tinham, tinham, tinham conversado e vi que eles tavam todos entusiasmados e eu: "Oh! Será que eu posso ir assistir a uma?" (E9).

Ele disse-me: "Olha, vens, vens e vês se gostas ou não porque é um sítio porreiro e tal" e eu experimentei. E pronto (E10).

■ O que é/ era o NFPC

O NFPC é construído discursivamente pelos entrevistados sobretudo a partir do indicador comunidades imaginadas, seguindo-se os indicadores *selves*, mudanças de pronomes, dilemas de fundo e pontos de crise.

■ O que é/era o NFPC e os *selves*

O cruzamento destas duas variáveis permite entender o grupo como um instrumento do projecto reflexivo do *self* onde se valoriza o seu carácter voluntário,

É uma coisa voluntária. Sim, sim. Não haver uma coisa obrigatória d'ir ao núcleo. Ser voluntário (E2)

o divertimento e a descontração,

a primeira imagem que eu tenho da malta do núcleo é, quando eu saio da sala, deu o toque, eu vi o Fábio vestido com uma caixa, uma coisa assim e os outros a empurrarem "VÁ! ANDA, NÃO SEI QUÊ." e eu: "Aquilo é o núcleo?" (Gargalhadas), mas eu cheguei na sala, o pessoal estava todo descontraído, toda a gente na boa e pronto (E3).

a autenticidade,

E... dizem que a gente só conhece uma pessoa de verdade quando ela é pisada.... Quando aquele... Ali! HAM! Vamos ver agora como... como é que a C. reage. Agora é que eu vou ver quem a L. é. Agora é que eu vou ver quem o Manuel é. Vou pisar, ali... naquele cálinho. Pisando... ali. Naqueles pontos... assim mais... sensíveis ... ou quase intocáveis. E... e era uma coisa que eu gostava no núcleo era conhecer as pessoas quando aqueles pontos eram tocados (E3).

a coerência,

Acho que o nome foi bastante bem escolhido, não é? Pomposo. Formação Pessoal e Cidadania e depois acabou por corresponder... a tudo aquilo que aconteceu lá, pelo menos enquanto eu estive, àquilo que presenciei. Correspondeu. Mas suscitava o interesse (E7).

a intimidade,

Lançava-se o tema e era engraçado porque havia choro, havia risos, mas nada saía dali. Eu ainda participei, ali, nas últimas, em que se falava do DPS acabar e eu comecei-me a aperceber de que realmente, o quê que era aquela família (E9).

a conversa,

um sítio onde eu ia todas as semanas e podia discutir e podia tar a conversar com as pessoas (E4).

a aprendizagem,

havia temas de interesse, coisas que interessavam, havia coisas pr'aprender (E6).

a reflexão,

porque o núcleo não acontecia naquelas três horas! O núcleo acontecia a semana toda! Eu não me sentia no núcleo naquelas horas. Sentia-me no núcleo a semana toda (E10).

o seu carácter único pelo contexto histórico-social específico em que surge e funciona,

não sei se, se pode generalizar o princípio do núcleo. Pra já, porque tem uma pessoa muito especial à frente e (...) eu acho que este projecto é um projecto único (E10).

▪ O que é/era o NFPC e as comunidades imaginadas

Sobre o NFPC, construído discursivamente a partir de um posicionamento colectivo, os jovens vêem-no como um espaço deles, onde se toma consciência de que o outro existe e ao qual pertencem. Um “casulo protector”, onde desejam descobrir e/ou revelar os seus diferentes “eus”, autênticos, na tentativa de se construírem de uma forma coerente:

Era o cantinho, era, era o... era o nosso cantinho. Era...era o nosso espaço. Era onde nós dizíamos o que pensávamos, sem medos. Onde, se calhar, nós acabávamos por ser nós. (...) Era o único sítio da escola onde nós, se calhar, éramos os filhos, os sobrinhos, os, os namorados, as namoradas, os alunos, éramos tudo. Se há sítios onde nós somos isso tudo, mas há uma parte de nós que se evidencia, pelo contexto em que nós estamos, o núcleo fazia com que nós fôssemos isso tudo porque éramos nós. E éramos nós próprios, em todas as componentes em que tínhamos que nos dividir, porque somos tantas coisas ao mesmo tempo, nunca deixando de ser nós, lá éramos isso mesmo. Éramos um bocadinho de cada coisa, de cada função que nós desempenhávamos na nossa vida e que nos compunham (E7).

um espaço e um tempo em que passávamos, em que conversávamos à vontade, num clima informal... a professora era...éramos todos colegas, amigos, a falar sobre temas da vida, que nos interessam (E1).

Consideram-no um espaço de liberdade, onde se sentiam respeitados, onde se aprendia, também, a socializar, onde o pensamento e os valores eram trabalhados, sobressaindo a ideia de escola para a vida, onde a metáfora da casa é utilizada para reforçar a ideia de que se constrói o que se é em relação com os outros, que também somos nós:

Porque nós... lá está, o núcleo... não nos obrigava a pensar, não nos obrigava a pensar... de uma maneira...de uma maneira obrigatória. Não nos obrigava a pensar de uma maneira obrigatória, ou sobre aquela ou outra posição... imposta. (...) Nós se quiséssemos debater o assunto debatíamos, se não estávamos... calados e nem sequer falávamos, nem sequer dávamos a nossa opinião. Estávamos pra ouvir e no entanto, nós não éramos apontados porque estávamos ali calados e nem sequer falávamos nada. Não é? (E8).

Nós... o respeito, nós falamos também, pela hora de cada um falar, mostra também que tem que haver respeito, tem outras coisas. Se aprende um pouco a socializar ali pra depois poder socializar fora dali. (...) ali incitava-nos o pensamento. Era uma forma de trabalhar o pensamento, de trabalhar os valores, aprender os valores, dar valor aos valores (E4).

no fundo, uma segunda escola, uma escola... mais para a vida, não é? Nós tínhamos a escola onde nós estudávamos, mas o núcleo foi a escola que, no fundo, nos preparou para a vida aqui fora! (E5).

Mas depois houve ali o sétimo ano, o DPS, e depois a seguir o que eu me lembro mais no oitavo ano quando a gente o construiu foi o núcleo. Ali sim ... foi ali entre o sétimo e o oitavo foi um ano decisivo. A turma do sétimo ficou e depois ficou a do oitavo ainda mais, é, é como construir uma casa. Construiu-se a base, no oitavo constrói-se as paredes e no nono faz-se o tecto. E a casa só com um grande terramoto é que cai abaixo. Não é? E agora no sétimo onde nós construímos a base, ali tudo uns com os outros, não é? E aquilo tudo que começámos a viver... (E9).

O núcleo parecia funcionar, também, como um grupo terapêutico:

toda a gente sabe, ou dizia que a sensação de alívio... parece que no núcleo era ali uma lavagem, uma lavagem entre aspas. O desabafo, o poder ajudar os outros, a capacidade de ouvir, ahhhh. Tudo isso era tão saudável e todos vínhamos do núcleo a voar, chegávamos a casa contEntes (E5).

o núcleo de cidadania investia mais no... o como somos é... no alimentar as pessoas, as pessoas em si e não tanto o nível criativo, a criatividade e esses lados assim mais, mais artísticos! Era mais pessoal, mais... é pra nos ajudar pró resto da vida, lá está. Há experiências que nos reforçam e que nos ajudam a ser o que seremos, o que somos (E6).

E, se havia identificação com o núcleo, o “nós”, na linguagem de Dubar (2006), não parece ser o comunitário, mas o societário, pois está fundado no carácter voluntário da identificação. Ela é uma escolha.

não sendo obrigatório as pessoas já têm a predisposição para ter determinadas perspectivas em relação à vida, determinadas perspectivas humanistas e determinadas perspectivas de respeito pelos outros e de, de tentar fazer do mundo um sítio melhor é que vai ficando! Os outros, os outros... têm a VIDINHA DELES! (E10).

Em todo este processo, aprende-se com as experiências relacionais e o espaço territorial amplia-se. Se é local, também é global, pois refere-se às pessoas, à humanidade. É a comunidade imaginada.

Aquela discussão começou naquela quarta-feira e, às vezes, prolongava-se por três e quatro semanas e prolongava-se e era no café e era na rua e era em todo, o núcleo não era, o núcleo não era uma sala! Eu escrevi um poema uma vez sobre uma sala. O núcleo não era a sala fechada. O núcleo não era aquela sala. A sala não interessava pa nada! O núcleo era lá fora. O núcleo éramos nós! Eram as pessoas que lá tavam! (E10).

▪ O que é/ era o NFPC e as mudanças de pronomes

Mas a oscilação entre um “nós” e um “eu” revela que as acções colectivas são negociadas e protagonizadas por actores que se constituem como sujeitos:

Estávamos num grupo, que nos propunha assuntos mais sérios. Assuntos que me faziam pensar. Às vezes, rolava uma brincadeira. Claro! Mas eram assuntos mais sérios! Eram... eram assuntos que nós tínhamos... que...pronto, eu vou-me repetir, tínhamos que pensar, que... íamos formando as nossas opiniões (E4).

O Núcleo foi uma coisa que... vai aparecendo, que nós vamos visitando e aaa praticando e aaa fazendo sem saber porquê. Mas Núcleo é aaaa, é aaaa, é...é uma segunda escola, é o espaço... onde...aaaa se aprende, onde eu APRENDI a ser tolerante comigo e com os outros (E5).

se eu tiver um problema tenho ... naquela altura, agora já aprendi, se calhar, pensava duas vezes nas coisas que nós tínhamos dito ali. Ou... a RELACIONAR-ME com as outras pessoas: tudo aquilo que se dizia ali ficava cá dentro e nós aprendíamos coisas que agora... agora já tão ... adquiridos, mas que na altura não tavam (...) Nós távamos ali, porque achávamos que aquilo nos ia ser útil (E6)

▪ O que é/era o NFPC e os pontos de crise

Este posicionamento discursivo, pontos de crise, denuncia tensões entre discursos:

Se entrava uns com uma opinião... a... podíamos mudar de opinião, porque havia conversa, havia troca de palavras, de, de pensamentos e havia formação de pensamentos, havia formação de... de carácter, também, porque não eram só, só, só, só debate sobre, sobre assuntos...a... de amizade, de amor. Era debates que faziam a gente decidir, não é decidir. Não sei se me vou conseguir explicar. Já tou me baralhando (riso). Eram assuntos que nos faziam, também, seguir por certos caminhos. Que faziam-nos escolher valores e escolher... e criar os nossos caracteres. Um pouco. Pelo menos, uma base (E4).

▪ O que é/era o NFPC e os dilemas de fundo

Este posicionamento discursivo revela as dificuldades do entrevistado em se posicionar fazendo emergir conflitos internos que constroem o núcleo como uma referência, um farol que permite redefinir o rumo:

Há certas coisas que não... certas coisas que se passaram lá qu' acho que não. Porque nós...sim. Eu só sou a pessoa que sou, porque tive naquela escola e porque encontrei aquelas pessoas, mas se calhar há certas coisas que nós podíamos... acho que o núcleo segurou-nos muito. Manteu-nos muito. E acho qu'é muito importante. E pra mim foi. E pra muitas pessoas foi muito importante (E2).

▪ Significado atribuído à vivência no núcleo

Nas narrativas contadas por estes rapazes e raparigas, o significado que atribuem às vivências do NFPC, depois de generalizado, focalizou-se, especialmente, nos aspectos ligados à confiança e à forma como se lidava com as diferenças dentro do próprio grupo, na adesão de novos elementos, no voluntariado e na forma como eles se viam relativamente aos outros colegas que não participavam no núcleo. No global, os posicionamentos discursivos dominantes foram os *se/ves* seguidos das mudanças de pronomes, comunidades imaginadas, dilemas de fundo, investimento psicológico e pontos de crise.

▪ O significado geral atribuído à vivência no núcleo e os *se/ves*

O significado atribuído à vivência no núcleo é narrado, dum ponto de vista individual (*se/ves*), em função da gratificação pessoal de ali estar, com os outros. O facto de haver a possibilidade de haver um espaço onde, segundo os jovens, se pode falar o que muitas vezes não se conversa noutros lugares, nomeadamente com a família e os amigos, gerava a vontade e a necessidade de ir ao núcleo:

Às vezes, no Núcleo, discutiam-se coisas que eram tão mais certas, mais concretas do que, às vezes, em... outras disciplinas quaisquer. Aaahm e, realmente, parece que... nunca me questioneei sobre isto!

Uhhmm Outras questões... sei lá... aaaa uhhmm racismo, homossexualidade, identidade ahmm, desde a paixão, de... às vezes, até eram constrangedoras, temas constrangedores (E5).

O que me marcou no núcleo foi, foi ter falado pela primeira vez na virgindade. Na perda disso, pronto, nesse assunto que eu lembro-me de contar à professora que eu uma vez tentei falar com a minha mãe sobre isso e ela: "mas porquê?", numa atitude defensiva, tipo, assustada, mas porquê que tu estás a falar nisso? ((Risos)) (E1).

eu sentia um desejo muito grande, muito grande de tar ali! (...) Então, eu tava a sentir aquilo tudo. Era um turbilhão de coisas dentro de mim. Será que vai dar certo? Será que não vai? Devo continuar? Devo parar? Ai. O que é que eu acho desta escola? O que é que eu não acho? Pronto. Não comentava isso em casa. E... e era... e ao mesmo tempo que eu tinha necessidade de ir pró núcleo era... ai era uma hora... era...era... era onde eu falava. Era onde eu fazia, era o que eu fazia que não fazia dentro da sala... eu tava a fazer uma adaptação (E3).

Dito como lugar de construção pessoal parece ter estimulado o desenvolvimento da auto-estima:

Pra já, faz-me sentir muito bem quando eu tou triste, porque são coisas que... valem ... por serem assim... uma coisa... quando eu leio eu sinto que ... a carta tá tão bonita, que eu não sei (riso), eu não consigo explicar. Aquilo, quando eu acabo de ler parece-me que me sinto muito melhor. Aquilo teve imenso, em mim, efeito... assim... bombástico... naquilo... naquilo qu'eu sentia. Quando eu acabo de ler ... sinto-me outra pessoa (E2).

É engraçado que eu tenho esse papel guardado até hoje... da apresentação. Não deito fora (risos de emoção com lágrimas nos olhos). Eu tenho a data marcada e quando aquilo, quando daquele vez me falou que eu saí no Jornal, na Gazeta das Caldas ((o contentamento é enorme. Ri muito)) "UI, MINHA MÃE! Ai a minha vida". Eu fiquei! Eu na foto, ao lado da antropóloga! (E3).

aquilo foi muito bom pra minha auto-estima. Eu acho que... acima de tudo eu cresci muito e aprendi (E6).

Estes jovens expressam, também, a ideia de que foram aprendendo que o que são hoje resulta de uma construção mediante um contexto relacional,

Aprendi. Aprendi...coisas, talvez eu não consiga explicar, mas eu sei que grande parte daquilo que eu sou foi construído em base... em base de certas coisas. Nem que sejam pequenas, a gente vai construindo um pouquinho, porque um pouquinho de cada pessoa que tá lá, também tá dentro de mim! (E4).

E se sou o que sou hoje, passa pelo meu passado, o meu passado passa pelo núcleo e contribui muito. Este (ponto h) vem donde? Vem do núcleo (...) Esta minha maneira de visionar aquilo que quero, aquilo que penso, aquilo que quero e penso, vem do núcleo (E9).

esse período foi muito importante e faz, sem dúvidas, hoje, aquilo que eu sou porque eu... os meus princípios surgiram daí (E5).

Aprendi aaa... a não ter medo de muitas coisas que eu tinha e que guardava pra mim e que, que, e que eu achava que, que me minimizava, enquanto pessoa, e aprendi a... ter alguém do meu lado, a sss, estar ao lado de alguém e a dar a mão... (E7)

eu sei que seria outra pessoa completamente diferente se não fosse o núcleo. Era uma pessoa muito mais tacanha e muito mais fechada nas minhas vistas e o núcleo abriu-me, abriu-me o ponto que a pessoa que tá sentada ao meu lado, quando sai da sala, vai pa casa e tem uma vida tal como eu tenho uma vida quando vou pa casa. Eu é que experiencio a minha e não experiencio a dela (...) O núcleo ensinou-me a... Eh pá! A pôr as coisas no seu lugar! a pôr as coisas no seu lugar! Eu existo porque os outros existem. (...) Eu nunca tinha feito nada por ninguém se não fosse o núcleo! Tinha chegado todos os dias de manhãzinha, saído à noite... (E10).

onde assuntos considerados *tabu*, mas do interesse deles, podiam ser falados:

O que me marcou no núcleo foi, foi ter falado pela primeira vez na virgindade. Na perda disso, pronto, nesse assunto que eu lembro-me de contar à professora que eu uma vez tentei falar com a minha mãe sobre isso e ela: "mas porquê?", numa atitude defensiva, tipo, assustada, mas porquê que tu estás a falar nisso? (Risos) (E1).

Às vezes, no Núcleo, discutiam-se coisas que eram tão mais certas, mais concretas do que, às vezes, em... outras disciplinas quaisquer. Aaahm e, realmente, parece que... nunca me questioneei sobre isto! Uhm... Outras questões... sei lá... aaaa uhm... racismo, homossexualidade, identidade ahmm, desde a paixão, de... às vezes, até eram constrangedoras, temas constrangedores (...) mas pôr a falar aaa jovens com treze, catorze, quinze, dezasseis anos sobre estes assuntos é extremamente enriquecedor (E5).

Mas se o exercício da reflexividade enquanto autoconhecimento pode levar a que uns encontrem uma pluralidade de *selves* contraditórios que não permite que o projecto reflexivo do *self* se constitua como uma identidade coerente, sendo a perturbação da imagem de si, da estima de si, da definição que se dava de si a si próprio (Dubar, 2006: 144) que leva à fuga das referências anteriores,

Depois, o facto de ter gostado do R. levou, claramente, a afastar-me do núcleo e a dedicar-me ao Teatro para não o ver. (...) o núcleo me obrigava a pensar sobre as coisas e eu não queria pensar, ahhh não queria chegar a casa e, eeeeeeeee e pensar sobre aquilo que se falou durante aquelas duas, três horas, por melhor que eu soubesse que isso me ia fazer. (...) Queria arranjar fugas. A fuga foi tornar-me mais vaidoso, foi juntar-me a pessoas que também não me faziam pensar, que não eram de todo inteligentes, que não puxavam. Isso ao contrário de todo aquele grupo, de todo aquele grupinho do núcleo, não é? (E5)

a outros, permite a busca do *self* autêntico, procurando-se o autoconhecimento com o objectivo de construir uma entidade coerente, promotora da auto-estima, vencendo-se medos, porque se adquire a noção de que não se está sozinho no percurso.

Foi na altura em qu'eu andava pior e que sei que eu saía dali muito melhor do que quando entrava, ou saía pior, porque tinha que sair pior. Mas eu saía pior porque saía a pensar naquilo que fiz de mal. Saía pior porque sabia que eles tinham razão e eu não dava razão. Eu saía dali... já aprendia a dar (E6).

Não ter medo de expor o que se pensava e o que se sentia é referido como outra das aprendizagens realizadas através do núcleo. “Aprendi aaa... a não ter medo de muitas coisas que eu tinha e que guardava pra mim e que, que, e que eu achava que, que me minimizava, enquanto pessoa, e aprendi a... ter alguém do meu lado, a sss, estar ao lado de alguém e a dar a mão” (E7).

Os jovens também desenvolvem a ideia de que há aprendizagens que se vão realizando ao longo da vida, independentemente da existência, ou não, de núcleos deste género. O benefício da vivência deste grupo consiste em adquirir essas mesmas competências mais cedo:

eu ... tenho consciência que aprendi ali muita coisa que... eu podia ter aprendido mais tarde. Se calhar, não tinha aprendido naquela altura e tinha aprendido mais tarde (E6).

▪ O significado geral atribuído à vivência no núcleo e as comunidades imaginadas

O posicionamento colectivo nos discursos revela que o núcleo também é construído como comunidade imaginada. Os jovens valorizam a forma livre e respeitosa como adquirem competências através de interacções gratificantes que estabelecem com os outros e que lhes permite encontrar novas formas de encarar os assuntos, pela reflexão introduzida a partir das experiências de vida de cada um.

Aprende, mas lá está, não é aprender matéria em sentido obrigatório tipo, estão-nos a impingir uma coisa que temos que saber. Aprende. Aprende-se a lidar. Aprende-se a viver de forma diferente. Aprende-se a ver as coisas de forma diferente. Aprende-se a construir relações. É um aprender, com prazer. É uma interacção (E1).

porque nós ... achamos que ninguém, ali, se sentia dono da razão, também (E4).

Deve haver uma parte, sim, que nós devemos preservar, mas deve haver outra parte que nós podemos partilhar e podemos, não vou dizer divulgar que não gosto, mas podemos... partilhar. É mesmo essa a palavra, porque, se calhar, no fundo nós pensamos que é diferente, mas é igual (sorriso) a tantos outros e... quando não é igual, pelo menos não é um quebra-cabeças como nós achamos que pode ser na cabeça das outras pessoas (E5).

E... é muito bom perceber que nós não, não tamos sozinhos, que não fazemos um caminho tão solitário como, às vezes, parece (E7).

la-se ali buscar o conhecimento do, do ouvir, tomar atenção, captar, não é? Ouvirmos essencialmente aquilo que se falava e debatermos e depois saímos de lá íamos, por exemplo, no percurso escola-rodoviária ou, ou entrarmos dentro do autocarro e todo o mundo estar estafado e morto às sete da noite, a cair pó lado, de rastos, à nossa volta, e nós irmos pra casa e, e pormo-nos a pensar sobre aquele ou o outro assunto (E8).

Nas diferentes narrativas os jovens parecem construir as suas identidades manipulando o tempo como tempo pessoal, num registo Troianos (Magalhães, 2001: 313). Os discursos sobre o núcleo assumem, aqui, uma dimensão futurante, pois o presente é organizado através da leitura do passado de acordo com um projecto futuro. O núcleo surge como um instrumento do projecto reflexivo do *self*.

O que é que levou aquela pessoa a fazer isto ou aquilo? Porquê? E, então, (pausa) quando nós nos deparamos, se calhar, três dias, quatro, um mês, dois meses, um ano, eu posso dizer isso porque já passou um ano, não é? Ou mais! ... Se calhar, só ao fim desse tempo todo é que nós vamos agora encontrar respostas. Por isso é que o núcleo está a ser muito importante pra nossa vida futura. Porque, se calhar, só agora é que nós estamos a entender, realmente, a posição de que... que o R. ou... a C., ou... ou alguém tinha sobre aquele assunto, porque, se calhar, na altura sabia mais sobre aquele assunto do que nós, ou estava mais... interessado do que nós e, no entanto, nós agora estamos a captar sinais, no nosso dia-a-dia, coisas que, se calhar, até... não nos dizem... não têm aviso prévio, não é? "Olha, lembrás-te daquele assunto que tiveste há não sei quantos anos atrás, no núcleo? Agora tas-te a deparar com ele", ou a sociedade, agora, está-se a deparar com isso e, agora, nós estamos aaa, e... nós, pontualmente, estamos a interagir com o núcleo! (E8).

A noção de que formam um colectivo societário emerge quando evidenciam que os laços criados entre os vários colegas são frágeis e podem ser temporários, exigindo que a negociação faça parte intrínseca das relações ali geradas para que se mantenham.

No núcleo não somos todos iguais, portanto a única maneira de, de, de transmitir a nossa posição, transmitir a nossa visão é ser assertivo (E10).

▪ O significado geral atribuído à vivência no núcleo e as mudanças de pronomes

Analisadas as entrevistas, este cruzamento permite inferir que as mudanças de pronomes, consideradas vectores de expressão da subjectividade na linguagem (Dubar, 2006: 180), deslizam de um "eu", para um "tu" que pode ser "ele", para um "nós" e para um "ele" ou "eles" indicando a presença da reflexividade e da narratividade nas construções discursivas dos entrevistados.

Assim, a vivência do núcleo surge como significante pelas interacções estabelecidas dentro do grupo e fora dele, pela abertura à comunidade local onde actuam e se sentem úteis,

O ambiente que se vivia, porque a professora sempre foi vista... ah... muito proporcionalmente professora nas aulas, mas amiga. Sempre disponível pra qualquer coisa e muito activa, sempre com projectos diferentes e... ham, interagirmos com pessoas diferentes. Lá está, com alguém fora dali, instituições, fazermos alguma coisa, sermos úteis para outras pessoas. Era, era nesse sentido que despertava. Tinha actividades (E1).

por se sentirem tratados como mais velhos, acedendo a discussões sobre temáticas consideradas do mundo dos adultos onde se jogavam diferentes pontos de vista que permitiam reflectir e construir, reconstruir e desconstruir as próprias ideias em conjunto com os outros, na procura de um “eu” autêntico,

Apesar de ser criança, eu me sentia mais adulta. Estávamos num grupo, que nos propunha assuntos mais sérios. Assuntos que me faziam pensar. Às vezes, rolava uma brincadeira. Claro! Mas eram assuntos mais sérios! Eram... eram assuntos que nós tínhamos... que...pronto, eu vou-me repetir, tínhamos que pensar, que... íamos formando as nossas opiniões. Que, se calhar, nesses assuntos não estavam formadas. Ia ouvindo uma coisa de uma e de outra pessoa. Tentávamos formar, também, uma opinião e... e havia pessoas em desacordo... nem todos concordavam. Nós tínhamos que meter prós e contras (E4).

Eu acho que nós aprendemos a ver as coisas de maneira diferente. Eu fui lá desde relativamente pequena. No sétimo... ainda temos muita coisa qu’aprender. Eu acho que, aos poucos, nós vamos... nós aprendemos muito... a=a crescer ...a crescer mais saudavelmente... com as coisas... com os problemas dos outros, com os nossos, a entender melhor, a ver os dois lados das coisas e a não dizer só “qu’ê isso?”. Sei lá! Muita coisa! Nós aprendemos ... muita coisa, pronto (E6).

foi muito engraçado por causa dos mais novos. Foi muito engraçado, porque, afinal, eles não eram assim tão mais novos, principalmente a nível de gestão desses sentimentos, dessas emoções, de, de ... foi, foi importante, porque... todos temos um eu, não é? E, e por muito bom e por muito, ou por muito mau que ele seja não deve ser só nosso (E7).

pelo trabalho reflexivo que se prolonga no tempo, atenuando as ansiedades que se vão sentindo na procura de um sentido,

Mas o que mais me marcou foi uma vez que a stora trouxe um dilema que era: ia haver uma catástrofe qualquer, no mundo, e havia dez lugares numa casa forte e não sei se vinte pessoas e nós tínhamos de escolher quais eram as dez e eu: “eh pá! Ai! Isso não pode ser!” ... Então não... eu, às vezes... ainda hoje, dou por mim a pensar: quem é que eu escolhia? (...) a lição toda daquilo é que não há juízos morais possíveis. Cada um de nós tem... e eu passei semanas... eu passei anos, eu passo anos a pensar naquele dilema! E toda a vida me ensinou muito e vai-me continuar a ensinar (E10)

E, quando nós encontramos a resposta para algo que já tínhamos falado há um tempo atrás, se calhar, nem tínhamos dado muita importância, mas que ficou lá, não é? Ficamos mais, eu fico mais calmo (E8).

pela possibilidade de experimentar um esbatimento das relações de poder sentidas na escola, pois estas parecem estar minimizadas no núcleo, não obstante a presença da professora-coordenadora, símbolo do mesmo.

E isto, eu estou a falar com os meus pares, eu não tou a falar, não é um professor a falar de lá de cima! Tou a falar com pessoas da minha idade, com pessoas que vivem no mesmo mundo que eu. Que têm experiências diferentes, que passaram por outras coisas, mas que, pra todos os efeitos, podiam ser eu se tivessem tido outro tipo de experiências. E isso é... é brutal! É brutal! Porque t’ali um órgão onde isto pode acontecer, onde há espaço pa isto acontecer (E10).

pela aprendizagem com a experiência, a sua e a dos outros, proporcionada pela verbalização dos saberes, num esforço de negociação permanente,

Eu experienciei muito mais só por estar sentado naquela sala, porque eu vivi a minha vida, e as pessoas, essas pessoas viveram aquilo que eu lhes dei, lhes quis dar a partilhar. E VIVERAM! Porque puseram-se no meu lugar e eu pus-me no lugar delas (E1)

tava toda a gente calada e era eu e ele. E eu a pensar assim: “Eu tou a perceber o que tu queres dizer. Porquê que é tu não tas a querer perceber o que eu quero dizer?”, porque eu tava a acordar... ok. Tu pensas isto, mas vê lá o que é que eu penso! E ele esqueceu-se disso, mas pronto (E10)

pela descoberta íntima, profunda, de que o outro existe, é real e podia ser “eu”,

foi sempre isso que o núcleo me deu e acho que foi sempre, que é a coisa mais importante que retirei de todo o meu percurso escolar (...) É: eu falar com outro, descubro que o outro sou eu, é outro eu, é outra pessoa. Eu podia ser ele. Se eu tivesse tido o mesmo background que ele eu tinha sido ele, só que ... pronto. Ele cresceu noutra sítio, ele teve outras experiências. Ele é ele. Eu tenho a minha posição e ele tem a posição dele (E10).

pela reflexão sobre o significado que uma vida tem,

quando nós nos púnhamos a falar do Holocausto, e falámos tantas vezes, (pausa) se calhar eu, hoje, se não tivesse tido essas conversas sobre o Holocausto, eu também ia pensar isso! Se calhar, ia pensar assim: “ olha, agora imaginem o facto demográfico de seis milhões de judeus no norte da Europa. Se calhar agora dominavam a Europa, tal como dominam os Estados Unidos, e qual era o risco disso?” Mas independentemente de eu pensar isto, ou não pensar isto, aquelas conclusões que nós tirámos: “Ok, morreram seis milhões de seres humanos!” não foi a stora a, a... de cima do seu alto, do seu palanque a dizer: “Olha isto está muito errado! Isto é muito mau porque, porque sim! Porque eu vos estou a dizer.” Não! Era nós a pensarmos qual é a dimensão de uma morte, porque nós... acho que toda a gente, mais cedo ou mais tarde, eu, especialmente, sei que tive muita morte na minha vida! Mortes a mais! mortes a mais meus, mortes a mais dos outros. O impacto de uma morte... seis milhões de mortes é impensável! É impensável! Mas isto era conclusões que nós tirávamos de termos ali sentados a discutir. Não era, não era da professora tar a dizer “Olha que isto é muito errado!”. Não era bláblá. Era pensar qual era a diferença entre as pessoas (E10).

pela acção de fazer algo por alguém,

Era nós fazermos coisas pela escola, pela comunidade... isso=isso=isso... Eu nunca tinha feito nada por ninguém se não fosse o núcleo! Tinha chegado todos os dias de manhãzinha, saído à noite... Pronto, muito contente com a minha escolinha (...) (E10).

pelo confronto com a vida, com outras realidades,

Mas fui pra Inglaterra e aí é que eu vivi o que o núcleo me ensinou. Há um mundo aí fora e nós, aqui fechadinhos no nosso casulo não temos a noção, não sabemos mesmo... ah, a coisa que eu mais noto é que... é nós estamos perfeitamente convencidos que somos os maiores... é um sentimento Português! (E10).

▪ O significado geral atribuído à vivência no núcleo e os dilemas de fundo

A análise do significado geral atribuído à vivência no núcleo, de acordo com o indicador dilemas de fundo, permite apreender uma luta travada pelos indivíduos entre o adoptar, ou não, um discurso onde se assume que há necessidade de perceber o que outros pensam sobre assuntos *tabu* como a homossexualidade, quando é a construção da própria identidade sexual que está em causa:

Eu ia para casa pensar... umas eram conversas... umas marcaram-me mais, outras menos. Agora não me recordo... aquelas que me diziam mais... nomeadamente... provavelmente ... as questões de racismo... porque tinha a ver com homo, por acréscimo, tinha um pouco a ver com homossexualidade e dessas eu gostava de observar a opinião das pessoas e dessas punham-me a pensar... às vezes (E5).

■ O significado atribuído à vivência no núcleo e a confiança dentro do grupo

Os rapazes e raparigas entrevistados para construírem os seus discursos sobre a confiança dentro do grupo posicionam-se nos indicadores *selves*, mudanças de pronomes, comunidades imaginadas e investimento psicológico.

▪ A confiança dentro do grupo e os *selves*

Para cada um dos jovens a confiança é um casulo protector que permite a construção do projecto reflexivo do *self* e fundamenta o NFPC. Reconhecem a necessidade de confiar e de se tornarem confiáveis, admitindo que tal é uma tarefa de risco a construir ao longo da convivência:

trocavam ali informações mais íntimas, que não é com qualquer pessoa que a gente vai falar, nem em qualquer ambiente por isso, era muito importante! (E1).

eu lembro que a primeira vez que falei foi dos meus pais. Lembro perfeitamente. (...) e aquilo pra mim era... era como eu tivesse uma ferida e tava-lhe a meter o dedo na ferida. Imagina tocar. E eu lembro que eu falei e chorei. (...) e fiquei com muito medo, mas decidi ir embora da escola e... 'Olha! Me viram chorando'. (...) E (...) quando eu olhava pra eles não era aquela coisa: 'Ham! Já te vi a chorar, mas não conto a ninguém'. Não! Era. 'Ok. Tá tudo bem'. Ok. Ali fora era... como se fosse um outro mundo ali dentro. Era aconchegante" (E3).

eu quando fui pela primeira vez àquela sala, eu não senti confiança em ninguém, mas também não senti descrença (pausa). Não é? Não senti que, havia ali um grupo de pessoas que me iria fazer mal, mas também não senti que havia ali um grupo de pessoas que iam proporcionar uma, uma sensação fantástica pró resto da minha vida. Senti, lá está, como é característica do núcleo, e isso tá, tá, tá inserido... inseriu-se em mim logo nesse aspecto... que é algo neutro... que é algo positivo e negativo (E8).

Ficava a pensar. Muito tempo. Utilizei muitas das coisas que foram ditas no núcleo pa resolver situações que tive à medida que o núcleo foi, foi acontecendo aaa...não vou dizer quais (riso) ...mas foram, mas foram muito úteis pa fazer escolhas, pa, pa... porque eu fui... fui... tentando escolher aquelas que eu achava que eram, as que eram importantes pra mim, organizando-as da maneira como eu achei que fazia sentido. E como achei que devia ser (E7).

Mas a quebra de confiança é também uma escolha que se avalia:

eu quebrei o voto de, de, de... de confiança que fiz. Eu sei disto. E lembro-me que me custou muito. E só o fiz porque falei com um tipo que não conhece ninguém das pessoas envolvidas e, portanto, não vai, não vai fazer diferença nenhuma (E10).

▪ A confiança dentro do grupo e as mudanças de pronomes

Deslizando do “eu” para o “nós” e do “nós” para o “eu” se constrói a ideia de que a confiança é gerada mediante o processo relacional que ocorre entre os elementos do grupo e onde o outro é reconhecido como tal:

Em todos os grupos isso acontece, em todos os núcleos isso acontece. Porquê? O simples facto de nós estarmos a falar, e agora nesta conversa está a acontecer o mesmo, eu tou a falar e, eventualmente, está a tirar conclusões daquilo que eu tou, que eu tou a falar e era o que acontecia. Portanto, isso é um conhecimento. Isso é uma avaliação das outras pessoas. Não é? eu não ia dizer: Olhem, eu vou dizer isto só porque aquela pessoa vai pensar que eu sou o maior, mas depois eu tinha uma outra pessoa ao lado que já achava o contrário, portanto não valia a pena! (E8).

Aquelas coisas, pra mim, tavam quase como... não é arrumadas, no sentido de esquecidas, arrumadas no sítio certo. Era como se nós fossemos pra lá criar dossiês e saber onde é que as coisas deviam ser metidas e, e, “e eu tenho medo que, tenho ciúmes. Mas porquê que eu tenho ciúmes? Qual é a vantagem

de ter ciúme? E, e, e eu tenho medo de não ter boas notas e não confio em mim. Mas porquê que eu não confio em mim? Mas porquê que não, não...E estas coisas, quando realmente se fala delas e se ouvem outras explicações a... se ouvem explicações e se ouvem maneiras de sentir diferentes da nossa, dá-nos um, um sentimento completamente oposto ao da solidão. Portanto, nós estamos constantemente acompanhados e isso faz com que a nossa... aaa... tendência para fazermos as outras coisas bem, relacionarmo-nos melhor com os outros, seja, realmente, evidente. Isso, eu tenho a certeza que sim (E7).

Muitas pessoas contavam coisas que... que eram... DELAS e que nós ouvíamos e que nós tínhamos que respeitar (E2).

▪ **A confiança dentro do grupo e as comunidades imaginadas**

A partir do indicador comunidades imaginadas a metáfora da família surge, de novo, associada ao Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania. A “família do núcleo” constitui-se como significativa por se alicerçar em “três pilares” – amizade, respeito e confiança – considerados fundamentais para gerar intimidade e para que os jovens se sintam capazes de “uma operação de alto risco, mesmo quando têm confiança no seu interlocutor” (Dubar, 2006: 173), falar de si, da sua vida.

Depois da família, de estar carregada e tamos todos à vontade uns com os outros, já podíamos dizer aquilo que dizíamos. Daí aquele à vontade.

Amizade, respeito e confiança. Eram os três pilares do núcleo. Se um destes falhasse, falhava tudo. Se a confiança falhasse, também não havia o respeito. Se nós não confiamos na pessoa... quase que não falamos com ela! (E9).

as relações eram... muito... aaaaa... dignas. Merecedoras disso, porque éramos todos. Começámos a criar uma família, que era a família do núcleo. (...) As coisas eram partilhadas, eram ouvidas, eram...era intimidade! Era Intimidade não no sentido de, de (pausa). Era intimidade. Era intimidade, era ... eram as nossas emoções, os nossos sentimentos, as nossas dúvidas, as nossas preocupações, as nossas vitórias, os nossos medos (E7).

Porque, às vezes, era uma coisa que não acontecia em casa, era uma coisa que não acontecia na sala de aula, era uma coisa que não acontecia, às vezes, nem com o melhor amigo. Nem com o melhor amigo. Às vezes, mesmo pra que nós confiamos muito é fácil libertar, nem mesmo pra nós, nem pra gente mesmo a gente quer falar (E3).

▪ **A confiança dentro do grupo e o investimento psicológico**

O cruzamento destes aspectos refere-nos a importância concedida nos discursos à construção do sentimento de ser-se pessoa, ressaltando que tal só é possível através da interação social. A criança diferencia-se construindo a sua confiança e segurança ontológicas.

Porque eu, eu penso sempre que, que há muitos miúdos, há mui, muitos rapazes, muitas raparigas que não sabem hoje em dia o que é ser-se pessoa. Não sabem! Não sabem o que significa ser pessoa. Não sabem o que significa ser cidadão. Não sabem o que significa fazer parte de uma sociedade. Fazer parte de vários núcleos que existem dentro de uma sociedade. E o núcleo é... tem uma componente pessoal e social muito grande. Por isso, pela partilha, pela, pela aprendizagem do respeito, pela interiorização do respeito, pela aplicação do respeito, pelo, por escutar, por sentir-se seguro para falar, para dizer, p'assumir, para, para ter o seu próprio espaço (E7).

- **O significado atribuído à vivência no núcleo e o lidar com as diferenças dentro do grupo**

Nos discursos elaborados sobre o “lidar com as diferenças dentro do grupo” os posicionamentos assumidos pelos entrevistados situaram-se nos *se/ves*, mudanças de pronomes e investimento psicológico.

- **Lidar com as diferenças dentro do grupo e os *se/ves***

Os rapazes e raparigas evidenciam nos seus discursos que era o respeito por cada um que permitia a vivência do núcleo como um espaço de liberdade,

Não. O que eu me lembro era que, quando alguém tava a falar as pessoas ouviam, tavam receptivas, não estavam ali pra julgar, tava um bom ambiente, assim...ouvir e depois ouviam e davam a sua opinião mas, não com maldade (E1).

Eu, às vezes... eu fazia, não é? pré-julgamentos de algumas pessoas, especialmente do pessoal que tava comigo na sala de aula () e ali não. Ali era (pausa) era, era tranquilo e eu precisava muito... muito (E3).

quando tava lá, acontecia-me uma coisa muito engraçada aaa.... eu sentia-me muito bem comigo porque aaa...porque... vinha, vinha livre, não é? Vinha, vinha liberta, vinha leve, vinha... muitas coisas boas. E, sem dúvida, que quando aaa... saía de lá, era como, era como uma parte da minha vida tivesse resolvida (risos) (E7).

O respeito que havia no Núcleo, não é? (E5)

A confissão do preconceito:

Sempre tive e no núcleo também tinha (E10).

desconstrói a ideia de que ele não existe nas pessoas e permite verbalizar:

eu sou de opinião que nunca se consegue eliminar o preconceito, tem é de se viver com ele e perceber que ele é uma palermice! A piada tá... a piada não tá no que se tá a dizer, a piada tá no facto de haver alguém que ache mesmo que as louras são mais burras que as morenas (E10).

Mas, por vezes, a insegurança induz a que não se queira correr o risco da exposição pessoal e, sobretudo, no que diz respeito à identidade sexual:

É claro que ninguém ia dizer... “Ai, eu sou contra os homossexuais, sou contra os pretos, eu sou contra a, a, o, o, os Testemunhas do Geová... eu sou contra”... pronto! Nunca há isso, por isso eu acho que, se calhar, foi sempre...essas diferenças foram faladas, os temas foram falados, foram debatidos, mas claro que ahmmm, que há sempre preconceito! Há sempre preconceito (...) O grupo era aberto. Não era, de todo, preconceituoso. Agora, não era tão aberto ao ponto de, por exemplo, eu falar da minha orientação sexual. (...) O grupo nunca me deixou à vontade ou, eu próprio, também nunca me senti cem por cento seguro daquilo que queria falar (E5).

- **Lidar com as diferenças dentro do grupo e as mudanças de pronomes**

O cruzamento do “lidar com as diferenças dentro do grupo” e o indicador mudanças de pronomes permite salientar que os jovens reconhecem a alteridade, evidenciada no uso dos pronomes “ela”, “eu”, “nós”, “eles”, “o outro” e também manifestam interesse em percebê-la,

A vida dela m'interessa. Não é uma atitude de ser cusca! Não é isso. Não é... querer...Não! A vida dela é... é preciosa. É... é rica. Por mais que tenha um percurso completamente diferente do meu. Porque esse era o momento que eu mais gostava ali dentro. Era quando eu ouvia uma coisa que vinha assim... lá, lá mesmo do livro daquela pessoa, da história dela (E3).

O reconhecimento de que “o outro é diferente e nós também somos” (Stoer e Magalhães, 2005: 138) gera um sentimento de igualdade na relação, Acho que quase qu’ éramos todos iguais. Éramos todos iguais (E1).

e é visível na relação da qual fazem parte,

E nós não tínhamos medo da rejeição, não aspirávamos aaa, aaa, ao aplauso uns dos outros e nós conseguíamos ser... transparentes, uns com os outros. E acho que essa transparência foi criando uma ligação de, respeito... de, de consciência de que há muito mais do que aquilo que tá dentro de nós, ou dentro do outro, e do outro, e do outro, e do outro, e do outro, e por muito semelhantes, ou muito diferentes que as coisas possam ser elas tão lá e fazem parte de cada um (E5).

havendo encontro/confronto e negociação das diferenças, no reconhecimento de que “a diferença somos nós” (Stoer e Magalhães, 2005):

Havia muita discussão. Chegou a haver discussão, assim, a sério. A sério quer dizer, assuntos que dividiam mais, mas eu acho que nós ao defendermos, se conseguíssemos defender como deve ser, assertivamente, as pessoas ... tentavam, um bocadinho, entender o nosso ponto de vista. Eu acho que nós tentávamos todos entender uns dos outros. No fim, havia, mais ou menos, um consenso. As pessoas conseguiam...claro que toda a gente tinha a sua opinião, mas nós aprendíamos, um bocadinho com a opinião dos outros e, se calhar, no fim, éramos capazes de dizer: “se calhar, tens um bocado de razão”. E acho que aprendemos... a valorizar isso, a valorizar a opinião dos outros, que nem sempre é errada. Pode ser a nossa que tá errada (E6).

Há, no entanto, quem não consiga integrar-se neste modelo de relação por assumir uma posição etnocêntrica, o que é sentido como incompatível com o modelo de relação com a diferença assumido pelo grupo:

E não é... de maneira nenhuma nós correremos com ele, porque ele achava que os gays eram errados. Nem pensar nisso. Foi só ele... se calhar, não se sentiu bem, porque sentiu que ele era preconceituoso de mais para a maneira de estar do grupo, que era uma maneira de estar perfeitamente aberta, perfeitamente saudável e, e... e pronto, e de pôr as coisas no, no... posicionar (E10).

▪ Lidar com as diferenças dentro do grupo e o investimento psicológico

A abordagem discursiva do “lidar com as diferenças dentro do grupo” a partir do indicador investimento psicológico faz ressaltar a ideia de que assumirmos as nossas diferenças é uma forma de não nos sentirmos perdidos, de não perdermos a noção de quem somos, de sermos reconhecidos na nossa diferença:

é importante, também, nós sabermos, realmente, aquilo de que gostamos e o que queremos. Não levantarmos dúvidas sobre tudo aquilo que fazemos ou que, ou que vamos...desenvolver pra nossa vida, não é? O facto de sabermos que vivemos numa sociedade que tem regras e que dentro dessas regras, por mais que nós não concordemos com elas podemos conviver, com elas, ou podemos viver com elas de uma maneira diferente, de uma maneira...mais... não é nem mais aberta nem mais fechada... de uma maneira... é... diferente! Podemos... nós, nós... assumimos essas diferenças. Nós assumimos essas regras. Porquê? Porque... não mesmo não fazendo parte delas, ou mesmo não nos identificando com elas, sabemos que elas pertencem a um... a um turbilhão de gente que não somos nós. Portanto, se não tem significado pra nós, tem significado pra outras pessoas e essas pessoas, certamente, têm uma resposta pra isso. Lá está! Nós ainda não encontrámos essa resposta, para valorizarmos isso, não é? se calhar, só... é a tal coisa, se calhar, só daqui a um ano ou dois, é que depois de reflectirmos, agora, sobre isso, é que vamos achar resposta pr’aquilo que, que... alguma coisa... qu’até pode ser no nosso dia a dia. Podemos até passar por uma pessoa e...e vê-la... e... e achar resposta pra uma questão que tínhamos há dois ou três anos atrás. Isso influencia, influencia-me a mim...na, na sociedade na maneira com que eu convivo com as pessoas. Eu sei aquilo que quero e sei aquilo que gosto e sei aquilo que...que preciso pra viver. No entanto, também sei, sei que tenho que respeitar aquilo que as outras pessoas pensam, mas não vou excluir de fazer, ou de dizer aquilo que eu quero, ou aquilo que eu penso, só porque um grupo, ou outro, pensa de uma outra maneira porque aí não iria estar a ser eu, então seria, seria... uma alma perdida é uma palavra muito forte, mas digamos que era algo de perdido no meio de tanta coisa. Porque se há tantas pessoas, há tantas, há tanta modalidade de, tanta diversidade de... de opiniões, de

raças de...de vestuário, ... sei lá...de culturas, não é? Eu acho que não tem lógica as pessoas, hoje em dia, tarem-se a massacrar em dizer... estejam a apontar o dedo a isto ou àquilo, de uma forma irreflectida, porque... tudo tem sentido tudo tem o se... se as coisas existem é porque elas têm razão pra existirem. Se as dúvidas surgiram foi porque ela pensou sobre isso, ou porque ou porque houve algo que atravessou a vida dessa pessoa, ou que surgiu, podia até ter sido na rua das montras, não é? Mas que surgiu! Portanto, tem valor (E8).

■ O significado atribuído à vivência no núcleo e o voluntariado

▪ O voluntariado e os *se/ves*

Como já referi, ao longo das entrevistas, o núcleo é assumido como uma escolha pessoal que foi trazendo mais valias a cada um no relacionamento consigo próprio e com os outros. Uma parte significativa da vivência do núcleo parece estar associada às experiências proporcionadas por actividades de voluntariado que permitiram ligar a escola, o núcleo e a comunidade local. O contacto com determinadas realidades despoletou reflexões que levaram de novo a escolhas, mas agora relacionadas com os cursos e profissões que gostariam de exercer. O voluntariado surge, então, como outra escolha facilitada pela adesão ao Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania utilizado, também, como um instrumento do projecto reflexivo do *self*.

foi uma coisa que ficou mesmo muito, em mim, porque hoje... tenho feito muito voluntariado, tou em Leiria, também escolhi voluntariado(E2).

Portanto, fiz um ano no Centro de Educação Especial, um ano... fiz dois anos no Centro de Acolhimento e fiz um ano, ali, no jardim-de-infância do Coto. Quatro anos. (...) Todas as semanas. (...) lembrei-me disto por causa do núcleo. Eu fiz voluntariado no Centro de Educação de aí, é que, se calhar, comecei a ver exactamente o quê que eu queria, se era mesmo aquilo que eu queria, se eu gostava daquilo ou não. (E6).

O voluntariado pra mim foi o catalizador... pa vida que eu tenho hoje! (...) porque interrogou-me pa vida (...) E, daí, eu pertencer a este meio da política e tudo e tar lá dentro, porque... Porquê que eu tenho de acarretar sempre com o que as outras pessoas pensam? Ou por serem mais que os outros? Ou ser visto como... o senhor presidente! Ou o senhor vereador... Não! Eles antes, eles antes de ser senhor presidente, senhor vereador, são cidadãos! (E9)

▪ O voluntariado e o investimento psicológico

O cruzamento destes dois aspectos revela que o investimento num discurso específico exige uma análise mais aprofundada dos mecanismos psicológicos do indivíduo que o profere, havendo a necessidade de associar à análise discursiva uma componente psicanalítica, de acordo com a perspectiva de Billig (1997). Este discurso poderá traduzir o resultado de um diálogo interno já havido num determinado momento e que aqui se aplicou para convencer a colega a lidar com os seus *tabus*, os seus estereótipos.

Deficientes e eu tenho uma colega minha que é assim uma pessoa MUITO REVOLTADA, MUITO COISA, sempre... TÁ SEMPRE A RALHAR, SEMPRE A REFILAR e vim a descobrir que ela tinha um irmão deficiente e ela diz que... ela vai passar muitas vezes férias à Nazaré e que as pessoas, às vezes, quando olham pró irmão, ela diz que chega ao pé, ao pé das pessoas e que refila e que não têm nada que olhar pra ELE e porquê que as pessoas olham e porquê que as pessoas discriminam e porquê, porquê e sempre a refilar. E eu disse assim: “Mas...Oh, Sofia! Tu aceitas ter um irmão deficiente?”. É que ela não aceita. Ela calou-se. E eu lembro-me de dizer... porque... e eu disse-lhe: “Olha, tu não tens que te preocupar com as outras pessoas. Tu, pra já, tens o teu irmão deficiente...eu fiz voluntariado no Centro de Educação Especial e senti-me lá tão bem! e fiquei com um valor dentro de mim. Eu, também, às

vezes, se calhar, punha um bocado em causa... as coisas e não sabia, mas eu, NAQUELE momento... eu dizia sempre: quando entro o portão pa dentro é um mundo à parte. Nós sentimos que são pessoas com tanto valor, pessoas que, só com um simples sorriso, elas ficam felizes, são pessoas simples, pessoas que não ligam a nada, são pessoas completamente... completamente simples. Vivem a vida e de coisinhas pequeninas fazem tudo delas. Tu não tens que te importar com as outras pessoas, mas com o teu irmão. Tens de gostar do teu irmão. Tens de o aceitar como ele é. E...e acredita eu lembro-me que, quando tava no Centro de Educação Especial, tava a brincar com os meninos e tava um menino cadeira de rodas, que ele não podia brincar, e lembro-me de só olhar pra ele e rir e ele deu-me um sorriso! Nós estávamos a brincar com os outros, ele olhou pra nós e ele deu assim um sorriso, assim uma coisa! É o que basta! Ele não se rala com isso. Tu não tens que te preocupar com os outros". E eu... senti... "Eh, lá! como é que eu consegui ir buscar isto?" e é verdade. Há muita coisa que eu passei e... muitas coisas que fazem hoje a pessoa que eu sou. E isto é muito importante (E2).

▪ **O voluntariado e as mudanças de pronomes**

O cruzamento destes dois aspectos permite observar que se desliza facilmente do "eu" para o "nós" e vice-versa, mas que o "nós" se distancia do "eles". Assim, o voluntariado, neste caso, permitiu querer conhecer a diferença e daí a aprendizagem resultante, mas muito numa perspectiva de generosidade.

gostei muito de trabalhar com eles quando foi ali no Centro. Porque eu acho que é com essas... porque eu acho qu' é com essas pessoas que quando saímos d'ao pé delas nós aprendemos muito MAIS. Sentimo-nos tão melhor quando tamos com elas. Eu sei qu' é muito pesado e é... é muito ... é um bocado pesado porque há graus de deficiência s, mas mesmo sendo pesado eu acho que é sempre muito reconfortante quando nós saímos dali. Mesmo que nos custe, à primeira vista, porque não estamos tão habituados a que as pessoas sejam tão diferentes de nós, nós estamos com elas e ... e a maneira como elas nos olham, ou como nos tocam, ou como nós percebemos como elas estão ali, eu acho que é muito melhor ... não sei. (...) Porque eu acho que nós olhámos, pra elas, e apesar de saber qu'elas são diferentes ... eu sinto-me bem com elas, eu não consigo explicar. Eu gosto mesmo de tar ali. Gostei d'ir ver, de saber como é qu'elas viviam, como é qu'elas lá tavam, o quê que elas faziam, o quê que se podia fazer pr'ajudar, porque há aqueles tratamentos e aquelas ... aquelas salas ... que eles fazem com música ... as terapias que fazem. Acho que tudo o que eles fazem agora é de muito interesse, p'além de ser bom poder fazer com eles, é uma... uma aprendizagem que nós temos. Tenho consciência qu' é um bocadinho difícil ... pa muita gente, mas eu... eu sinto... eu sinto-me bem. É isso mesmo (E6).

▪ **"Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?" e os sel/ves**

Os discursos sobre este assunto, cruzados com os sel/ves, dão a entender que cada um destes jovens se sente diferente dos outros colegas por assumir uma escolha que a maioria dos seus colegas da escola não tinha coragem de fazer:

quer dizer, as pessoas sabem aquilo que fazem, por que lutam, não é? Sentia-me diferente, porque participava em coisas diferentes, porque eu sabia que, se calhar, era capaz, e no meu décimo ano ouvia isso, dos meus colegas, "Ah! Mas que treita! Mas O qu' é qu' é isso? Vais pra lá ouvir os outros chorar, mas...isso tem alguma jeiteira, isso aaaa saís de lá aaa tiram-te energias!", eu ouvia isso "betinho!", bocas desse género. "Vem mas é jogar futebol=Vamos mas é ao cinema=Vamos mas é fumar um cigarro.=Vamos é ...sair." Sentia-me diferente, mas era onde me sentia melhor (E5).

Acho-me uma pessoa essencialmente normal, perfeitamente normal, contudo privilegiado de ter participado no núcleo. Privilegiado. Considero-me uma pessoa na minha época, na época em que atravessamos, com toda, com toda, com todas as problemáticas de adolescências e... e vivências de jovens. Hoje, em dia, considero-me... que sou privilegiado e que sou, que sou, que sou diferente! (E8).

Eu acho é que as pessoas não iam com medo de sentirem necessidade de falar (E7).

E porque a família e a comunidade local também valorizavam essa escolha:

Sentia-me diferente também porque, às vezes, me faziam sentir diferente. Eu chegava a casa, contava isto... "Ah! Que orgulho que nós temos no nosso filho! Ah, o F. está a participar no Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania, faz voluntariado, chega à escola... O Núcleo sai na Gazeta, vai ao..." como é que se chamava aquilo em frente ao parque? (E5).

- **“Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?” e as comunidades imaginadas**

O posicionamento colectivo também reflecte que a diferença relativamente a quem não pertencia ao grupo também é construída tendo por base a atitude, a vontade que se teve para realizar aquela escolha e que, de imediato, cria uma identificação com os elementos do grupo

Nós não somos especiais. Não somos diferentes de ninguém. De ninguém. A diferença é que a atitude foi diferente. A vontade foi diferente, o esforço foi diferente e... e se todo o mundo tirasse um tempinho pra conversar, se tirasse um tempo pra... pra tentar... rever as coisas que acontecem. Que aconteceu connosco? Aí a gente pára de jogar muita coisa, a gente pára de colocar a culpa em muita gente e vê que muita coisa não depende das outras pessoas, depende mesmo de nós (E3).

- **Núcleo: a sua relação com o mundo do trabalho**

A relação do núcleo com o mundo do trabalho é construída através dos discursos por dois posicionamentos discursivos: os *selves* e as mudanças de pronomes.

A relação do núcleo com o mundo do trabalho foi sentida, sobretudo, pelas actividades que o núcleo dinamizou: o voluntariado, os colóquios na escola, as visitas a diversas instituições como, por exemplo, o tribunal, a prisão, o Centro de Educação Especial e a participação na Assembleia Municipal.

- **Núcleo: a sua relação com o mundo do trabalho e os *selves***

O núcleo, através dos projectos empreendidos, surge nas narrativas dos entrevistados como um meio para a aquisição de competências. Assim, o voluntariado surge como um dos instrumentos utilizados para a construção do projecto reflexivo do *self*,

Era uma oportunidade linda de eu saber que era capaz de fazer. E eu sabia que era. E eu vejo que o voluntariado, saber que... ter que lidar com pessoas diferentes, trabalhar todo o lado humano e a sensibilidade... sei-o perfeitamente e... as conversas do núcleo, portanto, todo o lado humano consigo ver aplicado nas minhas práticas (E5).

Olhe, eu vim pra este curso... porque é verdade, eu sempre... eu ...o voluntariado pra mim marcou muito. Adorei fazer voluntariado. Adorei, adorei, adorei. E disse que já tinha muitas experiências de voluntariado porque tinha feito. Que... tinha... feito o voluntariado ATRAVÉS do NÚCLEO (E2).

Mas o projecto reflexivo do *self*, por vezes, não se consegue construir como uma identidade coerente por não conseguir rodear-se do que lhe faz falta reflexiva e praticamente, o que o limita, constrange e dilacera (Magalhães, 2001: 313):

Fui das primeiras a entrar na Faculdade de Direito, de Lisboa. Não me valeu de muito, porque, também, fui das primeiras a sair (muitos risos). Pelo menos das que entraram no meu ano. (...) foi uma desilusão completa e total. Não quis continuar, porque não queria fazer parte dum, dum jogo onde eu não queria ter os meus bonecos, onde eu não queria jogar. (...) Era preciso abdicar de muitas características pessoais que eu tenho que, que iam, que contrastavam com aquilo que era o curso, das quais eu iria ter que abdicar para exercer um trabalho que não era o trabalho que eu queria exercer quando fiz a escolha, mas que era o trabalho que deveria ser feito depois de acabar o curso e, e... perdi-me aaa, perdi-me (E7).

- **Núcleo: a sua relação com o mundo do trabalho e as comunidades imaginadas**

Do ponto de vista colectivo, o “nós” de comunidade imaginada, remete a relação do núcleo com o mundo do trabalho para as competências adquiridas no contexto relacional que emergem como facilitadoras das relações de trabalho.

É a forma como lidamos com os outros. Ajuda-nos, na forma como lidamos com os outros, mas isso também é... em conjunto com o que já somos, nós mesmos, mas... sim, principalmente as relações que podemos desenvolver com os outros (E1).

- **Núcleo: a sua relação com o mundo do trabalho e as mudanças de pronomes**

Da análise das entrevistas pode inferir-se que a relação do Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania com o mundo do trabalho é traduzida nos discursos como uma construção onde o relacional assume a preponderância, tanto do “eu” consigo próprio, numa relação dialógica, como do “eu” com os outros (“eles”, “elas” ou “tu”) e com o “nós”, comunidades imaginadas. Assim, os entrevistados referem, sobretudo, que a relação estabelecida é o resultado das vivências experimentadas que permitiram a aquisição de competências úteis em qualquer circunstância de vida.

Parte destes conceitos e parte destes sentimentos que eu tenho foram numa relação muito estreita e muito íntima que eu tive com, com as pessoas com quem, com quem tive no núcleo, com os, com os, com a troca de emoções, porque, pra mim, foi isso, foi uma troca de emoções, de sentimentos que nós fizemos todos e não... foram coisas que foram fazendo parte mim e, pra mim, não fazia sentido estar a abdicar de coisas que eu tenho como sendo... genuínas pa poder trabalhar nalguma coisa. E foi isso é que me fez... mudar, depois, alterar a minha escolha profissional.

eu acho que... da mesma forma que é no mundo do trabalho, é em qualquer outro... outro mundo onde nós estejamos: é o respeito e é o saber ouvir, o saber escutar e o não se deixar Des-Res-Peitar. Fazer-se valer daquilo que é, e daquilo quer ser sem medos, e sem preocupações daquilo que pode vir ou daquilo que pode não vir. Assumir-se como aquilo que é, sempre sem qualquer aaa... medo ou constrangimento. Essencialmente isso (E7).

ESTÁGIO só vamos ter no terceiro ano, mas ... o tarmos a dizer aos professores que já fizemos, porque eles perguntavam todos porquê qu'iam po curso, não é? São aquelas perguntas (). O tarmos a dizer que já fizemos, aos professores, e não só aos professores, aos colegas, demonstra que nós já tivemos interesse, demonstra que é mesmo aquilo que nós queremos fazer e que se nós tamos ali é porque o curso é mesmo aquele. Nós dizemos a um professor que já fizemos, o professor fica muito or...gulhoso, não é de nós, mas... isso já em si ... porque são poucas as pessoas que já fazem isso antes d'ir. Só fazem quando começam a ir e o... o termos já feito significa que temos a certeza que é aquilo que queremos fazer e já nos... já nos... já PROCURAMOS as coisas, já tentámos fazer (E2).

As pessoas dizem que trabalhar com deficientes é muito mau e é difícil. Eu digo que NÃO! Digo que... que são pessoas que, se calhar... que nós a trabalharmos com elas, se calhar, temos muito mais consciência do que a vida é. No geral, damos muito menos importância às coisas, porque elas dão muito menos importância às coisas do que nós, e aprendemos a valorizar essas pessoas por darem menos importância... a coisas materiais, como nós damos (E6).

Por exemplo, com o debate de... certos assuntos, de assuntos que te podem preparar que te podem marcar, que te podem abrir os olhos, também (E4).

C. Escola/Núcleo: a comparação

Para estabelecer a comparação entre a Escola e o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania os entrevistados assumiram quatro posicionamentos discursivos distintos onde a dominância foi para o indicador “mudanças de pronomes”, apesar desta não se

distinguir significativamente dos posicionamentos nos “*selves*” e nas “comunidades imaginadas”, o que já não se pode afirmar em relação ao posicionamento a partir do “investimento psicológico”.

▪ **Escola/Núcleo: a comparação e os *selves***

O cruzamento deste tema com o indicador *selves* permite concluir que tanto o núcleo como a escola são construídos como instrumentos a utilizar na construção do projecto reflexivo do *self*. Embora a vivência do núcleo resulte de uma escolha, o seu papel na aquisição de competências pessoais para lidar com a escola parece ser relevante:

Eu, se calhar, não tinha aguentado tão bem certas coisas que aturei a professores se não fosse aquilo que aprendi no núcleo que é “Eh pá! Pronto. Lá tá este... estrôncio a, a... impor-me a posição dele, mas qual é o ponto de eu fazer, não é de conformar-me é... assertividade (E10).

Vistos como universos distintos a escola e o núcleo comunicam valorizando aspectos diferentes da pessoa. São assumidos como complementares. Se a escola valoriza a pessoa sobretudo pelo seu sucesso académico, o núcleo, valorizando a experiência de vida de cada um, é fomentador de uma maior auto-estima e auto-confiança:

aquela experiência, pra mim, foi ótima. FOI SENTIR, olhe tá a ver? Foi sentir aquela escola. Não, mas sabe, foi aquela escola de que eu ainda há um bocado falava e eu agora estava a demonstrá-la aos outros. Foi no 12º (E9).

Ao contrário da escola, permite a exposição pessoal, a intimidade através do “contacto directo de si com o outro, o mundo e si próprio” (Dubar, 2006: 154),

E, e se for a pensar bem os meus amigos eram os do núcleo, as pessoas com quem, a quem eu fazia as minhas confidências, as pessoas que, com, com quem eu partilhava as minhas coisas e que na escola não partilhava. Portanto, eram duas coisas completamente diferentes (E7).

e leva ao reconhecimento dos outros, desejando que a transformação ocorra, como resultado da implementação da reflexividade:

QUANDO EU PAREI PRA PENSAR QUE AS PESSOAS QUE TAVAM ALI DENTRO ERAM AS MESMAS QUE TAVAM ALI FORA e com elas eu conseguia tratar, então, quer dizer, que eu, lá fora, também posso tratar. Lá fora também pode haver isso (E3).

▪ **Escola/Núcleo: a comparação e as comunidades imaginadas**

Uma das leituras permitidas por este cruzamento consiste no posicionamento colectivo onde se reconhece que o núcleo se distinguiu da escola por gerar uma identificação com o grupo fomentando um sentimento de inclusão:

tar com o núcleo é tar cá fora com as pessoas que nós gostamos, não é? Havia ali, havia ali uma ponte. (...) Nós sabíamos que fazíamos parte daquele grupo. Havia um sentido de, de, de grupo! (...) Não pode haver vontade d'ir pá escola porque não há uma identificação com alguma coisa. E aqui o núcleo servia de identificação pa alguma coisa (E10).

Nós vamos, nós confidenciamos coisas que vivemos, parte delas são na escola e, portanto, ter o núcleo fora da escola, quase que ia dissociar o real, aquilo que nós vivemos, nem que fosse há dez minutos atrás, com um espaço que era nosso e que era, sobretudo, aberto pa, pa essas questões, pós nossos medos, pás nossas preocupações. Não quer dizer que no núcleo nós não falássemos de família, de projectos, não falássemos de outras coisas, de qualquer forma aaa... acho que faz sentido, faz sentido

principalmente na adolescência, sendo a escola o instrumento que é. Sendo o instrumento que é, sendo o agente que é. Nestas idades acho que sim, acho que faz todo o sentido (E7).

▪ **Escola/Núcleo: a comparação e o investimento psicológico**

A análise dos discursos que se desenvolvem a partir deste indicador sugerem que o sofrimento gerado pela solidão recalcada pode ser superado nas escolas se se sentir que há alguém com quem partilhar o que se pensa, o que se sente e que o núcleo pode assumir essa função:

Um sentido de grupo que falta muitas vezes na escola, que é uma coisa que existe muito nos EUA, que eu acho que ajuda muito à maneira como os EUA tão posicionados no mundo que é: a malta da equipa de... toda a gente tem que fazer parte de um grupo. Não é? Ou faz parte da equipa de futebol, ou faz parte da equipa de basquetebol, ou faz parte da equipa de soletrar palavras, mas faz-se parte de qualquer coisa. É um forte sentido de grupo. Ninguém está ali sozinho. E há pessoas sozinhas nas nossas escolas (E10)

▪ **Escola/Núcleo: a comparação e as mudanças de pronomes**

Os discursos sobre este tema mostram que a escola e o núcleo são espaços de apresentação do eu, mas também de reconhecimento do outro, se bem que, por vezes, o “eu” e o “nós” pareça o “eu”,

Só que ali dentro era diferente. Eu não tinha que fazer esse exercício todo. Eu já tinha: “o que é que eles vão pensar? O que eu posso dizer? O que não posso dizer?” EU DIZIA! EU FALAVA! E houve uma vez... eu achei tão engraçado que eu saí dali e “Oh, meu Deus! Será que eles perceberam aquela palavra que eu disse? Será...”, porque eu não fazia, eu não tinha... eu não tinha nenhum cuidado de transformar as palavras. Eu falava... se vocês entendessem... Será que eles entenderam? Ah! Eles devem entender. Eles aqui entendem tudo!” (risos) (E3).

Utilizava-se ali o espaço mas... em termos de actividades era mais criativo e mais... ia além, além daquelas grades digamos assim, além das grades da escola, dos portões. Ia explorar a realidade, o que se vive cá fora, as diferentes realidades, diferentes pessoas. Acho que nos, que nos punha o desafio de interagirmos com elas, para crescermos, para termos experiências diferentes. Eu acho que não tem...que é bem distinto da escola, muito mais enriquecedor. A sério! Em termos pessoais, em termos de experiência! (E1).

D. Família/Núcleo: a relação

Os indicadores que ressaltam nos discursos dos jovens sobre este tema são os *selves* e as mudanças de pronomes.

▪ **Família/Núcleo: a relação e os selves**

Os entrevistados constroem os discursos sobre este tema desenvolvendo a ideia de que a relação entre a família e o núcleo é construtora para o seu projecto de *self* na medida em que se sentem respeitados e valorizados na sua escolha;

quando era para ir ao núcleo, quando era para fazer trabalhos do núcleo a minha mãe nunca me dizia nada! Porque ela sabia que aquilo era um espaço importante pra mim (E2).

na medida em que as relações entre os jovens e a família se tornam mais próximas pelo diálogo que se estabelece, pois há temas que, uma vez discutidos no grupo, permitem outros debates em casa e desencadeiam novas reflexões pessoais,

às vezes, ia pra casa, era tema de conversa lá em casa também, porque... senti-me sempre bem. “Oh, pai e mãe! Mas já pensaram sobre isto? E qual é a vossa opinião?”, porque dava, não é? dava um certo gozo também chegar ao pé dos outros eeeee e porquê? (E5).

Dava origem a diálogo, dava origem a...a debate muitas vezes em casa, com a minha mãe e com o meu irmão. Mas... o debate maior era interior (risos). Não era, não era em casa (E7).

na medida em que pode contribuir para a “cura psicanalítica” (Dubar, 2006: 148) . Ao funcionar como um “aparelho de conversa” permite a reconfiguração identitária. A verbalização consente a construção de uma nova linguagem mediando “o antigo si e o novo si próprio” (Dubar, 2006: 148):

As questões de paternidade era uma ferida que eu tinha... dentro de mim. Tinha mesmo. E teve que ser tratada e teve que ser confrontada, mas é... é... e... e hoje em dia eu falo nisso e falo normalmente. Eu não conseguia falar nisso! (E3).

▪ **Família/Núcleo: a relação e as mudanças de pronomes**

Nos discursos elaborados pelos entrevistados, quando se faz o cruzamento entre este tema e o indicador mudanças de pronomes fica claro que há uma distinção entre a família, “eles”, e um “eu” ou um “nós” que se identificam, mas cuja relação é possível e parece desejada, pois a Família e o Núcleo surgem como espaços complementares e promotores da construção do sentido do próprio trabalho escolar:

Porque eu acho que haver um núcleo não é razão suficiente pós pais deixarem de ter tempo pós filhos, ou que pelos pais não terem razão, não terem tempo, aaa... é isso que o leva aaa, aaa, ou é isso que justifica a criação do núcleo...não é isso que eu estou a dizer. São coisas diferentes. Nós, no núcleo confidenciávamos coisas que não confidenciávamos em casa, não é? No entanto tínhamos lá um adulto e tínhamos lá... no fundo, as pessoas com quem nós íamos relacionar, ou aquelas ou outras, mas com quem, com as quais nos íamos relacionar quando crescêssemos e, e há sempre a ideia de... o pai e a mãe são suspeitos, tanto pró bom como pró mau, não é? E ali não! Aquilo que eu acho é que ...os resultados a nível escolar podem, de facto, ser melhores, se isso acontecer (E7).

E. Estudar “fora”

Dos dez jovens inquiridos para este estudo todos estudam fora do concelho das Caldas da Rainha, à excepção de um deles que interrompeu os estudos e trabalha na região. A estudar fora do seu país estão duas jovens brasileiras, uma delas por ter sido sua decisão vir estudar para Portugal e um dos rapazes, também por ter sido sua opção ir estudar para o Reino Unido.

Assim, a relação entre este tema e os posicionamentos discursivos constrói-se, maioritariamente, a partir dos *selves*, seguindo-se comunidades imaginadas, dilemas de fundo, pontos de crise e mudanças de pronomes.

▪ **Estudar “fora” e os *selves***

O apego familiar existente, o medo do desconhecido, de ficar mais sozinho, as questões económicas ou o não sentirem necessidade, neste momento, de estudar “fora” não parece constituir-se como um instrumento prioritário para a construção do projecto reflexivo do *self*:

Eu tenho hipótese de ir pra um outro país, mas... de ir e voltar, de ir e voltar, porque eu quero sempre estar ao pé dos meus pais, quero estar sempre, sempre ao pé deles (E4).

(...) assusta-me um bocadinho porque isto de deixar tudo (E9).

é muito caro. Eu pensei nisso. Gostava de ir pra Inglaterra (E1).

“Eu, quando fui pra Leiria até, eu tinha muito medo de encontrar pessoas que eu não me... que eu não me conseguisse relacionar COM ELAS! Pessoas que não tivessem nada a ver comigo. Tive muito, muito medo. Era o meu problema” (E2).

Mas para quem está, realmente, a estudar fora do seu país de origem, as razões de dois dos três casos existentes devem-se a uma escolha dos próprios e, nessa medida, é assumida como uma estratégia para a construção do projecto reflexivo do *self*,

E o tempo passava e, um dia eu cheguei pra minha mãe e pro meu padrasto e falei assim: “Olha, eu quero estudar fora”. Eu tinha dezasseis anos, e a minha mãe: “Minha filha, lá vem você com a mania de grandeza, Carolina. Pra quê, minha filha? Você tem tudo” (E3).

Eu, quando fui pra Inglaterra eu era R. M., futuro Prémio Nobel (riso) (E10).

apesar das dificuldades:

E uma das coisas que me fazia ficar era porque a decisão foi minha e eu não aceitava que aquilo voltasse pr'atrás. Não me dei essa chance. Voltar não. Se=os=meus pais=tivessem =mandado=eu=tinha=voltado, mas fui eu que escolhi (E3).

Mas querer estudar “fora” levou esta jovem a erigir um discurso para com as diferenças culturais que parece assentar nos pressupostos do modelo relacional:

Não quero ferir cultura nenhuma, não quero... desrespeitar pensamento nenhum. Mas se eu pudesse chegar nos lugares que, às vezes, eu vejo e quero, eu tenho vontade de chegar sem... é um=é um transmitir pra somar... não pra... não pra destruir nada. Pode ser uma coisa muito nova, pode ser... uma ideia estúpida... não sei, mas é aquilo que eu, que eu penso (E3).

▪ **Estudar “fora” e as comunidades imaginadas**

“Estudar fora” é concebido como sendo no estrangeiro, com excepção para uma das jovens que não faz tal associação. Desta forma, a representação do estrangeiro aparece, por um lado, associada ao novo, ao diferente, ao exótico, a novas aprendizagens, à descoberta, “ao subir das escadas”, mas como algo que se imagina:

e, o fascínio, porquê? Por tudo o que é diferente. Lá está, nós... nós vivemos numa sociedade... vivemos...vivemos na nossa cidadezinha, no nosso cantinho e... é bom até uma certa altura, mas depois há a descoberta, há o querer, lá está, começamos a subir as escadas... (E8).

▪ **Estudar “fora” e os dilemas de fundo**

A insegurança gerada pelo que não se conhece, antes de ir, e os medos do que não se conhece, quando se chega, expressos na linguagem, revelam a luta que os indivíduos travam para construir as suas representações do mundo:

Se tiver que fazer para alargar o meu currículo, experiência pessoal aaaa, aaa farei sem medos. E como isso será quando eu tiver... sei lá... trinta anos, acho que já sou maduro o suficiente e... e o medo de ficar longe da família já fica diferente. Foi uma pergunta que nunca me pus porque nunca se colocou, nunca se colocou no meu caminho (E5).

Era onde eu fazia, era o que eu fazia... que não fazia dentro da sala... eu tava a fazer uma adaptação. Então, eu não queria falar na sala. Eu não me sentia... afirmada, confiante pra poder falar. É, é... quando eu dizia que era... eu só queria ouvir, era porque...também era... não era só assim na sala de aula. Queria ser assim em tudo, porque foi o meu tempo se sentar e aprender as coisas. Aprender como é que

elas são, aprender como é que as coisas se organizam, como é que as pessoas brincam, como é que elas falam, como tudo. O que pra eles é... tá tudo bem, o que não tá, o que os ofende. Pronto. E eu tinha que refazer isso tudo e ia observando (E3).

▪ **Estudar “fora” e os pontos de crise**

A tensão entre discursos revela as dificuldades na construção de um discurso que demonstre a coerência dos argumentos utilizados:

Assusta os dois, mas o estudar... temos muito mais... se eu for pra um país que fale outra língua, estudar é muito mais complicado do que fazer voluntariado. Fazer Voluntariado eu vou aprendendo com o TEmpo e ... pronto. Estudar, se calhar, eu tenho que me esforçar. Não é que me custe esforçar, mas... tem... custa muito mais ... os primeiros tempos... mas eu não sei se... (E6).

Primeiro, economicamente não era viável (riso), porque... eu não tenho pais ricos (muitos risos) e segundo, porquê? Assim como, lá está, mais um orgulho, entre aspas, porque cresci a ouvir as histórias da minha mãe dizer aí há não sei quantos anos atrás podia ter ido viver pa Londres, há não sei quantos anos atrás podia ter ido viver pa Paris, há não sei quantos anos atrás... (E8).

Se, por um lado, surge a vontade de correr o risco, o receio da solidão também parece existir, se bem que se reconheça, que a experiência valerá a pena:

Ai, ir pra um sítio diferente! Acho qu'ê, que deve ser assim uma sensação! Bem, a mim entusiasma-me a ideia de estar num sítio. Eu, não me assusta! Não me assusta! Depende. Também não gostava de me sentir completamente sozinha numa experiência dessas. Gostava de ter alguém próxima com quem partilhar mas... não sei, acho excelente a pessoa ter a experiência de ir pra um país diferente e ter que falar uma língua diferente e ganhar ou... viver com hábitos diferentes, culturas... Acho que isso é excelente (E1).

▪ **Estudar “fora” e as mudanças de pronomes**

As mudanças de posicionamento, neste tema, revelam a importância da relação com o outro, a interiorização do outro em si, abrindo-se ao outro na construção da sua subjectividade:

Temos que nos focar nos aspectos em comum e não nos aspectos que nos dividem. E Isso, eu aprendi ainda mais quando comecei a viver com, com, com pessoas... em Inglaterra convivo com pessoas que, se calhar, nunca, nunca seriam minhas amigas noutras circunstâncias e assim vivo com elas e pronto. Tive que as aceitar como... minhas amigas (E10).

F. Os projectos pessoais

Todos os rapazes e raparigas entrevistados revelaram a capacidade de se projectar num futuro, embora imbuído, por vezes, de alguma opacidade.

O cruzamento deste tema com os indicadores considerados para a análise revelou diversidade nos posicionamentos discursivos, não sendo contemplado apenas um deles, o investimento psicológico. Assim, os discursos foram construídos, sobretudo, a partir dos *selves* e das mudanças de pronomes, seguindo-se as comunidades imaginadas, os pontos de crise e os dilemas de fundo.

▪ **Os projectos pessoais e os *selves***

Para alguns rapazes e raparigas o *self* vai sendo o resultado do processo de organização do presente e o seu passado vai sendo lido de acordo com o projecto que

elaboram para o futuro, num registo Troianos, num desejo de conquista da sua independência:

Era... era como se fosse... NÃO=NÃO=NÃO SEI EXPLICAR O PORQUÊ mas... é ... A sensação de, de quando comecei era...era não sei, era um gosto por alguma coisa que eu nunca, nunca, nunca, não conhecia! Era uma coisa nova. Era... mas eu vejo tantas coisas novas! Mas... era... o que me despertava era... era mais que interesse, era... era qualquer coisa. Era um bichinho que vivia (imita o bicho dentro dela e com a voz). Eu não sei. E foi-se juntando tudo e eu pensava... e quando... e, às vezes, quando penso, ainda quando eu penso sobre isso eu falo: "Ai, não sei! Será que... ai o que vão pensar disso? O que é que...". A gente pensa! Mas... era aquilo... que eu quero e que vou fazer. Vou mesmo. Porque... por mais que pareça difícil, pareça...que pode ser contra a opinião de muita gente... por isso eu acho importante estar estudando aquilo que eu estou estudando (E3).

É como nós hoje. Hoje na faculdade. Aquilo é o meu emprego. Eu tenho uma meta. Eu depois daquilo terei a maior liberdade, não é? (...) Eu, é como digo: eu sou um jovem concretizado mas um homem com muita coisa por realizar. Eu digo sempre isto. E é sempre! Eu tento sempre aperceber-me daquilo que me está a rodear e se eu digo: eu gostava de ser isto porque é uma, é uma coisa que eu tenho cá dentro... é, é uma paixão, não é? Eu sei que se me esforçar nada me cai do céu, não é o pedir e cai. Não! Tenho que me esforçar, não é? Essa linha de rumo vai ser alimentada. E TODOS NÓS Temos que construir, não é uma linha e dizer: eu daqui a dez anos quero ser isto! Não! Eu gostava de ser isto, eu para me sentir bem se eu tenho de fazer isto, então, eu vou, vou, o meu projecto, é bom sonhar, isto é um sonho. Construir uma linha é sonhar (E9).

Mas para além desta "aspiração da vida autêntica com e para o outro", segundo Ricoeur (1990) alguns jovens também revelam uma preocupação com o princípio da justiça, anunciando projectos colectivos associados a causas religiosas, políticas ou, de uma forma mais abrangente, humanitárias, como consequência do alargamento do espaço da experiência (Dubar, 2006: 176-182).

É ... eu também não quero ser... terminar o décimo segundo ano e fazer um trabalho voluntário fazer... "Não! Eu quero mais, quero mais". Ah! E a gente, apesar de, às vezes, das opiniões contrárias... "Ai! Um antropólogo cristão! Um antropólogo com essas ideologias cristãs pode ser ameaçador e tal" (inspira) mas era, era, era... a vontade que eu tenho de, de passar, de transmitir... aquilo que eu vivi, aquilo que eu já senti, é maior... é maior do que... qualquer coisa. Eu acho que é aquilo que me move. É Aquilo que...a... e quando eu tava no núcleo, também era uma das coisas que, que, que eu gostava, que eu sentia assim: era vida, era o que tava... dentro. Dentro de mim. Porque eu gostava quando essas coisas lá de dentro saíam. Lá de dentro. Vinham mesmo do fundo. Era mais do que um tema abordado. Era... era aquilo que saía... era... era eu mesma, ali em confronto com o que estava sendo dito, mas... e... e quando eu comecei agora no primeiro semestre, eu comecei a... a...a estudar e a, a ... a estudar assim alguns trabalhos etnográficos e a ver umas coisas, eu achava engraçado, porque onde havia um antropólogo havia um missionário (bate as palmas e ri-se à gargalhada). (...) Não, mas eu... era... eu sempre tive vontade de ir pra África. Assim desde, antes, antes de começar. Antes de ter ido aos exames, eu já tinha lido muita coisa, eu já tinha visto muita coisa, já havia muita coisa que me tinha despertado a atenção sobre África e eu acho que as coisas fora se juntando (E3).

ver quais são os problemas da sociedade, arranjar soluções, que é o qu'hoje, hoje é difícil, arranjar soluções é muito difícil, hoje, porque ninguém quer arranjar soluções (...) O político é estar, eu penso isto, é estar atento à sociedade, aos problemas da sociedade, não é? Tentar arranjar soluções, mas também ouvir! Por isso é que eu, eu gosto muito de ouvir as pessoas. Gosto muito, muito, muito, muito. (...) Dentro lá do partido chamam-me o teimoso! Eu claro que critico lá dentro. Quando alguma coisa não está como eu penso eu mostro como penso. (...) A minha grande paixão é a política (E9).

vou fazer voluntariado com as prostitutas... tou a fazer muita coisa em que há muita relação com as pessoas (E2).

Há muitas vertentes, mas a que eu quero mesmo é com os deficientes, ou com os deficientes, ou com as famílias que têm ... com as famílias, com as famílias mais carenciadas, que têm mais problemas. Sejam os filhos que tenham os problemas com os pais, sejam os pais que tenham os problemas com os filhos. Essas são as duas vertentes (E6).

Para outros, num registo Cassandra, "o futuro tanto pode colonizar o presente e o passado com sentidos securizantes como pode colonizá-los com ansiedade"

(Magalhães, 2001: 313), distinguindo o plano profissional do emocional, sobretudo em momentos de reconfiguração identitária por morte de alguém emocionalmente próximo, como o namorado, integrado nos projectos que se idealizaram,

por exemplo eu, no meu futuro, espero ter sucesso a nível profissional. Espero ser bem sucedida, que é mesmo assim, e sentir-me realizada, mas a nível pessoal eu tenho a sensação que vou estar sozinha, porque não me vou conseguir envolver e assumir uma relação com alguém (E1).

mas a oscilação entre estes dois registos está patente nas narrativas, pois, por exemplo, a par de um registo Cassandra sobre o futuro, pode entender-se que a identidade é uma “narrativa de si enquanto estruturação de sentido” (Magalhães, 2001: 313):

Recusei completamente alterar a minha maneira de ser para fazer uma coisa, pela qual eu tinha uma, uma certa paixão aaa.... Era preciso abdicar de muitas características pessoais que eu tenho que, que iam, que contrastavam com aquilo que era o curso, das quais eu iria ter que abdicar para exercer um trabalho que não era o trabalho que eu queria exercer quando fiz a escolha, mas que era o trabalho que deveria ser feito depois de acabar o curso e, e... perdi-me aaa, perdi-me (...) Fiquei... os meus objectivos ficaram baralhados, era a única coisa que eu tinha pensado para mim, portanto obrigou-me a uma investigação de mim mesma aaa... acerca de que outras coisas é que eu poderia fazer, onde é que eu podia ser útil, onde é que podia trabalhar, o que é que eu podia fazer na minha vida que me... que me fizesse... querer ter poucas férias e... desisti do curso. Fiz o primeiro e o segundo ano. (...) O ano passado tive a trabalhar... conheci imensa gente...continuei...tive a trabalhar em Lisboa...foi um ano de reflexão, de descoberta, de muitas coisas e ...e acabei por, por me decidir e escolhi o curso onde tou agora (E7).

▪ Os projectos pessoais e as comunidades imaginadas

Partindo de um posicionamento colectivo, constrói-se a ideia de que o que se sonha, o que se projecta, não surge espontaneamente, mas é o resultado de um processo relacional onde os outros têm um papel importante:

Sim, os nossos planos, os nossos sonhos vão sendo planeados... vão sendo sonhados quando a gente vai também conhecendo as coisas que estão pr'além de nós. As coisas que estão pr'além de nós não, não nos caem na frente... brutalmente. Vão, vão aparecendo devagarinho e vão aparecendo por outras pessoas. Na maioria das vezes vão-nos dando um pouquinho aqui, um pouquinho ali e a gente vai encaixando nas nossas ideias e vai construindo os nossos sonhos e os nossos planos (E4).

▪ Os projectos pessoais e as mudanças de pronomes

O “eu”, individualizado, sobressai para se incluir num colectivo, “nós”, com o qual se identifica, mas sem perder a noção de si. É a ideia de que os projectos resultam de uma reflexão pessoal, são construídos em interacção com os outros e, por isso, têm a transformação como algo de inerente ao próprio processo.

O meu projecto de vida é construir a minha vida. É como as casas, as casas nós construímos num projecto e quantas e quantas vezes depois do projecto de uma casa estar feito e pensarmos ser ideal...quando passamos pela maquete, passamos por todo o processamento, as licenças e não sei quê e depois construímos a casa, a casa já está com o telhado e nós dizemos, Meu Deus! Isto é horrível. Portanto, o núcleo ensinou-me, a mim, isso. Pode haver projectos, mas os projectos têm que ser pensados, têm que ser reflectidos. Não há uma coisa fixa, não há algo que esteja... atacadado! Não é? É óbvio que eu posso dedicar-me a uma área específica, posso-me dedicar e, e, assim como dedico! Dedico-me aos desenhos, não é? Procuo, procuro informar-me com revistas de arquitectura, procuro ver trabalhos de outras pessoas, procuro saber tendências (E8).

É isso. Isso... é uma coisa que... eu não sei o que vou fazer. Depende. Eu tou muito dependente do meu estágio. Muito dependente. Tou com medo do estágio porque... nós acabamos e depois temos o estágio. O estágio é que acho qu' é fundamental. Eu não sei onde é que vou estagiar. Eu queria muito ir estagiar pa Lisboa. Muito. Porque é diferente, porque eu não conheço muito Lisboa, é lá que tá o núcleo das

coisas (ri-se) e era lá que eu queria ir. Mas... é assim... o meu curso, não sei se há muita pessoa a vir pra lá, também, e, depois, é o que os meus professores também têm dito: o estágio é muita sorte. Depende. Ou a outra pessoa que nós vamos encontrar pra estagiar, porque há muitos estagiários que passam a tirar fotocópias e coisas, não é? E... depende... e... ando aqui... não sei. É que eu não sei. Eu posso ficar a trabalhar, também. Percebe, professora? Eu acho que, numa fase inicial, eu queria tirar o estágio... eu queria trabalhar... queria trabalhar (E2).

▪ Os projectos pessoais e pontos de crise

São sentidas as tensões entre discursos na construção de argumentos que justifiquem os projectos quanto ao lugar de residência no futuro. Por exemplo, uma das jovens ao pretender justificar porque razão não quer deixar Caldas da Rainha e ir viver para outro lugar se, por um, lado refere: “pa viver acho que... vai ser mais ou menos aqui”, logo a seguir acrescenta: “eu sei que não vai ser aqui, porque eu quero muito ir trabalhar pró estrangeiro e estudar no estrangeiro e fazer montes de coisas no estrangeiro” para mais à frente dizer: “mas sei que... que vou sair muitas vezes daqui pra fazer muitas coisas fora, mas nunca vou deixar as Caldas”. Está latente a ideia de que a vida é assumida como mudança onde há perdas e ganhos e onde a memória é uma referência, e não uma prisão, contida na construção do projecto, apesar das tensões que gera:

Ah, AGORA! Porque já tenho aqui as coisas todas, que já tenho tudo, que já... porque... Sair... eu gosto muito de viajar, mas Eu sei que não, mas... eu sei que não vai ser aqui, porque eu quero muito ir trabalhar pró estrangeiro e estudar no estrangeiro e fazer montes de coisas no estrangeiro... eu quero, quando acabar o curso, ir pa África. E quero...e preciso. Em voluntariado, porque eu acho... eu não sei... é uma coisa que eu quero muito. EU NÃO SEI EXPLICAR (RISO). É uma coisa que eu quero há muito tempo, que eu acho que vai ser muito bom pra mim, como pessoa, e por outro, como ajuda. E, por isso... e... e o mestrado não sei se vai ser cá ou se vai ser no estrangeiro, também. Mas isso logo se vê. E depois... eu acho que... ou seja, as minhas raízes vão ficar cá e eu não vou deixar as Caldas. Eu sei... tá a perceber (riso)? Não? É que EU NÃO CONSIGO EXPLICAR! Eu sei, eu gosto muito daqui e não vou esquecer nada do que aconteceu aqui, mas sei que... que vou sair muitas vezes daqui pra fazer muitas coisas fora, mas nunca vou deixar as Caldas (E6).

▪ Os projectos pessoais e os dilemas de fundo

A dúvida entre o querer trabalhar e o querer ir para a universidade é geradora de discursos que traduzem a luta empreendida pelos jovens em construir como factuais e estáveis as suas representações do mundo.

Eu quero... ainda tou... ou se eu não ficar a trabalhar vou pa universidade, ou começo a trabalhar e depois vou pa universidade (E2).

G. A minha visão de mim e dos outros

A construção discursiva deste tema revelou posicionamentos em todos os indicadores com predomínio para as “mudanças de pronomes” seguido dos “se/ves” e comunidades imaginadas, dilemas de fundo e investimento psicológico e pontos de crise permitindo ver que “não existe Identidade sem Alteridade, isto é, sem relações entre o si próprio e o outro” (Dubar, 2006: 52).

▪ A minha visão de mim e dos outros e as mudanças de pronomes

No cruzamento deste tema com este indicador, os entrevistados revelam uma construção dos discursos onde se assiste a uma oscilação de pronomes entre o “eu”, o “nós” e o “eles”. A noção de que o outro é fundamental para a forma como cada um se percebe é uma constante assumida na relação, onde se percebe que a lógica do “cuidar” para fazer a diferença é dominante:

No trabalho de Assistente Social nós temos de ajudar aquelas pessoas que precisam mais. As pessoas que precisam mais não é só a nível monetário. Por exemplo, as crianças que são maltratadas precisam d’alguém que cuide delas, que as vá tirar ou dos pais, ou que trate dos pais, entre aspas. Por exemplo, as crianças que são maltratadas precisam d’alguém que cuide delas, que as vá tirar ou dos pais, ou que trate dos pais, entre aspas (...)

Aliás, nós aprendemos, o que nós aprendemos no curso é que temos qu’aprender... nunca aprendemos é a discriminar. Isso, isso é essencial na nossa profissão nunca discriminar ninguém, agora aprendemos é a separar e a não dar-mos bem com essa pessoa, ou seja, não é não nos darmos bem, mas... aprendemos a não ter uma relação que temos com as pessoas... que não são nossos clientes, pronto. Não gosto nada dessa palavra (E6).

“A este Nós composto por pessoas próximas e semelhantes corresponde uma forma específica de Eu à qual se pode denominar **Si próprio reflexivo**. É a face do Eu que cada um deseja ver reconhecida pelos ‘Outros significativos’ que pertencem à sua comunidade de projecto” (Dubar, 2006: 52).

Eu tenho feito entrevistas a toxicodependentes... tou... vou fazer voluntariado com as prostitutas... tou a fazer muita coisa em que há muita relação com as pessoas e se nós não temos uma estrutura nossa, se nós não sabemos o que queremos e se nós não somos pessoas... estruturadas, não conseguimos... como é que nós conseguimos ter relação com as outras pessoas? E isso é muito importante. Acho que sim. É importante... o núcleo... ajudou-me a conhecer-me, a mim. A mim...às vezes... claro que há coisas que nós vamos descobrindo a pouco e pouco. Há coisas que... nós fazemos que nunca nos passava pela cabeça fazer... talvez... mas são coisas que nós... vamos aprendendo com as coisas () (E3).

Assim, depois da análise dos discursos dos jovens, evidencia-se a ideia de que a vida é constituída por uma série de passagens, onde há perdas e ganhos, que se entendem como momentos de aprendizagem para a construção e reconfiguração do projecto reflexivo do *self*, num registo Troianos (Magalhães, 2001: 313).

É estranho, porque compreendo que crescemos, que temos que mudar. É aceitar, aceitar. Eu vivi isto, naquela altura, quando tinha que viver, agora estou noutra fase (E1).

E a bricolagem identitária acontece, independentemente de se ter pertencido, ou não, ao Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania

tenho muitos colegas que têm a mesma sensibilidade que eu, estou a ser absolutamente sincero, têm a mesma sensibilidade que eu, fizeram também voluntariado, por outros meios, mas fizeram. Falam comigo, também sobre temas que nós debatíamos, no entanto sei que nem sabem que... nunca tiveram um Núcleo, ou um Núcleo do género, ou DPS, que muitos não chegaram sequer a ter, e, no entanto, são pessoas em que eu vejo qualidades tal como vejo nas pessoas que foram ao Núcleo, por isso...A aprendizagem, a experiência adquire-se com a vida também (E5).

Se a maioria defende que é o resultado de uma construção relacional onde os outros são fundamentais para cada um ser aquilo que é,

Muitas pessoas, como eu disse, passaram pela minha vida e me ensinaram alguma coisa e eu ensinei-lhes algumas coisas também. Eu aprendi muito. Foram pessoas muito diferentes. Pessoas diferentes... umas das outras, convivendo juntas, que... todas aprendemos umas com as outras. Todas... fomos... trazendo um pouquinho de cada um... pra dentro de nós (E4).

é muito importante nós adquirirmos aquela experiência deles, para que eu ao longo do percurso, à medida que eu vou andando pa frente, se calhar os erros que eles cometeram, se calhar pra eu, pa eu não passar ali (E9).

outros consideram que o que são resulta de uma aprendizagem, mas alicerçada na essência de cada um:

mas eu acho que... eu sou de opinião que cada pessoa tem a sua própria essência e é aí, é isso que nos torna individuais, que nos torna diferentes e acho que isso não tem a ver com a escola, não tem a ver com nada, somos nós. Eu, o que me faz dizer eu sou assim... não me consigo definir. A nossa essência é o nosso núcleo, digamos assim. Nós temos um núcleo. Ou o sabemos aproveitar, não é aproveitar... é deixar crescer e mostrar também aos outros. Reconhecê-lo, reconhecemos a nós mesmos. Eu sou assim, eu aceito-me como sou, gosto e mostrar isso também aos outros e isso não é na escola, nem com a própria família. Influencia-nos sempre, tudo o que esta à nossa volta, a nossa realidade, o que conhecemos influencia-nos sempre. Óbvio! Mas aquele... não sei explicar stora, é uma essência, está cá dentro. É natural. Que nós temos (E1).

Construir uma identidade coerente resulta de um reconhecimento individual, de um “Si próprio reflexivo” que se quer ver como agente da mudança,

nós somos agentes de mudança. Eu tenho convicções. Eu tenho coisas que eu acho. Eu não gosto de impingir nada a ninguém. Nem... a pessoa tem que mudar porque eu acho aquilo. Não! ... mas é muito bom quando nós somos um testemunho vivo daquilo que nós falamos e daquilo que nós acreditamos. É diferente (E3).

onde cada um manipula o tempo como tempo pessoal para que se consiga construir de acordo com o projecto reflexivo que elege:

Nas cidades não, não se nota. O ano passa. Sabemos que é Inverno porque chove e sabemos que é Verão, porque vamos até à praia ou porque está calor e ali não. Existia a Primavera, existia a chegada das andorinhas, os ninhos. Acompanhávamos tudo isso, de uma forma mais...mais pormenorizada. Valorizávamos mais isso, portanto era... foi sempre algo que em mim, também, se calhar, por isso, desenvolvi uma sensibilidade maior e ... pr'aquilo que eu gosto hoje, que é, fundamentalmente, as Artes e o Design e tudo isso... pra mim, eu dei logo muita importância a isso. Se calhar, por ser o clã da minha família, não sei, não é? Talvez por ser numa aldeia, não sei, mas... (E8).

Mas a construção desta autenticidade pode ser um apelo que o amor trás e que gera a necessidade de deixar cair máscaras, o que produz o medo de não se ser aceite pelos grupos de pertença, nomeadamente a família:

o cerco, fecha-se o cerco e...e pronto! E questiono-me, agora que senti uma coisa mais forte. Será mesmo que depois vou ter vontade de morar com os meus pais quando for mais crescido? Porque, realmente, a vontade de estar com aquela pessoa... e... a independência é outra. Por isso, sou capaz de mudar de ideias, como acho que sim, que já estou a mudar, mas como fez a pergunta... é nos meus pais que... A CURTO PRAZO vejo-me a continuar a morar com eles, mesmo depois de terminar o curso. Mas tudo isto parece, ao mesmo tempo, contraditório, não é? É contraditório no sentido em que... se são tudo para mim, se nós falamos de tudo sem problemas, se os meus pais têm tido, têm-se dedicado, portanto... bastante () e eles tornam-se muito mais tolerantes e eu próprio também e o meu irmão está cada vez mais... isso dá muito mais vontade de contar, mas ao mesmo tempo não. Porque é o sentir que possa rachar, quebrar o cristal... que posso perder o que tenho. É verdade! O que é estranho, porque eu sinto... eu acho que quando se tem medo de haver alguma quebra é porque se duvida que não é tão sólida, assim, a relação... ou NÃO, OU AO CONTRÁRIO! Mas eu acho, eu, por acaso acho que sim. E no entanto, eles... no entanto a relação é extremamente sólida, mas sei lá. É o medo (E5).

E, tal como é referido no registo Cassandra, a reflexividade revela, por vezes, outros selves, igualmente autênticos, e que convivendo na sua contradição limitam a procura de um self verdadeiro causando ansiedade:

eu até nem falo sobre isto com muita gente, porque sei perfeitamente que há pessoas que ligam, que confundem espiritualidade com espiritismo... e bruxarias e não é nada disso. Não tem nada a ver com, com, nem médios, nem nada disso. E pronto. E eu tava tão contente que a minha mãe perguntou como é que tinha corrido a leitura, eu fui com o objectivo de, de... queria, queria saber... eu ia com o objectivo de descobrir... Ah! Eu tinha um problema com o meu pai que era: ele cada vez que colocava, que bebia, ele nunca apareceu bêbedo em casa, nem nada disso, mas cada vez que na mesa bebia, ou uma cerveja, ou uma bebida alcoólica, eu, mas isto recente, dois, três anos. Eu batia na mesa “à minha frente tu não bebes!”, eu saía da mesa a chorar... que eu não queria que ele bebesse. E eu nunca, nunca o vi bêbedo. O meu pai nunca bebeu, mas bastava... eu revoltava-me e chateava-me com ele. Eu estava a enervar-me comigo, porque eu sabia que ele não tinha culpa nenhuma e eu é que (). E eu decidi perceber donde é que vinha esta revolta. A senhora fez-me uma regressão e eu percebi donde é que veio este problema com o meu pai e tá tratadíssimo! Já percebi donde é que vinha o problema e pronto! E depois a minha mãe perguntou-me como é que tinha corrido a leitura e eu na, na, na na minha alegria disse: “Oh mãe! Sabes?”, mas assim completamente estúpido. Nunca imaginei que um dia fosse dizer isto daquela maneira: “Sabes, mãe? Há uns tempos atrás eu questioneei a minha orientação sexual!” e ela ficou assim a olhar... assim: “eu até acho que gostava do R., mãe. Mas agora já não! Agora eu gosto da Joana e tenho a certeza que foi uma confusão!”. Veja lá! Eu fui dizer isto (riso). Fui dizer isto assim. Saiu assim, porque estava contente. E eu acho que ela já suspeitava disto há muito tempo e foi uma maneira de fazer bem a mim e a ela. Pronto! E ela: “Oh filho! Oh filho! pronto. A mãe já tinha percebido alguma coisa. Mas pronto. Já tens a certeza, já tens a certeza! Mas olha, isso era um problema que nunca se punha, nunca se punha aqui em casa. Por favor quando tiveres essas dúvidas fala, fala com a mãe. Mas é assim: nunca contes isso ao teu pai. E eu: “Oh pá! Então, pelos vistos, não estou assim tão à vontade.” E sei que a minha mãe disse isto sem pensar, com certeza. Sem pensar naquela pequena frase: “mas não contes nada disso ao teu pai.” Então pera aí, então não estou assim tão à vontade. Então o à vontade que tu me dissesse que eu podia estar não é assim tão abrangente (E5).

Estes rapazes e raparigas mostram preocupação quanto ao pouco tempo que existe para dedicar aos adolescentes, quer na escola quer na família, e revelam-se perplexos quando reflectem sobre as diferenças de comportamentos de outros jovens, mais novos, mas cuja diferença de idades não os distancia significativamente:

Eu acho é que muitas das vezes nós assistimos a situações nas salas de aula que são provocadas por uma falta de tempo de toda a gente que está à volta destes adolescentes, pa eles, pra dedicar a eles, não é? pra lhes dedicar. Há pais que não tem tempo pós filhos aaa... Há, há, há falta de tempo entre as aulas por aquilo que.... Por exemplo, na minha altura nós até tínhamos algum tempo, mas agora, pelo que sei, as cargas horárias são cada vez mais, as cargas horárias são cada vez maiores, por isso... vai havendo uma falta de tempo...pós miúdos! (E7).

Em Viseu, durante a semana, eles não saem, não é? Os pais não deixam. Durante o fim-de-semana, se calhar, até saem, mas eu não tou lá. Mas cá, ao fim-de-semana, quando vou ali, ao Daiquiri, ou a... aquela zona, vou à casa de banho e tá lá mais gente, mas fisionomia de criança, ainda! A dizer: “Tens que me passar um shot! E roubou um cigarro e não sei quê! Roubou um cigarro!” Isso, eu comento com, com, com os meus amigos. Eles também dizem que não eram assim! A diferença é tão pouca! Não sei se éramos nós que éramos atrasados (muitos risos), ou se mudou mesmo em tão pouco tempo (E4).

Apenas um dos rapazes ao elaborar os seus argumentos sobre “a minha visão de mim e dos outros” se referiu a si como português, pela identificação que estabelece com esta sociedade, apontando para a legitimidade de todas as diferenças locais/culturais, de acordo com o conhecimento que foi adquirindo através da experiência:

Eu amo este país muito=muito=muito=muito, não é esta pátria, é este país. Eu amo este sítio, este estilo de vida, esta maneira de estar, esta língua...amo isto. Mas lá fora, isto é tão relevante para o resto do mundo como a Estónia ou a Letónia...são para nós. Porque, pra eles, eles são muito importantes e eu... pronto, vi isto porque saí (E10).

▪ “A minha visão de mim e dos outros” e as comunidades imaginadas

O cruzamento deste tema com este indicador permitiu analisar, principalmente, dois tipos de discursos: um, centrado nas comunidades nacionais, enquanto comunidades

imaginadas, onde a dialéctica entre identidade e alteridade produz valores e maneiras de pensar etnocêntricos; e outro, centrado nos grupos com os quais os jovens entrevistados têm, ou gostariam de ter, afinidade e que projectam para além da realidade social existente. Assim, relativamente ao primeiro tipo de discurso são evidentes as marcas etnocêntricas. De acordo com Ladmiral,

o etnocentrismo é inerente a todo o grupo sociocultural, étnico ou nacional. É correlativo do mecanismo da distinção que separa o teu do meu, o próximo dos estrangeiros, as pessoas daqui das pessoas de fora (...). Assim, o etnocentrismo é ao mesmo tempo um traço cultural universalmente expandido e um fenómeno psicológico de natureza projectiva e discriminativa que faz com que toda a percepção se faça através de uma grelha de leitura elaborada inconscientemente a partir do que nos é familiar e dos nossos próprios valores (1989: 137-138).

há um contraste muito grande entre as pessoas de Inglaterra e as pessoas cá. A maneira de vestir, a maneira de, pra já a língua não se dá a tanta, tanta... floreado. É uma língua prática, diz o que tem a dizer e pronto. E a nossa língua é uma língua onde se anda ali à volta e não havia espaço, não há espaço lá... ninguém tem espaço, lá, pa pensar nessas coisas. Ninguém se interessa por política. Ninguém se interessa por filosofia.

toda a gente em Portugal que anda no secundário teve... Filosofia. Lá ninguém teve Filosofia. Se lhes perguntarem quem é Kant, Kant é só uma palavra má, mais nada! É, é, é só o maior palavrão. Ninguém conhece...

Em Portugal, quando se fala "Ah! Mas lá no norte...". É UM CONTO DE FADAS! Esse sítio não existe. Eu nunca, eu ainda não tive a hipótese de visitar esses países, mas aquilo que a minha namorada me contava... é um conto de fadas! Aquilo não era assim.

eles são bons cidadãos, eles são bons cidadãos porque é... pronto! É porque não sabem fazer as coisas de outra maneira! Ninguém lhes dá hipótese de eles serem más pessoas! Más pessoas! Não é más pessoas é... são cordeirinhos. É um rebanhinho e vão todos atrás uns dos outros e isto é tudo muito bonito até ao dia em que os transformarem em rebanhinhos pra fazerem outras coisas.

Porque eles não têm espírito crítico! Eles recebem tanto dinheiro do Estado que eles podem ter tudo o que quiserem e, portanto, tudo o quê querem é à sexta-feira irem (assobia) apanhar copos, apanhar uma copofonia porque no resto da semana é pra tar a fazer aquilo que têm que fazer a ver televisão e é, na escola, eu não tenho a noção do que é a escola lá, mas eu acho que a escola lá é mesmo um sítio onde se da formação técnica. Não se dá formação humana. Não é preciso dar formação humana.

Não se evita a discussão neste país. Não se evita! E lá fora evita-se a discussão. "Ai é? Tens essa posição? Tá bem. Pronto. Amigos como dantes. Não se fala neste assunto mais".

Eu acho que nós estamos gerações atrasados, mas eu acho que nós ainda temos aquele espírito de há trinta anos atrás. Quando é que foi a última revolução que eles tiveram? Eles estiveram sempre muito bem, muito obrigado. Não é? Nós, foi preciso todos saírem à rua. É muito triste que se perca a noção do que é que foi o 25 de Abril

Como os nossos putos de agora, eu tou a falar como um velho, hã! Como a malta mais nova que eu vejo na geração do meu irmão e do meu vizinho... não há nada, não têm de lutar por nada. Tem tudo feito. Têm a papinha toda feita!

Ser bom cidadão é: ok, o que é que se passa? Se alguma coisa falhar eu tenho que ter o sentido crítico de sair pá rua e dizer assim: "Não pode ser!". Eles não têm isso. Eu acho mesmo que eles não têm isso. Eu sou memo sincero e isto... e isso perde-se. No Reino Unido então perde-se de uma maneira... terrível... ninguém... "Ai é? tal...!" (mudou o tom de voz para um mais suave e fino)"então agora vamos ver o que é essa novidade? Então vá, vamos!" e depois dizem assim: "Ah, não! Mas eu vou em manifestações pós, pós coitadinhos!"

eu vejo a situação mundial pôr-se de tal, tar a alinhar-se de tal ordem para, para... eles já não nos oprimem, eles já não nos oprimem com um lápis azul. Eles agora oprimem-nos com Coca-Cola, oprimem-nos com modos de vida. Eles não estão a vender ideais. Eles já não estão a vender capitalismo! Eles estão a vender um modo de vida. Já não é uma questão de capitalismo/comunismo, já não é uma

questão de opressão, é: “você podem entender o que você quiserem desde que nós vos deixemos”. E nós: “Ah! Eles deixam a gente faz. Nós podemos fazer o que quisermos”.

lá faltou um espaço onde se pudesse questionar, onde se pudesse pôr em causa. O cientista português teve Filosofia, o cientista lá fora não teve Filosofia.

1984 devia ser leitura obrigatória.

Há interesse em que as massas sejam cegas, sejam rebanhos. Nós=não=podemos=deixar=qu'isso=aconteça=aos=nossos=miúdos porque corremos o risco de que... essas massas sejam usadas para coisas más.

Enquanto essas massas forem usadas pa coisas boas, só pró lucro, só pra gastarem, porque é isso, as massas pa gastarem dinheiro agora. Tá tudo bom! Endividem-se, façam o que quiserem. Enquanto=não=fizerem=nada=de mal=tudo=bem. Se algum dia told, e já tão a toldar a cabeça das massas pa pensarem assim, tão a toldar a cabeça dos muçulmanos pra acharem que têm que atacar os cristãos e tão a atacar aaaaaa a mente dos ocidentais pa achar que tudo o que não é... branco e americano é mau!

eu sinto-me membro, um bocadinho menos dominado da massa (...) Engulo e pergunto assim: “Eh pá! Pa quê que eu tou a comer isto? Mas como à mesma! (...) não como tudo. Algumas vezes cuspo, mas gostava de cuspir as vezes todas.

Portugal eu conheço muita gente que cospe. E que cospe tudo! E em Inglaterra eu não conheço, eu conheço poucas pessoas que cospem.

“Isto não sabe nada bem, mas olha, pronto, siga.” Mas tenho noção que eles me estão a alimentar com lixo. Nós=não=podemos=deixar que=isso=aconteça=aos=nossos=putos.

O saudosismo ... nós, um dia, fomos grandes, nós temos sempre aquela ideia: NÓS JÁ FOMOS GRANDES! (imita alguém a dizê-lo a outro) mas temos essa ideia há novecentos anos e não há nada a fazer. Nós temos essa ideia há novecentos anos.

Eu gosto muito das pessoas. Eu vejo com cada coisa que até me dói neste país. E vejo com cada coisa que até me dói nos outros. Mas é o que eu digo: isto não vale nada (expiração rápida), mas lá fora também não é muito melhor. É diferente! (E10).

Por outro lado, surge de novo a ideia de que o que somos é o produto de uma construção relacional prolongada no tempo, onde as escolhas e as conquistas que concedem maior autonomia e independência permitem a atribuição de sentido ao projecto reflexivo do *self*.

A grande aprendizagem foi mesmo no terceiro ciclo porque, realmente, o que conta é quando as pessoas nos despertam e desenvolvem o nosso interior que é isso que vai marcar, é isso que... os nossos princípios, as nossas ideias, aquilo em que nós, realmente, acreditamos são... tem a ver com o relacionamento que nós temos com as pessoas, com as escolhas que nós fazemos na nossa vida, NESSAS ALTURAS. Depois ahmm a transição. Depois a carta de condução, uma sensação de independência, de maturidade. Aaaaah a entrada na universidade, uma vitória, uma alegria plena (E5).

O grupo preferencial é comparado com outros que se observam hoje e aos quais pertencem outros jovens que parecem viver uma juventude, distinta da deles, e com a qual não se identificam:

em relação aos grupos da mesma idade, de HOJE, eu sinto que nós éramos muito inocentes, muito crianças. Porque as crianças, as crianças ou rapazes e raparigas do sétimo, oitavo ano d'hoje, já fazem tantas coisas que nós... que nunca nos passaram pela cabeça. Eu vejo-os todos bêbados na rua...fumando. Aham a maior piada ir fumar. E nós nunca! Nunca nos passou pela cabeça ir fumar. Nós pégavamos o cinema muitas vezes, muitas vezes, algumas vezes. Íamos ao cinema, íamos a praia. Táamos sempre juntos no Verão, mas... não... começamos a experimentar a bebida. A bebida ia tamém junto, mas é mais tarde! Não foi na idade desses agora. Nós, nessa época, era pura brincadeira. Era mesmo brincadeira. Brincávamos. Brincar. Não havia também namoros (E4).

Para estes entrevistados, as diferentes gerações não são entendidas como ilhas comunicáveis:

Por ser mais novo, ou por ser mais velho, se houver respeito, podemos tirar ideias uns e dos outros (E9).

E, o convívio com as diferenças, de todo o género, parece ser encarado como a forma de se produzir autoconhecimento:

Se nós não conhecermos pessoas diferentes... nós não nos conhecemos a nós mesmos (E10).

▪ A minha visão de mim e dos outros e os *selves*

Os entrevistados, posicionando-se individualmente, revelam que na construção do projecto reflexivo do self oscilam entre dois registos conflitantes, Troianos e Cassandra, embora haja um predomínio do registo Troianos (Magalhães, 2001: 313).

A preocupação em conseguir fazer a diferença relativamente aos outros manifesta-se, sobretudo, pelas qualidades pessoais que salientam em si. É o *self* tido como um projecto reflexivo onde cada um é o seu autor e actor. O autoconhecimento é uma condição para que consiga construir uma identidade coerente que promova a auto-estima.

Assim, assume relevância ter a noção de que o aspecto físico chamava a atenção das pessoas sobre si,

eu era uma meniNinha e depois muito louRinha, com caracoLinhos e com tudo e elas gostavam muito de mim. E eu passei ali muito tempo e as pessoas afeiçoaram-se (E2).

de que na escola não se foi só mais um aluno,

Senti que a marquei de alguma forma que...Pronto, não fui só mais uma aluna, ou... se calhar, ninguém é, ninguém passa despercebido... que criámos algum, algum laço (E1).

Ser diferente exige uma personalidade muito forte e...e... eu sempre consegui, porque, pronto, tinha boas notas e conseguia dar-me com muita gente. Pronto. Como tinha boas notas e como tinha muito paleio sempre sobrevivi bem (E10).

de que se é notado no mundo profissional,

Vejo, também, que sou reconhecido pelo meu trabalho. Sinto que tenho jeito pr'aquilo que vou fazer (E5).

de que se vê mais longe do que a maioria,

eu acho que tive sempre um bocadinho mais à frente... (E9).

de que se é mais maduro do que os outros,

Porque, depois, a idade também não corresponde à maturidade das pessoas, mas isso é outro assunto (E7).

de que não se intimida em expressar as suas ideias diante dos outros,

tenho mais confiança a falar em público que a maior parte das pessoas (E10).

de que se é capaz de reconhecer nos outros as suas qualidades e de o dizer,

É... é... porque é bom sentar, é bom ouvir... é bom... é muito bom dizer pra alguém, é muito bom ouvir elogio, é... é muito melhor falar o elogio, elogiar alguém. É muito bom dizer uma boa palavra pra alguém (E3).

de que se tem uma missão na vida que lhe confere um sentido,

Eu sinto que tenho que ser um orador. O problema da gaguez não é por acaso que eu o tenho. Eu já percebi donde é que ele vem e, por isso, tenho que... é uma prova, eu tenho que... que ser um excelente comunicador, por questões KÁRMICAS até, que eu... pronto, que eu acredito. Tenho que as tratar e por isso eu sei que vim aqui para comunicar (E5).

Os entrevistados revelam preocupação nos seus discursos em organizar o seu presente, fazendo uma interpretação do seu passado de acordo com um projecto futuro,

O meu grupinho de amigos, ahhhh, o início de DPS, esta actividade do Jardim-de-Infância... que até hoje tenho fotografias no meu quarto disso. Aquela actividade de DPS que até apareceu no jornal. Tenho lá fotografias no meu quarto. Adoro recordar. Ganhei o prémio de melhor aluno, o do aluno mais simpático e eu, o Diogo e o Pedro ganhámos o Raulinho. Em cada ano ganhei um prémio e isso foi importante pra mim porque eu, pela primeira vez na vida sabia o que era auto-estima e sabia que estava a crescer de uma maneira... sempre me senti, às vezes, um pouco mais maduro do que os outros, modéstia à parte, mas eu sentia-me... uma compreensão, uma observação, uma sensibilidade ahhhh muitos colegas diziam que eu era graxista, mas eu gostava de ser simpático e sentia que conseguia captar a atenção das pessoas e o carinho. Tinha facilidade, também, em arranjar amizades ahhhh e pronto. (...) Tive aquelas duas peças, Núcleo e Teatro que se encaixam agora de uma maneira que eu... Obrigado por, por me terem aparecido na vida. Por eu ter feito por elas (E5).

na convicção de que as escolhas vão sendo feitas de acordo com o projecto reflexivo de *self* que se vai estruturando,

À medida que as coisas iam aparecendo eu ia ter, automaticamente, que escolher qual é que era aaa, aaa, aquilo que eu ia ter como meu e aquilo que eu ia excluir, por oposição àquilo que eu sentia naquele momento (E7).

e que a construção da identidade requer que o tempo seja manipulado como tempo pessoal, onde se assume que a vida é uma sucessão de acontecimentos que comportam perdas e ganhos:

O tempo... é muito importante! Era especial, pra mim, quando eu ia pra escola que se falava no Inverno, não se conhecia a neve de forma alguma, mas imaginava o Inverno com muita neve e, no entanto, o começo pra mim do Inverno era o cheiro das vindimas e o barulho dos lagares na minha rua, e é verídico. Ainda hoje existem.

Porque foi uma fase, Se bem que não houve qualquer tipo de... de... de raivas, nem de rancores, como eu disse, nem de "Porquê que isto acontece?" Sim! Toda a gente o pergunta. Porquê no dia do meu nono aniversário? Toda a gente fazia essa pre, ess..., queria, interrogava-se a si própria, não é? Mas eu nunca achei isso também como um aspecto, não digo positivo mas ...de...de uma nova etapa, de um novo, de um novo caminho (E8).

A procura do *self* autêntico tem inerente a reflexividade do processo:

Lá, toda a gente pensa que eu sou... que é só teorias da conspiração na minha cabeça! Porque pronto! Eu... falo das coisas. Questiono-me. Questiono tudo! (E10).

Mas a construção do projecto reflexivo do *self* também parece comportar para estes jovens limitações que são causadoras de sofrimento, num registo Cassandra:

Isto é muito complicado, o emocional, quando mexe com os sentimentos. Há sentimentos que ainda não foram mexidos, que é mesmo assim. Vão ficar sempre e é uma parte de mim que está presa. Está presa! Eu sinto-me... eu sinto-me um bocado presa (E1).

E se, num momento, se pretende ter um domínio sobre o corpo utilizando-o como linguagem para expressar o que se sente e o que se pretende,

Depois, mais para o fim, e também num momento de esquecer e de depressão, tive aquela... aquela fase que... me envergonho, mas que fez parte, e preocupou muita gente, eu sei (riso), em que eu emagreci muito, que me deixou ir abaixo... que desmaiava. Passei noites em hospitais, a soro, porque, realmente, não comia ahhhh. Isto tudo fez parte de... eu querer dar nas vistas de outra maneira. Eu tinha de me afirmar, tinha que ahhhhh, tinha que chamar, tinha que continuar a chamar à atenção, as pessoas tinham de reparar em mim ahhhh pelo... e a maneira mais fácil que foi, foi era, era, pela, pela, pelo meu corpo (E5).

noutro momento, o próprio corpo se pode negar ao projecto reflexivo do *self*, sendo “o outro de nós” (Magalhães, 2001: 313),

Reparavam em mim por eu ter emagrecido e... e isso fazia-me... fazia-me sentir bem até que, realmente, cheguei ao ponto de baixar notas, de não fazer testes, deeeee, deeeee, ahah de me sentir estúpido (E5).

As perdas, ao assumirem um carácter definitivo, podem surgir reflexivamente como um jogo de soma negativa, como de novo, nos diz o registo Cassandra (Magalhães, 2001: 13),

depois de uma infância, de uma infância volumosa e ...especial, não é? Acompanhada com todos os mimos, com tudo aquilo que eu queria, houve a, houve a ... o corte! O corte devido ao falecimento do meu pai E, então, aí... é assim, a partir dos meus nove anos começ, não me lembro de, quer dizer, recordo-me de todas estas sensações, da maneira como fui educado, mas não me recordo de nada em especial daquilo que... não me recordo do meu pai, não me recordo... O meu pai faleceu no dia em que eu fiz nove anos (E8).

E, também apontando para o limite esquizóide, dado pelo registo que referi antes, a reflexividade depara-se com uma variedade de *se/ves*, analogamente autênticos, mesmo que contraditórios:

assumo-me como bissexual ou homossexual, também não tenho bem a certeza, mas assumo, sem problemas, que gosto, que posso gostar de rapazes, e ter relacionamentos, e ser feliz assim (E5).

A noção de que no decurso de cada entrevista “sou eu a definir-me” (E10) numa construção relacional está bem presente quando um dos jovens refere:

EU TOU A APRESENTAR O PONTO E A STORA VAI LOGO: ENTÃO E SE ALI. É O PONTO QUE EU NÃO CONSIGO AINDA JUSTIFICAR É AQUELE ONDE A STORA VAI (E10).

▪ A minha visão de mim e dos outros e os dilemas de fundo

O indicador dilemas de fundo relativamente à “minha visão de mim e dos outros” permitiu perceber dificuldades na elaboração dos discursos que se prenderam com terminologias adoptadas para lidar profissionalmente:

com determinados grupos populacionais que colidem com valores e representações do mundo dos entrevistados e que eles questionam,

Porque cliente parece que nos que têm que pagar pra tarmos ali. É horrível ... parece... não sei ... clientes soa muito mal. Cliente é aquele que vai a uma loja! Eu vou lá, sou cliente duma loja. Agora, ali, nós não tamos ... aí, não sei, é horrível, eu não gosto (E6).

com *tabus* relativamente às diferenças culturais,

tou a aprender a lidar com pessoas um bocadinho, um bocadinho ruins. Não são ruins, muito... huuf (esgar de repulsa) ... estranhas, estranhas no mau sentido...ah... Muitos comentários assim. São

penicheiros! Há muitos penicheiros. Penicheiras! Na minha turma. Lá está, são pessoas diferentes, experiências diferentes... (E1).

à aceitação da morte,

estava na minha família, portanto, não é um fantasma, mas é... uma presença que não está presente! Sentimos falta dela, mas, ao mesmo tempo, também não sentimos, porque lá está, como eu estava a dizer, ao mesmo tempo criamos a tal força para vivermos sem ela, vivermos sem... termos necessidade de viver com ela, ou de estar com ela (E8).

A morte é o fim do mundo (E10).

à não coincidência entre a identidade para si e a identidade para os outros,

graxista pra mim era como se fosse um defeito." Eu não sou assim, então... não sou assim! não sou! Bom, não é por isso que eu tiro...agora, eu gosto de ser simpático! (E9).

muitas pessoas que acham qu'eu, que eu não consigo discutir. Acham-me arrogante só porque... pronto! Se eu estiver a discutir da maneira como eu discuto, normalmente, e eu tenho este problema com a minha mãe, mas ela agora já começa a entender. Eu não tou a passar atestados de ignorância! Eu tou a defender da melhor maneira que eu posso para que tu te defendas da melhor maneira que tu possas para nós, os dois, nos enriquecermos! Eu não tou a atacar a tua pessoa, tou a atacar a tua ideia. Quando isso acontecer é com nomes. Acredita que é tar a chamar tudo e mais alguma coisa (E10).

à natureza humana,

Nós discutimos a natureza humana e durante o núcleo eu tinha uma ideia da natureza humana que é uma ideia da natureza humana que eu já não tenho agora. Se calhar, o Homem é memo mau. De vez em quando lá aparece uns que conseguiram encontrar o caminho do Bem. Eu já não sei o qu'ê qu'acho. Eu já não sei o que acho. A sério! Em termos... neste momento... na minha vida... estou perfeitamente perdido em termos do que é que achava e acho (E10).

▪ A minha visão de mim e dos outros e os pontos de crise

A tensão entre discursos parece colocar-se quando a diferença cultural suscita curiosidade, mas entra em conflito com os valores de igualdade de direitos entre homens e mulheres:

Na mesquita (...) As mulheres... só a diferença... se calhar, eu, era capaz de pôr em causa: "Fogo! Então, mas porquê que as mulheres vão lá pra cima e os homens tão cá em baixo?" (...) Mas não. Achei aquilo... respeitei, exactamente respeitei. É claro! Lógico. Por amor de Deus, mas... É giro! É= foi... adorei lá tar. É completamente diferente (E2).

Também a construção da ideia de que se é possuidor de uma essência, como já se tinha evidenciado na análise, parece não ser pacífica,

Acho. Acho que tenho... acho que tenho uma essência de, de... de muitas coisas que, pra mim, são...são a minha base e sem as quais eu não, não consigo, não consigo raciocinar, não consigo pensar, não consigo juntar as ideias e, e resolver os meus, meus, as coisas que me vão aparecendo, mas, mas...12 (E7).

A aceitação das escolhas feitas pelos outros revela conflitos na construção do discurso,

Enerva-me muito, porque... eu sei que, agora não me enerva nada. Eu nunca penso nele! Ou raramente. Nunca penso nele, mas quando o vejo enerva-me que ele tenha feito isso, porque eu achava que era um duo dinâmico. Vai haver uma parte de mim que vai tar sempre assim: "Eh pá! Tanto potencial...". Não me interessa nada (E10).

▪ A minha visão de mim e dos outros e o investimento psicológico

No cruzamento de “a minha visão de mim e dos outros” com o indicador investimento psicológico os jovens revelam a importância do “inconsciente dialógico” (Bakhtin, 1981) para a construção do seu projecto reflexivo de *self*,

Pode ser, ou então é como eu tava a dizer, também é o facto de, de eu, pelo menos na minha arquitectura, se calhar, eu iria ao fim destes anos todos em que vivi num, num, não digo num sonho, mas num, num núcleo meu, num prazer meu, porque nós também temos os nossos prazeres pessoais, não é? Independentemente de cada um achar ou debater, é óbvio que nós, por exemplo, se eu debater um prazer pessoal meu com outra pessoa, mesmo do núcleo que seja, eu tenho a capacidade de aceitar aquilo a que essa pessoa diz, mas sei que é um prazer meu e é algo que nós no núcleo nem nunca reparámos nisso, não é? Podemos até nem nunca ter falado nesse aspecto. São prazeres pessoais. São prazeres que são só nossos. Por mais que a sociedade os condene, ou diga que é diferente, ou... já não digo os prazeres tabus, nem nada... mas coisas nossas. São coisas que não são debatidas com mais ninguém. Por mais que nós podemos ouvir falar disto ou daquilo ou daqueloutro e não sei quê e nós no nosso subconsciente Oh! Eventualmente, identifico-me com isto, identifico-me com aquilo. Por vezes pode-se ver isto, ou pode-se ver aquilo, mas que nem sequer comentamos com as outras pessoas porque não tem lógica. Porquê? Porque é nosso. Não é? (E8).

O investimento em discursos como este, onde os cientistas aparecem ridicularizados e o conhecimento desvalorizado apela a que se identifique o não dito. A análise da entrevista em questão, permite ler que o receio por parte de um dos jovens em não se destacar, especialmente, no meio científico o induziu a desenvolver este tipo de argumentação:

A maior parte deles tá só a estudar coisas porque sim. Porque “Ah! Agora... não sei fazer nada na vida então agora vou estudar uma proteína numa bactéria qualquer que ninguém conhece e vou pedir ao Estado pa me dar dinheiro. Pronto e vou passar o resto da minha vida assim” (imitou um cientista com os óculos na ponta do nariz e ridicularizou-o). Não pá! Ou se está a fazer qualquer coisa que é de facto prática e útil ou então, conhecimento por conhecimento já não me diz nada. Conhecimento... ler por ler já não me diz nada. Se eu não vou aprender nada com aquilo que vou ler, não vale a pena tar a ler. É uma perda de tempo. Se eu não vou investigar nada que, que valha a pena, não vale a pena investigar. Isto é malta que tá a tentar subir cada vez mais alto, tá a tentar descortinar os mistérios da ciência e os mistérios do mundo e eu já percebi que os mistérios do mundo nunca vão ser descortinados (E10).

A interiorização de que é necessário o encontro íntimo, de cada um consigo, para que se descubram os motivos que explicam determinados comportamentos traduz-se discursivamente quando se defende que através da desconstrução se pode elaborar uma nova compreensão dos factos e construir novos discursos:

às vezes, a gente fala: “Ah! Isso o tempo cura”. Há coisas que parece que o tempo cura, mas o tempo faz esquecer, mas curar...pode passar dez anos, mas eu vou tar naquela situação se bater de frente com aquela pessoa que me vai... fazer o flash-back e vai voltar tudo. Por isso... que é... às vezes as coisas precisam mesmo... ali confrontadas (bate na mesa). É preciso um confronto. É preciso um confronto com aquela situação (bate na mesa). É preciso um confronto com aquela pessoa (bate na mesa) por MAIS que DOA (E3).

acho que há muitas crianças que são maltratadas e que... que, se calhar, não se sabe. E essas crianças sofrem muito. E os pais maltratam os filhos, os filhos, consequentemente vão maltratar, GERALMENTE, maltratam depois os seus, ou... são crianças, depois, mais ... PROBLEMÁTICAS, sem terem culpa nenhuma, se calhar, na escola, portam-se muito melhor que os outros alunos... depois os professores dizem mal deles sem saberem a vida deles, n'ê? Dizem... não é dizer mal, mas... se calhar, nem todos os professores têm consciência qu'eles, se calhar, são só assim, porque tiveram... porque tiveram ... vidas mais difíceis, anteriormente. E então... se forem ajudados desde mais pequenos, se calhar, vão ter uma vida diferente depois (E6).

H. Os relacionamentos e a intimidade

Da análise dos discursos dos entrevistados ressaltaram duas visões distintas quanto à concepção das relações amorosas: uma assente no amor romântico e outra no amor confluyente (Giddens, 1995).

▪ Os relacionamentos e a intimidade e os *sel/ves*

Nos discursos elaborados a partir do indicador *sel/ves*, os rapazes e as raparigas salientam as duas visões das relações amorosas referidas anteriormente.

Como nos diz Giddens (1995: 41), o amor romântico está dependente da “identificação projectiva do amor-paixão” que induz o sentimento de que é possível conhecer o outro através de uma “espécie de intuição”, estando o seguimento da relação sujeito à intimidade gerada. Nesta concepção de amor romântico, associado à ideia de heterossexualidade, prevalece a ideia de que ele durará toda a vida e será único.

A parte emocional ... tinha um namorado, tinha um namoro de quatro anos que é mesmo assim, adorava e queria aquilo para o resto da vida e não é por ter dezoito anos que é menos sério. Encarava de forma mais séria possível. Era para o resto da vida e a casinha tudo a que temos direito, que é mesmo assim. Essa parte já estava. Ele ia vender a moto. Ia estar uns meses para juntar dinheiro, ia viver sozinho e eu tinha mesmo a vontade de ... yá...também quero ir viver contigo. Só aquela coisa de ficarmos mais... juntos. Ai, professora! O homem da minha vida! (tristeza) (E1).

Mas a outra visão defende que “os contos de fadas já são um bocadinho velhinhos” (E10) e que o amor “tem que ser trabalho d’equipa” (E10) o que implica uma abertura mútua para que a relação surja, na convicção de que “[p]aixão e amor são coisas completamente diferentes” (E10).

Se o amor confluyente é activo,

É andar ali a batalhar, às vezes... É como o tempo. É como o mar. O mar, às vezes, tá revoltado, outras vezes tá pacífico (E10).

e colide com as ideias de “para sempre” e “único e exclusivo” contendo o acaso e o risco (Giddens, 1995),

Há n de coisas que ninguém controla. Ninguém controla tudo, portanto... pode tudo ir pás couves, pode tudo dar mal, mas as probabilidades são muito menores do que se já se começa mal (E10).

ele também se estende ao amor homossexual, parecendo libertar o indivíduo,

Sei que podia ter tido a oportunidade de explorá-los anteriormente, mas... fui negando-os e agora... conheci o Fábio eeeee, eeeee, eeeee, portanto, a minha identidade está a ser mais tratada. Está a ser bem tratada agora (E5).

▪ Os relacionamentos e a intimidade e as comunidades imaginadas

O posicionamento assumido revela que se valoriza a relação que se constrói,

Temos de desejar o melhor pá outra pessoa, de desejar o melhor o melhor pa nós e desejar o melhor pós nossos filhos (E10).

na convicção de que o equilíbrio que funda o “nós” é uma condição para a relação:

Gostamo-nos da mesma maneira. Somos compatíveis (E10).

Mas sobre as relações amorosas recaem ansiedades geradas pelas expectativas sociais que são criadas para com os jovens. Constrói-se o argumento de que durante uma parte significativa da vida eles vivem sem assumir um conjunto de responsabilidades, habituados a pensar só em si, num limbo de protecção e desresponsabilização. Impedidos, desta forma, de adquirir competências para enfrentar as exigências da existência humana, e isto porque as instituições também contribuem para dificultar a conquista da autonomia e independência vêem-se, repentinamente, confrontados com a exigência social de assumir compromissos e constituir prole para os quais não se sentem preparados.

Porque nós somos putos e depois nós casamos com trinta e três e toda a gente diz: "Ah! Já tas tão velho pa casar! tens memo que casar!" então vamos casar. Agora tá na altura de nos casar portanto vamos casar. Depois, já tamos com trinta e três, somos putos, não sabemos nada ainda da vida, porquê que é, somos putos, somos miúdos mimados, meninos da mamã até sei lá quando. "A minha mamãzinha é que me faz o comer, a minha mamãzinha... a minhaaa!" andamos p'ái habituados a uma certa promiscuidade e depois, de repente, já tamos velhos demais p'aquilo, já tamos habituados, já é esperado de nós "casa-te e arranja uns filhos" e depois pronto tem de ser. Agora aguenta-te. E eu vejo isto a acontecer com muita gente. E assusta-me muito. Não quero. Olha! Antes quero falhar a vida, não ter família do que, do que casar assim (E10).

▪ Os relacionamentos e a intimidade e as mudanças de pronomes

O cruzamento deste tema com este indicador revelou a construção da alteridade expressa na linguagem através dos pronomes "eu", "nós", "ela". A construção de um colectivo "é escolhido livremente e regulado voluntariamente" (Dubar, 2006: 184). O indivíduo procura através da narrativa de si ter uma noção de como se tornou no que é e qual o desenvolvimento a empreender:

no décimo segundo (...) foi a primeira vez que eu pus na cabeça uma rapariga que eu sabia, eu, se calhar, até sabia que não ia gostar dela, mas pus na cabeça, porque ela era espectacular. Ela era tudo aquilo que eu queria, portanto só podia ser ela. E ela tava numa relação, uma relação sólida de anos... muitos anos! Ela já tinha aquela relação há três anos! Mas... eh, pá! Uma miúda inteligente! Pronto. Ela deixou, deixou o rapaz e nós começámos a andar e passados uns dias eu disse: "Eh pá! Afinal isto foi um erro! Porque eu acho que foi a partir dali que eu comecei a ser assim. Foi do género: "Eu tenho a certeza que isto vai acabar mais cedo ou mais tarde. Vamos acabar já!", mas de longe a pessoa que mais influenciou a maneira como eu vejo as relações a dois, foi a pessoa que eu conheci depois disso. Não! Ainda teve outra pelo meio mas ... foi a S. A S. foi o meu primeiro amor. Sem pestanejar digo isto e por mais que saiba que na altura, que na altura ela era... se eu... lá atrás, não a tivesse amado, eu sei que eu nunca podia ter tido uma relação de amizade com ela, porque ela era tudo aquilo que eu não gostava numa rapariga. Ela agora tá completamente diferente. Ela agora é, se calhar, muito mais próxima do que eu queria do que é agora, do que era lá atrás, mas... mas pronto. Eu apaixonei-me por ela e foi... (E10)

A construção de uma relação amorosa fundada num amor confluyente, a "relação pura" (Giddens, 1994, 1995), deve ter presente premissas básicas: a confiança que gera intimidade, a autenticidade dos sentimentos, reciprocidade e equilíbrio.

(...) Confiança. Confiança é, é um fungo a crescer (...) a relação nunca pode ser baseada numa mentira tem que ser sempre baseada numa verdade (...) essa verdade tem de ser o amor (...) o perder uma parte de nós, o pôr a outra pessoa em primeiro lugar. (...) E a outra pessoa tem que nos pôr a nós antes dela. Depois tem que ser uma coisa muito equilibrada (E10).

I. Lugar de pertença

Os discursos sobre o lugar de pertença resultaram da pergunta “tu sentes que pertences a algum lugar?” a partir da qual se originaram três posicionamentos distintos onde o indicador *se/ves* assumiu a predominância, seguido das comunidades imaginadas e mudanças de pronomes.

▪ Lugar de pertença e os *se/ves*

O cruzamento destes dois aspectos revelou que se há algum lugar em comum com o qual os jovens se identifiquem ele é o lugar dos afectos. A identidade como resultado da relação entre as autonarrativas e a narrativa do Estado-nação não surge nos discursos destes jovens. É o hibridismo dos *se/ves*.

Não sou muito patriota. Agora falando em termos concretos de território... pra mim... consigo imaginar a viver em Portugal... em Espanha... em qualquer outro país, por isso... não, não tenho... vejo-me... eu acho que seria eu em qualquer lugar que fosse (E5).

Eu sei, eu gosto muito daqui e não vou esquecer nada do que aconteceu aqui, mas sei que... que vou sair muitas vezes daqui, pra fazer muitas coisas fora, mas nunca vou deixar as Caldas (E6).

Tenho vários lugares que me dão referências. É obvio que me sinto melhor nuns que noutros, mas não anseio apenas por este ou aquele lugar, gosto de descobrir os sítios, quero angariar experiências e sentimentos. Um único lugar, por melhor que fosse, condicionava isso, contudo tenho a minha casa como um lugar, mas é diferente (E8).

Gosto muito das Caldas (...) Uma cidade que eu amo e uma cidade em que eu quero ficar (acompanhou a frase com o bater da mão na mesa a acompanhar o ritmo das palavras) (E9)

Já tenho... a minha personalidade foi feita no meio de portugueses. Eu tenho, acho que mais características portuguesas do que brasileiras. Tenho...acho que sim, acho que me sinto mais portuguesa. Cresci aqui, eu me desenvolvi aqui, que me lembre, quase aprendi aqui (risos). Por isso é que não quero ir embora, tão cedo, daqui (E4).

▪ Lugar de pertença e as comunidades imaginadas

Neste cruzamento o discurso elaborado parte de um posicionamento colectivo, a identificação com uma comunidade nacional:

se calhar, ainda vamos conseguir fazer deste sitiozinho, deste paraísozinho, qu'a gente aqui tem, um sítio em condições nos próximos vinte anos (E10).

▪ Lugar de pertença e as mudanças de pronomes

O cruzamento do tema com o indicador mostra que o “eu” próprio, distinto do “eles”, reconhece que o seu lugar de pertença é o lugar ligado aos sentimentos mais profundos, a família e os amigos.

Agora, o meu lugar, e eu sinto que é, é onde estiver as pessoas que eu mais amo neste mundo que é o meu pai, a minha mãe e o meu irmão, por isso, onde eles estiverem eu pertença (E5).

3. O lugar da escola na construção das identidades pessoais dos jovens do NFPC

3.1. Questões de subjectividade

Como refiro, a dada altura deste trabalho, entender o *self* como discurso acentua a importância do relacionamento eu-outro deslocando o foco da pesquisa do indivíduo para a relação construída. Portanto, entender o *self* como um discurso associa, intimamente, o carácter relacional e discursivo do *self* ou da identidade. Ora, de acordo com o objectivo desta investigação, cuja preocupação foi tentar compreender se a “escola atribuída” se transformou num elemento decisivo na formação das identidades daqueles jovens, ou/e se foram eles, com os seus guiões, a procurar na escola, e em interacção com ela, o cumprimento dos seus próprios projectos pessoais e, assim, potenciarem a emergência de uma “escola reclamada”, torna-se claro que a dimensão relacional se sobrepõe à dimensão cognitiva, o que concede à socialização uma importância muito relevante na construção da identidade (Mead, 1974).

Talvez convenha lembrar que este estudo se efectuou com dez rapazes e raparigas que já não estavam a frequentar a Escola Secundária de Raul Proença nem o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania há, pelo menos, um ano, assumindo a memória um papel fulcral para a construção dos seus discursos. Como o presente é bricolado pelo passado importou perceber qual o sentido atribuído, hoje, às vivências passadas. Fez-se, assim, uma análise semântica que cruzou formas de reflexividade com formas de narração.

Ao longo dos diferentes temas abordados pelos entrevistados, o indicador *sel/ves* remeteu para as questões da subjectividade, uma vez que esta, como consciência de si, é uma construção (Magalhães, 2001: 308) que se desenvolve nas relações e através delas com o Outro.

Em todas as entrevistas a ideia de construção pessoal foi recorrente. Mesmo quando se tendeu para a defesa de algum essencialismo a contradição discursiva esteve presente, acentuando-se ao longo do discurso a importância do processo de construção relacional para que se edifique o projecto reflexivo do *self*. Os discursos construídos pelos entrevistados pretenderam valorizar a família, a escola e o núcleo como lugares centrais da construção do projecto do *self*. Neles, não se evidenciaram conflitos intergeracionais diluindo-se a intermitência de valores entre jovens e adultos, na linha dos estudos de Pais (1998), mas com distintos modos de vida. Ainda na linha

da Pais, o mundo dos adultos tem-se deixado seduzir pela influência dos valores juvenis, tornando-se permeável aos mesmos o que tem permitido que os processos de socialização se processem em ambos os sentidos: de pais para filhos e de filhos para pais, “possibilitando uma certa horizontalidade intergeracional de valores” (Pais, 1998: 40). No entanto, a dependência dos jovens à família (afectiva e económica) é clara. O modelo de relação dominante dentro das famílias destes jovens pareceu ser o democrático. É a nova “família relacional” (Singly, 1993) mais atenta à qualidade das relações que se estabelecem na sua intimidade. As estratégias de negociação surgiram como uma necessidade até pela complexificação dos modelos familiares. Assim, tal como Pais refere, “os jovens mostram-se em melhores condições do que os adultos para protagonizar novos valores, o que modifica, também as bases tradicionais da autoridade familiar” (1998: 41). A identificação com os grupos de pertença dá-lhes segurança, mas essa identificação está sempre aberta à possibilidade dum fim para que outras comecem (encerramento temporário).

A ideia de que a escola é um lugar bom para se estar é construída, particularmente, pelas vivências no “liceu” e surge nos discursos de várias formas: pelos amigos que lá se conseguem, pelos professores que se têm, pela relação que se estabelece entre colegas, professores e funcionários, pelas actividades desenvolvidas no âmbito da educação não formal, sobretudo as do Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania, as do Núcleo de Teatro e as desportivas. Na defesa de que a escola é esse tal lugar bom para se estar evidenciam o papel das escolhas pessoais atendendo ao projecto de cada um, quando se concilia a sua formalidade com a educação não formal, pois a partir desta, o formal também pode ganhar novos sentidos. O não formal parece surgir como um elo de ligação que se constrói entre a educação formal, a escola, e o “mundo lá fora” (E7), complementando-a. Amplia a rede de sociabilidades dos jovens, valoriza-os individual e colectivamente ao permitir que se conheçam melhor, a si próprios, e leva-os a descobrir a existência dos outros e de outras realidades que não as suas, embora reconheçam a presença do preconceito, que consideram praticamente impossível de eliminar. Sentindo-se mais activos e intervenientes socialmente valorizam a conversa e a discussão que lhes permite pensar construindo, desconstruindo e reconstruindo as suas visões do mundo. Aqui, o NFPC surge com as características de “um dispositivo de mediação”, como um “aparelho de conversa” (Dubar, 2006: 148), apresentando características semelhantes às de um grupo terapêutico.

Estes rapazes e raparigas salientam que se sentem mais crescidos e que isso não tem a ver com a idade, mas com o facto de terem um espaço onde podem discutir temas que tradicionalmente a sociedade e a própria escola consagra aos adultos.

Formando “mais cedo” (E5, E6) as suas opiniões, fruto de uma reflexão conjunta e individual, perdem o medo de se dar a conhecer, de revelar o que pensam e sentem que a família e a comunidade também os valorizam por isso. Os seus discursos apadrinham a aprendizagem, o conhecimento, quer intelectual quer experiencial.

Estes jovens revelam que aprenderam a jogar o jogo escolar de acordo com as regras, mas que também foram, progressivamente, descobrindo como “reclamar” o que acharam desejável, mas com uma motivação individual que depois se reflecte num grupo, não aceitando passivamente a escola que lhes foi atribuída. Desta forma, optimizaram-na na medida em que, globalmente, fizeram dela um instrumento, e não um fim em si mesma, para irem concretizando os seus projectos pessoais. Aproveitaram dela o que ela ofereceu e esforçaram-se por ser bons alunos, pois demonstram a consciência de que no modelo vigente as notas e o esforço são fundamentais para concretizarem os seus projectos pessoais. São, portanto, alunos bem sucedidos que não se imaginam a deixar de estudar e que se têm servido da escola e como um instrumento preponderante na construção das suas identidades.

A escola é a obrigação, mas aceite sem sofrimento e usada como instrumento para a construção do projecto reflexivo do *self*. Em função do grau de integração na teia de relações que se estabelece na escola, assim a visão que se tem deste espaço e o grau de bem-estar associado aos momentos ali vividos.

O NFPC, como mediador entre a escola e o que lhe é exterior, contribuiu para aumentar o número e a qualidade das interacções estabelecidas dentro da família, da escola e com a comunidade local, incitando à participação e a uma maior vivência e consciência democráticas. Ele é tido como um casulo protector e um instrumento de construção do projecto reflexivo do *self* que cooperou para que a identidade de cada um se fosse construindo como um projecto coerente, afirmando-se como um espaço onde vai acontecendo a apropriação reflexiva do conhecimento. “A aprendizagem experiencial permite por ela própria a implementação da reflexividade, isto é, a construção duma identidade reflexiva que devolve sentido a uma prática onde se tem sucesso” (Dubar, 2006: 158). Parece, então, que através do NFPC cada um se constrói e treina o falar de si apropriando-se da sua própria linguagem, pois tal como Dubar também diz, “a identidade pessoal não se pode reduzir à reflexividade, porque o sujeito que aprende toda a vida tornou-se uma história” (*ibidem*: 192), o que acentua para além da dimensão reflexiva, a importância da dimensão narrativa da identidade. Mas a estas dimensões os jovens do NFPC também lhe associaram uma dimensão ética traduzida na solidariedade revelada para com o sofrimento dos outros, quer dentro do próprio grupo, quer fora e que, neste caso, se tornou mais evidente através

da prática do voluntariado. Este parece traduzir o desejo de se aventurarem na comunidade, conhecendo-a e participando mais activamente nela.

3.2. Quanto “pesa” o NFPC?

A importância do peso “educacional” do NFPC advém, sobretudo, do facto de ser uma escolha que cada um realizou. A valorização da experiência de vida de que cada jovem era portador, acompanhada da reflexão sobre essa mesma experiência, num contexto relacional, foi indutora da tomada de consciência de conhecimentos que se possuíam. A segurança gerada pela confiança construída dentro do grupo permitiu transformar aquele espaço num “refúgio” que facilitava estar na escola de uma forma mais feliz e tranquila. Desta forma, as diferenças foram apreendidas, negociadas e valorizadas num plano de equidade, descobrindo-se que o Outro existe realmente e que cada um é, também, um Outro.

É um espaço dentro da escola que ao permitir reflectir, individualmente e em conjunto, sobre a escola facilita a descoberta de um sentido para ela e para o trabalho escolar. Aliando-se o formal ao não formal aproxima-se o aluno da pessoa e a escola é vista como emancipação. Estes jovens, através dos seus discursos, revelam que a escola foi vivida, no seu tempo, sem a angústia constante do futuro, embora seja assumida como um território de construção de um projecto a realizar.

Ao baterem-se por uma “causa”, o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania, transformaram-se em autores e actores de um projecto que consideram seu. Dessa forma destacaram-se na escola, quebrando a homogeneidade que, habitualmente, é criada, para assumir uma forma própria de estar, que se revelou mais participativa, onde procuraram construir as condições e os momentos que acharam que se ajustavam ao seu projecto reflexivo de *self*. Compreendendo os moldes de funcionamento da escola “atribuída” (Magalhães, 2007: 31), foram introduzindo comportamentos subtis cuja intenção era a de actualização gradual da escola aos seus desejos.

O NFPC, nos discursos dos entrevistados, parece assumir-se como um lugar transversal privilegiado onde os rapazes e raparigas se vão construindo e as tensões se atenuam, gerador de novos entendimentos sobre si próprios, os outros, o trabalho escolar, o conhecimento, ou seja, como um espaço onde se entrelaçam mundos diversos.

Tal como referi na primeira parte desta dissertação, o sentimento de segurança ontológica que, de acordo com Giddens, exige encontrar “respostas” ao nível do inconsciente e da consciência prática, para quatro questões existenciais fundamentais do ser Humano relacionadas com: a) Existência e ser; b) Finitude e vida humana; c) A

experiência dos outros e d) A continuidade da auto-identidade (1997: 44-52) parece ser uma das áreas onde este Núcleo tem intervenção e que tem consequências, igualmente, nas relações amorosas destes jovens, como ficou presente na estruturação dos discursos onde o amor confluyente já é evidenciado através dos argumentos construídos.

Se a escola, como lugar estrutural onde a identidade pessoal se constrói, é responsável por um modo de socialização que rompe com a aprendizagem fundada no património da experiência, então, “[a]prender com a experiência pode ser definido provisoriamente como uma contra-escola: primeiro, as experiências, depois, as aulas” (Dubar, 2006: 154). A lógica do NFPC parece assentar nesta visão facilitadora da construção de novas identidades. Ainda de acordo com Dubar, aprender com a experiência pode levar a uma política escolar em que se valorizem outros ramos de ensino que não apenas os gerais e que permitam conciliar modos de aprendizagem baseados nas experiências sociais dos alunos e nas exigências do mercado de trabalho, prever formas de aceder à aprendizagem de tipo tradicional e ajudar a que os professores adoptem a mudança do modelo escolar contribuindo para que os jovens se transformem em sujeitos em aprendizagem diminuindo, assim, o choque com o mercado de trabalho (2006: 157).

O NFPC, desde que se constituiu, emerge nas narrativas dos jovens e das jovens como um território de formação para a autonomia e para a cidadania, uma vez que no exercício da reflexividade eles vão construindo as suas subjectividades e se implicam, pessoalmente, nos processos relacionais.

Reconhecer que este núcleo se funda a partir de uma base curricular, a disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social, permite reforçar o papel transformador que os sujeitos detêm para assumir as suas possibilidades de autores e actores dos seus próprios projectos reclamando as suas diferenças. Neste caso, a escola “reclamada” (Magalhães, 2007: 31) parece assumir-se como um conjunto de oportunidades, pois a educação escolar passou a fazer parte dos projectos dos próprios sujeitos. Sente-se o apelo a uma maior necessidade de desescolarizar a escola, diminuindo a sua compartimentação, as suas regras constrangedoras, de forma a estimular a vivência da democracia. Incentivar a participação, estar atento, estimular e patrocinar as iniciativas dos jovens, não se parece confinar ao limite do que parece possível. Parece, então, que vai assomando a necessidade de se proceder à valorização das suas experiências, dando-lhes possibilidade de implementar os seus próprios projectos baseados nos seus saberes e numa colaboração interdisciplinar que valorize o não formal e o informal, que incentive a criação de espaços de discussão, que promova actividades de voluntariado, que enobreça os afectos, as emoções. De

acordo com as construções discursivas dos jovens, espaços como o NFPC amplificam a escola, diversificam-na e enriquecem-na, porque permitem uma tomada de consciência de que o Outro existe, está ali ao lado e tem necessidades como Eu, como Nós.

Os seus discursos sobre o modo como se posicionam na relação com a diferença oscilam entre três dos modelos já caracterizados no capítulo sobre a Escola: o modelo da tolerância, da generosidade e o relacional, embora com predomínio deste último.

Da investigação emerge, então, o papel que este núcleo parece desempenhar ao contribuir que cada indivíduo faça o seu percurso da individualização para a individuação, ou seja, entre “a individualidade como destino” e a “individualidade como auto-asserção” (Beck, 1992: 128), na medida em que cada um, mesmo não tendo controle sobre todo o processo, vai erigindo a sua unicidade/singularidade, emancipando-se, na medida em que realiza as suas próprias escolhas.

Esta pesquisa robustece a ideia de que cada jovem é um actor social, sendo a socialização um processo interactivo permanente. Nesta fase, constroem-se quase definitivamente as coordenadas do indivíduo (Galland, 2004: 61) e tal ressalta dos discursos dos próprios entrevistados. Por conseguinte, tal como defendi anteriormente, estes rapazes e raparigas assumem o seu papel de agentes sociais de uma época, de uma sociedade e de um meio social particular, detentores de atributos específicos que não se podem generalizar no contexto de uma metateoria. Estão preocupados com a conquista da autonomia e não revelam conflitos intergeracionais, reconhecendo que a aprendizagem resulta desse conhecimento que se produz a partir do escutar cada um tentando perceber o seu posicionamento face à vida. Manifestam um olhar crítico para com os mais jovens do que eles por assumirem comportamentos que consideram de risco e nos quais não se revêem e demonstram preocupação pela falta de tempo existente para dedicar a estes jovens quer na família, quer na escola. A análise dos discursos permitiu conhecer o quanto se diferencia a condição juvenil, de acordo com o que tenho defendido no decurso deste trabalho. Mesmo no interior do Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania se há uma identificação com o grupo fica expresso, através dos posicionamentos assumidos, o quanto é temporário esse encerramento colectivo.

A conquista da independência, através de um trabalho que os realize, de acordo com os seus projectos pessoais, parece ser o que mais os faz defender a passagem à adultez. Acreditam que os estudos, principalmente os universitários, lhes permitirão aceder a um trabalho. A reflexividade social e individual coloca a escola nos guiões que estes rapazes e raparigas vieram a construir. Stoer e Magalhães referem

que “[t]odavia, isto não nos pode fazer esquecer, na esteira de Beck (1992), que a capacidade para cada um escolher, manter e justificar as suas próprias relações sociais e opções de vida, não é a mesma em e para todos, ela é”, e acrescentam, citando Beck (1992: 98),

(...) como qualquer sociólogo das classes sabe, uma capacidade *aprendida* que *depende das origens sociais e familiares especiais*. A conduta reflexiva da vida, o planeamento que cada um faz da sua biografia e das relações sociais, dá origem a uma nova desigualdade, a *desigualdade no lidar com a insegurança e a reflexividade* (Stoer e Magalhães, 2005: 40-41).

Os diferentes posicionamentos assumidos para a construção dos discursos fizeram emergir o carácter relacional da construção da identidade denunciando a natureza não essencialista dos *selves*.

Em termos de modernidade tardia os lugares estruturais onde se constroem as identidades pessoais são plurais e, tal como diz Magalhães, “nenhum dos lugares estruturais anteriores desaparece, antes permanecem todos imbricando-se e redimensionando-se entre si”, o que dificulta a construção do projecto reflexivo do self como uma identidade coerente.

Utilizando a categorização de Magalhães (2001: 313) os *selves* destes rapazes e raparigas contêm características dos limites Troianos e Cassandra (oscilam do limite narcisista ao esquizóide), mas com preponderância do primeiro, ou seja, “a demanda do *self* autêntico” (*ibidem*: 313).

Para estes dez entrevistados, o NFPC parece ter assumido uma posição importante no crescimento e formação de identidades de cada um.

O grupo de pares ou o grupo de referência permitiu que construíssem novas identificações e novos vínculos e contivessem as suas angústias e ansiedades.

3.3. Ser jovem: essências ou processos?

Ser jovem emerge como um processo de construção, contrariando o estereótipo de que aquele possui uma essência inalterável que se tem mantido até aos dias de hoje. A juventude surge, então, como um espaço de vida de construção muito dinâmica das coordenadas sociais do indivíduo, tal como refere Galland (2004: 61). Estes rapazes e raparigas identificam-se como jovens pela idade que têm, mas confirmam que, só por si, a idade diz pouco sobre quem são. Ou seja, entendem que há diferentes juventudes e variadas formas de se ser jovem.

Na linha de Singly (2000), a construção da autonomia destes jovens vai acontecendo mesmo na dependência aos seus familiares (afectiva, financeira, residencial) e valorizando a novidade do que lhes vai sucedendo como forma de aprendizagem sobre a vida. Ou seja, estes jovens têm vindo a edificar a sua

autonomia, mais do que a sua independência, na prática de uma reflexividade crítica, num processo íntimo de auto-crítica e de reajustamento dos meios ao seu dispor, de acordo com os objectivos que pretendem atingir, no exercício de uma vida intelectual activa que lhes tem permitido dilatar a noção de si e autotranscender-se, desenvolvendo a capacidade de converter representações e normas produzidas pela reflexividade crítica em estratégias e actos. Ainda de acordo com o autor antes referido, é na contradição e dissociação entre independência e autonomia que se define, presentemente, a juventude. A passagem da juventude para a vida adulta deixou de estar associada a um modelo simples e linear que correspondia ao finalizar da escolaridade obrigatória, início da vida profissional e a constituição da própria família, muitas vezes através de um casamento religioso. O esbatimento da noção dos limites desta transição complexificou-se e a vida adulta passou a ser entendida como um percurso em espiral onde o indivíduo já não pode ocupar um lugar definitivo, mas onde ele vive sucessivos momentos, mais ou menos fortuitos, que o desafiam e que o levam a experimentar novas situações.

De acordo com o estudo efectuado, as pequenas narrativas desenvolvidas traduzem a preocupação da construção pessoal e não tanto a de atingir um estágio definitivo. É o assumir-se como autor e actor da sua própria vida que parece preocupar estes rapazes e raparigas numa formulação e reformulação permanente das suas trajectórias biográficas.

Considerações finais

As escolhas são efectivamente escolhas, o que significa que cada uma delas é em certa medida arbitrária e que é provável que a incerteza relativa ao seu acerto perdure muito para além do momento em que a escolha é feita. Compreendemos hoje que esta incerteza não é um mal passageiro, do qual possamos desembaraçar-nos aprendendo bem as regras, ou confiando na opinião dos especialistas, ou simplesmente fazendo o que os outros fazem, mas uma condição permanente da existência: mais ainda, podemos dizer que tal é o próprio solo em que o si-próprio moral de cada um de nós pode deitar raízes e crescer (Bauman, 2007: 291).

São as nossas escolhas que nos fazem correr o risco e enfrentar as dificuldades. “A política da vida não diz respeito primariamente às condições que nos libertam de modo a fazermos opções: ela é uma política *da* opção, da escolha (Giddens, 1994: 197). Tanto Bauman como Giddens se situam na mesma linha ao colocarem a ênfase nas escolhas.

De acordo com Giddens, a política da vida “diz respeito a questões políticas que emanam de processos de auto-realização em contextos pós-tradicionais, onde as influências globalizadoras se intrometem profundamente no projecto reflexivo do *self* e, paralelamente, onde os processos de auto-realização influenciam as estratégias globais” (1994: 198). Ora, nesta linha, este trabalho teve como intenção procurar conhecer um pouco mais das implicações que o exercício partilhado da reflexividade tem trazido para as opções que cada jovem tem empreendido na construção reflexiva do seu projecto de *self*. É minha crença que “na luta com os problemas individuais, os indivíduos contribuem activamente para a reconstrução do universo de actividade social que os rodeia” (*ibidem*: 11) e se é evidente que o universo da modernidade tardia está pleno de riscos e perigos indo para além “dos meios das actividades individuais e dos compromissos pessoais” (*ibidem*) também se prolonga até ao íntimo do *self* transformando-o num *projecto reflexivo* (*ibidem*: 29).

A dissertação, que aqui apresento, concebo-a como uma reflexão sobre as escolhas e algumas das suas implicações pessoais e sociais realçando a importância dos relacionamentos e da linguagem na formação dos *selves*. Ou seja, com ela pretendi reflectir sobre o processo social de produção de sentidos e sobre a função dos mesmos na construção de práticas sociais.

Nesta perspectiva, a relação é a unidade de descrição, pois é na relação que as pessoas se estruturam, ou seja, o *self* é concebido como uma “realização retórica”, um produto da “acção conjunta” (Shotter, 2000) entre as pessoas. Assim, na senda de

Dubar, ao entender que “[as] questões de identidade são fundamentalmente questões de linguagem” e que esta “é uma componente maior da subjectividade” sobressai que identificar-se ou ser identificado “é antes de mais dizer-se através de palavras” (2007: 172). Assim, depois de investigar o modo como as diferentes explicações e descrições sobre o *self* se expressou nos discursos dos rapazes e raparigas que frequentaram o NFPC, foi possível continuar a seguir Dubar (2007) e defender que o “eu”, pessoal, se sobrepõe ao “nós”, cada vez mais societário, e que, através de uma aprendizagem experiencial onde foram vividas relações significantes, estes jovens foram construindo uma identidade reflexiva (Si próprio) que lhes devolveu sentido a uma prática, em vários domínios, onde têm sucesso.

Estes rapazes e raparigas, ao optarem pela construção e frequência de um grupo que correspondesse aos seus anseios individuais, alteraram-se e alteraram, conseqüentemente, o meio social à sua volta. Desta forma, o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania, concebido como um projecto de autonomia, procurou “acomodar os projectos incomensuravelmente diferentes dos actores múltiplos em presença” (Stoer, 2002: 46). Dito de outro modo, este Núcleo parece emergir como um dispositivo de diferenciação pedagógica preocupado com a Educação e Diversidade Cultural, onde se lida com a diferença através de um processo de negociação sem fim emergindo o conflito como o terreno que serve de base à renegociação do próprio contrato social (Magalhães, 2006: 171).

Num contexto de modernidade tardia, onde as identidades se apresentam cada vez mais fragmentadas e instáveis e construídas através de discursos contraditórios e antagónicos, esta investigação parece ter contribuído para defender a ideia de que o sofrimento pode ser atenuado nas escolas fomentando-se espaços de encontro e de reflexão, onde se partilhem experiências e se faça o reconhecimento do “eu” e do “outro”, facilitando a reconfiguração identitária.

Se através da análise dos discursos dos jovens se percebe, por exemplo, que o exercício da reflexividade empreendido no Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania foi uma aprendizagem que fez mais por eles na percepção de si próprios e dos outros, no lidar com “a diferença”, do que a família ou a escola; que sentem que houve uma aprendizagem mais precoce de competências para a vida, através da construção do conhecimento gerado pela partilha e reflexão de experiências de vida diferenciadas que, geralmente, só se aprendem mais tarde nos contextos reais de vida; que a Importância das temáticas induziu uma reflexão continuada no tempo que perdura; que permitiu a interiorização do outro em si, abrindo-se ao outro, na construção da sua subjectividade; que se reconhecem no seu papel de autores e actores sociais, não sendo relegados para um plano secundário de acção; que se

foram construindo mais confiantes, mais seguros na procura de itinerários para a construção dos seus projectos reflexivos; que se indignam e exigem que os adultos, nomeadamente os professores, dediquem tempo aos jovens, procurando ouvi-los e entendê-los, parece-me que a escola pode constituir-se como um território de educação para a cidadania e mesmo não sendo a única forma legítima de se pensar a educação continua a ser uma instituição significativa e uma referência, sobretudo para os jovens que alicerçaram este estudo.

A escola é reconhecida como vector de uma cultura de submissão o que enfraquece a sua vertente socializadora, uma vez que tem excluído os jovens da possibilidade de participar na tomada de decisões que lhes dizem respeito. Nesta linha, Magalhães afirma que a escola “ao mesmo tempo que perdeu efectividade institucional no processo de socialização, recupera alguma centralidade como espaço e tempo de vivências e de expressões de si que, irónica e paradoxalmente a própria escola descuida” (Magalhães, 2001: 327).

Na linha de Dubet (1991), creio que a sociabilidade dos jovens também pode ser associada ao projecto educativo pois, mesmo relegada para as margens da Escola, ela está sempre presente.

Esta investigação, ao desvendar que nem todos os jovens fogem da escola e que ela pode mesmo dar origem a novas formas de a observar e de a abordar, mais reflexivas, mais esperançosas, pretende contribuir para que se repense a escola como um lugar de possibilidades, onde a par de um conhecimento “organizado em termos de competências flexíveis e/ou transferíveis” (Stoer e Magalhães, 2005: 167) os actores vão reclamando o seu protagonismo, porque a têm com um instrumento da construção do projecto reflexivo do *self*.

Eu existo porque os outros existem. Eu vivi, houve momentos na minha vida em que eu duvidei da existência dos outros. Eu duvidei, pá! Porque acho que ninguém, ninguém, toda a gente põe isso em causa, mais cedo ou mais tarde e ali não! Aquilo... não! Em termos intelectuais, é muito giro pôr em causa a existência do, do universo, mas estas pessoas choram à minha frente a contar, a contar as coisas delas! Eu experienciei muito mais só por estar sentado naquela sala, porque eu vivi a minha vida, e as pessoas, essas pessoas, viveram aquilo que eu lhes dei, lhes quis dar a partilhar. E VIVERAM! Porque puseram-se no meu lugar e eu pus-me no lugar delas (E10).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências bibliográficas³²

- AFONSO, A. J. (2005) “A Sociologia da Educação em Portugal: elementos para a configuração do ‘estado da arte’ ”, in TEODORO, António e TORRES, Carlos Alberto (orgs.) (2005) *Educação Crítica e Utopia. Perspectivas para o Século XXI*. Porto: Afrontamento. [On-line], <http://pwp.netcabo.pt/0252614701/afonso.pdf>, 07-08-07, 11:22.
- ANDERSON, B. (2005) *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70.
- ARIÈS, P.(1988) *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Lisboa: Relógio D'Água
- ARONOWITZ, S., e GIROUX H. (1985) *Education under Siege*. South Hadley: Bergin & Garvey.
- AUGÉ, M. (1994) *Não-lugares – Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Bertrand Editora: Lisboa.
- AUSTIN, J. L. (1962) *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press.
- BAKHTIN, Mikhail (1981) *The Dialogical Imagination*. Texas: Texas University Press.
- BARRÈRE, A. et SEMBEL, N. (1998) *Sociologie de l'éducation*. Paris: Nathan.
- BAUMAN, Z. (1992) *Intimations of Posmodernity*. London: Routledge.
- BAUMAN, Z. (2005) *Identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor.
- BAUMAN, Z. (2006) *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BAUMAN, Z. (2007) *A Vida Fragmentada – Ensaios sobre a Moral Pós-Moderna*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BECK, U. (1992) *Risk Society. Towards a New Modernity*. Londres: Sage Publications.
- BECK, U. (1997) “The reinvention of politics, towards a theory of reflexive modernization”, in BECK, U., GIDDENS, A. and LASH, S. *Reflexive Modernization. Politics, tradition and aesthetics in the modern social order*. Cambridge: Polity Press.
- BECK, U., GIDDENS, A. LASH, S.(2000) *Modernização reflexiva: política, tradição e estética no mundo moderno*. Oeiras: Celta editora.

³² As traduções dos excertos das obras referidas nestas Referências Bibliográficas, em outra língua que não a portuguesa, são da minha responsabilidade.

- BERNSTEIN, B. (1989) "La Teoría de los códigos: Una Entrevista a Basil Bernstein". Entrevista dada a José Luís Rodríguez Illera, *Temps d' Educació*, 2, 388-398.
- BOURDIEU P. et PASSERON J.C. (1964) *Les héritiers : les étudiants et la culture*. Paris : Editions de Minuit.
- BOURDIEU. P. e CHAMPAGNE, P. (1998) "Os excluídos do interior", in NOGUEIRA, M. e CATANI, A. (orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes.
- BOURDIEU, P. (1998) *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel.
- BRUNER, J. (1997) *Actos de significado*. Lisboa: Edições 70.
- BURGESS, R. B. (1997). *A Pesquisa no Terreno*. Oeiras: Celta.
- CANÁRIO, R. (1996) "Os estudos sobre a escola: problemas e perspectivas", in BARROSO, I. (Org.) *O estudo da escola*. Porto: Porto Editora, 121-149.
- CANÁRIO, R. (2005) *O que é a escola? Um "olhar" sociológico*. Porto: Porto Editora.
- CANÁRIO, R. (2006) "Aprender sem ser ensinado: A importância estratégica da educação não formal" in LIMA, Licínio; PACHECO, José Augusto; ESTEVES, Manuela (2006) *A Educação em Portugal (1986-2006): Alguns contributos de investigação*, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 159-206.
- CARNOY, M. (2001) "The role of the State in the new global economy", in MULLER, J.; CLOETE, N.; BADAT, S. (Org.). *Challenges of globalisation: South African debates with Manuel Castells*. Cidade do Cabo: Maskew Miller Longman, 22-34.
- CARR, W. & KEMMIS, S. (1986) *Becoming critical: education knowledge and action research*. London: Falmer Press.
- CARVALHO, A. (2000) "Opções metodológicas em análise de discurso: instrumentos, pressupostos e implicações", *Comunicação e Sociedade* 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000, 143-156.
[Online]: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5520/1/CS_vol2_acarvalho_p143-156.pdf, 07-07-27.
- CASTELLS, M. (2005) *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Volume I, (A Sociedade em Rede). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CLAES, M. (1985) *Os problemas da Adolescência*. Lisboa: Editorial Verbo.

- COIMBRA, J. L. (1990) "Desenvolvimento interpessoal e moral", in CAMPOS, B. P. (Coord.). *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*, Vol. II. (9-49). Lisboa: Universidade Aberta.
- CORDEIRO, J. D. (1987) *A saúde mental e a Vida*. Lisboa. Ed. Salamandra.
- CORREIA, J.A. e MATOS, M. (2001) *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*. Porto: Edições ASA.
- CORREIA, J. (1998) *Para uma teoria crítica em educação*. Porto: Porto Editora.
- CORREIA, J. A. (1999) "As ideologias em Portugal nos últimos 25 Anos", *Revista Portuguesa de Educação* nº12.
- CORREIA, J. A. e MATOS, M. (2001) "Da Crise da Escola ao Escolocentrismo", in *Transnacionalização da educação. Da crise da educação à "educação" da crise*. Porto: Edições Afrontamento.
- CORREIA, J. A. (2006) Prefácio, in DUBAR, C., *A crise das identidades*. Porto: CIIIE/Edições Afrontamento.
- CORTESÃO, L.; MAGALHÃES, A. M.; STOER, S. R. (2000) "Mapeando decisões no campo de educação no âmbito da realização das políticas educativas", *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 14, 45-58.
- COSTA, A. S. (2002) "Políticas de Juventude – regulação e/ou emancipação". Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto: FPCEUP.
- DALE, R. (2000) "Globalization: a new world for comparative education?" in SCHRIEWER, J. (Ed.) *Discourse formation in comparative education*, 87-109. Berlin: Peter Lang.
- DENIGER, M. (1996) "Crise de la jeunesse et transformations des politiques sociales en contexte de mutation structurale", *Sociologie et sociétés*, XXVIII (1) : 73-88.
- DEROUET, Jean-Louis (1992). *École et justice. De l'égalité des chances aux compromis locaux?* Paris: Métailié.
- DERRIDA J. (1967) *De la Grammatologie*. Paris : Minuit.
- DUBAR, C. (1997) *A Socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora.
- DUBAR, C. (2000) *La Crise des Identités – L'interprétation d'une Mutation*. Paris: Presse Universitaires de France.

- DUBAR, C. (2006) *A crise das identidades*. Porto: CIE/Edições Afrontamento.
- DUBET, F. (1991) *Les lycéens*. Paris: Seuil.
- DUBET, F. (1996) "L'Exclusion scolaire: quelles solutions? ", in PAUGAM, S. *L'Exclusion: l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 497-518.
- DUBET, F. MARTUCELLI, D. (1996) " Théories de la socialisation et définitions sociologiques de l'école ", *Revue Française de Sociologie*, XXXVII, 511- 535.
- DURKHEIM, É. (1987) *O suicídio*. Lisboa: Editorial Presença.
- EDWARDS, D., & POTTER, J. (1992) *Discursive psychology*. London: Sage.
- ERIKSON, E. N. (1976) *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- FAIRCLOUGHT, N. (1992) *Critical Language Awareness*. London: Longman.
- FAIRCLOUGH, N. (1995) *Critical Discourse Analysis*. London: Longman
- FOUCAULT, M. (1982) "The subject and power", in DREYFUS, H.L., RABINOW, P. (Eds), Michel Foucault, *Beyond Structuralism and Hermeneutics*, Chicago: University of Chicago Press, 208-226.
- FOUCAULT, M. (2005) *A arqueologia do saber*. Lisboa: Almedina.
- FREIRE, P. (1980) *Conscientização – teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes.
- GALLAND, O. (1987) "Un statut indéfini et indéfinissable", *Jeunes d'Aujourd'hui*. Paris : La Documentation Française, 34.
- GALLAND, O. (2002) *Les jeunes*. Paris : Éditions La Découverte.
- GALLAND, O. (2004) *Sociologie de la jeunesse*. Paris : Armand Colin.
- GEERTZ, C. (1985) "Anti Anti-Relativismo", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 8, 3, 5 -19.
- GERGEN, K. J. (1985) "The social constructionist movement in modern psychology", *American Psychologist*, 40, 266 -275.
- GERGEN K. J. (1989) "La psicología postmoderna y la retórica de la realidad", in IBÁÑEZ, T. (Ed.) *El conocimiento de la realidad social*. Barcelona: Sendai.
- GERGEN, K. J. (1991) *The saturated self*. New York: Basic Books.

- GERGEN, K. J. (1997) *Realities and relationships*. Cambridge: Harvard University Press.
- GERGEN, K. J. (1999) *An invitation to social construction*. London: Sage.
- GIDDENS, A. (1991) *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Cambridge: Polity Press.
- GIDDENS, A. (1994) *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora.
- GIDDENS, A. BECK, U. LASH, S. (1997) *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp.
- GIDDENS, A. (2001) *Transformações da Intimidade*. Oeiras: Celta.
- GIDDENS, A. (2002) *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- GIROUX (1983) *Theory and Resistance in Education South*. Hadley: Bergin and Garvey.
- GIROUX, H. (1992) *Border Crossings; cultural workers and the politics of education*. New York: Routledge.
- GIROUX, H. (1993) *Living dangerously: multiculturalism and the politics of difference*. New York: P. Lang Pub.
- GOHN, M. (1999) *Educação não-formal e cultura política*. São Paulo: Cortez.
- GOHN, M. (2006) “Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas”, in Ensaio: aval. pol. públ. Educ. Rio de Janeiro, v.14, n.50, 27-38, Jan. /Mar.
- GRÁCIO, S. (1990) “Crise Juvenil e Invenção da Juventude em Portugal. Notas para um Programa de Pesquisa”, in S. Stoer (org.), *Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa. Uma Abordagem Pluridisciplinar*. Porto: Afrontamento, 33-57.
- HOWARTH, D. (2001) *Discourse*. Buckinghamshire: Open University Press.
- LACLAU, E. (1990) *New Reflections on the Revolution of Our Time*. London: Verso.
- LADMIRAL, J-R, et LIPIANSKY, E. M. (1989) *La Communication Interculturelle*. Paris: Armind Colin.
- LOPES, J. T. (1997) *Tristes Escolas – práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano*. Porto: Afrontamento.
- LYOTARD, J.F. (1989) *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva.

- LYOTARD, J-F (1987) *O pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- MAGALHÃES, A. (1998) *A Escola na Transição Pós-Moderna*. Lisboa: IIE.
- MAGALHÃES, A. M. (2001) "O Síndrome de Cassandra: Reflexividade, a Construção de Identidades Pessoais e a Escola", in STOER, S. e CORTESÃO L. e CORREIA, J. A. (orgs.), *Transnacionalização da Educação: da Crise da Educação à Educação da Crise: Educação*. Porto: Edições Afrontamento.
- MAGALHÃES, A. M. (2002) "Dialogando com 'Alcançando o Sucesso? Reflexões Críticas sobre a Educação da 'Terceira Via' do New Labour' de Sharon Gewirtz", in *Actas do Encontro Internacional Políticas Educativas e Curriculares*. Porto: Didáctica Editora.
- MAGALHÃES, A. M. (2003) "As transformações do mercado de trabalho e as novas identidades individuais e colectivas: a reconfiguração do papel da escola e da cidadania", in *Violência e Violências da e na Escola*. Porto. Edições Afrontamento, 39-47.
- MAGALHÃES, A. M. (2007), "Entre a Individualização e a Individuação: a Reconfiguração da Educação na Sociedade e Economia do Conhecimento", in Maria de Fátima Chorão Sanches, Feliciano Veiga, Florbela de Sousa e Joaquim Pintassilgo (orgs.), *Cidadania e Liderança Escolar*. Porto: Porto Editora.
- MAGALHÃES, A. e STOER S. (2002) *Escola para Todos e Excelência Académica*. Porto: Profedições.
- MAGALHÃES, A. e STOER, S. (Orgs) (2006a) *Reconfigurações. Educação, Estado e Cultura numa Época de Globalização*. Porto: Profedições.
- MAGALHÃES, A. e STOER, S. (2006b) "Inclusão social e a 'escola reclamada' ", in Rodrigues, D. (Orgs) (2006) *Inclusão e educação. Doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus.
- MAGALHÃES, A. e STOER, S. R. (Orgs) (2006) *Reconfigurações. Educação, Estado e Cultura numa Época de Globalização*. Porto: Profedições.
- MARTUCELLI, D. (2000) "Évolution des problématiques. Études sociologiques des fonctions de l'école", *L'année sociologique*, 50, 2, 297-318.

- McCARTHY C. (1994) "Multicultural discourses and curriculum reform: a critical perspective", *Educational Theory*, Urbana, v. 44, n. 1, 81 – 98.
- MEAD, G. H. (1974) *Mind, Self and Society*. Chicago: University of Chicago Press.
- NOGUEIRA, Conceição (2001) " Análise do discurso", in FERNANDES, Eugénia M. ; ALMEIDA, Leandro S., "Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas". Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos Educação e Psicologia, 15-47. [On-line], http://repositorium.sdum.uminho.pt/dspace/bitstream/1822/4355/1/Capitulo_analise%20do%20discurso_final1.pdf 07-05-02.
- NUNES, R. (2005) *Nada Sobre Nós Sem Nós – a centralidade da comunicação na obra de Boaventura de Sousa Santos*. S. Paulo: Cortez Editora.
- O'BRIEN, E. (2006) in ROTH, Philip *O animal moribundo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- OLIVEIRA, A. e GALEGO, C. (2005) *A Mediação Sociocultural: um Puzzle em Construção*. Lisboa: ACIME
- PAIS, J. M. (org.) (1998) *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- PAIS, J. M. (2003) *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- PHILLIPS, L., & JØRGENSEN, M. W. (2004) *Discourse analysis as theory and method*. London: Sage.
- POPPER, K. (1989), *Em busca de um Mundo melhor*. Lisboa: Fragmentos.
- POTTER, J. & WETHERELL, M. (1987) *Discourse and social psychology: Beyond attitudes and behaviour*. London: Sage.
- POTTER, J., WETHERELL, M. (1995) "Discourse analysis", in Smith, J., Harré, R., van Langenhove, R., (Eds), *Rethinking Methods in Psychology*. London; Sage.
- POTTER J. (1996) *Representing reality: discourse, rhetoric and social construction*. London: Sage.
- POTTER, J. (1997) "Discourse analysis as a way of analysing naturally occurring talk", in Silverman, D., (Ed.) *Qualitative Research: Theory, Method and Practice*. London: Sage Publications, 144-160.
- QUEIROZ, J.-M. (1995) *L'école et ses sociologies*. Paris : Nathan.

- RENÉ, J.-F. (1993) “ La jeunesse en mutation : d'un temps social à un espace social précaire “, *Sociologie et sociétés*, XXV (1): 153-170.
- RICOEUR, P. (1990) *Soi-même comme un autre*. Paris: éd. Seuil.
- RODRIGUES, D. (2006) "Os cartoons dinamarqueses e a escola inclusiva", *A Página da Educação*, ano 15, nº 154, Março 2006, p. 21.
- ROBERTS, K. & PARSELL, G. (1990) “Culturas da juventude, transformação social e a transição para a vida adulta na Grã-Bretanha”, *Análise Social*, 105/106 (25), 167-192.
- RORTY, R. (1979) *Philosophy and the mirror of nature*. Princeton: Princeton University Press.
- RORTY, R. (2000) “Sobre o Etnocentrismo: uma resposta a Clifford Geertz”, *Educação, Sociedade & Culturas*, 13, 213-224.
- ROY, I. (2002) “Difficultés, défis et aspirations des jeunes au Québec : Exemples rencontrés à la Maison Dauphine”. [On-line], <http://www.cebl.org/pdf/iroy.pdf>, 07-05-4, 10:34.
- ROWLAND, R. (1997) *Antropologia, História e Diferença: alguns aspectos*. Ed. Afrontamento: Porto.
- SANTOS, B. S.(1987) *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento.
- SANTOS, B. S. (1994) *Pela Mão de Alice – O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Afrontamento.
- SANTOS, B. S. (1999) *A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença*. Coimbra: Oficina do CES, 135.
- SANTOS, B. S. (2002) *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. Porto: Afrontamento.
- SEALE, C. F. (2006) *Researching society and culture*. London: Sage.
- SEARLE, J. (1981) *Os Actos de Fala. Um Ensaio de Filosofia da Linguagem*. Coimbra: Almedina.
- SHOTTER, J. (1993) *Cultural Politics of Everyday Life: Social Constructionism, Rhetoric, and Knowing of the Third Kind*. London: Open University Press.
- SINGLY, F. (1993) *La famille contemporaine*. Paris: Nathan.

- SINGLY, F. (2000) "Penser autrement la jeunesse", in *Lien social et politiques – RIAC*, nº 43, 33-40, Montreal: Canadá.
- SINGLY, F. (2004) *Sociologie de la famille contemporaine*. Paris : Armand Colin
- SOUSA, F. (2007) *O que é ser adulto?* [On-line] <http://www.seradulto.com/index2.htm>, 07-07-19.
- SOUSA, J. V. (2002) *Mediação*. Lisboa: Quimera.
- SPINK, M. J. (Org.) (1999) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.
- SPRINTHALL, N. A., e COLLINS, W. A. (1999) *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Gulbenkian.
- STOER, S. (1994) "Construindo a escola democrática através do campo de recontextualização pedagógica", *Educação, Sociedade & Culturas*, nº1, 7-27.
- STOER, S. R. CORTESÃO L. e MAGALHÃES A. M. (1998) "A Questão da Impossibilidade Racional de Decidir e o Despacho sobre os Currículos Alternativos", in ESTRELA, A. e FERREIRA, J. (orgs.) *A Decisão em Educação* (Actas do VIII colóquio Nacional da Secção Portuguesa da AIP ELF/AFIRSE). Lisboa: FPCE/UL, 201-215.
- STOER, R. S. (1999) "Combatendo a educação multicultural benigna", in Actas do encontro "Um olhar sobre o outro". Lisboa: D.H.E.B.
- STOER, S., CORTESÃO, L. (1999) *Levantando a Pedra, Da Pedagogia Inter/Multicultural às Políticas Educativas numa Época de Transnacionalização*. Porto: Edições Afrontamento.
- STOER R. S. e ARAÚJO, H. C. (1992). "Quatro espaços estruturais e a construção de 'mapas de sentido' na semiperiferia", *Jovens em Mudança*, Actas do Congresso Internacional *Growing up between centre and periphery*, Lisboa, 2 – 4 de Maio de 1996, (Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Lisboa, Estudos e Investigações, 10).
- STOER, S. R. e MAGALHÃES, António M. (2001) "A Incomensurabilidade da Diferença e o Anti-anti-etnocentrismo", in RODRIGUES, David (org.) *Educação e Diferença*. Porto: Porto Editora.

- STOER, S. R e MAGALHAES, A. M. (2003) "Educação, conhecimento e sociedade em rede", *Educação, Cultura e Sociedade*, vol. 24, nº85, 1179-1202, [online].
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302003000400005&lng=pt&nrm=iso
2007-12-6, 9:25.
- STOER, S. R, MAGALHÃES, A. M. & RODRIGUES, D. (2004) *Os Lugares de Exclusão Social: um dispositivo de diferenciação pedagógica*. S. Paulo: Cortez Editora.
- STOER, S. R., MAGALHÃES, A. M. (2005) *A diferença somos nós: a gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- TANGUY, L. (1986) *L'introuvable relation formation-emploi*. Paris: La Documentation Française.
- TOURAINÉ, A. (1994) *Crítica da Modernidade*. Lisboa: Instituto Jean Piaget.
- TOURAINÉ, A. (1998) *Iguais e diferentes – poderemos viver juntos*. Instituto Piaget : Lisboa.
- VINCENT, G. ; LAHIRE, B.; THIN, D. (1994) "Sur l'histoire et la théorie de la forme scolaire", in VINCENT, G., dir. *L'éducation prisonnière de la forme scolaire? Scolarisation et socialisation dans les sociétés industrielles*. Lyon: PUL (1994) ,11-48.
- VISVANATHAN, S (2001) "The grand sociology of Manuel Castells", in MULLER, J, CLOETE, N and BADAT, S (eds.) *Challenges of globalisation: South African debates with Manuel Castells*. Johannesburg: Centre for Higher Education Transformation and Cape Town: Maskew Miller Longman.
- WATERMAN, A.S. (1985) "Identity in adolescence: Progress and contents", *New directions for child development*, Nº 30, San Francisco: Jossey-Bass.
- WATERS, M. (1999) *Globalização*. Celta Editora: Oeiras.
- WETHERELL, M., & POTTER, J. (1988) "Discourse analysis and the identification of interpretive repertoires", in ANTAKI c. (Ed.), *Analysing everyday explanation: A casebook of methods*. Newbury Park, CA: Sage, 168-183.

- WETHERELL, M. & POTTER, J. (1992) *Mapping the language of racism: Discourse and the legitimation of exploitation*. Hertfordshire: Harvester-Wheatsheaf.
- WETHERELL, M. (1995) "Romantic discourse and feminist analysis: interrogating investment, power and desire", in WILKINSON, S.; KITZINGER, C. (eds.) *Feminism and discourse: psychological perspectives*. London: Sage, 128-144.
- WETHERELL, M & MAYBIN, J (1996) "The distributed self", in STEVENS, R (Ed.) *Understanding the Self*. London: Sage.
- WRASSE, D.(2004) "Construção de Indicadores para Avaliação", III congresso IBOPE – UNESCO – 2004 / grupos de trabalho / construção de indicadores para avaliação, S. Paulo: Instituto Paulo Montenegro [on-line]
http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=3.06.03.05.03&ver=por;
2007-08-09, 8:10.



FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO



LINA CARLA MENDES NICOLAU

**DA “ESCOLA ATRIBUÍDA” À “ESCOLA RECLAMADA”:
O LUGAR DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES PESSOAIS
DOS JOVENS**

Anexos I

2007

VOLUME I

ÍNDICE

ANEXO 1 – Perfil do entrevistado e roteiro da entrevista

ANEXO 2 – Entrevistas

Entrevista um

Entrevista dois

Entrevista três

Entrevista quatro

Entrevista cinco

Entrevista seis

Entrevista sete

Entrevista oito

Entrevista nove

Entrevista dez

ANEXO 3 – Tabela de caracterização sociológica dos entrevistados

**ANEXO 1 – PERFIL DO/A ENTREVISTADO/A E
ROTEIRO DA ENTREVISTA**

ANEXO 1 – Perfil do/a entrevistado/a e roteiro da entrevista

Perfil do/a entrevistado/a

Entrevista nº

Data de realização 2007/ __/ __

- Nacionalidade
- Idade
- Nível de escolaridade
- Curso que frequenta / O que faz neste momento
- Onde vive /Com quem vive
- Posição perante a religião
- Pais casados/separados/divorciados / falecido(s)
- Grau de instrução da mãe/do pai
- Profissão mãe/pai

Roteiro da entrevista

Temas	Perguntas
Família	<ul style="list-style-type: none"> ▪ De uma forma breve podes descrever o teu percurso de vida até hoje?
Escola	<ul style="list-style-type: none"> ▪ E qual foi o teu percurso na Raul Proença? ▪ Para que serve a escola? ▪ O que significa a palavra “escola” para ti? ▪ Como é que te sentiste durante os anos que andaste na “Raul”? Porquê? ▪ Qual a importância que atribuis/atribuíste à escola na tua vida? ▪ Como é que vês a escola e o mundo do trabalho? ▪ Na escola alguma vez te sentiste não aceite? Marginalizado? Excluído? Quando? Porquê? ▪ Participaste noutros núcleos/actividades voluntárias da escola? Porquê?
Núcleo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Como soubeste da existência do Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania? ▪ Alguém te convidou, ou procuraste-o por tua iniciativa? ▪ O que te fez procurá-lo? ▪ Como é que defines o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania? ▪ Que significado teve o núcleo para ti? ▪ Como é que vês/vias a questão da confiança dentro do núcleo? ▪ Como é que lidavas com as diferenças dentro do grupo? ▪ Como encaraste o voluntariado? ▪ Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê? ▪ Achas que este tipo de grupos tem aspectos negativos/positivos? Quais? Porquê? ▪ Achas que se pode estabelecer alguma relação entre as vivências proporcionadas pelo núcleo e o mundo do trabalho?
Escola/núcleo: a comparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fazes/fazias distinção entre a escola e o núcleo? Porquê?
Família/núcleo: a relação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabeleces/estabelecias alguma relação entre a tua família e o núcleo?
Estudar “fora”	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Gostavas de ir estudar/ viver, para fora de Portugal? Porquê?
Projectos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tens projectos para a tua vida? Queres falar disso?
Os relacionamentos e a intimidade	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Como é que tu vês as relações amorosas, as relações afectivas, hoje em dia?
“Lugar de pertença”	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tu sentes que pertences a algum lugar?

ANEXO 2 – Entrevistas

Entrevista nº 1

Data de realização 2007/ 03/ 23

- Nacionalidade

Portuguesa

- Idade

19 Anos

- Nível de escolaridade

1º Ano da licenciatura em Turismo

- Curso que frequenta / O que faz neste momento

Frequenta o 1º ano do CET – Técnicas e Gestão Hoteleira na /repositora de iogurtes no Leclerc desde Janeiro de 2007

- Onde vive/ Com quem vive

Salgueirinha (aldeia próxima das C. R.) /Pais

- Posição perante a religião (católico, protestante, muçulmano, budista, hindu, ateu, outra posição perante a religião)

Católica, mas só por ser baptizada porque não tem crença

- Pais casados/separados/divorciados / falecido(s)

Pais casados há 25 anos (disse-o com orgulho)

- Grau de instrução da mãe/do pai (superior completo ou incompleto;secundário;1º, 2º ou 3º ciclo?)

Mãe – 9º ano

Pai – 4ª classe

- Profissão mãe/pai

Mãe – empregada de escritório

Pai – empresário em nome individual

- Morte do namorado de 23 anos, em 09/06/07

Eu queria que tu descresses assim de uma forma breve a tua vida até hoje, onde nasceste... Qual foi o teu percurso de vida

Para já, sempre muito feliz (risos) sempre.

Nasci e sou natural de Salir e vivi lá os primeiros 3 anos com os meus pais, a minha irmã. Depois viemos para as Caldas, vivi uma data de anos no Bairro dos Arneiros, assim sempre num meio muito ... muito... bairro!!! Sempre com os amigos da escola, as vizinhas... a brincar. Uma infância muito normal, sem problema algum. Em casa, sempre excelente. Eu na escola sempre me dei muito bem. Depois... escola, escola, escola (risos) ...os amigos também sempre fizeram parte...até ao 12º, também no liceu. Sempre no Bairro dos Arneiros. O namorado... também, que entrou no 10º ano. Depois a universidade, em Leiria, que depois aconteceu aquilo ao final do ano e não me apeteceu continuar que é mesmo assim e hoje cá estou e sou feliz em casa. Gosto de estar com os meus pais. Foi, foi, foi por isso que ... foi uma das razões por que eu desisti da universidade. Apetecia-me estar perto, não estar longe. É incrível, mas apetecia-me estar em casa, estar ao pé dos meus pais. Sentir-me aconchegada. Não estar longe, porque... então, vim para casa.

Logo após a morte do teu namorado?

É assim, aquilo aconteceu no meio das frequências então, fui para lá, fui para Leiria, aquilo foi no fim-de-semana...pois... fui na segunda-feira. Tinha uma frequência na terça para as quais não estudei nem tinha cabeça para isso. Mas eu sempre tive uma... sempre tive grande facilidade em separar as coisas, tanto que eu cheguei naquele dia à escola e as minhas amigas mais próximas sabiam...Ya! A Amanda, a profª conheceu a Amanda? Uma rapariga do liceu, alta, de óculos, pronto, que andava lá, uma amiga minha também... soube e disse às raparigas da minha turma mais próximas. Eu cheguei lá, naquele dia, elas olharam para mim, tipo...elas...as pessoas... coitadas! Nem sabem como é que hão-de reagir. Eu sei, eu compreendo-as, pronto. Eu cheguei lá...olá, tudo bem, e não sei quê. Entrei na sala, não era nada comigo. Há pessoas que nunca souberam. Possivelmente. Não têm nada a ver com isso. Fiz as frequências com o que me lembrava das aulas. Consegui concentrar-me minimamente. Fiz. Deixei uma para trás que não consegui passar. Tive 6 na frequência, 8 no exame.

Qual foi?

Geografia do Turismo. E tenho o 1º ano feito. Mas foi mesmo...

Tens o 1º ano de?

De Turismo mas foi mesmo. Pus aquele objectivo... bem, eu vou acabar o ano. Fogo. Mas... por enquanto, não me apetece continuar. Apesar de virem aí as férias e tal, mas não me apetecia continuar ali. Não sei! Não estava satisfeita! Não me sentia... bem!

Mas associavas aquilo a alguma coisa... do passado?

Leiria? Não! Tanto que é uma coisa recente. Se calhar, demasiado recente. Era tudo muito... superficial para mim. Não era nada que pudesse dar o que eu precisava, se calhar, naquela altura. Ainda hoje, eu sinto-me bem é em casa, ao pé dos meus amigos e em estar em casa. Não sei. E... gosto muito. Actualmente, estou a trabalhar, estou a estudar à noite e sinto-me dinâmica...sinto-me activa. Estou a ficar independente, mas continuo a apostar na minha formação, que é o que eu quero. Ainda estou indecisa se hei-de ir para a universidade se não, mas quero sempre estudar, quero sempre estar sempre activa, sempre a aprender e a evoluir só que manter também uma parte profissional por mais coisa que seja. Neste momento não estou no ramo que eu quero. Mas pronto.

Qual é o ramo que tu queres?

É no Turismo. Eu não fujo muito a essa área, só que o curso em Leiria também não tinha nada de especial. Era muito, não sei...

Mas não há Turismo em Peniche?

Não. Havia era Turismo e Mar, que eu lembro-me de ver. Mas há muitos cursos... Marketing Turístico, de gestão Hoteleira. Há muitos assim.

Mas a tua família tem sido assim um ponto de apoio, aquela base.

Lá está o que eu estava a dizer à professora, há bocado. Vinte e cinco anos de casamento e a minha irmã, pronto, saiu de casa aos 18 anos, tudo bem, mas desde que ela saiu de casa temos uma relação, pronto, sabemos que gostamos muito uma da outra e tal tá-se bem, que é memo assim.

Os meus pais! Os meus pais, fogo. Tenho os melhores pais do mundo, que é mesmo assim. A minha mãe... Professora! A minha mãe todos os dias me prepara o pequeno-almoço. Tipo, eu levanto-me eles ainda estão deitados. Então, ela, todos os dias à noite, prepara-me um saquinho com fruta descascada e cortada para trazer, para comer! Isto não é normal (muitos risos).

Porquê que não é?

Eu falo com as pessoas e... o quê? É verdade, a minha mãezinha é mesmo... os meus pais.

Tu valorizas muito isso, não é?

Sempre valorizei. Porque ajudam-me no que eu preciso e estão sempre, dão-me o espaço que eu preciso. Conhecem-me de tal maneira, não é? Desde que eu nasci. Dão-me o espaço que eu preciso. Respeitam-me. Sinto-me respeitada. Não tenho necessidade nenhuma de mudar. Sinto-me satisfeita com a minha vida. É mesmo assim.

E os teus projectos... são continuar lá em casa... é...

Ai, eu já disse aos meus pais: "Olha... portanto... eu acabo este curso, vou aí nuns cruzeirozitos e tal dar umas voltitas ao mundo, mas não esperem que eu saia de casa tão cedo porque isto de nós aqui com a mãezinha a lavar a roupa, fazer o comerezinho e tal isto é confortável de mais". A minha mãe assim: "Então, mas tu ainda há uns tempos disseste que querias sair de casa e tal...". Isso já mudou, isso já mudou. Isso eram outros projectos que ...que pronto! Era outra perspectiva. Agora, agora deixa-me estar em casa que aqui é que eu estou bem. Era outra perspectiva, lá está.

Neste momento tens um projecto de vida um projecto pessoal?

Ai, realizar-me... mesmo pessoal, pessoal... A nível emocional já é mais complicado eu sentir-me realizada.

Porquê?

Porque... professora, isto é muito complicado! (risos das duas partes).

Isto é muito complicado, o emocional, quando mexe com os sentimentos. Há sentimentos que ainda não foram mexidos, que é mesmo assim. Vão ficar sempre e é uma parte de mim que está presa. Está presa! Eu sinto-me... eu sinto-me um bocado presa.

Que parte é que tu sentes que está presa?

Esse projecto de vida... por exemplo eu, no meu futuro, espero ter sucesso a nível profissional. Espero ser bem sucedida, que é mesmo assim, e sentir-me realizada, mas a nível pessoal eu tenho a sensação que vou estar sozinha, porque não me vou conseguir envolver e assumir uma relação com alguém. Eu sei que é muito cedo. Atenção! Tenho noção disso, mas não sei, não... olho para a frente e não vejo isso, não me sinto bem com essa ideia, porque lá está, esse projecto de vida já estava delineado, essa parte...Era a única... Atenção, agora é ao contrário. Virou completamente. A parte emocional ... tinha um namorado, tinha um namoro de 4 anos que é mesmo assim, adorava e queria aquilo para o resto da vida e não é por ter 18 anos que é menos sério. Encarava de forma mais séria possível. Era para o resto da vida e a casinha tudo a que temos direito, que é mesmo assim. Essa parte já estava

Vocês faziam planos?

89 Ele ia vender a moto. Ia estar uns meses para juntar dinheiro, ia viver sozinho e eu tinha mesmo a
90 vontade de ... já...também quero ir viver contigo. Só aquela coisa de ficarmos mais... juntos. Ai
91 professora! O homem da minha vida! (tristeza)

92 **Vocês tinham também algumas dificuldades entre vocês, não tinham?**

93 (Risos) Tínhamos! Oh, atrofios que eu não...ainda hoje não consegui explicá-los muito bem. Lá está, o
94 Igor era uma pessoa muito específica. Única! Qualquer pessoa que o conhecia, e mesmo se não o
95 conhecesse, via que ... é qualquer coisa de diferente, não é a maneira de pensar de encarar a vida e as
96 pessoas... era totalmente diferente do que normalmente vemos. A professora não acha isso?

97 **Repara numa coisa, é evidente que quando alguém nos morre nós depois fantasiamos um bocado**
98 **a situação.**

99 Mas eu sempre achei isto, eu sempre o vi assim.

100 **Mas a tua relação com ele também podia não durar a vida toda, não é?**

101 Pois podia, tanto que houve um tempo que nós terminámos, mas, no entanto, voltámos, voltámos e a
102 partir daí.... paah! Era aquela pessoa, mas não é por ter acontecido o que aconteceu que vejo de maneira
103 diferente. Havia alturas sim, que nos sentíamos estranhos, pois, lá está, aquelas situações de estranheza,
104 alguma coisa não está bem aqui e isso quando duas pessoas se conhecem bem, nota-se logo. A mínima
105 reacção que não é normal, pronto, isto está aqui alguma coisa e tentávamos ao máximo falar sobre isso,
106 conversar, o diálogo. Às vezes, não corria muito bem, porque eu, quatro anos mais nova, miúda (risos),
107 não víamos as coisas, às vezes, da mesma maneira, mas tudo bem e agora cá estou.

108 **Mas disseste que houve aí uma inversão, não é?**

109 Sim. Agora, é o lado profissional. Agora desejo é... é ter... assim realizada com o que faço. Como a
110 professora! Sente-se feliz com o que faz, sente-se bem! Realizada!

111 **Apesar do lado emocional ser muito importante, não é?**

112 E é! E é! Depois logo se vê.

113 **Olha!**

114 Diga.

115 **Mas, tu ainda há um bocado disseste que a escola para ti foi muito importante. Vamos falar...**

116 A escola... para já, por causa das amizades. Começa logo aí. Tenho as amizades do secundário. A
117 Carina e a Lena desde o 7º ano. Atenção que não é brincadeira. Ficam amizades que eu tenho a
118 sensação que vão ser mesmo para durar. É o conhecermo-nos desde pequenos. O Calado! A stora
119 lembra-se do Calado?

120 **Muito bem.**

121 Os amigos. Primeiro as pessoas, porque é onde, é o sítio onde trocamos experiências e... o núcleo. O
122 que me marcou no núcleo foi, foi ter falado pela primeira vez na virgindade. Na perda disso, pronto, nesse
123 assunto que eu lembro-me de contar à professora que eu uma vez tentei falar com a minha mãe sobre
124 isso e ela: "mas porquê?", numa atitude defensiva, tipo, assustada, mas porquê que tu estás a falar
125 nisso? (Risos) Isso, no núcleo, marcou-me nesse sentido de assuntos... assuntos que deviam ser
126 falados, mas, no entanto, não havia nenhuma disciplina na escola, oficial que nos falasse, que nos
127 permitisse falar sobre isso. O núcleo era um espaço e um tempo em que passávamos, em que
128 conversávamos à vontade, num clima informal... a professora era...éramos todos colegas, amigos, a falar
129 sobre temas da vida, que nos interessam. Quanto à escola, em si, sempre gostei. Sempre gostei. Gostei!
130 Sempre tive aquela coisinha, sabe, de estar nas aulas e tirar apontamentos e... estar assim com atenção
131 e letrinha pequenina e a tirar apontamentos nos livros. Sempre gostei, sempre fui uma pessoa que...
132 gosto de estar nas aulas! Gosto de aprender, de assimilar a informação.

133 **E achas que a escola serve para quê?**

Para quê que serve? Serve... tem muita influência na forma como nos construímos. Mas isso também parte das pessoas com quem estamos, com quem lidamos. Ajuda-nos a construir a nossa própria consciência. A consciência que temos de nós mesmos, do que fazemos, ou seja, a construir o que somos. É mesmo assim. É a partir daí, porque a escola faz parte da nossa infância, da nossa adolescência, pelo menos nessa fase obrigatória que são as fases mais importantes da nossa vida, que é onde nos construímos, onde nos estamos a pôr as bases para construir algo, para erguer. Depois também depende de cada um. Cada indivíduo é como cada qual!

Mas o que é que te interessou sempre mais na escola? Ainda há bocado falaste das pessoas, dos amigos, mas também já falaste do aprender...

Estou a pensar... era uma mistura. Era as duas coisas juntas. Era sentir-me bem no meio em que estava, porque, lá está, sempre gostei das minhas turmas, sempre me dei muito bem, sempre me enturmei, digamos assim. Sentia-me bem no meio das pessoas e depois conseguia juntar isso com a escola em si, com a parte da aprendizagem e os professores e estudar... na véspera, mas sempre me saí (risos).

Nunca te sentiste mal na escola, nunca te sentiste angustiada?

Não, por acaso não. Sempre tive prazer, mas, no entanto, consigo lidar com o máximo de naturalidade. Não tenho saudades. É estranho, porque compreendo que crescemos, que temos que mudar. É aceitar, aceitar. Eu vivi isto, naquela altura, quando tinha que viver, agora estou noutra fase. Mas no entanto continuo na escola, porque tenho necessidade de me sentir a evoluir, de não estagnar, não estar parada intelectualmente. Fogo! É do pior.

E tu achas que a escola prepara para o mundo do trabalho, ou abre portas para o mundo do trabalho? Como é que tu vês a relação entre a escola e o mundo do trabalho?

Isso aí... Não, não. Eu também, é assim, aí é mais o nível universitário. Ao nível do secundário não, porque o mundo do trabalho.... É tudo muita teoria, muita coisinha, informação que, na prática, não nos serve. Também depende do trabalho que queremos. Só na universidade é que nos podem preparar para isso e, mesmo assim, eu acho que é um lado que ainda está muito por explorar a nível prático. É tudo muita teoria. É só o estágio, só estágio, mas lá está, a nível universitário. No secundário, até ao 12º...por isso é que, se calhar há muito insucesso escolar, porque muitas pessoas, muitos jovens, como eu, vão para a escola... "Isto é uma grande seca, mas para quê que eu preciso disto? Se eu estou aqui... yah... isto é a nossa História, está bem, é tudo muito bonito. Vou lá fora, não me serve. Onde é que eu vou utilizar estes conhecimentos para me desenrascar? Lá fora, na realidade, no que o mundo é? Portugal, neste caso?"

Então a escola serve para quê?

Neste caso, nesse aspecto está um bocadinho aquém, aquém do que devia ser!

Mas tu foste buscar à escola aspectos, coisas que te ajudam a ser o que hoje és? Achas que sem a escola tu eras o que és hoje?

Nunca pensei sobre isso, stora (risos). É assim, definitivamente, sempre foi um lado muito importante, sempre fez parte da minha vida. A escola, seja de que tipo for, é aí que desenvolvemos as relações sociais, o nosso intelectual, logo, relações a nível emocional. Isto está tudo, está tudo relacionado, ou seja, influencia sempre, mas eu acho que... eu sou de opinião que cada pessoa tem a sua própria essência e é aí, é isso que nos torna individuais, que nos torna diferentes e acho que isso não tem a ver com a escola, não tem a ver com nada, somos nós. Eu, o que me faz dizer eu sou assim... não me consigo definir.

Mas tu achas que nasceste com uma essência?

Acho que todos nascemos. A nossa essência é o nosso núcleo, digamos assim. Nós temos um núcleo. Ou o sabemos aproveitar, não é aproveitar... é deixar crescer e mostrar também aos outros. Reconhecê-

lo, reconhecermos a nós mesmos. Eu sou assim, eu aceito-me como sou, gosto e mostrar isso também aos outros e isso não é na escola, nem com a própria família. Influencia-nos sempre, tudo o que esta à nossa volta, a nossa realidade, o que conhecemos influencia-nos sempre. Óbvio! Mas aquele... não sei explicar stora, é uma essência, está cá dentro. É natural. Que nós temos.

E onde é que tu pões os outros na construção daquilo que tu és? Têm alguma influência?

Tem, tem. É um... são relações mútuas, recíprocas. Eu mostro... trocar experiências. Só o facto de falar com alguém, lá está, na escola, que são as primeiras pessoas com quem nós contactamos e falamos sobre isso e o que nos interessa e curiosidades, e eu fiz isto, mas eu fiz assim. Trocar experiências. Logo aí aprendemos, utilizamos isso para nós, para lidar com outras coisas no futuro de maneira diferente. Logo aí estamos a mudar. Nós mesmos. Os outros são muito importantes só que ... porquê que nós somos todos diferentes, stora? É porque também temos experiências diferentes, mas porque nascemos com uma personalidade específica.

Então essa personalidade já vem de nascença? Já vem connosco?

Há características que acho que são inerentes, a nós. Por exemplo, uma coisa que a stora me disse uma vez que eu nunca mais me esqueci: que eu passei por si um dia, faz já uns ... há anos, na rua, que eu passei por si, ao pé do liceu e disse: "Bom dia! Olá stora tudo bem, não sei quê e a stora: "Olha, quero-te dizer que tens um dos sorrisos mais bonitos que eu conheço! E eu: "Ah!" E fiquei!... Ai, não imagina como isso me deixou bem. Uma coisa tão simples. É uma característica, mas é por me sentir bem com o que sou e mostrar sem defesa alguma. São características minhas, que... É uma junção, professora. Uma junção de tudo. É o relacionamento com os outros, é o nós mostrarmos o que somos e os outros fazerem isso connosco. Aprendermos, crescermos. Claro que há características, há características que desenvolvemos com o tempo. Não somos bebés e temos logo tudo connosco. Há certas coisas que são naturais em nós. Certo? Por exemplo, a desconfiança... uma pessoa ser desconfiada... acho qu' aí já pode resultar das experiências que teve na vida, ao longo da vida, tipo...exactamente. Na relação que teve com os outros, ao longo dos tempos, houve várias experiências que teve ...ajudaram a desenvolver aquele sentido. Confiança ou desconfiança, depende. Há certas características que eu acho qu' é na interacção, meio social, outras...que eu não consigo explicar.

Ainda há um bocadinho falaste do núcleo. O núcleo aparece no teu percurso... lembras-te quando?

P' aí no 10º ano. Já era da turma do Fábio, da Laetícia, da Vanessa, ou seja, a partir do 10º ano.

E, e porquê que tu aderiste ao núcleo nessa altura?

Foi, foi um bocado por influência deles. Ah, por...por eles, eu tenho... tenho...a sensação que me dá é que eles tinham actividades muito giras e... há o... voluntariado que eu fiz. Fiz com elas.

Fizeste aonde?

Fiz no Centro de Acolhimento, ali na praça do peixe antiga.

E gostaste da experiência?

Foi um bocadinho difícil, porque... mas gostei ((entusiasmo)). Sentia-me bem com o que estava a fazer, com a minha intenção, porque... é nobre! Eu sempre... mas foi um bocadinho difícil porque eram miúdos difíceis. Não...porque têm uma história de vida muito carregada e isso nota-se neles, assim, muito... não se dão. Desconfiados. Lá está, não se dão!

Nós propunhamos actividades e Vamos fazer isto! Olhem, o quê que... o quê que querem? Tipo... vamos fazer um dia diferente, não sei quê Não! Não sei quê. Tudo a ver televisão assim... cara fechada, não se darem a conhecer. Ok. Tão, hummm... Mas também não houve, não houve, eu ...eu, por mim, eu admito, não levei aquilo muito a sério, não me esforcei o suficiente para continuar e para os

conhecer. Ainda hoje passo pelo menos por uma, que era a mais velha, passo por ela, já tem um filho ((sente-se o juízo de valor negativo)). É mais nova que eu e... Via-a há uns tempos grávida e...

Mas aquela experiência fez-te reflectir, fez-te pensar em alguma coisa, em relação à tua vida, àquilo que tu querias? ... Ou não querias?

Eu acho que não... Bem, eu, pra já, sentia que não, não tinha jeito para lidar com situações assim. Parece que não sou desenrascada. Não... não consigo tomar aquela iniciativa para interagir, porque me sinto... sinto-me afastada. Como eu não gosto de fazer isso com as pessoas. Normalmente, quando eu conheço alguém, não tenho em... em dar-me, tudo bem, não tenho desconfianças e, quando fazem isso comigo... eu sinto-me afastada e... Não gosto da sensação, então tive dificuldades em lidar com eles. Então pronto, fez-me desistir, não continuar com aquele projecto, não... No entanto lembro-me... quem é que foi para o voluntariado com deficientes? Alguém fez ((pensativa)).

Houve várias pessoas.

Pois houve e eu lembro-me... no entanto... de eles falarem disso com um entusiasmo que era mesmo... que era lindo. A receptividade que eles sentiam daquelas pessoas. Porque lá está, um dos prazeres que temos ao fazer esse tipo de trabalho, esse tipo de voluntariado, é sentir que... que estamos todos a ser apreciados com o nosso trabalho. O nosso esforço está a ser valorizado de alguma forma. Tamos... tamos ali pra algum efeito, tamos a surt... tamos a despertar alguma sensação... boa... e eu não senti isso. Não sei. Tava a sentir-me inútil, ali, mas foi uma experiência diferente que serve sempre para aprendermos, lá está.

Aprendeste o quê?

Que não sirvo para esse tipo de trabalho (muitos risos).

Falavas sobre, sobre essas situações com a tua família?

Falava, isso falava.

O que é que eles achavam?

Há... para já a atitude... só... do voluntariado, claro, isso é bom e não sei quê... mas sempre.... Os meus pais sempre... tipo... eu dou a minha opinião e falo sobre as minhas experiências e eles parece que... confiam no que eu penso, no que eu sinto e apoiam. Têm, ou devem saber que tenho, sei o que digo e ao dizer o que sinto... Sim, realmente, se calhar, tens razão ou... se não queres continuar não continuas, não precisas, mas... ah, realmente é muito giro, não sei quê.... Anda mais ou menos assim. É a ideia que eu tenho dos meus pais reagirem a mim.

Tu depois começaste a ir ao núcleo algumas vezes e o que é que te fazia lá ir? O que é que te fazia participar?

O ambiente. O ambiente que se vivia, porque a professora sempre foi vista... ah... muito proporcionalmente professora nas aulas, mas amiga. Sempre disponível pra qualquer coisa e muito activa, sempre com projectos diferentes e... ham, interagirmos com pessoas diferentes. Lá está, com alguém fora dali, instituições, fazermos alguma coisa, sermos úteis para outras pessoas. Era, era nesse sentido que despertava. Tinha actividades.

E tu, tu fazias a distinção entre o núcleo e a escola?

(Pausa) Fazia, fazia, porque tinha a noção que era uma actividade extra. Extra. Pra já, eu é que tinha que ter a iniciativa de. A escola era obrigada, apesar de gostar, mas pronto, faltas e essas regras todas. O núcleo, o núcleo ia e fui enfim... só ia porque gostava. Ia porque gostava de ir e gostava de tar ali à conversa... só aquele ambiente de termos entre amigos e termos uma conversa descontraída e surgirem os temas com naturalidade, só isso, isso era bom. Às vezes fazia falta, porque há uma certa idade na escola somos, temos os amigos na escola e não sei quê, mas fora disso, vamos pra casa, nem saímos muito, podemos não interagir fora da escola e esses bocadinhos ajudavam-nos, ajudavam-nos a ter mais

268 esse lado social e conhecer mais as outras pessoas. Ir além de assuntos mais... normais, a escola, sim,
269 os meus pais...

270 **Mas tu...**

271 (Muitos risos)

272 **Mas tu lembras-te de, de alguma vez ires para casa a pensar em assuntos que lá tinham sido**
273 **debatidos ,ou coisas que as pessoas tinham dito, ou... Lembras-te? Isso aconteceu alguma vez?**
274 **Ou comentavam entre vocês? Como é que era depois?**

275 (Pausa) Deixa-me pensar. É que eu parece... tenho, tenho a sensação que vivi mais o núcleo, ou, o que
276 me lembro mais são as reacções que via nos outros, o entusiasmo deles, do Fábio, da Laetícia da
277 Vanessa, era, ham, é o que me marca mais e lá está aquela conversa que eu tive, de ser virgem e
278 quando perder a virgindade, esse tema assim. Foi o que me marcou mais por ser... Tabu! ...aquela idade!
279 Mas pronto e não sei quê, e não se deve falar (tristeza) ou pelo menos em casa não se deve, não se deve
280 ou não se fala e... é o que me marca mais mas...Sentir assim, sentir que era uma coisa boa. Tínhamos
281 ali uma coisa ...onde aprendíamos e interagíamos. Sentíamos-nos bem. É essa a reacção que eu via nos
282 outros e que senti, também, as vezes que fui.

283 **Pois! Mas tu também participaste noutros projectos da escola, noutros núcleos, não foi? Não**
284 **participaste noutras actividades extracurriculares? Não andaste no núcleo de teatro, nem...**

285 Não havia núcleo de teatro.

286 **Não?**

287 Não, tínhamos era OED.

288 **Há, mas depois houve o núcleo de teatro!**

289 Eu acho que não cheguei a participar. Eu participei foi no grupo, no grupo do professor Aníbal. No grupo
290 de Teatro Amador.

291 **Pois, tou a falar desse, mas não era da escola?**

292 Não, era um grupo de teatro amador, um grupo de teatro amador. Era... e o stor fazia parte.

293 **Mas tu tinhas actividades extra escola?**

294 (Suspiros) Cheguei a ter o volei a nível desportivo. Foi só. E o teatro, mas actividades extracurriculares
295 não tive muitas. Não sentia necessidade disso! (risos)

296 **Porquê?**

297 Porque já me sentia satisfeita, não...tinha a escola diariamente, normal e depois o tempo que tinha livre ia
298 passear com as amigas. As actividades que tive foi o volei e o teatro, que também gostei muito. Se eu
299 pudesse continuava. Gostei!

300 **Mas, se eu te pedisse para fazeres a distinção entre a escola e, voltando ao núcleo, o que é que tu**
301 **dirias? Qual é assim, para além da questão se ser voluntário, não é? Vais lá porque queres. Qual**
302 **é?**

303 A relação entre professores e aluno. Óbvio! É o que mais marca, o que mais se evidencia, que mais se
304 distingue. É uma aula...entre uma aula normal e o núcleo é: uma aula um professor e um grupo de alunos
305 e o núcleo acho que é um grupo de amigos. Acho que era o ambiente que se vivia.

306 **E tu achas que o núcleo, por exemplo, podia funcionar fora da escola?**

307 (pausa) Com pessoas que se interessassem (pensativa) Claro que sim! Como qualquer outra coisa!
308 Desde que haja pessoas que se interessem e actividades que, que nos despertem a atenção. A stora tá a
309 pensar nisso!

310 **Não, não, mas tenho curiosidade em saber, como é que... vocês associam. Só o núcleo à escola**
311 **ou...**

312 Não, não, não, não. Eu vejo extremamente com... era mesmo uma actividade extracurricular, mas extra...
313 é mesmo extra. Não tinha nada a ver era... era um bom momento para passarmos. Era na escola. Eu
314 acho que ali utilizavam-se as instalações e uma professora da escola por acaso, mas naquele, no núcleo
315 não... eu não relaciono com a escola era só porque era nas instalações. Utilizava-se ali o espaço mas...
316 em termos de actividades era mais criativo e mais... ia além, além daquelas grades digamos assim, além
317 das grades da escola, dos portões. Ia explorar a realidade, o que se vive cá fora, as diferentes realidades,
318 diferentes pessoas. Acho que nos, que nos punha o desafio de interagirmos com elas, para crescermos,
319 para termos experiências diferentes. Eu acho que não tem...que é bem distinto da escola, muito mais
320 enriquecedor. A sério! Em termos pessoais, em termos de experiência!

321 **Mas porquê em termos pessoais em termos de experiência?**

322 Porque interagíamos de forma diferente e crescíamos como pessoas e sentíamos-nos mais realizados.
323 Nós! Eram momentos de prazer. Prazer!

324 **Sentias que havia respeito no grupo?**

325 Sim, entre as pessoas. Do que eu me lembro sim, mas isso tanto dentro como fora, não...

326 **E a questão da confiança. Era uma questão importante no grupo?**

327 Sem dúvida. Sem dúvida que eu tenho a sensação que se trocavam, ali, informações que poderiam até
328 ser um bocado confidenciais. Ficarem por ali, lá está, o grupo de amigos e pra isso é preciso confiança.
329 Tenho a sensação que se trocavam ali informações mais íntimas, que não é com qualquer pessoa que a
330 gente vai falar, nem em qualquer ambiente por isso, era muito importante.

331 **E isso ajudou a reforçar laços entre as pessoas?**

332 Sim, acho que sim. Tanto que... eu não fui tantas vezes, mas via, via por exemplo, o Fábio, a Laeticia a
333 Vanessa mais... mais não sei... que levavam mais a sério, que encaravam aquilo com mais seriedade,
334 que estavam muito mais próximos. Provavelmente, porque trocavam experiências e falavam sobre coisas
335 mais íntimas, mais pessoais. Só aí, estabelece-se um clima, uma relação de confiança que não é com
336 qualquer pessoa. Sentimo-nos mais próximos, automaticamente, daquelas pessoas.

337 **E tu alguma vez tiveste a sensação de que aquele grupo era um grupo especial, um grupo
338 diferente, um grupo de pessoas diferentes na escola, alguma vez tiveste essa impressão?**

339 Não, não. Não, era um grupo de pessoas que naquele espaço faziam várias actividades.

340 **E tu achas que este tipo de núcleo era diferente de outros núcleos da escola?**

341 Eu não participei nesses núcleos, mas acho que... lá está, o núcleo de cidadania investia mais no... o
342 como somos é... no alimentar as pessoas, as pessoas em si e não tanto o nível criativo, a criatividade e
343 esses lados assim mais, mais artísticos! Era mais pessoal, mais... é pra nos ajudar pr'ó resto da vida, lá
344 está. Há experiências que nos reforçam e que nos ajudam a ser o que seremos, o que somos.

345 **Tu vês alguma utilidade disso, por exemplo no mundo do trabalho?**

346 Claro. É a forma como lidamos com os outros. Ajuda-nos, na forma como lidamos com os outros, mas
347 isso também é... em conjunto com o que já somos, nós mesmos, mas... sim, principalmente as relações
348 que podemos desenvolver com os outros. Eu, por exemplo, com o meu chefe... Meu deus! não vai lá
349 (riso)!

350 **Não?**

351 Não, não mas...

352 **Mas porquê? Ele é difícil?**

353 É uma pessoa demasiado autoritária, sem calma e... às vezes, parece que não tem respeito e eu sinto
354 que não sou valorizada pelo que faço, qu'ê memo assim. E eu não gosto dessa sensação, mas pronto!

355 **E como é que lidas com isso?**

356 Eu continuo a fazer o que tenho a fazer e...e tenho a consciência que, que faço o melhor que posso e
357 isso eu não ponho em causa. É o que eu disse há bocado, sentimo-nos tranquilos com o que somos,
358 com o que fazemos. Se as outras pessoas têm uma opinião diferente sobre isso eu respeito, aliás, eu...
359 quando as pessoas me confrontam com uma opinião diferente sobre qualquer coisa, eu acima de tudo
360 respeito, mas também mostro a minha.

361 **E faz-te confusão que as pessoas pensem de uma forma muito diferente da tua?**

362 Não, não! Só que eu mantenho a minha (risos). Não me faz confusão! Tenho plena noção que, que
363 vemos as coisas de forma diferente. Que as pessoas encaram a mesma coisa duas pessoas encaram de
364 duas formas completamente distintas. Eu respeito! Tudo bem! Mas é: eu mantenho a minha, tu manténs a
365 tua. É assim.

366 **E não há negociação?**

367 Hum, isso a partir do diálogo, mas lá está, eu a nível profissional não sinto isso. Nem há diálogo!

368 **Mas não há, não é porque tu não queiras!**

369 Não há comunicação. O meu chefe, hum, podemos estar duas pessoas a trabalhar no mesmo sítio e é
370 ...por exemplo, no corredor dos iogurtes, estão ali duas pessoas a trabalhar e... chega-me material e ele
371 vai ter com a outra pessoa: "Então, chegou tudo e não sei quê, falta alguma coisa?". Como se eu não
372 fosse responsável o suficiente para responder a isso. Esse tipo de perguntas não me faz (mágoa). Ainda
373 há bocado falou alto. Foi agressivo a falar e eu acho qu'isso é quase uma falta de respeito. Não há
374 necessidade. Eu não gosto de lidar com as coisas assim, porque há um limite. Há chefes, há
375 empregados, mas somos todos pessoas e ninguém é surdo, ninguém é burro temos todos capacidades,
376 as mesmas capacidades. Mas pronto. Tá tudo bem (resignação).

377 **O que é que tu, o que é que te vês a fazer em termos profissionais no futuro? O que é que tu**
378 **gostavas?**

379 (Pausa) Não sei bem, stora! (suspirou e baixou o tom de voz). Um futuro assim, mais longínquo, não sei.
380 Assim, num futuro mais próximo, gostava de ir, assim nuns cruzeiros, de trabalhar nos cruzeiros, de ter
381 essa experiência. Gostava também de experimentar ser comissária de bordo, hospedeira, assim. Muito
382 relacionado com as viagens. Conhecer sítios diferentes, pessoas diferentes...

383 **Mas, tu como é que vês o mundo do trabalho, hoje? Tu achas que nós podemos fazer uma**
384 **carreira, ter uma carreira, ou as coisas se modificaram?**

385 Só acho é que uma pessoa tem que se esforçar. Tem que fazer, tem que fazer o que está ao seu alcance
386 para... o respeito, acima de tudo, óbvio, pelos outros. Mas...esforçar-se! É mesmo assim! Para se manter
387 n'alguma coisa se se deseja, se desejamos alguma coisa a nível profissional, ou pessoal, temos que fazer
388 por isso, tão simples quanto isso. Nada nos cai do céu!

389 **E tu na tua vida associas sempre o estudo a isso? Ou achas que há um momento em que tu vais**
390 **deixar de estudar?**

391 Eu não quero pensar assim, nem quero pensar isso, porque... chega o momento em que no próprio
392 trabalho parece que evoluímos e se tivermos experiências sempre diferentes, se lidamos com coisas
393 diferentes, situações, pessoas, aprendemos, mas lá está, o estudo, manter ou um curso qualquer ou, não
394 sei, aquela coisa do ter aulas aprender matérias diferentes e... é cultivarmo-nos (entusiasmada). É
395 cultivarmo-nos, não é professora? É assim que se diz?

396 **Mas é o ter aulas? Ou é o aprender? Porque podes aprender sem ter aulas!**

397 Eu sei, era isso que eu tou a dizer! Chega uma altura numa profissão que aprendemos, vamos
398 aprendendo. Não é preciso ter aulas, mas eu gosto, também, daquela coisinha de ter aulas (sorriso)!

399 **Porquê?**

400 (Muitos risos) Não sei, gosto de tar ali, gosto de tar ali a tirar apontamentos. Sentir-me aluna! (risos). É um
401 bocado estranho.

402 **E gostas de ter professores?**

403 A assimilar, a assimilar informação e estudar prós testes à última da hora, sentir aquela pressão (Muitos
404 risos).

405 **Como é que tu viste os professores? E como é que tu vês os professores?**

406 Sempre... é assim, os que eu retenho mais são os que me marcaram pela positiva.

407 **E isso é o quê?**

408 Quer dizer que eu tive bons professores.

409 **O que é um bom professor e o que é marcar pela positiva?**

410 Hum, quer dizer que conseguiam ser bons professores a nível escolar, ou seja, eu conseguia interessar-
411 me, conseguiam fazer-me interessar pela disciplina e mantinham uma relação próxima que isso ajudava-
412 nos a estar interessados. É um bocado complicado, eu acredito. Manter uma relação mínima de
413 confiança, mas depois manter aquele limite para não abusarem. A professora, por exemplo, dá aulas a
414 que anos?

415 **7ºs, 8º s e 9ºs**

416 Com essa idade é um bocadinho difícil... pra lidar. Eu lembro-me que a stora, às vezes, passava-se com
417 a nossa turma (risos). E com a da minha irmã! (risos)

418 **Mas tu achas que ter essa confiança, proximidade com um professor, significa faltar-lhe ao**
419 **respeito?**

420 Não, não, não, não, nada disso, mas depende das idades, não é? É o que eu lhe estou a dizer, 7º ano
421 não há aquele, acho que não desenvolvemos aquela consciência que, é logo: "Ah! Isto tá-se bem! Eu
422 posso fazer o que eu quiser qu' é na boa!". Pensa-se um bocado assim: "E podemos fazer o que
423 quisermos qu'isto não interessa nada!". Depende da idade. Crescemos um bocadinho, percebemos que é
424 importante, é importante termos confiança suficiente, proximidade suficiente para, por exemplo, expormos
425 qualquer dúvida, sem qualquer problema. Não, não guardarmos nada e essa relação ajuda-nos a manter-
426 nos interessados pela disciplina.

427 **E no secundário isso aconteceu contigo? Tiveste professores assim?**

428 (pausa) Tive também situações contrárias.

429 **Foi?**

430 A Inglês. Mas sim, também tive situações assim. A Inglês foi o contrário, por exemplo. Eu tinha boas
431 notas porque gostava de Inglês, não da professora.

432 **Tu foste boa aluna?**

433 Se eu fui boa aluna?

434 **Ao longo do teu percurso.**

435 Cheguei a ser uma ótima aluna, passei a boa aluna. Na universidade fui média, média baixa.

436 **E bom aluno para ti é o quê? (Risos)**

437 É um aluno com uma boa média!

438 **Só média?**

439 E ...tão e que... (pausa) Oh stora! Fogo! Um bom aluno, um bom aluno... aluno professor, aluno aulas só
440 a nível escolar. Mantém uma boa média e... pois, realmente! Ele tem que se manter interessado nas
441 disciplinas. Não é só estudar pró teste e ter boa nota. Isso é que é um bom aluno. Manter-se interessado
442 constantemente. Então... Eu até fui uma boa aluna! (Riso). Fui, fui. só que isso reflectia-se. Stora, as
443 frequências que eu fiz foi só a partir das aulas, do que eu me lembrava das aulas. Quer dizer que eu
444 mantenho-me atenta.

445 **Tu achas que a escola valoriza, ou valorizou, a tua experiência de vida?**
446 **O teu conhecimento da vida? Aquele que tu tinhas? A escola alguma vez quis ouvir? Alguma vez**
447 **deu importância a isso?**
448 Não, acho que não. (Pausa). Lá está, o núcleo dava. No núcleo é que tínhamos oportunidade para expor
449 isso. Escola...estamos ali para aprender.

450 **Mas tu achas que a escola deve valorizar isso, ou não?**
451 É assim, a escola... a escola...Há diversos níveis de escola. Há diferentes níveis de escola, professora!
452 Há a primária, que nós temos experiência nenhuma (riso).

453 **Nenhuma?**
454 Oh, oh professora! Temos experiências que nem sequer as valorizamos. Só mais tarde é que as podemos
455 valorizar e aprender alguma coisa com elas e assimilar de alguma forma. Não sei, porque... há um... há
456 regras, há ali, como os professores dizem constantemente... Temos um programa pa dar e temos, temos
457 que dar isto, ou seja, nós estamos ali p' aprender, p'aprender e as experiências vivemos em conjunto.
458 Estamos na escola, estamos com outras pessoas, estamos a interagir, estamos a trocar experiências,
459 estamos a vivê-las. Mas... a nível... nem sei se a escola deve valorizar isto... porque nós, por nós
460 mesmos já o fazemos. É inconscientemente é ...tamos...no meio de um conjunto. Tamos num conjunto
461 de pessoas, já tamos a viver isso na escola.

462 **Mas vocês partilham isso uns com os outros, partilham a vossa vida uns com os outros?**
463 Depende das pessoas. Não é com qualquer pessoa. Uns com os outros, os amigos. Aquela tal relação de
464 confiança que é preciso ter para partilhar certas experiências.

465 **Ok. E tu, por exemplo, imaginas que a escola um dia desapareça, ou que se transforme, ou que**
466 **venha ser diferente daquilo que é hoje?**
467 Não imagino.

468 **Achas que a escola faz falta? Deve continuar a existir?**
469 Claro que sim! Claro que sim... acho que... tem sempre... tenho a sensação que tem sempre implícito
470 assim, um sentido cívico, não é? O sermos... dar-nos aquelas bases pra sermos correctos em sociedade,
471 ter certos comportamentos que, não sei, assim uma sensibilidade maior para, para lidar com situações,
472 com as pessoas. Fogo! Sem escola? E depois as pessoas também são completamente ocas! Vivem da
473 experiência de vida? Tá bem, mas a nível de informação... é diferente. Eu não imagino. Sinceramente! As
474 mudanças que eu possa imaginar a nível escolar é a nível informático. É as novas tecnologias serem
475 cada vez mais aplicadas, mas por exemplo... não, não imagino ser um computador ou ser uma aula por
476 videoconferência.

477 **Então, achas que os professores não têm tendência a desaparecer?**
478 Não, e nem devem, porque os alunos têm que sentir aquela proximidade. Por isso é que não gosto, nem
479 gostava de... porque eu na universidade tive em salas de aula normais, como no secundário. São
480 salinhas! Eu não gostava de ter aulas naqueles auditórios, anfiteatros enormes (fez um gesto de
481 grandiosidade com as mãos) porque o stor é visto como algum ser superior, com muitos conhecimentos e
482 que tá ali, tão longe, e não nos desperta interesse por ele. Porque se alguém estiver interessado é porque
483 quer memo aquele curso, ou quer mesmo passar naquela disciplina, mas não, não, eu acho, eu não teria
484 motivação para estar numa disciplina assim. Por acaso, e fiquei muito satisfeita quando vi que na ESEL
485 eram salinhas. Isto é tão familiar! A sensação foi boa. Ter assim um...

486 **E agora com o que estás a fazer também te sentes bem?**
487 Sinto. O ambiente... tou a aprender a lidar com pessoas um bocadinho, um bocadinho ruim. Não são
488 ruins, muito... huuf (esgar de repulsa) ... estranhas, estranhas no mau sentido...ah... Muitos comentários

489 assim. São penicheiros! Há muitos penicheiros. Penicheiras! Na minha turma. Lá está, são pessoas
490 diferentes, experiências diferentes...

491 **Mas como é tu lidas com isso?**

492 São... eu acho que são pessoas que, com as quais eu não me identifico, logo, de acordo com o que eu
493 sou, mantenho uma relação cordial, claro! Agradável, sem maus ambientes, mas sem grandes
494 proximidades porque não há identificação. Eu não concordo com maneiras de agir, com comportamentos,
495 com certos comportamentos, mas não tenho a confiança pa chegar ao pé dessas pessoas e dizer: "Olha,
496 isto, não estás a fazer bem! Isto não se deve fazer!". Nem tenho nada que comentar!

497 **E contigo, como é que lidam?**

498 Bem, eu não tenho problema nenhum. Eu sou assim... muito... pacífica.

499 **Mas vamos só voltar aqui a mais uma perguntinha. Ainda há um bocadinho, quando falámos do**
500 **núcleo... tu vês perigos na existência de núcleos como o de cidadania?**

501 Não! Não! Por acaso não vejo nenhum aspecto negativo. Acho que só serve para nos enriquecer e o
502 núcleo até pode influenciar a não desistir da escola por sentirmos que nos valorizam, que somos pessoas
503 com algo para dar.

504 **Achas que o núcleo é um sítio onde se aprende?**

505 Aprende, mas lá está, não é aprender matéria em sentido obrigatório tipo, estão-nos a impingir uma coisa
506 que temos que saber. Aprende. Aprende-se a lidar. Aprende-se a viver de forma diferente. Aprende-se a
507 ver as coisas de forma diferente. Aprende-se a construir relações. É um aprender, com prazer. É uma
508 interacção.

509 **Se tu tivesses oportunidade de ir estudar para o estrangeiro ias?**

510 Então não ia? E queria e gostava de ir.

511 **Então porquê que nunca tentaste?**

512 Porque é muito caro. Eu pensei nisso. Gostava de ir pra Inglaterra.

513 **Mas porquê que te seduz a ideia?**

514 Ai, ir pra um sítio diferente! Acho qu'é, que deve ser assim uma sensação! Bem, a mim entusiasma-me a
515 ideia de estar num sítio. Eu, não me assusta! Não me assusta! Depende. Também não gostava de me
516 sentir completamente sozinha numa experiência dessas. Gostava de ter alguém próxima com quem
517 partilhar mas...não sei, acho excelente a pessoa ter a experiência de ir pra um pais diferente e ter que
518 falar uma língua diferente e ganhar ou... viver com hábitos diferentes, culturas... Acho que isso é
519 excelente.

520 **Mas aquele confronto depois com as diferenças todas, com maneiras de pensar tão diferentes,**
521 **isso não te faz confusão?**

522 Eu vejo-me como uma pessoa muito *open minded*. Não tenho, não tenho qualquer problema. Até hoje
523 não tive problemas de maior com ninguém, porque ouço, ouço os outros, dou a minha opinião. Desde que
524 haja respeito mútuo não há conflitos e, e acho que podemos sempre aprender a ver, a lidar com culturas
525 diferentes. É uma experiência de aprendizagem assim, intensa!

526 **Mas sabes que há uma distância entre o nós desejarmos esse confronto e depois estarmos**
527 **mesmo...**

528 Exactamente, eu nunca vivi... atenção nunca vivi isso! Eu nunca saí de Portugal!

529 **Mas quem fala de sair também fala...**

530 Não é de férias! Atenção! O viver memo.

531 **Mas o confronto mesmo com pessoas que fazem outras opções de vida, estás a ver? A questão da**
532 **homossexualidade, a questão de modos de vida tão diferentes dos nossos que levantam...**

533 Mas... eu... isso até me... ham, como é que se diz... eu sinto-me curiosa... curiosa, sem maldade
534 nenhuma, sem fazer juízos que eu gostava de saber, gostava, olha, por acaso, que eu saiba, não
535 conheço ninguém homossexual, mas não tenho nenhum problema com isso.

536 **Por exemplo, no núcleo tu sentias que havia preconceito?**

537 Que eu me lembre, não. Que eu me lembre.

538 **As pessoas falavam das questões abertamente, sem nenhum pezinho atrás? Qual era,**
539 **normalmente a atitude? Lembras-te?**

540 Não havia qualquer maldade.

541 **Sentias haver preconceitos, esses juízos de valor sobre aquilo que as pessoas eram?**

542 Não. O que eu me lembro era que, quando alguém tava a falar as pessoas ouviam, tavam receptivas, não
543 estavam ali pra julgar, tava um bom ambiente, assim...ouvir e depois ouviam e davam a sua opinião mas,
544 não com maldade. Acho que a sensação é...

545 **Com a tua família alguma vez comentaste...**

546 O quê, o núcleo? As questões do núcleo? Não me lembro. Não me lembro. Acho que... acho que não,
547 acho que não, por acaso... pronto, agora, agora disse, disse aos meus pais que a stora me ligou e não
548 sei quê pra falar sobre o núcleo e a minha mãe foi assim: Foi? Parece... parece que ela ficou contente
549 pela stora me ter escolhido (riso).

550 **E tu, sentiste alguma coisa de especial?**

551 Senti-me especial (postura de superioridade, seguida de risos). Senti que a marquei de alguma forma
552 que...Pronto, não fui só mais uma aluna, ou... se calhar, ninguém é, ninguém passa despercebido... que
553 criámos algum, algum laço. Mas eu já sentia isso com a professora. Óbvio! Lá está, que existe alguma
554 coisa além de professor aluno, não é só, só, aam. A iniciativa da professora quando me encontrou,
555 daquela vez ,ao pé da, da Praça da Fruta, me dizer o que estava a viver naquela altura... que estava um
556 bocadinho mal e ... mal me encontrou disse-me isso... e eu mandei-lhe uma mensagem (e não lhe
557 mandei outra vez!) (riso). Lembra-se? Eu mandei-lhe uma mensagem a desejar força, porque acho que
558 temos qu'a ter e aí estava a utilizar a minha experiência pessoal. Como eu... o que eu tive que utilizar
559 para ultrapassar uma situação difícil, foi o... o que eu ... transmiti (baixou o tom de voz), porque acho
560 que... pequenos gestos fazem diferença. Não é? Não é preciso grandes coisas para, para fazer uma
561 pessoa sentir-se melhor. É só... ser... bem intenci.. é, é uma pessoa ter boas intenções, sentirmo-nos...
562 acarinhados, aconchegados! Acho que é suficiente.

563 **E na tua vida isso tem...**

564 Isso tem uma grande importância, tanto a família como com os amigos.

Entrevista nº 2

Data de realização 2007/ 03/ 31

- Nacionalidade

Portuguesa

- Idade

19 Anos

- Curso que frequenta / O que faz neste momento

Frequenta o 1º ano de um CET em Serviço Social e Desenvolvimento Comunitário na ESE Leiria

- Onde vive/ Com quem vive

C. Rainha: Com os pais

Leiria: 5 amigas

- Posição perante a religião (católico, protestante, muçulmano, budista, hindu, ateu, outra posição perante a religião)

Agnóstica

- Pais casados/separados/divorciados / falecido(s)

Casados há 27/28 anos

- Grau de instrução da mãe/do pai (superior completo ou incompleto; secundário; 1º, 2º ou 3º ciclo?)

Mãe – 4º ano

Pai – 4º ano

- Profissão mãe/pai

Mãe – comerciante

Pai – comerciante

1 Eu gostava que tu, assim de uma forma mais ou menos breve, me fizesses a história da tua vida
2 até aqui.

3 Bem... então, eu nasci... cá, nas Caldas, e vivi toda a minha infância sempre, lá, nos Casais de Santa
4 Helena o que é uma maravilha. Eu adoro, porque nós... em todo o lado... tinha brincadeira, podia andar
5 na rua até quando eu queria e fui sempre muito livre. Isso é muito bom. Foi muito bom. Fiz a minha
6 escola... não andei no jardim-de-infância, mas depois entrei no primeiro ano, na escola dos Barreiros.
7 Pronto. Tive lá os meus amiGUinhos! A minha... porque eram todos...morávamos todos lá ao pé... tenho
8 lá a minha família toda, lá ao pé. Eu tou ali protegida. Tou ali protegida por toda a gente. Depois... tive
9 sempre lá. Sempre gostei muito de lá tar e vim pra cá, pr'às Caldas... quinto e sexto ano. Tive na EBI.
10 Pronto. Os meus amigos... transitaram COMIGO... fomos todos. E depois... fui pó liceu, no sétimo ano.
11 Mas isto em tudo. Eu acho que tive uma infância... esqueci-me de dizer, tive uma infância um bocadinho
12 marcada, porque eu fui muito doente. Eu quando tinha três anos... descobriram uma doença... não
13 descobriam, não sabiam o que eu tinha, porque eu inchava, inchava e ninguém sabia o que eu tinha.
14 Disseram à minha mãe que eu ia morrer, que não sabiam o que haviam de fazer. Eu tava numa sala... à
15 parte, ninguém podia ia ter comigo. Os meus pais tinham que levar touca, máscara, ... tudo. Porque não
16 sabiam...o que eu tinha. Não sabiam! Pronto. Eu... entretanto, depois souberam que eu tinha um
17 problema renal.

18 Mas foste internada?

19 Fui internada dos dois aos três anos.

20 E lembras-te?

21 Lembro-me. Lembro tanta coisa. Há coisas que marcam! Não me lembro muito bem... não me lembro de
22 tudo. Lembro-me é de lá tar. Porquê? É muito estranho. As pessoas dizem. Porque eu tava na fase de
23 dois, três anos... eu não tinha dores. Eu não tinha dores. Então, tava no hospital brincava com toda a
24 gente. Ao fim de semana a minha família... passou um ano inteiro que os fins-de-semana era irem me ver
25 ao hospital. Tinha a minha família toda sempre ao pé de mim. Era brinquedos, era tudo. Eu, pra
26 mim...aquilo... eu lembro-me... a minha mãe... quer dizer... a minha mãe passou muito, porque a minha
27 mãe passou um ano inteiro a ir pró hospital. O meu pai...o meu pai não TRABALHAVA, o meu irmão teve
28 a minha mãe muito pouco presente também. Tenho dez anos de diferença do meu irmão. Eu tenho
29 dezanove, o meu irmão tem vinte e nove anos e... quando eu tinha dois... dois, três anos ele tinha treze,
30 a idade da adolescência. Então ele sentiu muito pouco a minha mãe. Ele teve sempre muito mais com o
31 meu pai.

32 E a tua mãe ia ao hospital todos os dias?

33 Todos os dias. Eu tava internada. A minha mãe todos os dias tava comigo no hospital e...

34 Nas horas das visitas, ou...

35 Sempre. Porque eu tava na Pediatria.

36 ... ficava lá?

37 Muitas vezes ficava lá... durante a noite também. E nas minhas alturas mais críticas... não sabiam...
38 porque eu tomei muitos anos cortisona (). Pronto. Depois, há episódios muito giros. Lembro-me... a
39 minha mãe passava o dia inteiro no hospital e há uma coisa muito engraçada (sorri) que isso é que nunca
40 me esqueço. Lembro-me de uma rapariga, de uma menina da minha idade entrar lá, e ficar no meu lado,
41 que era filha de uma prostituta, que ficou intoxicada com comprimidos por que a mãe deu-lhe
42 comprimidos pa dormir durante a noite toda e ela entrou lá. Eu lembro-me que a minha mãe tomava conta
43 de mim e dela, porque a mãe não tava LÁ. Eu lembro-me que de manhã, porque tínhamos que levantar, a
44 minha mãe penteava ELA... eu ficava com uns ciúmes horríveis. Eu detestava a miúda. Penteava ela
45 igual a mim, fazia tudo igual a mim. Dava-lhe o comer, dava tudo. E, no entanto, a assistente social do

hospital falou com a minha mãe se ela queria... adoptar a menina. Falo isso muitas vezes com a minha mãe, porque, hoje em dia, tinha uma irmã... da minha idade. A minha mãe diz que não podia ser. Já tinha um filho a que não dava atenção... ia ter outra menina sem dar atenção, não sabia o que ia ser da minha vida também ... não aceitou. Mas... a coisa... lembro-me tão bem... a mãe dela entrar... a mãe dela... entrou, uma vez, na porta do hospital... perguntou, na pediatria... perguntou quem era a mãe da Andreia... lembro-me (parece-me que tou a ver a senhora).

Tu ... tinhas?

Tinha uns três... três e tal, quase quatro anos...a mãe dela entrar e perguntar à minha... saber quem é que era a mãe da Andreia, a minha mãe disse que era ela e ela disse que era a mãe... eu não me lembro do nome da miúda, mas lembro-me tão bem da miúda! ... ela disse que era a mãe dela e que queria agradecer por tudo o que ela fez pela filha...porque... ela sabe que não é uma boa mãe... lembro-me tão bem de tar a ouvir isto...lembro-me que sabe que não é muito boa mãe, porque não consegue, fica muito triste () por acaso, uma coisa muito gira.

Tu lembras-te do que é que pensaste?

Eu... sinceramente, naquela altura... sabe, eu tinha muitos ciúmes dela. Tinha! Tinha ciúmes. Eu lembro-me. Eu irritava-me c' a miúda! Nem brincava com ela (risos). Eu, eu não gostava muito dela, mas a senhora a falar com a minha mãe... eu senti muito orgulho da minha mãe (pausa). Senti, mas senti que não queria ela ao pé de mim. Não queria, não queria. Eu... eu sei que não queria. Pronto. Depois fui... estive internada em Lisboa...

Quanto tempo?

Em Santa Maria fiz uma biopsia... aquilo... passei lá um dia pa preparação da biopsia. Depois fiz a biopsia, mas tive sempre deitada... sempre deitada... tive lá uma semana, mas tive sempre deitada. Pronto. Em Santa Maria é uma coisa diferente. Muito giro. Lembro-me muito bem, porque nós, cá, no hospital das Caldas... não há, não há muitas raças! E eu lembro-me quando eu cheguei ao hospital de Santa Maria era uma sala enorme de brincar. Ah! E eu cheguei lá fui brincar e eu lembro-me de ver todas as raças! Foi o primeiro contacto que eu tive com pessoas pretas, com pessoas indianas, porque eu via lá as mães delas, e aquilo chocou-me, porque eu tava habituada a tar aqui. Lembro-me disso, mas... Foi um impacto que eu lembro-me muito bem... e lembra-me depois de tar a brincar com eles todos. Lembro-me de tar a brincar com um rapazinho que era... que era de cor negra! E muito engraçado... foi aí o meu primeiro contacto com eles.

Mas chocou-te? E a... e, e afastou-te deles?

Não! Exactamente. Não me afastou que eu lembro-me que depois tive LÁ... tava bué quietinha no meu cantinho, tava bem... porque aquilo é a sala das crianças brincarem, pronto, e eu fui pra lá. E... foi, mas depois tive...Ah! Depois vim... integrei-me bem. Tive a brincar... integrei-me bem. Mas pronto. Eu passei, na minha infância, muitos anos em hospitais. Pronto. Depois... lá tá... eu com seis anos comecei... entrei pa escola. Com sete anos entrei pa escola, mas a minha infância () hospital par lá, pa cá. Pronto. Depois entrei pa escola... primária... depois é que tive assim uma melhora. Andava com cortisona. Mas tive muito melhora. Depois tive outra vez outra quebra que... tive uma recaída. Fiz um tratamento que era corticóides que é tipo quimioterapia. O meu cabelo podia cair. Podia fazer tudo, mas ... graças a Deus ficou tudo bem. E há muito que não tenho uma recaída. Vou a consultas de rotina e dizem que... tá estável. So que...com a gravidez... quando eu ... com a mudança... porque é assim: c'a... c'a minha adolescência podia melhorar também ou como podia recair outra vez. Portanto na minha adolescência eu ia sempre muito seguida, muito seguida. Duas vezes a Lisboa, sempre a fazer análises, isso tudo. Agora não. Agora tou estável, tá tudo bem, eles dizem que... só com a gravidez talvez possa, mas ...

Sentias-te diferente... dos outros meninos?

91 Quando, stora?

92 **Mesmo na escola.**

93 Não. Eu era muito acarinhada por todos. Eu lembro-me.

94 **As pessoas sabiam que tinhas esse problema?**

95 Sabiam. Sabiam e é muito engraçado que... toda a gente sabia, lá, na minha terra e as pessoas mais
96 velhas tinham muito cuidado comigo. Lembro-me muito bem disso. Lembro-me de pessoas que hoje...
97 que... que já têm a vida delas e lembro-me de eles terem muitos cuidados comigo. “E não empurrem a
98 ANDREIA! Tenham cuidado com a Andreia!”. Eu nunca me senti uma criança diferente das outras. Isso
99 não.

100 **Nem discriminada?**

101 Não, mas a minha mãe sentiu isso da parte dos pais. Foi muito engraçado. Que eu lembro de a minha
102 mãe ter uma... reunião... na escola, reuniões da escola e uma mãe não queria que eu fosse pra escola
103 porque tinha medo que o filho apanhasse aquilo que eu tinha. E a minha mãe disse: “então, mas acha
104 que se a minha filha tivesse uma doença que viesse prejudicar os outros, ela ia pra escola?”, não é? Mas
105 a minha mãe sentiu isso da parte dos pais. Mas eu nunca senti isso. Nunca.

106 **E afectou-te na escola... na aprendizagem?**

107 Não. Sempre tive o meu percurso normal, porque foi uma doença que não... não sentia sequelas em
108 mim. Eu tinha que fazer os tratamentos, tinha... ah! Não podia comer doces, tinha uma dieta muito
109 rigorosa. Nem nada de sal, nada de doces. Era só à base de grelhados, arroz, massas, sopa.

110 **Mas conseguiste conciliar os tratamentos e as idas ao hospital com a escola?**

111 Sim, sempre. Sempre. Eu, por acaso, sempre tive... porque também houve... eu... a parte... de... mais ...
112 do... depois da minha doença... foi quando eu ainda não andava na escola. Depois... à tarde tinha
113 sempre tratamento, tinha que ter cuidado e... coiso, mas de resto tudo bem. Nunca... senti que nunca me
114 prejudiquei. Talvez se eu tivesse esta doença... na primária, ou... na Básica... isso sim, isso tinha-me
115 prejudicado, mas assim não. Eu até digo, eu falo da minha doença e eu não tenho más recordações. É
116 engraçado, porque, normalmente, as pessoas... porque eu, eu digo... eu lembro-me muito bem de andar
117 no hospital, ser acarinhada... ainda hoje, eu vou ao hospital e as pessoas conhecem-me. É muito giro.
118 Muita gente diz: “Andreia, tens que ir lá à Pediatria pa gente te ver. E, às vezes, vejo enfermeiras que...
119 conhecem a minha mãe, não me conhecem a mim, a dizer: “Como é que a Andreia cresceu!”. É verdade!
120 Porque eu era uma meniNlnha e depois muito louRlnha, com caracoLlnhos e com tudo e elas gostavam
121 muito de mim. E eu passei ali muito tempo e as pessoas afeiçoaram-se ()

122 **Então e depois?**

123 Ah! Pronto. Depois? Ah! Depois... isto foi a parte da minha infância que foi pior, mas de resto tive sempre
124 um percurso da escola muito... muito... normal. Fui uma criança normal... sempre. Fui po liceu. O liceu
125 foi... aquela coisa... ali... foi mesmo (risos) ... agora é que eu acho que tenho que dizer, porque foi assim
126 (muitos risos): eu fui po liceu, mas começávamos as aulas à segunda-feira e no sábado antes apareceu-
127 me o período, pela minha primeira vez. E aquilo, pra mim, foi um drama. Eu não queria ter o período, nem
128 por nada na minha vida, eu detestava aquilo, eu não queria aquilo. É que não queria mesmo e foi o
129 choque de ir pa uma escola, pa uma turma que eu não conhecia, porque nós fomos três amigas pra lá e
130 as três amigas ficaram em turmas diferentes. A professora deve conhecer a Suse. Lembra-se da Suse? E
131 a Verónica? Éramos as três! Eu fiquei no sétimo C e elas ficaram noutro sétimo. E eu fiquei numa turma
132 onde só tava a Rita. Que a Ana Rita já conhecia do 5º e 6º ano. Mas a Ana Rita tinha... tinha a avó lá
133 perto e fiquei sozinha na escola. Lembro-me tão bem: eu detestei o liceu. Ao princípio eu NÃO gostava.
134 Foi muito mau, porque foi o acumular de tudo. Era ter o período, aquela insegurança, ir pra uma escola
135 NOVA, aquilo tudo, mas... depois habituei-me. Lembro-me que... as primeiras pessoas com quem falei foi

com a Diana e com o Igor. Eu tive... eu era muito amiga da Diana. Muito, muito mesmo. Nós... comecei a falar com eles, a nossa brincadeira, sempre na brincadeira, porque eles também iam no autocarro comigo. Pronto. E foi assim. Depois começou. Depois comecei a dar-me com os outros também. Depois integrei-me muito bem. Agora o resto (risos). Bem! SÉTIMO ano... depois começou... também começou o núcleo. Eu não andei no DPS. Eu andei sempre... andava sempre, andei sempre... tinha MORAL. Andei com eles... eu comecei, dava-me muito bem com a Diana, mas eu lembro-me que, ao principio... não me dava com as pessoas que me dou mais agora: Fábio, a Vanessa, a Patrícia, a Laeticia... a Laeticia ... não me lembro dela. Eu, sinceramente... sétimo, oitavo...eu tinha pessoas que... coiso... a Laeticia... não me lembro de coisas da Laeticia. Não sei. Passava muito... passava ao lado. Eu não me lembro. Pronto, eu dava-me muito com eles, depois começámos o núcleo e acho que foi no núcleo que eu comecei a falar mais com os outros, também. E depois eu enraizei-me muito mais aos outros. Depois começou as nossas festinhas, as nossas... muitas vezes nós falamos... e sétimo, oitavo e nono, pra mim, foram os meus melhores anos, porque foi onde eu agarrei as pessoas que tenho hoje, porque os meus melhores amigos são estes, que estão aqui. Porque, eu tive décimo, décimo primeiro, décimo segundo...sim, tive amizades, mas ...colegas. São colegas. Os meus amigos, e quando hoje em dia preciso de alguma coisa é... são lá que eu vou buscá-los, não é aos outros. Pronto e... marcou muito, muito mesmo. Porque nós... é que nós vivíamos as coisas... fazíamos coisas que ficam pa sempre e quando nós tivemos juntos, nós falámos sempre muita coisa. Quando nós íamos brincar pr'ali, pr'acolé, quando... quando nós íamos... quando não tínhamos aulas nós íamos po parque brincar, andar de barco... são coisas... que ficam sempre, sempre, sempre. Que nós vivíamos... Era tão engraçado que nós ríamos tanto, fazíamos tanta coisa e, ao fim ao cabo, fazíamos sempre as nossas coisas. Fomos uma das melhores turmas do liceu! Isso também marca! Isso também é bom! Os projectos que nós fizemos... Oh, stora... eu tenho...! No outro dia, quando vim cá no sábado, no domingo fui fazer limpeza a uma escrivanhinha que eu lá tinha. O que é que eu vou achar: uma agenda minha do oitavo ano a falar da área de Projecto. Porque nós começámos a fazer trabalhos era da área de projecto, não era?

Área-escola.

Área-escola! Exactamente! Área-escola, mas eu escrevi lá Área de Projecto! Oh, stora! Eu ria-me tanto de coisas que eu tinha lá escrito. Coisinhas nossas que... lembro-me que não pude... olhe, não pude ir a uma festa de Carnaval porque tinha qu'ir a uma consulta, em Lisboa e depois dizia: "Que chatice! ter qu'ir pa consulta e não não puder, e não puder ir à festa de Carnaval!" () foi muito engraçado tar a ler as coisas (), mas eu lembro-me de escrever lá sobre a área-escola, mas era sobre...Quando é que nós fizemos uma exposição numa sala? Lembra-se stora? Passámos filmes...foi no sétimo ano. Foi no nosso primeiro ano. Foi o ano em que nós ficámos mais ligados ... isso foi a nossa área-escola! Exactamente. Nós viemos fazer, viemos fazer... dançar! Eu ia dançar! O teatro! Qu'a mãe do Fábio fez... fez umas nuvens e umas coisas. Nós pintámos e depois no fim fizemos... quem era o sol? Era o Pedro Seixas, não era, stora?

O Pedro Seixas fez de palhaço.

Era palhaço! Com o Pedro Leal.

Então, mas... depois como foi o resto?

Então, pronto. Depois foi o nono ano. Foi a quebra. Lembro-me da nossa festa do nono ano. Até foi a professora Celeste Custódio com a menina dela, que nós... fartámo-nos de chorar. Chorei muito, muito e... porque é muito raro chorar e lembro-me de ter chorado tanto, porque era estranho... íamos... acabar ali aquela turma, ía pa uma turma que não conhecia e eu dou muito valor a isso. Tenho medo das pessoas que apanho. Não é... eu... se calhar, agora... já sei o que quero e não quero. Eu, quando fui pa Leiria até, eu tinha muito medo de encontrar pessoas que eu não me... que eu não me conseguisse

relacionar COM ELAS! Pessoas que não tivessem nada a ver comigo. Tive muito, muito medo. Era o meu problema. Lá... era isso, mas pronto. Fui pó décimo ano... décimo, décimo primeiro, escolhi (). Queria Humanidades. E fiquei com... o Diogo, com a Patrícia () ... pronto, depois... mas lá tá... Eu lembro-me... nós saíamos... nos intervalos íamos encontrar com todos na mesma.

Com todos?

Os do nono ano. Eu nunca... nunca me relacionei muito com as outras pessoas. Porque... Oh, pá! Eram pessoas diferentes! Eu nunca... não sei, eu agarrei-me muito ali. Eu sei que a gente SAÍA, íamos sempre, outra vez, ter com os outros.

Então e depois? Acabaste o décimo segundo...

Fiz décimo, décimo primeiro, décimo segundo. Repeti o décimo segundo, o ano passado, porque eu deixei disciplinas pa trás. Deixei Filosofia e Inglês, de décimo primeiro e Alemão, de décimo segundo. Fiz cinco disciplinas o ano passado. Fiz as minhas, as minhas piores. Fiz Português, Alemão e Sociologia. Sociologia era melhoria, a Português também. Fiz tudo e depois consegui.

E depois candidataste-te?

Candidatei-me na segunda fase, porque eu não passei o meu exame de Alemão. No segundo exame é que passei. Candidatei-me, na segunda fase, para Serviço Social, em Leiria; Educação Social e Animação cultural, na ESAD. Na minha ideia, eu entrava em Animação Cultural, porque a última pessoa que tinha entrado tinha dez, eu tinha média de treze! E eu: “Eu vou entrar! Eu entro”. Não entrámos. Nem eu, nem o Diogo entrámos em lado nenhum, porque nós éramos os únicos que távamos na mesma situação. Não entrámos em lado nenhum. Foi um choque. Foi muito mau, porque eu... pensei... que poderia... entrar! Pensei mesmo: “Ah! Se não entrar nas outras... ir pa Leiria não devo d’ir, mas na ESAD eu entro, quase de certeza”. Não entrei. Lembro-me que passei um dia todo a chorar. “E agora? O que é que eu vou fazer?”, porque sentíamos aquela coisa: “O que é que eu vou fazer agora? Vou trabalhar? Vou já trabalhar? Vou estudar? Não vou estudar? Então, já tenho o décimo segundo ano feito!”. Fiquei ali. Encontrei este curso por acaso, na Gazeta. Vi na Gazeta este curso: Serviço Social e Desenvolvimento Comunitário, que era uma coisa que eu queria. Fui pa net pesquisar, pesquisar, pesquisar. Pesquisei, tirei as folhas de inscrição, fiz tudo, pesquisei tudo, telefonei pra lá e vi que aquilo tinha que ir lá inscrever-me. Agarrei nas minhas perninhas, na outra semana, com os meus pais, fui lá inscrever-me. Tive uma hora... pa me inscrever, lá, lá, porque os senhores foram muito simpáticos, muito acessíveis e eu estava indecisa entre Serviço Social e Gestão Hoteleira, mas ainda bem que não... fui pa Gestão Hoteleira. Tive lá... pa trás e pa frente...ah! tá inscrito, tá inscrito. Depois tive à espera se entrava, não entrava e entrei. Entrei pa Leiria.

Olha, quando tu não conseguiste entrar em nenhum daqueles cursos que tinhas posto o que é que pensaste da escola? Pra quê que tinha servido a escola?

Oh, stora, eu não, não pus em causa isso. Porque eu tinha o meu décimo segundo no. Tinha o meu feito décimo segundo ano... eu não... Não era isso e... e eu tinha consciência que também não tinha uma média tão alta. Tava na expectativa de entrar, ou de poder entrar na ESAD. Tava mesmo na expectativa, mas não entrei. Eu senti-me mal... foi naquela: “O quê que eu vou fazer agora?”. Não foi pôr em causa a escola... porque...não foi mesmo pôr em causa. Mas “o quê que eu vou fazer agora? Vou trabalhar? Vou...”. Era mesmo... eu não sabia o quê que havia de fazer. Senti-me me inútil. Foi o que eu me senti, mas não me revoltei com a escola. Não pus em causa a escola. Eu lembro-me de não pôr. Mas se eu não entrasse num curso eu sei que ia pôr-me a trabalhar e não ia, não ia concorrer.

Olha, vamos falar um bocadinho do núcleo.

O núcleo apareceu na nossa idade, que acho que é uma idade fundamental, foi na adolescência. Foi quando nós... no sétimo ano eu andei... em Moral. Tinha... tinha... tivemos... a stora era a nossa

directora de turma. Tivemos a Área de projecto, tivemos isso tudo e o núcleo aparece no oitavo ano. Não foi stora? Eu ando muito à deriva com as data. E acho que... aparece... quando...quando é muito bom, quando nós começamos a pôr em questão certas coisas, e nós, no núcleo, lembro-me que nós tínhamos muitas respostas, respostas e... eu lembro-me que era sempre muito caladinha, mas tava sempre muito atenta às coisas e... e ainda vou buscar muita coisa do núcleo ainda hoje, principalmente no curso qu'eu tou hoje. Principalmente o voluntariado, que foi uma coisa que ficou mesmo muito, em mim, porque hoje... tenho feito muito voluntariado, tou em Leiria, também escolhi voluntariado. Isso é muito, muito bom e sentia-me muito bem. E... as nossas discussões, então, é uma das coisas que ficam pa sempre. E é... eu lembra-me... eu lembro-me tão bem disto. Eu, há bocado, quando tava a vir pa casa, quando tava a vir pra cá, tava a pensar nisto... Lembra-se quando eu escrevi uma carta à professora? Isto ficou-me pa sempre e é verdade. Eu lembro-me que... eu ouvia a stora a falar e ouvia a stora a falar de nós e tava-nos a ajudar e como nos entregava a nós. Eu via a stora... eu lembro-me da stora tar a dizer que nós devíamos arranjar um ponto de referência para ficarmos... pra seguirmos aquela pessoa e eu lembro-me que eu escolhi a professora. Lembro-me tão bem de escrever aquilo. E é muito verdade. Isso é muito importante, porque eu lembro-me, eu tenho a ideia da stora sempre a ajudar os outros e tar sempre muito aplicada aos outros e eu também sou um bocado assim. Não sou como a professora, é claro (muitos risos), mas... mas eu lembro-me de... ligar muito a isso e via a professora, e lembro-me muitas vezes de ver a professora NA ESCOLA a dizer OLÁ às outras pessoas e tudo. E lembra-me disso. E acho que é muito importante, principalmente, onde nós távamos, naquela idade que nós... e ali... ali nós púnhamos muita coisa em causa e falávamos e discutíamos e há certos, e hoje eu consigo, às vezes, discutir coisas e falar coisas com as pessoas que tenho colegas minhas que não são capazes de fazer isso. E consigo pôr em causa e consigo... olhar p'aquela pessoa... "aquela pessoa tem aquilo". E consigo ver mais ou menos. Inda, inda no outro dia... muito engraçado... e lembrei-me disto por causa do núcleo. Eu fiz voluntariado no Centro de Educação de Deficientes e eu tenho uma colega minha que é assim uma pessoa MUITO REVOLTADA, MUITO COISA, sempre... TÁ SEMPRE A RALHAR, SEMPRE A REFILAR e vim a descobrir que ela tinha um irmão deficiente e ela diz que... ela vai passar muitas vezes férias à Nazaré e que as pessoas, às vezes, quando olham pró irmão, ela diz que chega ao pé, ao pé das pessoas e que refila e que não têm nada que olhar pra ELE e porquê que as pessoas olham e porquê que as pessoas discriminam e porquê, porquê e sempre a refilar. E eu disse assim: "Mas...Oh, Sofia! Tu aceitas ter um irmão deficiente?". É que ela não aceita. Ela calou-se. E eu lembro-me de dizer... porque... e eu disse-lhe: "Olha, tu não tens que te preocupar com as outras pessoas. Tu, pra já, tens o teu irmão deficiente...eu fiz voluntariado no Centro de Educação Especial e senti-me lá tão bem! e fiquei com um valor dentro de mim. Eu, também, às vezes, se calhar, punha um bocado em causa... as coisas e não sabia, mas eu, NAQUELE momento... eu dizia sempre: quando entro o portão pa dentro é um mundo à parte. Nós sentimos que são pessoas com tanto valor, pessoas que, só com um simples sorriso, elas ficam felizes, são pessoas simples, pessoas que não ligam a nada, são pessoas completamente... completamente simples. Vivem a vida e de coisinhas pequeninas fazem tudo delas. Tu não tens que te importar com as outras pessoas, mas com o teu irmão. Tens de gostar do teu irmão. Tens de o aceitar como ele é. E...e acredita eu lembro-me que, quando tava no Centro de Educação Especial, tava a brincar com os meninos e tava um menino cadeira de rodas, que ele não podia brincar, e lembro-me de só olhar pra ele e rir e ele deu-me um sorriso! Nós estávamos a brincar com os outros, ele olhou pra nós e ele deu assim um sorriso, assim uma coisa! É o que basta! Ele não se rala com isso. tu não tens que te preocupar com os outros". E eu... senti... "Eh, lá! como é que eu consegui ir buscar isto?" e é verdade. Há muita coisa que eu passei e... muitas coisas que fazem hoje a pessoa que eu sou. E isto é muito importante.

Mas tu aderiste ao núcleo porquê?

Eu aderi ao núcleo porque os outros foram. Foi uma coisa. Porque era a professora, porque eu conhecia a professora e eu lembro-me de começar... de começar a ir, não foi? Há uns que já iam por causa do DPS, mas eu não conhecia nada! Não sabia nada do que se passava! Eu fui por eles dizerem: "Ah, Andreia! Aquilo é muito fixe. Nós falamos e... e não sei quê, não quê mais" e eu fui. Eu lembro-me que nós... ao princípio... não me consigo lembrar. Eu lembro-me que nós tínhamos... o primeiro núcleo era naquela sala onde tínhamos Geografia. Nunca me esqueço. Aquela sala muita branca, com muita luz. Lembro-me que nós tínhamos lá. Fazíamos aqueles joGUInhos. Não tenho muito a noção do núcleo. Tenho mais do núcleo pró fim. Lembro-me ... lembro-me das cartas, lembro-me de muita coisa. Lembro-me de sair de lá a chorar. Lembro-me... cada vez que saía do núcleo, ia no autocarro, sempre a pensar nas coisas que se passavam lá, eu lembro-me muitas vezes, porque eu fazia uma hora de autocarro, e a gente vê, víamos os outros a chorar, com os problemas dos outros, víamos... pessoas a rir, víamos pessoas que ... nós, ali, falávamos de tudo. Parecia que era uma coisa à parte da escola, também. Era aquela sala... vamos entrar ali... conhecemos as pessoas... problemas que as pessoas tinham que nós... não sabíamos... que víamos na escola e não sabíamos. Coisas... como é que=acho que é importante é... como é que... as pessoas chegavam lá e tanto que se abriam! Não é? E () nós falávamos sempre! É muito bom aquilo que se cria no núcleo. O à vontade. E é muito engraçado que eu acho que há muitas pessoas, como a Ana Rita. Ela chegou aqui e começou a chorar, porque ela tem necessidade de ter aquele espaço, ali, que só dá atenção a nós. Acho que é muito importante.

E tu achas que as pessoas chegavam lá e falavam, aquilo tudo acontecia porquê?

Porque CRIA-SE! Eu não sei stora. Era o à vontade que nós tínhamos. Porque nós sabíamos qu' íamos po núcleo e que íamos falar sobre as coisas, e qu' íamos debater as coisas. Também a stora. A stora sempre... lá... a batalhar aLI, a batalhar acoLÁ, mas é.. era fundamental haver ali aquele... é que nós sentíamos aquele espaço! Coisas que... que nós, até num grupo de amigos, às vezes, contamos a uma pessoa, ou duas, ou três podíamos falar. Não falávamos! Mas nós íamos po núcleo e falávamos.

E isso ... mudava a forma de ver os outros?

Não. Pra mim não. Pra mim via as pessoas completamente iguais. Mas não é isso... não é isso que tá em questão. Eu não tou a conseguir... eu não é: "eh! Agora aquela pessoa...". Não! Pra mim tem muito mais valor. Pra mim, o que ouvia lá tinha muito valor, porque se cria... cria-se ali uma coisa... IMPORTANTE! Não sei! Um à vontade. As pessoas sentem-se bem.

O que é que o núcleo te ensinou?

O núcleo ensinou-me muita coisa. Ensinou-me muita, muita coisa. Coisas base ...acho que é muito giro...lá tá, é estrutura. É estrutura que nós temos hoje. ensinou ... ensinou-me... eu acho que nós... ensinou-me... a ouvir... muito... a ouvir. Tar a ouvir as pessoas e... respeitar as pessoas, mas isso, eu sempre vi, no núcleo, mas ensinou-me... cá as coisas pra mim. Eu lembro-me... eu sou muito cá reservada pra mim, sinto as coisas muito pra mim. Isto pra mim foi muito importante, era o qu'eu dizia: que eu lembro-me de sair do núcleo... eu sempre fui muito calada e não falava muito, mas lembro-me de sair do núcleo e ir a pensar... a pensar nas coisas. Isso vai mexendo c' as coisas cá dentro. E vamos crescendo... Eu lembro-me que: "olha, se calhar...pensava assim, mas isto e isto". Há muita coisa! Eu lembro-me de nós falarmos muito de problemas como anorexia... coisas que... hoje tenho uma opinião sobre as coisas e sei! E tenho mais aquela ... faz-me crescer com uma personalidade melhor e acho que isso foi quase ... o que se passou com as pessoas do núcleo. Nós... acho que temos uma personalidade... simples.

Mas a escola só, por si, imagina... sem o núcleo, não dá esse tipo... (interrupção)

315 Há certas coisas que não... certas coisas que se passaram lá qu' acho que não... Porque nós...sim. Eu
316 só sou a pessoa que sou, porque tive naquela escola e porque encontrei aquelas pessoas, mas se calhar
317 há certas coisas que nós podíamos... acho que o núcleo segurou-nos muito. Manteu-nos muito. E acho
318 qu' é muito importante. E pra mim foi. E pra muitas pessoas foi muito importante.

319 **Quanto tempo andaste no núcleo?**

320 Andei muitos anos. Três, quatro anos. Sé... sétimo não. Oitavo, nono... ai, stora! Eu sou uma baralhação
321 em datas! Décimo, décimo, primeiro, décimo segundo e o ano passado. Seis anos. Eu vou ser sincera: Eu
322 aderi muito ao núcleo pela professora ser nossa professora e por ser nossa directora do sétimo ano e eu
323 conhecer a professora e, depois, o DPS e fui.

324 **Mas não eras obrigada a lá ir!**

325 Exactamente, mas eu ia sempre.

326 **Porquê que tu ias sempre?**

327 Oh stora, é o que eu digo. É aquele espaço... nós sentíamos bem. É uma coisa à parte da escola.
328 Aprendíamos muita coisa e ouvíamos muitas coisas... e coisinhas que nos fazem sentir o que nós somos
329 hoje. DAR VALOR A NÓS! O nosso trabalho de auto estima... eu acho que isso é muito importante. E é
330 muito importante e acho que o núcleo TAMBÉM NÃO DEVERIA SER UMA COISA ABERTA P'À ESCOLA
331 TODA, porque... não... não... perde-se a essência do núcleo. Percebe, professora? Acho que... é bom
332 haver aqueles grupinhos como... grupos pequenos. E... é assim: acho que toda a gente devia de
333 passar... É verdade. Muita gente devia d'ir. Mas que há muita gente que ... que não sei. Perdia muito a
334 essência do núcleo se fosse aquela gente toda... numa escola, mas acho que é fundamental haver
335 sempre o núcleo quando as pessoas... possam ir ().

336 **Mas lá está... é uma coisa voluntária...**

337 É uma coisa voluntária. Sim, sim. Não haver uma coisa obrigatória d'ir ao núcleo. Ser voluntário.

338 **Mas... vocês aprendiam... o que queriam, ou não?**

339 Claro, porque nós aprendíamos as coisa e, depois, nós, por dentro, é que púnhamos em causa as coisas
340 e aprendíamos as coisas. Eu cresci assim. Eu aprendi assim... porque... eu ouvia as coisas no núcleo,
341 ouvia tudo, e lembro-me de pensar pra mim... e era... as coisas que... depois, a gente cá dentro, é que
342 mexe as coisas. Não é? () E tem que ser uma coisa voluntária. As pessoas têm qu'ir porque querem.
343 Ouvem porque querem, aprendem porque querem. Tem que ser uma coisa voluntária. Mas cresce-se
344 sempre.

345 **Mas tu distingues o núcleo, da escola?**

346 Sim.

347 **Onde é que tu vês a maior diferença entre o núcleo e a escola? Ou, o que é que te leva a fazer essa
348 distinção? Porque o núcleo tava na escola!**

349 Tava na escola! Exactamente. Mas por tar na escola não fazia parte da escola. Não! Faz parte da escola.
350 Faz parte da escola, porque se eu não andasse na escola não tinha ido ao núcleo, mas era... era uma
351 coisa à parte, porque... era voluntário. Pra já, eu ia se queria. Eu ia sempre. Também, se as aulas fossem
352 voluntárias eu também ia às aulas. Também não tem a ver. Mas... era um espaço em que nós... não sei,
353 stora! É muito diferente de uma sala d'aula. Pra mim, tanto ser ali na escola, ou ser noutro sítio, eu ia na
354 mesma. Percebe, stora? Era uma coisa que... é importante. Eu acho que é... eu aprendi muito.

355 **Porque que tu dizes que é muito diferente de uma sala d'aula?**

356 Pra mim é diferente. Era muito diferente, porque eu tinha Moral, depois nas últimas sessões, também
357 naquela sala. Eu tinha Moral naquela sala e, pra mim, aquilo... eu ia pra Moral, entrava aquela porta, era
358 completamente diferente de quando ia pró... para... para o núcleo.

359 **Mas porquê que numa sala de aula não se pode criar o mesmo tipo de ambiente?**

Não sei. Pra mim é impossível. Depende. Mas eu acho que não. Não, não é possível. (Riso). Oh, stora! É muito... é muito diferente. Nós... numa sala d'aula, eu não sei... é aquela cooisa, o respeito. Professooooo. Nós temos que tar com atençãao. Temos que fazer as coisinhas da escola, todos os dias, não sei quê, não sei que mais. Lá não! Era completamente diferente. Não sei. Eu sentia-me... eu sentia-me diferente. Eu não ia pa ir pa uma aula. Eu não tinha o espírito de ir pa uma aula. Eu tinha o espírito... era mesmo... entrava na sala... “vamos lá ver o que é que vai sair hoje daqui. O que é que vamos, o que é que vamos falar hoje?”

E esse elemento de surpresa era importante? Também te cativava?

Exactamente. Talvez, também, por isso. Porque era sempre uma coisa diferente. Passava-se coisas completamente diferentes sempre. Havia sempre uma coisa diferente. Ou hoje uma pessoa que falava mais, hoje uma pessoa que falava menos. Um tema mais interessante, um tema menos interessante. Tudo! Eu lembro-me muito bem das sessões de auto estima. Lembro-me que até lá não sabia o que era auto estima. Não sabia mesmo e... e, hoje, isso é fundamental. É muito importante. Lembro-me de muitas coisas que nós fizemos que eu tenho tudo guardadinho numa caixa (sorriso) e, de vez, em quando vou ver. São coisas importantes e, pra hoje em dia, pra... e pra nós é muito importante. Há pessoas que não sabem o que é auto estima.

Pró mundo do trabalho, tu achas que aquilo que aprendeste no núcleo te é útil?

Oh, stora! Eu hoje tou... eu digo-vos, eu digo stora este ano é o ano em que eu tou a pôr em mais valor as coisas que eu aprendi no núcleo. É VERDADE e eu penso muitas vezes. ... Até me lembro ... na primeira vez de aulas... perguntaram-me porquê que eu fui po curso, porquê que eu escolhi aquele curso. Lembro-me... sozinha... montes de gente que eu não conhecia (riso). Olhei... tava muito nervosa... e lembro-me que () “Olhe, eu vim pra este curso...” porque é verdade, eu sempre... eu ...o voluntariado pra mim marcou muito. Adorei fazer voluntariado. Adorei, adorei, adorei. e disse que já tinha muitas experiências de voluntariado porque tinha feito. Que... tinha... feito o voluntariado ATRAVÉS do NÚCLEO. A professora... Núcleo? O que era isso? eu lembro-me que expliquei que era após escolar, em que nós debatíamos muitas coisas, púnhamos muitas coisas em questão, éramos um grupo, falei só assim, e que me deu, deu-nos possibilidade de fazer o voluntariado e, aí, é que, se calhar, comecei a ver exactamente o quê que eu queria, se era mesmo aquilo que eu queria, se eu gostava daquilo ou não. E... este curso... tem posto... é verdade! Tem posto muito em causa as coisas que nós... porque é um curso que mexe também muito com as pessoas... Serviço Social e Desenvolvimento... mexe muito com muitas pessoas! Eu tenho feito entrevistas a toxicodependentes... tou... vou fazer voluntariado com as prostitutas... tou a fazer muita coisa em que há muita relação com as pessoas e se nós não temos uma estrutura nossa, se nós não sabemos o que queremos e se nós não somos pessoas... estruturadas, não conseguimos... como é que nós conseguimos ter relação com as outras pessoas? E isso é muito importante. Acho que sim. É importante... o núcleo... ajudou-me a conhecer-me, a mim. A mim...às vezes... claro que há coisas que nós vamos descobrindo a pouco e pouco. Há coisas que... nós fazemos que nunca nos passava pela cabeça fazer... talvez... mas são coisas que nós... vamos aprendendo com as coisas ()

E teve influência na tua forma de ver os outros?

As pessoas? ahmmm Ajudou-me... eu antes= eu lembro-me que eu antes tinha muita coisa que era: “eh, pá! Não vou com a cara daquela pessoa! não quero ver aquela pessoa”. Hoje, não. Ajuda-me a ter... eu acho que... eu acho que, eu acho que tenho uma sensibilidade pa tar com as pessoas e gosto muito de comunicar com as pessoas. E É VERDADE... isto... é outra coisa... eu tou a adorar tar em Leiria, porque tá a ser uma experiência única. Eu tenho pessoas, na minha turma com montes de problemas. Montes, montes de problemas... eu não percebo! Eu não percebo! É que, às vezes, eu fico... eu fico assim... Eu

tenho uma colega minha... a minha mãe dela batia-lhe, o pai batia-lhe, ela tava em França, veio pa Portugal sozinha... ter com os tios, agora diz que tá a namorar com um rapaz... que o rapaz bate-lhe! Uma coisa! Ela diz que não sabe... e... é muito engraçado que eu vejo, às vezes, as pessoas a virem ter comigo PA FALAR! E eu sinto-me muito bem. Sinto-me muito bem, porque acho que as pessoas... vêm que ... NÃO SEI! Sentimo-nos bem a ver as pessoas a virem falar connosco por causa dos problemas e abrirem-se connosco.

E as diferenças das pessoas... assustam-te?

Não. Não. Ah, stora! Ainda... Na mesquita... fui à mesquita... que eu... é diferente, muito diferente. Tou habituada antes a ir à missa e é uma coisa completamente diferente, uma pessoa não tá a ver. Oh, stora! Senti-me tão bem lá! Gostei tanto de tar a falar com as outras pessoas. E... () achei tão giro. Eu tava lá... eu e as minha colegas, nós... lógico... pusemo-nos um bocadinho à parte. Eles tavam a fazer o culto. Uma senhora entrou lá e cumprimentou-nos a TODAS. Cumprimentou toda a gente. Achei tão giro! E eu gosto de lidar com as coisas diferentes, porque... nós... eu aprendi muito ali. Só o pouco tempo que tive ali. Vi uma oração... e é tão giro ver... as outras PESSOAS, por isso eu adorei lá tar! A diferença. As mulheres... só a diferença... se calhar, eu, era capaz de pôr em causa: “Fogo! Então, mas porquê que as mulheres vão lá pra cima e os homens tão cá em baixo?” e nós temos umas... grades. A stora já foi à mesquita? Tem uma gra... eu nunca tinha ido... temos umas grades pra olhar pra baixo. Eu, se calhar, há certas alturas=”mas porquê que as mulheres vão pra cima e os homens vêm pra baixo? Mas o que é isto?”. Mas não. Achei aquilo... respeitei, exactamente respeitei. É claro! Lógico. Por amor de Deus, mas... É giro! É= foi... adorei lá tar. É completamente diferente. E nós... fui à descoberta do que é aquilo e senti-me muito bem lá. E é bom a gente encontrar coisas diferentes... para aprendermos, para lidarmos com coisas diferentes e para... conseguirmos... crescer. Claro.

Tu falavas com a tua família sobre... as questões do núcleo?

Muita coisa. Eu falava muita coisa sobre, sobre... falava... havia muitos temas como... a auto estima, para nós darmos-nos valor e não sei quê... a minha mãe lembro-me... era aquela coisa... eu ficava, à tarde, na escola pa ir ao núcleo e a minha mãe, quando eu andava no oitavo ano, às vezes, punha em causa: “então, mas...?” eu, antes, lembro-me que nós tínhamos tarde livres. “Oh, mãe! Hoje vou ficar lá à tarde sem ser po núcleo!”. Ela punha em causa: “então vais ficar à tarde, porquê?” e eu: “oh, mãe! Vá lá! se calhar, vou...”, ou íamos ao cinema ou qualquer coisa, e eu lembro-me que ela às vezes “então, mas vais ficar lá a tarde?”, mas quando era para ir ao núcleo, quando era para fazer trabalhos do núcleo a minha mãe nunca me dizia nada! Porque ela sabia que aquilo era um espaço importante pra mim. E inda hoje falo muito do núcleo. Falo mesmo muito do núcleo e... e ela sa... ela sabe = eu lembro-me... isso era uma coisa que me marcava, essas coisas (sorriso). Só essa pequenininha coisa... via-se! que ela dava importância. E... A minha mãe sempre...eu, lembro-me, nós, eu... eu lembro-me de, às vezes...quando vinha do núcleo, à hora de jantar, falava-se certas coisas e era tema de debate da mesa como nós debatíamos, certas coisas que nós falávamos. Oh, pá! Oh, stora agora também não tenho as coisas assim, mas lembro-me de... de certas... coisas... por exemplo, tava a comer e lembrava-me: “olha, hoje passou isto no núcleo! ontem passou aquilo no núcleo! Tivemos a falar sobre aquilo. Tivemos a falar sobre a outra coisa” e pronto.

E a questão da confiança, no núcleo?

Isso é muito importante. E... talvez ... é isso... isso era a coisa que fazia as pessoas... irem LÁ e falar, porque havia sempre muita confiança. Isso era muito e importante. E sempre, eu nunca... lembro de falar muitas vezes do núcleo e de falar com a minha mãe e com o meu pai do núcleo, mas nunca falava de certas coisas que se passavam lá, porque acho que... não se devia dizer. Lembro-me de nunca dizer.

449 Coisas que... Muitas pessoas CHORAVAM. Muitas pessoas contavam coisas que... que eram... DELAS
450 e que nós ouvíamos e que nós tínhamos que respeitar.

451 **Às vezes, numa conversa ... nós ... escorregamos e... falamos. Isso não acontecia?**

452 Não. Porque nós falávamos de coisas que nós aprendíamos lá. Aprendíamos. Porque, nós aprendíamos
453 muito com os outros, mas... era dos outros. Eu dava mais importância às coisas que a professora dizia,
454 percebe? Porque... Acho que cada um tem que ser respeitado. Ele tava ali, dizia as coisas dele, dele e eu
455 também falei=disse muita coisa, aprendíamos, ouvíamos, mas não tínhamos que dizer.

456 **Mas porquê que davas mais importância àquilo que eu dizia?**

457 Pois é! Não sei. É verdade, E eu dava muita importância... eu lembro-me, eu dava muita importância
458 àquilo que professora dizia... porque as coisas que a stora=e lembro-me de tar sempre... às vezes,
459 perguntar coisas! As pessoas contavam, assim, as coisas que a stora perguntava.

460 **Mas sentias-te livre?**

461 Sim. Eu ouvia as coisas e, depois, pensava a opinião qu'eu tinha, a opinião que os outros tinham e tirava
462 as minhas conclusões. Eu lembro-me de fazer muito isso.

463 **Olha, tu... tu alguma vez te viste diferente dos outros por pertenceres a este grupo?**

464 Não.

465 **E os outros? Achas que te viam de uma maneira diferente? Sentias?**

466 Eu não sei. Não. Eu nunca me senti nada disso. Nunca senti... essa forma de pertencer ao núcleo. Ah!
467 Lembro-me de nós... nós tínhamos muito mais destaque! As nossas sessões que nós fazíamos... quando
468 as outras pessoas iam. Nós sentíamos, nós fazemos parte do núcleo, "nos organizámos isto!". Era muito
469 bom!

470 **E... neste tipo de grupos... tu vês aspectos negativos?**

471 Aspectos negativos! Não sei! ...acho que não, stora. Depende das pessoas. Depende da forma como as
472 pessoas entram lá e das pessoas que vão pra lá... porque as pessoas são muito diferentes.

473 **A tua participação no núcleo alterou a tua maneira de veres o outro lado da escola?**

474 O lado da escola, escola?

475 **Aulas, professores, aquilo que aprendias...**

476 Talvez sim. Talvez sim. Sim. Eu, eu... eu ligava, oh, stora! ... eu dava muito valor à professora! Ainda
477 dou. É verdade! E isto não é tar aqui a dizer pra parecer bem. Não é. Eu lembro-me de dar muito valor à
478 professora... e lembro-me... EU LEMBRO-ME MUITO BEM DE NAS AULAS DE GEOGRAFIA eu punha-
479 me sempre à frente... onde=tava=a stora e nas outras aulas eu não, eu sentia que... eu sempre, eu
480 sempre vi a escola... fui uma aluna sempre normal. Também nunca () mas talvez ... ajude a dar um
481 bocado também valor à escola e interpretar a escola d'outra maneira que não é só aquele sítio onde nós
482 vamos para... pronto. Porque, ao nós ao darmos valor às pessoas e darmos valor às outras coisas,
483 valorizamos, também, a escola.

484 **E o aprender?**

485 O aprender é muito importante também. Se o núcleo deu valor ao aprender?

486 Deu muito valor à cultura. Eu acho que sim. Porque nós lá tínhamos aquela coisa de tar: hoje é uma coisa
487 diferente, amanhã é outra coisa diferente e nós, eu gostava de saber isso e nós parece que temos aquela
488 coisa d'ir sempre pesquisando, sempre ouvindo os outros, ouvir com mais atenção os outros.

489 Dou muito valor... olha, é muito engraçado uma coisa que eu também me lembro (riso) é: eu não
490 conseguia olhar nos olhos das pessoas, e isto é muito importante. E há pessoas que não conseguem
491 olhar nos olhos. Eu lembro-me que, às vezes, há professores... eu tinha uma professora (riso) que não
492 me largava! A stora passava a aula a olhar pra mim (baixa a voz). Sempre! e havia... há pessoas que
493 começam a mexer nas coisas "eu não consigo", eu não. Eu não tenho problema em olhar nas pessoas.

Não tenho problema. Há pessoas que... que TÊM. E isso foi uma coisa que mudou isso em mim, também. E aprendi no núcleo. A olhar nos olhos das pessoas e é uma coisa que é muito importante e era uma coisa que eu não era capaz de fazer. Eu lembro-me... quando... oh! Ao princípio da escola... sétimo, oitava e nono eu fugia, eu fugia sempre com o olhar. Tinha medo. Mas não... porquê que há-de ter medo a gente de olhar pr'as pessoas? Porque, é fundamental olharmos pas pessoas pa percebermos as pessoas.

Tu tens um projecto de vida?

Oh professora... eu sou... assim muito... "eh, pá! Vamos!". Eu não gosto... eu não sou uma pessoa que projecta muita coisa. As coisas vão acontecendo. Vão acontecendo... porque... eu, às vezes, acredito que não seja bom projectarmos muito a nossa vida por causa de... entrar na universidade, porque eu fiz um projecto..." não é pa Leiria. Vou entrar para Animação Cultural, quase de certeza e pronto" e, depois, no fim... não aconteceu aquilo e eu fiquei... Não! não aconteceu? Vá. Partimos pa outra. Nunca, nunca na minha vida passou... a minha vida era: acabar o décimo segundo ano, ir pa universidade. Nunca pensei tirar um curso de técnica, muito mais prático e, no entanto, tou a adorar.

E o teu objectivo da universidade?

É isso. Isso... é uma coisa que... eu não sei o que vou fazer. Depende. Eu tou muito dependente do meu estágio. Muito dependente. Tou com medo do estágio porque... nós acabamos e depois temos o estágio. O estágio é que acho qu'ê fundamental. Eu não sei onde é que vou estagiar. Eu queria muito ir estagiar pa Lisboa. Muito. Porque é diferente, porque eu não conheço muito Lisboa, é lá que tá o núcleo das coisas (ri-se) e era lá que eu queria ir. Mas... é assim... o meu curso, não sei se há muita pessoa a vir pra lá, também, e, depois, é o que os meus professores também têm dito: o estágio é muita sorte. Depende. Ou a outra pessoa que nós vamos encontrar pa estagiar, porque há muitos estagiários que passam a tirar fotocópias e coisas, não é? E... depende... e... ando aqui... não sei. É que eu não sei. Eu posso ficar a trabalhar, também. Percebe, professora? Eu acho que, numa fase inicial, eu queria tirar o estágio... eu queria trabalhar... queria trabalhar.

Como é que tu encaras o teu futuro profissional? Vês-te a vida toda a fazer a mesma coisa?

Não, não me vejo a vida toda a fazer a mesma coisa. Eu...pra mim... é: eu, agora tou nisto, VAMO lá ver o que vem aí e vou... quero muito, muito fazer este curso. Quero muito estagiar. Tou com uma enorme coisa de'ir estagiar, de fazer o meu trabalho, porque depois no fim temos que apresentar () tou animada com isto, porque eu tou a adorar o meu curso. Quero ir estagiar e quero... eu não sei pra onde é que vou, mas tou muito animada. No fim do estágio é que eu vou decidir. Se ficar a trabalhar, se conseguir ter a hipótese de ficar a trabalhar, eu fico a trabalhar e a universidade tá lá. Eu quero... ainda tou... ou se eu não ficar a trabalhar vou pa universidade, ou começo a trabalhar e depois vou pa universidade.

Qual é a importância, pra ti, de ir pra universidade?

É importante. Acho que é muito importante, porque... nós... pra já também vou ter uma especialização muito maior do curso, não é? Que é uma coisa que eu quero e é ...nós aprendemos muito mais lá. Temos muitas mais (pessoas e no Estado é que é) muito bom e, no entanto, uma pessoa que tem um curso, e também temos que ver estas coisas, eu, com o meu curso, quem tiver um curso superior a mim, lógico que passa... por mim, não é? não é, não vou tirar um curso, passar por cima dos outros, mas lógico que... é muito bom o conhecimento. Também nos faz... temos mais uma garantia. É uma garantia muito maior.

Qual é a vantagem do conhecimento?

(riso) É assim: porque é verdade... o conhecimento é muito importante pra nós, para nós conhecermos as coisas. O poder do conhecimento, realmente nunca tinha pensado... estou a pensar agora... o poder do conhecimento... é pra nós... aprendermos... eu vejo muito isto com o meu curso, que estou a tirar agora,

539 porque é fundamental nós conhecermos as coisas. Como Direito. Eu vou dar um exemplo: como Direito...
540 eh, pá! Que seca! Que seca que é o Direito, mas aquilo é fundamental no nosso curso pra nós
541 aprendermos, porque nós sem Direito não conseguimos ajudar a outra pessoa, porque temos que
542 conhecer... as coisas, temos que saber. Como Serviço Social, nós temos todos Serviço Social. História
543 do Serviço Social... aquilo é uma seca, mas é bom nós aprendermos.

Entrevista nº 3

Data de realização 2007/ 04/ 09

- Nacionalidade

Brasileira

- Idade

20 Anos

- Nível de escolaridade

A frequentar o 1º ano da licenciatura em Antropologia pelo ISCTE

- Onde vive /com quem vive

Caldas da Rainha: com os tios

Lisboa: com amigos estudantes

- Posição perante a religião

Protestante

- Pais divorciados

- Grau de instrução da mãe/do pai

Mãe – secundário incompleto

Pai – secundário

- Profissão mãe/pai

Mãe – doméstica

Pai – taxista

Padrasto – engenheiro

Eu queria pedir-te que fizesses uma descrição, mais ou menos breve, do teu percurso de vida. Onde tu nasceste, como é que foóooi, até agora.

Até agora? De uma forma rápida. Muito rápida?

Mais ou menos rápida. Também não digas: “nasci aqui e agora estou aqui” (muitos risos).

Eu nasci no Brasil (risos). Nasci no Rio de Janeiro. Minha mãe foi uma mãe... assim, ela me teve muito nova... muito nova... pra mim é muito nova... dezasseis anos. E, por ser muito nova era muito inexperiente. E por ser muito inexperiente não, não, não... não soube como cuidar... e não... não teve atenção, às vezes, a muita coisa. Depois, houve muita coisa que me fez muita falta. Vivi com os meus avós, depois vivi com os meus tios... e vivi com os meus avós... Vivi com a minha mãe um ano, assim... dos cinco aos seis anos. Depois, vivi novamente, eu só fui viver, voltar a viver com a minha mãe, mesmo, aos nove anos. E quando eu tinha nove anos ela já tava no segundo casamento... E... tinha outra vida. Nesse tempo todo ela ficou divorciada do meu pai. () divorciou-se. Desde que os meus pais... Eu nunca vivi com o meu pai. Eu nunca... eu não sei...o que é () dormir com ele, viver dentro da mesma casa. Nunca... pronto. Mas sempre, sempre mantive aquela situação... aquela, aquela, aquela relação... “Ai!... Aquele é o meu pai! Mas não: é o meu pai! Não tem mais características de pai. É. É meu pai. Olha (encolhe os ombros) ”. Não era, não era uma relação nem muito doce mas também não era amarga. Não tinha raiva. Não tinha raiva de meu pai. Era qualquer coisa... não tava lá, mas, também, não fazia questão que tivesse. Era muito inexperiente o meu pai. Muito. Não ficava alegre quando via o meu pai, mas também não ficava triste. E isso, às vezes, é muito mau, porque... às vezes dizem que o contrário do amor é o ódio, mas eu acho que é indiferença... é mesmo indiferença. Resumindo: convivi com a minha mãe e não sei quê e tive, tive, tive... a, hum... Quando era pequena, eu achava... Por dentro de mim havia aquela coisa: porquê que eu não fui criada com o meu pai? Porquê que eu não tive a minha casa com meu pai, minha mãe? E aquela casa que os meus amigos tinham! Que era tudo perfeito! Eles nasceram no mesmo sítio e tavam no mesmo sítio! E eu não. E o meu padrasto, como era engenheiro agrônomo, viajava muito. Fazia muito trabalho em vários estados. Então, eu viajava com, com minha mãe. Então, cheguei a viver em cidades diferentes, em estados diferentes do Brasil. Ahm, e isso foi-me dando uma coisa que eu tenho hoje=eu só entendo isso hoje! Porque fui ganhando... eu já estava, estava... em um ano eu estava em três escolas diferentes, então eu tive qu'APRENDER a chegar num lugar e conversar e fazer um colega, saber fazer um amigo. Saber me virar, dar o meu jeito, senão eu ia sofrer. Eu=eu=eu podia, eu tive esse pensamento desde muito nova: “Pá! vou ter de dar um jeito senão eu vou ser infeliz. Vou sentir saudade dos meus avós=não sei quê. Eu tenho que, que criar um ambiente aqui pra... pra sentir que tá tudo bem.” E ... assim... foi. Então... quando.... mas era engraçado que eu mesmo assim, eu mesmo muito... muito, muito novinha, eu já tinha aquela, aquele, aquele pensamento de que queria estudar fora “Ai, não queria ficar aqui, não queria... porque tinha... não tinha também um relacionamento muito bom com a minha mãe. Fui-me adaptando. Fui-me adaptando a ela... não sei quê. Ela e o meu padrasto discutiam muito. Muito. Era um casal que brigava de mais, de mais. E depois eu fiz=eu tive uma... uma... atitude menos boa. Eu não gostei do que eu fiz, mas, ao mesmo tempo, tamém... uma vez os vi brigando e abri a porta do quarto, interrompi a briga e disse: “eu quero ir embora daqui! Nesta casa não fico”. E... e minha mãe... “Não, mas...eu quero ir embora! Não fico aqui. Assim não”. A minha... eu era muito pequena pra tomar... eles, eles... parece que ali, naquela hora, aquela pessoa que interrompeu não era uma criança, parecia que era, que era... eu senti isso neles... que parecia alguém da idade deles a dizer: “o que é que vocês estão fazendo? Isso aqui é a vossa casa! É o lar! é a família! Se a gente não se entende, se a gente não se dá bem, o que é que a gente está trazendo pra fora? É mentira! é hipocrisia! Se em casa as coisas não funcionam... eu sempre penso assim... se dentro de casa a gente não tem um bom relacionamento é... pra mim... não é que (), mas pra mim...

desequilibra, desequilibra, e pronto. Mas continuei vivendo com eles e voltámos pró Rio de Janeiro à mesma. Voltamos pró Rio e um dia cheguei (interrupção pela chegada de um sms).

Está tudo bem?

Tá tudo bem (risos) ... e quando nós voltámos pró Rio a minha mãe ficou muito doente. Muito... muito doente. Quase a morrer. E eu lembro naquele dia... Faltava... pouco tempo pra nós voltarmos pró Rio de Janeiro. Nós estávamos em outro Estado. E quando faltava=tava tudo certo, tudo marcado, vendemos a casa e minha mãe... e eu quase perdendo minha mãe. E...e eu lembro perfeitamente, num dia em que ela tava () ... ela tava... ela=os médicos não detectavam nada, mas ela... minha mãe por dentro parecia que tavam a enfiar facas na barriga. Era uma coisa horrível. Minha mãe gritava, gritava. Era dor, era dor, era muita dor! E mesmo não tendo vivido muito tempo com ela... eu peguei, eu peguei um amor mais forte pela minha mãe quando ela ficou doente, porque eu vi que ela não podia morrer. Não podia perder minha mãe. E, eu lembro...é a imagem que eu tenho, eu e meu padrasto assim, do lado de fora do hospital, e... e eu disse...eu vou dizer, porque eu tou falando de mim eu tenho de dizer aquilo que eu sou e, aquilo que eu acredito. Eu falei: "Pai!", falei pró meu Deus. Falei: "Ela não perco! Não posso perdê-la. Não posso perdê-la porque eu vivi muito tempo longe dela e hoje, quando eu posso tar com ela...hoje... é assim..."É=É=É Era uma coisa que eu tinha prazer: chegar na escola e falar: "AH! MINHA MÃE VEM ME BUSCAR!"... eu nunca tive isso. A minha avó... no Dia da Mãe era minha avó que ia sempre (nas vezes de minha mãe). EU QUERIA MINHA MÃE! NÃO QUERIA MINHA AVÓ! Gostava da minha avó...eu queria minha mãe. E quando eu pude estar com a minha mãe... minha mãe estava... pscht! (e faz um gesto com a mão a indicar que a mãe se estava a apagar) ... a ir embora! E eu fui... "Não! Eu quero a minha mãe! Ela não morre. Ela não morrer. Pai! Por favor, não deixe que minha mãe se vá porque eu preciso muito dela". Não sou, não... apesar assim de, de ela ter, de ela ter, em nova ter cometido assim... não ter cuidado de mim, não era... () e aconteceu... a coisa mais incrível... que foi naquela noite. Eu tava em casa... e ligaram do hospital. () meu padrasto e falaram assim: "Eu não sei o que aconteceu com aquela paciente! Ela levantou e tava boa!"... à noite (emocionou-se, Funga) e ela... minha mãe não tinha nada! Definitivamente nada. Nada. () E nós voltamos pró Rio e... a família toda ficou assim... (nunca tinha visto) era um milagre... a minha mãe, de um dia pra outro...e pronto. E fomos pró Rio eeeee e eles dois também assim e eu... Meu Deus! () Eu tenho um irmão, mais novo do que eu... e pronto. Fomos levando, eu e o meu irmão fomos crescendo. Assim, lá em casa... o que foi acontecendo com minha mãe e meu padrasto foi... eles foram virando... eles discutiam menos. Resolveram não discutir, mas viverem... dois estranhos na mesma casa. E eu... eu cheguei um tempo em que eu tinha uma reacção assim... eu aproveitava os modelos dos meus pais e dizia: "Isso não vai acontecer comigo! Isso não vai acontecer comigo". Só que cada um tem o seu percurso, tem a sua história. Também não posso fazer disso um... assim algo pra, pra... não sei, não sei. Às vezes, a pessoa tem tendência "Ah! Não aconteceu com ele então também não vai acontecer comigo, porque eu não quero aquele mal". Só que... quem sabe se não vai acontecer comigo amanhã? A gente muda tanto. A cabeça muda tanto. Tanta coisa. (..) e pronto. E o tempo passava e, e um dia eu cheguei pra minha mãe e pró meu padrasto e falei assim: "Olha, eu quero estudar fora". Eu tinha dezasseis anos, e a minha mãe: "Minha filha, lá vem você com a mania de grandeza, Carolina. Pra quê, minha filha? Você tem tudo". – "Oh! Mãe!" Eu, eu queria uma coisa diferente. Eu queria. Eu tava, eu tava... a.... (pausa) Eu tinha necessidade de sair de casa e fiquei procurando coisas pra () pra sair dali. Porque não era, não era, não era o relacionamento... era o ambiente da casa. Eu não aguentava aquilo. Não aguentava. Eu me achava incapaz. Eu=eu não conseguia! Não conseguia. Era, era... era horrível. ERA HORRIVEL... NÃO, não era o ambiente, não era... nós não discutíamos. Não era isso. Pior que isso. Numa discussão costuma haver vida (riso), mas quando já não se toca nas coi, no assunto, quando se finge que as coisas não acontecem! Eu () tenho sangue na veia, eu tenho

vida e eu: "Ah! Não aguento mais isso". E, assim, vim viver com os meus tios, em Portugal, aqui. Eu já tinha sido criada por eles, lá. Por isso que tive aquela... assim, é, eu fiz... eu tinha parentes em outro lugar, só que preferi vir pra cá, porque eram pessoas que eu conhecia, era gente que eu já tinha fidelidade, ligação, amor, já tava em casa. Eu achava. Tava em casa. E vim. E, e... e quando eu cheguei... eu adorei a cidade, eu adorei Portugal. Achei tudo lindo, mas... UAU!

Vieste cá pr'as Caldas?

Para as Caldas. Cheguei às Caldas de manhã. "Meu Deus! Isto é o máximo!" (a rir). Eu achei tudo tão fofo, tão querido, tão fofinho. E aí... e... que... eu... eu, às vezes, digo que foi a melhor escolha que eu fiz. Acho que eu nunca acertei tanto. Eu nunca acertei tanto. "Oh! Deus! Obrigada porque...". Foi ali, foi a fatia certa. Foi no tempo certo. E, quando eu=quando eu cheguei aqui, é... eu, de início, os meus tios ainda... nós nos revemos e foi muito bonito, mas depois começou a convivência. Depois começaram a ver os defeitos, as qualidades...mas TEMOS que conviver juntos. E os meus tios são um exemplo de família () são família. Mesmo. Família (risos) ... a maneira como eles conversam, como eles partilham, tudo. E aquilo foi, foi me cativando, porque foi... era uma coisa que eu não tinha. E eu achei o máximo. Então, a maior parte das vezes, eu ficava mirando aquilo tudo, mas não... "mas não faço parte! Eu sou sobrinha!" e depois eu vi nos meus tios a necessidade de quebrar isso e "Não! Eu sou filha! Sou filha". E foi, e foi... foi muita coisa. Foi eu ter que, foi aprender a viver numa família diferente e pra mim... a escola... aí...foi, entrou assim... foi mesmo... foi=uma festa, porque foi aquilo que eu vim buscar. Apesar de todas as aventuras, de tudo o que houve na minha cabeça, eu vim pra estudar. Então... é... entrar numa escola... falando... pronto! Pode ser a mesma língua, mas falando com=com, com outro sotaque. Sendo, tendo uma cultura completamente diferente, tendo jeito... "Meu Deus, essa rotina. Eu sou tão diferente deles. Agora! Como é que vai ser?" Não, vam'embora. Eu sabia que tinha que haver esforço. Isso sempre soube. Era... eles eram muito diferen, podiam ser muito diferentes de mim, podiam ter costumes diferentes, mas o esforço que eu fiz foi meu, que eu sei que fiz. Só que agora a uma escala maior. Agora com uma dificuldade diferente e... e no início eu falava assim: "ai! Mas eu tou deserta...". Aquilo correu... pior não podia (bate as mãos). E... eu chorei, eu chorei, eu chorei. E houve uma professora que me disse... houve uma professora que me diz: "Tu estás perdida, querida!", julgou que eu tava perdida. Oh! Obrigada pela informação (muitos risos). Eu estou mesmo perdida, estou mesmo perdida...pensava assim. E, uma vez, eu tava voltando, saindo da escola, estava já anoitecendo e... e eu parei pra pensar e fiz assim: "Eu não posso dar outra, outra hipótese. Não pode ser não. Tem que ser, sim. Tem que dar certo. E quando eu pensei, nesse dia, ir embora eu falei assim: " Eu vou em casa. Eu vou fazer as malas. Acho que eu vou embora." E cheguei em casa olhava, eu já tinha o bilhete de volta e eu olhava pra mala e olhava pras coisas e pensava: "Vou embora. Eu tenho que ir embora, eu tenho que ir embora. Já não vai dar, porque"... Eu sabia que ia custar, eu já tinha noção e eu não sabia se estava disposta a pagar aquele preço todo. Ter de aguentar engolir aquelas coisas todas. Ter de me submeter a muita coisa... e ... e uma coisa que, às vezes... o ser humano não entende que é, é muito melhor você esperar o tempo certo pra implantar as coisas do que querer estabelecer tudo de uma vez. Então eu comecei a perceber que eu tinha que... que tentar e observar mais... e ouvir mais e... Não era que eu não tinha que me mostrar, não é isso...mas eu tive ... que aprender a ser humilde, a ser mais humilde, a ser mais simples nas coisas. Tive que engolir muita coisa. Conseguir ouvir (). E pronto, eu falei assim. E uma das coisas que me fazia ficar era porque a decisão foi minha e eu não aceitava que aquilo voltasse pr'atrás. Não me dei essa chance. Voltar não. Se=os=meuspais=tivessem =mandado=eu=tinha=voltado, mas fui eu que escolhi. Então... então, eu resolvi que a solução... era do tempo. Vou tentar mais um período e vamos ver como é que vai ser e... e eu lembro que a professora Alcida numa aula falou comigo: "Olha, Carolina! Ele tem um grupo assim=assim=assim, que tá aqui na escola, eles se reúnem na sala

dez, aqui ao lado, eu estava na sala doze, olha é a professora... eu acho que vai gostar muito dela. É muito simpática, eles falam sobre várias coisas, eles não sei quê” e eu lembro que quando saí da sala a primeira imagem que eu tenho da malta do núcleo é, quando eu saio da sala, deu o toque, eu vi o Fábio vestido com uma caixa, uma coisa assim e os outros a empurrarem “VÁ! ANDA, NÃO SEI QUÊ.” e eu: “Aquilo é o núcleo?” (Gargalhadas), mas eu cheguei na sala, o pessoal estava todo descontraído, toda a gente na boa e pronto. E eu lembro, e eu lembro... era um dia de chuva. Estava a chover e eu entrei e fiquei muito caladinha e falei: “vamo ver o que que sai daqui!” é co=como eu disse no dia da reunião: pra mim foi uma questão de necessidade. PRECISAVA! Precisava de tar ali. Precisava mesmo. E pronto. E eu lembro da resposta que eu dei. A professora assim: (tens ideia de seguir algum curso assim... de História). E eu assim: “História!”, que eu gostava muito de História. Depois deixei de gostar (riso). E...e...

Mas fala, fala do núcleo.

Posso falar?

Convém (risos).

E aquilo que eu sentia era... era, eu=eu=eu=eu... aquilo dentro de mim já não...eu sentia um desejo muito grande, muito grande de tar ali! Porque era...eu não via os resultados na hora. Eu queria tudo, às vezes, à pressa, eu queria que tudo corresse muito bem e, às vezes, eu queria, eu só queria sentar e conversar. Porquê que não dá certo? Porquê que não sei quê? Só que não conseguia chegar até aos meus tios e... e falar tudo isso... porque também achava que era peso de mais em cima deles. Eles já me cuidam, já tão aqui a ser responsáveis sobre mim e eu chego em casa a resmungar sobre a vida? Dizer que não gostei, de isso, na escola? Dizer que não achei, aquilo, interessante? Que eu quero me ir embora? Eles estão a fazer um sacrifício por mim e eu acho que... que falar é, conversar sobre isso era... era jogar assim (bate com uma mão na outra) um balde de água fria. Foi! Era a sensação que eu tinha lá. Hoje em dia não. Hoje em dia acho até que era saudável se eu sentasse e conversasse com eles: “Olha! Tá sendo difícil!” Não. Eu era impenetrável. Eu era...tava tudo bem, tudo ótimo, porque eu tenho=eu tenho=eu tenho muita dificuldade de falar das coisas que eu acho me estão acontecendo. Fujo=completamente=do=assunto. Não falo nada. Quando aquilo passou...acabou? Então, agora, posso falar nisso. Agora me sentia bem. Então, eu tava a sentir aquilo tudo. Era um turbilhão de coisas dentro de mim. Será que vai dar certo? Será que não vai? Devo continuar? Devo parar? Ai. O que é que eu acho desta escola? O que é que eu não acho? Pronto. Não comentava isso em casa. E... e era... e ao mesmo tempo que eu tinha necessidade de ir pró núcleo era... ai era uma hora... era...era... era onde eu falava. Era onde eu fazia, era o que eu fazia... que não fazia dentro da sala... eu tava a fazer uma adaptação. Então, eu não queria falar na sala. Eu não me sentia... afirmada, confiante pra poder falar. É, é... quando eu dizia que era... eu só queria ouvir, era porque...também era... não era só assim na sala de aula. Queria ser assim em tudo, porque foi o meu tempo se sentar e aprender as coisas. Aprender como é que elas são, aprender como é que as coisas se organizam, como é que as pessoas brincam, como é que elas falam, como tudo. O que pra eles é... tá tudo bem, o que não tá, o que os ofende. Pronto. E eu tinha que refazer isso tudo e ia observando. Só que ali dentro era diferente. Eu não tinha que fazer esse exercício todo. Eu já tinha: “o que é que eles vão pensar? O que eu posso dizer? O que não posso dizer?” EU DIZIA! EU FALAVA! E houve uma vez... eu achei tão engraçado que eu saí dali e “Oh, meu Deus!Será que eles perceberam aquela palavra que eu disse? Será...”, porque eu não fazia, eu não tinha... eu não tinha nenhum cuidado de transformar as palavras. Eu falava... se vocês entendessem... Será que eles entenderam? Ah! Eles devem entender. Eles aqui entendem tudo!” (risos). E era... eu não tinha que... que forçar! Eu tava, eu tava... eu me sentia à vontade. Era giro até se tivesse aquelas conversas, de início, gravadas, porque eu sabia que estava mesmo à vontade. E quando a professora fez aquele convite pra apresentar a antropóloga, que deu uma palestra na escola, ali... pra mim... foi... foi...

foi muito bom. Eu assim. “Eh! Ela pode contar comigo pra alguma coisa!”. Ela confiou em mim. Não interessa. Uma frase () ela confiou em mim pra fazer alguma coisa. Ela me escolheu pra fazer alguma coisa. É engraçado que eu tenho esse papel guardado até hoje... da apresentação. Não deito fora (risos de emoção com lágrimas nos olhos). Eu tenho a data marcada e quando aquilo, quando daquele vez me falou que eu saí no Jornal, na Gazeta das Caldas (o contentamento é enorme. Ri muito) “UI, MINHA MÃE! Ai a minha vida”. Eu fiquei! Eu na foto, ao lado da antropóloga! Eu achei, achei, achei o...o máximo, porque... não era que eu tinha vergonha de, de... de ser brasileira, mas aí, pelas histórias que eu ouvi, por tudo aquilo que eu via, eu tive muito medo de pensarem mal de mim. E eu fui assim e, às vezes, ainda sou assim. Cada vez que alguma coisa pode ... “De certeza que não vai pensar?”, eu me fecho, eu me recuo, eu dou o meu jeito pra...pra...me distanciar, pra dizer: “Pelo amor de Deus! Não pense de mim!”, mas não=não=não que eu fosse assim em tudo, mas ALI ERA UMA ÁREA COM MAIS... SENSÍVEL! NÃO SEI... era... era=diferente. Então, assim, quando eu tive aquele dia na escola e tive que falar que eu era brasileira eu fiquei com uma vergonha. Pronto. E ali... foi a partir dali. Foi no dia treze. Dia treze? Foi, foi em Outubro. Eu lembro de andar... eu tirei fotos e fotos e eu fiquei toda contente. E eu lembro de falar assim: “Mãe!” e contei: “olha, aqui tem um núcleo”, eu estive a falar com minha mãe, “Olha, mãe! a professora me escolheu... Ah, minha filha! Estão confiando em você?”, ela assim, brincando. Porque eu achava, eu não via essa abertura. Eu achava que essas coisas não eram possíveis. Eu ia tentar. Eu não, eu não, eu... lá no fundo, no fundo, eu não sabia, não sabia o que aquilo ia dar. Eu ficava assim: “Será?... Será?”. Tinha muito... tinha muito...a, ali, a escola, pra mim, os anos que passei na escola foi cada dia, pra mim, era uma luta. Cada dia que eu deitava eu dizia: “Eu venci um dia!”. Um dia, um dia, um dia. E foram=as=actividades, foi tudo o que foi acontecendo. Foram as sessões de leitura, foi tudo aquilo. Uma pessoa está cheia de sede. Uma pessoa está cheia de fome. Qualquer coisa ela... ela come tudo, ela quer comer de tudo. E foi aquilo... é, é... eu disse à minha mãe: “Eu vi na escola o meu mundo”. Quando as pessoas falam: “Ah! Eu não moro na escola!”. Eu comecei a ficar viciada na escola. Eu só queria escola. Queria passar o tempo todo na escola... porque era onde eu entrava em contacto com gente da minha idade. O maior edifício era ali dentro, não era fora. Era ali dentro. Então, eu comecei a ter gosto pela escola e queria fazer um milhão de coisas num pequeno espaço de tempo e também, porque... eu queria fazer tudo e mais alguma coisa porque... porque também tem... a diferença do Brasil... eu estava numa boa escola, mas pra eu poder fazer tudo aquilo que queria saí muito caro. Então, eu queria fazer desporto, eu queria fazer teatro, eu queria fazer tudo. E eu quis abocanhar aquilo tudo. Eu quis comer aquilo tudo. Aaaah, e eu, no décimo primeiro ano, eu já tava, eu tava sempre a ir ao núcleo eu lembro que eu tomei, eu tomei... a decisão que eu tomei. Não foi nenhuma decisão tomada... eu não cheguei um dia e falei assim:” Não vou mais ao núcleo”.... Ah, não sei se tem a ver com as escolhas, não sei se tem a ver com alguma necessidade que já tinha sido suprida. Não, não... se calhar, era um tempo... eu não soube lidar com as coisas. Eu não soube administrar. Eu tinha muita coisa pra fazer e não dava conta de todas elas. Então, eu fui escolhendo. Um dia ia a um, um dia...não ia no outro. Pronto!

Mas tu tinhas o quê?

Era desporto, era teatro, era núcleo, eu tinha de fazer as coisas da Igreja, tocava e tinha os ensaios e tinha... tinha a escola. Tinha de estudar. (gargalhadas) Tinha de estudar e tentar ser uma boa aluna. As notas e isso eu fui... e isso eu tive de aprender, que as coisas têm que ser conquistadas aos poucos. Não adianta subir os degraus de uma vez. É um, dois, três, quatro... eu fui aprendendo a respeitar o tempo e a... “Calma! Vamo lá”. Isso pra mim foi, foi... foi a melhor coisa. Saber que nada vem de mão beijada. Nada lhe é entregue assim: “Olha, toma lá”. Eu desconfio. Não sei! Eu aprendi Não, mas isso me ensinou a saber, saber esperar o tempo certo das coisas. Mas, principalmente, tem que haver esforço, tem que

haver força de vontade. Tem que haver força de vontade. E uma das coisas que me dava essa força era o núcleo. E era mesmo. Era...era... o estado de espírito com que eu saía dali mexia qualquer coisa e..."Não! Amanhã, amanhã, se calhar...", porque é assim, eu não queria, às vezes, entender, eu, às vezes, não queria aceitar o que os meus colegas faziam dentro da sala de aula. Não entendia, porque eu não parava pra falar com eles. Eu falava com toda a gente, porque também era do meu feitio. É do meu jeito, mas, às vezes, não...muitas vezes, eu chegava a um lugar, estava todos os dias com uma pessoa e não falava com ela. Tenho de falar com ela! Arranjar UM PRETEXTO pra falar com ela. Mas não me entregava a toda a gente. Falava... "Ai que querido!" e tal, mas se tivesse de contar alguma coisa...tar a falar da minha vida... Ui! Nunca. Nunca. Aquele não tem acesso. Até que... é, é era engraçado... é, é engraçado pensar que num espaço, com pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida, eu me sentia à vontade pra falar. Era... podia ter alguém que chegasse ali e contasse depois lá fora? Poderia? Poderia! Mas... era uma troca, era, era...a gente também não consegue observar todos e controlar todos, mas foi um voto de confiança que eu fiz... sem pensar. É que eu nunca tive nem a capacidade de pensar nisso na altura. Eu podia, eu chegava a não falar com ninguém, mas ali dentro eu falava. Era, era...

E porquê? Porquê que tu achas que ali se podia falar?

Quando nós vemos na, na outra pessoa uma predisposição... às vezes, acontece na nossa vida a gente falar com alguém. Essa pessoa nos dá um sinal... a pessoa vai falar. Se você tiver um desespero a ponto de ... sai. Mas a gente precisa... é uma troca. Você precisa ver no outro que ele... ele pode não dizer verbalmente, mas um gesto, qualquer coisa e digo: "Ok! Quando for hora vais contar comigo. E eu vi isso ali. Mas não fui me abrindo logo de uma vez. Não! Falava umas coisas muito superficiais () mas houve uns dias ali que... eu lembro que a primeira vez que falei foi dos meus pais. Lembro perfeitamente. Nós falamos... nós falamos todos demais e aquilo pra mim era... era como eu tivesse uma ferida e tava-lhe a meter o dedo na ferida. Imagina tocar. E eu lembro que eu falei e chorei. Eu não acredito que eu chorei, mas... e fiquei com muito medo, mas decidi ir embora da escola e... "Olha! Me viram chorando".

E então?

E então que não foi... quando eu olhava pra eles não era aquela coisa: "Ham! Já te vi a chorar, mas não conto a ninguém". Não! Era. "Ok. Tá tudo bem. Ontem tivemos a comer um gelado". Ok. Ali fora era... como se fosse um outro mundo ali dentro. Era aconchegante. Quando eu falo outro mundo não era que as pessoas eram uma coisa lá fora e outra coisa cá dentro, mas eu tava muito...

Sentias-te aceite?

Sim. Sim. Completamente.

E sentiste que havia preconceito?

Não, não, não. Por acaso, ali era... era, às vezes... Quando eu cheguei na escola eu... eu... como eu não falava muito, eu também não sabia qual era a reacção das pessoas quando me ouviam falar. Eu, às vezes... eu fazia, não é? pré-julgamentos de algumas pessoas, especialmente do pessoal que tava comigo na sala de aula () e ali não. Ali era (pausa) era, era tranquilo e eu precisava muito... muito. Às vezes ia pra casa pensando... me fez muito bem. Foi uma necessidade suprida na altura em que eu mais precisava.

E falavas em casa com os teus tios?

Às vezes comentava. Comentava algumas coisas, mas... mas eu me lembro BEM do dia em que nós falamos sobre os meus pais. Eu tava jogando um jogo, tava jogando lá no ginásio, lá no pavilhão... e não saía da minha cabeça aquilo eu tinha comentado. Eu fiquei... tum tum tum. Aquilo ficou... Eu jogava, mas a cabeça tava em outro lado. E lembro que no portão da escola... tava uma amiga minha e ela... ela: "Carolina! O que é que se passa?" Eu só chorava, só chorava, só chorava. Tava chorando. Eu chorava porque também... aquele... dizem que o falar cura e uma coisa aconteceu e teve reflexo... depois. Foi: eu

não falava=não falava=não falava não gostava de falar sobre os meus pais, a infância que tive, porque não tinha vivido com eles, não sei quê. Aquilo me magoava muito, portanto, ... boca fechada. E quando falei sobre isso, e depois... depois que falei comecei a pensar frequentemente sobre nisso e depois fiz uma coisa que eu pensei que não ia ter nunca essa conversa. Eu cheguei em casa, mas demorou um tempo... quando o meu pai me ligou pra falar comigo, o meu pai era mais assim... amigo, mais parente, do que meu pai e eu falei com o meu Pai e tive pena do meu pai. Falei: "Olha, perdão porque...", porque às vezes eu sentia vergonha da história. Sentia... sentia... não é...pronto, indiferença. Sentia indiferença porque é assim: o facto de eles terem errado também não justificava aquela...aquele, aquele, aquele sentimento todo. Eu acho que não valia a pena. E era uma das coisas que precisava de ser tratada em mim! Eu via, via isso. E falei com o meu pai... e pedi perdão a ele e dizia que o amava muito () "ah, pai! eu gosto muito de voccê! Pai, pai! Olha, eu te amo. Me perdoa por isso, isso e isso", meu pai... calado. A ouvir. Depois eu ouvi meu pai chorar. Foi! E me pediu perdão pelo que aconteceu. "Oh pai! Deixa pra lá". Foi uma coisa, foi um assunto que eu não falava, mas precisou sair. Mas depois foi resolvido porque, às vezes, a gente fala: "Ah! Isso o tempo cura". Há coisas que parece que o tempo cura, mas o tempo faz esquecer, mas curar...pode passar dez anos, mas eu vou tar naquela situação se bater de frente com aquela pessoa que me vai... fazer o flash-back e vai voltar tudo. Por isso... que é... às vezes as coisas precisam mesmo... ali confrontadas (bate na mesa). É preciso um confronto. É preciso um confronto com aquela situação (bate na mesa). É preciso um confronto com aquela pessoa (bate na mesa) por MAIS que DOA, por mais que... mas eu cheguei... pra mim, o perdão é a chave pra muita coisa. Mesmo, às vezes, quando eu acho que não tenho que pedir. Eu, eu, eu, eu acho que... que é um princípio muito importante: saber perdoar e saber pedir perdão. É... eu acho que o perdão é, é li, começa a sarar feridas na alma da gente e pra mim a questão dos meus pais é uma ferida. As questões de paternidade era uma ferida que eu tinha... dentro de mim. Tinha mesmo. E teve que ser tratada e teve que ser confrontada, mas é... é... e.. e hoje em dia eu falo nisso e falo normalmente. Eu não conseguia falar nisso! Não falava nisso! Não tocava nesse assunto. "Ah! Ok. Nananananana", eu sabia, disfarçadamente, dar a volta por cima. Não ia ao fundo das coisas e, (começa de novo a bater na mesa com os nós dos dedos) às vezes, faz bem () Olha, tumba tumba tumba, tum, tum, tum. Eu posso... esquecer ninguém esquece, mas... eu acho que há diferença entre olhar pra uma situação e ver que eu não esqueci, mas tá... tá tudo perdoado. "Tá. Olha, eu não te quero mal! Eu não quero o seu mal. Eu não quero me vingar. Eu não quero isso". Esquecer, eu não esqueço. Eu tenho cérebro, eu tenho memória, não é? Apagar, ali, é impossível. Agora, ter rancor e ter isso. Isso... mas...e... isso é o que sinto, porque eu fui assim até agora (risos) () mas foi...mas foi... isso é um exemplo, que nós tratamos no núcleo que me fez... me despertou... me despertou pra isso... e... também é... aquilo que me mudou também em relação aos alunos da escola foi que, às vezes , não consegue tratar as coisas no geral, mas as coisas no particular. Eu vi ali, eu vi...QUANDO EU PAREI PRA PENSAR QUE AS PESSOAS QUE TAVAM ALI DENTRO ERAM AS MESMAS QUE TAVAM ALI FORA e com elas eu conseguia tratar, então, quer dizer,que eu, lá fora, também posso tratar. Lá fora também pode haver isso. Nós não somos especiais. Não somos diferentes de ninguém. De ninguém. A diferença é que a atitude foi diferente. A vontade foi diferente, o esforço foi diferente e... e se todo o mundo tirasse um tempinho pra conversar, se tirasse um tempo pra... pra tentar... rever as coisas que acontecem. Que aconteceu connosco? Aí a gente pára de jogar muita coisa, a gente pára de colocar a culpa em muita gente e vê que muita coisa não depende das outras pessoas, depende mesmo de nós. Mesmo. Porque por mais, por exemplo, o caso dos meus pais, por mais que tenha sido, talvez, um erro deles no passado, eu me senti culpada por toda aquela relação que nós távamos vivendo naquela época. Porque... quando alguém, quando uma pessoa quer, ela muda. Ela muda a situação. Claro que não

depende só dela, mas a dela, o estado dela, ela muda. Ela pode não mudar a situação inteira, mas a parte dela, ela sente.

Mas depois tu começaste a aplicar isso fora e resultou?

Eu acho que sempre resulta. Sempre resulta. É... a professora na, na... a...quando foi? No sábado! ... falou uma coisa que eu gostei muito. Assim, eu já pensava às vezes assim, que nós somos agentes de mudança. Eu tenho convicções. Eu tenho coisas que eu acho. Eu não gosto de impingir nada a ninguém. Nem... a pessoa tem que mudar porque eu acho aquilo. Não! ... Mas é muito bom quando nós somos um testemunho vivo daquilo que nós falamos e daquilo que nós acreditamos. É diferente. Mas eu acho que tá tudo, tá tudo, tá tudo na atitude. Tá tudo na reacção, porque... como é que eu vou dizer? É... porque a gente também fica muito vazio defender tanta coisa e não aplicar nenhuma dessas coisas. E ficar vazio também... não...Agora, o tentar viver, o testemunhar é... pra mim muito mais forte... e duro. E... porque é uma coisa, há uma coisa que eu acho que é engraçada que é, uma vez alguém me disse assim: “as nossas atitudes, elas são pensadas, mas as reacções são mesmo naturais”... naturais. E... dizem que a gente só conhece uma pessoa de verdade quando ela é pisada.... Quando aquele... Ali! HAM! Vamos ver agora como... como é que a Carolina reage. Agora é que eu vou ver quem a Lina é. Agora é que eu vou ver quem o Manuel é. Vou pisar, ali... naquele calinho. Pisando... ali. Naqueles pontos... assim mais... sensíveis ... ou quase intocáveis. E... e era uma coisa que eu gostava no núcleo era conhecer as pessoas quando aqueles pontos eram tocados. Era, era muito bom quando nós falávamos a nossa opinião, mas eu gostava muito quando eu via a que as pessoas estavam mesmo tirando aquilo que tava lá dentro. Mudava completamente, porque era, era muito vivo, muito real, era muito verdadeiro. E quando a pessoa tá sendo... É! NOTA-SE! É...é tá, tá, tá na cara, tá no espírito, em tudo. Eu olho e vejo. E=e o ambiente mudava. E eu acho que ali, ali ficava... era um CLIMA (sorriso grande) (), era mais do que uma opinião, era mais do que uma palavra bonita. Era como saía... a pessoa deixava aquilo sair. E era muito bom. Porque, às vezes, era uma coisa que não acontecia em casa, era uma coisa que não acontecia na sala de aula, era uma coisa que não acontecia, às vezes, nem com o melhor amigo. Nem com o melhor amigo. Às vezes, mesmo pra que nós confiamos muito é fácil libertar, nem mesmo pra nós, nem pra gente mesmo a gente quer falar.

Mas ali acontecia.

Ali acontecia. Isto é incrível! (riso) Ali acontecia. Ali acontecia.

Há alguma coisa que tu tenhas aprendido do núcleo, ou daquele espaço, que ainda hoje ponhas em prática? Que se reflita na tua vida?

Na minha vida? Ahhhh (expiração) É que toda a pessoa... tem sempre alguma coisa pra transmitir, tem sempre alguma coisa pra passar. Toda a pessoa... merece ser ouvida. Toda... por mais que possa pra nós parecer desinteressante, que eu pareça que já sei muito aquilo, ela é (...) a vida dela m'interessa. A vida dela m'interessa. Não é uma atitude de ser cusca! Não é isso. Não é... querer...Não! A vida dela é... é preciosa. É... é rica. Por mais que tenha um percurso completamente diferente do meu. Porque esse era o momento que eu mais gostava ali dentro. Era quando eu ouvia uma coisa que vinha assim... lá, lá mesmo do livro daquela pessoa, da história dela. E... porque, às vezes, a gente tem, é=é=é... as escolhas que nós vamos fazendo, a gente... aí na nossa vida. E se a gente pode achar alguém mais interessante ou alguém menos interessante... não dá pra ver assim. Não dá. Todo o mundo tem, tem...tem uma riqueza. Todo o mundo tem... tem um ponto, ali, que brilha. E Isso, isso era, era, NÃO SEI! É uma que não, que eu não esqueço. Não! Aquele ali é...como é que eu vou=Hoje eu tive, hoje aconteceu uma coisa, que foi assim: eu tenho uma amiga que está a estudar nos Açores. Ela ia-se embora e queria me ver. E eu como tava muito atarefada com os estudos eu fiquei: “Olha! Acho que não vai dar tempo!”, mas ela queria tar comigo. Ela queria tar comigo. E eu:” Ah! Não dá!”; “Vá. Tá bem. Ok”.

Depois ela lá: Olha! Tenho uma coisa pra te falar: a gente veio às Caldas e tou memo a passar na tua rua. Desce agora e vem tomar um café comigo. E eu olhei pra mim a falar: “parece que eu não aprendi essas coisas!” eu preciso é... eu vi na hora... aquilo ali foi uma segunda chance . Eu não acertei na primeira, eu precisava de acertar na segunda. Eu precisava de descer e estar com ela... aquele instante, aquele bocadinho de tempo. É... é... porque é bom sentar, é bom ouvir... é bom... é muito bom dizer pra alguém, é muito bom ouvir elogio, é... é muuito melhor falar o elogio, elogiar alguém. É muito bom dizer uma boa palavra pra alguém.

Mas como é que tu vês a escola no meio da tua vida, no percurso todo da tua vida. A escola foi uma coisa boa? Estou a falar desde o Brasil...

Eu tive que fazer da escola um lugar bom. Porque a escola... como vivi... nunca, nunca, nunca tive um lugar muito fixo pra viver, então ali, aquele espaço, eu tinha... eu fuiiii, é, é... quase obrigada a transformar aquilo, ali, numa maravilha.

Mas como é tu vês a escola? A instituição escola?

Tem muita gente que diz... que=diz=assim... eu quando falo de escola, eu tenho ótimas lembranças de escola. Ótimas. Posso ter tido um professor menos bom, mas eu tenho ótimas lembranças, porque... como era o espaço, o espaço que eu convivía, o espaço em que eu fazia amigos, era... era mais do que disciplinas, aprendizagem e todas as outras coisas. Mas era... era... Pra mim era tudo, era=tudo=e=mais=alguma=coisa. Era convívio, mas era... Ah! Não sei! Era (pausa) Escola era... era aquilo que eu podia... eu podia ser eu. Não tinha pai, eu não tinha mãe... tinha um pai e uma mãe, claro! Mas não tavam ali, em cima, não tavam... não tavam a vigiar tudo, não é que eu queria ser uma pessoa diferente. Não! Mas tava à vontade. Tinha... tinha minha carteira, tinha minha mesa, tinha... ai foi um lugar é... eu acho que tá tudo... tá tudo ali. Tá tudo ali.

Mas a escola serve pra quê? Imagina a escola sem as outras actividades.

Sem as outras actividades?

Ou não consegues?

Não! Consigo. Tirar tudo... a escola é pra aprender. Pra absorver. Nem sempre a põe em prática. O que tá escrito nem sempre põe em prática muita coisa, mas pra absorver muita coisa. Porque, às vezes, pode haver...às vezes, quando... o conhecimento ele é transmitido, mas nem sempre...há aquela, aquela... ele é transmitido, mas às vezes nós não sabemos como aplicá-lo. Ou, às vezes, não sabemos como, como... como utilizar aquilo que nós aprendemos. A mexer naquilo tudo que nós... que nos foi passado. É... há muita coisa assim. Quando eu ouvi, se eu tivesse mais, não é mais atenta, porque eu tava atenta, posso ter estudado prós testes todos e respondi às questões todas, mas muita coisa ficou esquecida. Mas eu acho que isso também faz parte. Faz parte. É impossível absorver todas as coisas. () AAAH!!! LEMBREI-ME DE TUDO!!!

E o teu projecto de vida, qual é? Tens um projecto de vida?

Tenho. Tenho mesmo (riso grande).

Foste-o construindo como?

Com a escola! AAAAh, e até porque...mas mais que escola... os professores tiveram... os professores que eu tive fizeram... tiveram um papel fundamental... pra eu ver as coisas. Fundamentalíssimo, porque... dependendo do professor aquilo mudava de curso, aquilo mudava de ambiente, aquilo mudava... é ...o papel do professor, ali, é fundamental. Fundamental. Aulas que eu tive, quando tava no sexto ano, foram inesquecíveis. () décimo segundo, já não me lembro de nada, de nada. E são... é uma fase ali da infância, não sei quê, que fica muito marcada. E também é preciso, às vezes, ter cuidado com as palavras. Aquilo nós ouvimos, às vezes, também marca muito. Umas marcam pela positiva, outras pela negativa, mas pronto...as que marcaram também já me esqueci, mas...

O teu projecto.

O meu projecto de vida. Falo de mais. Às vezes, até me perco. O meu projecto de vida... aaaah, eu quero... aquele assim que eu tenho, eu não=não=não é que eu... Ah! Eu quero ter uma família... ainda, mas não é uma coisa que eu pense... falei primeiro, mas não é uma coisa que.... Ah! Eu quero... aquilo que eu mais... eu gosto de fazer diferença. Eu... não é sentimento do outro pra ser melhor do que o outro. Não! Posso falar com o outro, mas posso ser diferente. Não só pelo gosto de ser diferente... é, é.... é fazer coisas que=que construam. Não... não me sinto bem se passar indiferente pelas coisas. Não é passar chamando a atenção das coisas é pra estar contribuindo pra alguma coisa em tudo! Na escola, nas pessoas, no trabalho, na faculdade, em tudo. Em tudo aquilo que eu coloco a mão eu gosto que eu... eu quero, eu quero... quero que dê fruto em alguém. Quero que frutifique em alguma coisa. E se eu... e se eu puder assim chegar a, no final da vida, vendo que, que eu contribuí, que eu influenciei, que eu plantei e que deu, e que frutificou e que deu bom fruto e que... que foi uma boa semente, eu tou, eu tou realizada.

Porque, entretanto, tu acabas o décimo segundo, mas fazes uma escolha. Antropologia. Porquê essa escolha?

(riso) Porquê essa escolha? Aquilo que me fez chamar mais a atenção do curso que eu escolhi, que foi Antropologia, pode até... eu não falo muito disso assim. Eu não falo isso com toda a gente, porque eu acho que as pessoas ficavam olhando assim... eu também nunca falei isto pra professora. Porquê? A minha maior vontade, aquilo assim... que eu tenho... tá ali dentro, é maior do que eu, é mais forte do que eu. Eu sempre tive muita vontade de fazer trabalho missionário. Muito. Muito. Vontade mesmo assim enorme eeeee, e pensava... e pensava... assim: "Como é que eu faço pra chegar lá? o que é preciso fazer? É ... eu também não quero ser... terminar o décimo segundo ano e fazer um trabalho voluntário fazer... "Não! Eu quero mais, quero mais". Ah! E a gente, apesar de, às vezes, das opiniões contrárias... "Ai! Um antropólogo cristão! Um antropólogo com essas ideologias cristãs pode ser ameaçador e tal" (inspira) mas era, era, era... a vontade que eu tenho de, de passar, de transmitir... aquilo que eu vivi, aquilo que eu já senti, é maior... é maior do que... qualquer coisa. Eu acho que é aquilo que me move. É Aquilo que...a... e quando eu tava no núcleo, também era uma das coisas que, que, que eu gostava, que eu sentia assim: era vida, era o que tava... dentro. Dentro de mim. Porque eu gostava quando essas coisas lá de dentro saíam. Lá de dentro. Vinham mesmo do fundo. Era mais do que um tema abordado. Era... era aquilo que saía... era... era eu mesma, ali em confronto com o que estava sendo dito, mas... e... e quando eu comecei agora no primeiro semestre, eu comecei a... a...a estudar e a, a ... a estudar assim alguns trabalhos etnográficos e a ver umas coisas, eu achava engraçado, porque onde havia um antropólogo havia um missionário (bate as palmas e ri-se à gargalhada). Eu sempre digo assim quando falo pró meu tio: "tio, aquela faculdade ainda se vai arrepender de me ter deixado entrar mesmo". Não, mas eu... era... eu sempre tive vontade de ir pra África. Assim desde, antes, antes de começar. Antes de ter ido aos exames, eu já tinha lido muita coisa, eu já tinha visto muita coisa, já havia muita coisa que me tinha despertado a atenção sobre África e eu acho que as coisas fora se juntando.

Mas porquê esse desafio de África?

Era... era como se fosse... NÃO=NÃO=NÃO SEI EXPLICAR O PORQUÊ mas... é ... A sensação de, de quando comecei era...era não sei, era um gosto por alguma coisa que eu nunca, nunca, nunca, não conhecia! Era uma coisa nova. Era... mas eu vejo tantas coisas novas! Mas... era... o que me despertava era... era mais que interesse, era... era qualquer coisa. Era um bichinho que vivia (imita o bicho dentro dela e com a voz). Eu não sei. E foi-se juntando tudo e eu pensava... e quando... e, às vezes, quando penso, ainda quando eu penso sobre isso eu falo: "Ai, não sei! Será que... ai o que vão pensar disso? O

que é que...". A gente pensa! Mas... era aquilo... que eu quero e que vou fazer. Vou mesmo. Porque... por mais que pareça difícil, pareça...que pode ser contra a opinião de muita gente... por isso eu acho importante estar estudando aquilo que eu estou estudando. Porque eu não quero ferir nada. Não quero ferir cultura nenhuma, não quero... desrespeitar pensamento nenhum. Mas se eu pudesse chegar nos lugares que, às vezes, eu vejo e quero, eu tenho vontade de chegar sem... é um=é um transmitir pra somar... não pra... não pra destruir nada. Pode ser uma coisa muito nova, pode ser... uma ideia estúpida... não sei, mas é aquilo que eu, que eu penso.

Tu sentes... que pertences a algum lugar?

Não, porque desde pequena que nunca residi em lugares fixos. Eu vivi com vários membros da família e até mesmo quando vivi com a minha mãe eu nunca vivi em nenhum lugar fixo. Me sinto... acho que há coisas que se foram misturando. Há coisas que entraram em choque: hábitos, maneiras de falar que tinham a ver com o Brasil e eu não fazia, mas na faculdade eles voltaram. Eu sou uma brasileira em Portugal. Na Raul o que eu era não estava à mostra. Não era eu fingir alguém que não era, mas quando eu entrava no sistema as coisas corriam melhor. Eu me soltava numa sessão de leitura, no núcleo. Sou uma brasileira, mas não me sinto perdida. Se me tiver de tornar um pouco portuguesa, por necessidade, eu consigo, mas eu volto a ser brasileira. Acho que sou mais brasileira aqui que lá.

Entrevista nº 4

Data de realização 2007/ 04/ 04

- Nacionalidade

Brasileira

- Idade

19 Anos

- Nível de escolaridade

A frequentar o 2º ano da licenciatura em Medicina Dentária na Universidade Católica de Viseu

- Onde vive/ Com quem vive

Caldas da Rainha: pais, avó, irmão e empregada Viseu: com o irmão

- Posição perante a religião (católico, protestante, muçulmano, budista, hindu, ateu, outra posição perante a religião)

Cristã

- Pais casados/separados/divorciados / falecido(s)

Pais casados há 23 anos

- Grau de instrução da mãe/do pai (superior completo ou incompleto;secundário;1º, 2º ou 3º ciclo?)

Mãe – licenciatura em Medicina Dentária

Pai – licenciatura em Medicina Dentária

- Profissão mãe/pai

Médicos – dentistas

Uma das coisas que te queria pedir te pedir era que tu me fizesses, de uma forma mais ou menos breve, a descrição do teu percurso de vida, onde nasceste e o quê que te aconteceu, até hoje.

Tenho dezanove anos. Nasci em Chapecó – Santa Catarina, mas morei até aos três anos em Águas de Chapecó. Aos três anos é que fui pra Chapecó até aos onze anos. Depois aos onze anos vim para Portugal. Morei um ano...uns meses no Estoril, um ano em Carcavelos...depois, vim para as Caldas da Rainha até ao décimo segundo e depois faculdade, em Viseu. Mudei muitas vezes de escola, nessas cidades todas (riso) e agora... tou... na faculdade.

Faculdade...de Medicina Dentária.

Ok. O que é que a escola significa pra ti?

Escola... educação...educação. Socialização. Aprendizagem... aprendizagem, não só cultural, aprendizagem de conhecimentos, aprendizagem social. Construção da... da nossa pessoa, além da educação que é nos dada em casa, em casa entre aspas, não é? Pela família. Uma educação que nos é dada pela convivência, pela construção da nossa personalidade, junto com a educação vinda de todas as outras casas que se encontram... ali.

E como é que foi a tua escola?

Eu tive muitas escolas (riso).

O teu percurso na escola?

Muitas escolas. Passei por muitas escolas, muitas pessoas diferentes... muitas... diferentes. Escolas boas e escolas más. Boas, com pessoas que para mim foram muito boas. Pessoas que me passaram ao lado. Passaram ao lado porque não me tocaram. Pessoas que me tocaram, mas que também seguiram outros caminhos e pessoas que tão seguindo caminho do meu lado. Do meu lado... não o mesmo caminho, mas que... continuam comigo, que continuo convivendo com elas. Também continuamos a socializar=aprendendo um com o outro.

A escola traz-te boas recordações?

Traz, porque é... Não é? Antes disso tenho uma ideia global das outras escolas. Não tenho o amor, aquela... As boas recordações só vêm do liceu... porque eu no primeiro e segundo ano estive numa escola, terceiro e quarto noutra, quinto, noutra, sexto noutra, no sétimo noutra, até vir, no oitavo, pro liceu. Foi um tempo de muitas... transições. Muitas pessoas, como eu disse, passaram pela minha vida e me ensinaram alguma coisa e eu ensinei-lhes algumas coisas também. Eu aprendi muito. Foram pessoas muito diferentes. Pessoas diferentes... umas das outras, convivendo juntas, que... todas aprendemos umas com as outras. Todas... fomos... trazendo um pouquinho de cada um... pra dentro de nós, mas... pessoas... coisas que me lembro... coisas que mais me marcaram e que estão mais na minha memória, foi no liceu.

Tu tens a escola feita no Brasil e depois tens a escola feita em Portugal.

As recordações do Brasil não são... não são... muito grandes. Recordações que eu tenho... a... Tenho recordações não muito positivas até ao quinto ano porque... a...as recordações que eu tenho do Brasil são as recordações um pouco más porque foi aquela fase...as crianças eram más e que me maltrataram, é um modo de dizer, com as palavras, verbalmente pela exclusão social, não é? Porque, porque era gordinha. E isso também me marcou muito.

O que é que eles te diziam?

Quê que eles diziam? Eu não me lembro do quê que eles diziam. Não me lembro exactamente do quê que eles diziam. Coisas... a impressão que eu tenho é de ir pra casa chorando. É a recordação que eu tenho.

E aí tinhas quê? Dez, onze anitos?

Dez. menos de dez. Entre... menos de dez. Até aos dez.

las para casa a chorar e, e falavas com alguém?

Minha mãe. A minha mãe e o meu pai e dizia que não queria voltar para a escola. Não queria.

E eles?

Eu tinha que voltar, mas... por isso é que eu estava mudando de escola... pra uma, pra uma turma... completamente diferente. Porque na escola do sexto ano... sexto ano que eu adorei, adorei (), mas eu adorei, adorei. Foi uma escola... Colégio Marista de S. Francisco, aaaa, encontrei amigos que eu gostei muito, encontrei professores também bons. Encontrei motivação pra estudar. Gostava muito de lá. Havia teatro, tinha um grupo...uma escola religiosa... tínhamos um grupo... de amigos que era o APSUNAC, Amigos Para Sempre Unidos No Amor de Cristo, e eu convivi pouco tempo com eles, também, porque vim pra cá. Então, e depois entrei no grupo e depois vim pra cá. Só que sei que eles faziam acampamentos... e era giro, era como, era como o núcleo! Nós conversávamos sobre AmiZade... Lembro-me muito bem de um encontro em que o... o que dirigia o encontro... não me lembro quem era... não me lembro. Mas o que dirigia o encontro, uma das perguntas que ele fez era: "De que cor é que devia ser a amizade? Se a amizade tinha cor?", depois nós tínhamos que dizer, também, qual é que era a nossa opinião. Não me lembro qual é que foi a minha resposta, também não sei que resposta é que daria hoje... mas... mas era um grupo muito giro! E...foi de lá também que eu tirei a ideia dos "brigadeiros", porque nós lá vendíamos os "brigadeiros" na escola pra conseguir dinheiro. Depois no núcleo também fui vender "brigadeiros" na escola (riso).

E depois? Vieste para Portugal...

Vim para Portugal. Foi muito difícil. Foi uma fase muito difícil. Vim para Portugal dois meses antes de começar as aulas. Os meus pais alugaram apartamento no Estoril, porque eles passavam o dia a trabalhar () com a minha empregada, espécie de babá, e a minha cadelinha, junto. E... meu irmão e eu passávamos o dia brincando ou íamos... morava perto do casino... íamos para os jardins, praia... brincávamos em casa. Tinha uma, uma amiga, filha da dentista brasileira que trouxe a minha mãe, tinha a minha idade, portanto, brincávamos também, mas quando mudei para Carcavelos, pra começar a escola, aí começou a ser... a ser difícil porque começou a dar muita saudade do Brasil, dos amigos do Brasil, da minha melhor amiga... que tava no Brasil aaaa, muita vontade de voltar e chorava, chorava e... foi, foi uma fase difícil, mas... mas o meu pai e meu irmão foram os que tiveram mais força e que não deixaram minha mãe e eu voltar (riso), mas hoje também ninguém mais quer voltar.

Mas na altura a tua mãe queria voltar?

Minha mãe queria voltar. Minha mãe tava...minha mãe foi diferente, porque ela veio pra cá quarenta dias antes...sozinha... sem conhecer... o... país, e a família dela pôs o carro nas mãos dela para ela vir de Cascais para as Caldas, sozinha. Ela não conhecia as estradas e veio meio perdida, assustada, cheia de saudades de casa... minha mãe chorava, chorava que queria voltar. Depois nós viemos, e quando nós viemos em uma semana foi decidido que íamos ficar. Nós viemos pra passear e depois decidido:"vamos ficar!"

Porquê? Ficar porquê?

Pra mudar de vida. Pra mudar a... a vida no Brasil, profissionalmente, prós meus pais... o mercado estava ficando saturado profissionalmente e o meu pai também estava muito envolvido em... o meu pai tinha um canal de televisão com mais dois amigos. Tava envolvido em rádio, TV, fazendo faculdade de Comunicação Social... já quase não trabalhava como dentista e JÁ quase não passava tempo nenhum em casa, também. Estava mais envolvido nas outras coisas e eles acharam que era uma boa oportunidade pra recomeçar as coisas e... não custava nada tentar. A nossa casa era nossa. Não ia ser vendida. Ia tar lá... se não desse certo ia estar lá esperando. Os clientes que eles tinham, eles eram dentistas, os clientes que eles tinham iam voltar. Talvez aos poucos, mas iam voltar eeee, e não vieram

com muito medo, mas arriscaram bastante. Não foi por necessidade económica. Foi memo pra dar uma nova volta à vida.

E vocês? Tu e o teu irmão foram ouvidos nisso?

Nós achamos a maior piada. Nós adoramos. Era um sonho. Era um sonho. Eu via as fotos de Portugal e sonhava. Adorei, adorei a novidade quando soube que íamos ficar. Depois, quando a gente começa a ter que ficar é diferente.

Depois deram-te as saudades!

Deram. Deram as saudades começaram os choros (riso).

E depois vocês decidem vir para as Caldas?

Ah! Foi por causa do emprego dos meus pais e porque a escola, lá, não estava correndo muito bem. Fomos para um colégio particular, porque no Brasil a escola particular é melhor que a pública e as capacidades económicas, as exigências económicas, pra falar na escola, escolar, não são muito altas. É mais acessível que em Portugal um colégio particular. O colégio particular que eu fui foi o colégio Marista, porque era o colégio que eu tava no Brasil. Que eu adorava e quando soube que havia um em Portugal quis logo ir pra esse. Só que me passaram meio ano acima. Podia recomeçar, outra vez, no sexto, mas passaram meio ano acima. Mas não gostei, porque senti muita diferença. Além da diferença cultural, senti muita diferença das, das pessoas, porque elas a, a, se achavam muito... importantes por terem mais condições económicas. Eram muito filhinho de papai e mamãe. Eram filhos de pessoas famosas, de pessoas importantes, filhos de jogadores de futebol (risos), filhos de actores, filhos de, de dirigentes da PT. Pessoas que tinham o nariz empinado, pró meu gosto. Eu não tava acostumada! Não tava ... não tava acostumada!

Mas trataram-te mal?

Houve um episódio... que, hoje os meus amigos até dizem na brincadeira e eu não levo a mal, mas houve um episódio que, especialmente, me marcou que foi um colega que me disse: “volta pra tua terra! Volta pró teu país!” Isso... não sei se ele falou também na brincadeira, mas eu... eu levei aquilo sentido...aaaa... levei aquilo sentido e comecei também a ter um pouco de pé atrás com, com os meus colegas. Mas hoje, hoje um colega meu fala-me isso e... é na brincadeira (riso), mas... mas pronto. Quando fomos pr’as Caldas, por causa do trabalho dos meus pais, que eles vinham de Carcavelos para as Caldas todos os dias... iam de manhã, voltavam só à noite aaa, resolveram experimentar, também, mudar para as Caldas... que eu também achei uma ótima ideia. Não tava muito agradável ali. Tá vendo? Depois mudamos para as Caldas e... e fui para no liceu, porque disseram que era muito melhor que a D. João e que a Técnica.

Então e depois? Conta lá a aventura no liceu!

Depois conheci os meus primeiros amigos em Portugal! (riso)

Receberam-te bem na turma?

Receberam-me muito bem na turma. Eu antes de ir pr’as Caldas, já tinha entrado no chat, na Internet. Já tinha conhecido... umas pessoas que estudavam no liceu, mas a amizade não, não, não foi aprofundada. Mas, na turma, receberam-me bem... enturmei-me logo, também... não foi, não foi, não foi difícil. Foi uma maravilha.

Sentiste-te bem tratada.

Senti-me bem tratada.

Olha, e...depois como é que tu chegas ao núcleo?

O núcleo chegou por falta de DPS (riso), não é? Porque os meus amigos falavam que DPS... era DPS que chamava?

Era.

... era muito bom, era muito bom, que era muito fixe, só que eu não tive. No meu ano já não houve. E não tive aulas com a professora! Só no nono ano. Só comecei também a ir ao núcleo só no nono ano. No oitavo já houve núcleo? Não me lembro, mas eu lembro que não ia. Comecei a ir mais tarde. Lembro que eu comecei a ir mais tarde. Mas eu sei que eles só falavam bem de DPS. Eeee que gostavam muito e...principalmente... mais da professora. Sinceramente era mais da professora, também. E pronto. E começaram os... nós começamos todos a fazer as festinhas, os encontros e que eu sei sempre gostei muito, porque éramos um grupo... em relação aos grupos da mesma idade, de HOJE, eu sinto que nós éramos muito inocentes, muito crianças. Porque as crianças, as crianças ou rapazes e raparigas do sétimo, oitavo ano d'hoje, já fazem tantas coisas que nós... que nunca nos passaram pela cabeça. Eu vejo-os todos bêbados na rua...fumando. Acham a maior piada ir fumar. E nós nunca! Nunca nos passou pela cabeça ir fumar. Nós pégavamos o cinema muitas vezes, muitas vezes, algumas vezes. Íamos ao cinema, íamos a praia. Távos sempre juntos no Verão, mas... não... começamos a experimentar a bebida. A bebida ia tamém junto, mas é mais tarde! Não foi na idade desses agora. Nós, nessa época, era pura brincadeira. Era mesmo brincadeira. Brincávamos. Brincar. Não havia também namoros. Eu não me... eu sentia aquela atracçãozinha. Não sabia, ainda, diferenciar. Não sabia quando estava mais perto dum menino... quando estava mais perto de um menino não sabia se estava gostando dele, ou não! (risos). Aquela coisa que a gente não sabe ainda. Mas era, era... nos meus olhos era tudo tão inocente ainda, comparado com, com, com as crianças, eu digo crianças (riso), que eu vejo hoje. Eu saio na rua e entro numa casa de banho de um barzinho... doze, treze catorze anos...

Mas em Viseu ou cá?

Cá. Cá. Em Viseu, durante a semana, eles não saem, não é? Os pais não deixam. Durante o fim-de-semana, se calhar, até saem, mas eu não tou lá. Mas cá, ao fim-de-semana, quando vou ali, ao Daiquiri, ou a... aquela zona, vou à casa de banho e tá lá mais gente, mas fisionomia de criança, ainda! A dizer: "Tens que me passar um shot! E roubou um cigarro e não sei quê! Roubou um cigarro!" Isso, eu comento com, com, com os meus amigos. Eles também dizem que não eram assim! A diferença é tão pouca! Não sei se éramos nós que éramos atrasados (muitos risos), ou se mudou mesmo em tão pouco tempo.

Mas voltando ao núcleo. Tu vais lá porque te convidam?

Vou porque eles vão. Não é? Claro que convidaram. Mas no início não estava muito entusiasmada pra ir. Mas eles iam e eu comecei a ir também. E entusiasmou-me o voluntariado. Apesar de não ter feito voluntariado. Foi só um dia, ou dois, no Centro de Acolhimento (riso). Era no hospital que me interessava, mas que, depois, não fui.

Era preciso ter pelo menos...

Dezoito anos. Pois.

Mas qual é a recordação que tu guardas do núcleo? Que espaço era aquele?

Pra conversar. O espaço... não era as conversas... cada um... eu me sentia mais adulta. Apesar de ser criança, eu me sentia mais adulta. Estávamos num grupo, que nos propunha assuntos mais sérios. Assuntos que me faziam pensar. Às vezes, rolava uma brincadeira. Claro! Mas eram assuntos mais sérios! Eram... eram assuntos que nós tínhamos... que...pronto, eu vou-me repetir, tínhamos que pensar, que... íamos formando as nossas opiniões. Que, se calhar, nesses assuntos não estavam formadas. Ia ouvindo uma coisa de uma e de outra pessoa. Tentávamos formar, também, uma opinião e... e havia pessoas em desacordo... nem todos concordavam. Nós tínhamos que meter prós e contras.

Sentias-te respeitada? Lá?

Claro. Sempre me senti respeitada e... e que... todos se respeitavam! Respeitavam, porque nós ... achamos que ninguém, ali, se sentia dono da razão, também. Acho que todos, também, iam de mente aberta. Acho que isso também era, era um dos... grandes qualidades do núcleo. Porque todos nós

távamos de mente aberta. Se entrava uns com uma opinião... a... podíamos mudar de opinião, porque havia conversa, havia troca de palavras, de, de pensamentos e havia formação de pensamentos, havia formação de... de carácter, também, porque não eram só, só, só, só debate sobre, sobre assuntos...a... de amizade, de amor. Era debates que faziam a gente decidir, não é decidir. Não sei se me vou conseguir explicar. Já tou me baralhando (riso). Eram assuntos que nos faziam, também, seguir por certos caminhos. Que faziam nos escolher valores e escolher... e criar os nossos caracteres. Um pouco. Pelo menos, uma base.

Mas esses caminhos eram-vos impostos? Ou eram escolhidos por vocês?

Não eram impostos. Eram criados por nós, com base naquilo. Nós... nós escolhíamos o nosso caminho. Às vezes, mesmo sem saber, sem se dar conta, sem consciencializar, mas não, não, não era imposto uma ideia e a abertura de pensamento, a mente aberta da exposição das ideias... havia exposição das ideias, havia exposição de prós e contras, de, de certos assuntos, de certas ideias.

Tu sentias confiança no grupo? Confiavas nas pessoas?

Confiava. Pra tar ali... a pessoa que ia pra lá, já era previamente informada pra quê que ia. Ia pra um grupo de debates... um grupo de debates de cidadania que envolve... e isso tudo. Ia pra conversar, pra... pra expor as suas ideias, pra ouvir. Não ia pra lá para ser julgada. Ia pra lá pra debater. Debater já diz quase tudo.

Aprendeste lá alguma coisa?

Aprendi. Aprendi...coisas, talvez eu não consiga explicar, mas eu sei que grande parte daquilo que eu sou foi construído em base... em base de certas coisas. Nem que sejam pequenas, a gente vai construindo um pouquinho, porque um pouquinho de cada pessoa que tá lá, também tá dentro de mim! Nós... o respeito, nós falamos também, pela hora de cada um falar, mostra também que tem que haver respeito, tem outras coisas. Se aprende um pouco a socializar ali pra depois poder socializar fora dali.

E isso ainda hoje te é útil?

Isto é útil em todos os momentos. Talvez eu teria aprendido, também, em outros lugares, isso! Mas... ali incitava-nos o pensamento. Era uma forma de trabalhar o pensamento, de trabalhar os valores, aprender os valores, dar valor aos valores.

Alguma vez te aconteceu, ou acontecia-te, o núcleo acabar e tu ires embora a pensar nas coisas que lá se tinham dito?

Quase sempre. Quase sempre a gente ficava a pensar. As conversas, às vezes, não tinham fim. Não tinham fim, nem que fosse na minha cabeça, porque uma pessoa... acho que, mesmo em qualquer situação, você fica pensando o que é que aconteceu. Quase sempre (riso) ... pelo menos comigo... pra, pra tentar organizar as coisas na mente.

E tu, em casa, alguma vez falaste do núcleo?

Sim. Os meus pais sabiam que eu fazia parte do núcleo. Sabiam que... que eu ia comentar...às vezes quando... quando mexia mais comigo. Quando um assunto mexia mais comigo. Quando as opiniões dos meus colegas mexiam mais comigo, ou contrariamente, ou favorecidamente, comentava com eles e também pedia opinião, pedia a opinião deles. Eles sabiam que eu tava no núcleo.

E eles tinham uma opinião sobre aquele espaço? Tu percebias se era do agrado deles, ou não que...

Era. Era do agrado deles. Se fosse do desagrado, com certeza que eles tinham dito pra não ir. Mas eles... pelo que eu falava com eles, do... que nós conversávamos, que nós expúnhamos as nossas ideias, eles não eram nada contra isso. Bem ao contrário, bem ao contrário.

Como é que tu qualificas a relação que tens com os teus pais?

225 Os meus pais. Eu sinto que posso falar tudo com eles, mas não falo tudo com eles. Sinto que posso falar
226 tudo, mas não falo. Pronto. Eu não sei. Eu sinto que, se eu quisesse, eu, eu falava... mas também há
227 certas coisas que eu prefiro guardar pra mim. Há certas coisas que acho que não se deve falar com os
228 pais (risos), pelo menos da minha parte.

229 **Separas?**

230 Separo, separo. Eu separo. Também há assuntos mais delicados em que eu me sinto mais
231 constrangida... mas que... se eu falasse, eles falariam, também, comigo, eles me responderiam e me (),
232 mas como eu me sinto mais constrangida, também procuro falar com outras pessoas.

233 **Voltando ao núcleo e à escola. Tu fazias a distinção entre o que se passava na escola, as aulas, os**
234 **professores e depois aquele espaço do núcleo?**

235 Não sei. O núcleo faz parte da escola.

236 **Mas por exemplo, tu vês o núcleo a funcionar noutro sítio que não na escola?**

237 Eu acho que o núcleo funciona muito bem na escola. Se calhar, funcionava noutros lugares sem ser na
238 escola, só que, na escola há uma diversidade tão... boa de pessoas. Há uma diversidade tão grande de
239 ideias e há uma necessidade também tão grande de incentivar essas ideias, de pôr essas ideias a
240 trabalhar e de expor essas ideias pra virem as outras ideias das outras pessoas pra você não ser
241 radicalista, também. Pra uma pessoa... porque na escola é que você vai ter uma grande formação da tua
242 pessoa. É, é, eu acho que isso é certo. Na escola você forma uma boa parte da sua pessoa, porque você
243 não vai pra casa a... você não vai pra escola e só faz o que teus pais te ensinaram em casa. Como eu já
244 disse, você aprende na escola a... regras, regras não! Aprende na escola a socializar, mas eu estou-me a
245 repetir.

246 **Tu aceitaste sempre tudo aquilo que a escola quis que tu fizesses?**

247 Não. A gente não aceita tudo só que a gente também não pode contrariar. A gente não aceita, não
248 compreende, mas a gente TEM que fazer, não é? A gente fica REVOLTADO, mas a gente tem que fazer
249 o que a escola manda (riso).

250 **Tudo?**

251 Tudo talvez não, mas também é difícil uma pessoa se impor, uma pessoa de catorze, quinze anos se
252 impor contra um adulto gigante. Professor. Também depende da relação que tem com o professor, mas é
253 difícil porque tem muitas coisas por trás. Tem as notas que pra muitas pessoas é muito importante. Tem a
254 educação que foi aprendida em casa, ou que foi aprendida com os teus amigos. Porque se você tiver um
255 grupo de amigos que te dão coragem, que te dão impulso pra fazer, pra te impor contra um professor que
256 te tá a dar uma obrigação que você não quer fazer, você vai, vai atrás deles. Mas isso depende... mas
257 por trás do fazer tudo, do aceitar tudo, a gente nunca aceita tudo. A gente tem sempre uma opinião
258 diferente.

259 **Como é que tu vias os professores?**

260 Os professores! A gente vê sempre os professores num... numa espécie, numa espécie de mundo à
261 parte. Uma espécie, não é? Porque o professor é... não, não... são poucos os professores que têm uma
262 relação além de professor aluno com os alunos. Além daquela relação de sala de aula. Também porque
263 não há outro lugar de convívio. É só mesmo... pr'ali, porque é só... é aquela função de professor e ele
264 não tem mais nada. E, às vezes, até os professores dizem: "Eu tou aqui pró que for preciso", mas é difícil
265 uma pessoa, um aluno, ter a coragem... de ir lá e falar com, com o professor se estiver a precisar.

266 **Porquê que achas que é difícil?**

267 Por, por causa mesmo dessa sala de aula fechada. Só há convivência ali dentro. E também é difícil...
268 também... há aquelas coisas... se você quiser se encontrar num café com o professor pra conversar, já
269 vão haver, também, aquelas conversas dos outros alunos por trás. Graxista e isso... e isso também tem

um grande peso para um aluno. Se ele for procurar um professor que só tem uma relação com ele dentro de uma sala de aula pra, pra conversar sobre um outro assunto, se calhar... o professor até pode estar aberto, mas o aluno vai se sentir constrangido. Depende, também, do aluno! Isso depende (das situações) não é? Tudo é tão relativo!

Mas, ao longo do teu percurso na escola tu foste formando muitas ideias e foste construindo, provavelmente, o teu projecto pessoal, não?

Sim, os nossos planos, os nossos sonhos vão sendo planeados... vão sendo sonhados quando a gente vai também conhecendo as coisas que estão pr'além de nós. As coisas que estão pr'além de nós não, não nos caem na frente... brutalmente. Vão, vão aparecendo devagarinho e vão aparecendo por outras pessoas. Na maioria das vezes vão-nos dando um pouquinho aqui, um pouquinho ali e a gente vai encaixando nas nossas ideias e vai construindo os nossos sonhos e os nossos planos.

Há algum episódio especialmente marcante que tu guardes da escola, pela positiva agora, já que ainda há bocado referiste um pela negativa.

Há um episódio que eu nunca vou me esquecer. Não é assim tão pela positiva. Tem a ver com aquela coisa de procurar um professor. Havia uma professora minha, da área científica, que disse que estava disponível, que gostava muito de nós, que estava disponível sempre que eu quisesse. E eu uma vez fui falar com ela: "Oh, professora! Posso falar consigo depois da aula?" Ela teve uma reacção um pouco estranha, mas disse: "Pode! Claro." Eu falei com ela a... porque távamos a dar a descoberta do mundo, o big bang e aquelas coisas todas e eu tava... tava a passar por dúvidas assim religiosas (riso) e fui falar com ela e... ela, ela mostrou-se aberta, conversou comigo. Dúvidas... fiquei com dúvidas, porque dúvidas em religião não é... ela também não me mostrou um caminho, mostrou-me vários caminhos. Ela deu-me as provas científicas que aconteceram, mas também eu disse para ela: "Aconteceu o Big Bang, toda a gente sabe que aconteceu a grande explosão, toda a gente sabe que não foi Deus que construiu a Terra, toda a gente sabe que houveram dinossauros, não é? Mas há, há sempre aquela coisa que a gente não sabe e há sempre aquele mistério que... religião também é muito subjectivo, também depende muito da fé de cada pessoa, da crença". E ele, ela não me impôs a religião dela, porque ela nem era católica, nem era nada e eu também tava, tava numa época de ler livros espíritas. Porque eu tava numa época confusa eeee falei disso. E eu gostei da conversa que tive com ela. E foi nessa situação. Custou-me ir ter com ela e pedir pra falar com ela... Tava nervosa quando fui pedir pra falar com ela. E quando me encontrei na frente com ela não sabia como começar a conversa... e também não sei se era a pessoa mais indicada para conversar, mas teve um resultado positivo.

Mas preocupava-te a opinião que os outros tivessem por tu ires falar com ela?

(Silêncio) [toca o telemóvel e ela desliga]. Por acaso, acho que não! Eu há bocado disse o contrário. Eu há bocado disse o contrário. [o telemóvel volta a tocar].

É melhor atenderes! (riso)

Não! [Volta a desligar]

Não queres?

Deixa tar! Eu há bocado disse que muitas pessoas se sentem restringidas por causa [o telemóvel volta a tocar e desta vez a jovem atende]

Eu, há bocado disse que... que as pessoas iam-se sentir restringidas ao pedirem ajuda, mas eu tive o cuidado, também, de ir pedir pra falar com ela quando ninguém tava...e quando ninguém tava ao pé de mim. Também tive esse cuidado. Mas acho que não era essa a minha maior preocupação. Tava nervosa quando fui pedir pra falar com ela, mas não...

313 **Lembras-te de um episódio que se passou no núcleo um dia em que tu disseste ao pedro Seixas**
314 **aquilo que pensavas sobre a questão da... ele sentiu que tu estavas a dizer que ela era graxista.**
315 **Lembras-te?**
316 Ele sentiu-se muito ofendido. Eu lembro mais ou menos. Lembro-me que ele se sentiu bastante ofendido.
317 Eu lembro-me mais ou menos. Lembro-me que ele se sentiu bastante ofendido.
318 **Mas era aquilo mesmo que tu pensavas na altura? Lembras-te?**
319 Na altura era, que ele era um pouco graxista. Eu sei que é a maneira dele de ser () mas é porque ele é
320 assim com todo o mundo, não era por ser os professores.
321 **Mas é um bocado a palavra “graxista” que se tem que esclarecer, não é?**
322 Era... ser o favorito e, daí ...logo ter melhores notas. Mas eu lembro-me que nessa altura eu me senti um
323 pouco triste, porque eu falei aquilo... eu não queria que ele ficasse ofendido comigo e lembro-me que as
324 outras pessoas que estavam no núcleo também comentavam isso e ninguém...
325 **Fora? Comentavam fora?**
326 Fora do núcleo. E eu puxei esse assunto no núcleo e não me apoiaram. Não me apoiaram, quer dizer,
327 não admitiram. Não tinham nada que me apoiar, mas não admitiram também isso. Essa situação lembro.
328 **Vocês alguma vez esclareceram isso, os dois?**
329 Não! Não. (silêncio) Mas eu sei que o Pedro Seixas é assim com toda a gente. Hoje eu sei. Hoje eu sei
330 que ele fala com toda a gente. Que toda a gente acha ele a maior simpatia.
331 **Tu achas que a escola deve formar para o mundo do trabalho?**
332 Já? A escola? Não. A faculdade. Acho que é uma pergunta difícil, porque há pessoas que saem dali pa
333 trabalhar. Há pessoas que saem dali pa trabalhar embora não, não sejam preparadas, se calhar, por isso
334 é que é a pergunta (riso).
335 **Mas tu achas que a função da escola é essa, preparar para o mundo do trabalho?**
336 Se calhar, é mais... preparar pra vida. A escola não tem essa responsabilidade... assim escrita, não é? A
337 responsabilidade da escola é preparar e ensinar conhecimentos, mas... tem que, cada vez mais, preparar
338 pra fora da escola, pra a pessoa viver fora da escola, também. A escola acho que tem a responsabilidade
339 de... de preparar uma...uma criança para sair da escola e não se sentir perdida.
340 **E como é que tu achas que isso se pode fazer?**
341 Isso também é uma pergunta difícil (riso) porque... é a parte da humanização. É a parte da humanização
342 que, que muitos professores não...não... não, não exercem. Vão pra lá, dão as aulas e... às vezes, não
343 há a convivência além disso. A preparação pra fora da escola é mais feita entre o gru=entre os alunos.
344 **Como é que tu vês o núcleo nessa preparação?**
345 Por exemplo, com o debate de... certos assuntos, de assuntos que te podem preparar que te podem
346 marcar, que te podem abrir os olhos, também.
347 **E tu achas que o núcleo pode ter esse papel formativo?**
348 Eu acho que sim, só que o, o núcleo também abrange também pessoas de várias idades, não é? Que se
349 juntam e que, pronto. Na escola, os que são mais velhos são os maiores e, às vezes, os menores podem
350 aprender com eles ou podem, também, se sentir diminuídos, mas essa convivência é boa pra passar
351 experiências e pra, pra... pra haver essa troca de informações, fluxo de informação. Esse fluxo de
352 experiências!
353 **Os teus planos são estudares em Portugal e ficares por aqui, ou alguma vez puseste a hipótese de**
354 **ir pra outro país.**
355 Eu tenho hipótese de ir pra um outro país, mas... de ir e voltar, de ir e voltar, porque eu quero sempre
356 estar ao pé dos meus pais, quero estar sempre, sempre ao pé deles.
357 **Porquê?**

358 Porque...porque não sei... fazem-me muita falta! ... Fazem-me extremamente falta.

359 **Sentes isso em Viseu?**

360 (emociona-se, mas controla-se) Sinto, às vezes. Sinto, sinto... sinto mais quando não venho a casa,
361 mas...sinto vontade de acordar com um beijo deles. Ainda é aquela situação de conforto, de tar no colo
362 deles, mas...também, porque nessa mudança toda que eu tive de escola (começou a ficar rouca),
363 mudança de escola, enfrentar de chorar com a minha mãe tanta coisa que eles fizeram (estou um bocado
364 rouca já!). É quase um namoro. Sinto-me tão grata, tão grata por eles tarem sempre ao pé de mim (está
365 emocionada) e por eles terem feito tudo, tudo... por nosso melhor! Pra, pra melhorarem a vida de todo o
366 mundo... que... me sinto tão grata e tão feliz de contar com eles, que não tenho vontade de me separar
367 deles nunca. Tenho vontade de conhecer o mundo. Ir por ali, por aí e conhecer países, e culturas, e
368 museus, e monumentos, e tudo, e de trabalhar. Tenho muita vontade de trabalhar. Mas tenho vontade
369 também de morar ao pé deles.

370 **Sentes mais isso desde que foste embora ou já sentias?**

371 Sinto isso desde que fui pra faculdade. Sinto isso desde que fui pra faculdade. Sinto isso, também, desde
372 essa fase que, que tem vindo a passar (referência a uma conversa onde se abordou a questão actual da
373 bulimia) e sinto isso, também, porque lá na faculdade não tenho aqueles amigos, amigos em que vá falar
374 de tudo e isso também (cultivei) aqui. Os meus pais, se calhar, vão ser as únicas pessoas que vão tar
375 sempre, sempre, independentemente daquilo que eu faça, vão tar comigo. Podem não tar de acordo
376 comigo, mas vão tar comigo. E... e eu também quero tar com eles.

377 **Tu sentes que pertences a algum lugar?**

378 Pertença aos meus pais (riso). Algum lugar acho... que não pertenço. Algum lugar...eu vou atrás deles,
379 ou... ao lado deles (riso), ou vou ainda no colo deles. Se calhar ainda vou no colo. Um dia vou poder voar
380 deles, mas ainda vou no colo (riso).

381 **Mas... o teu país é o Brasil?**

382 Eu, eu não tenho país. Eu amo o Brasil. Eu amo Portugal. No Brasil está a minha família de quem eu
383 morro de saudade. O Brasil foi o país em que eu nasci. País que eu choro quando aterro. Quando o avião
384 aterra... eu choro de alegria. Quando o avião sobe, voltando pra Portugal, eu choro de tristeza. Choro...
385 de tristeza por quem deixo lá. Porque...não sei... é uma sensação... eu tenho uma...uma...um medo de
386 perder as pessoas muito grande. Tenho o medo enorme que seja a última vez... sempre! Se calhar, é por
387 isso que eu choro tanto. Porque eu tenho medo que seja a última vez (pausa) e... e... e isso dá-me, dá-
388 me, dá-me tristeza ao sair de lá. Eu, eu tenho noção que o Brasil é um país a... que precisa evoluir muito,
389 em termos humanistas principalmente, precisa de se consciencializar... tem muitas riquezas. Tem tudo,
390 tudo, tudo pra ser o maior país do mundo. Só não tem as pessoas certas...só isso... na frente dele.
391 Porque tem todas as riquezas naturais que, que, que faz falta a tanta gente. Tem todos os recursos
392 naturais que possa precisar e tem... e tem produtividade enorme, tem pessoas que trabalham. Tem
393 pessoas que gostam de tar á sombra, mas também tem pessoas que trabalham duro pra vencer. Só que
394 as pessoas que estão na frente são poucas as de confiança. Portugal acolheu-me muito bem. Portugal
395 é... é agora onde eu quero estar, é onde eu me sinto bem. Claro que nunca vou esquecer que... que...
396 que me permitiram tar aqui, que me aceitaram, e a minha família, tão bem. Que tao trazendo... um país
397 que está trazendo tantas alegrias... pra nós. Dá-nos tantas hipóteses, também, de vencer. As tristezas
398 que aparecem também, se calhar, apareciam noutro lugar, por isso a culpa não é, não é de tar aqui. Só
399 tenho coisas boas a dizer de Portugal.

400 **Tu sentes-te brasileira, aqui? Sentes-te portuguesa? ...**

401 Mais portuguesa... quase! Já tenho... a minha personalidade foi feita no meio de portugueses. Eu tenho,
402 acho que mais características portuguesas do que brasileiras. Tenho...acho que sim, acho que me sinto

403 mais portuguesa. Cresci aqui, eu me desenvolvi aqui, que me lembre, quase aprendi aqui (risos). Por isso
404 é que não quero ir embora, tão cedo, daqui.

405 **Tão cedo? (risos) Mas... pões a hipótese?**

406 Ponho a hipótese? Claro. Porque a pessoa, também, não pode ficar presa. Presa... quer dizer... Uma
407 pessoa tem sempre que buscar algo mais. Eu não quero terminar o curso e vir aqui trabalhar pro resto da
408 vida sem crescer mais. Quero terminar o curso, trabalhar e depois ir pra algum outro lugar, aprender
409 mais... trabalhar mais outra vez. E eu quero é trabalhar (riso).

410 **Como é que tu vês o teu desenvolvimento profissional?**

411 Eu tenho uma sorte enorme, professora, de ter... de ter condições pra poder ir lá pra fora aprender mais.
412 Eu tenho uma sorte enorme de poder fazer isso e de ter quem me apoie, tanto financeiramente, como
413 emocionalmente. Que me dá força pra ir e que também acha que é o melhor pra mim, pra conhecer
414 outras coisas, outros lugares.

415 **E o teu namorado apoia essas ideias?**

416 Completamente. Ele também quer fazer isso. Ele também acha que não se deve tar estagnado. Terminar
417 e, e não procurar fazer outras coisas. Terminar o curso e não... e pronto, acabou aí. Tem que tar sempre
418 a... a se desenvolver, a, a, a activar o cérebro, não é? (riso) Não, não tar parado pra nosso próprio bem.

Entrevista nº 5

Data de realização 2007/ 04/ 05

- Nacionalidade

Portuguesa

- Idade

19 Anos

- Nível de escolaridade

A frequentar o 2º ano da Licenciatura em Informação Turística: Guia Intérprete Nacional na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

- Onde vive/ Com quem vive

Caldas da Rainha – Com os pais e irmão Estoril – amigas

- Posição perante a religião (católico, protestante, muçulmano, budista, hindu, ateu, outra posição perante a religião)

Discípulo de um Deus sem rótulo

- Pais casados/separados/divorciados / falecido(s)

Casados há 21 anos

- Grau de instrução da mãe/do pai (superior completo ou incompleto; secundário; 1º, 2º ou 3º ciclo?)

Mãe – não terminou 8º ano

Pai – secundário

- Profissão mãe/pai

Mãe – empresária

Pai – artista plástico.

Vou pedir que tu faças uma descrição breve da tua história de vida, do teu percurso de vida. Onde nasceste e quais foram os teus passinhos até hoje.

Então... pequanino, pequanino foi... uma criança muito doente. Até aos meus quatro aninhos era surdo dum ouvido, não ouvia nada. Sofri muito quando era criança. Era uma criança muito doente, muito frágil. Depois, a minha ... a minha primá... a minha primária... sempre num infantário, sempre muito bem, porque a minha mãe é que fazia as pecinhas para dar às crianças, pintava, gostava de pintar. Pronto, um infantário normal. A primária também... Depois... o, o quinto e sexto ano, na..., na... aqui no ciclo, na D. João II, foi muito mau. Os professores não percebiam... tinha só um colega que era o Pedro Leal, que me juntava mais a ele porque éramos os dois sozinhos e o meu DESEJO de sair daquela escola ah... era, era...era muito forte. Fui parar à Raul Proença, a melhor mudança da minha vida. Acho que a partir daí, tudo o que eu sou hoje começou daí. O meu sétimo ano, com uma turma magnífica, com professores magníficos. A professora Lina e professora Celeste Custódio como... foram as minhas professoras de eleição. Desde... desde...ahmmmm, desde o envolvimento na escola, desde às revelações de que... que nem eu próprio conhecia. As minhas capacidades, aí, revelaram-se, vieram à superfície, que eu no quinto e sexto ano não tinha gosto por nada. As minhas notas também não eram nada de especial. No sétimo ano e no oitavo e no nono, eu junto esses três anos num mesmo período porque... ahmmmm fui um bom, sei que fui um bom aluno, porque realmente o reconheço e trabalhei para isso. (Inspiração profunda) Momentos que marcaram... sem dúvida. O meu grupinho de amigos, ahhhh, o início de DPS, esta actividade do Jardim-de-infância... que até hoje tenho fotografias no meu quarto disso. Aquela actividade de DPS, que até apareceu no jornal. Tenho lá fotografias no meu quarto. Adoro recordar. Ganhei o prémio de melhor aluno, o do aluno mais simpático e eu, o Diogo e o Pedro ganhámos o Raulinho. Em cada ano ganhei um prémio e isso foi importante pra mim porque eu, pela primeira vez na vida sabia o que era auto-estima e sabia que estava a crescer de uma maneira... sempre me senti, às vezes, um pouco mais maduro do que os outros, modéstia à parte, mas eu sentia-me... uma compreensão, uma observação, uma sensibilidade ahhhh muitos colegas diziam que eu era graxista, mas eu gostava de ser simpático e sentia que conseguia captar a atenção das pessoas e o carinho. Tinha facilidade, também, em arranjar amizades ahhhh e pronto. Esse período foi marcado por isso e pelo, claro, peloooooo crescimento e pela luta daquilo que viria a ser o Núcleo, não é? Desde reuniões com o professor Pimpão, a abaixo-assinados, ahhhh uma luta imensa e uma revolta por ter acabado o DPS e a revolta dos alunos, turma A e turma B, por desaparecer uma disciplina que nos dava tanto gozo e que, realmente... é a nossa segunda escola o Núcleo. É... foi, no fundo, uma segunda escola, uma escola... mais para a vida, não é? Nós tínhamos a escola onde nós estudávamos, mas o Núcleo foi a escola que, no fundo, nos preparou para a vida aqui fora! Puxava outros assuntos. Mas pronto, esse período foi muito importante e faz, sem dúvidas, hoje, aquilo que eu sou porque eu... os meus princípios surgiram daí. Tive percepção de coisas que surgiram... que surgiram daí. Depois, no secundário... mudança de turma, mudança deeeeeee professores, mudança de amigos. Ahmmmmm surgiu oooo, o Teatro. A troca do Núcleo pelo Teatro porque, eu, até me lembro que o Ruben estava primeiro no Teatro e eu estava no Núcleo ahhhh e teve que haver uma troca para o meu bem-estar que, de certa forma, era...eu via: “então, mas espera: eu vou ter de, pela primeira vez, partilhar “, não é que eu sentisse que o Núcleo tinha sido feito por mim, ahhh, mas eu sabia o papel ahhhh, o papel... no fundo um dos pilares do Núcleo. Recorriam, recorriam a mim. Eu estava em todas. Eu ia a todas. Queria que todos fossem a todas ahhh e eu, pela primeira vez, vi ali uma pessoa que ahh estava ahhh, não era a fazer-me FRENTE, eu tinha que partilhar oooooo esse pilar com outra pessoa. Isso foi, assim, já um toque, para mim, que me deixou de pé... de pé ATRÁS, porque acho que já tinha vindo a crescer de uma maneira que, e já com a influência do Teatro e dos meus novos amigos, aí não estava a conseguir aceitar. O querer ahhhh, se calhar, ahmmm, (expira) como hei-de

dizer...ahmm... um pouco de egoísmo da minha parte em determinadas situações. Depois, o facto de ter gostado do Ruben levou, claramente, a afastar-me do Núcleo e a dedicar-me ao Teatro para não o ver. Tanto ahhh porque o Núcleo me obrigava a pensar sobre as coisas e eu não queria pensar, ahhh não queria chegar a casa e, eeeeeeeee e pensar sobre aquilo que se falou durante aquelas duas, três horas, por melhor que eu soubesse que isso me ia fazer. Porque... toda a gente sabe, ou dizia que a sensação de alívio... parece que no Núcleo era ali uma lavagem, uma lavagem entre aspas. O desabafo, o poder ajudar os outros, a capacidade de ouvir, ahhhh. Tudo isso era tão saudável e todos vínhamos do Núcleo a voar, chegávamos a casa contEntes. Era tão bom saber que podíamos ajudar os outros. Depois, o Voluntariado ahhh... o voluntariado marcou muito todo aquele período do oitavo, não. Nono, talvez. Não sei se apanhou o oitavo, o voluntariado. Agora não me lembro. Não me recordo, mas acho que não. Ah, apesar de eu saber todas essas vantagens que o Núcleo me iria trazer... no entanto, eu não queria aquilo. Não... não queria... chegar a casa e matutar naquilo. Queria arranjar fugas. A fuga foi tornar-me mais vaidoso, foi juntar-me a pessoas que também não me faziam pensar, que não eram de todo inteligentes, que não puxavam. Isso ao contrário de todo aquele grupo, de todo aquele grupinho do Núcleo, não é? Do meu sétimo ano, colegas do Ruben, o Ruben, todas essas pessoas que me faziam pensar. Eu tive que me afastar delas por cobardia e juntar-me a pessoas que não me faziam... que me faziam esquecer... eu ter de pensar sobre as coisas. Não sei se estou a ser muito redundante, mas acho que estou a ser claro. Depois, e já entrando noutro período, o do secundário, toda a importância do Teatro, a libertação, era reconhecido na escola doutra maneira, mas também o era. Se, durante o terceiro ciclo, era reconhecido pelo meu trabalho do Núcleo e pelo voluntariado eeeeeee, aaaaah, pelos prémios que ganhei, no secundário é o Teatro, sem dúvida. O Teatro veiooooo, veiooooo a desenvolver todas as minhas capacidades corporais e... faciais que eu sabia que me iam ajudar para a minha profissão futura. O falar com o público é extremamente importante, o à vontade. Depois, a sorte de me puder mascarar, de puder vestir outras personagens e esconder a minha, que no fundo era isso que Teatro também me tava a ajudar a passar. Foi no fundo... o Teatro foi a terapia para eu tentar esquecer o Ruben. Tentar esquecer aquele peso de consciência de ter-me separado de pessoas por uma razão que não podia naquele momento explicar. E o Teatro foi sem dúvida isso. Proporcionou-me muitos bons momentos, novos colegas, novos professores, saídas ahhhhh, ahhhhh... aplausos doutra maneira, mas aplausos e todo aquele... fascinou-me ooooo, aaaaa, aquele, aquele ambiente de Teatro e o stress e o ter de decorar... depois durante aquele... eu estou a fazer comparações porque é, é isso que eu estabeleço. Se, por um lado, a minha mãe me dizia: "Fábio, um ou dois voluntariados. Não te metas em todos!" ou "cuidado com as horas. Tens de estudar, sei que tens d'ir ao Núcleo, sei que tens d'ir a reuniões". Depois, no secundário, ouvia ralhetes: "Não te podes meter em tantos Teatros. Olha lá". Baixei as notas no secundário. Dedicava-me bastante ao Teatro e aos ensaios. Revoltava-me, muitas vezes, porque... tinha chatices com o professor Aníbal porque, às vezes, achava que ele era mal agradecido ahhhh, pela, pela f... pela, pela frequência e a dedicação que nós mostrávamos por aquilo, nós não éramos remunerados! E, às vezes, revoltávamo-nos. Mas foi um período muito bom. Depois, mais para o fim, e também num momento de esquecer e de depressão, tive aquela... aquela fase que... me envergonho, mas que fez parte, e preocupou muita gente, eu sei (riso), em que eu emagreci muito, que me deixou ir abaixo... que desmaiava. Passei noites em hospitais, a soro, porque, realmente, não comia ahhhh. Isto tudo fez parte de... eu querer dar nas vistas de outra maneira. Eu tinha de me afirmar, tinha que ahhhhh, tinha que chamar, tinha que continuar a chamar à atenção, as pessoas tinham de reparar em mim ahhhh pelo... e a maneira mais fácil que foi, foi era, era, pela, pela, pelo meu corpo. A, a, Eu, apesar de: "Fábio, estás tão magro!". Diziam-me: "Estás tão magro. Vê lá se comes". Isso, pra mim, era, eram elogios. Quanto mais me dissessem aquilo, acho que pior eu fazia aaa, porque eu... reparavam em mim. Reparavam em mim

por eu ter emagrecido e... e isso fazia-me... fazia-me sentir bem até que, realmente, cheguei ao ponto de baixar notas, de não fazer testes, deeeee, deeeee, ahah de me sentir estúpido. De me sentir estúpido por estar a fazer aquilo. Por me sentir fraco. Depois comecei a recuperar. Mas... pronto, o meu período de secundário foi esse. Aaaaa com um leque de amigos totalmente diferente e que eu sentia, que assim que eu fosse prá universidade, não iam continuar comigo. Claro que continuaram dois ou três. Continuamos a falar, mas não foram determinantes. Não aprendi com eles. A grande aprendizagem foi mesmo no terceiro ciclo porque, realmente, o que conta é quando as pessoas nos despertam e desenvolvem o nosso interior que é isso que vai marcar, é isso que... os nossos princípios, as nossas ideias, aquilo em que nós, realmente, acreditamos são... tem a ver com o relacionamento que nós temos com as pessoas, com as escolhas que nós fazemos na nossa vida, NESSAS ALTURAS. São as mais importantes e, realmente, estou aqui, hoje, e vim, resolvi passar por essas pessoas que conheço há seis, sete anos é sinal que foi com elas que eu aprendi. Sem dúvida.

Depois ahmm a transição. Depois a carta de condução, uma sensação de independência, de maturidade. Aaa a entrada na universidade, uma vitória, uma alegria plena. Ahmmm primeiro ano de universidade muito, muito vago. Muuuito ahhhh ahmmm... Sem grande ahhhh contente. Nunca duvidei do curso. Metia-me pena estar com pessoas que ahmmm a, a, desiludi-me até. Desiludi-me com as pessoas. Pensava que ia encontrar pessoas mais interessantes. Estava todo contente, que ia partilhar dos mesmos interesses dos mesmos sonhos, mas não, não aconteceu. Muita gente está ali, porque não está noutro, portanto, por exclusões de parte. Mas... estou muito contente, porque ser Guia/Intérprete é um sonho mesmo. É... tenho a certeza daquilo que quero. Desde o meu nono ano que é isso que eu quero ser e não tenho dúvida que tou muito contente por onde eu estou. Vejo, também, que sou reconhecido pelo meu trabalho. Sinto que tenho jeito pr'aquilo que vou fazer. Tenho muuuita... no início do segundo ano, e porque me aproximei dos meus colegas do nono ano, tenho tido momentos de choro mesmo, com saudade, com saudades do liceu. Haaaa, hammm, desde o edifício às funcionárias, aos professores, ao ambiente, à..., ao café, ao ABC, ao voluntariado aaaaah, porque eu vejo sempre, eu aaah, eu vi que eu... construí, que eu tenho vindo a construir o meu futuro. Não sei se consciente, ou inconscientemente, mas acho que conscientemente, eu sabia que o ter de lidar com o público, com turistas com nacionalidades diferentes, ter que ser uma pessoa sensível para saber se estão a gostar, se não estão a gostar... O saber...por exemplo, eu fiz uma visita, no meu estágio, a um casal de invisuais. Foi uma experiência formidável que, infelizmente, a minha colega estagiária fez uma figura horrível. Apareceu o grupo, ooooo, aquele casal cego e ela disse que não estava preparada para fazer uma, uma visita a cegos e que não ia fazer, em frente ao, ao casal. Foi um pandam, uma coisa... horrível. E eu sabia que eu tinha que fazer. Era uma oportunidade linda de eu saber que era capaz de fazer. E eu sabia que era. E eu vejo que o voluntariado, saber que... ter que lidar com pessoas diferentes, trabalhar todo o lado humano e a sensibilidade... sei-o perfeitamente e... as conversas do Núcleo, portanto, todo o lado humano consigo ver aplicado nas minhas práticas. Neste momento no meu estágio, mas sei que vão ser aplicadas na minha profissão futura. E o Teatro, portanto, no, no, no lidar, no comunicar, no projectar a voz. Muitas coisas encaixavam-se e eu sinto hoje, olho pa trás, assim... realmente, nada é por acaso. As minhas escolhas, as minhas escolhas não foram ao acaso. Tive aquelas duas peças, Núcleo e Teatro que se encaixam agora de uma maneira que eu... Obrigado por, por me terem aparecido na vida. Por eu ter feito por elas. E, realmente, a visita ao casal de cegos foi formidável. Claro que, além disso, tive medo de me atrapalhar, porque já foi ao fim de um mês e tal, era a última visita do dia... Decidi que tinha que ser uma visita bilingue porque eram... eles, por acaso, eram portugueses, o casal de cegos, mas também haviam espanhóis, ou ingleses, que queriam fazer e eu disse que me queria dedicar aaaah vieram pessoas, vieram mais dois casais portugueses na visita, mas eu se fizesse uma visita bilingue não me podia

dedicar tanto àquele casal. E... pronto, ao longo da visita tive de os levar, assim... com a mão... Era um casal e tinha um filho com, com cinco aninhos que não era, que não era cego. Ele é que os conduzia. Era lindo. A mulher era cega de nascença, o marido é que ficou cego há poucos anos, há poucos anos. (Inspiração profunda) Tive, realmente, que apurar os outros sentidos, chamar a atenção para os frescos dos azulejos e da dimensão, levá-los a apalpar, fazer comparações... pronto. Foi uma experiência que me marcou muito no estágio e pronto. Agora estou no segundo ano, a um ano e meio de terminar o meu... Neste momento, o meu objectivo de vida, que é terminar o meu curso. aaaa E, sem dúvida, o momento mais recente e mesmo até ao último...ao último... isto é giro, fazer este balanço da vida... vindo até ao momento mais recente... foi sem dúvida... finalmente, eu tratar e cuidar da minha identidade. Eu sinto que sou, eu cá dent, eu, a, a, Fábio a, amor, paixão, esses sentimentos mais fortes, estou a descobri-los muito recentemente. Sei que podia ter tido a oportunidade de explorá-los anteriormente, mas... fui negando-os e agora... conheci o Fábio eeeee, eeeee, eeeee, portanto, a minha identidade está a ser mais tratada. Está a ser bem tratada agora. Aaaaah, mas, portanto, assumo-me como bissexual ou homossexual, também não tenho bem a certeza, mas assumo, sem problemas, que gosto, que posso gostar de rapazes, e ter relacionamentos, e ser feliz assim. Pronto! É o acontecimento assim mais recente e muito importante, sem dúvida, porque isso traz-me felicidade, faz-me estar nas nuvens, faz-me ter mais força, apesar de saber as dificuldades que vou ter... nos próximos tempos, mas que... sei que faz parte e eu... ai eu ponho, eu tenho posto provas... às vezes, eu sei que a minha própria vida, mas eu faço propositadamente, porque eu sei que é com elas que eu vou aprender. É como num estágio. Eu sei perfeitamente, e dando um exemplo prático, mas já pra falar das coisas...mas realmente... podia ter negado o Fábio, não é? Podia ter recusado mais uma vez, tar a adiar...e não. Mas, por exemplo, falando do estágio: podi, eu sei que sou uma pessoa que luto pelas coisas que realmente quero. Acredito em mim. Sei que... sei o que é auto-estima, porque durante mui=alguns momentos não soube, mas sempre fui apurando bastante a minha auto-estima. Sei aquilo que valho e gosto de ir pelos caminhos, às vezes, mais difíceis que sejam. Estava a querer dar o exemplo do estágio que eu sabia do difícil que ia ser para aluno do primeiro ano, me colocar no Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, porque são assim os monumentos que, realmente, vão fazer parte, obrigatoriamente, da minha vida futura. Tive uma boa nota do estágio, até melhor... havia colegas do terceiro ano que lá estavam, portanto, fiquei muito orgulhoso. E o facto de ter escolhido o pior caminho, o meu pai diz que o pior caminho é sempre ooooo que vai trazer mais frutos e, realmente, o facto de ter ido pró Mosteiro dos Jerónimos... apareceu uma proposta de trabalho, porque realmente o meu nome foi falado lá na escola pela nota que tive no Mosteiro e Indicaram-me pra fazer parte dessa empresa, na qual farei visitas particulares a turistas... que aí... virão. Pronto.

Agora, o quê que, realmente, a palavra escola tem significado para ti?

(silêncio seguido de inspiração e expiração) Escola! A escola é muito importante. Eu... não... às vezes, eu até... questiono, agora já não tanto, até ralho com o meu irmão e, e não entendo as pessoas que não possam gostar da escola, porque eu vejo a escola como uma formação... essencial. É... não consigo... é difícil arranjar uma definição. Aaaaaah, mas a escola... é a nossa formação, é a nossa aaaaaah segu, acho que a seguir ao bom relacionamento com os pais, às nossas prioridades, a escola deve fazer parte das nossas prioridades... de vida, porque é no fun, há que ser instruído, há que ser... há que explorar as capacidades e a escola propor, a escola... e levanto as mãos para o céu, porque quantas crianças, pelo mundo inteiro, não dariam por ter, por estudar e... por ter uma cadeira e por ser... por ter... professores. E a escola é, pr'além de explorar as nossas capacidades aaaaa intelectuais, possibilita-nos também todo o relacionamento com os outros. Aa, no fundo é isso, é... se não fosse a escola a, a, talvez, como é que eu me orientava, como é que eu me orientava profissionalmente? Como é que eu me conhecia em termos

das minhas capacidades, da minha escrita? É importante escrever, é importante ler, é importante nos cultivarmos, nos aaaaah, aculturarmos, não sei se usei a palavra correcta, nos tornarmos instruídos. No fundo é isto. Não consigo arranjar uma palavra, ou sinónimo, para escola.

Tu achas que definirias a escola de uma forma diferente se não tivesses tido determinadas experiências como, por exemplo, o Núcleo de Cidadania e o Núcleo de Teatro?

Definia a escola....

Achas que a escola, para ti, teria outro significado?

Ah! Estou a perceber. O interesse... Sim é verdade. É verdade, pois se calhar não, se calhar não. O... a motivação e o interesse que, quer o Núcleo de Cidadania, quer o Teatro me proporcionava fez crescer, também, o meu interesse pela escola, no ir à escola, no ver as pessoas que eu gostava. Por isso é que eu disse que a escola também é, não só o nosso local de formação, mas... de... há que socializar, há que relacionar. Sim, provavelmente não daria a mesma importância à escola se não fossem esses dois Núcleos... O próprio reconhecimento que eu tinha na escola foi desenvolvido também nesses dois Núcleos e aaaa eu sei que contribuíram... aaaa, para a minha formação académica. Não...é engraçado... não estou a conseguir imaginar a escola... não me estou a imaginar, eu, no liceu, sem essas duas actividades, apesar, mas, no entanto, reconheço, e neste momento, por exemplo, não tenho nem um nem outro por questões de distância, por questões de tempo. Gostava imenso, mas não, não consigo... e, e... agora pode-se dizer que acho um bocado, que acho seca, acho seca. Mas como o meu objectivo, neste momento... o universitário é muito mais específico: é eu saber que é aqui que eu aprendo a, que eu aprendo aquilo que vou exercer o resto da vida, porque é a preparação, é a minha preparação pró meu ganha-pão, não é? Quer dizer... não posso viver... Sem a escola não era instruído. Se não fosse instruído ia pra um emprego qualquer, ou nem sequer tinha emprego, e eu não quero tar a ser sustentado pelos meus pais. Filho de mamã e de papá o resto da vida.

Tu vês-te a vida toda a fazer o que, neste momento, desejas fazer?

Sim. Sim, sim, vejo. O que não quer dizer que vá fazendo outras coisas, porque... o inconveniente da minha profissão... A minha profissão é sazonal. Eu tenho alturas de época muito alta e, sou como as formigas, tenho que ganhar no Verão para me sustentar no Inverno e isso assusta-me, mas é o que eu quero fazer. Não posso pensar na minha profissão...não posso pensar na minha profissão só como um ganha-pão! Eu tenho que gostar e eu quero ser Guia porque gosto. Assusta-me... por isso é que eu vou ter que fazer outras coisas. Mas não me assusta durante o Inverno ter que ir trabalhar para um restaurante, para... um, um café. Vários dos meus professores disseram que, ao início da profissão, até ganharem bom-nome iam, uma professora ia tirar cervejas pa, pa um bar! Os guias que são bons oradores, bons comunicadores, persuasivos são chamados também, às vezes, para vender produtos em exposições e... tudo. Isso não me assusta, não me assusta, por isso é que eu... vejo-me a fazer várias coisas, porque eu acho que um Guia e a sua for..., eu tenho que saber um pouco de tudo, tenho de saber um pouco de política, de Gastronomia, de História, de Arte e isso eu vejo... vejo que posso... que é uma profissão flexível. Mas sim. Eu vejo-me a fazer, o resto da vida, isso. Se um dia me aparecer uma proposta de Teatro sou capaz de me meter dela, nela. Se me aparecer um casting...

Mas em paralelo ou em exclusividade?

Se me pedirem exclusividade... claro, isto nos primeiros anos de profissão quero-me dedicar-me a ser Guia, porque eu sei que demora o, a ganhar nome no mercado e eu quero conquistar isso. Eu vou conquistar isso. Mais lá pá frente, provavelmente em paralelo, se me surgir... eu farei. Se me pedirem exclusividade nessa área do Teatro acho que estou...acho que seria capaz de dar exclusividade... Sabe, eu tive uma proposta no, no meu décimo segundo ano, de fazer parte do Teatro da Rainha. Convidaram-me pra fazer parte do elenco uma vez que me viram a actuar na peça 25 de Abril eeeee, a peça 25 de

Abril foi muito importante para mim. Eu sentia aquilo! A peça 25 de Abril estreamo-la no dia trinta de Abril, quando eu fiz... dezassete ou dezoito? Dezoito, talvez. Não sei se se recorda. Estava lá. Estava lá. Pois, com certeza.

Essa peça foi muito marcante para mim e foi justamente a ver uma peça dessas que um actor, não me lembro agora o nome, alguém do Teatro da Rainha veio ter comigo e fez-me o convite. E eu pensei muito porque, quer dizer, estava a haver ali uma proposta de trabalho... porque era remunerado, claro! Mas acabei por dizer que não, porque dali a meses entrava na universidade. Foi, foi no fim do décimo segundo ano. Ia para a universidade e não ia ser capaz de trocar... como acho que o Teatro não tem..... somos mal pagos, é preciso ter muita sorte onde... É PRECISO TALENTO, CLARO! Mas é preciso também sorte onde se entra e eu não queria essa incerteza para mim. Deixei a proposta, mas o Teatro é um sonho meu. É um sonho meu a vir a realizar.

Olha, tu disseste ainda há um bocadinho que no nono ano já sabias o que querias fazer. Como é que tu ganhaste tanta certeza, como é que construístes...

Foi um, foi um... Para já tinha deixado a ideia, queria ser jornalista, mas era... não sei... tenho a sensação que aaaaah todos os jovens, todos os adolescentes passam, nem que seja por segundos, pela ideia de Jornalismo, não sei. Mas eu sabia que a minha missão, eu sinto que a minha missão aqui, nesta vida, é comunicar, é ajudar, é.... ahmmm, é comunicar... Eu sinto que tenho que ser um orador. O problema da gaguez não é por acaso que eu o tenho. Eu já percebi donde é que ele vem e, por isso, tenho que... é uma prova, eu tenho que... que ser um excelente comunicador, por questões KÁRMICAS até, que eu... pronto, que eu acredito. Tenho que as tratar e por isso eu sei que vim aqui para comunicar. E, os meus pais sempre me proporcionaram... desde pequeno... viagens, portanto, eu desde os meus onze anos que, que VIAJO com... quer dizer... uma vez por dois anos, mas... pronto. Acho que com dezanove anos acho que tenho um bom... pequeno mas...

Viajas para o estrangeiro?

Sim, sim. Eu fiz no oitavo ano... do oitavo para o nono ano eu fui ao Canadá e fui, também, à Turquia no mesmo Verão. Fui à Turquia, a primeira viagem que fiz sem os meus pais. Fui com a minha madrinha e foi a primeira viagem que eu fiz com um Guia. Íamos numa excursão com um Guia a sério. A Guia era espectacular e depois a... o... um Guia tem que ser um... tem que assumir o papel de líder, no fundo, de guiar, de conduzir e eu, podendo ensinar e conduzir e explicar, também me passou pela cabeça ser professor porque gosto de falar e explicar. Adoro estudar com colegas e de explicar e de nós debatermos a matéria. E foi desde aí que fiquei com a ideia na cabeça... para já a possibilidade de viajar. Eu ... veja... a professora e a minha madrinha eram dois exemplos para mim de... de... aah... duas gran, duas pessoas que viajavam muito e eu vejo nas pessoas que viajam pessoas, pessoas que são abertas de espírito, de horizontes. O viajar alarga os horizontes. E eu sabia que o contacto com outras culturas, o comunicar, o conhecer... era isso. Portanto, foi a partir do nono ano, desde essa viagem à Turquia, com essa Guia, que... que fiquei com... essa ideia na cabeça e nunca mais, nunca mais saiu. E depois até, às vezes, aaaa, pequen, tinha um interesse, tinha um interesse que achava que era, que era aaaaam mais do que normal. Eu, por cada país que ia eu, meses antes, recolhia... comprava guias, eu lia e quando ia, quando fiz a viagem a Itália com os meus pais ah eu levava dicionários, eu gostava de... Não! Quando fomos a França. Eu levava dicionários, eu gostava de ser eu a perguntar as coisas em Francês. Andava com o dicionário, via as palavras. Quando fomos a Itália eu lia, eu lia, e também porque na altura estávamos a estudar os romanos... e aquele período histórico, da História e eu adorava explicar aquilo ao meu irmão e aos meus pais e pronto! Fui, assim, desenvolvendo esse, esse... esse meu gosto.

Olha, vamos falar um bocadinho do Núcleo.

É claro!

271 **Como é que surge o Núcleo na tua vida? (riso)**

272 Então... o Núcleo surge aaaa em seguimento da disciplina de DPS, Desenvolvimento Pessoal e
273 Cidadania?

274 **Desenvolvimento Pessoal e Social.**

275 Aaaaah O DPS termina, os alunos não acharam piada e então, e então o Núcleo surge... pela, pelaaaa
276 vontade da professora e pelo desejo de dar uma continuidade aaah a uma hora, por dia, que existia, em
277 que nós falávamos...

278 **Por semana.**

279 ... ai sim, por semana. Exactamente. Não queríamos perder essa oportunidade e o Núcleo surge.
280 Portanto, eu tive a sorte e o privilégio de acompanhar e de saber que fiz p, de que LUTEI, e é tão bom
281 ver, é tão bom vermos ahm, aaaa, contribuímos para o nascimento de uma coisa que depois se torna tão
282 forte! E eu saber que fiz parte, orgulhosamente fiz parte desse momento em que, como, realmente, já
283 disse ainda há bocado, em que houve abaixo-assinados, em que... houve PAIS envolvidos, houve vários
284 professores em quem falava com o professor Pimpão na escola. O Núcleo surge graças a um Núcleo de
285 alunos, que estavam no oitavo ano, não é? Surgiu no nosso oitavo ano... e à professora e... no fundo o
286 Núcleo surge... acho que é, foi a vontade de aaaa, de aaaa.....de falar, de falar durante...Acho que eram
287 duas horas por semana, não era? À quarta-feira? ... Bem, também Já não me lembro. Às vezes
288 estendíamo-nos aaaaa, deeee, desenvolver aí...deeee... sei lá! Éramos...

289 (interrupção por questões técnicas – pilhas fracas do mp3)

290 **Olha, mas como é que tu vias o Núcleo? Que espaço era aquele?**

291 Aaaaa o espaço do Núcleo? (silêncio) é engraçado que... Às vezes, nós não pensamos... às vezes...
292 aaaa pensa, não=não pensamos o que é. É que não pensamos nas coisas tão definidas ou... aquilo
293 serviu pra quê? Aquilo é o quê? Aaaa porque eu acho que, no Núcleo, o que acontecia era que... as
294 coisas iam surgindo. Espontaneamente, nós íamos... íamos consumindo... a pouco e pouco, sem nos
295 interrogarmos, porque não havia...não havia... não havia necessidade de nos interrogarmos porquê que
296 estávamos ali, porquê que dizíamos aquilo, não é? Se calhar, quando se está a estudar uma matéria que
297 é mais maçuda... “Mas este rei fez o quê? Mas porquê que eu estou a estudar isto? Mas porquê... a
298 latitude e a altitude, mas será que isto interessa?” e aí questiona-se. O Núcleo foi uma coisa que... vai
299 aparecendo, que nós vamos visitando e aaa praticando e aaa fazendo sem saber porquê. Mas o Núcleo é
300 aaaa, é aaaa, é...é uma segunda escola. É o espaço... onde...aaaa se aprende, onde eu APRENDI a ser
301 tolerante comigo e com os outros. Uma coisa muito importante: o saber ouvir, o saber dar... saber
302 escutar... não... aaaa. Às vezes, procuramos pessoas que nos oiçam, não é? Ou gostamos de estar
303 sempre a falar e, depois, aaaa, aaaa, a simplicidade, a honestidade que há em ouvir, em simplesmente
304 ouvir os outros aaaa, em saber que podemos contar com aquelas pessoas. Podem, pode-se... nem toda
305 a gente tinha de ser amigo de toda a gente. Não... o objectivo não era sair dali com amizades perfeitas! O
306 objectivo era conhecermo-nos, ou não, falarmos, discutirmos, pormos questões que nunca nos passariam
307 pela cabeça pôr um dia, que nos faziam pensar, quando íamos para casa descobríamos e explorávamos,
308 questões que, realmente, aaa aaa nem em casa se punham, não é? Discutir, com treze, catorze anos o
309 que é a identidade. Meu Deus! Isso éééé é tão difícil, não é? É uma coisa que tá em nó, são coisas que
310 se, são coisas tão certas. Às vezes, no Núcleo, discutiam-se coisas que eram tão mais certas, mais
311 concretas do que, às vezes, em... outras disciplinas quaisquer. Aaahm e, realmente, parece que... nunca
312 me questioneei sobre isto! Uhmmm Outras questões... sei lá... aaaa uhmmm racismo, homossexualidade,
313 identidade ahmmm, desde a paixão, de... às vezes, até eram constrangedoras, temas constrangedores.
314 Aaa lembro-me de uma vez estarmos a falar, mas pôr a falar aaa jovens com treze, catorze, quinze,
315 dezasseis anos sobre estes assuntos é extremamente enriquecedor. E a professora deve ver isto, deve

ver com um distanciamento diferente. Nós víamos entre nós... sem saber o que dizer, sem saber como estar. Ooo, o, eu lembro-me de uma vez estarmos a falar, um assunto que surgiu, assim, do nada e que foi tão engraçado! Que nunca nos perguntámos era... sonhos molhados, ou o que era, o quê que era... lembra-se? O quê que era erótico, o quê que era exótico, questões assim que, no fundo, é uma preparação para a nossa vida cá fora, para a nossa vida de relacionamento com os outros... Pronto! Nós aprendemos na escola matéria. Nós Aprendemos a cultura, datas, números. Ali nós aprendemos sentimentos... aprendemos não! Exploramos, os sentimentos estão cá dentro, exploramos, falamos, descobrimos... descobrimos todo esse... pomos cá para fora todo esse lado que se esconde, não é? Que às vezes está escondido. E o Núcleo é esse espaço, é aaaa esse ambiente, éééééé uma família, é, sei lá, não consigo definir em espaço, ou em número, ou em nome o Núcleo, porque o Núcleo podia decorrer no Parque, podia decorrer em casa sentados no chão, podia decorrer num café numa mesa. Ali, decorria numa sala por questões de organização. Mas o Núcleo... sei lá. Não havia nem tempo, nem espaço. Era uma coisa espontânea... uma conversa... não há faltas... No fundo, acabava por marcar. Não há obrigações, há espontaneidade, há... há... humm há volun, há um sentimento de volun, voluntário, não é? ahm, no fundo não sei se respondi.

O facto de vocês poderem não ir e não ter falta não era...

Não era determinante! Claro que isso não era o mais importante, mas isso diferenciava... e daí ser Núcleo e não ser aaa, mas mesmo que fosse disciplina tenho a certeza, tal como o era DPS, as pessoas iam com vontade. Isso não duvido. Mas sim, o facto de não haver faltas, de não haver obrigações, de não haver aaaa hum percentagem para a assiduidade, para a participação, claro que isso contribuía para o estar à vontade. O estar na sala tranquilo, confiante, sabendo que as pessoas que estavam ali estavam com o mesmo sentimento QUE EU! Que era estou ali para ouvir, para falar, para debater. Não estou ali para saber a vida particular daquele, para ir depois cá fora... O respeito que havia no Núcleo, não é? Isso é muito curioso, que havia e acho que é de louvar a professora e o Núcleo. Os participantes, terem conseguido isso, é que... desde os treze, catorze anos foi uma educa, foi educação que nós ali tivemos! O saber respeitar as opções dos outros, o saber respeitar um segredo, uma privaci, um assunto particular=privado=do outro. Nós sabíamos, e eu disso sou testemunha, porque... que... pra já falo por mim, mas tendo conhecido os outros colegas e fazendo parte do Núcleo principal dos alunos, eu sabia que dali não saía o que o Núcleo falava! Portanto, havia um respeito, havia honestidade. Tratava-se disso.

Mas essa confiança existia porquê? Porque é fácil quebrar tudo isso, não é?

É fácil quebrar. Eu acho que o facto de ter nascido, ter, portanto, as pessoas que o fundaram, entre aspas, entre aspas não, que o fundaram já se conheciam há um ano, não é? Houve ali um Núcleo principal e primordial e isso contribuiu bastante pra essa certeza. Hum, as pessoas que iam ao Núcleo eram as mesmas pessoas que estavam no DPS, as mesmas pessoas que, e era um grupo ainda grandinho, um grupo grande de amigos que... inseparáveis, e que nós, quer no Núcleo, quer no café, quer nos intervalos aaaa aa a, portanto, havia esse respeito. E essa certeza que havia no Núcleo já vinha, já vinha de um bom relacionamento e depois eu acho que as pessoas que foram chegando e que se foram... como é que se diz em português... juntando, foram percebendo que, de certa forma, NÃO HÁ condições, não há qualidades ou... não há aaaa aaaa aaaa press, como é que se diz? Requisitos para entrar no Núcleo, mas perceberam que... pra... para respeitarem e serem respeitados tinham que no fundo estar de acordo, ou aaaaaa partilhar dos mesmos sentimentos e objectivos dos que lá estavam. Sem dúvida que... eeee, para além de todo o trabalho que foi feito à volta, com a professora. Desde psicólogos, ao Dr. Laborinho Lúcio que lá foram, a pais, falo do meu que contribuiu com aquela peça, enfim. Além de todo esse trabalho, o Núcleo teve, teve um... esboço a participantes, não é? iniciais que,

361 realmente, foram conservando, foram conservando e iniciaram essa certeza de respeito. Portanto, havia
362 cumplicidade, havia amizade, havia objectivos em comum, havia o orgulho de ter conseguido fundar uma
363 coisa. Com treze, catorze anos não são todos que se podem orgulhar disso, não é?

364 **Tu sentias-te diferente dos outros colegas...**

365 Ai sim.

366 **... que não pertenciam ao grupo?**

367 Ai sim, sim. Sim. Não sei como explicar. Não me sentia mais importante. Não é isso. Sentia-me diferente.
368 aaaa Sentia-me diferente também porque, às vezes, me fazia sentir diferente. Eu chegava a casa,
369 contava isto... “Ah! Que orgulho que nós temos no nosso filho! Ah, o Fábio está a participar no Núcleo
370 de Formação Pessoal e Cidadania, faz voluntariado, chega à escola... O Núcleo sai na Gazeta, vai ao...
371 como é que se chamava aquilo em frente ao Parque?

372 O GAT.

373 ... ao Gat aaaa aaa claro, claro que isso me fazia... e, quer dizer, as pessoas sabem aquilo que fazem,
374 por que lutam, não é? Sentia-me diferente porque participava em coisas diferentes porque eu sabia que,
375 se calhar, era capaz, e no meu décimo ano ouvia isso, dos meus colegas, “Ah! Mas que treta! Mas O qu’
376 qu’ é isso? Vais pra lá ouvir os outros chorar, mas...isso tem alguma jeiteira, isso aaaa saís de lá aaa
377 tiram-te energias!”, eu ouvia isso “betinho!”, bocas desse género. “Vem mas é jogar futebol=Vamos mas é
378 ao cinema=Vamos mas é fumar um cigarro.=Vamos é ...sair.” Sentia-me diferente, mas era onde me
379 sentia melhor. Não fui ao Núcleo para marcar a diferença! Eu andava no Núcleo pra ser diferente dos
380 outros, pra fazer parte de uma elite de meninos inteligentes, ou bem comportadinhos, para impressionar
381 os professores. Não tinha nada a ver com isso.

382 **Mas porquê que achas que os outros diziam essas coisas todas? (pausa) sem lá ir?**

383 Sem lá ir, exactamente. Sem lá ir e muitos... uma das pessoas que, que, que me disse isso e depois
384 acabou por ir ao Núcleo e mudou de ideias foi a Margarida. Lembra-se daquela rapariga que eu gostei e
385 de que o Ruben também gostava? Era uma das que dizia isso e, no fundo, ia lá e ela acabou por falar de
386 um dos grandes complexos dela, que ela nunca foi capaz, em relação ao corpo... não sei se se recorda.
387 Uma vez nós falámos... a professora recorda-se... que nós falámos... que nos tínhamos que descrever,
388 aaaa que ela nunca foi capaz de assumir isso perante o grupinho de amigos que nós tínhamos... e ali
389 mudou de ideias. Diziam... não sei bem porquê e até será precipitado dizer que aaaaaa a... sabiam
390 que... talvez um pouco de inveja, ou de ciúmes por eu ter este gosto voluntário de fazer uma coisa
391 diferente! Aaaahm e porque aaaaa, porque o orgulho é diferente. Eu duvido que determinadas pessoas se
392 sintam orgulhosas depois de ter fumado sei lá o quê, ou de ter pegado num carro às escondidas dos
393 pais... e o orgulho, depois de fazer o voluntariado, depois de ter ouvido alguém a desabafar, é
394 completamente diferente! E eu acho que isso choca às pesso, chocava a determinadas pessoas.
395 Algumas... porque, se calhar, também gostavam de ir, mas sabiam que não iam ter pachorra para tar a
396 ouvir, ou... ou, então, porque me invejavam por eu ter essa capacidade de me envolver com os
397 professores e me dedicar às coisas... de uma outra maneira.

398 **Tu quando saías do Núcleo, as conversas, as discussões, paravam ali? ou tu ias para casa e ias a
399 pensar... o que é que acontecia depois?**

400 Eu ia para casa pensar... umas eram conversas... umas marcaram-me mais, outras menos. Agora não
401 me recordo... aquelas que me diziam mais... nomeadamente... provavelmente ... as questões de
402 racismo... porque tinha a ver com homo, por acréscimo, tinha um pouco a ver com homossexualidade e
403 dessas eu gostava de observar a opinião das pessoas e dessas punham-me a pensar... às vezes. As
404 coisas ficavam no Núcleo, a conversa, os nomes, portanto... nomear alguém... Não! Fora do Núcleo não
405 o faria, mas ia pra casa a pensar... podia-se prolongar por semanas... a conversa a, a, às vezes podia-se

estender, podia-se estender como maneira de influenciar, de chamar à atenção dos outros que não faziam parte do Núcleo, mas a, o, a, o Núcleo, as conversas, os temas que, às vezes, surgiam no Núcleo eram, no fundo, um do, o empurrão, um empurrão para eu poder... propagar cá fora. Percebe? Era como se desse, se desse aaaa a semente pra eu poder plantar cá fora. Como se fosse um bem! Eu sentia que estava a fazer bem! Aaaa, portanto, eu ia a pensar nas coisas e quando eu sentisse que podia fazer mais pela situação, podiaaaa ajudar mais pessoas com isso eu defendia o tema, de uma maneiraaaa, pronto, sem meter nomes, como eu já disse, mas... às vezes, a conversa... às vezes, ia pra casa, era tema de conversa lá em casa também, porque... senti-me sempre bem. "Oh, pai e mãe! Mas já pensaram sobre isto? E qual é a vossa opinião?", porque dava, não é? dava um certo gozo também chegar ao pé dos outros eeeee e porquê? Muitas vezes, às vezes, quando participava no Núcleo é porque já tinha ideia sobre as coisas, quando não participava escutava várias opiniões, havia sempre ideias diferentes e, no fundo, a...a... e por isso é que eu digo que muitos dos princípios e umas actividades que eu achei muito importante e que eu, de vez em quando até faço, e até digo aos meus colegas pra fazer, estabelecer as prioridades na vida. Lembra-se de uma lista... religião, família, não sei quê? Isso é muito importante. Às vezes, naquelas alturas que nós estamos mais confusos, é óptimo! É uma terapia. Deixa cá ver: o que é que agora dou mais importância? E é bom pra nós nos concentrarmos e alinharmos o nosso pensamento e a nossa concentração.

Isso quer dizer que houve coisas que tu aprendeste no Núcleo que ainda hoje te são úteis?

Ah! Claro! (muitos risos)

Estás a rir-te porquê? O que é que tu ainda hoje aplicas que aprendeste ali?

É...Não é fácil dizer uma coisa em concreto porque são... são sentimentos... às vezes, são coisas que não são palpáveis!

Mas relacionadas com o quê?

Ah.....coisas que eu uso... do Núcleo....pra já a... que eu agora não penso para actuar. As coisas saem voluntariamente, mas sinto qu'isso aprendi no Núcleo... É tão importante dizer às outras pessoas o quanto gostamos delas. Eu acho que aprendemos muito no Núcleo a, a, com isso. É tão importante dizer às outras pessoas o quanto gostamos delas. Eu acho que aprendemos muito no Núcleo a, a, com isso. Uma vez nós falámos no Núcleo... foi uma sessão de revelações de "Ah! Mas eu já gostei de ti uma vez!" e nunca se diz quando, às vezes, tem-se vergonha de dizer que se gosta da pessoa e eu acho que, eu adoro gostar das pessoas! Porque é bom, é saudável! E do Núcleo foi uma das coisas que eu aprendi. Quando se gosta da pessoa, nem que seja por nada é assim:"Gosto de ti! Acho-te um espectáculo! Adoro-te!". Pra já, porque, depois, vamos pa casa, sentimo-nos bem nós... porque nos sentimos bem! É bom gostar. É bom. É positivo! E, depois, porque a outra pessoa, é sempre bom prá outra pessoa ouvir isso. E isso foi uma das coisas que eu aprendi e, às vezes vejo uma colega a, a, vejo uma colega mais tris, tenho uma colega, tenho uma enorme admiração por ela. Vai ser uma excelente Guia, também, a... e ela é mui, é excelente aluna, mas é muito stressada, é muito confusa! É assim: "admiro-te!". Faço isto com regularidade, mas não é propositada! Ainda ontem tivemos um jantar de turma e eu assim:" Oh, Catarina! Eu admiro-te imenso. Tu és uma super..." "Ai Fábio! Tu aqui deixas-me envergonhada!" e eu: " Não tás nada envergonhada! Gosto de ti! És uma excelente pessoa. Parabéns por isso!", até fiz um brinde e tudo, porque é importante dizer isso. E há alturas certas, porque depois afastamo-nos das pessoas, não é? E depois já é tarde, quer dizer, nunca é tarde para se dizer que se gosta, mas aaaa, há momentos para tudo e quando nós temos o impulso que achamos, porquê que não havemos de dizer que não... gostamos, não é? Isso é uma das coisas que, que uso agora e que sei que vem do Núcleo, porque havia quase um ritual de tratamento. Quando havia algum assunto no Núcleo, algum... alguma pessoa... que tinha algum problema e estávamos ali para, para ajudá-la no fim do Núcleo havia ou abraços a essa

451 pessoa, ou ... havia uma coisa... a...a professora pedia-nos sempre para... quer dizer... a ideia tá-me a
452 vir, mas não estou a conseguir especificar (pausa) a (pausa) fazer a pessoa mudar aaaa, por exemplo,
453 aaaa a pessoa dizia: "Ah! Eu não gosto disto em mim!" e nós tínhamos de lhe dizer e tínhamos que a
454 convencer que isso... não era...que... nós tínhamos de realçar outras qualidades da pessoa para fazer (
455). Isto é um tratamento. Isto mete um PSICÓLOGO a um canto (muitos risos). Sim, porque eu tive o
456 semestre passado um psicólogo a dar Relações Interpessoais, era uma cadeira semestral, que era a
457 pessoa mais racista e menos tolerante que eu alguma vez conheci. Eu pergunto: como é que este homem
458 pode ser psicólogo? Quer dizer... Percebe? E, ali, era muito mais que uma sessão com um psicólogo!
459 Porquê? Porque, depois, havia um sentimento voluntário, um abraço no fim, uma troca de energia...
460 tenho a certeza que a pessoa que ali entrou menos bem, saía bem, porque nós fizemos por isso. E, e é
461 isso.

462 **Como é que tu achas que o Núcleo lidava com as diferenças?**

463 Com as diferenças... diferenças a todos os níveis... (silêncio) É assim: claro que a (pausa) duvido que
464 alguém diga...por exemplo, quando se falava de racismo ou... "Ai, eu sou racista." Ninguém diz isso! Até
465 porque nós chegámos a ter um elemento, uma rapariga que era preta, na turma, no Núcleo e ela até
466 chegou a dizer que tinha complexos por ser... foi num dia em que a professora não... que me deixou a
467 mim e ao Hugo... Hugo não, Hélio. Lembra-se do Hélio? Que nos deixou... uma rapariga novita que
468 chorou. É claro que ninguém ia dizer... "Ai, eu sou contra os homossexuais, sou contra os pretos, eu sou
469 contra a, a, o, o, os Testemunhas do Geová... eu sou contra"... pronto! Nunca há isso, por isso eu acho
470 que, se calhar, foi sempre...essas diferenças foram faladas, os temas foram falados, foram debatidos,
471 mas claro que ahmmm, que há sempre preconceito! Há sempre preconceito.

472 **Mas tu sentias esse preconceito... no grupo?**

473 O grupo... O grupo era aberto. Não era, de todo, preconceituoso. Agora, não era tão aberto ao ponto de,
474 por exemplo, eu falar da minha orientação sexual. Não! Nunca... O grupo nunca me deixou à vontade ou,
475 eu próprio, também nunca me senti cem por cento seguro daquilo que queria falar, mas acho que nessa
476 questão... não... não me sentia, não era... aberto o suficiente, ou poderiam estar, às vezes, elementos
477 que sabiam. Por exemplo, se estivesse uma Andreia, um Diogo, um Pedro, um Ruben, as pessoas que
478 me são mais chegadas eu=aí=estaria=mais=àvontade=para=falar=de=determinados=temas, não quer
479 dizer que falasse da minha diferença... Diferença não! Da minha orientação sexual. Aí, mas, às vezes,
480 com pessoas que não me eram tão chegadas nunca me passaria pela cabeça falar disso e, por isso, eu
481 acho que, nem eu ou, por exemplo, o Rui... pelos vistos. E, pelos vistos, deve haver mais, não é? Que
482 não só em termos de orientação sexual, mas com outros problemas... ou doenças...ou... ou questões
483 familiares aaa, pronto! Variadíssimas coisas... não! Talvez não.

484 **O Núcleo é algo que é voluntário. Agora imagina que ele desaparece da escola. Tu achas que se 485 perde alguma coisa?**

486 É difícil responder a isso porque é assim: tenho muitos colegas que têm a mesma sensibilidade que eu,
487 estou a ser absolutamente sincero, têm a mesma sensibilidade que eu, fizeram também voluntariado, por
488 outros meios, mas fizeram. Falam comigo, também sobre temas que nós debatíamos, no entanto sei que
489 nem sabem que... nunca tiveram um Núcleo, ou um Núcleo do género, ou DPS, que muitos não
490 chegaram sequer a ter, e, no entanto, são pessoas em que eu vejo qualidades tal como vejo nas pessoas
491 que foram ao Núcleo, por isso...A aprendizagem, a experiência adquire-se com a vida também.

492 **Então qual é a vantagem de existir o Núcleo de Cidadania?**

493 A vantagem é que, realmente, houve uma oportunidade mais cedo, provavelmente coisas, deu-nos
494 oportunidade de perceber coisas antecipadamente, mais cedo..... portanto, se não fosse o Núcleo eu,
495 Fábio, conhecendo a minha personalidade, eu buscava as coisas, eu buscava encontrar as respostas,

mas de uma outra forma. Talvez não tivesse feito voluntariado. Talvez não. Por mais que quisesse, mas era difícil ... talvez não, mas... Respostas a determinados temas ia encontrando com a experiência da vida, com outras pessoas, com os meus pais, mais tarde ou mais cedo. Com o Núcleo tive esse conhecimento antes, de uma maneira bonita, que foi: com colegas da minha idade, em que as dúvidas eram todas as mesmas, as curiosidades eram todas as mesmas, os sentimentos eram todos, eram os mesmos, não é? Estávamos na idade... de afirmação, e é giro surgir o Núcleo nessa altura, e que nos esclarece as coisas mais cedo e que nos dá uma preparação, até a nível sexual, que, que, que começa a surgir com dezasseis, dezassete, dezoito, dezanove anos. É no fundo essa preparação. Não quero com isto dizer que sem o Núcleo não era nada! Mas estou a querer dizer que com o Núcleo aprendi as coisas de uma maneira diferente, em conjunto, com tolerância, com calma, conversando, com encontros. De maneira mais bonita e mais cedo. Sem o Núcleo... é como já disse. Provavelmente, não era, não seria da mesma forma, não havia a preocupação de ouvir em conjunto, que eu acho isso muito, muito importante, o sabermos todos ouvir em prole de tratar de ajudar uma pessoa. Acho isso muito importante. Por exemplo, isso não aconteceria sem o Núcleo por situações óbvias, porque, provavelmente, aconteceria com um colega num café, só entre ele e eu, mas proporcionava-se no Núcleo um ambiente para isso. Um ambiente ideal de respeito, de harmonia, de silêncio, de honestidade. É isso que marca a diferença... entre o existir ou não existir Núcleo.

Olha se tiveres realmente essa oportunidade de ir estudar para fora tu gostava d'ir? Para fora de Portugal. Se tivesses essa possibilidade de fazeres aquilo que o Ruben fez, por exemplo?

Não. Não. Por exemplo... isto agora há várias partes em que eu posso dividir. O gosto e a aventura é do meu agrado. Eu fiz um curso, em Londres, há dois anos. Um curso de um mês em que estive em casa de pessoas que não conhecia. Eu tive que desenrascar situações que nunca tive à espera, mas estive só um mesinho fora da mamã e do papá, não é? Mas isso não é nada, mas sim... é curioso. Mas não por questões profissionais. No meu caso, por exemplo, tenho a possibilidade de fazer ERASMUS, com o processo de Bolonha, e facilidades nesse aspecto, com os créditos e tudo, só que em termos profissionais não me dá, não me...vale a pena ir estudar pra fora porque eu posso fazer pró ano um ERASMUS para Barcelona, para Londres ou para Paris e a única vantagem e a única vantagem que isso iria ter, por exemplo para Barcelona, é que eu iria aperfeiçoar o Espanhol, mas ia perder a matéria porque eu estou a estudar Portugal. Em Londres, se eu por exemplo fosse Londres, de Turismo aaaa,a o que eles fazem é buscar cadeiras de equivalência para nos darem créditos, e eu nunca, eu teria de vir para cá e repetir um ano porque em termos de conteúdo de matéria eu em Londres não ia estudar Portugal! Portanto, pra mim, nem sequer ponho essa possibilidade porque não me trás vantagens no meu curso. Se eventualmente... por exemplo, se eu um dia quiser ser Guia-Intérprete em Espanha eu terei de ir para lá, porque só se pode ser Guia-Intérprete no país onde se tirou o curso. Se tiver que fazer para alargar o meu currículo, experiência pessoal aaaa, aaa farei sem medos. E como isso será quando eu tiver... sei lá... trinta anos, acho que já sou maduro o suficiente e... e o medo de ficar longe da família já fica diferente. Foi uma pergunta que nunca me pus porque nunca se colocou, nunca se colocou no meu caminho.

Tu achas que pertences a algum lugar?

(Silêncio) pertenço a... a... ao lugar onde estiver a minha mãe, o meu pai e o meu irmão. É um lugar... à minha casa. A um lugar... a um lugar, um sítio? Uma cidade?

Um sítio, um lugar, um país... tu achas que pertences a algum lado?

Não, não. (silêncio) Não. Não... assim. Não. Não sou muito patriota. Agora falando em termos concretos de território... pra mim... consigo imaginar a viver em Portugal... em Espanha... em qualquer outro país, por isso... não, não tenho... vejo-me... eu acho que seria eu em qualquer lugar que fosse. Agora, o meu

lugar, e eu sinto que é, é onde estiver as pessoas que eu mais amo neste mundo que é o meu pai, a minha mãe e o meu irmão, por isso, onde eles estiverem eu pertenço. Eu, por exemplo, vejo-me mais, mas isso é uma questão que lá vamos ver porque, realmente, não sei. Quando terminar o meu curso e começar a exercer a minha profissão eu vejo-me a continuar a morar com os meus pais, aqui, e não em Lisboa ou no Estoril. Será? Isto depois pode mudar, mas neste momento, e repare-se que eu estou, há muitos colegas que estão em Torres Vedras e preferem ir e vir todos os dias de Torres Vedras e eu próprio pus a questão ao início de ir e vir todos os dias, mas não. Acho que fazia parte da minha aprendizagem, tal como o Ruben disse, apesar... não voltava atrás, porque sabe que aquela aprendizagem foi essencial para haver, para pressentir uma, uma... evolução cá dentro, tal como eu! O saber, o ter que cozinhar, o ter de fazer a cama, fazer a cama já fazia aqui, mas pronto. O tratar das contas da casa isso cresce-se, não é? Nós sentimo-nos a crescer e aumenta a responsabilidade e eu vejo muita diferença entre aqueles que o fazem e que sentem a dificuldade dos pais, não é? Porque nós damos valor, o valor que se dá é outro. O valor que eu dou a um io, a um pão, a ir ao supermercado e comprar uma coisa que eu sei que é com o dinheiro dos meus pais e obrigado por isso. Porque se tivesse em casa, aqui, talvez não desse, no entanto... agora estou a morar no Estoril, porque estou perto da universidade, mas depois vejo-me a continuar a morar, a morar aqui. Por isso, posso dizer que o meu lugar é junto com os meus pais. Em termos terro, de sítio, cidade, lugar não. E daí, talvez, esta minha profissão. O em qualquer lado praticá-la porque depois irei tirar o curso de Correia de Turismo...pode ser Guia, Guia não! Um Guia que não é Guia, é acompanhante.

Como é que se chama?

Correia de Turismo. É, por exemplo, quando... a stora costuma viajar muito em excursões? Por exemplo, um Correia é quando ...Um Guia é, por exemplo, a stora vai para França e a vossa Guia fala convosco no autocarro, entra nos monumentos e está sempre convosco. Um Correia... vai, por exemplo, um grupo de portugueses para a Polónia. Eu vou ter convosco ao aeroporto. Sou o vosso acompanhante, ajudo-vos a fazer o check-in, vou com eles pra lá, acompanho-vos, por exemplo, dum hotel para um museu, estou sempre com eles, e depois quando chego a uma igreja está lá um Guia local e é ele é que faz. É tipo carácter geral, ao microfone, "Aqui têm não sei quê, têm não sei quê", mas não pode fazer visitas dentro de monumentos. É como um acompanhante. É uma visita menos específica. Como eu estava a dizer, também o facto de estar no curso onde estou me faz mais ter a certeza que não pertenço a um lugar específico, porque realmente vou andar por aí e onde estiver estou a fazer aquilo que gosto.

Quando tu dizes que te vês com os teus pais e a morar ali, isso tem a ver com o tipo de relação que tens com eles? Como é que é a relação com os teus pais.

Ai é... é apaixonante. É... a relação com os meus pais é ótima. Durante muitos anos, com o meu pai, não era tão boa. Mas eu... já tratei disso e ... Tinha uma pequena revolta, que não percebia porquê, com o meu pai. O meu pai está bastante diferente. Ele próprio está diferente, desde há... sei lá... três, quatro anos, mais, se calhar, até. Porque ele, como tinha a empresa, não acompanhou muito a infância, a minha infância. A do meu irmão já acompanhou mais. Neste momento, os meus pais são tudo para mim. Orgulho-me deles, choro com eles, estamos à mesa e dizemos... abraçamo-nos os quatro... amamo-nos. Amamo-nos mesmo! Eu sinto mesmo que tenho uma família cristal porque (riso) pronto. A relação com os meus pais é, é ótima. A compreensão, o à vontade, aaaa todo o tipo de temas, todo o tipo de problemas, até mais íntimos, nós falamos lá em casa. E são sempre os quatro. Somos sempre os quatro que falamos. Por isso é que eu... é claro que...até... ter umas paixonetas, não é? Umas coisinhas de Verão, umas curtezinhas, como... umas curtes, como se diz... mas a partir do momento em que se tem uma paixão mais a sério, em que se começa a pensar em viver junto, em ter uma casa, em... pronto! Eu não falo em casamentos porque é uma coisa que ainda me faz... que até eu... não consigo... por

exemplo, entre um casal de homossexuais adoptar um filho é uma coisa que nem sequer me passa pela cabeça. Às vezes questiono-me: “Será que um dia vou ter vontade?”. Casamento, nem sequer penso nisso, mas pronto. Eu antes de pensar na minha homossexualidade, ou bissexualidade, eu imaginava-me com uma mulher, pai, dois filhos, numa casa, no natal, com a minha família toda junta, a trazer os meus filhos e a minha mulher e a família da minha mulher, e, agora, a situação... o cerco, fecha-se o cerco e...e pronto! E questiono-me, agora que senti uma coisa mais forte. Será mesmo que depois vou ter vontade de morar com os meus pais quando for mais crescido? Porque, realmente, a vontade de estar com aquela pessoa... e... a independência é outra. Por isso, sou capaz de mudar de ideias, como acho que sim, que já estou a mudar, mas como fez a pergunta... é nos meus pais que... A CURTO PRAZO vejo-me a continuar a morar com eles, mesmo depois de terminar o curso. Mas tudo isto parece, ao mesmo tempo, contraditório, não é? É contraditório no sentido em que... se são tudo para mim, se nós falamos de tudo sem problemas, se os meus pais têm tido, têm-se dedicado, portanto... bastante () e eles tornam-se muito mais tolerantes e eu próprio também e o meu irmão está cada vez mais... isso dá muito mais vontade de contar, mas ao mesmo tempo não. Porque é o sentir que possa rachar, quebrar o cristal... que posso perder o que tenho. É verdade! O que é estranho, porque eu sinto... eu acho que quando se tem medo de haver alguma quebra é porque se duvida que não é tão sólida, assim, a relação... ou NÃO, OU AO CONTRÁRIO! Mas eu acho, eu, por acaso acho que sim. E no entanto, eles... no entanto a relação é extremamente sólida, mas sei lá. É o medo. Mas sim, sim. Provavelmente, e, e o Fábio contou-me isso, que a ligação que ele tem com os pais não é tão próxima. Ele passa, às vezes, três meses sem ir ver a mãe. A mãe, desde que se separou do pai é uma mulher que sai muito, um bocado desligada dos filhos. O pai é camionista. Nunca está em casa. Portanto, ele não teve tanto medo, diz-me ele, de contar à mãe. E quando contou à mãe, foi natural, e a mãe diz-lhe onde é que tinha errado na educação e “Olha Fábio, esquece. Faz de conta que nunca falámos do assunto.” E pronto. Desde então, acho que o trata como se nunca tivesse acontecido. Manda-lhe bocas, de vez em quando. Ela perguntou-lhe onde é que tinha estado este fim-de-semana. E ele disse que tinha estado com um amigo, em Lisboa e ela respondeu-lhe: “Pois, se fosse com uma amiga é que eu me admirava!”. É assim, deste género. Eu sei que... eu... portanto... esta... o facto de não estar tão próximo...com os pais... não receou tanto em contar, não é? Não, não, não, não teve tanto medo. E sim, isso é verdade... eu tenho mais medo. Tenho a certeza que eles me vão apoiar. Quando eu contei á minha mãe, foi numa situação que ahm, aaa, eu fui fazer uma leitura de aura. Não sei se sabe o que isto é?

Já ouvi falar.

Pronto! Eu fui fazer uma e na altura que estava a pensar... já fiz duas ou três. Duas. Na altura estava a deixar de gostar do Ruben e tava mesmo, ou por negação, ou... eu sei que houve um momento que eu me senti mais seguro, que eu me senti atraído pela Joana. Gostava dela e acho mesmo que teria gostado a sério. E fiquei tão contente a, a, por achar que “Ah! Agora estou a fazer as coisas bem!” e tinha vindo dessa leitura da aura e a senhora que me fez aaaa também disse que via que eu estava apaixonado pela Joana. Pronto! Sei que a professora é um bocadinho céptica em relação a estas coisas, mas são coisas que vão acontecendo e eu vou acreditando. Batem certas e...

Mas o ser céptica não significa que as repudie.

Não, não. Eu sei, eu sei. Sim, sim. Questionar não significa rejeitar.

Ah! Mas eu sei, eu sei. Eu não estava a dizer que a professora não respeitava. Eu sei perfeitamente que... eu até nem falo sobre isto com muita gente, porque sei perfeitamente que há pessoas que ligam, que confundem espiritualidade com espiritismo... e bruxarias e não é nada disso. Não tem nada a ver com, com, nem médios, nem nada disso. E pronto. E eu tava tão contente que a minha mãe perguntou como é que tinha corrido a leitura, eu fui com o objectivo de, de... queria, queria saber... eu ia com o

objectivo de descobrir... Ah! Eu tinha um problema com o meu pai que era: ele cada vez que colocava, que bebia, ele nunca apareceu bêbedo em casa, nem nada disso, mas cada vez que na mesa bebia, ou uma cerveja, ou uma bebida alcoólica, eu, mas isto recente, dois, três anos. Eu batia na mesa “à minha frente tu não bebes!”, eu saía da mesa a chorar... que eu não queria que ele bebesse. E eu nunca, nunca o vi bêbedo. O meu pai nunca bebeu, mas bastava... eu revoltava-me e chateava-me com ele. Eu estava a enervar-me comigo, porque eu sabia que ele não tinha culpa nenhuma e eu é que (). E eu decidi perceber donde é que vinha esta revolta. A senhora fez-me uma regressão e eu percebi donde é que veio este problema com o meu pai e tá tratadíssimo! Já percebi donde é que vinha o problema e pronto! E depois a minha mãe perguntou-me como é que tinha corrido a leitura e eu na, na, na na minha alegria disse: “ Oh mãe! Sabes?”, mas assim completamente estúpido. Nunca imaginei que um dia fosse dizer isto daquela maneira: “Sabes, mãe? Há uns tempos atrás eu questioneei a minha orientação sexual!” e ela ficou assim a olhar... assim: “eu até acho que gostava do Ruben, mãe. Mas agora já não! Agora eu gosto da Joana e tenho a certeza que foi uma confusão!”. Veja lá! Eu fui dizer isto (riso). Fui dizer isto assim.

Saiu assim.

Saiu assim, porque estava contente. E eu acho que ela já suspeitava disto há muito tempo e foi uma maneira de fazer bem a mim e a ela. Pronto! E ela: “Oh filho! Oh filho! pronto. A mãe já tinha percebido alguma coisa. Mas pronto. Já tens a certeza, já tens a certeza! Mas olha, isso era um problema que nunca se punha, nunca se punha aqui em casa. Por favor quando tiveres essas dúvidas fala, fala com a mãe. Mas é assim: nunca contes isso ao teu pai.” Disse-me naquele momento. E eu: “Oh pá! Então, pelos vistos, não estou assim tão à vontade.” E sei que a minha mãe disse isto sem pensar, com certeza. Sem pensar naquela pequena frase: “mas não contes nada disso ao teu pai.” Então pera aí, então não estou assim tão à vontade. Então o à vontade que tu me dissesse que eu podia estar não é assim tão abrangente. Eu sei que ela disse isto de uma maneira amigável, ou seja, foi para evitar... porquê? Porque eu ia...se não fosse a minha mãe, eu chegava a casa... e o meu pai sabia onde é que eu tinha ido, porque ele sabia que eu ia tratar daquele problema com ele. Ele ia-me perguntar e eu ia dizer. E ainda bem que eu não disse. Pronto. Também reconheço. Ainda bem que eu não disse. E podia ter evitado dizer, ligando agora uma situação à outra. E agora...

E tu já pensaste, agora, falar primeiro com a tua mãe?

Não. Neste momento... como a minha mãe, claro que mãe é sempre mãe. A mãe é sempre mãe. Sem dúvida. Mas neste momento aaaa, aaa neste momento, se eu falar eu sinto que é uma falta de respeito, porque é meter o meu pai de lado e eu não quero. Eu quero que os dois saibam da minha vida ao mesmo tempo. Porque não quero, não quero ... eu sei que isto nunca irá acontecer, porque os pais um filho, mas, às vezes, o facto de eu ligar sempre à minha mãe: “Mãe, tive boa nota”, “vem-me buscar!”, “o que é que achas? Não sei quê”, eu sentia que o meu pai: “oh, filho! Mas porquê que não ligas ao pai?” e eu não quero. Não quero mais isso. Quando eu falar é os dois. Quero que os dois se sintam aaa pais de igual forma. Eu quero que... sentia que estava a desrespeitar o meu pai se, se, se falasse primeiro e só com a minha mãe, porque o meu irmão é, também acho que é melhor depois

Entrevista nº 6

Data de realização 2007/ 03/ 31

- Nacionalidade

Paris/Portuguesa

- Idade

19Anos

- Nível de escolaridade
- Curso que frequenta / O que faz neste momento

Frequenta o 2º ano de Serviço Social na ESEL

- Onde vive/ Com quem vive

C. Rainha: Com os pais e 3 irmãs

Leiria: 4 amigas

- Posição perante a religião (católico, protestante, muçulmano, budista, hindu, ateu, outra posição perante a religião)

Católica, mas não liga quase nada.

- Pais casados/separados/divorciados / falecido(s)

Casados há 24 anos

- Grau de instrução da mãe/do pai (superior completo ou incompleto;secundário;1º, 2º ou 3º ciclo?)

Mãe – 4º ano

Pai – 9º ano

- Profissão mãe/pai

Mãe – doméstica

Pai – empresário

1 Eu gostava que tu, assim de uma forma mais ou menos breve, me fizesses a história da tua vida
2 até agora.

3 Ah! Isso é muito difícil. ENTÃO, onde é que eu nasci? (risos) Nasci em França, não é? Em Paris. Eu vim
4 pa cá com oito anos, com os meus pais... Decidiram vir pa cá. O meu pai decidiu que sim. E depois eu
5 vim pa CÁ, tenho que contar a história toda, n'é?

6 É só se quiseres. Não és obrigada a isso.

7 É QUE NÃO HÁ NADA DE ESPECIAL PA CONTAR por isso é qu'eu tou a dizer. Eu vim po quarto ano, pa
8 cá. Vim po quarto ano. Correu mais ou menos bem. Os professores disseram todos qu'eu ia chumbar
9 LOGO, não sei quê, por causa da língua, mas depois eu passei com muito BOAS NOTAS e depois já
10 gostavam muito de mim, e pronto, aquelas coisas qu'agente sabe. Depois fui po quinto ano, na EBI.
11 Depois no sétimo fui po liceu. Correu tudo NORMAL. Depois no sétimo, pronto, a stora já me conhecia e
12 ... pronto. Fui po liceu até ao décimo segundo. Tive no núcleo, depois... conheci muita gente. Foi uma
13 altura muito importante e depois... pronto. E, depois, fui pa universidade há dois anos e tou lá. E tamém
14 tá a ser muito importante.

15 No décimo, tu escolheste que área?

16 Quarto. Humanidades.

17 Olha, quando... tu vieste lá... de França o que é que achaste disto aqui?

18 Eu queria muito vir pa cá.

19 Era?

20 Era. Eu vinha cá de férias porque eu tenho cá muita família e o meu pai... o meu pai decidiu que vinha,
21 não sei porquê. Acho que era porque os irmãos já tavam todos cá e porque achava que tinha que ser.
22 Porque ele já cá tava há mais anos que nós, ou seja, ele veio antes de nós e ficou cá pa comprar casa
23 e... e gostou muito daqui e eu queria muito, porque nós íamos ter um restaurante e eu tava muito
24 entusiasmada pa vir pa cá trabalhar com o meu pai e pa vir pa cá estudar. Eu tirei um curso lá... pelo
25 correio... lá. E eu queria muito, tava... como ainda era muito nova, tinha amigos, mas os amigos na
26 altura... eu achava, pronto. Eu queria vir pa cá e, então, tava muito entusiasmada.

27 E a escola não te foi difícil? A questão da língua...

28 Não, porque eu vinha pa cá e já sabia falar mesmo. Eu como tava, como queria mesmo vir, eu tava
29 muito... pronto, queria muito e, então esforcei-me muito por saber. Vinha pa cá... até porque quando eu
30 entrei eu levava, eu já ia muito bem. Eu lembro-me de tar no apoio e só fui duas vezes. Mandaram-me
31 embora, porque eu fazia muito bem. E então eu... tava mesmo muito... queria muito isso.

32 Mas entre Paris e Caldas... há diferenças.

33 Mas eu gosto mais daqui. Não saía daqui.

34 Porquê?

35 Ah, AGORA! Porque já tenho aqui as coisas todas, que já tenho tudo, que já... porque... Sair... eu gosto
36 muito de viajar, mas pa viver acho que... vai ser mais ou menos aqui. Eu sei que não, mas... eu sei que
37 não vai ser aqui, porque eu quero muito ir trabalhar pró estrangeiro e estudar no estrangeiro e fazer
38 montes de coisas no estrangeiro... eu quero, quando acabar o curso, ir pa África. E quero...e preciso. Em
39 voluntariado, porque eu acho... eu não sei... é uma coisa que eu quero muito. EU NÃO SEI EXPLICAR
40 (RISO). É uma coisa que eu quero há muito tempo, que eu acho que vai ser muito bom pra mim, como
41 pessoa, e por outro, como ajuda. E, por isso... e... e o mestrado não sei se vai ser cá ou se vai ser no
42 estrangeiro, tamém. Mas isso logo se vê. E depois... eu acho que... ou seja, as minhas raízes vão ficar cá
43 e eu não vou deixar as Caldas. Eu sei... tá a perceber (riso)? Não? É que EU NÃO CONSIGO
44 EXPLICAR! Eu sei, eu gosto muito daqui e não vou esquecer nada do que aconteceu aqui, mas sei que...
45 que vou sair muitas vezes daqui pra fazer muitas coisas fora, mas nunca vou deixar as Caldas. E Paris,

46 eu gosto muito, mas não vou... não, não, não morava lá. Posso ir lá passar férias e ... e pa ir ter com a
47 minha família do lado da minha mãe e pa tar lá, mas morar já não. Agora já tá tudo cá.

48 **Olha, e=e com a tua família... tu tens uma boa relação?**

49 Com a de casa? Com os meus pais tenho. Com os meus irmãos... também. Já andei pior com a minha
50 irmã mais velha, mas já mudou. Com, com a casa mesmo, com o núcleo familiar tá tudo muito bem,
51 damo-nos todos muito bem. Agora, com... com os outros eu dou-me... eu dou-me bem, a minha mãe é
52 que não. Ou seja, a minha família tem muita confusão entre ela, mas eu dou-me bem com toda a gente.

53 **E ... e a escola... na tua vida? Que importância tem tido?**

54 Agora tem... quer dizer, eu sempre gostei muito da escola. Eu acho que nunca... eu nunca deixei de
55 estudar, quer dizer... eu estudava pouco, mas tirava boas notas, por isso sempre gostei muito da escola.
56 Agora tenho muito mais, porque agora tou a fazer uma coisa que quero mesmo e sei que é aquilo que eu
57 sempre quis e quero mesmo seguir, por isso agora... é... pra... durar mesmo.

58 **É para durar mesmo como? A vida toda?**

59 (risos) ou seja... Não! Este ano (cai-lhe o telemóvel)

60 **Olha o teu telemóvel!**

61 Não faz mal. Eu já apanho. Ele tá farto de cair. Ele é assim. Agora, nestes dois anos, vou acabar e depois
62 disso, eu devo ir pró estrangeiro fazer voluntariado e depois quero tirar o mestrado. Portanto, até ao
63 mestrado, é pra durar. E pronto. tem que haver um seguimento, porque eu gosto mesmo daquilo que vou
64 fazer. É mesmo aquilo que eu sempre quis fazer.

65 **E depois... tens planeado acabar de estudar? Parar? Parar de estudar.**

66 Tirar outro curso, não tiro. Em princípio não.

67 **Porquê?**

68 Vai depender! Vai depender se eu arranjar trabalho, se... coiso, mas é isto que eu quero mesmo. Eu não
69 me tou a ver tirar outro curso. Acho que não.

70 **Quando, quando nós falamos... se quiseses apanhar o telemóvel tas à vontade! Não, ele tá... mas**
71 **vá falando (apanha do chão uma parte do telemóvel). Falta a outra parte.**

72 **Eu acho que caiu aí pra baixo (está debaixo de um móvel).**

73 Não faz mal. Eu já procuro.

74 **Ao longo do teu percurso, na escola, houve coisas que te tivessem marcado especialmente?**

75 Percurso inteiro? Todo?

76 **Sim.**

77 Então... do sétimo ao nono foram muito importantes, porque conheci pessoas que, ainda agora são,
78 meus amigos. Porque acho que os amigos desses, desses anos foram os amigos que se mantiveram
79 mais. Depois, do décimo ao décimo segundo... foi importante porque todos crescemos, claro. Foi
80 importante... pa muita coisa. Pra mim, porque conheci tamém outras pessoas muito diferentes... de mim,
81 mas que... ainda tenho muitos amigos, também, do décimo segundo, mas não tantos como os do sétimo
82 ao nono. Os do sétimo ao nono são mais importantes. Depois... ah! Na universidade foi... tá a ser
83 demais. Isso, há muita gente. Isso da universidade... outra vida! ((feliz))

84 **Mas porquê que do sétimo ao nono foi assim tão importante? Mais marcante do que do décimo ao**
85 **décimo segundo?**

86 Porque são... porque a maioria d'amigos qu'eu tenho agora são amigos destes anos.

87 **Porquê?**

88 Não sei (riso). Porque calhou! (riso) Não sei... porque são pessoas que, se calhar, têm mais a ver comigo.
89 Porque nós passávamos mais coisas juntos do que, provavelmente, com o décimo... ao décimo segundo
90 () e porque nunca deixámos de nos falar. Nós separámo-nos. Eu... eu só fiquei com o Fábio e com a

Diana, que o resto separámo-nos todos, mas nunca deixámos de falar. Nós ... saímos... continuamos a sair juntos, continuámos... no décimo, décimo segundo, continuámos a sair c'os antigos e porque... pronto.

Pra ti a... a escola... serve pra quê? Teve que utilidade na tua vida? Quando eu agora falo da escola é até ao décimo segundo.

Pois... são perguntas DIFICEIS! (RISO) Que utilidade é que teve...então... Eu acho que é importante como crescimento pessoal. E como nós... porque nós crescemos com as outras pessoas que lá tivemos e com as experiências que tivemos lá, com as pessoas que lá tão dentro e... e porque aprendemos muito a nível cultural com a escola.

Nunca te aborreceste com a escola?

Com a escola... com a escola, escola mesmo?

Nunca a achaste chata? Nunca...

Ai, já! Quando as disciplinas são muito chatas e os professores muito chatos, já. Mas não aconteceu muitas vezes.

Mas como é que ias... convivendo com... com esse lado? Quando as coisas eram assim... mais...

Que remédio! Principalmente, era quando não gostava ou das disciplinas, ou dos professores, mas isso... eu não tinha outro remédio senão... senão ir, tar nas aulas e... fingir que gostava muito daquilo, mas nunca tive assim grandes chatices.

Tu imaginas, por exemplo, que a escola um dia acabe?

Eu não. Não. Então, se acabasse, ninguém era nada. Quer dizer, entre aspas, nós não nos instruíamos, porque de certeza que não ia procurar sozinha. Não. SÓ O AQUILO QUE ME INTERESSAVA MESMO. A cultura geral não se aprende assim, quer dizer... na escola. Aprende-se com a televisão e com os livros, só que, por exemplo, eu gosto muito de ler, mas quem não gosta de ler não vai procurar em livros.

Então, pra quê que serve a escola?

Pronto, é ensinar! ... pa nós nos interessarmos mais com as coisas. Pa nós termos mais vontade e ir procurar. Quando nós temos que fazer trabalhos da escola nós temos que procurar. Nós temos que nos informar, temos que ... p'aprendermos, pra já, pra crescermos, porque nós temos que nos autonomizar mais. Porque aí somos nós que temos que fazer as coisinhas. Ninguém faz por nós.

Mas tu foste vendo isso em todos os teus colegas? Esse tipo de atitude?

Não! Há sempre alguns que não querem saber da escola pa nada.

Porquê? Porquê que tu achas que é assim?

Porque, se calhar, não têm a mesma perspectiva que eu. Se calhar, acham que a escola não vai servir de nada. Isto pode partir muito da educação, mas eu acho que toda a gente quer que os filhos estudem.

Tu achas que eras diferente se não tivesses andado na escola?

Era. (riso) Não vai perguntar em quê, pois não?

Vou (muitos risos)

Pra já, pra já, não tinha conhecido metade das pessoas que tinha conhecido e não me dava tão bem com elas ... como me dou. Depois... porque não tinha crescido, eu tou a falar do núcleo, claro! Não sei se é pa falar agora, mas tou a falar, que ajudou muito. Porque o núcleo também ajudou muito e que fez-me crescer muito e, depois, porque não ... não sabia metade das coisas que sei... da escola. Não tinha conhecido os professores que conheci, não tinha.... Eu acho que nós aprendemos, não só com disciplinas, mas aprendemos com aquilo que tá à volta.

E pra isso é preciso a escola?

Não, mas ajuda. Não, não é só preciso a escola, mas a escola ajuda, porque nós começamos na escola desde que somos pequeninos! Nós não tamos, nós criamos relações de amizade fora da escola, claro.

136 Nós criamos relações em todas as coisas que nós tivermos. Se andarmos no desporto... etc., etc. na
137 escola nós temos... se calhar, é um primeiro passo. É quando... se nós tivermos numa turma, e não nos
138 dermos bem com ninguém, não nos sentimos bem. Temos que ter amigos ali. Temos que aprender a
139 criar, a ir ter com eles, a ... relacionar. Não acontece só na escola.

140 **Como é que aparece o...núcleo no ... no teu percurso escolar?**

141 No sé...tímo.

142 **No sétimo?**

143 ACHO QUE FOI NO SÉTIMO, portanto... Foi no sétimo?

144 **Não sei (risos)**

145 Não me lembro (risos). A professora foi no sétimo (riso), agora... eu acho que foi no sétimo, porque eu fui
146 um ano e depois não fui o outro e só depois é que fui. Houve um ano que eu não fui. Ai, não me lembro.
147 Eu lembro-me mais... do nono ano. Do nono ao dé...cimo segundo. Do nono ao dé...cimo primeiro. Acho
148 que foi mais... Aí... não, no oitavo também ... no oitavo também fui. Do oitavo ao décimo segundo. No
149 sétimo, porque eu acho que não fui num ano. Houve um ano que eu não fui. Qual é que foi o ano? Pois,
150 eu lembro-me que era na altura em que andava a Lena... eu não andei com a Helena no núcleo. Andava
151 a Lena, c' a Mica, eu lembro-me de ir poucas vezes. Eu não ia muitas vezes ao núcleo. Não sei porquê.

152 **E tu... foste ao núcleo porquê?**

153 Não sei. Porque a professora disse qu'era giro. Não! Porque a professora explicou... foi numa aula que a
154 professora disse que havia o núcleo e explicou o qu'é que era e eu fiquei interessada e fui. Depois gostei,
155 nunca mais parei.

156 **Então conta lá... e depois? Depois de teres tido a experiência, depois de teres lá ido o que é que te
157 fez continuar?**

158 Eu acho que são... muitas das conversas que nós tínhamos lá, porque nós falávamos de tudo, nós
159 falávamos de nós, falávamos dos outros, falávamos... de todos os assuntos que eu acho que são
160 importantes pra nós. E porque... eu acho que tudo o que acontecia lá dentro... pronto, eu tinha a noção
161 de que, pr'além de não sair dali, nós tínhamos todos uma união muito maior... pronto, aquelas pessoas
162 que lá tavam dentro, mesmo que chegassem naquela altura, todos nós sabíamos... que era bem vinda...
163 não é bem... isso, mas pronto. Todos nós nos dávamos bem.

164 **Não é bem isso? Então é o quê?**

165 Era bem-vinda, clara! Mas, eu sei que ela ao entrar aquela porta é uma pessoa que todos nós sabemos
166 que é uma pessoa com que podemos contar. Não é que eu vá ter com ela na rua e lhe vá contar a minha
167 vida toda. Não é isso. Mas é que... ela entrava e nós sabíamos que se tá ali é porque tem interesse
168 naquilo e é porque... é uma pessoa... que vai gostar. Não é bem gostar... não tou a conseguir explicar. É
169 uma pessoa... que tá ali porque quer e porque sabe... sabe, mais ou menos, o que vai acontecer ali.
170 Quando a professora explicava que aquilo era um núcleo onde as pessoas falavam... Pronto, nós
171 falávamos todos.... As pessoas quando iam pr'ali ou era porque precisavam ... ou era, porque... sentiam
172 necessidade de tar, assim, com as pessoas e falar de tudo e ... porque ali nós távamos muito mais à
173 vontade. Era, assim, um bocado diferente.

174 **Porquê "diferente"?**

175 Porque ... porque ali, eu acho que nós nos soltávamos muito mais. Nós falávamos muito mais
176 abertamente das coisas do que, se calhar, falávamos na rua. Algumas das coisas. Porque... se calhar, eu
177 não falava... quer dizer, eu não, mas ... aquelas pessoas que não falavam tanto das coisas, não tinham
178 tanto à vontade pra falar das coisas, do que se não surgisse numa conversa, num tema... num... num
179 debate. Assim, nós não tínhamos aquela... coisa de chegar ao pé dela: "olha, não sei quê, não sei quê". E
180 ali dentro nós começávamos a falar das coisas muito naturalmente e as pessoas ajudavam-nos. Na hora

nós falávamos de coisas que nos tocavam sem as pessoas saberem. Elas tavam a dizer coisas que nos tavam a ajudar.

O que é que tu aprendeste lá?

Eu=eu pra já... aquilo foi muito bom pra minha auto estima. Eu acho que... acima de tudo eu cresci muito e aprendi...eu... o que é que eu aprendi? Eu aprendi muita coisa! Eu agora não, não posso dizer. Eu acho que nós aprendemos a ver as coisas de maneira diferente. Eu fui lá desde relativamente pequena. No sétimo... ainda temos muita coisa qu'aprender. Eu acho que, aos poucos, nós vamos... nós aprendemos muito... a=a crescer...a crescer mais saudavelmente... com as coisas... com os problemas dos outros, com os nossos, a entender melhor, a ver os dois lados das coisas e a não dizer só “qu'ê isso?”. Sei lá! Muita coisa! Nós aprendemos ... muita coisa, pronto.

Esse tipo de conhecimento... é-te útil... hoje em dia?

É.

Em quê?

Então...se eu tiver um problema tenho ... naquela altura, agora já aprendi, se calhar, pensava duas vezes nas coisas que nós tínhamos dito ali. Ou... a RELACIONAR-ME com as outras pessoas: tudo aquilo que se dizia ali ficava cá dentro e nós aprendíamos coisas que agora... agora já tão ... adquiridos, mas que na altura não tavam. Na altura eram coisas novas e que nós podíamos agarrar ou não, mas nós, geralmente, coisas que nos interessavam agarrávamos mais. Tudo o que era ali falado eram coisas que nós gostávamos que fosse falado. Nós távamos ali, porque achávamos que aquilo nos ia ser útil. Nós sabemos, por exemplo, que podia acontecer uma coisa que no dia a seguir nós já távamos a pensar ou até falámos disto, disto e daquilo. Sei lá ...se alguém ... se nós tivéssemos lá todos a falar e sabíamos que alguém tinha um problema, se calhar, nós, íamos aprender a lidar muito melhor com aquele problema se nos acontecesse a nós... e a não dizer só que: “ah! Temos um problema e pronto. Deixa andar”, mas aprendíamos a resolvê-los. A, a tentarmos que o problema não fosse tão grande.

E isso era feito como? Essa aprendizagem.

Nós falávamos todos. E toda a gente tinha a sua opinião e se o problema era centrado numa pessoa, mesmo que não fosse dito: “ah! Aquela pessoa tem um problema”, todos nós íamos debater aquele assunto. Cada pessoa, entendia ou não que aquilo tava certo ou errado. Claro, certo ou errado entre aspas, e as pessoas iam dizendo, as pessoas iam pensando que aquilo era pra elas, ou seja, távamos a falar dum tema em geral e toda a gente dizia uma coisa, não é? E não se dizia concretamente que aquilo era um problema de uma certa pessoa. A pessoa... vai... achar que aquilo tem a ver com ela, se tivéssemos a falar de uma coisa que... tinha a ver comigo eu ia pensar naquilo muito mais: “ah! O que ela tá a dizer faz sentido. Eu, se calhar, vou seguir esse conselho”. Era conselhos entre aspas. Entre aspas não era. Conselhos das pessoas sem elas saber, porque... toda a gente falava dos problemas que tinha, mas não era tanto agora fala tu ou agora fala tu. Era mais o assunto em geral e depois as pessoas tomavam mais a iniciativa de... “aquilo tem a ver comigo e eu vou seguir aquilo”.

Mas o núcleo podia não ter existido e tu tinhas feito o teu percurso na mesma...

Claro, mas eu tenho consciência que muita coisa que fiz ali fez-me bem e, se calhar ... eu... tenho consciência que aprendi ali muita coisa que... eu podia ter aprendido mais tarde. Se calhar, não tinha aprendido naquela altura e tinha aprendido mais tarde. Não era... eu era diferente, não quer dizer que fosse pior, mas sei que muitas das coisas que aprendi ali foi muito importante naquela altura. É assim: se fosse agora... era importante agora também. Mas há muita coisa que eu fiz naquela altura qu'eu tenho consciência= que agora... então, agora há coisas que só na altura, qu'agora são muito boas. Por exemplo, eu fiz montes de voluntariado c'o núcleo e isso agora ... é muito bom p'aquilo qu'eu tou a fazer. Se calhar ali... foi ali que eu consegui ver: “ se calhar... se calhar é isso que eu quero seguir”, porque eu

226 comecei a fazer voluntariado com o núcleo. Eu comecei a pensar: “ai eu gosto de fazer isto. Se calhar
227 quero fazer alguma coisa a ver com isso”. Se calhar, inconscientemente, foi ali qu’eu aprendi...ou percebi,
228 o que é que eu queria ser mais tarde.

229 **E teve alguma utilidade, esse voluntariado, em termos práticos, no teu curso?**

230 Nós não temos prática no nosso curso. ESTÁGIO só vamos ter no terceiro ano, mas ... o tarmos a dizer
231 aos professores que já fizemos, porque eles perguntavam todos porquê qu’iam po curso, não é? São
232 aquelas perguntas (). O tarmos a dizer que já fizemos, aos professores, e não só aos professores, aos
233 colegas, demonstra que nós já tivemos interesse, demonstra que é mesmo aquilo que nós queremos
234 fazer e que se nós tamos ali é porque o curso é mesmo aquele. Nós dizemos a um professor que já
235 fizemos, o professor fica muito or...gulhoso, não é de nós, mas... isso já em si ... porque são poucas as
236 pessoas que já fazem isso antes d’ir. Só fazem quando começam a ir e o... o termos já feito significa que
237 temos a certeza que é aquilo que queremos fazer e já nos... já nos... já PROCURÁMOS as coisas, já
238 tentámos fazer.

239 **E.. e isso ajuda-te, hoje, a ver aquele curso de outra maneira?**

240 Ajuda a ter um bocadinho mais de consciência daquilo que eu vou fazer a seguir, porque há muita gente
241 que tá no curso e não sabe. Mas isso eu já tenho... não é que eu vá fazer o trabalho que fazia, mas tenho
242 mais consciência dos problemas qu’existem. Eu já dei muitos exemplos de casos qu’eu tive, casos qu’eu
243 tive? Momentos que eu tive na altura em que fazia voluntariado que, agora digo: “você agora tão a dizer
244 isso porque, se calhar, nunca passaram, mas...”. As pessoas dizem que trabalhar com deficientes é muito
245 mau e é difícil. Eu digo que NÃO! Digo que... que são pessoas que, se calhar... que nós a trabalharmos
246 com elas, se calhar, temos muito mais consciência do que a vida é. No geral, damos muito menos
247 importância às coisas, porque elas dão muito menos importância às coisas do que nós, e aprendemos a
248 valorizar essas pessoas por darem menos importância... a coisas materiais, como nós damos.

249 **Tu fizeste voluntariado quantos anos?**

250 Portanto, fiz um ano no Centro de Educação Especial, um ano... fiz dois anos no Centro de Acolhimento e
251 fiz um ano, ali, no jardim-de-infância do Coto. Quatro anos.

252 **E ias lá todas semanas?**

253 Sim. Sempre. Todas as semanas.

254 **Tu separavas... e separas... não sei... o núcleo, da escola?**

255 Sim. Aquilo era feito na escola, mas é diferente da escola. Aquilo não era uma aula, por isso.... Era feito
256 mais como ... é extra. Távamos lá... é assim um bocado mais como se eu tivesse volei. É uma coisa
257 diferente!

258 **Tu tinhas outras actividades extra curriculares?**

259 Tinha volei.

260 **Já tinhas participado noutros núcleos?**

261 Não. Ah, já! No de Francês.

262 **E vias diferença entre o núcleo de cidadania e o de francês?**

263 Via, porque eu já nem me lembro do de Francês.

264 **Olha a questão da confiança no núcleo de cidadania, como é que tu a vês? A confiança que se
265 gerava entre as pessoas...**

266 Ah! Eu acho que... nós sabíamos que o que ali era dito... não, não passava ...daquela... eu acho que nós
267 entrávamos ali... era um mundo à ... parte, ou seja, nós quando saíssemos dali ... as pessoas não iam
268 dizer ali dentro passou-se isto=e=isto=e=isto e aquilo. Eu tinha... eu pelo menos tinha=e pra já,
269 porque a maioria das pessoas que lá tavam eram todas minhas amigas e se não foram TORNARAM-SE,
270 porque a partir do momento em que nós tamos todas ali, todos nós damos um bocadinho de nós aos

271 outros e os outros a nós. Todos nós... contamos um bocadinho da nossa vida, tanto como os outros
272 contam... a deles, e acho que aprendemos a ajudarmo-nos muito mais e isso cria confiança, cria relações
273 de confiança, de amizade.

274 **Mas... vocês falavam da vossa vida porque se sentiam obrigados a fazê-lo?**

275 Não. Porque nos sentimos suficientemente à vontade para o fazer, porque aquilo ... aquilo não era
276 muito... eu chegava lá e dizia: “bem, hoje vou”, ou a professora dizia: “hoje vamos falar sobre a... a
277 Laetícia tem um PROBLEMA E VAI FALAR!” não era assim (risos). A pessoa dizia um tema, nós
278 começávamos todos a falar e, depois, eu identificava-me com o tema e, depois, tinha necessidade, eu
279 sentia a necessidade de tar a contar aquilo ali, porque sabia que aquilo me fazia bem a mim e porque
280 sabia que os outros me iam ajudar a... resolver.

281 **Mas havia sempre um tema?**

282 Não, nós podíamos dar o tema, mas geralmente havia um tema. Tinha que haver um ponto de partida,
283 mas podia não ser a professora a dar, podíamos ser nós.

284 **E... e sentias... sentias que... as pessoas no... no grupo, se respeitavam? Ou alguma vez sentiste
285 discriminação... ou preconceito... juízos de valor...**

286 Discriminação, não. Eu acho que não. Não me lembro, assim, de nenhuma situação.

287 **Sentias que havia desnível entre as pessoas que participavam no grupo? Por exemplo, tava lá uma
288 professora?**

289 Ai, não! (riso) A professora era igual a nós. Eu acho que a professora tinha era mais experiência que nós
290 e, a maioria das vezes, dava-nos mais conhecimentos do que aqueles que nós tínhamos, mas como
291 pessoa... ali... não se notava que era uma professora.

292 Acho que quase qu’ éramos todos iguais. Éramos todos iguais.

293 **E o núcleo fez-te ver a escola de maneira diferente?**

294 Eu sempre gostei da escola (riso) ... porque a mim não me fez, assim, uma diferença... se calhar, a
295 outras pessoas pode ter feito. Agora, a mim... não. nunca deixei de gostar da escola, nunca tive os meus
296 interesse na escola, por isso...

297 **Tu... tu alguma vez falaste com os teus pais sobre temas do núcleo, ou questões que lá tivessem
298 surgido?**

299 Falei, de certeza absoluta, mas não muito. Mas de certeza que falei, porque eu contava quase tudo à
300 minha mãe... da escola. Eu lembro-me muito que falava muito do núcleo. Eu dizia: “Ah! Hoje falámos
301 disto, falámos...”, se calhar... não... não me lembro, mas, se calhar, havia assuntos que eram mais
302 importantes e falava mais. Chegava à hora de jantar e dizia: “ai, mãe! Hoje falámos não sei do quê, não
303 sei do quê”, mas eu tenho quase a certeza... mas eu não me lembro, assim, de nenhum ...

304 **Mas como é que, neste caso a tua mãe, reagia ... ao núcleo?**

305 A minha mãe gostava. A minha mãe sempre gostou, porque eu sempre quis, sempre quis ir e eu sempre
306 lhe contei o que se passava ali dentro. Não contava as coisas, contava como é qu’aquilo funcionava e
307 ela... ele sempre foi... ela conhecia toda a gente que lá tava ... quase. Ela sempre gostou qu’eu lá tivesse
308 e ela tava muito interessada. E ela sempre soube que, aquilo, era à quarta... feira e ela sempre me
309 perguntava o qu’ é que tinha acontecido, como é que tinha corrido. E eu acho qu’ela percebia qu’aquilo era
310 importante.

311 **E as diferenças que havia entre as pessoas, as diferentes opiniões, as diferentes maneiras de ser
312 faziam-te confusão, mexiam contigo, haviam sessões em que te sentisses mais enervada, ou...**

313 Enervada não que eu não m’enervo com facilidade. Havia muita discussão. Chegou a haver discussão,
314 assim, a sério. A sério quer dizer, assuntos que dividiam mais, mas eu acho que nós ao defendermos, se
315 conseguíssemos defender como deve ser, assertivamente, as pessoas ... tentavam, um bocadinho,

entender o nosso ponto de vista. Eu acho que nós tentávamos todos entender uns dos outros. No fim, havia, mais ou menos, um consenso. As pessoas conseguiam...claro que toda a gente tinha a sua opinião, mas nós aprendíamos, um bocadinho com a opinião dos outros e, se calhar, no fim, éramos capazes de dizer: "se calhar, tens um bocado de razão". E acho que aprendemos... a valorizar isso, a valorizar a opinião dos outros, que nem sempre é errada. Pode ser a nossa que tá errada.

Sentias-te diferente dos colegas que não frequentavam o núcleo?

Sentia, quando eles diziam coisas que eu achava que eles não sabiam. Quando... ou seja... quando... se calhar, quando eles discutiam, ou quando...aquilo qu'eu tava a dizer de valorizar a opinião dos outros, se calhar, eles não davam tanta importância como eu dava na altura. Se calhar, eu aprendia coisas qu' eles... só depois... se calhar... eu é que dizia quando... por exemplo, quando... quando alguém se chateava e essas pessoas não andavam... elas chateavam e bumba, uma tinha a razão e a outra não tinha. Pronto, era assim. Eu, se calhar... eu sempre que tentava ajudar eu dizia: "tens que pensar no teu lado e no lado do outro". E isso, pra já, a maioria das pessoas não tinha. A maioria das pessoas não pensava nas coisas assim e... a pergunta... já me esqueci.

Mas... mas tu sentias-te diferente nesse aspecto?

Sim, em determinados aspectos sim, mas eles eram pessoas como eu. Tinham a minha idade. Assim... na maioria das coisas eles eram iguais a mim, claro. Mas havia conhecimentos que eu acho que já tinha adquirido e eles ainda não, mas não pensava propriamente nisso. As coisas eram todas inconscientes.

Alguma vez sentiste que os que não iam ao núcleo vos criticavam ou... ou faziam comentários ao facto de vocês irem.

Acho que não.

Neste tipo de grupos, como o núcleo, tu vês aspectos negativos?

Eu acho que não. Tinha que pensar nisso... mas eu acho que só fazia era bem. Se eu visse que aquilo me tava a fazer mal eu não ia. Se era uma opção. Eu não tava obrigada a lá tar. Se não quisesse tar não tava. A partir do momento que entrava e qu' ia só me fazia bem.

E chegou... a acontecer tu saíres... do núcleo e ires a pensar...nas coisas?

Muitas vezes. Mais do que uma vez (riso). Em várias sessões que nós fizemos coisas... que me tocavam mais, tocavam entre aspas, coisas... houve muita coisa (riso) qu'eu lembro-me ter a ver comigo, do género, da auto estima, na altura era o que tinha assim mais... eu lembro-me que nós... que nós, houve um... uma aula? Não é aula, uma sessão que nós fizemos todos e lembro-me que todos tínhamos de dizer uma coisa dos outros e os outros a nós, pronto. Nós tínhamos de definir os outros e eu lembro-me (riso) que ... ainda tenho esse papel em casa e ainda olho pra ele muitas vezes, porque, se calhar, na altura pensava coisas... quando eu tou mais triste ainda há alturas em qu'eu pego nisso, ainda pego nesse papel das coisas que disseram de mim e ainda pego naquela carta que nós fizemos uma vez pós outros, que a mim foi o Ruben que escreveu, e que ainda tenho a carta em casa e ainda a leio muitas vezes. E há coisas que ainda penso agora que já penso há muito tempo.

E qual foi o efeito destas coisas em ti? Daquilo que te escreveram ... as cartas...

Pra já, faz-me sentir muito bem quando eu tou triste, porque são coisas que... valem ... por serem assim... uma coisa... quando eu leio eu sinto que ... a carta tá tão bonita, que eu não sei (riso), eu não consigo explicar. Aquilo, quando eu acabo de ler parece-me que me sinto muito melhor. Aquilo teve imenso, em mim, efeito... assim... bombástico... naquilo... naquilo qu'eu sentia. Quando eu acabo de ler ... sinto-me outra pessoa. Ainda tenho ().

Pois, porque à medida que o tempo passa ... quando olhas pa trás e olhas pró núcleo, o que é que tu sentes? O que é que vai acontecendo quando tu recordas ... o que lá viveste, o que lá se passou, o que aconteceu?

361 Eu acho que ... Nós ainda falamos muitas vezes disso. Nós... que estávamos lá, ainda falamos várias
362 vezes ... nós não estamos tantas vezes juntos, mas várias vezes falamos disso e eu penso... há muita
363 coisa que teve muito efeito e eu vou pensando nas coisas. Claro que não penso sempre, mas há coisas=
364 se calhar, mais inconscientemente do que conscientemente, eu faço as coisas, porque sei que foi lá qu'
365 eu aprendi. Porquê que foi uma aprendizagem? Porque... eu penso e há sessões que me marcaram mais
366 e que eu penso ... nas coisas, nos debates que nós fazíamos quando ia lá PESSOAS... e... e eu acho...
367 nós pensamos todos. Eu acho que toda a gente que lá teve, de certeza que pensa naquilo.

368 **Houve, assim, algum episódio... excepcionalmente marcante pra ti ... ao longo deste tempo... lá,**
369 **no núcleo?**

370 Eu acho que os que foram mais são aqueles que marcaram mais em mim. Foram aqueles que tinham
371 mais a ver com aquilo qu'eu já disse. Foi na altura em qu'eu andava pior e que sei que eu saía dali muito
372 melhor do que quando entrava, ou saía pior, porque tinha que sair pior. Mas eu saía pior porque saía a
373 pensar naquilo que fiz de mal. Saía pior porque sabia que eles tinham razão e eu não dava razão. Eu saía
374 dali... já aprendia a dar. O voluntariado também e aquelas sessões boas em que nós falávamos todos. Eu
375 lembro-me muito de falar da amizade (riso), que era muito giro, eu gostava muito de falar desses temas.

376 **Há uma coisa que eu gostava de explorar um bocadinho contigo. Tu já várias vezes disseste que**
377 **querias ajudar os outros. Mas quem são os outros?**

378 Nós vamos ajudar as pessoas que, provavelmente, precisam de nós.

379 **Tu sabes se elas precisam de ti?**

380 Porque são as que vêm ter connosco. No trabalho de Assistente Social nós temos de ajudar aquelas
381 pessoas que precisam mais. As pessoas que precisam mais não é só a nível monetário. Por exemplo, as
382 crianças que são maltratadas precisam d'alguém que cuide delas, que as vá tirar ou dos pais, ou que trate
383 dos pais, entre aspas.

384 **Mas como é que tu vês essas pessoas? Em que plano é que tu te situas ao olhar pra essas**
385 **pessoas?**

386 Não são menos do que eu. Elas são a mesma coisa, só que, se calhar, tão a passar por uma fase pior e
387 precisam qu'alguém, não tem que ser necessariamente eu, que os vá ajudar. Só que, realmente, é mais
388 fácil ser alguém que tem, não é que tenha estudos, mas que possa fazer alguma coisa por elas. Porque
389 eu... como Laetícia... tirando ser assistente social, eu mesmo que saiba que uma criança tá a ser
390 maltratada, eu não posso fazer a mesma coisa do que se for assistente social. Porque uma assistente
391 social já pode chegar lá...é óbvio que o nosso papel não é, propriamente, tirar as crianças aos pais, mas
392 se os pais não tiverem... se nós não conseguirmos ajudar os pais, porque, às vezes, ele batem nos filhos
393 porque não ... têm algum ...problema, eles tamém, nós já sabemos. Se nós não conseguirmos atingir os
394 pais, vamos ter que tirar os filhos... até eles... ficarem... normais. Ou até resolverem o seu problema.

395 **Mas, quando tu andaste no voluntariado, lidaste com os miúdos do Centro de Educação Especial,**
396 **no Centro de Acolhimento tu comparaste sempre a vida dessas crianças com a tua? Fazias**
397 **comparações?**

398 Fazia. Fazia comparações no sentido, eu sabia qu'eles eram diferentes, mas... porque, se calhar... há
399 coisas qu'eles valorizavam que eu não valorizava. Eu, eu tenho noção qu'aprendi muito com... com essas
400 crianças que tinham vidas muito mais difíceis que a minha, se calhar, com um gesto muito mais pequeno,
401 sorriam com uma facilidade extrema e nós precisávamos duma coisa, assim, muito grande ou muito
402 diferente. Eu acho que aprendi muito com eles. Não foi... não é vê-los de uma maneira diferente é mesmo
403 a aprendizagem qu'eu tenho com eles. Eu sentia-me em tar ali, essas não as ajudei. Nós tamos com
404 elas... nós sentimo-nos bem. Se eu tava com elas é porque me sentia bem com elas. Eu ensinava-lhes
405 coisas, claro, mas acho que elas ensinaram-me tanto a mim como eu lhes ensinei a elas.

406 **Mas quando nós nos pomos no papel de “eu vou ajudar” era como se nós tivéssemos alguma**
407 **coisa que os outros não têm.**

408 Sim. Nós, ali vamos ter um bocadinho mais de poder que eles, agora não vamos ter uma vida...não, não
409 somos mais como pessoas... do que elas, não somos. Agora, temos mais poder no sentido que nós, se
410 calhar, podemos fazer diferença, mas não é ... de elas, como pessoas, não lhes vamos ensinar a ser
411 melhores pessoas. Na vida delas podemos fazer diferença.

412 **Mas tu não acreditas que... que podes fazer com que elas sejam melhores pessoas?**

413 Acredito, mas isso não é como profissional. Isso é como PESSOA. Isso é eu... mas isso... não preciso de
414 ser assistente social. Qualquer pessoa pode ajudar. Até a mim. Qualquer pessoa pode chegar ao pé de
415 mim e dar-me uma lição como eu nunca tive... uma lição ao longo do tempo, claro. Não é chegar ao pé
416 de mim e dizer assim: “ tu és isto, isto e aquilo”. eu acho qu’ isso nós podemos aprender com qualquer
417 pessoa e não é preciso alguém com uma profissão pra=pra m’ensinar a ser melhor. Acho qu’ é muito mais
418 fácil aprender com os amigos do que com um profissional.

419 **Mas tu achas que ... no teu curso, na profissão que queres ter ... não se corre o risco de olhar pra**
420 **essas pessoas ... como quem vai trabalhar com... planos diferentes.... com posições diferentes?**

421 **Não se corre o risco de achar que há pessoas que são mesmo ... superiores a outras... ou...?**

422 Eu acho ... que corre. Eu acho que se corre o risco, mas eu, eu não quero ter, eu não quero... e acho que
423 há muita gente que é assim, ou que vai ser assim, mas eu não quero. O meu objectivo não é... tratar as
424 pessoas de uma maneira diferente. O meu objectivo... eu não sei se algum dia eu vou fazer, mas eu se
425 fizer, eu de certeza que vou ter consciência disso e vou tentar remendar. O meu objectivo nunca é
426 Aliás, nós aprendemos, o que nós aprendemos no curso é que temos qu’aprender... nunca aprendemos é
427 a discriminar. Isso, isso é essencial na nossa profissão nunca discriminar ninguém, agora aprendemos é a
428 separar e a não dar-mo-nos bem com essa pessoa, ou seja, não é não nos darmos bem, mas...
429 aprendemos a não ter uma relação que temos com as pessoas... que não são nossos clientes, pronto.
430 Não gosto nada dessa palavra.

431 **Porquê que a usaste?**

432 Porque... porque é a que nós temos que usar.

433 **Ai é?**

434 É cliente. Porque antes eram utentes, agora já não são utentes são clientes.

435 **Porquê?**

436 Não sei porquê. Não sei. Não faço ideia.

437 **E tu não gostas da palavra porquê?**

438 Porque cliente parece que nos que têm que pagar pra tarmos ali. É horrível ... parece... não sei. ...
439 clientes soa muito mal. Cliente é aquele que vai a uma loja! Eu vou lá, sou cliente duma loja. Agora, ali,
440 nós não tamos ... ai, não sei, é horrível, eu não gosto.

441 **Mas a noção de cliente parece que sugere uma necessidade da parte do outro. Quando gasta o**
442 **produto volta outra vez...**

443 Sim, eles têm essa necessidade, mas nós tamos=quando vamos ao médico somos utentes e também
444 temos a necessidade. (silêncio) Cliente soa mal. Não vou com a palavra. Soa muito mal.

445 **Dás-lhe uma... outra interpretação.**

446 É. Eu=eu sei que a tenho que usar, porque é essa a palavra correcta pr’aquilo que eles são. Correcta em
447 termos de dicionário profissional deste curso, mas agora... a meu ver, fora disso, nunca vou usar, porque
448 cliente soa muito a... é mesmo, soa muito a cliente duma loja. Eles têm necessidade d’ir lá... há a
449 necessidade do cliente, eles vêm ter connosco, pedem ajuda e tudo bem, nós damos, nós ajudamos só...
450 cliente soa muito... EH PÁ! Tou-te a pagar pra isto! E a relação que nós temos que ter não é essa. Não é

assim tão afastada. Eles têm que ter confiança em nós. Pra eles terem confiança em nós... nós tratarmos por clientes é ... um bocado frio... um bocado... uma distância.

Que trabalho é que pensas desenvolver, o que é que pensas vir a fazer com o curso de Serviço Social?

Porquê?

Porque eu acho que... deficientes, gostei muito de trabalhar com eles quando foi ali no Centro. Porque eu acho que é com essas... porque eu acho qu' é com essas pessoas que quando saímos d'ao pé delas nós aprendemos muito MAIS. Sentimo-nos tão melhor quando tamos com elas. Eu sei qu' é muito pesado e é... é muito ... é um bocado pesado porque há graus de deficiência muito elevados, mas mesmo sendo pesado eu acho que é sempre muito reconfortante quando nós saímos dali. Mesmo que nos custe, à primeira vista, porque não estamos tão habituados a que as pessoas sejam tão diferentes de nós, nós estamos com elas e ... e a maneira como elas nos olham, ou como nos tocam, ou como nós percebemos como elas estão ali, eu acho que é muito melhor ... não sei. É um lado qu'eu gostava muito d'ir estagiar lá, porque eu acho... pronto. Deve ser bom. Eu não sei. Eu nunca vivi muito, tirando ali, qu'eu sempre gostei, eu não tenho bem consciência como é que vai ser. E com as famílias, porqu'eu acho que há muitas crianças que são maltratadas e que... que, se calhar, não se sabe. E essas crianças sofrem muito. E os pais maltratam os filhos, os filhos, consequentemente vão maltratar, GERALMENTE, maltratam depois os seus, ou... são crianças, depois, mais ... PROBLEMÁTICAS, sem terem culpa nenhuma, se calhar, na escola, portam-se muito melhor que os outros alunos... depois os professores dizem mal deles sem saberem a vida deles, n' é? Dizem... não é dizer mal, mas... se calhar nem todos os professores têm consciência qu' eles , se calhar, são só assim, porque tiveram... porque tiveram ... vidas mais difíceis anteriormente. E então... se forem ajudados desde mais pequenos, se calhar, vão ter uma vida diferente depois.

Tu lembras-te do primeiro contacto que tiveste com... com miúdos do Centro de Educação Especial?

Lembro-me. Primeiro fomos só visitar.

O que é que sentiste?

Ai, eu adorei. (riso) Eu gostei muito. Eu sei que nem toda a gente gostou. Eu sei que houve pessoas que sen ... não é que não gostaram, mas que se sentiram mal e que não conseguiam... não conseguiram tar ali. E porque será que são assim? Eu gostei imenso e... aliás eu fui logo depois na semana a seguir, porque eu sabia qu'aquilo era ... não sei! Porque eu acho que nós olharmos, pra elas, e apesar de saber qu'elas são diferentes ... eu sinto-me bem com elas, eu não consigo explicar. Eu gosto mesmo de tar ali. Gostei d'ir ver, de saber como é qu'elas viviam, como é qu'elas lá tavam, o quê que elas faziam, o quê que se podia fazer pr'ajudar, porque há aqueles tratamentos e aquelas ... aquelas salas ... que eles fazem com música ... as terapias que fazem. Acho que tudo o que eles fazem agora é de muito interesse, p'além de ser bom poder fazer com eles, é uma... uma aprendizagem que nós temos. Tenho consciência qu' é um bocadinho difícil ... pa muita gente, mas eu... eu sinto... eu sinto-me bem. É isso mesmo.

Quando é que tu tomaste consciência do que realmente querias ir fazer profissionalmente?

No nono. Sei que quando fui po décimo já tinha quase a certeza. Já tava ... Até porque eu disse isso à colega que mora comigo e só depois é qu'ela pensou nisso. "Ah! Se calhar, até podia ir". Isso foi no décimo. Já quando fui po quarto agrupamento já tinha a consciência daquilo que queria. Já tinha objectivos. Quando se tem objectivos segue-se muito mais as coisas com muito mais ... com consistência do que se não tiver. Se não tiver objectivos na vida as pessoas, se calhar, desleixam-se muito mais. Eu já sabia o qu' é que queria, sabia que estava a estudar p'aquilo. Sabia que tinha que ter boas notas porque

496 tinha que entrar e tinha muito mais... vontade de fazer as coisas do que, se calhar, as pessoas que não
 497 sabem. As pessoas quando não sabem: "Ah! Pronto. Não sei que nota é que tenho que tirar!"

498 **Mas o que é que achas que pode ajudar as pessoas a definir o que é que querem ao longo do seu**
 499 **percurso escolar?**

500 Eu acho qu'isso... as pessoas têm que pensar no que é que querem fazer. Têm que pensar no que
 501 gostam de fazer, nas disciplinas que gostam... as pessoas têm sempre qualquer coisa que gostam de
 502 fazer. Se eu gostar mais de... sei lá... de lidar com... com coisas... tipo sangue, se calhar, vou mais po
 503 primeiro agrupamento, se eu não tiver dificuldade ou gostar, assim, mais dessas coisas. Se gostar mais
 504 d'Artes vou po segundo, se gostar de economia, matemática e geometria vou po terceiro e os outros vão
 505 po quarto. (riso).

506 **Mas há muita gente que termina o décimo segundo e que se não tiver como projecto estudar ...**
 507 **(interrupção)**

508 Se calhar, param.

509 **e faz o quê?**

510 Vai trabalhar.

511 **A escola prepara pró mundo do trabalho?**

512 Hum! Mas as pessoas quando acabam o décimo segundo não vão traba=não vão ter um emprego... se
 513 calhar, vão ... a maioria das pessoas que acaba o décimo segundo vão trabalhar pa um supermercado,
 514 que não têm... digo eu, não sei.

515 **Então, porquê que se andou ... tanto tempo a estudar?**

516 Mas as pessoas quando acabam o décimo segundo pressupõe-se que vão tirar um curso ou que vão pa
 517 universidade.

518 **Pressupõe-se porquê?**

519 Porque é o seguimento lógico. Sei lá! porque é as pessoas.... as pessoas vão preparadas, mas não
 520 têm uma área específica pa trabalhar. Eles não podem...elas têm... têm conhecimentos, mas não têm
 521 conhecimentos sobre aquela ÁREA. Não têm conhecimentos sobre determinada área pa trabalhar. Não
 522 tão prontos pa ter um emprego.

523 **Na tua opinião a escola devia dar esse tipo de formação para quem não quisesse tirar a...**
 524 **faculdade... ou....**

525 Eu acho qu' isso já existe. Eu acho que há cursos agora ... eu não sei...

526 **Pensa na Raul.**

527 Pois, mas agora aquilo mudou! Agora há lá cursos que se tem mais... Eu sei, eu sei duma pessoa que tá
 528 no liceu, que tá a tirar o mesmo curso que eu, mas ... no... até ao décimo segundo. Não é o mesmo
 529 curso, mas tem a mesma vertente. Essas pessoas, se calhar, vão mais preparadas do que as pessoas
 530 qu'antigamente saíam do décimo segundo, de Humanidades. Mas aí também já vão porque já têm
 531 consciência do que querem fazer.

532 **Mas tu achas que a escola deve preparar pró mundo trabalho?**

533 Mas assim tinham que fazer uma data de cursos ... uma data d'áreas, porque... é muito específico. Eu
 534 acho que não pode ... dever, se calhar, até devia, mas não dá.

535 **Então, tu vês a escola como? A escola existe, segundo a tua opinião, não prepara pró mundo do**
 536 **trabalho, porque isso vem depois ...**

537 Não prepara pra uma área específica. Eu acho... eu acho que se tem que seguir, a partir do momento que
 538 sabe o que se quer ser. Quando não se sabe é muito confuso, mas eu acho que toda a gente deve seguir,
 539 porque no décimo segundo tu não arranjas o mesmo emprego do que se tivesses na universidade.
 540 Porque p'além de não teres os conhecimentos específicos ... da área que queres seguir, sabes tudo

541 muito geral. Tu podes trabalhar pa uma coisa... tu podes trabalhar em lojas, tu podes trabalhar num café,
542 agora... não podes ser assistente social com o décimo segundo, não podes trabalhar num ... não podes
543 ser empresário, quer dizer, não podes trabalhar num... numa empresa como gestor sem ... sem o décimo
544 segundo. Não tens, não tens os conhecimentos específicos daquilo. Tu podes é tirar um curso ... qu'ê
545 importante. Que existem agora e que eu acho que são importantes. Há cursos que têm equivalência ao
546 décimo segundo e que têm uma área específica.

547 **Ainda há um bocado tu disseste que gostavas de ir estudar pra fora de Portugal. Não foste ainda**
548 **porquê?**

549 Estudar... fazer ERASMUS, é isso?

550 **Não, necessariamente.**

551 Eu acho que ainda não me sinto preparada. Porque acho qu'ê preciso muito estômago.

552 **Porquê?**

553 Não sei! Porque tamos muito longe. Custa muito. Então, eu não sei se vou fazer o mestrado pa fora. Eu
554 sei que vou po estrangeiro, que eu já vi, mas isso é volun ... voluntariado vou fazer, de certeza, no
555 estrangeiro. Vou pa África e vou pelo IPJ, em princípio. Isso vou fazer de certeza, agora estudar... pa já,
556 temos a barreira da língua qu' eu acho que é muito complicado e... e depois ... porque... tenho noção
557 que custa um bocadinho, mas vai custar na mesma quando eu for fazer o voluntariado. Agora es...
558 tudar... Agora, com o Tratado de Bolonha, já dá.

559 **Mas não te assusta ir fazer o voluntariado e assusta-te estudar fora?**

560 Assusta. Assusta os dois, mas o estudar... temos muito mais... se eu for pra um país que fale outra
561 língua, estudar é muito mais complicado do que fazer voluntariado. Fazer Voluntariado eu vou
562 aprendendo com o TEmpo e ... pronto. Estudar, se calhar, eu tenho que me esforçar. Não é que me custe
563 esforçar, mas... tem... custa muito mais ... os primeiros tempos... mas eu não sei se...

Entrevista nº 7

Data de realização 2007/ 04/ 1

- Nacionalidade

Portuguesa

- Idade

22 Anos

- Nível de escolaridade

2º Ano de Direito

- Curso que frequenta / O que faz neste momento

Frequenta o 1º ano de em Relações Públicas e Comunicação Empresarial, na Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa

- Onde vive/ Com quem vive

CR: pais e irmão Lisboa: irmão

- Posição perante a religião (católico, protestante, muçulmano, budista, hindu, ateu, outra posição perante a religião)

Católica

- Pais casados/separados/divorciados / falecido(s)

Divorciados há 15 anos

- Grau de instrução da mãe/do pai (superior completo ou incompleto; secundário; 1º, 2º ou 3º ciclo?)

Mãe – licenciatura

Pai – licenciatura

- Profissão mãe/pai

Mãe – Prof.^a do ensino secundário

Pai – Prof. do ensino secundário e contabilista

Querias pedir-te que me fizesses uma descrição, mais ou menos breve, do teu percurso de vida até agora.

Nasci na Nazaré... Nasci nas Caldas, fui registada na Nazaré, portanto... como tendo nascido na Nazaré, portanto quase que se assume que eu tenha nascido lá, apesar de, curiosamente, ter nascido cá e aaa, e uns anos depois ter vindo morar para cá, portanto foi quase, à nascença, uma negação (risos) daquilo que viria a acontecer mais tarde. Aaa... Tive lá, estudei lá, até ao 8º ano, na mesma escola onde os meus pais davam aulas, eu e o meu irmão. Depois, vim fazer o 9º ano à, à Raul Proença. Fiquei até ao décimo segundo. Entrei para Direito. Fiz a matrícula em dois mil e... em dois mil e dois, fiquei até ao ano lectivo 2004-2005, 2005-2006 tive o ano a trabalhar e 2006-2007 candidatei-me outra vez e entrei na Escola Superior de Comunicação Social, em Relações Públicas e Comunicação Empresarial. Profissional. Não é? (risos). Depois, a nível pessoal aaa, os meus pais separaram-se quando eu tinha 7 anos. A minha mãe não voltou a casar desde essa altura. O meu pai tem um relacionamento desde o ano seguinte. Tive um namoro muito longo dos 14 aos 18. Estive sem namorado dos 18 aos 19 e voltei a ter namorado aos 19 que dura até agora (risos).

Como é que é a tua relação com os teus pais?

Com a minha mãe é...é por fases, quase tantas como as da lua, com o meu pai é... é distante (pausa). É... aquilo que se pode. Não, não, não, nem mais nem menos do que aquilo que me é... permitido. É uma pessoa de quem eu gosto muito, de quem eu sempre gostei, que eu adoro, que nalgumas situações não posso ter como exemplo, mas que noutras, forçosamente, tenho que ter, quanto mais não seja por ser uma figura masculina importante na minha vida aaa... e, e, se calhar, posso tomar por exemplo por, por tão más escolhas, portanto, eu posso tirar do que é mais... não vou dizer do que é mais negativo, mas, se calhar, daquilo que, que de algumas coisas que me magoaram muito e que podem ser tomadas como exemplo de, de prevenção ou de, de (risos) tentar evitar. Com a minha mãe, é bom, porque também é uma pessoa que se preocupa e que procura estar atenta a todas as situações que vão acontecendo, todas as novidades, todas as...todas as situações, mesmo, que acontecem comigo, com o meu irmão, procura tar presente indo a Lisboa, cá nas Caldas, passando tempo connosco, conversando, fazendo pensar nas coisas, no que acontece, não influenciando a fugir delas e a tentar enfrentá-las. Claro que depois, não é? A adolescência foi mais complicada, acho que é pa todos o choque entre a liberdade que nós queremos ter e a liberdade que eles acham que nós não podemos ter aaa, por norma.

Como é que tu reagiste ao divórcio dos teus pais?

O divórcio dos meus pais foi maravilhoso. Porque, apesar de ter 7 anos, sempre tive muita consciência do que é, do que é que o meu pai fazia, das horas que ele chegava a casa, do tipo de vida que ele fazia e, e mais grave, do tipo de vida que a minha mãe não fazia e que era suposto fazer, principalmente, tendo (riso de tristeza) 31 anos, não é? , se calhar, aos 7 anos eu não sabia o que era ter vida de 31 anos, mas aquilo que se estava a passar não era concerteza e foi muito bom porque, pelo menos a partir do divórcio, eu sabia com o que podia contar. (Es)tando ele casados isso era... era, era complicado, era... Não havia gestão possível, não havia certezas, não havia... nada, havia... podia m haver umas férias óptimas, podia haver dias óptimos, como podia haver jantares aaa... em que toda a gente tava a chorar, em que havia gritos, em que havia... noites em que às cinco da manhã havia pessoas a entrar em casa e era uma instabilidade muito grande, portanto, a partir do momento em que os meus pais se divorciaram foi bom na dinâmica familiar, dentro de casa. Foi muito complicado a nível das relações familiares fora de casa, fora das quatro, das nossas quatro paredes, com avós, com, com tios, foi muito complicado, porque ham... havia toda uma gestão pa fazer de dois lados que se tinham criado, n'é? Inicialmente, havia um lado, que era aquele lado, que era o lado dos dois. A partir de determinada altura passou a haver dois lados, um lado da mãe, um lado do pai, uma coisa muito difícil de gerir porque toda a gente tem uma opinião, não é?

Nessa altura, se calhar, um bocadinho por azar o meu ou por sorte, não sei, aaam, pouca gente se privou de dizer as coisas que achava que devia dizer! Ou pa nós termos, ou pa nós termos aaa, aaa, acesso a toda essa sinceridade ou talvez... bem, não sei, cada um deve ter tido as suas razões concertiza, mas aaa, mas pronto. O certo é que passou a haver dois lados que nós tivemos que gerir desde, desde cedo porque os tios eram os tios da parte da mãe, porque os tios eram os tios da parte do pai, porque nós íamos p'ós tios irmãos da mãe, íamos p'ós tios irmãos do pai. Deixou de haver uma família quase... aaam, que englobava tudo, não é? Passou a haver duas facções (risos) familiares muito fortes, muito fortes, com valores completamente distintos, aaa, aaa, porque, porque a família do meu pai é da Nazaré, não é? Quer dizer, que é uma terra completamente *sui generis* (pausa) e que, que... e com valores que, que não são os mesmos da, da, da, dos sítios onde eu tou agora, dos sítios onde eu vivo, dos sítios que comecei a frequentar naquela altura, porque entretanto vim pás Caldas, não é? E, portanto, sempre foi... primeiro foi uma descoberta, porque tive que passar a avaliar o que é que eu queria, o que é que eu não queria pra mim, uma descoberta e um processo de escolha, não é? À medida que as coisas iam aparecendo eu ia ter, automaticamente, que escolher qual é que era aaa, aaa, aquilo que eu ia ter como meu e aquilo que eu ia excluir, por oposição àquilo que eu sentia naquele momento. Portanto, foram descobertas e escolhas constantes e, depois, foi sempre um acentuar de posições, não é? De parte a parte, à medida que... Depois, entretanto o tempo foi passando, não é? Nós viemos para as Caldas e os amigos passaram a ser outros. Começámos a crescer. O contacto com a família por parte do meu pai era, se calhar, um bocadinho menor, porque a maior parte do tempo nós passávamos era com a minha mãe, não é? aaa e, e, e, talvez por aí, a minha parte familiar paterna tenha sido, tenha demorado mais a, a tomar consciência do nosso processo de crescimento. Tanto do meu como do meu irmão, que foi muito próximo, não é? Só temos um ano de diferença. Acho que, talvez por aí tenha, da parte deles, deva ter sido mais demorado até perceberem que nós estávamos a passar por determinadas transformações, que as coisas iam acontecendo e que...que tavam diferentes, não é? que iam acabando por ser diferentes.

E a escola na tua vida, como é que é?

A minha escolinha (risos). A minha escola, a minha escola foi, foi, foi na Nazaré, não é? Até ao 8º ano, foi bom, foi, foi... não foi uma descoberta por aí além, porque num meio pequeno aquilo que nós vivemos fora da escola e dentro da escola acaba por ser muito, muito semelhante. As pessoas com quem nós brincamos na rua são as mesmas com quem nós estamos dentro da sala de aula. Professores que eu tive no externato, na Nazaré, tinham ido ver-me nasc, tinham ido ver-me quando, quando eu nasci e, e... e, portanto, era um meio todo ele muito familiar, muito, muito pequeno. Não, não havia descobertas por aí além, tar na escola era, praticamente, como se tivesse em casa. Depois, quando vim pás Caldas, foi mais difícil ao início porque não tinha amigos, não conhecia praticamente ninguém, havia cinco ou seis pessoas que eu conhecia do sítio onde passei a morar nas Caldas aaa... e que foram, eram as pessoas com quem eu tava no início das aulas. Depois, conheci os meus colegas do 9º ano. Alguns deles foram meus colegas depois no, no secundário aaa... foi, aí sim, já foi uma descoberta por, por serem pessoas diferentes. Se calhar, também por ser uma cidade, por...por tar um bocadinho mais sozinha, porque vim dum sítio onde eu conhecia toda a gente pa um sítio onde eu não conhecia ninguém, não é? Onde os professores não, não sabiam que eu era filha dum colega, d'uns colegas deles, não é? Portanto, eu era uma aluna como os outros, igual aos outros, não, não tinha diferenciação absolutamente nenhuma e, se calhar, tive que, nessa altura, recorrer a...àquilo que eu era pa... pa poder dizer que era eu, não é? Dantes isso não era preciso! (risos). Bastava ser filha de quem era pra poder, pra me poderem conhecer e, ali, aaa, o processo era diferente. Era eu que tava em jogo, não era mais ninguém e, portanto, só por mim é que eu ia ser conhecida.

Mas a escola pra ti. O percurso na escola foi um percurso marcante? O que é que achaste da escola?

Não! Foi, foi marcante. Foi marcante no 9º ano por, por colegas que tive, por, por professores que tive. Não vou falar de si (baixou o tom de voz e muitos risos)! Por professores, bons professores que eu tive, por, por coisas muito engraçadas, por ser um sistema completamente diferente, por, por por ser livre... quer dizer, porque era o 9º ano, porque eram 14 anos, (riso) porque o facto de termos vindo pás Caldas aaa... morar proporcionou uma data de conhecimentos novos, actividades novas, pessoas diferentes aaa... Os próprios professores aaa, aaam, comecei, comecei a, a ter a noção de que podia fazer as coisas bem não tendo a, a, (riso) , se calhar, não tendo a minha mãe e o meu pai por perto, no mesmo sítio que eu, e que as pessoas me avaliavam, efectivamente, por mim! Que não, não precisavam de conhecer mais nada pa, pa me avaliarem. Isso era bom! Era bom, eu, conseguir ter boas notas, era... foi quase como uma prova às minhas capacidades, se é que eu pudesse ter dúvidas delas, n'é? Mas, chegar às Caldas e saber que era um mundo só meu, onde não tava nem o meu pai nem a minha mãe e perceber assim: "Não, os 98% ou os 50% que eu tiver aaa, só têm a ver comigo! Quer dizer, eu não posso pensar que têm a ver com outras coisas aaa, que não estas. Só têm a ver comigo! Não duvidando, e isto parece, po... pode (gaguejou) parecer absur...absurdo tar a dizer que, se calhar, na outra escola davam 90% de eu ser filha de quem era. A questão não era essa. A questão é que aaa, aaa, eu, se calhar, achava que aquilo era tudo uma coisa (risos) muito familiar, muito juntinha e nas Caldas não foi assim. Realmente, não foi assim e tive... foi bom pa me começar a descobrir sem amarras nenhuma, sem, sem ninguém que eu conhecesse sem... e começar a perceber que as pessoas podiam gostar de mim e não dizer, e não me associar a outra pessoa qualquer, outra coisa qualquer. Era eu, porque era eu que era aluna, porque era eu que tinha boas notas, porque era eu que tinha más notas, mas porque era eu. Não estava lá mais ninguém e só podia ser por minha causa.

Tu gostavas das aulas?

Muito! Gostava muito das aulas da professora Celeste, gostava muito das aulas de DPS aaa...que escolhi, porque aaa, aaa sabia o que era porque no 8º, no meu 8º ano uma das professoras de lá, da escola, tava a fazer a formação de DPS, pra dar no ano a seguir, e aquilo foi uma coisa que eu fui acompanhado, portanto, um ou outro conteúdo que aparecia e eu, fui, fui assistindo e depois quando escolhi, no 9º ano, não teve nada a ver com o facto de "Aaa, não! Não vou ter Religião e Moral", até porque ao fim de um tempo acabei mesmo por ter aaa... Educação Religiosa, pa me baptizar e pa me crismar. Portanto, não foi de todo vou pôr aqui pa me salvar dali. Não foi. Foi uma escolha, duma disciplina, que eu sabia que ia ter e que precisava de ter.

Alguma vez questionaste o sistema Escola?

Questionei o sistema em termos agente de educação, porque... não sei se serei a melhor pessoa para falar disso porque os meus pais são professores educadores. Barra. E não sei se serei a melhor pessoa pa falar disso, mas em determinadas alturas questionei-me se nós estaríamos ali apenas pa sermos ensinados e não, de alguma forma, pa sermos educados. Isto, porque aaam... é óbvio que nós, em casa, temos introdução daquilo que deve ser a nossa postura, a nossa maneira de estar em muitos sítios, mas também concordo que muita da lengalenga que é dita em casa só faz sentido quando é aplicada, não é? Por muito que os nossos pais nos digam: "Tens que tar direito nas aulas!", tudo bem, nós temos que tar direitos nas aulas, mas quer dizer se ninguém na sala de aula me disser que tenho que tar direita porquê que eu hei-de fazer aquilo que os meus pais me disseram? Estou direita quando estiver em casa! E acho que, isto dando um exemplo do mínimo, se calhar, porque... Digo isto, porque acabei por me insurgir um bocadinho contra alguns colegas que eu achava que não tinham um comportamento que deviam ter numa sala de aula e que as pessoas deviam gostar de aprender e que se não gostavam de aprender não

estavam ali a fazer nada, portanto xô com eles (risos) não tavam ali... pa, primeiro porque tavam a atrapalhar quem queria fazer as coisas, não é? E, por outro, porque não tinham forma de estar e não, não sabiam fazer a diferença entre o que era o recreio e a sala de aula. Questionei a escola no sentido de, por vezes, não ter, se calhar, pessoas suficientemente firmes para perceberem que, independentemente de não serem os filhos deles, há uma parte educacional que as aulas exigem que deve ser dada, de formação enquanto agente de socialização. Enquanto segundo, não é? Porque a família deve ser o primeiro aaa... enquanto segundo deve ter e, e, houve situações em que me apeteceu ser eu o professor (muitos risos) só por isso, só por isso.

Mas a escola serve para quê, então?

Serve aaa... para impor limites. Dá liberdade aaa... numa dose que deve ser muito da... Acho que é uma instituição que se pretende que ensine, que... proteja e que faça perceber aos alunos que têm que tirar partido de algumas coisas, numa base de negociação muito grande, porque se tamos a falar de uma escola, de uma primeira a uma quarta classe, não podemos estar a fazer nos mesmos moldes que tamos a fazer num décimo ou décimo segundo, não é? Uma coisa é tarmos a falar de crianças, no primeiro caso, outra coisa é tarmos a falar de adolescentes, alguns deles adultos, não é? Porque, depois, a idade também não corresponde à maturidade das pessoas, mas isso é outro assunto. Mas eu acho que serve, sobretudo, como agente de negociação entre as pessoas de, de de perceber que uma coisa é aprender, outra coisa é reter e outra coisa é fazer uso disso. São três coisas completamente diferentes. Nós aprendemos, nós só retemos se tivermos interesse nisso e nós só fazemos uso dessas coisas se acharmos que devemos fazer. E, e acho que a escola serve para ensinar, mas, por outro lado, tem que ter mecanismos para poder aaa... para poder incentivar as pessoas a reter e a fazer uso dessas coisas.

Mas serve para ensinar o quê?

Serve, era o que eu tava a dizer, portanto, não é só ir lá... História tatatata, Matemática e, não serve só pra isso. Serve... para ensinar um conjunto de coisas que passam pela... primeiro, porque somos muitos, não é? Dentro de uma sala, portanto, convém que haja, que seja, que o professor seja um professor e um mediador, entre tudo aquilo que se passa naquelas quatro paredes, de uma hora ou de uma hora e meia, em que as pessoas estão todas juntas, não é? Nós vamos ali pa ensinar, pa... p' aprender aquilo que eles têm pa nos ensinar, mas vamos também p' aprender aquilo que não faz parte só da matéria, mas faz parte de todos enquanto uma pessoa que está num nível hierarquicamente superior ao nosso, é uma verdade, e na relação que ela tem connosco, e na relação que nós vamos ter com os nossos colegas. Por isso, eu acho que temos... vamos pra lá aprender o que somos, e vamos pra lá aprender o que têm para nos dizer e as relações que temos que ter uns com os outros. Acho que um professor deve entrar numa sala de aula com aaam a necessidade de mostrar aos alunos aquilo que eles devem saber, aquilo que é bom eles saberem.

Mas bom pra quem?

Prós alunos!

E quem é que decide isso?

Pois, deviam ser os professores... acho eu. Se bem que, por outro lado, os professores também não podem escolher o que é que os alunos querem e não querem aprender, daí que eu diga que há o aprender, há o reter e há o fazer uso dessas coisas. O professor deve ensinar para que nós possamos aprender, mas sempre que nós queiramos reter alguma coisa esse processo deve estar ao encargo dos professores. Não totalmente, mas deve ser um processo de entreajuda, por isso é que eu digo que deve ser uma negociação, porque não, não, não cabe na minha cabeça que um professor entre numa sala de aula e queira ensinar, ensinar, ensinar e depositar as coisas. Até o pode fazer! Não acho que seja a forma mais correcta, sinceramente, mas... ensinar, ensinar, ensinar... é óbvio que vai haver alguns que vão

reter e vão filtrar aquilo que foi dito, não é? E vão fazer uso dessas coisas. O professor tem que se mostrar como alguém que tá ali pra ensinar mas, inevitavelmente, para ajudar, para compreender, para mediar toda essa informação que nós que nós retemos a nível dos conteúdos, do programa, mas também a nível de, de relações entre as pessoas. Eu lembro-me, por exemplo, nas aulas da, da, da professora, da professora Celeste e depois mais tarde, no secundário, do, do professor Isidro, nós tínhamos verdadeiras aulas do que era saber estar e eles nunca precisaram de dizer, ou poucas vezes precisaram de dizer: “é assim que se senta numa cadeira!”. Eu acho que o facto das pessoas serem bem formadas, não é? Também passa um bocadinho pelos alunos. E isso é muito importante para nós aprendermos. Aquilo que eu acho é que, os professores não são bichos, como os alunos não são bichos. Tudo aquilo que nós vivemos na escola fica pó resto da nossa vida toda. São os primeiros anos que nós vivemos em convivência com as outras pessoas e nós aprendemos, retemos e fazemos uso disso. Muitas das coisas que eu sei hoje, eu aprendi quando tava no liceu e se não as tivesse aprendido eu hoje não sabia e não podia fazer uso delas e tinha que as ir estudar porque elas me faziam falta. Mas quando digo, quando falo destas coisas não são coisas do conteúdo do programa, são coisas aaa de vida das pessoas, que elas passam aaa... enquanto estão a dar as aulas. Eu nunca mais me esqueço de um professor meu me ter dito que passava mais tempo connosco durante a semana do que passava com os filhos porque tinha tantas aulas, e tinha outro trabalho e queria proporcionar tantas coisas boas aos filhos que com o ritmo de aulas que tinha chegava a casa, tava meia hora com eles, todos os dias, e era esse o tempo que ele passava com eles por semana. Portanto, se ele tinha connosco cinco horas por semana, fazendo as contas, ele acabava por estar mais tempo connosco. Essa negociação que eu falo é de... uma maneira de estar e uma maneira de passar as coisas que não deve não deve cingir-se única e exclusivamente a escola enquanto formação profissional, mas escola enquanto formação pessoal, também porque...

Mas essa foi a tua escola?

A minha escola... Foi! Mas foi, foi por parte de alguns professores, que eu gosto muito e continuo a gostar, porque aaa...se calhar... um bocadinho, também por iniciativa minha ao dar-me com eles e, e, e... gostar de saber mais aaa...e, e por, por, pelo DPS, pelos exercícios, pela, pelo pensar nas coisas quando saíamos das aulas de quarta-feira, às nove e meia da manhã, de DPS. Aaa... Por pensar nelas. Por, por pensar, realmente, qual era, qual era o papel, o que é que estávamos ali a fazer, o que é que as outras pessoas estavam ali a fazer connosco, o que é que era suposto, qual era suposto ser a nossa relação com elas, a relação delas connosco, a nossa relação com as pesso... com os nossos colegas, aaa... com as pessoas do exterior, portanto, fora escola... Se foi a minha escola? Aaa... Foi! Acho que tive sorte porque... como em tudo na vida ganhámos...ganhei... aaa... prós professores que gostei mais e esqueci aqueles que gostei menos, mas acho que sim, acho que foi a minha escola. Acho que tive sorte, acho que tive sorte porque a minha cabeça apagou maus exemplos e deixou ficar os bons.

Ainda há bocado falaste de liberdade na escola. Achas que a escola te deu liberdade?

Acho que me deu liberdade aaa... aaa... aaa...me deu liberdade, mas também não posso dizer que... fosse, como é que eu hei-de explicar. Não era uma pessoa com uma ânsia de liberdade assim tão grande. Eu fui pa escola sempre a pensar que a escola tinha limites, como em tudo, não é? Aaa...em casa temos limites, na escola temos limites, em actividades extracurriculares temos limites. Nós não vamos pa uma aula de Inglês com...com um rádio e pör o rádio a tocar, não é? nós não vamos ppp, portanto, essa liberdade é liberdade dentro daquilo que nós podemos ter numa escola. Dentro daquilo que é suposto ter-se numa escola. O ir pás aulas, ter uma dinâmica de aulas boa, ter horários que nos permitem fazer outras coisas fora d'aulas, ter intervalos que nos permitem estar com os nossos colegas, tar com os nossos professores, acho que sim, acho que tive numa escola livre de realizar... uma escola que me proporcionou ser livre a realizar projectos, a fazer coisas, a participar em coisas, sim.

Na construção do teu projecto pessoal, daquilo que tu gostarias que a tua vida fosse, qual foi o contributo da escola?

Todo! Todo...aaa...! Todo, porque em determinada altura aaa... e, e lá está, se calhar, eu também não sou a melhor pessoa pa falar disso, porque eu sempre tive professores dentro de casa e até determinada altura tive a casa ao pé dos professores e isso só veio depois a atenuar-se... a romper (riso), nas Caldas, mas foi aaa... quer dizer, não posso dizer que fui daquelas pessoas que nunca pensou em ir pa universidade, que nunca pensou ter uma formação académica. Sempre teve na minha cabeça que era um dado adquirido fosse qual fosse a formação, fosse qual fosse aquilo que eu decidisse fazer. O grau académico era um coisa que tava pré estabelecido na minha cabeça, não por, não por os meus pais falarem nisso, mas porque era aquilo com o qual eu estava rodeada todos os dias e, e, e a escola nesse sentido teve um papel, se calhar, de afirmação dessas convicções e, e... e de ... total! (risos) Não posso dizer que não tenha sido.

Mas no entanto, tu entras... fazes uma opção, não é? Acabas o décimo segundo fazes uma opção e depois voltas a fazer uma outra opção.

Faço uma outra opção. Faço uma primeira opção...

Tu escolheste que área no décimo ano?

Humanidades, no décimo ano.

Com um objectivo?

Com o objectivo de ir para Direito, desde o nono, para depois fazer a magistratura aaa...fazer magistratura. Muito, muito... concreta, uma opção muito, achava eu, muito, muito definida, muito, toda muito... recta! Aquilo ia ser assim uma estrada (risos) certinha aaa... depois acabei o décimo segundo, entrei. Fui das primeiras a entrar na Faculdade de Direito de Lisboa. Não me valeu de muito, porque, também, fui das primeiras a sair (muitos risos). Pelo menos das que entraram no meu ano. Mas foi, foi, foi complicado porque não tava nada à espera, se calhar, por me ter preocupado em, em, em ver mais filmes e séries de Direito americano, americanas do que propriamente as portuguesas, não é? E procurar saber como é que era o Direito português. Nunca procurei saber de maneira que foi uma desilusão completa e total. Não quis continuar, porque não queria fazer parte dum, dum jogo onde eu não queria ter os meus bonecos, onde eu não queria jogar. Recusei completamente alterar a minha maneira de ser para fazer uma coisa, pela qual eu tinha uma, uma certa paixão aaa.... Era preciso abdicar de muitas características pessoais que eu tenho que, que iam, que contrastavam com aquilo que era o curso, das quais eu iria ter que abdicar para exercer um trabalho que não era o trabalho que eu queria exercer quando fiz a escolha, mas que era o trabalho que deveria ser feito depois de acabar o curso e, e... perdi-me aaa, perdi-me. Fiquei... os meus objectivos ficaram baralhados, era a única coisa que eu tinha pensado para mim, portanto obrigou-me a uma investigação de mim mesma aaa... acerca de que outras coisas é que eu poderia fazer, onde é que eu podia ser útil, onde é que podia trabalhar, o que é que eu podia fazer na minha vida que me... que me fizesse... querer ter poucas férias e... desisti do curso. Fiz o segundo ano. Fiz o primeiro e o segundo ano. O ano passado tive... mas, entretanto, reprovei... um ano. O ano passado tive a trabalhar... conheci imensa gente...continuei...tive a trabalhar em Lisboa...foi um ano de reflexão, de descoberta, de muitas coisas e ...e acabei por, por me decidir e escolhi o curso onde tou agora.

Voltaste a fazer provas...

Voltei a fazer exames nacionais. Fiz Português e Sociologia e entrei.

Este período, do décimo segundo ano até agora, este período que tu viveste, alterou a tua maneira de ver a vida? Alterou aquilo que tu és?

269 Alterou. Alterou. Alterou muito. Eu prefiro acreditar que não alterou aquilo que eu acho que é a minha
270 essência, mas algumas coisas que estavam ramificadas à, à essência, acabaram por ficar pa trás.

271 **Tu achas que tens uma essência?**

272 Acho. Acho que tenho... acho que tenho uma essência de, de... de muitas coisas que, pra mim, são...são
273 a minha base e sem as quais eu não, não consigo, não consigo raciocinar, não consigo pensar, não
274 consigo juntar as ideias e, e resolver os meus, meus, as coisas que me vão aparecendo, mas, mas...

275 **Mas o que é te fez procurar novos rumos?**

276 Novos rumos. Tá a falar do curso? Deste novo curso?

277 **Sim, o que é que te fez ... porque isto não mexeu só com o curso, pois não?**

278 Não. Isto mexeu, mexeu com relações, mexeu comigo, mexeu com a minha... com a minha auto estima e
279 mexeu aaa, sobretudo com a minha maneira de estar, com essa minha essência. Porque eu nunca pensei
280 que uma escolha profissional minha pudesse ir de encontra valores e a conceitos, que podem ser pré-
281 conceitos, que eu tenho comigo e que eu trago comigo há muito tempo e que eu construí, que me
282 ajudaram a construir, principalmente, no relacionamento que tive com as pessoas, a ouvir as pessoas, no
283 DPS, no Núcleo, não é? Não vou mentir. Parte destes conceitos e parte destes sentimentos que eu tenho
284 foram duma relação muito estreita e muito íntima que eu tive com, com as pessoas com quem, com quem
285 tive no núcleo, com os, com os, com a troca de emoções, porque, pra mim, foi isso, foi uma troca de
286 emoções, de sentimentos que nós fizemos todos e não... foram coisas que foram fazendo parte mim e,
287 pra mim, não fazia sentido estar a abdicar de de coisas que eu tenho como sendo... genuínas pa poder
288 trabalhar nalguma coisa. E foi isso é que me fez... mudar, depois, alterar a minha escolha profissional.

289 **Fala-me um bocadinho do núcleo, do núcleo. Quando é que entraste, quanto tempo lá estiveste...**

290 Entrei no primeiro dia (muitos risos).

291 **Como é que soubeste do núcleo?**

292 Como é que soube do núcleo? Soube que a professora andava a preparar qualquer coisa. Perguntou-me
293 se eu achava que devia ir pa frente, eu disse que sim, que gostava muito da ideia. Não, não me considero
294 criadora, mas considero-me... devota (risos). De maneira que, que foi..., se calhar, foi, foi interessante,
295 porque devo ter sido das poucas pessoas que tinha tido aulas de DPS, pelo menos dos mais velhos, que
296 continuou. Não foi? A professora dava DPS a 7º, 8º e 9º. Não foi? E eu fui a única do 9º que passou po
297 núcleo. Houve duas ou três pessoas que foram nos primeiros tempos, mas depois acabaram por desistir.
298 E eu fui continuando até ao 12º (riso de orgulho) e foi... Foi muito engraçado, foi muito engraçado por
299 causa dos mais novos. Foi muito engraçado, porque, afinal, eles não eram assim tão mais novos,
300 principalmente a nível de gestão desses sentimentos, dessas emoções, de, de ... foi, foi importante,
301 porque... todos temos um eu, não é? E, e por muito bom e por muito, ou por muito mau que ele seja não
302 deve ser só nosso. Deve haver uma parte, sim, que nós devemos preservar, mas deve haver outra parte
303 que nós podemos partilhar e podemos, não vou dizer divulgar que não gosto, mas podemos... partilhar. É
304 mesmo essa a palavra, porque, se calhar, no fundo nós pensamos que é diferente, mas é igual (sorriso) a
305 tantos outros e... quando não é igual, pelo menos não é um quebra-cabeças como nós achamos que
306 pode ser na cabeça das outras pessoas aaa... E... é muito bom perceber que nós não, não tamos
307 sozinhos, que não fazemos um caminho tão solitário como, às vezes, parece. Que a pessoa que tá ao
308 nosso lado tem exactamente os mesmos medos que nós. Aaa... E é bom perceber que, numas coisas
309 nós desenvolvemos mecanismos de, de acção diferentes que a outra pessoa, exactamente pra mesma
310 questão e, ou que, se calhar, nós não desenvolvemos e a outra pessoa desenvolve, saber da forma
311 como, saber como é que ela os desenvolve, saber como é que... como é que ela, ela consegue levá-la
312 até ao fim a nós, se calhar, permite ver que é possível e...e isso é muito bom.

313 **Que é possível?**

Aaa... fazer algumas coisas que nós achamos que não conseguimos. Olhar pró colega do lado e ver "ele tem exactamente a mesma dificuldade que eu, mas ele tá a conseguir superar. Será que se eu tentar um bocadinho mais e não me resguardar aqui no meu cantinho eu não vou conseguir também?". E o núcleo serviu pra isso. Serviu pa, pa nós percebermos que nos podemos ajudar, que devemos ser ajudados aaa...e devemos ajudar aaa... e que... não tamos sozinhos. Que as pessoas podem e devem fazer as coisas sem medos e que se alguma coisa correr bem ou correr mal, pelo menos o núcleo... era duro (muitos risos).

Mas o núcleo era o quê?

Era o cantinho, era, era o... era o nosso cantinho. Era...era o nosso espaço. Era onde nós dizíamos o que pensávamos, sem medos. Onde, se calhar, nós acabávamos por ser nós. Era o único sítio da escola onde nós, se calhar, éramos os filhos, os sobrinhos, os, os namorados, as namoradas, os alunos, éramos tudo. Se há sítios onde nós somos isso tudo, mas há uma parte de nós que se evidencia, pelo contexto em que nós estamos, o núcleo fazia com que nós fôssemos isso tudo porque éramos nós. E éramos nós próprios, em todas as componentes em que tínhamos que nos dividir, porque somos tantas coisas ao mesmo tempo, nunca deixando de ser nós, lá éramos isso mesmo. Éramos um bocadinho de cada coisa, de cada função que nós desempenhávamos na nossa vida e que nos compunham.

Porquê que tu achas que isso acontecia ali?

Primeiro porque... porque era o nosso espaço. Porque foi criado por nós, pra nós, por nós aaa, e darmos essa importância foi, um, um, acho que, desde logo, um sítio... privilegiado, onde nós nos sentí, onde nós nos sentíamos importantes, não é? Aquilo era nosso, aquilo tinha sido feito por nós, porque era preciso pra nós e, e, se era pra nós porquê que, quer dizer, não havia explicação, era pra nós era pra nós, era nosso, era, era... era (risos). Era!

Aprendeste lá coisas?

Aprendi lá muitas coisas. Aaa... Aprendi lá muitas coisas. Aprendi lá que que havia, aprendi em DPS, que havia uma declaração universal dos direitos humanos. Não sabia que havia. Aprendi, no núcleo, a respeitar, mas a primeira coisa que eu aprendi foi a ouvir... com atenção aaa... se calhar, ... escutar, em vez de ouvir, aaa... Aprendi a respeitar. Aprendi aaa... a não ter medo de muitas coisas que eu tinha e que guardava pra mim e que, que, e que eu achava que, que me minimizava, enquanto pessoa, e aprendi a... ter alguém do meu lado, a sss, estar ao lado de alguém e a dar a mão... Muitas coisas. Aprendi muitas coisas muito difíceis de pôr em palavras, porque (pausa), porque, porque era mais do que... um estou aqui, mais do que... eu vou tar lá, mais do que... faz isto ou faz aquilo... Era uma, uma companhia. Era uma... Eram momentos em que... em que nós não precisávamos de, de, às vezes, de falar. Nós estávamos lá todos. As coisas eram partilhadas, eram ouvidas, eram...era intimidade! Era Intimidade não no sentido de, de (pausa). Era intimidade. Era intimidade, era ... eram as nossas emoções, os nossos sentimentos, as nossas dúvidas, as nossas preocupações, as nossas vitórias, os nossos medos. Era tudo, portanto, aquilo era a adolescência, no estado mais bruto, não é? que pode existir aaa... que as coisas depois também se vão atenuando, não é? à medida que nós vamos crescendo. E ali, era tudo o que havia na, tudo o que há na adolescência à flor da pele, porque, porque... porque podíamos contar uns com os outros.

E porquê?

Porque as relações eram... muito... aaaaa... dignas. Merecedoras disso, porque éramos todos... Começámos a criar uma família, que era a família do núcleo. As coisas que se falavam lá dentro aaaa, nós não falávamos nos intervalos. Eram coisas guardadas quase religiosamente aaaa se bem que pudessem ser faladas cá fora, quer dizer, não, não, mas era o nosso espaço de entreajuda, era, era... é tão difícil de explicar porque foi... tão importante pra mim durante estes anos todos sem nunca ter que

falar delas. A minha convivência com as pessoas, a partir do núcleo foi... tão baseada nele, tão, tão criteriosamente escolhida a partir dele, as relações de amizade, que eu procurei construir, e outras... desconstruir, foram tão baseadas nas coisas que nós passámos no núcleo, nas, nas, na importância que teve nós falarmos das nossas coisas, nós termos alguém pra nos ouvir, porque... hoje, em dia, há muito o hábito de as pessoas irem ao psicólogo pa falarem, não é? Porque aquelas coisas todas metidas na cabeça e, e precisam de falar e precisam, e nós ali, não quer dizer que não houvesse alguém que precisasse... com outras pessoas, mas nós falávamos uns com os outros. E nós não tínhamos medo da rejeição, não aspirávamos aaa, aaa, ao aplauso uns dos outros e nós conseguíamos ser... transparentes, uns com os outros. E acho que essa transparência foi criando uma ligação de, respeito... de, de consciência de que há muito mais do que aquilo que tá dentro de nós, ou dentro do outro, e do outro, e do outro, e do outro, e por muito semelhantes, ou muito diferentes que as coisas possam ser elas tão lá e fazem parte de cada um. E, e, e há essências diferentes. Há... há... coisas que são genuínas. Fazem parte das pessoas e aprender a respeitar o outro por aquilo que ele é, independentemente de ser parecido ou diferente de nós é algo importante.

E aquilo que dizes que lá aprendeste é – te útil hoje?

É muito útil hoje. Eu penso, muitas vezes, o que é que me tinha acontecido se não fosse o núcleo, porque... há muitos... conceitos que são, que eram falados no núcleo, que foram falados no núcleo, que eram desenvolvidos lá, que pra mim, continuam a ser definidos exactamente da mesma e...e eu utilizo-os até hoje na minha vida e ficaram muito assentes nessa altura, porque eu tive mostras disso. Porque não foram teoricamente mandados ao ar, porque as pessoas que lá estavam sabiam o que é que aquilo queria dizer e aquilo foi... aaa, aaa... foi, foi escolhido por mim pa fazer parte daquilo que eu queria ter comigo e, e tenho comigo hoje como dados adquiridos daquilo que deve ser aaa... uma base pó, pó caminho que eu vou fazer, que eu quero fazer, p'além de ter contribuído muito para perceber que há relações que se podem e devem manter e há outras que não fazem sentido.

E no mundo do trabalho tem alguma utilidade o que lá aprendeste?

Aaam..., no mundo do trabalho (pausa) pois, eu tive no mundo do trabalho o ano passado e... e o mundo do trabalho, para mim, é um mundo um bocadinho cão. O mundo do trabalho é o... salve-se quem puder, não é? Sempre fui muito de entrar, fazer o meu trabalho, sair, aaa.... Fiz muitos amigos o ano passado quando tava, muitos amigos... não são amigos pa vida inteira, não... São pessoas com quem eu troquei algumas impressões que eu considero válidas e que eu considero importantes, pra mim, que vão ser importantes pró meu percurso. Acho, acho isso. Agora se foi importante pó mundo do trabalho... eu acho que... da mesma forma que é no mundo do trabalho, é em qualquer outro... outro mundo onde nós estejamos: é o respeito e é o saber ouvir, o saber escutar e o não se deixar Des-Res-Peitar. Fazer-se valer daquilo que é, e daquilo quer ser sem medos, e sem preocupações daquilo que pode vir ou daquilo que pode não vir. Assumir-se como aquilo que é, sempre sem qualquer aaa... medo ou constrangimento. Essencialmente isso.

Mas foram coisas que tu tenhas aprendido no núcleo?

Foram coisas que eu aprendi no núcleo.

Tu separavas a escola do núcleo? Fazias essa distinção?

Fazia. Fazia.

Porquê?

Porque a escola era mais abrangente. Na escola dava-me muito com pessoas, com colegas, que nunca se interessavam, nunca se interessaram pelo núcleo. Namorei com uma pessoa que nunca quis ir ao núcleo. Tinha amigos que nunca puseram os pés no núcleo e que não deixavam de ser pessoas com quem eu me dava, na escola. Isso, no núcleo, não acontecia e, se calhar, fora de aulas, eu estava com

estas pessoas que eu acabei de referir na escola e no núcleo tava com outras, que eram do núcleo. E, e se for a pensar bem os meus amigos eram os do núcleo, as pessoas com quem, a quem eu fazia as minhas confidências, as pessoas que, com, com quem eu partilhava as minhas coisas e que na escola não partilhava. Portanto, eram duas coisas completamente diferentes. Se fosse criar um núcleo hoje e se me perguntassem se o criava dentro de uma escola ou fora de uma escola, eu criava-o numa escola.

Porquê?

Porque aaa... porque é muito importante ser... nesse contexto, em tempo real, num sítio real, onde nós estamos, onde parte das coisas que nós aaa... confidenciamos, lá, que vivemos. Nós vamos, nós confidenciamos coisas que vivemos, parte delas são na escola e, portanto, ter o núcleo fora da escola, quase que ia dissociar o real, aquilo que nós vivemos, nem que fosse há dez minutos atrás, com um espaço que era nosso e que era, sobretudo, aberto pa, pa essas questões, pós nossos medos, pás nossas preocupações. Não quer dizer que no núcleo nós não falássemos de família, de projectos, não falássemos de outras coisas, de qualquer forma aaa... acho que faz sentido, faz sentido principalmente na adolescência, sendo a escola o instrumento que é. Sendo o instrumento que é, sendo o agente que é. Nestas idades acho que sim, acho que faz todo o sentido.

Mas tu achas que o núcleo ajudou ou pode ajudar a dar sentido ao trabalho escolar?

Acho que... pode.

Como?

No sentido de... formação... pessoal. Só. Porque eu, eu penso sempre que, que há muitos miúdos, há mui, muitos rapazes, muitas raparigas que não sabem hoje em dia o que é ser-se pessoa. Não sabem! Não sabem o que significa ser pessoa. Não sabem o que significa ser cidadão. Não sabem o que significa fazer parte de uma sociedade. Fazer parte de vários núcleos que existem dentro de uma sociedade. E o núcleo é... tem uma componente pessoal e social muito grande. Por isso, pela partilha, pela, pela aprendizagem do respeito, pela interiorização do respeito, pela aplicação do respeito, pelo, por escutar, por sentir-se seguro para falar, para dizer, p'assumir, para, para ter o seu próprio espaço.

Mas como é que isso pode dar sentido às aulas, por exemplo? Àquilo que se aprende nas aulas? (Pausa) ou não pode?

Não. Pode! Eu acho que sim! Eu acho é que muitas das vezes nós assistimos a situações nas salas de aula que são provocadas por uma falta de tempo de toda a gente que está à volta destes adolescentes, pa eles, pra dedicar a eles, não é? pra lhes dedicar. Há pais que não tem tempo pós filhos aaa... Há, há, há falta de tempo entre as aulas por aquilo que.... Por exemplo, na minha altura nós até tínhamos algum tempo, mas agora, pelo que sei, as cargas horárias são cada vez mais, as cargas horárias são cada vez maiores, por isso... vai havendo uma falta de tempo...pós miúdos! Há um exagero de tempo para a sua formação profissional e há uma falta de tempo para a sua formação pessoal. Não há preocupação em saber o que é que ele sente, o que é que o preocupa, qual é o medo dele, como é que vai ser a seguir. Ninguém se preocupa que é importante ele saber quais é que são as características do Estado em que ele está inserido, qual é a importância de ele tar dentro de uma Comunidade Europeia, qual é a importância que tem ele ser um ser vivo... no mundo... hoje em dia. É importante ter consciência que há outras realidades que não esta. Que enquanto ele, se calhar, tá na escola há muitas outras crianças que tão a fazer a bola com que ele vai jogar, quando chegar o intervalo. E eu acho que, hoje em dia, há muito poucas pessoas que se encarreguem dessa formação pessoal que eu acho que é preciso pra vida, porque senão tamos a criar uns ...uns...desleixados.

Mas achas que se houver essa atenção à pessoa que a escola, o trabalho escolar, ganha outro significado?

Se houver este trabalho com a pessoa no núcleo? Se houver um núcleo?

449 **Por exemplo.**

450 Porque eu acho que haver um núcleo não é razão suficiente pós pais deixarem de ter tempo pós filhos, ou
451 que pelos pais não terem razão, não terem tempo, aaa... é isso que o leva aaa, aaa, ou é isso que
452 justifica a criação do núcleo...não é isso que eu estou a dizer. São coisas diferentes. Nós, no núcleo
453 confidenciávamos coisas que não confidenciávamos em casa, não é? No entanto tínhamos lá um adulto e
454 tínhamos lá... no fundo, as pessoas com quem nós íamos relacionar, ou aquelas ou outras, mas com
455 quem, com as quais nos íamos relacionar quando crescêssemos e, e há sempre a ideia de... o pai e a
456 mãe são suspeitos, tanto pró bom como pró mau, não é? e ali não! Aquilo que eu acho é que ...os
457 resultados a nível escolar podem, de facto, ser melhores, se isso acontecer.

458 **Tu achas que o que acontecia no núcleo gerava a vontade de saber mais, de aprender, estimulava**
459 **a vontade de conhecer?**

460 Acho que sim. Acho que estimulava a vontade de aprender, principalmente... porque... aaa... nós não...
461 eu acho que a, a consciência que nós vamos tendo de nós próprios, vai dando asas aquilo que nós aaa...
462 queremos fazer, ou, ou, ou, por outro lado, aaa... nós vamos sempre... Pelo menos, quando tava lá,
463 acontecia-me uma coisa muito engraçada aaa.... eu sentia-me muito bem comigo porque aaa...porque...
464 vinha, vinha livre, não é? Vinha, vinha liberta, vinha leve, vinha... muitas coisas boas. E, sem dúvida, que
465 quando aaa... saía de lá, era como, era como uma parte da minha vida tivesse resolvida (risos). Não é?
466 Aquelas coisas, pra mim, tavam quase como... não é arrumadas, no sentido de esquecidas, arrumadas
467 no sítio certo. Era como se nós fôssemos pra lá criar dossiês e saber onde é que as coisas deviam ser
468 metidas e, e, “e eu tenho medo que, tenho ciúmes. Mas porquê que eu tenho ciúmes? Qual é a vantagem
469 de ter ciúme? E, e, e eu tenho medo de não ter boas notas e não confio em mim. Mas porquê que eu não
470 confio em mim? mas porquê que não , não...E estas coisas, quando realmente se fala delas e se ouvem
471 outras explicações a... se ouvem explicações e se ouvem maneiras de sentir diferentes da nossa, dá-nos
472 um, um sentimento completamente oposto ao da solidão. Portanto, nós estamos constantemente
473 acompanhados e isso faz com que a nossa... aaa... tendência para fazermos as outras coisas bem,
474 relacionarmo-nos melhor com os outros, seja, realmente, evidente. Isso, eu tenho a certeza que sim.

475 **Mas tu sentias que arrumavas as coisas porque alguém te dizia: “Arruma assim! Faz assim!”?**

476 Não. Eu sentia que arrumava as coisas, porque... juntos, mediante os testemunhos das pessoas que
477 queriam falar sobre o tema que era lançado, era quase como se fosse uma desconstrução dum tema, não
478 é? Portanto, nós falávamos da, da rejeição. O que é a rejeição? Mas donde é que vem a rejeição? Mas
479 porquê que há-de haver rejeição? À medida que nós íamos falando destas coisas, cada um ia dando a
480 sua opinião, era como se estivéssemos a montar um puzzle... a, a desmontar um puzzle, sem saber que
481 o estávamos a montar. Portanto, nós agarrávamos numa coisa, íamos desfazendo, à medida que tamos a
482 desfazer, tamos a encaixá-la no sítio onde ela deve tar e isso era feito em conjunto. E, muitas das vezes
483 nós saímos de lá com algumas coisas em aberto, para pensarmos em casa, e essa assimilação que era
484 feita em casa era igualmente importante ao trabalho feito no núcleo, porque exigia um raciocínio da nossa
485 parte, uma interiorização das coisas e um, um...uma... organização delas naquilo que fazia mais sentido
486 pra nós.

487 **Essa a pergunta que eu te ia fazer a seguir: se depois do núcleo tu ficavas a pensar nas coisas que**
488 **lá aconteciam.**

489 Ficava a pensar. Muito tempo. Utilizei muitas das coisas que foram ditas no núcleo pa resolver situações
490 que tive à medida que o núcleo foi, foi acontecendo aaa...não vou dizer quais (riso) ...mas foram, mas
491 foram muito úteis pa fazer escolhas, pa, pa... porque eu fui... fui... tentando escolher aquelas que eu
492 achava que eram, as que eram importantes pra mim, organizando-as da maneira como eu achei que fazia
493 sentido. E como achei que devia ser.

494 **E em casa falavas do núcleo?**

495 Falava muito do núcleo aaa...muito! Toda a gente sabe que eu tive no Núcleo de Formação Pessoal e
496 Cidadania porque me orgulho muito de o dizer (riso) e sempre que é possível. Toda a gente sabia que eu
497 tava no núcleo. Ao início... aaa... não se perguntava como é que tinha corrido, mas a meio do ano já
498 havia questões acerca da forma como o núcleo tinha corrido, o que é que tínhamos feito...

499 **Isso dava origem a diálogo?**

500 Dava origem a diálogo, dava origem a...a debate muitas vezes em casa, com a minha mãe e com o meu
501 irmão. Mas... o debate maior era interior (risos). Não era, não era em casa.

502 **E, e como é que as pessoas reagiam ao facto de tu dizeres que estavas no núcleo?**

503 Primeiro era a novidade, não é? Porque poucas pessoas aaa... pensavam: "mas para que é que isso
504 serve?"

505 **Para arranjar namorado!**

506 (Muitos risos) para mim não serviu! (risos). Perguntavam para que é que servia, o que é que nós
507 fazíamos, como é que tinha sido criado, por quem, se tinha actividades. Suscitava sempre algum
508 interesse. Acho que o nome foi bastante bem escolhido, não é? Pomposo. Formação Pessoal e
509 Cidadania e depois acabou por corresponder... a tudo aquilo que aconteceu lá, pelo menos enquanto eu
510 estive, àquilo que presenciei. Correspondeu. Mas suscitava o interesse. Suscitava o interesse e eu
511 acabava sempre por responder com a maior parte das coisas que já disse (risos).

512 **Sentias-te diferente por pertenceres ao núcleo? Sentias-te diferente dos outros da escola?**

513 Não! Sentia-me... sentia-me igual, quer dizer, cada um faz as suas escolhas e eu fiz a minha de
514 participar, como havia outros que, que escolheram fazer natação, ou fazer outra coisa qualquer. É uma
515 escolha e eu fiz a minha.

516 **Mas... tu ainda há um bocado disseste que te davas com pessoas que não queriam pertencer ao
517 núcleo. E essas pessoas não queriam ...sabes porquê?**

518 Aaa....Porque muitas das vezes diziam. "Eu não vou lá falar de nada que me interesse e porque... eu não
519 gosto de falar das minhas coisas assim, porque são pessoas que eu não conheço e... e eu não quero
520 participar!"

521 **Mas tu achas que as pessoas se sentiam obrigadas a falar de si próprias, das suas coisas íntimas?**

522 Não. Eu acho é que as pessoas não iam com medo de sentirem necessidade de falar.

523 **E então rejeitavam à partida?**

524 Exacto. (risos)

525 **Olha, se o núcleo um dia desaparecesse da escola?**

526 Triste de quem ficasse sem ele. Eu já tive a minha parte (muitos risos). Tá salvaguardada (gargalhada).
527 Essa já ninguém ma tira, mas é ... aaa... era mau aaaaa... pela importância que eu lhe dou, pela
528 importância que teve pra mim, e que continua a ter pa minha vida. Triste de quem não puder usufruir da
529 mesma oportunidade que eu usufruí.

530 **Mas tu já saíste da Raul há quanto tempo?**

531 Há cinco anos.

532 **E andaste no núcleo do 9º ao?**

533 Ao 12º ano.

534 **Já estiveste mais tempo fora do que no núcleo.**

535 Mas se, se calhar, tem mais a, a digestão que se faz das coisas agora... é mais intensa do que se fazia.

Entrevista nº 8

Data de realização 2007/ 03/ 23

- Nacionalidade

Portuguesa

- Idade

22 Anos

- Nível de escolaridade

décimo segundo Ano + curso de jovens empresários agrícolas+ curso de informática na óptica do utilizador

- Curso que frequenta / O que faz neste momento

Trabalha numa pastelaria

- Com quem vive/onde vive

Mãe e irmão de vinte e nove anos/ Pó

- Posição perante a religião (católico, protestante, muçulmano, budista, hindu, ateu, outra posição perante a religião)

Católico

- Pais casados/separados/divorciados / falecido(s)

Mãe viúva

- Grau de instrução da mãe/do pai (superior completo ou incompleto; secundário; primeiro, 2º ou 3º ciclo?)

Mãe – quarta classe

Pai – quarta classe

- Profissão mãe/pai

Mãe – trabalha na pesquisa e produção de castas vinícolas

- Morte do pai por doença cardiovascular no dia do seu noveº aniversário.

1 **Eu gostava que tu, assim de uma forma mais ou menos breve, me fizesses a história da tua**
2 **vida até aqui.**

3 Ah! A história da minha vida. Ahm... Uma infância extremamente feliz, extremamente acompanhada,
4 em todos os aspectos, familiares por tudo, por todo o meu meio. Vivi numa aldeia pequena, que é uma
5 aldeia pequena, mas que, mas que conhecia todas as pessoas. Tive uma liberdade imensa desde logo.
6 Basta-me dizer que, com cinco anos ia para o infantário sozinho. A minha mãe não me ia pôr ao
7 infantário. E eu vinha do infantário e não sabia se ia para casa, se ia para a casa da minha avó, se ia pa a
8 casa da minha vizinha. Quando chegava é que via para onde é que me apetecia ir, portanto, isso deu-me
9 logo, a mim, uma liberdade fantástica e fez de mim uma pessoa diferente. Sem stresses, sem... sem....
10 sem a confusão do dia-a-dia, das rotinas. Não havia, não existia! Isso deu-me liberdade para... para
11 sonhar e para viver uma infância feliz para, para ter toda... para viver as coisas no seu devido tempo e no
12 seu devido lugar, para que... as coisas serem vividas não à pressa, mas... não serem vividas à pressa,
13 mas ... saboreá-las. Quando elas aconteciam eram saboreadas. O facto de um colega levar uma bola
14 nova pra escola, que hoje em dia não se dá a mínima importância a isso, ou o facto de nos juntarmos aos
15 três e os quatro e irmos pa casa dum colega e lanchar e tarmos lá toda a tarde, até à nOite! Irmos noite
16 escura pra casa, e mesmo assim, chegarmos a casa, nem sequer irmos tomar banho e irmos ainda
17 brincar com os cachorros ou com os gatos ou os pássaros e, e... tarmos ali até às oito, nove, dez horas
18 da noite sem qualquer tipo de rotinas diárias, porque os pais eram obrigados a cumprir aquilo para que
19 também tivessem um pouco mais de descanso, porque os próprios pais também tinham uma vida, pelo
20 menos os meus, sempre tiveram uma vida mais pausada não...Nunca tiveram este tipo de rotina. Acredito
21 que na mesma altura, se calhar, na aldeia ao lado havia pais, isto depende muito de família pra família,
22 com uma rotina... ou com uma gestão familiar completamente diferente, né? Eu, nesse aspecto, não. E
23 sempre fui muito acompanhado por pessoas idosas, por pessoas que me contava muita coisa, que eu
24 retirei muito, e que ainda hoje retiro, porque adoro ouvir histórias, adoro contar também, e isso foi muito
25 importante pra mim. Vivia rodeado e era acarinhado por uma série de velhinhas, entre aspas, que viviam
26 na minha rua e que me consideravam (sorriso largo). Eu, mesmo não tendo eu avós biológicas, por já, por
27 já serem falecidas, consideravam-me, a mim, um neto, não é? E, portanto, fui sem... sentia-me, eu e os
28 meus colegas e ... sentíamo-nos protegidos naquele grupo, naquela sociedade, naquela aldeia.

29 **Mas tu nasceste ali mesmo?**

30 Eu nasci em Caldas e, assim que saí de Caldas, fui pró Pó (riso).

31 **Os teus pais eram de lá?**

32 Os meus pais... a minha mãe, a minha mãe nasceu no Pó, viveu no Pó até aos 14 anos. Depois foi viver
33 pra Cascais, Cascais-Praia Grande. Regressou aos 24 anos, conheceu o meu pai, que sempre viveu toda
34 a vida lá, no Pó, também. Nasceu na aldeia, cresceu e depois acabou por conhecer a minha mãe lá e
35 casaram-se e formaram, lá, a casa deles, formaram, lá, a família deles e continuaram lá, apesar de terem
36 convites pra irem pra... na altura a emigração... Inglaterra, Espanha, França qu'era muito... os meus pais
37 já se tinham casado há bastante tempo. Eu já nasci tarde, ham, mas nunca abandonaram a terra, nunca
38 abandonaram aquele local. Sempre gostaram dali, daquilo. Depois, sei lá, a escola primária, as primeiras
39 emoções, o ir pra escola primária, o aprender, o afiar os lápis até não haver mais lápis, o destruir dois e
40 três lápis por dia, o... sei lá... o chegar a casa todo enlameado no Inverno, o cheiro, o cheiros das folhas,
41 das vindimas da... é a grande diferença e das melhores recordações que eu guardo da minha infância.
42 São os cheiros. Os cheiros e as tradições das aldeias. Nas cidades não, não se nota. O ano passa.
43 Sabemos que é Inverno porque chove e sabemos que é Verão, porque vamos até à praia ou porque está
44 calor e ali não. Existia a Primavera, existia a chegada das andorinhas, os ninhos. Acompanhávamos tudo
45 isso, de uma forma mais...mais pormenorizada. Valorizávamos mais isso, portanto era... foi sempre algo

que em mim, também, se calhar, por isso desenvolvi uma sensibilidade maior e ... pr'aquilo que eu gosto hoje, que é, fundamentalmente, as Artes e o Design e tudo isso... pra mim, eu dei logo muita importância a isso. , se calhar, por ser o clã da minha família, não sei, não é? Talvez por ser numa aldeia, não sei, mas...

Tu achas a tua família especial nesse aspecto?

Não digo especial, porque, se calhar, tem coisas más como todas as outras famílias. Tem as desavenças familiares, tem os atritos, tem os stresses também nas conversas que se têm à mesa, diariamente, não é? É uma família normal, se bem que... eu acho que... a diferença entre o meu pai e a minha mãe... também contribuíram para que, eu e os meus irmãos, ah.... Aquilo que eu sinto e que eu estou agora a relatar é o mesmo que eu noto que os meus irmãos sentiram porque fomos criados da mesma maneira e a minha mãe diz precisamente isso porque não houve uma diferença, porque ele foi pró colégio A e o outro já foi pró colégio B. Não! Todos crescemos no mesmo quintal...aaah, todos tivemos um cachorro quando éramos mais pequenos. Sei lá, o meu pai, quando eu fiz quatro anos, comprou um burro (risos). Sei lá, as coisas mais mirabolantes que podem acontecer. Eram coisas super simples, não é? Mas que no fundo, no fundo têm muita, pra mim, eu acho que são fundamentais pra um crescimento equilibrado de uma pessoa porque... O tempo... é muito importante! Era especial, pra mim, quando eu ia pra escola que se falava no Inverno, não se conhecia a neve de forma alguma, mas imaginava o Inverno com muita neve e, no entanto, o começo pra mim do Inverno era o cheiro das vindimas e o barulho dos lagares na minha rua, e é verídico. Ainda hoje existem.

Então, e depois? Conta lá.

Depois, a escola primária. Um percurso completamente normal (pausa) até aos meus nove anos em que houve, depois de uma infância, de uma infância volumosa e ...especial, não é? Acompanhada com todos os mimos, com tudo aquilo que eu queria, houve a, houve a ... o corte! O corte devido ao falecimento do meu pai E, então, aí... é assim, a partir dos meus nove anos começ, não me lembro de, quer dizer, recordo-me de todas estas sensações, da maneira como fui educado, mas não me recordo de nada em especial daquilo que... não me recordo do meu pai, não me recordo... O meu pai faleceu no dia em que eu fiz nove anos. Foi um choque tremendo pra toda a família, até pra própria terra, porque o meu pai era uma pessoa super querida e bastante comunicativa, bastante simpático. Um pouco diferente da minha mãe, que a minha mãe é uma pessoa mais reservada e...toda a gente gostava muito dele e foi um choque enorme, porque ninguém estava à espera e, então, eu ao fim de ... viver aquela vida toda calma e.... e diferente e... sem pensar em mal deparei-me... de uma coisa completamente diferente do que era o meu dia-a-dia. Deparei-me com, com conversas de advogados, que eu nem sequer sabia nem pensava, deparei-me com finanças, deparei-me com, com, com heranças, com tribunais, com, com todos os termos legais que são obrigados a serem, a serem efectuados quando uma morte acontece numa família. Isso pra mim assustou-me um bocado e fez com que eu apagasse toda aquela, toda aquela infância. Ficou, não... digamos que ... eu não, não fiquei enraivecido porque aquilo aconteceu, digamos que a guardei de uma forma muito especial para... se calhar, a partir de agora, que já passaram treze, catorze anos, começar agora, se calhar, a saboreá-la novamente, ah... tirar partido daquilo que ela me deu e...

Ela... infância.

Ela a infância. No entanto, porque foi uma fase diferente, foi um subir... por vezes as pessoas dizem que nós subimos um degrau de uma vez só. Os meus nove anos, se calhar, pode-se acrescentar mais dez porque tive que assumir uma mentalidade, se calhar, de uma pessoa de nove. Subi, subi aquele patamar de uma forma sozinha e brusco e cheguei lá acima... é como nós estarmos num prédio e subirmos o elevador, abre-se as portas e nós dizemos:

-em que andar é que eu estou? Pra onde é que eu vou? E a partir daí tomei consciência... ninguém me disse isso! Mas tomei consciência de que, tudo aquilo que eu fizesse seria de minha, da minha... seria eu o responsável! Portanto, o meu bem-estar, o facto de... tudo o que pudesse girar à minha volta, eu tinha que estar muito atento e tinha que ter mais atenção. Toda a atenção que eu nunca tive na infância! Toda a atenção que era, que era...digamos, que me descobriu! Prontos! Fez com que eu abrisse os olhos pro mundo! Não é? Porque foi uma fase. Se bem que não houve qualquer tipo de... de... de raivas, nem de rancores, como eu disse. Nem de "Porquê que isto acontece?" Sim, toda a gente o pergunta. "Porquê no dia do meu nono aniversário?". Toda a gente fazia essa pre, ess..., queria, interrogava-se a si própria, não é? Mas eu nunca achei isso, também, como um aspecto, não digo positivo mas ...de...de uma nova etapa, de um novo, de um novo caminho. Portanto, segui isso de uma forma... natural. Encarei o meu dia-a-dia... podia-me revoltar: "mas porquê que eu não me lembro de, de episódio nenhum com o meu pai?". E foram inúmeras as festas, foram inúmeras as viagens, foram inúmeras as fotografias. Porquê que eu vejo as fotografias e eu não me lembro daquele momento? Porquê que eu me recordo das viagens e não me recordo da figura do meu pai (agastado), do som, do cheiro, da, da, sei lá, do toque dele? E era uma pessoa que me tocava constantemente, porque, porque era uma pessoa que gostava, e acredito que goste, né? Esteja lá ele onde estiver, dos filhos, da família.

E não te lembras ainda hoje?

Não me lembro, ainda hoje. Não me lembro, ainda hoje.

Então, e depois?

Depois, sei lá. O Bombarral, a escola, o Preparatório, o entrar na adolescência (risos). Foi tudo diferente, tudo novo, tudo... tudo... normal! Um currículo normal (risos). Sei lá... desenvolvi, comecei a desenvolver, se calhar, a partir dessa altura, se calhar, uma forma de refúgio, que eu hoje considero que, se calhar, tinha sido e que eu desenvolvi, se calhar, a aptidão para desenhar e... para estar mais tranquilo, mais calmo, mais... que já vem da infância essa... essa... essa tendência da tranquilidade, do, do ser despreocupado com tudo e mais alguma coisa (risos), contudo responsável. Mas comecei a desenhar, comecei-me a entusiasmar pelas obras, pela construção civil, pelo, pelo construir coisas novas, pelo seguir em frente e foi uma busca. Todas as obras que havia nas casas ao lado da minha e não sei quê, eu tava lá, a ver, eu falava com os construtores, com os carpinteiros, porque era uma coisa que, também hoje é que eu descubro e me vêm dizendo, também, já é de herança, de certa maneira, se bem que eu nunca liguei a isso, nunca olho a isso, porque, também o meu pai, também as pessoas da minha família eram pessoas ligadas à construção, ou à remodelação de espaços, de, de criar ambientes. Tudo isso. Davam bastante importância a isso e... Se bem que eu, eu comecei a desenvolver esta característica de uma forma muito natural, sem qualquer tipo de...de..."Olha, vou ter que fazer aquilo, porque ele fazia" ou porque alguém da minha família fazia. Não! Eu faço um trabalho completamente diferente daquele... que eles (pausa breve) presumivelmente fariam!

Mas tu desenvolves isso quando o teu pai morre ou já, já tinhas... (interrompe)

Já tinha, já tinha... e, ainda hoje, tenho rascunhos. Os meus desenhos do infantário eram apenas casas (riso) com uma grande chaminé, com um grande fumeiro, ah pronto, uma porta ao centro e duas janelinhas características dos desenhos, mas... e escrevia, pedia para escrever "a minha casa" ou "a casa do meu cão" ou... sei lá foi sempre, foi algo que... prontos! Nunca me preocupei, lá está. Foi uma...foi uma fase tão... a infância e a adolescência também, se bem que, a adolescência, como eu lhe digo, foi algo mais, mais, mais cauteloso, com mais atenção aquilo que se passava à minha volta, porque já não tinha, entre aspas, sabia que já não tinha alguém que me pudesse proteger. Se bem que posso contar, podia contar a cem por cento com a minha mãe, mas... apercebi-me que, realmente, a falta de uma presença masculina numa casa é bastante importante porque... e também sentia, prontos, quando

alguém dizia: “Vou com o meu pai não sei aonde... Vou com o meu pai...”, é óbvio que eu sentia um friozinho na barriga e também queria, não é? Mas, também, isso dava-me forças para seguir em frente e dizer: “eu consigo arranjar outras coisas, consigo fazer outras coisas que me vão deixar de ter a necessidade de ter o meu pai”, portanto. “Eu vou crescer sem... com necessidade dele, mas sem sentir necessidade dele”, que é um bocado complicado de se explicar a quem nunca passou pela experiência, mas eu acho que toda a gente funciona assim. Toda a gente sente saudade e ... sente...sente... é a saudade, não é? É a palavra portuguesa melhor pra definir, não é? Toda a gente sente saudade, mas toda a gente cria pra si própria a ideia de que não, não...”eu vou crescer sozinho, eu vou conseguir”.

Tu tens a noção que isso em ti surgiu, assim, cedo?

Surgiu desde esse momento em que eu olhei pra mim e, e... disse: “eu não me lembro de nada do que se passou pra trás”.

Isso foi quando?

Isso foi a partir dos, dos... a partir de que eu entrei no Preparatório. A partir do momento em que se tem que fazer uma redacção. Se tem que fazer uma composição, que se começa a dialogar com os colegas de uma forma verbal mais...mais verdadeira, a relatar o dia-a-dia. Comecei a notar que não tinha bases. Não tinha, não tinha, não tinha consciência... Tinha consciência que aquela pessoa pertencia à minha família, mas ao mesmo aspecto, ao mesmo tempo tinha consciência que essa pessoa não estava na minha família, portanto, não é um fantasma, mas é... uma presença que não está presente! Sentimos falta dela, mas, ao mesmo tempo, também não sentimos, porque lá está, como eu estava a dizer, ao mesmo tempo criamos a tal força para vivermos sem ela, vivermos sem...termos necessidade de viver com ela, ou de estar com ela.

E tu contavas aos teus colegas o que tinha acontecido?

Sem qualquer tipo de problema.

E os professores também sabiam?

Sim, porque nunca tive problemas em falar do meu pai, aliás, sempre tive muito orgulho em falar do meu pai. E sempre tive e... aliás, era... ainda hoje, das coisas que me dá mais prazer é chegar ao pé de alguém e essa pessoa, por exemplo, perguntar de quem é que eu sou filho? Nas aldeias, os emigrantes e não sei quê, mesmo pessoas que estão fora da aldeia bastante tempo e eu dizer: “olhe, sou filho do, do José do Sérgio, que era o... o José era o meu pai e o Sérgio era o pai dele, portanto era o filho do Sérgio”, já vem a herança, não é? Os nomes que se acumulavam de família. E as pessoas olharem pra mim, e com uma saudade imensa, e dizerem: o teu pai era fantástico e era uma pessoa assim, assim e eu, agora, vou recolhendo, a pouco e pouco, informações. Coisas que a minha mãe nunca teve a necessidade de nos contar, de nos contar, a nós, também para que... pra... de certa maneira para não nos magoar e também porque, certamente, será um pouco difícil pra ela lidar com essa situação também. Porque ela também está presente nessa saudade, e nessa mágoa porque nós, porque foi o homem com quem ela casou e foi um namoro atribulado. E lutou contra tudo e contra todos. As famílias odiavam-se. Parece uma história de filme, mas é verdade, as famílias adiam-se e, e a minha mãe mesmo assim casou-se com ele e... teve três filhos com ele e viveu feliz até, até, até um domingo (pausa) que ele entra numa ambulância pelo próprio pé e entra no hospital pelo próprio pé e já não saiu à quarta-feira (tristeza). Portanto, durou três dias. Foi uma coisa, foi um choque! Calculo que pra ela foi um choque muito maior e muito mais doloroso do que pra nós, os três, juntos. Porque foi...ela construiu um namoro de oito anos, na impossibilidade de estar perto da pessoa que amava e que gostava, não é? E perdeu essa pessoa. Ao fim de oito anos, e ao fim de quase trinta anos de casamento e de vida em comum, não é? Projectos e tantos projectos que ficaram-se por realizar, porque o meu pai era uma pessoa de projectos. Tanta coisa que... ao fim de catorze anos nós estamos a realizar agora... coisas que ele já... se fosse vivo, já tinha feito há

anos, mas que só agora é que nós estamos a conseguir ter força e outros meios, financeiros, tudo mais, não é? Pra fazer isso, que era aquilo que ele gostava. E ele deixou-nos, a nós, essas bases, que nós, ainda hoje, veneramos e que ainda hoje apostamos nelas, porque sabemos que são certas, são correctas, são o melhor pra nós.

E a tua mãe nunca mais refez a vida?

Nunca mais sentiu necessidade de refazer a vida com ninguém. Se bem que ela tinha todo o total apoio de nós, lá em casa. Meu e dos meus irmãos também, mas ela nunca teve necessidade de refazer a vida. Não teve necessidade de refazer a vida mas tem uma dependência completamente ofusc...completamente pelos filhos (riso de condescendência). É uma coisa louca. Ela preocupa-se demasiado, como nós costumamos dizer.

Tu és o mais novo?

Sim, eu sou o mais novo (muitos risos) portanto, sou o que sofro mais nesse aspecto.

Olha, e depois? Entraste no ciclo, fizeste o Ciclo...

Fiz o Ciclo normalmente. Passei todos os anos com notas razoáveis, ou excelentes. Um percurso escolar com muitas amizades, com, com muitos e muitos amigos, que é com grande alegria e muita saudade, também que, por vezes, cumprimento porque... é chato, mas a vida toma, toma caminhos diferentes e nós, por vezes, temos um amigo que nos é tão querido e tão, e tão chegado e chegas ao fim, chega-se ao final de um período e parece que já não faz nada sentido, não faz sentido estarmos ao pé daquela pessoa. Porquê? Porque seguimos estradas diferentes. Eu fui pra um lado e ele foi pra outro e depois estando em estradas diferentes, mesmo que haja um cruzamento ou mesmo que haja uma rotunda, a ligação já não é a mesma. Há uma quebra. Há uma quebra, se calhar, também porquê? Porque era o Preparatório e também a construção das amizades é diferente. Não se dá tanto valor, no entanto, senti muita afinidade com todos os meus amigos e senti que eram mesmo, mesmo meus amigos.

Os de turma?

Os de turma, de fora de turma, todo o clã escolar, porque frequentei muito poucas escolas. Frequentei o Infantário, a escola primária e entrei num Preparatório que fiz desde o quinto ao nono ano, portanto... eu conhecia os contínuos, sei lá... não digo como à minha família, mas sabia o qu'ê que se passava na escola, o qu'ê que, qual era a decoração da sala tal de cor, qual era o problema que a casa de banho tal tinha.

Mas sabias, porquê?

Porque estava na escola há imenso tempo! Há...

E interessavas-te?

Não! Porque, porque era a minha vida, era, era a minha escola, era o meu dia-a-dia, era a minha segunda casa e é a minha segunda casa, de certa forma. Ainda hoje passo em frente à escola... Falo no liceu. Ainda não cheguei lá, mas...A escola Preparatória era a minha casa, era um monumento enorme (riso).

Foi importante pra ti?

Foi, foi importante, porque foram... foram etapas que se foram... foram, foram professores que se foram conhecendo, foram histórias, foram visitas de estudo, foram, foram dificuldades, foram negativas, foram positivas em testes, em, em avaliações, sei lá. Coisas boas, coisas más, acontecimentos nacionais que se viveram dentro daquele espaço... que ao fim e ao cabo não é de ninguém, porque à noite fica vazio e nas férias fica vazio. É uma casa de ninguém mas é uma casa de toda a gente... das escolas...os átrios públicos... é o mal dos estabelecimentos públicos, não é? Porque é uma coisa que...que, lá está, não é de ninguém e que, cria as pessoas, desenvolve as pessoas, ajuda as pessoas e nós depois abandonamo-las amhhh... sem qualquer tipo de saudade, por vezes, não é? Nem ligamos nada. "Olha, aquela foi a minha escola". Mas nem há saudades. Nem há. Eu sinto, de certa maneira saudades, sempre senti

225 saudades. Aliás, no meu nono ano, assim como também aconteceu no meu décimo segundo ano foi
226 horrível, porque eu não queria pensar que a escola ia acabar, não é? Quer dizer, era uma coisa
227 impensável, mas prontos, aconteceu e...e as coisas assim vão acontecendo, não é?

228 **Depois acabaste o nono...**

229 Acabei o nono ano, houve uma mudança completa... completa para as Caldas. Passei do Bombarral para
230 as Caldas. A nível de transportes escolares, que na altura eram horríveis, sei lá... cheguei às Caldas e
231 perguntei pra mim mesmo: e agora aonde é que é o Liceu?

232 **Mas tu levavas horas nesses transportes? Como é que era?**

233 Eu acordava às seis e meia da manhã para estar na escola às oito e meia. E atravessava as Caldas
234 todas, porque vinha desde a Rodoviária até lá abaixo ao liceu, portanto ainda é um tiração.

235 **Ainda quanto tempo?**

236 Sei lá, um quarto de hora.

237 **A pé?**

238 A pé. Já não digo apressadamente, n'é? Muitas molhas de Inverno. Muitas! (risos) Muito... sei lá... sair da
239 escola às seis e trinta e cinco e ter que apanhar, e ter que apanhar o autocarro na Rodoviária às, às, às
240 seis e quarenta (risos) atravessarmos uma cidade, atravessarmos passadeiras, atravessarmos, foi isso,
241 foi isso que... que prontos! Foi isso que a partir... foi esse, foi o primeiro stress que eu senti porque até ao
242 Preparatório, o Preparatório... A sério...No Preparatório havia o transporte escolar que nos ia buscar, ia-
243 nos pôr, não sei quê, távamos... agora, quando nós olhávamos pro relógio, realmente, ter a necessidade
244 de ter um relógio e de pedir um telemóvel que era algo impensável na minha infância. Aliás, todas as
245 minhas férias de Verão... era a primeira coisa que eu fazia quando chegava a casa era arrumar os livros
246 do ano que tinha passado e era arrumar o meu, o meu relógio de pulso no, no, na, na mesa de cabeceira.
247 E andava todo o Verão sem o relógio. E às vezes chegava a Setembro e... ainda o relógio tinha que ir pra
248 ourivesaria porque já nem pilha tinha (muitos risos)

249 **Então e depois? Foste para a Raul...**

250 Fui pra Raul... Foi uma diferença enorme. Uma turma de 30 alunos. Eu tinha saído...

251 **Espera aí, foste pro décimo...**

252 Pró décimo ano.

253 **E a área que tu escolheste?**

254 Tecnológico de Design. Inicialmente não sabia pra onde é que ia. Escolhi a área, não saberia se iria pra...
255 pra Rafael Bordalo Pinheiro se pra Raul Proença. Ao meio do Verão recebi um telefonema da Raul
256 Proença a dizer que sim. Sim, senhor, podes vir frequentar. Fiquei contente, porque sempre ouvia dizer
257 que era uma escola com prestígio, que toda a gente adorava lá andar, que era uma escola pra vida, que
258 toda a gente ficava com saudades quando saía ah... porque tive familiares meus que também andaram
259 no liceu e que diziam isso e quando eu disse que..." Olha, vou frequentar o liceu". Ficaram orgulhosos e
260 ficaram... de certa maneira é um estatuto, ainda hoje, na cidade das Caldas, os alunos andarem no liceu.
261 Mais do que na Bordalo Pinheiro porque na Bordalo Pinheiro notava-se, ou nota-se mais, não sei, talvez,
262 pelo que se fala, os problemas da sociedade, sei lá... drogas... Pobreza... não tanto a excluir esses
263 aspectos, não é? Porque são aspectos do nosso dia a dia, da nossa sociedade.

264 **Mas na Raul as pessoas que lá andavam eram normalíssimas!**

265 Normalíssimas... se bem que o comportamento, digamos que... a educação, não sei, não tem a ver com
266 educação. O conceito de escola é diferente.

267 **Mas porquê que tu achas que há essa diferença assim tão grande entre os alunos da Raul e os**
268 **alunos da... (o jovem interrompe)**

Não sei explicar porque, como digo, nunca frequentei a Bordalo Pinheiro. Talvez se tivesse lá um período, dois períodos, um ano, talvez sssoubesse apontar uma diferença, talvez aquilo que eu esteja a dizer seja errado. Talvez seja uma ideia só minha. Se bem que é uma ideia partilhada por muitas pessoas... há um feedback, as pessoas relatam isso mesmo quer dizer... os próprios professores também, se calhar, preferem dar aulas no Liceu do que na, na Bordalo Pinheiro, as classificações finais de avaliação são muito mais positivas na, na, na Raul Proença do que na Bordalo Pinheiro. Isso faz a diferença entre duas escolas. Faz diferença...hoje em dia as pessoas também dão importância...nisso até no próprio local onde vivem. Não vão viver pr'aquele bairro porque... porque existem pessoas piores. Preferem ir viver pra uma zona nobre. Sempre assim o foi também, não é? Se calhar, a diferença é mesmo essa. Se calhar, é mesmo uma negligência da, da própria sociedade ou duma, duma caracterização que se dá aquele local, aquele local, aquela escola.

E no entanto, a Raul está numa zona...

Problemática

Está numa zona...Exactamente! com muitas dificuldades.

Uma zona muito problemática. E uma zona nada nobre, nada central. Se bem que... digamos... lá está... no meio de toda essa envolvimento, no meio de toda essa diferença porque, lá está, não é a zona nobre da cidade, não é a tradição da cidade, os transportes não passam ali, portanto, a vida ali corre, corre circu...por auto-estradas! Somos cercados por estradas, entre aspas, de vias rápidas porque nos dão acesso a pontos, a pontos fundamentais da cidade, não é? No entanto, foi algo ali criado, algo que se criou ali há não sei quantos anos atrás.

E achas que tem a ver com a escola? Com a própria escola? Com o bairro?

Não! Lá está... lá está, é algo que não se sabe. Eu pró... eu não sei explicar. Talvez por tradição...talvez por... se calhar, as pessoas quando entram na Raul Proença entrem com uma mentalidade mais eh.....de... de uma posição superior de, não sei, talvez!

Então, mas ficaste muito contente por ir para lá!

Fiquei, fiquei. Fiquei muito contente. Cheguei às Caldas, recorde-me perfeitamente, um dia às oito e pouco da manhã, em Setembro, pa ir ver a minha turma. Não sabia a minha, eu sabia lá onde é que estava, nem sabia onde era a escola! Eu, eu conhecia, eu, eu das Caldas... porque eu passei cinco ou seis anos no Bombarral, a estudar. A minha vida era o Bombarral. Eu conhecia todos os cantinhos do Bombarral, porque quando havia uma hora livre saia-se da escola. Conhecia tudo. Os meus amigos eram do Bombarral minha família, alguns familiares viviam no Bombarral. Nas Caldas eu conhecia a Praça da Fruta e pouco mais (Risos). Mas é verdade! E Isto parece surreal, mas é verdade. É o que acontece! Nós temos coisas tão bonitas ao nosso lado e, por vezes, vamos lá e perdemos-nos! Ou não as conhecemos e chegamos lá e ficamos boquiabertos, porque a nossa vida não é virada pr'ali, é pr'a um outro local E, então, ... às vezes, podíamos dar uma voltinha maior, mas não! A nossa vida... é condensada naqueles sítios E, então, é naquele sítios que nós nos envolvemos. Bem quando cheguei às Caldas, com minha mãe, não é? Como é óbvio! Fui ver a minha turma, uma turma de 30 alunos. Eu achei aquilo surreal, prontos, quer dizer. Uma turma enorme, se bem que o funcionário disse logo: eu assim: "ai que turma tão grande, 30 alunos!"; "Ah, isso no primeiro período... metade sai logo (muitos risos)". Foi verdade. As turmas de Artes eram os alunos mais velhos, mais... os repetentes as ... as turmas problemáticas todas da escola (risos), as turmas diferentes as turmas de Artes, os alunos de Artes. Encarei também essa situação, que não tinha essa noção, não tinha essa noção que as turmas de Artes, se calhar, o *avant garde* dos próprios alunos, não é? O estarem à frente, todos os símbolos, todos os mitos que se começavam a venerar desde logo só porque se andava a aprender Artes.

Mas entretanto aderiste ao Núcleo...

Lá está, essa... como eu estava a dizer, a busca pelo querer saber mais, mesmo sendo opiniões diferentes e o espanto. O que, muitas vezes, nós nos deparávamos de diferente no núcleo era o espanto sobre diversos temas não é? Porque nós... lá está, o núcleo... não nos obrigava a pensar, não nos obrigava a pensar... de uma maneira...de uma maneira obrigatória. Não nos obrigava a pensar de uma maneira obrigatória, ou sobre aquela ou outra posição... imposta. Não! Nós se quiséssemos debater o assunto debatíamos, se não estávamos... calados e nem sequer falávamos, nem sequer dávamos a nossa opinião. Estávamos pra ouvir e no entanto, nós não éramos apontados porque estávamos ali calados e nem sequer falávamos nada. Não é? Lá está, o próprio, o próprio, o próprio estar é importante também, mesmo sem nós darmos a nossa opinião. Isso hoje em dia, numa sociedade, também é muito importante e no nosso dia a dia também é importante. O nós olharmos pra uma pessoa que não fala ou que não, ou que não se confessa sobre certo ou determinado assunto, não é? Nós não vamos, nós por norma, ou as pessoas por norma têm tendência a dizer aquele é mais desconfiado, ou é mais orgulhoso, ou... ou tende a filtrar as pessoas porque tem a mania, ou não sei quê. Não! A pessoa... se não quer se pronunciar não se pronuncia. O núcleo também... isso faz par... isso fazia parte também do núcleo. Muitas das pessoas quando não tinham argumentos... lá está! Se calhar, até estavam a reflectir, se calhar, até estavam a apresentar os seus próprios argumentos, mas também tinham a liberdade de pensar pra eles, ou pra nós, não é?

E que tipo de conhecimento é que tu achas que se ia ali buscar, ao núcleo?

Ia-se ali buscar o conhecimento do, do ouvir, tomar atenção, captar, não é? Ouvirmos essencialmente aquilo que se falava e debatermos. E, depois, saíamos de lá, íamos, por exemplo, no percurso escola-rodoviária ou, ou entrarmos dentro do autocarro e todo o mundo estar estafado e morto às sete da noite, a cair pó lado. De rastos, à nossa volta, e nós irmos pra casa e, e pormo-nos a pensar sobre aquele ou o outro assunto. O que é que levou aquela pessoa a fazer isto ou aquilo? Porquê? E, então, (pausa) quando nós nos deparamos, se calhar, três dias, quatro, um mês, dois meses, um ano, eu posso dizer isso porque já passou um ano, não é? Ou mais! ... Se calhar, só ao fim desse tempo todo é que nós vamos agora encontrar respostas. Por isso é que o núcleo está a ser muito importante pra nossa vida futura. Porque, se calhar, só agora é que nós estamos a entender, realmente, a posição de que... que o Ruben ou... a Carolina, ou... ou alguém tinha sobre aquele assunto, porque, se calhar, na altura sabia mais sobre aquele assunto do que nós, ou estava mais... interessado do que nós e, no entanto, nós agora estamos a captar sinais, no nosso dia-a-dia, coisas que, se calhar, até... não nos dizem...não têm aviso prévio, não é? "Olha, lembras-te daquele assunto que tiveste há não sei quantos anos atrás, no núcleo? Agora tas-te a deparar com ele", ou a sociedade, agora, está-se a deparar com isso e, agora, nós estamos aaa, e...nós, pontualmente, estamos a interagir com o núcleo!

E qual é a utilidade disso? Agora, passado um tempo, estares a pensar...

A utilidade disso é... é ótimo para nós, é ótimo para o ser humano saber que tem um conhecimento de alguma coisa e sentir-se bem com ele próprio. Nós quando temos dúvidas, por mais que não... nos queiramos preocupar em esclarecer essas dúvidas ficamos sempre com a nossa... com o nosso subconsciente ah... não tranquilo. Não é? E, quando nós encontramos a resposta para algo que já tínhamos falado há um tempo atrás, se calhar, nem tínhamos dado muita importância, mas que ficou lá, não é? Ficamos mais, eu fico mais calmo. Fico mais calmo, porquê? Porque, não é não é abandonar a conversa, nem é, nem é desprezar a conversa na altura, porque, porque não achei bases nenhuma nem achei, nem achei, nem achei conteúdo nenhum para justificar aquela, ou a outra conversa. Mas agora vou achando. Se calhar, na altura, até nem achei. O assunto falou-se, a campanha tocou, nós saímos e a conversa ficou a meio e , se calhar, até fomos pra casa e surgiu uma outra coisa e...e... e aquele assunto esqueceu-se e ao fim de um ano ou dois e acre dito que pró, pró resto de, de todo o meu ser e de toda a

minha vivência, todos os assuntos, directos ou indirectos, não quer dizer que vá, que vá falar de toxicodependência, porque de toxicodependência fala-se todos os dias...não é? ou de prostituição, ou de homossexualidade ou... seja lá daquilo que for, de tantos, de ambiente, de política, de religião...

Mas, oh Micael...

Isso fala-se todos os dias, só qu' há respostas que nós precisamos de encontrar, ou de captar, que só conseguimos, ou que só agora, achamos resposta e conseguimos, digamos que... que memorizar de uma forma mais consciente..... aquilo que se falou há um tempo atrás. Se calhar, até se falou no assunto, mas não se achou uma, realmente uma resposta E, então, fica-nos, fica-nos sempre aquela dúvida. Essa é a importância do núcleo pró... nosso, pró nosso, prá nossa, pró nosso desenvolvimento, pró nosso dia-a-dia, prós nossos anos, prá nossa passagem pla Terra.

Tu achas que estes espaços ajudam a dar sentido ao trabalho escolar?

Sim. Sim e porquê? Porque é assim, hoje em dia a sociedade lá está, a sociedade vive num turbilhão. Toda a gente sabe algo, ou é especializado n' alguma coisa, sendo formado academicamente ou não, não é? E o qu' é que acontece? Acontece que...Nós... estamos perante pessoas, como eu estive, com o cabelo verde, um vestido preto e botas de biqueira d'aço, não é? e achamos completamente diferentes, mas , se calhar, têm tantas respostas pr'aquilo que nós queremos saber e que nem sequer temos consciência de que queremos saber aquilo. E, no entanto, há aquela pessoa e o núcleo, o núcleo numa escola é fundamental ou pode-se tornar fundamental caso seja adoptado por mais escolas, ou por mais, ou por mais grupos, sejam, sejam de cidadania sejam de uma outra coisa qualquer. Um núcleo, uma coesão de, de pensamentos de, de... sei lá... de (pausa). É isso, é pensamentos e... está-me a faltar as palavras de... o que eu quero dizer é que nós passamos por milhares de pessoas todos os dias que podiam nos ser... óptimas à nossa vida e que podem, podiam ser ou não, mas porquê? Porque lá está, essas pessoas podiam dizer o sim, o tal sim e o tal não, não é? Nós podemos ir ter com uma pessoa e dizer: "Olha, queres ir pró núcleo de cidadania?" e essa pessoa diz "Não" redondamente, porque não está, minimamente, interessada em ir pra um grupo de cidadania. Mas, se calhar, se essa pessoa... reflectir um bocado, assim como nós reflectimos e pensar, ou quando está a pensar, ou a tentar decodificar algum problema, tivesse a capacidade de se inserir num núcleo, ou num grupo... de pessoas que pudessem eventualmente dar respostas ah, aa, a essas tais ...questões, qu'essa pessoa tinha, ou tem, ou até...as questões, dúvidas, prontos! Ou, assim como nós... uma conversa puramente banal de café! Não é? Pode ser uma conversa de café ou...

Mas tu consideras que as conversas do núcleo eram conversas de café?

Não! São conversas do núcleo, pode ser conversas... conversa... não são convers, não é tar a banalizar as conversas de café! Uma conversa de café pode ter mais uma importância do que, do que um discurso parlamentar. Eu estou apenas a dar um título a uma conversa, a uma introdução, um índice, um...

Mas, havia muita gente que não aderiu a coisas deste género...

Lá está, porque nem todas as pessoas tiveram um colega e um amigo, como eu, que me disseram assim: "Vens! Se gostares ficas, se não gostares não és obrigado!"

Mas houve colegas teus que receberam esse tipo de incentivo e não aceitaram, não é?

Lá está! E porquê? Porque, se calhar, acordaram num dia que se lhes dissessem assim: "És capaz de me dizer sim e não? Eles diziam assim: "Não, não sou! Só digo não!" Porque, se calhar, se acordassem...eu, não digo mais bem dispostos (risos), não é? Não é essa a questão. Não é essa a questão, ao fim e ao cabo digo se, se acordassem mais abertos pró mundo, mais ponderados, mais... não é também tar a dizer que só pessoas ponderadas e abertas pró mundo é que podem pertencer ao núcleo ou que vão pertencer ao núcleo.

Tu achavas-te, achaste-te ou achas-te especial (Interrompida) ...

404 Não!

405 **...por teres participado neste grupo?**

406 Acho-me uma pessoa essencialmente normal, perfeitamente normal, contudo privilegiado de ter
407 participado no núcleo. Privilegiado. Considero-me uma pessoa na minha época, na época em que
408 atravessamos, com toda, com toda, com todas as problemáticas de adolescências e... e vivências de
409 jovens. Hoje, em dia, considero-me... que sou privilegiado e que sou, que sou, que sou diferente! Que
410 sou diferente das outras pessoas, porquê? Porque tive algo diferente na minha vida! Posso contar isso a
411 uma outra pessoa. Posso dizer, eu participei nisto ou naquilo, isso faz de mim uma pessoa diferente. Faz
412 de mim uma pessoa com currículo.

413 **Tu nunca tinhas participado noutras actividades extracurriculares?**

414 Participei em actividades...

415 **Ou núcleos, ou outros grupos?**

416 Não, núcleos não. Lá está, eu por exemplo, no meu Preparatório o núcleo, a minha própria turma
417 funcionava como um núcleo também, de certa maneira. Porquê? Porque foi uma turma desde o, desde o
418 sétimo até ao nono ano. Assim como também aconteceu neste grupo, num determinado grupo de...de
419 colegas de núcleo que também... Isso aconteceu. Houve um núcleo dentro dum núcleo. Houve grupos
420 dentro de um próprio grupo, não é? As pessoas começam-se a conhecer, lá está! Começam-se a...a
421 saber que ele gosta mais de...de vestir uma camisola branca, do que de vestir uma camisola vermelha!
422 Portanto, **(trata a entrevistadora por tu)** sabes, à partida, que não vais tar a dizer, porquê que tu vestes
423 uma camisola branca todos os dias? Podias vestir vermelha!

424 **Oh Micael, e a questão da confiança neste grupo?**

425 A questão da confiança... é assim... quanto a mim...quanto a mim a confiança... não é di... eu quando fui
426 pela primeira vez àquela sala, eu não senti confiança em ninguém, mas também não senti descrença
427 (pausa). Não é? Não senti que, havia ali um grupo de pessoas que me iria fazer mal mas também não
428 senti que havia ali um grupo de pessoas que iam proporcionar uma, uma sensação fantástica pró resto da
429 minha vida. Senti, lá está, como é característica do núcleo, e isso tá, tá, tá inserido... inseriu-se em mim
430 logo nesse aspecto... que é algo neutro... que é algo positivo e negativo.

431 **Mas...**

432 Sim e não.

433 **...tinhas que confiar, ou não. Não confiavas naquelas pessoas?**

434 Não é questão de confiar. É claro que o confiar vem depois. O apostar na pessoa vem depois. Primeiro há
435 que haver um reconhecimento da pessoa, não é?

436 **Mas isso aconteceu?**

437 Claro que acontece! Em todos os grupos isso acontece. Em todos os núcleos isso acontece. Porquê? O
438 simples facto de nós estarmos a falar, e agora nesta conversa está a acontecer o mesmo, eu tou a falar e,
439 eventualmente, está a tirar conclusões daquilo que eu tou, que eu tou a falar e era o que acontecia.
440 Portanto, isso é um conhecimento. Isso é uma avaliação das outras pessoas. Não é? Eu não ia dizer:
441 Olhem, eu vou dizer isto só porque aquela pessoa vai pensar que eu sou o maior, mas depois eu tinha
442 uma outra pessoa ao lado que já achava o contrário. Portanto, não valia a pena!

443 **E qual é o papel dos outros na construção daquilo que tu és?**

444 Na construção daquilo qu'eu sou é... é...

445 **Tem alguma importância?**

446 Tem importância no aspecto...que é importante, também, nós sabermos, realmente, aquilo de que
447 gostamos e o que queremos. Não levantarmos dúvidas sobre tudo aquilo que fazemos ou que, ou que
448 vamos...desenvolver pra nossa vida, não é? O facto de sabermos que vivemos numa sociedade que tem

449 regras e que dentro dessas regras, por mais que nós não concordemos com elas podemos conviver, com
450 elas, ou podemos viver com elas de uma maneira diferente, de uma maneira... mais... não é nem mais
451 aberta nem mais fechada... de uma maneira... é... diferente! Podemos... nós, nós... assumimos essas
452 diferenças. Nós assumimos essas regras. Porquê? Porque... não mesmo não fazendo parte delas, ou
453 mesmo não nos identificando com elas, sabemos que elas pertencem a um... a um turbilhão de gente que
454 não somos nós. Portanto, se não tem significado pra nós, tem significado pra outras pessoas e essas
455 pessoas, certamente, têm uma resposta pra isso. Lá está! Nós ainda não encontramos essa resposta,
456 para valorizarmos isso, não é? , se calhar, só... é a tal coisa, se calhar, só daqui a um ano ou dois, é que
457 depois de reflectirmos, agora, sobre isso, é que vamos achar resposta pr'aquilo que, que... alguma
458 coisa... qu'até pode ser no nosso dia a dia. Podemos até passar por uma pessoa e...e vê-la... e... e
459 achar resposta pra uma questão que tínhamos há dois ou três anos atrás. Isso influencia, influencia-me a
460 mim...na, na sociedade na maneira com que eu convivo com as pessoas. Eu sei aquilo que quero e sei
461 aquilo que gosto e sei aquilo que...que preciso pra viver. No entanto, também sei, sei que tenho que
462 respeitar aquilo que as outras pessoas pensam, mas não vou excluir de fazer, ou de dizer aquilo que eu
463 quero, ou aquilo que eu penso, só porque um grupo, ou outro, pensa de uma outra maneira porque aí não
464 iria estar a ser eu, então seria, seria... uma alma perdida é uma palavra muito forte, mas digamos que era
465 algo de perdido no meio de tanta coisa. Porque se há tantas pessoas, há tantas, há tanta modalidade de,
466 tanta diversidade de... de opiniões, de raças de...de vestuário, ... sei lá...de culturas, não é? Eu acho que
467 não tem lógica as pessoas, hoje em dia, tarem-se a massacrar em dizer... estarem a apontar o dedo a
468 isto ou àquilo, de uma forma irreflectida, porque... tudo tem sentido tudo tem o se... se as coisas existem
469 é porque elas têm razão pra existirem. Se as dúvidas surgiram foi porque ela pensou sobre isso, ou
470 porque ou porque houve algo que atravessou a vida dessa pessoa, ou que surgiu, podia até ter sido na
471 rua das montras, não é? Mas que surgiu! Portanto, tem valor.

472 **Ok, ok. Olha, mais uma pergunta: Alguma vez tiveste desejo, tiveste vontade, de ir estudar para**
473 **fora de Portugal?**

474 Tive.

475 **E porquê que não foste?**

476 Primeiro, economicamente não era viável (riso), porque... eu não tenho pais ricos (muitos risos) e
477 segundo, porquê? Assim como, lá está, mais um orgulho, entre aspas, porque cresci a ouvir as histórias
478 da minha mãe dizer ai há não sei quantos anos atrás podia ter ido viver pa Londres, há não sei quantos
479 anos atrás podia ter ido viver pa Paris, há não sei quantos anos atrás...

480 **Mas porquê esse fascínio?**

481 O fascínio, porquê? Por tudo o que é diferente. Lá está, nós... nós vivemos numa sociedade...
482 vivemos...vivemos na nossa cidadezinha, no nosso cantinho e... é bom até uma certa altura, mas depois
483 há a descoberta, há o querer, lá está, começamos a subir as escadas...

484 **Mas também há riscos, não é?**

485 Exacto, mas nós não pensamos nos riscos.

486 **Mas não te assusta o confronto com um país diferente, uma cultura diferente?**

487 Não, não. Seduz-me. Seduz e isso, e isso, de certa maneira... se calhar, se me perguntasse há quatro ou
488 cinco anos atrás eu dizia... que estava com uma posição muito mais cómoda e muito mais... pacata e
489 dizia assim: Não! Estou extremamente confortável onde estou! Não vou, não vou estar a passar por isto
490 ou por aquilo, não quero, estou bem, sinto-me bem. O núcleo também me ensinou aaaaaa a gerir essa,
491 essa vertente. A vertente do enfrentar as coisas. Porquê que eu estou a trabalhar numa pastelaria e pedi
492 a demissão ao fim de quase um ano e meio de trabalho? Porque não estou confortável. Mas tenho a
493 consciência que, se calhar, noventa e nove ou , se calhar, 75% de todos os portugueses diziam, Não!

494 Hoje em dia ter um emprego é fundamental para a nossa vida, portanto eu vou aguentar isto, mesmo que
495 não seja pró resto da vida.

496 **Mas tu vês-te a ter a mesma profissão a vida toda?**

497 Não! Nem pensar nisso!

498 **E achas que hoje o ...**

499 Vejo, vejo que ...

500 **mundo está organizado assim?**

501 ... vejo que...não, não está... não está.

502 **A questão das carreiras? Por exemplo, eu sou professora vou ser professora a vida toda.**

503 Não, não. O mundo... lá está, é impensável! Eu acho que é impensável...claro que há carreiras, claro que
504 há... profissões que têm lógica de serem toda a vida.

505 **Por exemplo?**

506 Sei lá...Um padre.

507 **E mesmo assim**

508 Pois, há muitas questões.

509 **Mas também se muda.**

510 Mas a mudança pode acontecer em qualquer situação, não é?

511 **Mas isto hoje (interrupção) ...**

512 Só que é assim, nós hoje em dia tomamos, quando tomamos uma decisão... há as decisões que são
513 decisões prá vida, não é? E há decisões que nós tomamos que é pa nosso conforto pessoal, conforto
514 emocional, conforto financeiro, não é? E é assim, eu não digo que não haja profissões, como por
515 exemplo, a Medicina. Uma pessoa pode ser médico, mas é médico em Portugal, no Luxemburgo, na
516 Nova Zelândia, seja lá onde for e no entanto, muda, muda de país, mas a profissão é aquela.

517 **Mas lá está...**

518 Pode mudar.

519 **Isso não quer dizer que a pessoa não estude mais, não é?**

520 Exactamente. Pode ir também trabalhar pra uma sapataria, não é?

521 **Pode**

522 É uma mudança.

523 **Há tantos ucranianos médicos que vieram pra cá trabalhar nas obras.**

524 Exactamente, exactamente. Lá está... há uma mudança, mas... nada, nada é, é fixo. Nada está... está
525 dado como concreto. Eu, se calhar, sou um bocadinho suspeito, e notei isso logo quando, após a minha
526 infância, a morte do meu pai! não é? Eu vivi toda, toda aquela infância...triciclo com balões e... e a
527 andar descontraidamente pela terra e quando o meu pai morreu , se calhar, foi aí o primeir, tomei a
528 consciência que tinha que agarrar na chave e fechar o portão e a porta de casa à chave... porque isso é
529 que m'iria proteger. Não era, não era o meu pai. Era a porta trancada. Não é? Portanto, as coisas mudam.

530 As pessoas têm é a capacidade, há pessoas que têm capacidade de mudar e têm, e têm, e têm
531 capacidade, não é capacidade é...têm...umas sentem a necessidade e mudam, assim como eu que sinto
532 necessidade de mudar e de e de ... e conforme vou mudando... vou aprendendo e não me arrependo
533 nada daquilo que faço e daquilo que... vou aprendendo. É óbvio que daqui a 7 ou oito anos , se
534 calhar, até já nem não tou ligado a uma pastelaria e vou tar com alguém numa pastelaria e aquela
535 pessoa vai dizer Ai como é que será qu'isto é feito? E eu vou saber dizer porque já tive aquela
536 experiência, não é?

537 **E a tua vida emocional?**

538 A nossa vida emocional constrói-se através disso. A nossa vida...hoje em dia... é assim, hoje em dia falar
539 de vida emocional é quase que... é, é...não digo um tabu, mas é... é é um pau de dois bicos, porque
540 assim como as profissões também não está, não está, não está ligada, não está fixa, não está, não está
541 amarrada, não está atracada... a lado nenhum. Porquê? Porque não depende só de nós, depende das
542 outras pessoas. E nós temos que saber se vivemos numa sociedade, sabemos que as pessoas têm, têm
543 dúvidas, tem ansiedades, têm... portanto há mudanças. Se nós aceitamos as mudanças, nós vivemos de
544 uma forma mais tranquila e de uma forma mais aberta pró mundo, que foi isso que o núcleo nos
545 transmitiu a nós para o... para o depois, para o a seguir. Senão, talvez não sejamos emocionalmente
546 pessoas tão... tão saradas, não é? Pessoas... se calhar, vamos ter mais dificuldade em, em reagir
547 quando nos aparece certas coisas pela frente porque, porque podemos nos questionar, mas mais uma
548 vez só conseguimos dizer Não, não, não e não dizemos o sim, porque é uma mudança, não é?

549 **Eu perguntei-te se vias aspectos negativos neste tipo de núcleos.**

550 Se calhar, há aspectos negativos, por exemplo, o aspecto de haver um horário, o aspecto de...de por
551 exemplo não termos disponibilidade, quando queremos ou o facto de por vezes ser a tal conversa no café
552 porque não há uma sala, porque a sociedade, lá está, não está preparada para este tipo de grupos e para
553 este tipo de, de situação, porque é uma situação diferente pra sociedade, até pras, pras nossas mães ou
554 prós nossos irmãos.

555 **Uma curiosidade que eu tenho. Tu, tu falavas com a tua mãe....**

556 Falava.

557 **...Ou com os teus irmãos sobre isto? Temas do núcleo e coisas assim?**

558 Só que lá está, a nossa família é um núcleo.

559 **Pois! Isso é. Eu quando digo núcleo é o grupo (interrompida) ...**

560 Exacto

561 **... de cidadania**

562 O núcleo de cidadania.

563 **Pois.**

564 Se eu disser que a minha mãe, ou os meus irmãos, que eram as pessoas com quem eu falava de uma
565 forma mais directa do núcleo, compreendiam o que era o núcleo, não compreendiam, não estavam no
566 núcleo. Mas sabem o que é um núcleo, sabem o que é uma reunião de pessoas que vão debater algo,
567 porque em casa acontece isso mesmo, não é? Portanto...eles nem sequer perguntavam ou tinham muita
568 curiosidade em dizer assim, mas explica-me isso afincadamente, como é que funciona? O que é que se
569 passa? Porque eles sabem.

570 **Para eles era natural.**

571 Para eles era natural. Eles sabem o que é um núcleo, sabem que... é possível ter um núcleo, assim como
572 há um núcleo familiar. Porquê, porquê que a família é tão importante para o equilíbrio de uma pessoa?
573 Porquê que a família é tão importante para as sociedades? Porque é um núcleo! Porque é, dentro
574 daquela sociedade, é dentro daquela família, é dentro daqueles 3 ou quatro ou 5 ou 20 pessoas que
575 compõem uma família na totalidade ou em número de casa, em número reduzido, que depois as pessoas
576 vão tomar decisões sobre aquilo que vão fazer, também tomam decisões sobre aquilo que a família
577 pensa, sobre aquilo que ponderaram com a família, numa conversa, que, se calhar, até foi no Natal de
578 há...do ano não sei quantos e que falaram naquilo e... depois vão-se lembrar... Hi! Naquele Natal
579 falámos sobre isto, aquilo e aqueloutro.

580 **Vamos lá ver se eu percebi bem. Tu estabelece diferença entre a escola e o núcleo.**

581 Sim

582 **A escola ensina umas coisas e o núcleo, outras.**

583 Se bem que a escola também é um núcleo!

584 **Está bem, mas agora estamos a falar do núcleo de cidadania.**

585 Sim, sim.

586 **E outra coisa que me pareceu: a escola não valoriza a vossa a experiência de vida.**

587 Não. A escola treina-nos pra vida.

588 **Treina?**

589 E larga-nos na vida.

590 **Treina, treina prá vida como?**

591 Treina-nos prá vida no... a escola dá-nos hipóteses. Eu quando cheguei ao nono ano vi-me com quatro

592 agrupamentos à minha frente que não sabia o qu'ê que eram aqueles quatro agrupamentos.

593 **Mas consideras isso o treino prá vida?**

594 Considero um treino prá vida como, como... isto justificando de uma forma muito simples.

595 **Eu só estou a fazer perguntas!**

596 Sim! Justificando de uma forma muito simples assim, é um treino pra vida porquê? Porque nós temos que

597 tomar opções na nossa vida... e a escola faz parte da sociedade. Nós temos que seguir as regras de uma

598 sociedade porque vivemos nes... tem que... temos que seguir as regras de uma sociedade entre aspas.

599 Estamos sujeitos, porque vivemos numa sociedade, portanto, estamos sujeitos às regras daquela

600 sociedade. Portanto, naquela idade, naquele... ano de calendário... naquela situação, houve aquelas

601 hipóteses... de escolher. Portanto, nós vamos escolher aquilo que nós achamos que...

602 **Mas tu achas que isso é o treino prá vida?**

603 O treino... sendo agoraaa... mais recto e mais exacto naquilo que eu ia dizer, o treino prá vida porquê?

604 Porque lá está, a escola vai-nos treinar para sermos capacitados a desempenhar um papel naquela ou na

605 outra área. Eu refiro-me ao treino prá vida nesse aspecto.

606 **Mas no entanto, tu acabaste o teu curso em Artes e não estás a trabalhar em Artes! Achas que...**

607 Lá está!

608 **...a escola te deu...**

609 Contudo, eu sinto-me mais capacitado... em falar com uma pessoa qualquer de Arte do que, se calhar,

610 falar de pastelaria e estou a trabalhar numa pastelaria há ano e meio.

611 **Mas... estás preparado para trabalhar em Artes?**

612 Estou. Eu sinto que estou.

613 **A escola deu-te essa...**

614 Certamente, há imensas pessoas que não estão e que depois até optaram por uma via profissional

615 completamente diferente. Assim como eu optei e assim como eu também... tive. Mas isso depois já não é

616 só, já não é uma, já não é só uma insatisfação pessoal. É aquilo que a sociedade também nos oferece.

617 Mas , se calhar, entrei pra uma pastelaria porque foi a opção que eu tive mais perto de mim e mais

618 cómoda porque , se calhar, se aparecesse uma galeria d'Arte a dizer que precisava de um vendedor, eu ,

619 se calhar, também aí ia desempenhar essa função de uma forma tão correcta e tão exacta como estou a

620 desempenhar agora numa pastelaria.

621 **Mas a questão é: qual é o teu projecto de vida?**

622 O meu projecto de vida é construir a minha vida. É como as casas, as casas nós construímos num

623 projecto e quantas e quantas vezes depois do projecto de uma casa estar feito e pensarmos ser

624 ideal...quando passamos pela maquete, passamos por todo o processamento, as licenças e não sei quê

625 e depois construímos a casa, a casa já está com o telhado e nós dizemos, Meu Deus! Isto é horrível.

626 Portanto, o núcleo ensinou-me, a mim, isso Pode haver projectos, mas os projectos têm que ser

627 pensados, têm que ser reflectidos. Não há uma coisa fixa, não há algo que esteja... atacadado! Não é? É

628 óbvio que eu posso dedicar-me a uma área específica, posso-me dedicar e, e, assim como dedico!
629 Dedico-me aos desenhos, não é? Procuo, procuro informar-me com revistas de arquitectura, procuro ver
630 trabalhos de outras pessoas, procuro saber tendências...

631 **Mas, estás a trabalhar na pastelaria?**

632 Estou a trabalhar na pastelaria.

633 **E com esse teu gosto... não é? Com toda essa vontade... (interrupção)**

634 Contudo, contudo a sociedade...

635 **...porquê que não...**

636 Contudo, a sociedade não teve capacidade, ainda, de pôr na minha vida aquela vertente que eu estou a
637 explorar em...atrás.

638 **Mas é a sociedade, ou és tu que põe isso na, na tua vida?**

639 É como eu ia dizer, não digo que eu seja mandrião. Se calhar, se calhar, eu podia se, se calhar, eu podia
640 procurar, ir... procurar ah... de uma forma mais directa e mais perspicaz algo que se condizesse mais
641 com, com isso, não é? Algo que tivesse mais a ver com. Só que, se calhar, todas as escolhas que eu
642 agora fosse fazer sobre isso, sobre esse aspecto e sobre essa, sobre essa pesquisa, se calhar, não me
643 iriam satisfazer e não iriam até estar correctas, não iriam até estar correctos sobre o, sobre aquilo que eu
644 penso, sobre aquele determinado assunto. Porquê? Porque eu ainda tenho de ouvir muito da sociedade,
645 ainda tenho que satisfazer muitas dúvidas, muitas questões para estar realmente preparado... para
646 quando entrar naquele campo e para quando entrar naquele meio realmente saber esclarecer, a todas as
647 outras pessoas que me possam fazer qualquer tipo de pergunta... preciso de saber informar a pessoa,
648 preciso, preciso de dizer, Não, eu tenho capacidade para dizer Não e Sim.

649 **Mas tu tens consciência de que nunca vais ter toda a sabedoria e todo o conhecimento, ou não?**

650 Nunca vou ter toda a sabedoria, lá está. Nunca vou ter toda a sabedoria. Se eu souber dizer Sim e Não, já
651 tenho uma sabedoria suficiente, pelo menos para argumentar e para...

652 **Tu não te sentes ainda capaz de dizer Sim e Não?**

653 Não, porque... não é questão de não me sentir, de não me sentir capaz. É o facto de, de sentir ou...ou de
654 sentir que ainda não houve a oportunidade, que ainda não houve, talvez o apoio de alguém, que também
655 é fundamental, não é? Nós termos alguém que nos diga assim, "Olha! eu conheço um sítio, eu conheço
656 alguém, eu conheço isto, eu conheço aquilo... vai lá!". Se calhar, também ainda não houve essa pessoa.
657 Se calhar, se calhar, eu podia explorar mais essa área e ainda não explorei, ou não quis explorar, quem
658 sabe? Não é? , se calhar, é algo que é tão meu, é algo que é tão particular e que me dá tanto prazer que
659 , se calhar, se eu for, se eu for retirar economia disso, se eu for tirar, se eu for explorar de uma forma, de
660 uma forma profissional não vou estar a ser profissional. Vou estar a, a abandalhar aquilo que pra mim é
661 algo que tem muito valor.

662 **Mas não serias mais feliz na tua vida se estivesses...**

663 Não sei

664 **... na área...**

665 Não sei. Sinceramente não sei. E arrisco-me a dizer que seria, se calhar, tão feliz como sou agora.
666 Portanto... lá está, porque não há escolhas, não há, não há algo que esteja fixo, não há algo que... Nós,
667 hoje em dia, não podemos dizer "Eu vou por aquele caminho porque por aquele caminho eu sei que vou
668 ter aquele sítio".

669 **Não há escolhas?**

670 Há escolhas, mas também há muitas encruzilhadas. Não é? E nós não sabemos qual é a encruzilhada
671 certa.

672 **Mas vais estar à espera de saber?**

673 Não, não vou estar. Não vou estar à espera de saber. Vou estar atento à sociedade e vou estar a...
674 aprender cada vez mais e a captar cada vez mais sinais para quando, quando essa oportunidade, ou para
675 quando, eu estiver preparado a procurar, ou quando for procurar, se calhar, até procurar uma coisa
676 completamente diferente daquela de que eu estou a pensar ou que eu faço ideia do que é agora. E o
677 núcleo, nisso, também... ajuda-me no meu dia-a-dia. Eu podia dizer, "Eu vou trabalhar pró lado de um
678 arquitecto!". Ok, eu sei desenhar plantas de casas. Tudo bem. E quantas, e quantas, e quantas e quantas
679 outras coisas eu não tenho que saber que ainda não sei. E que , se calhar, e realmente eu podia me...
680 entrar num gabinete de arquitectura e trabalhar ao lado de um arquitecto só que depois , se calhar, aí ia
681 fazer imensas coisas que eu detestava e que , se calhar, nem, nem percebia nada e iria tar a desvalorizar
682 tudo aquilo que eu sabia.

683 **Mas, Micael, esse é um risco que todos nós corremos.**

684 Exacto.

685 **Mesmo na minha profissão, não é? Há coisas que eu gosto muito de fazer, há coisas que eu não**
686 **gosto nada de fazer.**

687 Exacto

688 **Não é? E, no entanto, faz parte dela e eu tenho que arriscar e ir prá frente.**

689 Eu sei, só que, lá está, como... é, é a tal, a tal situação, se não tiver preparada para fazer essas coisas de
690 que não gosta, então das duas uma, ou não é capaz de fazer, ou faz de uma forma muito medíocre e
691 muito má.

692 **Mas às vezes não estás preparado no momento. Tens que te ir preparando para enfrentares a**
693 **situação.**

694 Eu não digo que não, lá está. É essa tal preparação.

695 **Vê lá o que te sucedeu na vida, quer dizer, tu não estavas preparado para a morte do teu pai...**

696 Exacto.

697 **... e tiveste que te confrontar com ela e dar a volta à situação, se não o que seria de ti? Em todos**
698 **os percursos isso vai suceder. Às vezes é o medo que nós temos, não é? De enfrentar esses**
699 **momentos, que podem ser mais difíceis...**

700 Pode ser, ou então é como eu tava a dizer, também é o facto de, de eu, pelo menos na minha
701 arquitectura, se calhar, eu iria ao fim destes anos todos em que vivi num, num, não digo num sonho, mas
702 num, num núcleo meu, num prazer meu, porque nós também temos os nossos prazeres pessoais, não é?
703 Independentemente de cada um achar ou debater, é óbvio que nós, por exemplo, se eu debater um
704 prazer pessoal meu com outra pessoa, mesmo do núcleo que seja, eu tenho a capacidade de aceitar
705 aquilo a que essa pessoa diz, mas sei que é um prazer meu e é algo que nós no núcleo nem nunca
706 reparámos nisso, não é? Podemos até nem nunca ter falado nesse aspecto. São prazeres pessoais. São
707 prazeres que são só nossos. Por mais que a sociedade os condene, ou diga que é diferente, ou... já não
708 digo os prazeres tabus, nem nada... mas coisas nossas. São coisas que não são debatidas com mais
709 ninguém. Por mais que nós podemos ouvir falar disto ou daquilo ou daqueloutro e não sei quê e nós no
710 nosso subconsciente: "Oh! Eventualmente, identifico-me com isto, identifico-me com aquilo". Por vezes,
711 pode-se ver isto, ou pode-se ver aquilo, mas que nem sequer comentamos com as outras pessoas,
712 porque não tem lógica. Porquê? Porque é nosso. Não é?

713 **E a tua mãe? O que é que diz disto tudo?**

714 A minha mãe diz que eu sou um ganda maluco (muitos risos). Não! A minha mãe dá-me imensa força.
715 Por acaso, eu, nesse aspecto tenho muita sorte, porque a minha mãe também é uma pessoa
716 que.....desde que, não é dizer que eu tenha que justificar as coisas perante ela. Eu não tenho que
717 justificar nada. Aliás, eu, eu já cheguei a dizer a colegas meus que não sei como é que nunca me tornei

toxicodependente, nem marginal porque a minha mãe sempre me deu uma liberdade... incrível e... em todos os aspectos mesmo quando vim aqui pra Caldas podia ficar mais, eu não digo que ela não ficasse preocupada, mas mais atenta, estar mais... em cima dos acontecimentos...mas em quatro anos que eu andei no liceu a minha mãe só entrou no liceu duas vezes. E eu não considero isso uma falta de, de preocupação da parte dela, porque não. Ela estava presente. Ela sabia as minhas notas tão bem quanto eu porque a carta ia pra casa e ia no nome dela, não é? Portanto, só ela é que a abria. No entanto, ela não sentia necessidade. Porquê? Porque sentia confiança em mim. Sente confiança em mim. Portanto, e sente que eu estou a crescer. Todas estas etapas que eu estou a atravessar e que eu estou, que eu estou a passar de dias e anos de... sei lá, de épocas, não é? Ela sabe que com isto eu estou a aprender e com isto eu depois vou saber filtrar outras coisas. E foi aquilo que me aconteceu e que desde logo eu tomei consciência e como eu tomei consciência e ela apercebeu-se que eu tinha, realmente, tomado essa consciência, de que tudo aquilo que eu fizesse quem iria sofrer as consequências era eu, porque eu não iria ter um pai ou uma mãe para ir pedir satisfações a alguém, ou ir pagar a multa a alguém ou, ou ir tirar satisfações a alguém. Ela tava-se pouco marimbando pra isso, não é? Portanto, tu tens que assumir as tuas responsabilidades, tu tens que viver sobre o teu ser, o teu, o teu, a tua pessoa! Portanto, tens que escolher o melhor pra ti. E ela acredita que se eu tou a tomar escolha, se eu estou a fazer aquilo que estou a fazer certamente é o melhor pra mim e se o estou a fazer é porque não estava bem, logo, se não estava bem, ela não me vai estar a dar apoio. Certamente, não digo que não terá pena (entoação e baixou a voz) porque é um trabalho tranquilo, não sei quê, lá está, a tal questão da, da, da pessoa se acomodar, não é? Estar, estar, estar inserido numa sociedade em que a pessoa te pergunta "O que é que fazes? Faça isto. Há quanto tempo? Há não sei quantos anos". Estás inserido numa sociedade E, então, vida rola, não é? Mas, no entanto, se ela se apercebe que um dos filhos não está feliz, ela também não se sente feliz. Se calhar, também não tenta, não tenta, ela não tenta, nem o faz. Ela não vai arranjar solução pra uma felicidade. Mas... cada um... eu, tenho que procurar a minha própria felicidade. Tenho que procurar a a minha própria solução. Não vai ser ela a dizer"eu vou falar com o fulano, eu vou falar com beltrano para que realmente possa mudar a tua vida. Não! Ela nunca fez isso. Em, em, de forma alguma, em qualquer tipo de ponto. Nunca fez isso, nem escolar, nem... ela sabe que (pausa). Só aquilo que tu vais escolher é que é bom pra ti. Seja bom ou mau. Eu tenho a sorte também de ter uma mãe assim, não é? Porque há muitas mães que opinam de maneira diferente na educação dos filhos. A minha mãe nunca fez isso. Posso dizer que em nove anos em que vivi com o meu pai nunca levei, nunca levei uma tarefa do meu pai, e da minha mãe não me recordo. E a minha mãe diz que lhe mete confusão aquelas mães que, por exemplo, estão com as crianças, e estão constantemente a dizer"não mexas! Está quieto! e pára quieto! e vai-te sentar! e vai não sei pra onde e olha que isso cai e que isso parte-se! A minha mãe diz que isso é horrível pró desenvolvimento de uma pessoa e pró desenvolvimento, principalmente, de uma criança. É o que ela disse: " Se partiste desta vez, aquilo que se tem a fazer é dizer: lembras-te daquilo que partiste da outra vez? Não o faças novamente". Porque as coisas, lá está, não são eternas, não estão fixas. As coisas mudam-se, porque se eu não partisse quinhentas jarras em casa ainda hoje tinha a mesma decoração e, certamente, a casa tava horrível! (muitos risos).

Então é de propósito. Escolhes...

Não, quer dizer... o meu problema foi... eu sei que foi de propósito, porque a minha mãe fechou-me na sala e a minha mãe quando abriu a porta eu disse "Mãe! parti a jarra". Mas isso, ainda hoje, ela recorda com saudade.

Sentes que pertences a algum lugar?

Tenho vários lugares que me dão referências. É obvio que me sinto melhor nuns que noutros, mas não anseio apenas por este ou aquele lugar, gosto de descobrir os sítios, quero angariar experiências e

763 sentimentos. Um único lugar, por melhor que fosse, condicionava isso, contudo tenho a minha casa como
764 um lugar, mas é diferente.

Entrevista nº 9

Data de realização 2007/ 03/ 30

- Nacionalidade

Portuguesa

- Idade

19 Anos

- Nível de escolaridade

Frequenta o 2º ano de Engenharia Electrotécnica no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

- Onde vive/ Com quem vive

Lisboa: amigo

C:R: com os pais e irmã

- Posição perante a religião (católico, protestante, muçulmano, budista, hindu, ateu, outra posição perante a religião)

Agnóstico

- Pais casados/separados/divorciados / falecido(s)

Casados há 25 anos

- Grau de instrução da mãe/do pai (superior completo ou incompleto;secundário;1º, 2º ou 3º ciclo?)

Mãe – quarta classe

Pai – curso geral de electricidade (12º ano)

- Profissão mãe/pai

Mãe – cabeleireira

Pai – gestor de empresa

1 Eu queria pedir-te que tu fizesses uma descrição do teu percurso de vida até hoje.

2 Até hoje? Desde que nasci até hoje. Até aos meus 19 anos.

3 Pois!

4 Olha, nada melhor do que começar por um, por, desde que nasci. Uma criança. Vamos falar lá de
5 crianças. Eu sempre fui, assim, uma...mesmo como criança, pelo que me contam, ou pelo que a minha
6 mãe me conta ... de criança não tenho muitas recordações. Só tenho recordação de, uma vez, a minha
7 irmã me entalar o dedo (riso) e eu chorar muito. É a única recordação, que ainda por cima é má. Coitadita
8 da rapariga! Mas é má, mas ...

9 Que idade tinhas?

10 Eu tinha... quatro anos, que eu aos cinco entrei pra escola. Mas eu era sempre uma criança muito atenta.
11 E andei na minha tia. Não andei num jardim-de-infância. Só que a minha tia exigia-me ali uma... quase
12 como uma educadora, não era? Eu, antes de entrar pra escola, já sabia escrever o meu nome.

13 Mas a tua tia era o quê? Era explicadora?

14 Não, não era explicadora. Era...É, é...era! Ela cuidou dos sobrinhos todos dela e eu também tinha que
15 passar por lá. Era quase como uma, como uma lei natural ali da família passar por lá, mas era uma
16 criança muito atenta. Mas muito reguila! Mas, mas... aí, foi o primeiro passo, antes de entrar na escola,
17 que eu dei. Era... Era uma criança sempre atenta àquilo que fazia, como hoje sou, mas sempre, ali,
18 atenta àquilo que fazia. Não, não ah...não obedecia muito, não, nunca gostei, mas pronto, mas temos que
19 nos mover com regras, mas se me dessem ordens eu quando me via... ah... pa... eu vou pa onde quero
20 (riso)! Não é agora mandar e eu ir logo. Eu vou pa onde quero. Primeiro tou a tratar disto. Agora... Era
21 sempre assim. Mas fui. Depois, entrei pá escola com cinco anos. Cinco a fazer os seis e, e logo ali...
22 Ainda me lembro do meu primeiro dia. No meu primeiro dia lá vão os meus pais. O meu pai e a minha
23 mãe vão-me pôr à escola. Entrei pelo segundo portão (riso) da... dali da escola do Bairro dos Arneiros.
24 Lembro-me muito bem. Conhecia só um... um colega meu que é o Nuno, o Nuno Cruz. Conheci-o,
25 conheci, conheci-o, logo ali, porque o meu pai foi colega da mãe dele... atão, conhecemo-nos logo ali.
26 Depois a avó dele era lá contínua, que era a dona Celeste... Entrámos logo. Foi na sala 6 (riso). Eu
27 lembro-me era no seg, segundo, ainda não tínhamos visto o professor. Entrámos, fomos todos...era a
28 sala 6. Depois entra o professor o professor Manuel, de barbas, cachimbo de lado. Tava logo ali, pronto.
29 Era o meu primeiro professor! Não é? às vezes, aquelas crianças que vão pó jardim-de-infância têm as
30 educadoras, não é? Eu tinha a minha tia, não é? Que era minha tia era! Não é? (Riso) Tinha o cabelo
31 loiro, mas era a minha tia, não é? Mas foi ali o primeiro professor, o primeiro contacto. Depois era o
32 distanciamento dos pais, não é? Agora tá ali três horas, trê... Eram três horas, acho que era uma manhã!
33 “Agora tou entregue a esta pessoa”. Muitos choros. Fiquei na primeira mesa redonda, em frente à
34 secretária do professor. Muita, muita, muitos choros! Eu achava aquilo uma patetice! Não percebia! Mas
35 lembro-me muito bem. Até o Nuno e tudo... O Nuno agarrou-se à avó! E pronto. Eu não tinha ninguém
36 p'agarrar! Sentei-me. Sentei-me! Não é? Despedi-me dos meus pais naturalmente, a minha mãe e tudo.
37 “Ah, agora porta-te bem, não sei quê”, depois... ainda me lembro do que é que levei pó lanche (riso)!
38 Levei uma sandes, um papo-seco com manteiga e, depois, o leite. Eles davam lá, na escola, aqueles
39 pacotinhos de leite. Levei o pão embrulhado num guardanapo. Lembro-me muito bem. E a
40 primeira...Começou a aula, o professor apresentou-se, a primeir, o primei, levava o livro... que a primeira
41 coisa que eu fiz foi ligar um gato a um novelo de lã, pondo assim fiozinhos de lã, de... fazer o
42 circuitozinho assim com cola. Foi o primeiro trabalho que nós fizemos. O livro era... Estudo do Meio. Era,
43 assim, um livro pecaninho, mas pronto... mas foi ali...depois, depois comecei a interagir, não é? com os
44 colegas. Depois já, já, à segunda semana já tava tudo melhorzinho, já começávamos a brincar e não sei
45 quê e, e aí desenvolveu muito. Como criança que era, não é? Porque já senti... aí a criança já sente o

46 peso da responsabilidade: "porque tenho que chegar a casa e fazer os trabalhos que me mandam, não
47 é?" e era muito bom. E eu como... eu sempre fui assim muito direitinho, em termos de organização, não
48 é? Então era, tinha a minha estante...que era aquelas secretárias que tinham aquelas coisas por cima,
49 não é? A estante...pôr os livrinhos ali, os cadernos ali (riso), o estojo era posto noutro lado. Mas foi muito
50 bom. Gostei muito, gostei muito de andar ali, na primária. Gostei muito daquilo. Às vezes, umas zangas,
51 outras vezes... depois aquela coisa de brincarem ao Sissy, my baby (fortes gargalhadas) e essa coisa
52 toda...com as raparigas todas. Eu queria era jogar à bola! Mas uma coisa, isto eu já tinha dito à
53 professora, é que... no terceiro ano, quando o professor Manuel nos deixou, mas já desde o primeiro ano,
54 eu gostava muito era de tar ao pé dos funcionários, tar sentado naquelas secretárias e tinham lá uma
55 planta que era feia! Nunca vi uma planta como aquela, mas lembro-me muito bem que tava sempre atento
56 aos funcionários e ao ralhar e não sei quê e, e.... Aquilo que se fazia naquela... eu acho que tive sempre
57 um bocadinho mais à frente... da...do que propriamente aquela... com cinco anos. Com cinco anos joga-
58 se à bola, joga-se ao coito. Eu também jogava, só que, às vezes, não via interesse naquilo. Então, às
59 vezes, ficava... às vezes ficava ao pé, ao pé da contínua, às vezes, ficava...às vezes o professor
60 chegava... eu ia pá sala ou, ou lá pintar ou qualquer coisa, mas... mas isto por acaso foi sempre ... foi
61 uma coisa que o professor Manuel também disse à minha mãe. E depois a minha transmitiu-me a mim,
62 não é? Nem me lembro! Ele dizia sempre: "O Pedro é uma, uma criança que tá sempre...vive a sua
63 juventude, mas tá, tá com grande entusiasmo pa passar ao patamar seguinte, ao patamar seguinte, ao
64 patamar seguinte. E hoje faz sentido. E eu, hoje, que já tenho, que já tenho, que já penso de outra forma,
65 já penso, é engraçado... que eu também às, eu, às vezes, gosto muito mais de estar com parte já...
66 velha, já, a ouvir, já a ouvir aquela sabedoria. Por isso é que eu... a minha grande paixão... por exemplo,
67 eu gosto muito da minha avó... por exemplo, eu gosto muito da minha avó. Eu zelo-a ali como se ela
68 fosse um monumento, não é? Gosto muito da minha avó. É mesmo como as minhas tias dizem: " tu és, tu
69 és aquele neto que é paixão... e eu gosto muito mesmo, porque é... pronto! é querida é ternura é ... é
70 aquela, os avós são mesmo isto. E é engraçado que todos os avós dos meus colegas também gosto
71 muito deles e eles também gostam muito de mim, mas eu também gosto muito deles. É ali uma classe ...
72 é ali uma classe ali de...os velhos mesmo, é uma classe que eu preservo muito. E é mesmo assim, a
73 palavra velho, é mesmo, porque é sinal, eu gosto, gosto muito. Por isso é que, se calhar, também por, por
74 tar ali ao pé do Nuno, a primária, e saber sempre isto mais à frente, mais à frente, mais à fren... Eu vivo,
75 eu vivo a época em que tou, não é? Cada ano, eu vivo como todos os meus colegas, à volta, vivem, mas
76 eu sempre... a andar... sempre ali a pensar: "o que é que os outros pensam?" e, às vezes, é muito bom!
77 Eu gosto muito, gosto muito de saber, às vezes, o que é que os outros pensam. E não me custa nada. Às
78 vezes ...nós estamos agora... o Joyce...não me custa nada tar ali, tar ali horas ou a almoçar ou a jantar,
79 ou qualquer coisa, com um grupo de pessoas que falem sobre a Economia, sobre a Política, sobre o que
80 for, mas eu gosto muito, gosto muito, porque é, é muito importante nós adquirirmos aquela experiência
81 deles, para que eu ao longo do percurso, à medida que eu vou andando pa frente, se calhar, os erros que
82 eles cometeram, se calhar pra eu, pa eu não passar ali, ou se for... se calhar, até não é bom...se calhar,
83 vou encontrar mais erros, não é? Vou encontrar quedas ali, mas até é bom... "olha é engraçado que ele
84 falou disto e, e não é... não faz muito o meu género! Não faz muito... Aquele caminho que ele disse não
85 faz muito, não faz muito proveito ir pr'ali. Se calhar, vou escolher o outro que é melhor." Mas é, é muito...
86 é muito é... é muito gratificante isso tudo. Mesmo nos os velhotes, mas claro que gosto muito, gosto muito
87 dos meus amigos, gosto muito, gosto, gosto, gosto de viver a juventude, não é? Gosto muito de viver a
88 juventude, mas sempre com...gosto sempre de saber também...se andar pa frente o quê que eu vou
89 encontrar lá. É muito importante. Mas, fiz o 2º, 3º e quarto ano...no quarto ano... o quarto ano foi aquele
90 ano em que eu pra já deix....dei, dei, deixámos... eu deixei... o professor Manuel saiu, não é? Aquele

professor exigente...que é, é, às vezes, os nossos pais falam "Ah, havia a reguadas!" aquele não era reguadas, mas era ali uma pessoa... quando nós fazíamos alguma mal, ele chegava, dobrava a patilha toooda até ao chão...ahhh (simula a dor). Ele era... e se távamos com frio ele ia atrás das orelhas fazia assim por trás. Só que era um professor extremamente inteligente, que cativava os alunos na aula. Ele era um professor, extraordinário, extraordinário, extraordinário mesmo. Foi o professor da primária que mais me marcou. Até que no 3º ano sai. Entra o quarto ano que era... professora... aquilo não era uma professora! Aquilo era, aquilo era, passava os passs... o meu pai, o meu pai detestou mesmo porque ela não, não...nós fomos muito mal preparados. E o quinto ano como... eu não pensava que o quinto ano era tão difícil. Tão difícil assim aquela...aquele balanço. No quarto ano tínhamos uma professora, ali ao pé de nós, ainda nos tratava como os meninos que lá estão, não sei quê. Aquela professora deixou marcas pela positiva, mas também deixou e, principalmente as de ensino, deixou muito pela negativa. Pela positiva: era uma grande amiga, salvo a modéstia, gostava muito de mim (riso forte). É verdade! Gostava muito de mim. Gostava muito que eu...uma vez fui almoçar a casa dela que ela pediu: "Ah! eu gostava muito de te receber em minha casa." Fui lá almoçar e tratou-me muito bem, foi passear comigo. Não sei o que é que ela via em mim! Mas em termos de ensino...não era muito bem. Queria era paródia. Mas quando transito para o quinto ano, aí...já mais crescidinho, já a pensar de outra forma, fui pra EBI, EBI de Santo Onofre. E eu pronto, quando fui pr'aquela escola estranhei muito. Quer dizer, dum pavilhão que só tinha duas portas assim, ou por outro, era uma casa, que era a escola primária, de repente, encontro-me ali, com um pátio enorme! "Já havia pessoas maiores que eu. E eu "Ai meu deus! pra onde é que eu venho?". Aí, tive medo. Não tive medo da primária mas aí tive medo. O primeiro teste de História, o primeiro teste que eu fiz foi o de História. Tirei Não satisfaz. Não tava habituado aquele processo... testes e não sei quê. Eu não sabia o que era Não Satisfaz! 42%, Não Satisfaz! Mas isto é bom? Ou é mau? Vamos lá ver o quê...depois lá os meus pais me explicaram: "Não, Pedro, agora tens que te esforçar mais um bocadinho! 42% é como se fosse um, um...é um mau na escola primária. Mas atenção! Agora é um Não Satisfaz!" Então, então pronto, pensei então: "se Não Satisfaz é mau, então temos que ir pó... pa lá pó Muito Bom, que é um Excelente". Fiz esta aproximação. Então comecei-me ali a... a ambientar ao quinto ano. E, depois, tinha professores também, também, também excelentes. Mas lembro-me, depois, ainda me lembro que a seguir o teste foi de Matemática e tirei Satisfaz. E eu: "Olha o Satisfaz já não tem o Não (muitos risos). Então, é porque isso é bom. É porque alguma coisa é boa, não é?" Mas, mas depois comecei ali a ambientar-me. Mas há uma coisa, e aqui volta outra vez aquela questão, as pessoas que eu quis logo conhecer eram as funcionárias. E, se hoje for à EBI, de certeza que conheço lá três ou quatro: uma pecaninha, de óculos, lembro-me muito bem. Só que metia muita conversa com ela. Olá! tá boa? Depois....olá tá boa? Como está? Não sei quê. Gosto muito de cumprimentar as pessoas, aliás o dia começa sempre é com um sorriso e um bom dia. Tem que ser assim. Se a gente não se cumprimenta uns aos outros também não estamos ali a fazer nada. Mas o quinto ano era muito assim. Até que tive também professores que marcaram muito, principalmente o professor Rogério. O professor Rogério Oliveira. Uma professora, um professor...se houver pra lá de exigente, é ele. Um professor muito exigente. Mas volto a dizer, era um professor que gostava muito de mim. Só que era um professor que fazia aquele estilo muito antigo de ensino. Ele dizia sempre... escolhia os alunos da fila da frente. Sempre. Vocês vêm pra fila da frente. Você, uap, lá pa trás. Ele fazia mesmo isto: Você, uap, lá pa trás. Depois aqueles oculinhos, depois o bigode... até que lá o apadrinharam de rato, ou o que é que foi. Foi no meu ano! Isso foi no meu ano!... mas era... eu esperava sempre... era eu e o Nuno, porque eu e o Nuno acompanhávamos sempre até ao 12º ano. Ali nós esperávamos pelo professor. Estávamos todos lá, mas a única pessoa, as únicas pessoas a quem ele dizia bom dia, ou boa tarde, era a mim e ao Nuno. "Bom dia!" Então, entrávamos... na sala... tudo ali... esperava que todos se sentasse... eu já tinha os meus lugar na frente, eu estava

136 bem. Depois era sempre: "Bom dia, ficou de Tpc na aula anterior isto, isto, ler o texto e fazer as
137 perguntas. Quem fez? (riso). Eu fazia e a fila da frente fazia sempre (riso), não é? Então, ele dizia
138 sempre...quando um lá atrás fazia, ele dizia sempre: "ah! ah!" (desdém). Houve uma vez que ele foi ao ...
139 foi o Hélder! E ele fez! Fez os tpc's, então...e o professor: "ah! Se fez é porque copiou!", porque era já
140 aquele processo... pa trás. Então os que estavam à frente... ele via muito os cadernos. Depois mostrava
141 o dossiê: "Vejam este caderno!". Depois ele tem muito aquela coisa, aquela coisa de, da ...da voz dele...
142 projecta-se: "Vejam este caderno! Vejam este...! Depois na ficha de avaliação dizia sempre: "Pedro
143 Seixas, três mais!". Depois, era um professor...Depois quando se fazia barulho lá atrás dizia sempre:
144 "Cábulas! Estúpidos! Fazia mesmo assim (risos). Mas foi um professor que me marcou muito. Mas um
145 professor que ensinava a História e o Português muito bem. Era um professor muito exigente, mas era um
146 professor que, além de ser mau... ai, ele era mau, era mesmo mau, mas pás pessoas que gostava
147 tratava-os muito bem. Era uma pessoa de extremos, ele. Já que o outro lado não dava, ele ia dar-se ao
148 lado do outro. Eu, ainda me lembro que o primeiro jornal Radical, que ele fez, fui eu, fui eu que o ajudei a
149 dobrar. Os jornais Radicais. Quem é que ajudava? A fila da frente (gargalhada). A fila da frente era que
150 ajudava sempre o jornal Radical. Era sempre. Depois era a mulher dele, não é? Era a Maria de Fátima.
151 Ele tinha muita coisa... Ele detestou de eu ter ido pa Raul Proença: Ah, tens que apanhar o Francês, tens
152 que apanhar com a professora Maria de Fátima. Ela...la ser um grande orgulho, gostava muito de
153 deixar... de teres sido meu aluno e agora ires para aluno da minha "espousa!", que ele não dizia mulher
154 dizia "espousa!" "A minha "Espousa!" Mas eles andavam sempre juntos. Mas depois é um professor, que
155 eu depois comecei-me a aperceber no sexto ano: "é pá! alto lá". Ele também tem assim um feitio
156 esquisito, mas também não é assim! Ele não é muito bom! Então, quer dizer, se eu um dia errar então
157 também me faz...então, quer dizer, eu, bom aluno da primeira fila, ok, tou habilitado a ir pá fila de trás!
158 Não posso fazer nada. Então, quer dizer, tou limitado! Não é? Até parece que não vivo em liberdade ali.
159 Eu não pensava isto da liberdade, mas não havia ali liberdade. De maneira que..., mas eu lembro-me
160 muito bem disto: ele era uma pessoa que carregava muito no Francês! Então na História quando se dava
161 a Liberdade, Fraternidade... Fraterni... o homem era como se tivesse ali... sei lá, como se tivesse ganho
162 o euromilhões: FRATERNITÉ. Depois ele a dizer etc. dizia ETCETERÁ (muitos risos), tá a ver?
163 ETCETERÁ e nós achávamos muita piada pronto, olha, começamos o Francês cedo. Começamos logo
164 no quinto ano o Francês. Mas, mas é...mas foi um professor que marcou muito. Era esse e o professor de
165 Matemática, o Pedro Pacheco. E pois, aí o meu gosto também pela Matemática. Eu tive o gosto da
166 Matemática quando ganhei o jogo do 24 (riso). Ganhei o de turma, ganhei o interturmas depois cheguei a
167 ir aos distritais, mas fiquei por ali. Mas aquilo é ... mas tenho de diz... aí também que agradecer muito à
168 minha mãe, porque ela ajudou-me muito, ajudou-me muito (riso). Havia casas que eu não sabia, mas ela
169 perdia também ali no...:"**não!** Vamos fazer as casas! Quais são as casas?" então ela... entretia-se ali
170 também a ajudar..."Então Pedro, esta, esta, esta!" e eu tudo bem. Fazia! Uma, COMO AS CARTAS,
171 existiam X de cartas. A probabilidade daquela me aparecer era, era iguais às outras. Era uma
172 probabilidade de uma, mas aquilo...quando aparecia a carta eu lembrava-me, Eh pá! a minha mãe disse-
173 me, EH! Punha logo lá o dedo, tatatatatatá, não é? E, hoje, agora, mostro os diplomas que tenho como...
174 foi a partir daí o meu gosto pela Matemática., às vezes, trocava os números e, perceber que a Matemática
175 não é assim tão diFícil, mas aqui...APESAR de que, também não era um brilhante aluno a Matemática...
176 mas, às vezes, se calhar, tinha, tinha aquilo que é preciso que é gostar da Matemática, o interesse pela
177 Matemática e isso ajudou-me muito. Também pelos professores que tive, é verdade, mas... mas para ver
178 a minha traquinice ainda me lembro de uma coisa... que a Diana, aquela de cabelos grandes, era minha
179 colega tamém e ela era delegada de turma... íamos ter matemática na sala 1cinco com o professor
180 Pedro Pacheco e falta aquilo era... ah...o professor dizia sempre a tabuada... pa sair mais cedo, pa fila

que saía mais cedo. “DOIS VEZES DOIS?” Quem levantasse primeiro o braço... “Ah... QUATRO! Pode sair essa fila!” Então nós éramos, quem respondia era sempre bem visto. EH, BOA, BOA! PA PRÓXIMA RESPONDES TU OUTRA VEZ! (imita os colegas) sempre assim (risos), não é? Saíamos mais cedo, não é? Pronto, sabes! Saíamos mais cedo, não é? Houve uma vez, faltava cinco minutos p’acabar a aula e lá vai o Pedro todo brincalhão, como sempre, começa a imitar o toque de saída: TRRRRRRRRR! Aquilo começa-se tudo a rir, TUDO A ARRUMAR (risos). Aquilo não era o toque de saída, n’é? Mas eu tava a imitar pronto olha TRRRRRRRRR pronto, às vezes, o homem podia se esquecer lá...oh professor, lá podia ser o toque. Eh pá! De repente começa tudo assim a levantar. (EHI LÁ)! QUEM ÉEEE QUE FEZ ESTE BARULHO?... E eu, caladinho (assim), na fila de trás, pronto, nem tinha arrumado as coisas nem nada! Pensavam que eu tinha. Pá! Depois a Diana disse “Ah! Foi o Pedro!”. E eu... depois o professor disse assim: ham! FOI VOCÊ? E eu: Fui, fui. Desculpe, olhe tava só aqui a brincar, mas como tava aqui tudo na brincadeira, pronto, eu também brinquei. “Iena! Três cruzinhas ... no nome do Pedro!”. Depois ela tinha uma tabela... dos alunos todos, atão cada vez que um aluno fazia algu... três cruzinhas! Mas três cruzinhas era equivalente, era equivalente a uma falta no livro de ponto. E eu: “Ham! a primeira falta que eu vou ter (muitos risos) no livro de ponto. Eu que nunca faltei não me digas que vai ser mas ...depois estou PREOCUPADO! como se uma falta fosse... agora uma falta para mim o que é que é uma falta? HE! Agora não levo faltas (risos). É um sistema tão liberal que nem levo faltas Mas... UMA FALTA! Eh pá e eu ...então mas... uma falta, uma falta se calhar... uma falta implica... aviso na caderneta zee...vou apresentar com ela ...OH! Imitou o toque! (tom de gozo). Então mas...eu ainda me lembro, ainda me lembro tava, eu tava, tava na terceira cadeira, tava na terceira cadeira, tava assim a escrever...depois fui falar com o professor. “Ah, professor! Ah, não me meta uma falta no livro de ponto! AH, mas sabe, vai ser prejudicado na... depois ele era assim meio gago... ta ta ta ta va vai ser prejudicado, vai ser prudica..., prejudicado na...na sua nota final. AH! EU SÓ QUERO... se eu soubesse o que sei hoje mais valia ter a falta do que ser prejudicado ao final da nota e eu disse mesmo ao professor: “Ah, tudo bem! Prejudique-me na nota final, mas não meta falta no livro de ponto (riso)”. Eu preferia assim ter falta no livro de ponto que não prejudicava a nota final. Assim, em vez de ter um quatro, no primeiro período, tive um três. É! E eu olha pronto, mas lá, lá fui andando nunca mais. Uma vez errei a tabuada do oito neste sistema de mandar pra () mas errei a tabuada do oito mas não foi de ir mais cedo, sair mais cedo, foi mesmo o professor que perguntou... e depois foi... oito vezes dois? Oito vezes quatro? E eu... e depois era aquele sistema de quando se pede oito vezes dois: desculpe, pode repetir? Que é pa ver se a gente... sabe outra vez. E eu... pronto! Porque oito, oito vez um é oito mais oito dezasseis. HE, EU! DEZASSEIS. Depois era para dar aquele sistema de somar ao primeiro com este (riso) mais oito, mas depois () um recado pa casa e depois os meus pais viam sempre tudo, se tinha alguma coisa na caderneta e... e pronto aparecia lá: o aluno Pedro não respondeu correctamente à tabuada do oito o que é INADMISSÍVEL!

Isso no quinto ou no sexto?

No quinto! No sexto ano, no sexto.

No sexto.

Já no sexto. No, ah! O aluno ()... cadernetas verdes, aquelas que tinham lá os recadinhos e na sei quê... e o meu pai viu aquilo e disse: “Ah! Isto é inadmissível, estar no sexto ano e não saber a tabuada!” Ah...Ainda me lembro. Eram. Eu tive duas horas... pa decorar a tabuada do um ao dez, de cor e salteado. Pa decorar! Salteadamente, mas o meu pai é que me perguntava. Só depois é que...e depois aquele ar, aquele coiso autoritário: “tens de saber. É muito bom pa tua vida e não sei quê e não sei que mais, na na! (a imitar o pai a falar) () pronto, tive ali... o meu pai “Eu vou sair e quando chegar vou-te perguntar e só vais pa cama quando me **responderes** correctamente!” e eu: Eh ...pá! E aquela doeu. Aquela doeu, porque o meu pai já tava chateado por eu não lhe ter respondido ... ah...e lembro-me muito bem. A minha

mãe ajudou-me imenso. “Então vá Pedro, quanto é que é? oito vez um oito, oito vezes dois dezasseis, oito, AH! ERRASTE! Não te esqueças disto ah ...é sempre um... tens que ver, ser...não pode ser oito vezes dois dezasseis e oito vezes três dezassete. Tens sempre que saber que é um número maaais ... acima ... são oito Algarismos, por isso, vamos lá começar de novo.” Depois a minha mãe ia-me perguntando ali. A minha mãe foi uma grande ajuda. Às vezes, o meu pai ralhava e a minha mãe lá tava () “o teu pai, às vezes, é assim não sei quê, não sei que mais, mas ele quer é sempre o teu bem”, e hoje tenho que lhe agradecer. Hoje tou num curso de engenharia... que tem muita Matemática e que tem muita Física, mas hoje sinto-me orgulhoso de não ir à máquina de calcular ver quanto é sete vezes um... ou sete vezes dois, enquanto tenho colegas meus que fazem sete vezes dois por tudo e por nada máquina de calcular e isso é muito bom. Não ter aquelas cadernetas do Ratinho, por ali vê-se as tabuadas mas sim o meu pai “Não! Tens de saber e é agora, é a altura certa que vais entrar e nunca mais vais ter recados destes”. E FOI MUITO BOM! Porque, no sexto ano, a partir daí quando a minha fila, o professor dizia quanto é seis vezes cinco? O senhor Pedro batia lá a mão: “São trinta. E é muito bom.

E depois Pedro?

E depois ... e depois ali o salto ... que eu não sabia que ia ser um salto tão importante na minha vida... do sexto para o sétimo ano. Eu e, e... e é como disse, eu do quinto e sexto ano não gostei. Não gostei daquela escola porque depois fui (..) assaltado e aquele ambiente e não gostei, sinceramente não gostei. Chamava aquilo a prisão amarela. ()Tinha que ser sempre o pai lá ir buscar e não gostei e disse memo: “Não, o que eu quero é ir ao liceu”. E depois a minha mãe: também era melhor, era ao pé de casa e tudo () liceu. E vou ao sétimo. E, e, às vezes, é aquela coisa que, às vezes, não sei se é o destino, às vezes, é bom ... ver que... eu não esperava aquilo QUE IRIA TER, não é? Mas lancei-me. Ainda apanhei a minha irmã um ano (..) IRMÃ! Até ao décimo segundo ano já.

A tua irmã já andava lá!

Já, ainda andou. Quando eu entrei no sétimo andava a minha irmã no décimo segundo. Ia sair. Apanhei lá, depois eu tive professores... que foram meus... que foram dela e depois também eram meus. Ah! Não sei quê. Depois a minha irmã, a minha irmã também conhecia ali e dizia “ah, olha aquela professora também foi minha tenho ali testes, não sei quê. Só que depois era aquela coisa: era uma irmã a controlar o irmão. “Olha, agora não posso dar um passo lá vem ela atrás a ver se tá tudo bem, se tá tudo não sei quê”. SÓ QUE DEPOIS ELA ESQUECIA-SE QUE TAMBÉM TINHA UM IRMÃO A CONTROLAR UMA IRMÃ. No sétimo ano, no sétimo ano já se tinha o quê? Práí onze anos!

No teu caso.

No meu caso. No sétimo ano. JÁ... já sabia, não é? JÁ SABIA AS COISAS. ALTO LÁ!... Então depois andava aquele grupo lá Dos Mais Crescidos, não é? Depois eu...era aquilo que eles chamavam: “ Olha OS PUTOZITOS! Olha.” () eu, às vezes, até tinha medo e então pronto. Eu tava sempre ali () pa trás e pa frente, mas aquela coisa de, às vezes, a irmã estar lá com os amigos, não é? Ir lá o irmão chatear: “oh! Raquel o mano precisa daquilo”; “Oh, sai daqui! Então pensas que isto é...” eu ia pa casa e AH! aconteceu isto, isto, isto. E, depois, ia os meus pais ralhar com a minha irmã Não, mas o teu irmão precisa de ajuda então, ele está a integrar-se numa escola nova precisa da tua ajuda já que tu também lá estás desde o sétimo ano, não é? E eu, pronto, comecei sempre q’aquele meu, ... q’aquele meu lema de querer também conhecer os funcionários. Sempre foi esse o meu lema e lá comecei. Depois já conhecia a dona Odete porque já tinha tido o Diogo Leal... o meu colega, o Diogo Leal, andava, eu andava na minha tia, na ama, na minha tia desde criança e o Diogo andava na Guida e era no mesmo andar e tudo e nós cruzávamo-nos porque andávamos na ginástica também e... sétimo ano quem é que eu encontro lá? O DIOGO! Não é? O Diogo tinha a m... que era a dona Odete, também já conhecia a dona Odete. Pronto. Começou ali. Dª Odete depois... senhor Rebelo, aquele () e eu como era, sempre fui uma criança

também de falar muito...de falar de mais...falar muito. Atão pronto. Tá bom não sei quê, mas claro, com o devido respeito, sempre. Mas ali o sétimo ano... foi ali () depois começou também tínhamos a Geografia, não é? Tínhamos ali a Geografia e tínhamos a História, com a professora Celeste Custódio ...era muito bom (baixou muito o tom de voz) mas é... Foi ali... a partir daí, QUE LOGO O SÉTIMO ANO, aquelas caras que nós nunca vimos em que vi... eu conhecia a Diana do quinto ano, o Hélder do quinto ano... e do 6º, não é? E... pouco mais. Conhecia o Diogo (..) conhecia o Diogo Leal e pouco mais... e o Nuno hum? E, depois, também me acompanhou sempre () e depois como a Diana lá, lá os que moravam ao pé dela, da terriola (risos), também vieram pr'ali, pró grupo, pronto, a gente começou-se ali a dar bem e... eu ir pra uma aula, que à primeira aula era tudo, aquelas aulas de apresentação em que é costume ir mostrar a escola e tudo a gente, nós olhávamos uns pós outros. Se tivesse aqui... () assim, aquela coisa... de repente... ao longo do tempo, construiu-se ali... uma amizade vincada, mas depois ali naquele sétimo ano também houve ali aquele... aquele, a existência dos grupos, não é? E depois de todos os alunos. E isto de ser um aluno interessado ou desinteressado não escolhe idades, é qualquer idade, não é? e portanto, por exemplo, aquele grupo dos alunos melhores () e aquele que era eu, a Diana, o Fábio a Patrícia, aquele que depois, mais ali, mais conhecido e que ficou. Mas depois houve ali o sétimo ano, o DPS, e depois a seguir o que eu me lembro mais no oitavo ano quando a gente o construiu foi o núcleo. Ali sim ... foi ali entre o sétimo e o oitavo foi um ano decisivo. A turma do sétimo ficou e depois ficou a do oitavo ainda mais, é, é como construir uma casa. Construiu-se a base, no oitavo constrói-se as paredes e no nono faz-se o tecto. E a casa só com um grande terramoto é que cai abaixo. Não é? E agora no sétimo onde nós construímos a base, ali tudo uns com os outros, não é? e aquilo tudo que começámos a viver... já se tava a ver que ().

Mas o que é que tu achas que ajudou a construir essa base?

Ai, a amizade. A amizade essencialmente. A AMIZADE ESSENCIALMENTE e de todos percebermos (..) se naquela turma cada um fosse para o seu lado, então, não távamos ali a fazer nada. Se adoptássemos o esquema casa-escola, escola-casa então tava mal e tínhamos de nos conhecer uns aos outros. É essa. NÃO ERA os professores que diziam que “você têm que conhecer-se uns aos outros”, fomos nós que percebemos que era essencial nós conhecermos uns aos outros. Porque era fundamental, era fundamental pra nós, pr'aquele percurso que nós fizemos. Pr'aquele percurso que é conhecido de cada um de nós. É fundamental nós perceber... EU PERCEBI ISSO! E TENHO A CERTEZA QUE VOCÊS TAMBÉM PERCEBERAM! Porque se eu (...) quando fui pó complementar... a Vané, quando eu conheci a Vanessa, o, o Diogo já conhecia a Vanessa. “Ah, este é o Pedro ta...” se eu quando fui cumprimentá-la disse: “é pá, mas eu não conheço esta rapariga tá-me a cumprimentar pra quê? Mas não. Do outro lado também houve a mesma intenção de ganhar uma amizade. “Olá eu sou a Vané”, pronto. E a partir dali todos os dias: “olá Pedro, tas bom?” pronto. Aquele grupo, de turma que ia para dentro de uma sala de aula, antes de ir pa sala de aula falavam todos: “Eh! Como é que fizeste o trabalho? não sei quê, não sei que mais.” Isto é muito bom. É muito bom porque cria-se uma grande amizade. Tanto que... e pa ver esta amizade, uma amizade de um ano, do sétimo ano aquele período, aquele período todo, quando entra ... acho que foi o Tiago e a Débora, no oitavo ano, nós quase os empurrámos pa trás. “Ah! Agora vêm dois para aqui ahh!” () e alguns também sentiram tamém. Ela coitadinha, não é? Vinha-se ali pôr no meio duma turma que ela também não conhecia e nós, ao princípio, metemo-la logo ... mas foi a partir daí, quando deu aquele ... aquela coisa, que nós, depois, percebemos: “Mas não, então mas... a nossa amizade... é, é, é muito coesa, é, é uma amizade sólida entre nós, mas não quer dizer que não possa vir mais gente (..) Nós estávamos a tentar quase dizer é: “Não queremos mais ninguém, porque é este grupo o grupo perfeito. É aquela turma de sétimo ano, a melhor turma da escola. Não é? Aquela turma formidável! Aquela turma que tava sempre prestável. E quando o aluno, se calhar, não via que a...isto era

316 bom pó aluno perceber que: “eu não posso ser prestável, mas a turma é! mas se a turma é tão boa assim,
317 porquê que eu não hei-de ser prestável?” se calhar aqueles, aqueles alunos menos interessados que, às
318 vezes, os puxávamos, não é? às vezes... às vezes, puxávamos tamém pa eles, pa eles se interessarem.
319 Eles às vezes podiam não querer mas, às vezes, eles sentiam:”Alto lá! isto realmente, eles estão tão
320 interessados e é tão bom para o aproveitamento de cada um que nós tamém vamos lá”.

321 **E tu sentias que eles iam na, na mesma onda?**

322 Eu, eu sentia que eles iam quando, também, estavam interessados e quando aquilo era benéfico pra eles.

323 **Mas porquê que achas que havia esse grupo desinteressado, ou não tão interessado?**

324 Porque eu acho que era aquele grupo que... era... como é que eu hei-de explicar? A gente, nós, nós, isto
325 é extremamente difícil de explicar porquê? A gente via aquele grupo de desinteressados, porque,
326 realmente, era quem, isto não fazendo quase uma dispersão, mas aqueles alunos que tiravam piores
327 notas ou faziam mais barulho e tudo eram os que estavam sempre juntos. Era aqueles alunos que “Eh pá!
328 aqueles agora a falarem, nã sei quê”. Se calhar, às vezes, problema nosso também. É, às vezes, tamém
329 não irmos lá... eu real, eu lembro-me sem, eu, eu tentei-me sempre dar bem com... com aquele grupo
330 que se formou. Depois, agora quando falamos até dizemos assim: isto é isto é disparatado, já viram, por
331 exemplo agora o Tiago também que se dá muito bem connosco e, ainda no outro estivemos a falar “Oh
332 Tiago, lembras-te tiveste aquele grupo. A gente dizia tão mal de ti! E depois ele dizia mesmo: então e nós
333 dizíamos mal de vocês à força toda. Às vezes, é ... mas é aquele, é aquele, e é bom recordar isto (dito
334 em tom de voz mais grave): Nós temos aquela idade e fizemos aquilo (.) nós não nos esquecemos
335 daquilo que fizemos... só que, às vezes, se calhar um aluno por ser, e aqui é um ponto fundamental
336 também, o nosso grupo, aquele grupo, claro que depois há aquele que ia mais ter com o professor “olhe
337 professor tenho isto, hoje fiz aquilo, fiz aqueloutro e os outros diziam assim: “lá estão eles ali ah...
338 ah...disparatados a falar sobre, com o professor, estão a dar graxa ao cágado”. não é? E esses grupos, e
339 esses grupos que tem... e esse grupinho que era menos interessado em dar, em, em ir ter com o
340 professor essas mesmas pessoas que pensavam da mesma maneira constituíram o grupo deles. Nós não
341 temos a mesma personalidade...Nós somos assim. A MESMA MANEIRA, da mesma maneira, que nós
342 construímos um grupo... de pessoas que se davam bem umas com as outras, da mesma maneira eles
343 também construíram um grupo deles que tinham a mesma personalidade e a mesma vontade. Não quer
344 dizer que estes, claro que este grupos se juntavam e sempre nos demos bem. Sempre, sempre sempre
345 sempre (muito apressadamente). Só quando ah...era preciso alguma coisa, via-se logo... nos trabalhos
346 de grupo (..) aquela coisa deles dizerem: “AaaaH! Olha, eu fico contigo! Claro que o outro: “Ah! Eu fico
347 contigo não sei quê”. E nós dizíamos “Ah! Nós ficamos aqui os três não sei quê, não sei quê, não sei
348 quê”. Aquele, quase nós não queremos... porque eram os menos interessados. Eles tavam ali só por, só
349 por, para poder ter mais liberdade. Tinham atingido o sétimo ano! No sétimo ano já tinham, era outra
350 maturidade de pensar. Tem muito a ver com a maturidade da pessoa. Tem. Mas foi sempre, mas foi
351 sempre uma turma fantástica! E se a turma foi o que foi eles, eles também a ajudaram! Também não
352 podemos agora (), não, claro que não, eles também ajudaram. Eles foram da turma e quando nós fomos
353 considerados a melhor turma do sétimo ano É VERDADE, ELES TAMBÉM LÁ ESTAVAM, ELES
354 TAMBÉM FORAM ALUNOS, ELES TAMBÉM FORAM MELHORES ALUNOS DE SÉTIMO ANO,
355 TAMBÉM FORAM ALUNOS DA MELHOR TURMA CONSIDERADA DO SÉTIMO ANO e muitas
356 qualidades tem eles. Eu hoje guardo uma ENORME recordação de todos. Não é? Por tar a recordar isto,
357 não é? Mas também por, por aquilo que eles fizeram depois. Também era uma turma, também eram
358 pessoas impecáveis. Também tavam sempre prontas a ajudar, sempre... só que eram pessoas que
359 viam... que se calhar ...nós não éramos pessoas DO GÉNERO DELES. Se calhar eu vir de camisinha...
360 “AAAH! É um betinho que ali vai deixa-o ir e não sei quê.” Não é? até que se forma o grupo e aí vê-se

porque... formámos o grupo, mas engraçado que eles... não foram, não formaram ali o núcleo, quando formámos o núcleo, não, não compareceram muito. Aí também é interessante ver, do nosso ponto de vista, a personalidade das pessoas! Não é por nós não gostarmos deles é por eles não terem interesse naquilo. Se calhar aquilo pra eles era uma perda de tempo. () “Ah! Já me basta aturar a professora nas aulas, ainda vou aturá-la no núcleo?” Não é? É o interesse. Se calhar, a nossa personalidade dizia-nos assim: “Não! Aquilo são momentos muito bons e, e... e a professora e tudo”. Venham experimentar! venham! Uma conversa amigável.

Mas onde é que tu achas que... as, as divergências de maneiras de ver o mundo. Não é?

[É, é.

[Porque havia duas maneiras de estar na escola.

Havia! Havia a maneira nossa de que sentíamos o peso da responsabilidade que aquilo era... aquilo, aquilo era o nosso trabalho. Nós tínhamos que fazer aquilo. Enquanto eles viam... tavam menos (), tavam mais liberais, não, não, se calhar, aquele mete-te... lá pa trás por isso... isto nota-se muito e eu cada vez noto mais!

Como é que tu encaravas e... encaras a escola? É como... obrigação ... é...?

Não, não! A escola, pra mim, a escola pra mim é um objectivo de vida. Se aquilo que eu sei hoje, se aquilo que eu sei hoje vem muito da escola! Muito mesmo. Não é? A escola é aquilo que nos vai... a escola é o que nos ensina a escrever, a escola é que nos ensina a ler, a escola é aquilo que nos transmite cultura. Pode não ser tudo, mas a escola é um meio educacional de cada um de nós. AJUDA À EDUCAÇÃO. Claro que ajuda. Nós temos a família, que é o que nos educa, mas a escola também educa. É o género de que... ham (riso)... a família é os pais, os tios e primos... a escola é como os padrinhos...dão sempre a sua achega (risos). Alguns padrinhos! Por exemplo, o meu caso: a escola é sempre aquele, aquele meio em que... o aluno se deve sentir bem porque aquilo é um emprego. É como nós hoje. Hoje na faculdade. Aquilo é o meu emprego. Eu tenho uma meta. Eu depois daquilo terei a maior liberdade, não é? Depois de ter a minha cultura toda adquirida, o meu objectivo de vida... aquele objectivo que eu tinha (..) no sétimo ano nós dizíamos assim: “ah! Quero ir pa médico, quero ir pa, pa...olha eu quero ir pa professor, eu quero ir pa,” mas (..) no desenrolAR das situações nós vamos vendo, e à medida que nos apercebemos do mundo que nos rodeia e às vezes nós no sétimo ano... ou no sétimo, ou no sexto ou no quinto, ou no quarto ou até... mesmo no primeiro ano, desde que nós pensamos, nós às vezes pensa..., nós às vezes queremos adquirir aquilo que só queremos saber, isto é, eu só posso... ou melhor, como é que eu hei-de explicar, eu... quero saber aquilo que me interessa saber. Não é? no quinto ano e tudo. Mas somos ali ainda umas crianças, n' é? Oh, eu quero lá saber da...do que vem lá pá frente, e do qu' é que isso pensam e do qu' é qué a guerra e do que é que feito () Ah! Quero saber aquilo que quero saber. “AH! o que é que deste hoje? e o qu' é que...Nós absorvemos do meio que nos rodeia, e atenção! o meu mundo é diferente do mundo de uma pessoa que andasse no nono ou no décimo ano, isto é, o meu mundo de dez anos é diferente do mundo de uma pessoa que anda nos quinze e nos dezasseis anos. Porquê? Porque eu vou absorver no meu mundo de dez anos aquilo que eu quero absorver e aquilo que eu quero pensar que a minha vida seja assim, não é? Enquanto o de catorze e de quinze anos já diz: alto lá! eu posso ir por aqui ,mas olha. Eu se calhar digo assim: eu quero ir à França () eu com dez anos disse: EU QUERO IR À FRANÇA e vou à França porque a França tem lá a Disneyland a França tem lá isso tudo, os brinquedos, a torre Eiffel, aquilo é muito giro e não sei quê e esqueci-me que a França estava em guerra, isso para mim não me interessa. Agora a França tem aquilo eu quero ir à França. E com catorze ou quinze anos eu já digo: “eu gostava de ir à França mas atenção, aquilo está mesmo, aquilo tá mal, aquilo dizem que há guerras, não sei, mas... aquilo tem lá aquilo, mas será que eu posso () agora... nós, à medida que vamos andando pá frente, absorvemos o mundo de maneira

406 diferente, absorvemos aquilo que queremos. Se calhar, Isso... transmite muito hoje... a minha maneira de
407 ser tamém. Eu passei aquele patamar de, da, da ... minha idade... mas é muito bom. A escola ...educa-
408 nos muito. A esco... por isso, é que existe o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto, o
409 sétimo, por aí fora, porque, senão, existia o primeiro e do primeiro passávamos para o sexto e do sexto
410 pró décimo segundo. Existe ano pa ano, porque ano a ano há, exige-se ao aluno, exige-se àquela
411 pessoa, que vá se, que se vá apercebendo daquilo que o tá a rodear. Agora, cabe a cada aluno também
412 ser curioso. E, eu, isso, eu isso considero-me. Considero-me sempre curioso.

413 **E tu ao longo do teu percurso sentes que foste escolhendo as coisas que te interessavam?**

414 Ah, sim!

415 **De acordo com o quê? Para quê?**

416 Eu, eu da linha que tracei e fui traçando eu apercebi-me...

417 **Que linha?**

418 A minha linha, a minha linha, a minha linha de objectivos.

419 **O teu projecto?**

420 O meu projecto.

421 **Tu tinhas um projecto?**

422 Não, eu não tinha um projecto. Eu tinha um rumo. Aquela coisa que acho que, às vezes, ...ah! Eu quero
423 ser assim...

424 **Tu tinhas uma ideia?**

425 E ainda hoje tenho! (..) Eu, é como digo: eu sou um jovem concretizado mas um homem com muita coisa
426 por realizar. Eu digo sempre isto. E é sempre! Eu tento sempre aperceber-me daquilo que me está a
427 rodear e se eu digo: eu gostava de ser isto porque é uma, é uma coisa que eu tenho cá dentro... é, é uma
428 paixão, não é? eu sei que se me esforçar nada me cai do céu, não é o pedir e cai. Não! Tenho que me
429 esforçar, não é? Essa linha de rumo vai ser alimentada. E TODOS NÓS Temos que construir, não é uma
430 linha e dizer: eu daqui a dez anos quero ser isto! Não! Eu gostava de ser isto, eu para me sentir bem se
431 eu tenho de fazer isto então eu vou, vou, o meu projecto, é bom sonhar, isto é um sonho. Construir uma
432 linha é sonhar. É sonhar o que queremos pa vida toda. Isto é muito bom. Eu e eu relm...eu sonho, como
433 sonhei desde, desde criança, como sonhei ali, como, como na, na pré na pré-jovem, eu sinto-me jovem,
434 como um rapaz que sou agora, como um jovem adulto que sou agora, mas é bom sonhar.

435 **Mas o que é que achas que ajudou a que tu conseguisses definir os teus gostos, aquilo que tu
436 querias?**

437 Isso muito, muito, muito a educação que o meu pai e a minha mãe me transmitiram, que a escola me
438 transmitiu. Tive ali do sexto ao décimo segundo ano. Do sexto... do sétimo ao décimo segundo ano.
439 Aqueles, aqueles seis anos foram muito importantes... pra mim, porque criaram a pessoa que eu sou
440 hoje, n'é? e essa li, e eu claro que não ia no sexto ano dizer: Não no sétimo eu vou cumprimentar as
441 pessoas outra vez e quero ser muito bem visto, então? Agora a minha pessoa construiu-se a partir daí
442 ...e eu sem..., uma coisa que eu sempre consegui distinguir: o bem do mal e nunca me custou dizer Não
443 a uma pessoa. Se uma pessoa me viesse pedir a amizade dela por interesse eu sabia dizer Não. Não é?
444 Isto sim é traçar uma linha. Traçar uma linha de objectivo e dizer: Não! Eu vou pela linha certa. Eu vou
445 pela linha, eu não vou mudar a minha maneira de ser à custa de uma pessoa que tá, que quer a minha
446 amizade por outra coisa qualquer. Isto nota-se muito na escola. O interesse de que a pessoa, que a
447 hipocrisia é um defeito horrível, e que a pessoa vem ter connosco por interesse, não é? "Oh! Grande
448 amigo não sei quê... olha preciso da tua ajuda, grande interesse, () acho-te um rapaz porreiro e
449 podias-me ajudar já que tu percebes disto e não sei quê, não é? mas é... ter amigos. Por interesse é

450 muito mau. E então ter amigos pa resolver interesses, muito pior ainda, não é? Ter amigos só de uma
451 hora, isso não. Isso é um colega.

452 **Então tu não concebes que a escola um dia acaba?**

453 Não. A escola é até morrer. A escola é do primeiro até ao fim da, do trajecto escolar que nós tivemos
454 estamos a ser vigiados por uma pessoa que nos está a injectar sabedoria, aquilo que tamos a ouvir. A
455 sabedoria que nós ainda não conhecemos, não é? essa pessoa está a adquirir
456 aquela=sabedoria=que=ela =também= já= adquiriu, não é? Mas está-nos a adquirir a nós.

457 **Qual é o vosso papel nisso? É só ouvir?**

458 Ouvir não. Aí mostra o interesse. E aí sim, construir a tal linha. Não é? O interesse, nós, por isso é que,
459 às vezes, se calhar, como professora:” ENTÃO PORQUÊ QUE É ISTO E NÃO ISTO?” (...) é porque ele,
460 ele só não só está a ouvir como também, como também está interessado em saber o que é que vem mais
461 à frente, ou melhor, o que é que, se calhar, origina aquilo.

462 **Mas como é que tu vês a instituição escola?**

463 (gaguejou) Primeiro, a instituição escola vê-se como: pessoa que vai saber. Pessoa que quer saber. Não
464 é? Há gente que tem uma obrigação ir pra escola. Mas não! Não, ou melhor, pr'além de uma obrigação é
465 um dever ir pá escola. Há pessoas que... tudo bem. A vida pode-se aprender sem escola, sem escola
466 instituição, mas com uma escola, porque a escola é aquilo que nos ensina, é aquilo, só acabando aquele
467 raciocínio de ainda há bocado da escola nunca acaba, por outro lado, nós terminamos, mudamos de
468 instituição, mas a nossa vida continua e aquela sabedoria que vamos adquirindo é, é a escola de outros.
469 Não é? Se constrói-se um novo carro. Eu vou-me interessar por aquele carro. O que é que aquele carro
470 tem por dentro? Foi porque existe uma escola, não é? e aquela escola do carro foi alguém que construiu.
471 Então aquilo que o carro me está a mostrar é a escola de outros, não é?

472 **Como é que tu consegues... tu concebes o teu percurso de vida sempre ligado a uma escola?**

473 A uma escola.

474 **A uma aprendizagem?**

475 Sim, uma aprendizagem. Uma aprendizagem que pode ser pessoal, pode ser minha. A aprendizagem
476 pode ser minha, eu posso aprender sozinho. E nós estamos sempre a aprender sozinhos. E eu, e uma
477 aprendizagem global que é quando os outros nos ensinam. Não é? O facto, o facto de, por exemplo, eu
478 defender uma coisa e a professora... um tema qualquer, defender outra, isto é escola, porque eu mostro
479 as minhas ideias e a professora mostra as suas. Para além de ser uma argumentação () a professora
480 está a mostrar a sua escola, aquilo que sabe porque sabedoria está ligado à escola.

481 **Mas tu nunca sentiste que o que havia era uma imposição daquilo que vocês tinham de aprender e
482 saber? Isso nunca aconteceu?**

483 Uma imposição eu não digo, não digo porque.... Se calhar, até ali ao nono ano, que é a escolaridade
484 obrigatória, se calhar... não! nós temos mesmo que saber isto, porque é uma obrigatoriedade, porque
485 senão não somos nada na vida, não é? e se calhar, há muita gente que pensa assim. Eu não penso
486 porque senão não continuava. Eu gostei tanto, eu gostei tanto daquela obrigação de nono ano que quis a
487 obrigação do décimo segundo ano e quis a obrigação da faculdade. Porquê? Porque, se calhar, há
488 coisas... eu aprendo mais facilmente ouvindo os outros que sabem do que, se calhar, aprender sozinho.
489 Eu podia ir pa casa, podia ir pa casa, agarrar-me aos livros, ver o que mais me apaixona, não é? As áreas
490 que mais me apaixonom e começar a ler, a ler, a ler, a ler.

491 **E como é que tu vês hoje a relação entre a escola e o mundo do trabalho?**

492 A escola e o mundo do trabalho. Aí é que está... esta coisa de, às vezes, ser a obrigatoriedade. Não é?
493 Às vezes, a escola pode-nos dizer: “não, vocês têm de vir para escola, têm de criar aquela, aquela
494 sabedoria que a escola vos dá para, depois, ir para o mundo do trabalho. A escola e o mundo do trabalho

495 hoje é muito importante, porque até no trabalho a escola, a escola, não é? A escola vai-nos dar trabalho.
496 Nós se calhar, se eu for aí, se eu, quando eu acabar o meu curso de engenharia, eu, se calhar, terei
497 emprego.

498 **Mas agora falando da escola secundária. Terminas o secundário e sentes-te preparado para**
499 **trabalhar?**

500 Aí é onde... Aí não. Com dezoito anos, que é a idade que a juventude chama a idade liberal. Não é? "Ah!
501 já posso... já sou maior e vacinado", como se costuma dizer. Eu por exemplo, eu vou falar do meu caso,
502 eu no meu caso eu não me sentia preparado. Não me sentia. Para além de não estar preparado, eu não
503 me sentia com aprendizagem suficiente para ter algum tipo de trabalho. Mas que trabalho é que eu vou
504 ter? Que trabalho com o décimo segundo ano? Tudo bem. Mas que trabalho? tudo bem. Sei falar, sei
505 falar Português. Posso ir pa trás de um balcão (pausa).

506 **Mas...**

507 Posso atender. Sei somar dois mais dois, sei somar quatro mais quatro. Não é importante. Hoje existem
508 máquinas de calcular.

509 **Mas a escola não prepara?**

510 A escola prepara. Prepara até ao ponto.

511 **Qual é esse ponto?**

512 Prepara até, é até ao ponto da transição em que ...agora... nós ajudámos até aqui, demos, décimo
513 segundo ano e secundário é uma base.

514 **E quem não quer estudar mais?**

515 Aí é que está o problema...quem não quer estudar mais, então, aí, tem que repensar. Porque quem não
516 quer estudar mais é porque quer pôr a sua escola de parte, quer entregar-se à liberdade de ele próprio e
517 dizer: "eu sou capaz de construir a minha vida!", sem estudar, sem tar dentro dos livros, porque os livros
518 não me dizem nada. Eu quero é, se calhar, o contacto com as pessoas e, e se eu quero ser ou pedreiro,
519 ou electricista, ou canalizador eu tenho é que ir pró terreno.

520 **E se as pessoas economicamente não puderem prosseguir? Como é que é?**

521 Aí é que tá um grande problema e não é um problema deles é um problema da sociedade.

522 **E não é deles?**

523 Não é deles. Eles, eles, se calha, querem prosseguir mas se não têm condições monetárias...

524 **Mas, também, podem não querer prosseguir.**

525 Mas podem não querer prosseguir, então também é um problema deles. Não só problema da soci=mais
526 que um problema da sociedade é um problema deles. Aí está a personalidade das pessoas. Se uma
527 professora, se uma pessoa diz assim: "eu não quero estudar. Não quero estudar! E sei que se eu
528 continuar pa frente eu não me sinto bem da maneira que sou", isto é da personalidade das pessoas. E
529 ninguém pode dizer: Não mas tu tens que estudar porque tens que tirar um curso pa seres, pa seres
530 melhor e maior e... hoje impinge-se muito isto. Quem tem um curso superior é melhor do que quem tem (
531). Há muitos sucessos de pessoas que não têm curso superior que são sucesso e são pessoas
532 inteligentíssimas. A escola delas foi a escola pessoal, inserida na escola global. Não é? A nossa escola, a
533 escola que eu tenho, é escola pessoal, porque também aprendo comigo, mas também tenho a escola
534 injectada pelos outros, injectada pela global, pelas outras pessoas que me rodeiam, que me explicam (..)
535 e isto é muito importante, é muito importante para se construírem boas mulheres e bons homens e pá
536 vida toda. E é mesmo. Todos os erros, os erros que nós temos, as qualidades que nós temos, os defeitos,
537 os, os pontos de interrogação que nós metemos na vida, os pontos finais que nós metemos na vida, os
538 pontos de exclamação, tudo isto é escola. Porquê? Porque é um meio de aprendizagem.

539 **Olha, e a tua família na tua vida? Como é que tu a vês?**

Ai, isso vejo, isso vejo... HOJE, viver sem família era como viver num mundo apagado. Eu fico logo assim. Porque... a família é cada vez mais importante. Eu era incapaz de viver sem eles, porque eles, sim, me deram essa escola e me dão essa escola.

E o tipo de relação, como é que tu consideras o tipo de relação que tens com eles?

Eu, é, e pr'além de filho que sou, ali são os meus amigos. São mesmo... porque... eu daquela coisa de dizer nunca menti, mas mais que amigos que eles são, são aqueles amigos que eu desenvolvi a obediência máxima, não é? Aqueles amigos que eu, também, estou pa ouvi-los. "Então, mas qual é a tua ideia?" É bom, pa um pai, o filho também dar alegrias. Não é? Porque, depois, eu quando, o meu pai diz: filho és pai serás! E era o que o pai dele dizia: filho és pai serás! Não é? Os erros que, se calhar, o meu avô cometeu, o meu pai não cometeu, mas o meu pai também cometeu, se calhar, alguns erros não é? "Olha, agora tá a ralar comigo parece, parece que é parvo, não sei quê", aqueles erros eu, se calhar, também não vou cometer com os meus filhos, mas vou cometer erros, que ele também não vai gostar, porque a personalidade muda, mas uma coisa que nunca esquecemos é agradecer a eles. Porque se eu sou o que sou hoje, não é? Também o devo muito a eles. Porque um pai não quer o mal de um filho. agora, tá na capacidade do filho saber o que o pai quer que ele, o pai e a mãe quer que o filho sejam e dizer assim: Não, mas realmente eu gosto de ser assim e não tou assim só pra dar alegrias aos meus pais, mas se realmente os meus pais disseram: é bom que vás por este caminho. Olha que aquele caminho é mau, mas nós não te queremos prender. Não é? Os meus pais não me disseram: vai pra engenharia Electrotécnica porque engenharia Electrotécnica é que é! Não! É mesmo...O meu pai queria sempre que eu fosse pra engenharia Electrotécnica, mas eu (..) coincidiu a minha paixão também, não é? E ver que também me interessava a área de engenharia e principalmente Electrotécnica de ver ali aquelas coisas e não era pelo meu pai me injectar as decisões, não! O meu pai deu a sua opinião: olha gostava... assim como deu à minha irmã pra ela ir pa enfermagem e não foi. Mas aí ela também não tinha paixão agora, eu não sou bom filho por ter ido pra uma coisa que o meu pai gostava. Não é? Eu sou bom filho por nunca lhe ter dado nenhum desgosto, ou, ou melhor, por não lhe ter, nunca lhe ter dado nenhum desgosto caído, não é? Eu não, claro que eu não me levanto de manhã e deito-me sempre a pensar: será melhor um desgosto... Não, não porque é mesmo da minha vida. Agora quando eu errei (...) quem tava na fila da frente para me dizer: "tiveste mal!" eram os meus pais! Isso é muito importante. Isto, isto como, como pessoa que sou hoje então digo, então é verdade, quando errar outra vez eu sei que vou lá contar com os meus pais. E não, e cria-se a ideia daqueles dezoito anos como eu falava ainda há um bocado com a professora, dos dezoito anos sou maior e vacinado. Até podemos responder aos pais ah, com dezoito anos a gente já pode dizer ISTO, ISTO E ISTO precisamos mudar de casa ()... e isto é muito mau porquê que os pais... é tão bom naquelas recaídas que também nós temos com dezoito com dezanove, com vinte, com vinte quatro, com vinte e seis, com trinta anos os nossos pais estarem lá "acho que agiste mal!". Tudo bem que nós já somos mais crescidinhos e somos autónomos, mas "acho que agiste mal. Podias ter ido assim. EU ACHO QUE PODIAS TER IDO, eles até dizem agora "Eu acho que tu podias ter ido assim! não é? eles até ali aqueles, aquilo pra nós dezoito, vinte anos, não é? eles Pedro, tens regras, Pedro não sei quê, Pedro olh que vives dependente e depois quando nós somos autónomos, criamos a nossa vida, a nossa base tá feita, não a casa, mas a base, a tal dos amigos, mas agora, mas agora a vida pessoal. Eles ajudaram-nos a construir a base, essa base é a escola, essa base é a educação essa base é aquilo que vai sustentar a casa pa casa não cair. Porque se eu tivesse uma má educação, se eu fosse mal educado, se eu agisse mal, se pra mim a vida fosse uma, uma frustração enorme, essa casa andava sempre aos balanços, cada pilar, cada tijolo que eu punha na casa... a casa iria ficar mal construída. Porquê? Porque o tecto tava, assim, cheia d'ondas, houve desequilíbrios, não é?

584 A tua casa não ia ser... direita, coesa, lisa, com o formato adequado a que uma casa (se diz) para ela não
585 cair.

586 **Tu sentes que a tua casa foi bem construída?**

587 E eu sinto que a minha base foi muito bem construída e sinto que os pilares da minha casa foram muito
588 bem construídos.

589 **Vamos falar um bocadinho do núcleo.**

590 Vamos falar um bocadinho do núcleo

591 **Como é que o núcleo aparece na tua vida?**

592 O núcleo aparece na minha vida como, como...

593 **Primeiro, tu participaste no núcleo desde quando?**

594 Desde que ele começou. Fui a uma aula de DPS. Ham? E participei no núcleo. Quando ele acabou e
595 quando eu vi: Eh pá! Mas eu gostei tanto daquela aula! Atão....não... temos que formar uma coisa
596 qualquer. E quando a professora com o seu entusiasmo, a professora mostrou o entusiasmo e todos nós
597 távamos: "Eh pá! mas é tão bom aqueles momentos que nós lá estamos. Vamos...

598 **Mas porque é que eram bons aqueles momentos do DPS?**

599 Ai, eram bons (enternecido) porque ali pass..., ali foi... só mudou o nome, o nome da disciplina para
600 núcleo.

601 **Não, mas quando havia o DPS...**

602 Quando havia o DPS era bom porquê?... Porque falávamos ai de coisas, não falávamos de, de, de dos
603 problemas que havia. Não! Nós falávamos nos problemas que existiam. Que existiam nas nossa vidas.
604 Nós chegávamos lá e dizíamos assim, e era engraçado isto, lançava-se o ..., lançava-se o tema, lançava-
605 se o tema, falávamos, punha-se à mesma, é por isso que eu digo. É igual. Só mudou o nome. Lançava-se
606 o tema e era engraçado porque havia choro, havia risos, mas nada saia dali. Eu ainda participei, ali, nas
607 últimas, em se falava do DPS acabar e eu comecei-me a aperceber de que realmente, o quê que era
608 aquela família.

609 **Mas tu não te tinhas inscrito em DPS?**

610 Não.

611 **Aaaah!**

612 Eu tinha-me inscrito em Moral.

613 **E foste assistir, porquê?**

614 Foi no final, porque pedi, à professora, se podia assistir. Fui, porque, depois, também ouvia os outros que
615 tinham, tinham, tinham conversado e vi que eles tavam todos entusiasmados e eu: "Oh! Será que eu
616 posso ir assistir a uma?" e foi...

617 **Mas o quê...**

618 Mas aquela conversa que nós tivemos foi mais acerca disto: isto vai acabar e temos de ...não sei o que
619 vai ser pr'aqui de diante, não é? Mas o quê que eu me apercebi ali? Que aquilo existia ali uma grande
620 família! Os alunos que a professora tinha lá, em DPS, era uma família, a qual eu me sentia bem e sin, e
621 tinha a certeza se entrasse nela sentiria-me felicíssimo.

622 **Daquilo que tu ouvias falar ou... do entusiasmo dos outros... o que é que tu achas que os
623 marcava?**

624 Marcava a generosidade do grupo. E atenção, a generosidade não é só... ser generoso ser, dar alguma
625 coisa ou receber alguma coisa, também há a generosidade de compreenderem-se uns aos outros e a
626 amizade que existia ali. Aquilo era como um cordão. Não é? QUE NÃO ESTAVA FECHADO! O cordão.
627 Não é? Que transpor... que um ajudava, que outro ajudava o outro, que outro ajudava o outro, que outro
628 ajudava o outro, como ali um circuito ligado, não é? Que tudo o que lá passa, passa uns aos outros.

E o que é que fazia com que esse espírito se gerasse?

Aí, aí eu acho que a personalidade de cada um conta. Não é? E aquilo que, à medida que ia, sessão após sessão, ou melhor, aula após aula de DPS. Não é? Existia sempre... uma maneira de pensar diferente. Nunca a maneira de pensar era igual. E nunca se ... saía-se dali, DE CERTEZA ABSOLUTA, hum? DAQUILO QUE EU OUVIA, daquilo que eu depois fui presenciar, nunca se saía dali da mesma maneira de que se entrou... não é? E depois daí, agora fazendo eu o pilar para o núcleo (..) então aí o núcleo quando começou, e viu-se logo! Quando Nós quisermos. NÓS! Atenção. Nós, o grupo que já existia no DPS, e eu vim de fora e dizia: Não! EU QUERO, eu vou pertencer àquela, porque eu sentia-me bem. E NÃO HAVIA RAZÃO pa não pertencer, não é? Agora, eu quero pertencer ali. E se existe ali uma (causa) eu pertenço aquela família. Eu tenho que entrar lá dentro. Não é? Então quando começou, eu lembro-me mais é, sem dúvida, eu lembro-me mais, da história, do começo do núcleo, disse: "Eu vou também! Eu vou acompanhar aquilo desde, desde o início (riso de orgulho). Custe o que custar." Não é? então, aquela recolha de assinaturas, a primeira, aquela, aqui, aquilo fo, foi (gaguejou) o máximo. Eu, eu até disse ao Fábio, que o Fábio andava com um papelinho: "posso assinar três ou quatro vezes?" (muitos risos). Eu lembro-me de dizer isto "posso assinar três ou quatro vezes?" se puder assinar mais melhor, não é? Mais assinaturas, mas (..) ah... aí (estalido com a língua) nós não sabí, é sempre aquela coisa, não sabemos o que é que vem depois. Podia ser uma enorme vitória pra nós ou podia ser uma enoorme derrota pra nós (baixou o tom de voz). Não é?

Mas houve empenho!

Mas houve empenho! E as vitórias fazem-se de empenhos

E o núcleo avançou!

E é isso, as vitórias fazem-se (..) (riso) de grande empenho, não é?

E só pa você ver aquilo que eu disse ainda há bocado. A escola... e a base. A base veio de tempos anteriores" não! Nós queremos isto, porque isto é importante pá nossa vida. A TAL LINHA, a linha que nós construímos na nossa vida passa pelo núcleo. E o núcleo vai ser, o núcleo vai ser vai ser o catalizador pa essa linha, pa nos endireitarmos mais naquilo que queremos. E ali sim, não é? O núcleo quando, o núcleo depois daquela enormíssima...ali ver as, as... cada um tinha uma folha imprimida de assinaturas "e queremos o núcleo!" e depois a professora também, via-se o entusiasmo também da professora e isso também, também é muito bom! Nós vemos também uma pessoa mais velha com entusiasmo de aturar depois os mais novos, não é? Mas dizer: Não, nós temos... aqui... eu sempre vi isto desde o início: "Isto é uma família!", isto é uma família e eu disse... da primeira vez que o núcleo avançou eu lembro-me disto... quando entravam pessoas, eu dizia sempre: é uma família! O núcleo é um espaço nosso. O núcleo rege-se pela igualdade, aqui não é, ninguém é diferente, ninguém nem é mais do que ninguém. Aqui rege-se a igualdade e isso sim foi uma, rege-se a igualdade e tudo o que tá cá dentro não sai lá pra fora. Mesmo Isto é uma família. Nós não podemos andar aí a contar isto, isto, isto, porque vai, porque nós ainda não sabíamos que se iria tratar, depois quando nós fomos dizendo isto é que começámos a aperceber que realmente não podíamos contar do que se contava lá dentro. Porque, aquilo era mesmo uma família ligada pelo mesmo circuito, não é? Energia era o que se via ali, mas também um grande respeito. E casos... que passaram lá! Não é? Aquela, aquilo que ao princípio nós dizíamos: "tudo bem, agora vamos criar uma perspectiva do núcleo. O que é que queremos no núcleo? O quê que o núcleo é? E daí aquelas, aquelas fotografias. A janela aberta. A janela aberta pra quem? Pró mundo! O núcleo não é um espaço fechado ... em que só se fala... aqui de nós! Não! O núcleo é um espaço fechado com uma janela aberta pró mundo que nos rodeia. Nós não somos pessoas sozinhas. Nós somos pessoas únicas atentas ao mundo que nos rodeia. Isto vem da personalidade de cada um. Houve pessoas, houve pessoas a entrar... no núcleo e a sair. Nunca mais lá voltaram.

674 **Porquê que achas...**

675 Isso é a personalidade. E não é por aquela coisa de dizer: "Ah! Hoje, falaram não sei quê". Não! Porque
676 só quem acompanhou de início e mostrou... aquilo que realmente era o núcleo é que viu que aquilo era
677 uma família. E a família tem de ouvir primeiro. A fa, aquilo, aquilo não era jogar à, à força, nem jogar à
678 cabra-cega, nem jogar à malha, aquilo era falar, aquilo era a escola... dentro de uma escola. Porque
679 aquilo era a escola que, para além do ensino...da Língua Portuguesa, da matemática, era a escola da
680 vida, não é? Porque era cada caso... ali traçavam-se ideias, traçavam-se rumos... não é?

681 **E porquê?**

682 Ali era o mom... porque, isto é importante de dizer. Começou em DPS, é verdade, por uma maneira de
683 ver as coisas, de ver a vida, de ver o mundo, passou pó núcleo, o núcleo era aquelas pessoas... que
684 queriam falar... do mundo que as rodeiam e da personalidade de cada um, que conquistou aquele mundo.
685 Atenção! Aquela coisa da igualdade, o núcleo era, o núcleo ...era... existe a família dos pais dos filhos,
686 dos primos, dos tios o núcleo era aquela família de amigos. O núcleo era a família... porque... entrava-se
687 lá, eu pelo menos falo por mim, não se saía da mesma forma e o núcleo deu-me uma coisa a perceber é
688 que... construiu o que sou hoje... a perspectiva de visionamento do que sou hoje... e deu-me a aperceber
689 uma coisa... é que no meio de tanta exorbitância, às vezes, de querer, de querer... exigir... mais em
690 termos monetários e em termos de exigência pessoal, se calhar, de querer derrubar os outros e passar
691 por cima, porque quero dar nas vistas isso, isso não é bem assim. O núcleo deu-nos a entender que...
692 igualdade tem de predominar. Igualdade. Atenção. Igualdade em termos de, de afectos! Eu posso dar
693 afectos à professora como a professora me pode dar a mim. Isto cria uma igualdade. Agora, não sou eu
694 que tenho que dar afectos porque eu não preciso de afectos! Sou mais! Não! Cada traço que se traçava
695 ali no núcleo... era um traço diferente de outro, não é? e um traço que levava vários traços à frente pa
696 carregar aquela ideia que nós tínhamos. Eu, se ia lá expor um problema aquilo era como, aquilo era: o
697 escritório, em que está lá, em vez de estar lá um psicólogo, estão vários psicólogos e nós dizemos assim:
698 amigo: agora substituindo o psicólogo pelos amigos, nós dizemos: amigos, aconteceu-me isto. Hoje sinto-
699 me mal. Então, era aquela família (...) para além de ser a família de sangue, era a família de amigos.

700 **E qual era o papel desses amigos?**

701 O papel desses amigos não era só ouvir! O papel desses amigos era ouvir, não é? Responder, mas
702 atenção! perguntar-se a si próprio e exclamar-se também, fazendo exclamações. Porque nós nunca
703 podíamos estar ali, assim de braços cruzados ao ouvir o que o outro dizia ser: "olha, isto é assim, assim,
704 assim" e depois daquela coisa. Pronto. Tudo bem! Agora já lhe respondi! Arrumei. Agora o que eu
705 sempre defendi é que cada caso que, às vezes, falávamos lá, não só o ouvirmos, o que eu recordo do
706 núcleo é casos que vão lá, desde choros... desde risos, e que me faziam pensar quando eu ia pra casa, e
707 isso sim, isso traçou também, e ajudou a traçar a linha que eu tenho na minha vida, não é? Agora Isto é
708 importante dizer: aquela, aquela, às vezes, aquelas pessoas, que vão lá, aquelas pessoas como eu tava a
709 dizer, que entravam e saíam, se calhar, não se apercebi bem o qu'ê que era aquilo! Ou não
710 apanharam, se calhar, a conversa necessária e, às vezes, nós estranhávamos e não tínhamos bem a
711 certeza se "Uma pessoa nova! tem à vontade pa contar... alguma coisa?"

712 **Mas vocês aceitavam bem as pessoas novas?**

713 Sempre. Sempre. Sempre e isso também na família (demonstrou).

714 **Sentias que havia preconceito?**

715 Preconceito. Eu não sentia que havia preconceito, mas sentia que, às vezes, poderia haver ali...
716 uma....omitir alguma verdade. Omitir alguma verdade, às vezes, ... as novas..., às vezes, quando
717 chegava a pessoa eu interrogava-me será..... será que eu estarei à vontade pa falar disto? () com o
718 mundo que me rodeia eu estou cada vez mais a fugir do catolicismo, até que HOJE ! Acredito que há,

719 acredito que haja () tenho a minha fé! Acredito naquilo que é, que é responde, não é aquele deus
720 global, mas () mas realmente a Igreja católica... lembro-me que aí tinha, não era o preconceito, se
721 calhar, de eu falar, era o medo do que poderia dizer.

722 **Mas porquê?**

723 Porque, às vezes, podia não ser bem aceite, bem aceite a minha opinião. Agora, isto foi no início do
724 núcleo! Depois da família, de estar carregada e tarmos todos à vontade uns com os outros, já podíamos
725 dizer aquilo que dizíamos. Daí aquele à vontade. Daí aquela vez, daquilo, da Débora e atenção! Foi no
726 núcleo, ela disse. ELA NUNCA ME TINHA DITO, NEM QUANDO EU ESTAVA SOZINHO COM ELA!

727 **Mas que condições é que se geravam ali para que isso acontecesse? Para que as pessoas**
728 **falassem dessa forma...**

729 Porque através... desenvolveu-se essa família e estávamos ali quase num... num frente a frente, não é?
730 em que, as pessoas, que eram aquela família, estavam a testemunhar, e realmente ela poderia ter dito
731 aquilo, não é? E as outras dizerem: mas eu também acho. Olha, eu também acho! olha também acho.

732 **E havia respeito?**

733 E havia respeito. Eu não fiquei zangadíssimo com a Débora.

734 **Tu achas que as pessoas tentavam impor as suas ideias e as suas maneiras de ver?**

735 Impor talvez. Eles impunham as suas ideias, mas tinham uma grande capacidade: era de ouvir as ideias
736 dos outros e não pôr as suas ideias à frente das ideias dos outros. "Não! A minha ideia é esta e esta". Se
737 alguém dizia... defendiam as suas ideias como eu defendi, também, lá, muitas vezes, as minhas. Quando
738 a Débora disse aquilo:" Ah! As vezes, tu és graxista p'ós professores, és muito graxista e não sei que". E
739 eu digo, eu disse logo aquela resposta de: "Se confundes graxista com simpatia é uma coisa tua!"

740 Eu! Agora, aquilo, atenção! Foi uma crítica construtiva, não lhe levei a mal, foi uma opinião dela até, mas
741 eu respondi-lhe com a mesma, respondi-lhe aquilo que eu sentia.

742 **E vocês depois não voltaram a falar sobre isso?**

743 Não, nós voltámos. Depois até, depois até quando saímos e tudo e depois houve aquela coisa () ainda
744 me lembro, depois foi com a professora Sandra Mateus, de Matemática, depois eu cheguei ao pé dela e:
745 Olha fui lá só tirar uma dúvida de um exercício, não fui ser graxista. E ela ria-se pra mim e eu também.
746 Mas atenção! Aquilo ficou a moer em mim só que depois eu pensei assim: () graxista pra mim era como
747 se fosse um defeito." Eu não sou assim, então... não sou assim! não sou! Bom, não é por isso que eu
748 tiro...agora, eu gosto de ser simpático! O quê? Vamos criar barreiras entre o professor e aluno? Tudo
749 bem! É professor e é aluno. O que separa é o respeito. Agora nada me impede de ser simpático para,
750 para a professora. Claro que há professores () eu seria e sou, se calhar, mais simpático pra uns do que
751 pra outros! Mas, se calhar, foi aqueles professores que, também, me deram mais condições pra eu o
752 tratar melhor e não criar aquela barreira, o professor fecha a cortina, aqui é professor, aqui é aluno, eu
753 sobreponho-me a tudo.

754 **Mas ainda há um bocado tu disseste que ias pra casa e ias a pensar em coisas que se tinham lá**
755 **passado...**

756 Em, em, em coisas que, às vezes, se passavam quando, por exemplo, quando a professora, quando foi lá
757 uma professora de Português, mas ela foi lá dizer que um aluno tinha dificuldade em integrar-se e ali
758 quando nós dissemos, eu lembro-me muito bem, nós dissemos: "Esteja à vontade. Traga esse aluno cá
759 que nós recebemos!" Foi muito importante saber, e aí, sim, outro grande nível que o núcleo subiu, que o
760 núcleo não era só pr'ós amigos, não era só de exposição prós alunos, o núcleo era de todos os que
761 quisessem expor ou melhor, quisessem ajudar. É quase como, o núcleo é quase como uma religião em
762 que nós tanto, não uma religião, atenção, não é uma religião daquelas de nós ajoelharmos e dizemos:
763 Não! É este o nosso profe...Não! Era ali, atenção, como no catolicismo, acreditam todos na mesma coisa,

764 Nós, nós também acreditávamos, acreditávamos que podíamos ajudar. Que poderíamos ajudar, pois,
765 senão, qual era o sentido de nós estarmos ali a falar das nossas coisas? Só pra quê? Uma mera, uma
766 exposição? Dizer eu sou assim e quero ser...Não! Nós contávamos, porque, também, queríamos ouvir do
767 outro lado!

768 **Então quer dizer, era... a valorização da vossa experiência de vida? Ela ali existia, no núcleo?**
769 Existia!

770 **E na escola, em geral? Tu sentes que há a valorização da, da experiência de vida?**

771 Existe. Existe, mas de maneira diferente. Na escola, em geral, vêem-nos como o aluno que quer aprender
772 e que quer seguir a sua vida, ser ALGUÉM. A valorização da experiência de vida no núcleo era de outra
773 forma. Nós estávamos ali para ouvirmos uns aos outros e aprendermos uns com os outros.

774 **Era isso o que eu ia perguntar, o que é que se aprendia ali?**

775 Uns com os outros. Aprendíamos uns com os outros. Aprendíamos a experiência de uns, aprendíamos a
776 experiência dos outros, não é? Aprendíamos a experiência comum, não é? Em que... depois nós
777 dizíamos: "ele tem razão! Eu fiz mal em ir por ali e posso ir pelo outro caminho! E se eu for pelo outro
778 caminho estão eles lá pr'ajudar". Eu tirei grandes amizades dali. O Ruben Maia. Onde é que eu conheci o
779 Ruben Maia? No núcleo! O Ruben Maia. Eu vejo-o na rua: "Oh pá! Dá cá um abraço! Como é que tas?".
780 Porquê? Porque eu, ali, conheci-o muito melhor. Conheci-o muito melhor. Se calhar, se não existisse o
781 núcleo eu conhecia o Ruben Maia de turma, de, de outra turma. "Olá. Tas bom?" ali o núcleo é o sítio
782 fechado, sempre com a janela aberta, com a porta aberta () mas sempre ali como se constituía a família
783 e a família foi aumentando, aumentando, aumentando, aumentando, mas e atenção! Se eu estou aqui a
784 contar isto é porque me marcou. Eu entrei e não saí. Eu entrei e quis lá ficar.

785 **E achas que no núcleo aprendeste coisas que te vão servir na tua vida?**

786 Vão servir... muito mesmo! (riso) Aliás, grandes, os pilares que eu construo na casa, depois da base, faz-
787 se, faz-se atenção! Dos seis anos de núcleo que eu tive... seis anos de núcleo, seis anos de escola! Mas
788 as grandes (riso) as grandes? Desde o voluntariado, o voluntariado pra mim foi o catalizador... pa vida
789 que eu tenho hoje! se eu hoje, se eu hoje, Eu agora vou dar o salto e aqui ligar as coisas. Eu estou
790 interes=claro que era o bichinho da política! Não é? O bichinho da política. Mas, o...hoje as pessoas
791 dizem só: "oh! A política é tacho! Quer é tacho...

792 **Como é que surgiu o bichinho da política? Tu já o tinhas?**

793 Eu já o tinha só que não tava desvendado. O bichinho tava a dormir (muitos risos). O bichinho tava a
794 dormir. QUIETINHO! O rapazinho queria lá.... agora, eu comecei-me a aperceber duma coisa: este
795 bichinho tem que acordar!

796 **Quando é que te apercebeste?**

797 Eu apercebi-me aos dezasseis anos! Quando me filiei (riso).

798 **Mas como é que te surgiu isso?**

799 Surgiu ... pra já, porquê? Foi...foi uma coisa ali...momentânea, porque foi uma coisa que eu disse eu
800 quero, eu pa continuar a ser feliz eu preciso disto, então eu vou fazer isto. E mais do que tudo, não foi
801 ninguém que me levou pra lá, atenção. Fui eu que fui pelo pé próprio. Sou eu que fui buscar a ficha pelo
802 pé próprio e foi preenchida pelo meu próprio, fui eu que a preenchi. Fui entregá-la e disse:"É isto que eu...
803 e atenção! Eu podia tar ali e nem ligar a nenhuma. Agora eu disse: eu tenho que marcar diferença. Eu
804 quero isto! e sei que posso, um dia, dar mais!

805 **E tu achas que a escola, ou o núcleo, contribuíram para essa decisão?**

806 Ai isso sim. MUITO! Porque os seis anos que eu tive na escola deram-me contacto com as pessoas e o
807 contacto com as pessoas dá sempre uma maneira de saborear o que as pessoas dizem. In-indignação! A,
808 a, às vezes, a maneira de ver das pessoas isso, isso depois tudo juntado dá... é tão giro ver o que a

809 sociedade quer!... Não é? Que nós, às vezes, pelo meio temos que defendê-la. Não é? Eu posso fazer
810 isto! Eu posso expor estas ideias! Eu posso expô-las como cidadão, mas posso expor como cidadão num
811 meio próprio, porque sou visto de outra maneira. Eu sou visto como cidadão, mas sou visto como alguém
812 que tem uma responsabilidade. Não é? Porque um político, claro que eu não sou político, mas um
813 político, não é? Deve defender argumentativa, com argumentação, não é? Aquilo que são as ideias de
814 quem vota nele, ou, ou que são as ideias que ele defende e que o povo transmite, que a sociedade
815 transmite. E eu sinto que, eu sinto que sou capaz de estar em contacto com as pessoas e dizer: você tem
816 toda a razão! E pode crer que no sítio certo, à hora certa eu direi isso que você disse. Eu não, eu não, eu
817 não sss, eu por exxx, aquilo no Centro de Acolhimento foi, pra mim, uma grande, grande cataliza... o
818 voluntariado. Foi e () todos os que têm este bichinho de defender os problemas e defender , e olhar
819 pr'ós problemas da sociedade, ver quais são os problemas da sociedade, arranjar soluções, que é o
820 qu'hoje, hoje é difícil, arranjar soluções é muito difícil, hoje, porque ninguém quer arranjar soluções! Toda
821 a gente vê os problemas da socie...eh! Olha, há aquilo. Pronto! Pronto.

822 **Mas estavas a falar do Centro de Acolhimento.**

823 Vivemos este problema na sociedade. Agora, o Centro de Acolhimento deu muito bem, porque interrogou-
824 me pa vida.

825 **Quando lidaste com aqueles miúdos?**

826 Quando lidei com aqueles miúdos. E quando lidei com um miúdo que é o João, que tinha vinte e quatro
827 meses, e ele tava recolhido num canto, ao pé da janela, de joelhos, não é? E eu, normalmente, numa
828 grande festa, e ele era novo. Tinha chegado ali E era sempre uma grande festa quando vinham todos
829 ter...

830 **Era novo lá?**

831 Era novo lá. Ansiavam pelos sábados, porque aos sábados íamos la ter pa brincarmos, pa irmos ao
832 parque, pa irmos a todo o lado. E o João ali quieto. Agora era nosso dever ir ter com o João. E eu fui. Isto
833 é a pura das realidades. O João, claro que não me ligou nenhuma, mas foi quando eu, ele tava assim
834 todo arranhado, com um inchaço aqui, aqui do lado direito. Foi quando eu... cumprimentei-o, assim, com
835 um beijinho na testa e ele agarrou-se a mim! Eu achei isto formidável! Foi quando a cria= foi quando a
836 pessoa, a auxiliar, agora não me lembro o nome, mas a auxiliar tava lá: "Ah! Você não leu hoje a Gazeta?
837 Eu não! Ah! Aparece lá, logo nas primeiras páginas: criança de vinte e quatro meses espancada pelo pai,
838 aaah, maltratada pelo pai". Essa criança era, era aquela que tava a abraçar. Claro que chorei muito. É
839 verdade.

840 **Que idade tinhas?**

841 Ah! Eu tinha 17 anos.

842 **Tu fizeste voluntariado de quando a quando? Lembras-te?**

843 Eu fiz voluntariado durante três anos. Eu no décimo segundo ano...

844 **Ainda fazias?**

845 Não se fazia, porque deixou-se de fazer porque o director não quis que houvesse mais voluntariado.

846 **Pois.**

847 Eu fiz durante três anos voluntariado e... foram... muito bom e tive muita pena. Pronto, acabou, acabou.

848 **Mas isso despertou-te...**

849 DESPERTOU-ME A ATENÇÃO PARA AQUILO QUE EU HOJE DEFENDO. E quantas ideias atenção,
850 ATENÇÃO, quantas, quantas e isto é a pura das realidades e quem e é só aí ver, porque isto está tudo
851 escrito, é só ver a acta (riso) disto. Eu, cada exemplo que dou pá sociedade, que nós discutimos, não é?
852 Se cada, se nós... somos uma juventude, partidária, não é? Cada um tem uma pasta. Mas nós não
853 estamos ali só pa dizer: "Olha, há eleições!". Não! Nós estamos ali pa estarmos atentos e FALAR sobre

854 os problemas que existem. Eu dou os problemas disto! Agora pra campanha que houve, disto do
855 referendo! Eu dei os exemplos que tive no Centro, no Centro de Acolhimento! Dei! Porque ISSO SIM!
856 Porque eu senti aquilo na pele e senti, realmente, que crianças que se, crianças que, tão novas, sabem o
857 que é sofrer.

858 **Mas esse confronto ajudou-te...**

859 Ai ajudou, ajudou a definir aquilo que eu quero da minha pessoa. Não é? E dar importância, eu a partir
860 dali dei importância a, a, às mínimas coisas.

861 **Porquê que tu foste pró voluntariado?**

862 Olhe, eu fui pró voluntariado porque... senti uma grande vontade em ajudar e ali criou-se... e daí a
863 personalidade outra vez. Eu carrego muito, porque é verdade, eu sei que há pessoas que não gostam do
864 voluntariado, acham que não aprendem nada, pra mim não. Eu sentia que tinha que fazer, eu sentia que
865 na minha vida tinha, de alguma vez, de fazer. Portanto, eu fiz no jardim-de-infância e gostei muito. Nunca
866 faltei a nenhum.

867 **Todas as semanas?**

868 Todas as semanas. Fui ao Centro de Acolhimento todas as semanas, até ia ao sábado e ao domingo,
869 porque eles me pediam. Mas não foi perca de tempo nenhuma. Foi ganho de tempo. E tudo o que eu
870 pudesse, eu levei muita roupa lá.

871 **O que é que ganhaste?**

872 Eu ganhei muita experiência de vida e aprendizagem também. Aqueles miúdos que são mais novos que
873 eu ensinaram-me muita coisa na vida que é, que é digno de se aprender. Aquelas crianças, aquele sofrer,
874 ser, ser pequeno e olhe e aquele ser pequeno ensinou-me que... o muito, às vezes, não é... nada, o
875 querer muito, o simples querer, porque nós podemos querer, mas... também temos de saber esperar e,
876 hoje, o grande problema, agora, da juventude e desta... eu tenho primos e tudo e que digo, mas porquê
877 tão apressada, eles, às vezes, até dizem que eu sou cota. "Ah! Tu pareces um cota!". Tá a ver? Porquê?
878 Porque eu já penso...eu penso assim! CUIDADO! Temos que saber esperar! Isto, também, pela
879 educação que os meus pais me deram. Saber esperar é uma virtude. Não exigir. Saber é uma virtude,
880 saber esperar é outra. Temos de saber esperar, porque... eu, se peço uma bici=se eu tenho uma, pra quê
881 que eu quero outra bicicleta? Porquê que eu, se calhar, não poupo o dinheiro e um dia dou uma bicicleta
882 ao que, se calhar, precisa mais? Quantas vezes, eu, quantas vezes, eu levei roupa pr'o Centro de
883 Acolhimento? Levava doces pr'o Centro de Acolhimento e muitos desses doces, que eu ia comprar, eram
884 pagos com a semanada que os meus pais me davam. Eu não dizia ao meu pai: "Dá aí dinheiro pra eu ir
885 comprar rebuçados!". Não! Eu ia e não dizia a ninguém que dava... ah! Ah! agora aqui...que eu levava os
886 rebuçados, nem nada, porque eu acredito que a generosidade é generosa quando não se diz. Fica entre
887 o destinatário e o remetente.

888 **Então, se o núcleo acabasse...**

889 Se o núcleo acabasse....

890 **O núcleo existe, não é?**

891 O núcleo existe.

892 **...mas vamos por esta hipótese: se o núcleo acabasse na Raul Proença, achas que se perdia**
893 **alguma coisa?**

894 Perdia-se. Perdia-se a existência de vida (riso) que foi o que nós construímos lá dentro. Porque aquele
895 núcleo, que nós saímos de lá, eu, um dia, tenho a ambição de lá voltar. Eu acredito, eu acredito, acredito
896 e aquilo que nós vamos fazer pá semana, juntarmo-nos aqui, é o núcleo. É o núcleo. Então não acabou.

897 **Então, se o núcleo acabasse?**

898 Não havia nada disto. Nós guardávamos as nossas recordações... aquele álbum pa nós construirmos ao
899 longo da vida. O núcleo tá lá, mas é bom que à medida que vamos desfolhando as folhas e vamos
900 escrevendo aquilo que vamos construindo ao longo da nossa vida, nós dizemos sempre “e continuo, e
901 continuo a pensar no núcleo e o núcleo ajudou-me aqui, agora o núcleo ficou ali e agora a nossa vida
902 tudo bem. Esquecemos o núcleo, esquecemos tudo e ESTA FAMÍLIA ficava ali. Ficava ali... o núcleo
903 acabava, não havia os encontros, não é? Não é só agora porque precisámos de juntar. Não! É que o
904 núcleo existe! E SE CADA PESSOA VIER AO NÚCLEO MOSTRAR O ENTUSIASMO QUE ESTÁ A
905 MOSTRAR É UMA PESSOA EM QUE O NÚCLEO ESTÁ DENTRO DA VIDA DELA, ESTARÁ, SEMPRE,
906 NA VIDA DELA E CONTRIBUI MUITO PRÁ VIDA.

907 **Achas que estará sempre? Não é uma coisa que se esquece?**

908 Olhe, eu não. Eu falo por mim. Eu não esqueço! Não esqueço porque, como já disse, se sou o que sou
909 hoje, passa pelo meu passado, o meu passado passa pelo núcleo e contribui muito. Este (ponto h) vem
910 donde? Vem do núcleo. Esta minha maneira de visionar aquilo que quero, aquilo que penso, aquilo que
911 quero e penso, vem do núcleo. Por isso, eu nunca poderei esquecer o núcleo. Nunca!

912 **Tu alguma vez te sentiste diferente dos outros por participares no núcleo?**

913 Não diferente. Não diferente como ser, mas diferente como pessoa.

914 **Tinhas essa noção?**

915 Tinha, porque me sentia mais realizado. Porque às quartas-feiras quando entrava dentro da porta da sala
916 dez ou da sala dezassete, não é? Ali, ia-se viver um momento único, um dia único e uma semana única.

917 **E sentias vontade de convidar outras pessoas?**

918 Sentia! E convidei! Tenho pena de algumas pessoas que, se calhar, se calhar, foram lá não tivessem, não
919 tivessem gostado e ambicionado, porque é da persss, isto é muito da personalidade das pessoas e
920 daquilo que queremos. EU! Eu, gostava muito que tivesse recebido as pessoas todas, gostava de
921 receber, eu gostava muito que elas interagissem também. Umas pessoas mais fechadas, outras pessoas
922 com ânsia de falar porque, se calhar, não conheciam determinadas pessoas, mas o núcleo fez isto de
923 conhecer primeiro as pessoas. Claro que nós não pedíamos à pessoa a primeira vez que lá fosse: “Então,
924 o que é que se passa na tua vida?” Não!

925 **Achas que a confiança era importante?**

926 Muito. Sem dúvida! Amizade, respeito e confiança. Eram os três pilares do núcleo. Se um destes
927 falhasse, falhava tudo. Se a confiança falhasse, também não havia o respeito. Se nós não confiamos na
928 pessoa... quase que não falamos com ela!

929 **Mas podia correr-se o risco das pessoas falarem.**

930 Podia-se, sim senhora.

931 **Isso aconteceu em seis anos?**

932 Acho que cada pessoa que lá entrou e ficou viu que estes eram os três pilares máximos e aperceberam-
933 se: “É isto!”

934 **Tu achas que te tornaste uma pessoa mais confiável e a confiar mais nos outros?**

935 Eu aprendi como pessoa... que temos que ouvir sempre os outros pra termos a tal confiança que nós
936 precisamos. Eu não sou pessoa de dar, assim, a minha confiança logo 100%. O núcleo o que deu foi:
937 conhecer bem as pessoas, adquirir uma confiança e depois, aí sim, uma amizade. Fui lá como pessoa,
938 como participante do núcleo, desde sempre, desde qu’ele, desde qu’ele, desde qu’ele foi fundado eu senti
939 que a todas as pessoas do núcleo que eu conheço hoje e me dou bem, essas pessoas mereceram a
940 minha confiança e vão merecê-la até ao fim. Porquê? Porque, se calhar, se houve ali...houve uma
941 determinada fase que, realmente, quando acabou... e aqui é que está... isto é a meu ver, e mesmo
942 ao fim de uns anos...

943 **Quando acabou?**
944 QUANDO ACABOU, NÃO! Quando acabou, quando nós saímos acabou, não é? Quando acabou o núcleo
945 fisicamente pra nós, mas não psicologicamente, porque o núcleo estará sempre dentro de nós.

946 **Mas tu não continuaste a lá ir?**
947 Eu continuei. Eu ainda fui lá, ainda fui lá, ainda estava lá a Rita e muitas. ATENÇÃO! Como é que, como
948 é que eu posso esquecer do núcleo se tenho uma rapaziada a quem fui dar, substituir, as aulas de
949 Matemática que continua a lembrar ...o doutor Pêssego? Hoje vêm-me na rua com isto. Os mais
950 pequenos! Doutor Pêssego! (...) Não posso esquecer isto! E não me sinto nada...aquela experiência, pra
951 mim, foi ótima. FOI SENTIR, olhe tá a ver? Foi sentir aquela escola. Não, mas sabe, foi aquela escola de
952 que eu ainda há um bocado falava e eu agora estava a demonstrá-la aos outros. Foi no 12º. E Contribuiu
953 muito pra mim. Contribuiu pra eu estar em frente a uma rapaziada em que eu ralhei! E daí é que eles me
954 chamavam o doutor Pêssego... porque eles achavam que eu era ali um fenómeno! Então, mas...Até
955 houve uma... como é que ela se chama? Olha, agora esqueci, mas houve uma rapariga que se chegou
956 ao pé de mim e disse assim: "Mas você é mesmo professor?" ...a rapariga ficou logo: Eia! ... é a Tânia!
957 Então, estás a tratar-me por você? Não me trates por você! Então, nós somos colegas! Eu ando na
958 mesma escola que tu. Nós somos colegas. Mas agora, também houve uma coisa que eu disse a ela:
959 "Mas com respeito!". "Oh! Professor! Será que eu fiz bem isto? Depois (), quando tava lá a Vanessa e
960 tudo e brincava muito com elas e eu berrava logo ali: "Eles estão dentro de uma sala de aula!"

961 **Esta experiência é um ciclo vocês entram como alunos, acabam por participar no núcleo, vão**
962 **fazendo os vossos estudos, não é? Chegam ao último ano e são vocês quase a desempenhar um**
963 **papel de...**
964 EXACTAMENTE! Estamos a ser postos à prova.

965 **... Não é de professor.**
966 Não é de professor!

967 **... mas vão cuidar dos mais novos.**
968 Mas nós vamos cuidar dos mais novos. Daqueles que também ...como a Micá... também ... tivemos ali
969 uma pessoa mais velha, realmente via os mais novos... mais novos mais velhos, não! Ajudou-nos muito a
970 entender aquilo que nós () e quando ela acabou, quando ela foi embora pra faculdade e chorou muito e
971 disse: " Espero que façam do núcleo aquilo que ele É: uma família mesmo". Nós fizemos isto! E foi a
972 mesma coisa quando nós abandonámos, quando nós tivemos que deixar o núcleo, não é? Dissemos:
973 "Esta família não pode acabar! Eu disse mesmo: "Esta família não pode acabar!". E, naquele último ano,
974 aqueles mesmos jovens, QUE EU ESTAVA ENCARREGADO DELES (riso) que eu estava, eu até
975 passava uma lista de folha de, pra eles marcarem presença. Eles sentiam aquilo como responsabilidade e
976 atenção! Não iam só dois, não iam só três, não iam só quatro, ia a turma toda! Ou quase toda, mas
977 aquela turma toda foi... atenção! Aquela hora estava no horário e aquela hora era para cumprir!

978 **Eles não tinham obrigação de lá ir.**
979 Eles não tinham obrigação.

980 **Foi a questão da Matemática, a professora estava grávida, não havia substituto...**
981 E a professora disse lá: "porque não...?" e eu: até vou!

982 **Mas tu ainda há bocado tinhas falado desse, desse, dessa despedida do núcleo no décimo**
983 **segundo ano**
984 Ah! No décimo segundo! Foi quando aquilo e foi, e foi um bocadito mau (risos). Foi um bocadito. Para já
985 foi, porque eu senti ali várias, várias... que aliás, já no (riso) ... primeiro ano, no primeiro semestre em que
986 eu passei lá em frente à escola depois tava assim a olhar e o meu pai: "Já viste, aí, a tua escola?". E eu

987 depois disse...: “Muito da minha vida tá ali dentro”. Quando eu lá volto, volto com grande entusiasmo.
988 Quando eu lá volto, gosto de lá voltar.

989 **Deixa-me eu fazer uma pergunta: como é que acontecia, tu muitas vezes ias do núcleo pra casa,**
990 **falavas com a tua família sobre o que lá se passava, havia conversa?**

991 Eu não falava muito porque seguia aquela regra de que o que falava-se lá dentro...

992 **Mas os temas?**

993 Ai sim! Sim, sim, sim, sim. ATENÇÃO! ATENÇÃO! Por isso é que, quando houve aquela coisa do
994 escrever dos pais sobre o núcleo, os meus pais não poderiam escrever alguma coisa se não soubessem
995 o que lá se passava, mas eu transmitia-lhes.

996 **Como é que os teus pais viam o núcleo?**

997 Viam o núcleo muito bem e viram e atenção, e mais a minha mãe que tá em contacto com professoras
998 que sabiam que eu estava no núcleo e diziam. “Não, não, o núcleo é mesmo muito importante. Ai, eu
999 também dizia. Aquelas horas em que eu estava, à quarta-feira, em que eu dizia venham-me buscar mais
1000 tarde. Não é? Ou, “vou mais tarde pra casa” eram horas ganhas e eles sabiam. “Bom, ele tá no núcleo!”,
1001 atenção! Ele tá... e, e e foi fundamental! Eu claro que dizia: “olha, hoje falei disto” e, lembro-me muito
1002 bem, houve uma vez que falámos..... qual é que era...ai... eu lembro-me... Houve uma vez que falámos
1003 sobre a auto estima ... em que eu falei isso em casa... E eu comecei, isto é, é como o Ruben disse já no
1004 Verão passado. Ele virou-se pra mim e disse assim: “O Seixas deve ser a pessoa que eu, também,
1005 conheço que tem mais auto estima”. Eu considero-me uma pessoa que tem muita auto estima. Eu gosto
1006 da maneira que sou. Não é ser convencido nem nada, mas nós só nos sentimos bem connosco próprios.
1007 Eu sou uma pessoa que ralho muito comigo próprio. Ai não devias ter ido por ali! Agora.... Eh, eh, agora
1008 foi por ali. Porquê que vais por aí? Não é? E falo: “toma, pra te sentires bem...vá! vamos lá arrumar a
1009 casa, arrumar aqui a prateleira da vida, pôr as ideias no sítio certo, saber o que é que é que queres e o
1010 que é que não queres”. A organização comanda, comanda, ali, a estrutura daquilo que queremos. E eu,
1011 pronto. E falar, ali, sobre auto estima, ali os defeitos as qualidades, os defeitos as qualidades e aquela, e
1012 depois houve um, um debate lindíssimo nesse, nesse dia da auto estima porque UNS AOS OUTROS
1013 mostrávamos os defeitos e as qualidades! “Ah, mas tu tens esse defeito e não sei quê, mas pronto é um
1014 defeito...”, mas... agora, uma coisa que eu aprendi: as críticas destrutivas, para mim, atenção e ainda há
1015 o meu percurso jovem (riso), ainda de vida, mas já deu pa perceber uma coisa: as críticas destrutivas são
1016 sinal de inveja. As críticas construtivas são sinal de amizade. Isto é muito importante e aprendi isto lá.
1017 (Pausa) Eu sei que o ser humano, o ser humano e a pessoa sabe diferenciar as críticas destrutivas e as
1018 críticas construtivas, atenção, a grande problemática disto é dizer: às vezes, custa-nos aceitar as críticas
1019 construtivas e remetemo-las práas críticas destrutivas. E eu não. Eu sei quando erro. Sei que tive mal e sei
1020 que é um defeito meu e sei alguns defeitos meus, não é? E que são defeitos, que se podem mudar, mas
1021 não se mudam logo, porque tá cá dentro da pessoa. A pessoa construiu-se assim! Só que no, eu, no meu
1022 rumo geral, gosto de mim próprio, sinto-me bem comigo próprio! Porque se eu não me sentisse bem
1023 comigo próprio como é que eu poderia ajudar os outros? Como é que eu poderia olhar assim a vida ao
1024 meu lado e dizer: mas força! Se eu não me sentisse bem comigo próprio, ou com alguma coisa, como é
1025 que eu poderia dizer aos outros: mas vai, tem força, caminha lá! Não é? Agora uma coisa que eu sei.:
1026 quando tou triste e quando tou mal, procuro sempre os amigos. E procuro os amigos do núcleo. Eu nunca
1027 fui adepto daquela coisa de contar só a um amigo. Porque amigo que é amigo... por exemplo, eu sabia
1028 que era, por exemplo, se a Vanessa tinha um problema e se ela é tanto amiga minha e do Diogo, ela
1029 contava-me a mim, mas eu ia contar ao Diogo! E juntos... porque se ela era amiga dele... isto é
1030 importante! porque não é só uma pessoa, eu posso trocar ideias com outra, e é isto que eu faço. Eu não

conto só a uma pessoa, conto a outra e depois tudo o que uma vai dizendo e a outra vai dizendo, eu vou juntando peça a peça. “Sim, realmente, elas estão-me a ajudar. Posso ir por aqui”.

Diz-me uma coisa, Pedro, tu achas que o núcleo tem algum papel no rendimento escolar? Pode mudar a forma de se ver a escola?

Pode. Pode porque o núcleo dá um ensinamento, atenção! De que estamos ali por uma razão, mas estamos a ajudar-nos mutuamente a construir uma vida e, nunca esquecendo, que a vida também passa pela escola da, pela escola da sabedoria, não é? Pela escola que nós adquirimos.

Mas lá está, isso só, só é para alguns. Pra quem lá vai.

Pra quem lá vai! Mas o núcleo. Exactamente! Mas o núcleo tenta, tenta adquirir novas pessoas. Agora nós não vamos por um painel publicitário a dizer: VENHA AO NÚCLEO; A ESCOLA DA VIDA! (muitos risos). Não é isso, não é nada disso. A pessoa, como muitos lá apareceram de paraquedas, o entusiasmo de uma, tem que ser a própria pessoa, o seu próprio entusiasmo, a lá ir.

Conheceste alguém que fosse lá para arranjar namorado ou namorada?

Acho que não! Apesar de saírem de lá namorados, mas não

Mas porquê que isso acontecia?

Sabe porquê? Porque a família que é o núcleo dava para perceber as pessoas que tavam no núcleo e daí não ser uma sobre um tema, ser uma conversa sobre o nosso próprio tema virado pró tema necessidade. Nós por cada, o núcleo nunca começava... quando nós chegávamos lá: “então, como é que correu o dia? como é que correu a semana? correu tudo bem?”. De repente... “Correu tudo bem? E então? e novidades? e como é que correu...” e depois sempre eu, lá, a disparatar, também, um palhacito, mas olha, faz parte da vida, mas sempre ali, não sei quê, e de repente: “ah! mas olhe, aconteceu-me uma coisa má esta semana: Tatatatata” ... e daí... “mas sabes? Isso, também já me aconteceu a mim e foi diferente”. E uma ideia nunca vinha só, e a outra pessoa: “e também já me aconteceu a mim!” e a outra pessoa já se sentia mais confiante. “Ah! Já somos dois! podemos-nos ajudar!”. Engraçado. Não é? E, depois, aquela coisa de, às vezes, virmos, cá fora, no recreio: “Então já estás melhor daquela situação?”

Isso acontecia?

Acontecia. Muitos choros que eu vi lá e, depois, eu disse: “Então, já estás melhor?”. Por exemplo, a Débora... quando chorava e dizia que aquilo que facilitou muito a vida deela, porque ela vinha de colégios onde não era bem recebida e, ali, foi muito bem recebida e eu a partir, e eu disse mesmo: “é tão bom! É bom, pra ela, saber que foi bem recebida, mas é bom pra nós que soubemos recebê-la!”.

Mas por exemplo, isso numa sala d’aula não acontecia!

Não acontecia porquê? Porque a sala d’aula, lá está! A sala d’aula é uma turma, é uma família. Uma turma é conhecermos o nome de cada pessoa, em que existe um sumário, em que existe um programa a cumprir. O núcleo: não existia sumários, nem existia programas a cumprir. Existia. Apenas. ideias nossas e perspectivas de... o que queremos! Queremos falar: “Olhe, quero falar disto hoje”, não é? era um tema à vontade.

Mas, depois, isso reflectiu-se na vossa turma?

E, depois, reflectiu-se, porque o grupo que ia ao núcleo era, maioritariamente, era o grupo, realmente, da nossa turma... e ali, no nono ano (pausa), quando, quando... houve uma transição que foi: o núcleo divide-se em três partes... () aquela motivação de irmos ao núcleo todos os dias mas as três partes que, se calhar, eu senti mais eee todos. Começou o núcleo... começou uma vida, uma vida nova, uma perspectiva de ver as coisas. No nono ano... ah! houve... o núcleo continuava, mas atenção! Agora o núcleo... quando nós saíamos do núcleo víamo-nos nos recreios. Alguns numa turma, outros noutra turma, outros noutra turma, porque houve separação de cursos.

Isso foi logo no nono ano?

1076 Foi no nono. No nono não, no décimo. Quando transitámos para o décimo. Em que, depois no nono ali
1077 agente agarrava-se, nós agarrávamos todos: “Eh! Agora vou-me separar de ti!” E ATENÇÃO! Isto é
1078 fundamental dizer... o momento em que nós nos víamos era no núcleo... às quartas-feiras... porque uns
1079 tinham horário de manhã, outros tinham horário de tarde só se viam de vez em quando à hora d’almoço e
1080 não dava pa falar. No núcleo, falava-se tudo (baixa o tom de voz). Falávamos, daquilo, daquilo que,
1081 pronto, juntávamos aquelas três, quatro horas que távamos ali eram nossas! Três, quatro horas, às vezes,
1082 cinco! Uma vez chegámos a ficar uma vez até às oito e meia da noite! (imita o trabalhar do estômago em
1083 seco e há risos). Não é? Mas é, mas é, é gratificante dizer isto, porque era muito importante. O núcleo era
1084 o elo de ligação daquela família que não se queria separar (acompanha a frase batendo com uma mão na
1085 outra ao ritmo das palavras).

1086 **Tu achas que o núcleo podia funcionar fora da escola?**

1087 Podia! (pausa longa)

1088 **Quando pensas nele, associas sempre à escola?**

1089 Eu associo à es...associo o núcleo, que começou na escola, como da escola, mas que era bem recebido.
1090 Se aparecesse lá uma pessoa d’outra escola... eram bem recebidas!

1091 **Isso chegou a acontecer?**

1092 Chegou a acontecer uma vez uma rapariga da, da Técnica a ir lá. Nós recebemo-la muito bem! Logo, aí,
1093 vimos que não escolhia raças, não escolhia cor, que não escolhia religião, não escolhia escola, não
1094 escolhia ...clubes, não escolhia nada. O núcleo era perfeitamente igual para todos nós. Ali era a
1095 igualdade. E também só com a igualdade é que grupo, é que o núcleo poderia ser, poderia e É ser aquilo
1096 que é, porque só, só com a igualdade, o respeito e a confiança. São estes t, isto é importante? É
1097 igualdade, respeito e confiança. Se um destes falha, falha tudo. Mas atenção! FOMOS NÓS, fomos nós
1098 todos que construímos esta igualdade, o respeito e a confiança. No núcleo adquiriu-se a humanidade.
1099 Estes seis anos foram dos elementos essenciais da minha vida para ser aquilo que sou hoje. Seis anos
1100 de Raul Proença, seis anos de energia que eu tive lá dentro, de energia que eu senti, ser acarinhado
1101 pelas pessoas que lá estavam... de ir pra conselhos pedagógicos. Eu acho... eu acho, não! eu tenho a
1102 certeza que acabei em beleza. Eu acabei em beleza. E aí tive muitos professores que foram meus. Muitos
1103 professores até o professor J: “Ah! Andas muito revoltado!” () porque foi ali é que eu pensei aquilo que
1104 vocês pensavam dos alunos. E eu não pensava que vocês pensassem assim.

1105 **E o que é que tu descobriste?**

1106 Eu descobri que os alunos... falta aquilo que não nos faltava a nós. Aquele piscar de olho. Muitas vezes a
1107 professora dizia:” Tens razão no que tas a dizer!”. Porquê? Porque existia ali uma amizade! (ternurento).
1108 Enquanto... eu sentia, às vezes, que ali os alunos eram um objecto de... ESTUDO. Os professores tinham
1109 de comparecer às aulas, os alunos estavam ali. Não se sentia aquela amizade. E no pedagógico EU
1110 QUERIA DIZER, EU QUIS TENTAR DIZER ISSO. O aluno pode ser AMIGO. Eu se hoje vejo um
1111 professor na rua, eu digo: “Como está professor? Tá bom?”. Ah! ah! Foi ali pronto, uma amizade, claro
1112 que não é uma amizade, mas um respeito mútuo! Não é? E é isto que eu fazia ali e acho que defendi
1113 bem, acho que o meu papel quando lá tive... porque... se aquele lugar está pra ser ocupado, é pra ser
1114 ocupado e aparecer a representação daquilo que se táva mesmo a falar. Porque uma escola existe
1115 porque existe alunos, também. Também, atenção! A escola existe porque também existe professores. A
1116 escola existe porque existe funcionários.

1117 **Tu consideras que usaste a escola à tua maneira ou foi a escola que te fez pensar como ela**
1118 **queria?**

1119 A escola, eu e a escola andámos sempre de mão dada. EU..., às vezes, pedia que a escola... me desse
1120 um determinado ensinamento, mas eu, às vezes, também ensinava a escola. Não é? Por isso é que aí

me marcou... porque... quando eu, quando eu sentia injustiças na escola eu tentava ensinar a escola. Não é? E principalmente com funcionários e tudo. Na biblioteca, na biblioteca... Por ser mais novo, ou por ser mais velho, se houver respeito, podemos tirar ideias uns e dos outros. Na escola, na biblioteca, por exemplo... o sítio que marca mais é a biblioteca... do ponto de vista pela negativa (risos) claro.

A sério?

Pela negativa e pela positiva! Mas pela negativa, porque era onde resmungavam mais. A escola...na biblioteca aaah...aquilo, pronto! Eu como também conhecia, eu, eu conheço todos os contínuos da Raul Proença (riso) e conheço e uma parte de professores que nem foram meus e que falo na rua e tudo, não é? Isso também depende da personalidade das pessoas, mas eu sou assim e não consigo mudar! Sou e serei sempre assim.

Mas querias mudar?

Não! Não porque eu sinto-me feliz assim (riso). Agora é... aquilo era, havia barulho n' alguma mesa: "PEDRO! TÁ CALADO!" se houvesse próxima era logo: "PEDRO! TÁ CALADO, porque não sabiam o nome dos outros. E, eu, uma vez, cheguei ao pé da dona Célia e da Susana e disse assim: "desculpem lá (riso de desprezo): eu não tava a fazer barulho nenhum. Se vocês a única pessoa que conhecem é a minha pessoa, vocês não têm que tar, eu tava calado! Vocês é que passam depois por, por más pessoas, porque vocês tão a mandar calar uma pessoa que tá calada! (indignado) Não é? Vocês têm que ir lá à mesa e falar cuidadosamente, eu disse mesmo: falar cuidadosamente com as pessoas, com os alunos que tão a fazer barulho". E depois aaaa, lá a Susana pergunta: "Ah! Até parece que, às vezes, falamos com sete pedras na mão!" Parece? Quase todas as vezes falam com sete pedras na mão. Como se...ou vocês o dia correu mal, ou acordaram maldispostas e nós depois é que temos que pagar por isso!". Há montes de coisas que me aconteceram na biblioteca (indignado). Desde de me proibirem uma vez de comer lá dentro. De entrar a comer, faltava-me um bocado de croissant. "VAIS COMER ISSO LÁ PRA FORA!" e eu virei-me pra elas assim: "Essas bolachas que tão aí? Também tão comidas e você comeu-as aqui dentro!". Isto é ensinar a escola! Como a escola me ensinou a mim. Ou melhor, eu eduquei a escola e a escola educou-me a mim como muitos alunos também, também vão dizer isso. E isto é a escola!

Mas há muita gente que não tem essa atitude!

Claro! Há muita gente que ainda tem receio. Também ... vai-se embora," Tchau, até amanhã" e daí também a minha personalidade. E, daí, eu pertencer a este meio da política e tudo e tar lá dentro, porque... Porquê que eu tenho de acarretar sempre com o que as outras pessoas pensam? Ou por serem mais que os outros? Ou ser visto como... o senhor presidente! Ou o senhor vereador... Não! Eles antes, eles antes de ser senhor presidente, senhor vereador são cidadãos! Agora, eu não posso receber críticas? Eu quero receber críticas na minha vida! Eu quero que me critiquem! Mas eu devia ir por aí? Se eu achar que devia ter ido posso emendar, apagar e, e sei voltar lá, não é? Se eu achei: " não! eu achei que fiz o que tá certo!" O político é isto. O político quando recua diz logo qu'ele:" recuou! Já viu? Pensou mal! Fez mal! Não tem estatuto pra tar a desempenhar o que tá a desempenhar! E não sei quê? Não é? Por isso é que isto, às vezes, é difícil., às vezes, o político não é só aquela coisa de "Ah! O político só quer é tacho!" é engraçado é que depois o tacho quando calha aos outros que os criticam, também eles calam-se, não é? Mas não é isto! O político é estar, eu penso isto, é estar atento à sociedade, aos problemas da sociedade, não é? Tentar arranjar soluções, mas também ouvir! Por isso é que eu, eu gosto muito de ouvir as pessoas. Gosto muito, muito, muito, muito.

Alguma vez tiveste desejo de ir estudar pra fora de Portugal?

Já! Tive uma vez, e pensei o ano passado, em ERASMUS, que gostava muito de ir conhecer a cultura italiana, mas... ah, gosto muito do meu país. Quero cá ficar. Talvez depois... quando acabar o curso possa ir lá pra fora, ou estudar lá fora, mas com aquilo que aprendi cá.

1166 **Mas assusta-te a ideia de ires pra fora?**

1167 Assusta-me. Assusta-me um bocadinho... assusta-me um bocadinho porque isto de deixar tudo, deixar a,
1168 isto é como arrancar uma, uma, uma... uma árvore da terra em que está lá ligada a cem ou à cento e
1169 cinquenta anos e pô-la noutra lugar. A árvore com certeza não gosta; "Ah! Agora tão-me a mudar de sítio,
1170 eu sempre vivi aqui. Eu só gosto disto!" E é como eu! Eu, se me arrancarem daqui pa ir pa outro sítio
1171 estar afastado uns seis meses, não é? e depois lá: "Meu Portugal! Meu querido Portugal! ah! minha mãe,
1172 meu pai, minha irmã!"

1173 **Mas tu achas que ir até outro lugar significa arrancar as raízes?**

1174 Não é, não é arrancar as raízes, mas separa as raízes da terra durante algum tempo. Mas eu não critico
1175 quem vá! Até acho muito bem que vão! Porque... até é uma experiência de vida! Agora, eu, segundo a
1176 minha personalidade, não era capaz. Eu não dava... posso fazer a experiência, mas eu não dava, não
1177 dava um mês e meio. Não dava! Não dava mesmo, não dava. Então se eu já...Uma vez eu tive que ficar
1178 em Lisboa e tive que ir às Caldas no domingo! E ir no domingo outra vez!

1179 **Tu nasceste nas Caldas?**

1180 Eu nasci nas Caldas. Uma cidade que eu amo e uma cidade em que eu quero ficar (acompanhou a frase
1181 com o bater da mão na mesa a acompanhar o ritmo das palavras). Gosto muito das Caldas, é verdade...
1182 e...e, por isso, este papel também de entrar na política também. Por eu gostar tanto da minha cidade!
1183 uma vez que isto não está a ir pelo bom caminho. Critico! Eu não tenho medo nenhum! Dentro lá do
1184 partido chamam-me o teimoso! Eu claro que critico lá dentro. Quando alguma coisa não está como eu
1185 penso eu mostro como penso.
1186 A minha grande paixão é a política.

Entrevista nº 10

Data de realização 2007/ 04/ 10

- Nacionalidade

Portuguesa

- Idade

19 Anos

- Nível de escolaridade

A frequentar o 2º ano da licenciatura em Bioquímica na Universidade de Cardiff, no Reino Unido.

- Onde vive/ Com quem vive

Olho Marinho: pais e 2 irmãos

Cardiff: residência de estudantes

- Posição perante a religião (católico, protestante, muçulmano, budista, hindu, ateu, outra posição perante a religião)

Místico

- Pais casados/separados/divorciados / falecido(s)

Pais casados

- Grau de instrução da mãe/do pai (superior completo ou incompleto;secundário;1º, 2º ou 3º ciclo?)

Mãe – 12º ano

Pai – 12º ano e vários cursos de formação

- Profissão mãe/pai

Gestores de empresas

Vou começar por te pedir que me faças uma descrição breve do teu percurso de vida até hoje.

Breve, tem um tempo limite ou...?

(Inspirou profundamente).

Houve um dia em que eu nasci. Vamos lá ver como é que a história começa. (Pausa) Quando eu nasci a minha mãe tinha um emprego muito bom ahhhhh e o meu pai andava a construir uma empresa e andava a, a, a ver, a ver se a cor dos gatos... e eu lembro-me de que... as coisas começaram a ficar mesmo bem quando eu comecei a andar na escola, tipo cinco, seis anos. Ahhh... Sempre tive muito, sempre tive muito bem, nessa altura, na minha casa. Ahhh o meu irmão... era... quem me dava... porrada a mim e eu nunca, nunca bati no meu irmão ou, aliás, deve=deve ter, o meu irmão é algum... mas pronto, quando ele era pequeno, eu coitado, tinha pena do puto, que era tão bebé. Ahm e, e eu acho que sempre... o meu irmão teve foi um bocadinho coiso, um bocadinho de complexo, porque os meus pais nunca disseram que eu era melhor que ele, mas, mas o... acho que acabou por, acabou por afectá-lo um bocado..... Lembro-me de no jardim-de-infância... eu... perceber que os rinocerontes, eu lembro-me de algumas coisas do Jardim de Infância! Um dia a, a professora disse que os rinocerontes estavam em vias de extinção e então eu chorei, pus-me a chorar no meio do jardim-de-infância porque como é que podia ser fazerem uma coisa dessas. Havia, havia um animal que ia deixar de existir porque os Homens eram estúpidos! E lembro-me de... havia um pátio de areia... e eu consegui pôr toda a gente a escavar a areia pós lados para fazer uma piscina no meio. E cada vez, e todos os dias, todos os dias púnhamos as areias pós lados e depois no fim-de-semana vinham os senhores da, da junta de freguesia e punham a areia no meio. E eu... bora lá, Vamos começar outra vez. São as coisas que eu tenho do meu jardim. E tive sempre a mesma professora. Depois acabou por ser também a professora do meu, do meu irmão () depois tive também a mesma professora na, na, na, no jardim-escola, no jardim-escola? na escola... primária e sempre fui... o melhor de três. Nos primeiros dois anos até nem era o melhor, mas depois comecei a, a, a (). Desapontei a professora uma quanti, uma ou duas vezes. Lembro-me perfeitamente disso. Estraguei-lhe um livro e, uma vez, ela pediu-me pra eu escrever qualquer coisa com uma letra muito bonita e eu não consegui e escrevi aquilo tudo... la todos os dias pa casa da minha, das minhas avós. Um dia pa casa da avó Gina, que foi uma excelente influência em mim e um dia pa minha avó Maria que não foi uma boa, uma boa tão boa influência em mim...porque ela comprava-me, comprava-me com doces, como faz com os meus irmãos todos. Ahhhh, iiaa com o meu avô jogar à malha! la sachar batatas! Era giro (alguma nostalgia). Momentos giros... Pôr-me a ouvir discos da minha tia. Comecei a ouvir coisas boas tipo The Smashing Pumpkins ahhh, lembro-me... a minha tia também teve bué de influência em mim, porque...não sei, acho, pra já, afecta a maneira como eu olho prás miúdas. As miúdas...se houver uma miúda que me lembra a minha tia eu... Uiiiiiiiiii (risos) e não é no, no, no sentido no mal. É toda artista e não sei quê...Ahm, no quinto ano foi quando fui pa, pa, pa, pa outra escola. Pá escola... ah...pó ciclo e foi, foi aí que, que as, que a minha vida começou a ser complicada! Continuei a ter notas excelentes eu lembro-me de ter tudo cincos de uma ponta à outra, pouco mais, poucos quatros por aí, mas... alguém que era assim, não se conseguia, não se conseguia integrar... muito bem. Não sabia jogar à bola, (já nessa altura) era o nardzito lá do sítio, não é? Acho que a minha média a História, no quinto ano, foi noventa e ...oito. Tive um noventa e seis pelo meio, uma coisa assim, e (pausa) o que é que teve que começar a acontecer? Tive que começar a... usar diferentes máscaras. A ser uma pessoa diferente no recreio e uma pessoa diferente na sala de aula, ou em casa. Quando comecei...mas isto foi um processo lento, porque eu tentava ser outra pessoa, mas eu não queria ser essa pessoa! Mas tinha que ser, porque senão também não tinha amigos não tinha ninguém. Ahm is, isto levou-me pelo ciclo todo. É sempre esse o sentimento. Foi sempre esse sentimento que tava a viver duas coisas. Duas coisas ou três coisas até, mas também me ensinou a adaptar-me. Isto também tem muito a ver com a maneira como eu tinha de ser

uma pessoa diferente, ou melhor, como o meu pai gostava que eu fosse uma pessoa diferente da pessoa que a minha mãe queria que eu fosse. Havia duas, duas expectativas diferentes em termos morais, em termos éticos, ah... por causa da religião da minha mãe e por causa do ateísmo do meu pai e pela maneira como o meu pai... pá! Pronto, é uma pessoa prática, um homem de negócios prático. Ahm (pausa) Pois! Eu sempre me lembro de raparigas pelo meio disto. Eu lembro-me das primeiras. No jardim-escola... meu deus! No jardim-escola eu lembro-me... coitada! Ela agora é tão feiinha! Ah... mas quando começou problemas a sério foi no nono. Eu lembro-me... pronto, nada precoce! No nono ano comecei a ter problemas por causa disso, porque fui sempre rejeitado. Sempre! Sempre, Sempre, Sempre, Sempre. Durante Toda a minha vida, qualquer pessoa que eu achasse "Ai esta, coiso" nunca tive... ninguém até ao... décimo. (..) no décimo vim pa Caldas... e (pausa) e, e, que eu era gostado! Eu era muito gostado em, em, na, em Óbidos. Era memo... pronto! Toda a gente gostava bué de mim! Contínuos, professores. Eu dava-me muito... Bué d'amigos. Que eu agora volto lá e percebo que, se calhar, não eram tão meus amigos como isso "Ah, ah! Olá, tas bom! Tchau!" Ninguém se preocupa! Ah, pessoas que eu achava que naquela altura iam-se preocupar pró resto da vida! E começo a pensar: "Pois, a malta lá no liceu, também vai ser a mesma coisa!", mas é diferente, porque são fases diferentes. Gostei de tar no liceu. Gostei e foi muito bom! Quando, e nesta fase já não era bem máscaras. Era... pronto! Uma vida... dupla. Pronto. Não era dupla, mas era assim uma coisa... era mais, eu ia-me adaptando, ia-me adaptando às pessoas com quem tava. Por isso é que foi sempre, os meus grupos de amigos foram sempre muito baixos. Eram amigos duns, de pessoas que não se podem ver umas às outras! Pronto! Os meus amigos do Olho Marinho eu sei que não os posso misturar com mais ninguém, porque coitados eles nunca saíram dali. Estão ali presos e eu fui da minha geração de, do meu ano, no Olho Marinho, eu fui a única pessoa que fez o décimo segundo no ensino normal. Toda a gente mais fez cursos (). Ninguém mais vai sair daquela terra e eu já saí. Aos dezassete anos já estava fora e... isto aqui deve-se aos meus pais e à maneira como nos, nos educaram e nos deram sempre o melhor para... e à maneira como ...têm uma mente mais aberta que a maior parte dos pais! Apesar de terem uma mente muito fechada em outras coisas. Ah... no décimo ano, as coisas correram bem e tal e tive a minha primeira namorada. Eu gostava de uma rapariga, mas depois a outra rapariga () e tal e eu pensei: "Ah! Então vou dar o meu primeiro beijinho". Mas fiquei feliz. Ah... Aquilo andou embrulhado... Eu encontrei um grande amigo meu... teve uma certa influência em mim...eu, às vezes, não tenho noção da influência que ele teve em mim até o ver, depois vejo-o... eh, pá! Eu quando o vejo, há qualquer coisa aqui que até fumega. Enerva-me tanto, tanto. Tanto! Porque eu olhava muito pra cima pra ele. Foi uma coisa... que eu nunca mais tive um amigo assim. Tive amigos, mas...eu sempre tive um melhor amigo, mas era sempre ele a olhar, ou olhávamos de igual pra igual ou ele a olhar pa mim, pra cima. Como o meu melhor amigo faz agora, porque é a maneira de ser dele. Eu olho pra cima, pra ele, mas ele olha pra cima, pra mim. Eu sei que é muito mais forte ele olhar pra mim num pedestal do que o contrário. Mas naquele caso, do meu melhor amigo de décimo ano... era eu a olhar pra ele. Tínhamos um problema que era: gostávamos os dois da mesma rapariga (silêncio) e ele tomou uma opção muito, muito diferente daquela que eu achava que ele devia ter tomado que foi: ele optou pelo caminho fácil de ser aceite pelo resto do mundo. Nós éramos dois tipos que podíamos ser diferentes e, ainda assim, sermos populares porque tínhamos possibilidades, posses suficientes pra fazer quer o que fizéssemos pra termos posições, posições certas, as posições de defendermos os pontos importantes da vida tendo posições inteligentes e ainda assim sermos olhados como modelos. Eu, ele como o meu modelo, foi sempre assim que eu o vi, ele como o meu modelo e eu como o modelo de toda a gente ao lado dele, como braço direito dele e ele tomou a opção contrária. Tomou a opção: "Vou mas é ser popular, comprar uns sapatinhos, como toda a gente quer, e vou começar a ler as revistinhas da moda que... pronto. E, certamente, deve ter resultado muito bem pra ele.

91 Deve ter sido, deve ter muita, muita mulher atrás dele por causa disso, mas pronto. Enerva-me muito,
92 porque... eu sei que, agora não me enerva nada. Eu nunca penso nele! Ou raramente. Nunca penso nele,
93 mas quando o vejo enerva-me que ele tenha feito isso, porque eu achava que era um duo dinâmico... a
94 coisa ia assim. A coisa ia dar frutos. Aaah (Pausa) a coisa foi andando pa frente. Havia um, um grupo que
95 era muito importante pra mim no nono ano. E que era sempre onde eu queria tar, mas nunca tive, nunca
96 fui inserido lá! Nunca calhou! Porque, pronto, eu era um nardzito qualquer, eles não me queriam lá,
97 porque eles eram uns putos bacanos, uns putos fixes. Eu acabei na turma deles de décimo primeiro e
98 agora sou grande amigo deles todos! Pronto, eu já era amigo deles, mas aquilo uniu. O décimo primeiro (
99) correu muita bem por causa, essa foi uma das razões. Porque, pra já, não havia rapariga nenhuma ali
100 no meio, havia raparigas, mas nunca foi assim uma coisa muito grande, pronto! um ano limpinho desses
101 problemas e depois, foi um ano em que eu dei tudo ao núcleo. Eu andava ali, tudo. Era sempre núcleo,
102 núcleo, núcleo, que me fez muito bem. Era núcleo, núcleo, núcleo, depois tive aquele grupo de amigos
103 que também tava a correr tudo muito bem. Eu continuava sem grandes liberdades pa sair com eles e não
104 sei quê. Pronto! É natural, porque eu tinha quinze, dezasseis anos também quando tiver os meus filhos
105 eles também não vão andar aí na boa vai ela! Ah (pausa) isto ia levar a qualquer lado. Depois do décimo
106 primeiro ia levar ao décimo segundo. Aaaaaaah, nessa altura foi quando eu comecei a, a frequentar o
107 Inglês e não sei quê e a tentar, eu já andava no inglês antes. Pronto! Mas, no décimo primeiro, eu acabei
108 os meus exames Já tinha o sétimo ano, já podia fazer o que eu quisesse. Pronto. Tinha as portas abertas,
109 se quisesse ir pra Inglaterra podia ir e... já pensava nisso, mas não pensava nisso a sério porque foi
110 nestas altura, nesta altura, que começou, que começaram problemas com os meus pais. Foi nessa altura
111 que o meu pai começou... pra já, nós passámos ali, antes disto, passámos ali um tempo muito
112 complicado, décimo ano, muito complicado em termos económicos com a empresa do meu pai... A minha
113 mãe mudou, deixou o emprego dela... isto foi antes... já estou a saltar tudo, mas pronto! Abriu a loja dela
114 e o meu paaai... teve que fechar a empresa dele porque, pronto, já não tava a dar e acabou por abrir a
115 funerária e eu naquela altura achava que isto era absolutamente horrível, a ideia de eu... ter uma
116 funerária, não tinha jeito nenhum, ou o meu pai ter uma funerária, porque eu nunca pensei () porque eu
117 sempre disse que nunca havia de trabalhar com os meus pais. Nunca! Ou de ter () minha. Isto é gente
118 doida! Nunca na vida havia d'isso acontecer. E os problemas com o meu pai... começámos a ter
119 divergências (pausa) incríveis. Pronto! O ponto era que assim que ele se posicionava dum lado eu tinha
120 que me posicionar do outro. É, o, o, a, o equilíbrio da relação era: o meu pai dizia x, eu dizia y e pronto.
121 Eu até podia achar x, mas eu tinha que, pronto. Acho que é perfeitamente normal. Todos os putos
122 passam por isso. Eu lidei com isto de uma maneira muito errada. Agora percebo isso! O meu irmão, por
123 exemplo, lida com isto, na maior e até agora a relação... a relação com o meu irmão nunca tinha sido
124 grande coisa. A relação com o meu irmão começou a ser grande coisa no Verão antes de eu ir embora.
125 Agora, décimo segundo. Décimo segundo foi um dos anos muito, muito, muito, muito importantes.
126 Porquê? Porque, pra já, foi a primeira vez que eu me separei de pessoas que gostava por causa das
127 minhas opções académicas. Eu, por força, queria ter TLB, Laboratórios de Biologia III, que era difícil, mas
128 que eu queria ter e... os meus colegas não. Os meus colegas iam fazer Teatro. Ah! Não falei de Teatro.
129 Com umas experiências de Teatro pelo meio, acho que agora são perfeitamente irrelevantes, tirando a
130 parte em que tenho mais confiança a falar em público que a maior parte das pessoas. Ah (pausa), mas
131 essas experiências de Teatro foram no nono e décimo ano. No nono ano foi quando eu fiz o Auto da
132 Barca do Inferno, em Óbidos. Foi aí que o professor Aníbal me viu e disse: "Olha, eu quero que tu venhas,
133 venhas trabalhar comigo." E eu disse. "Porreiro e tal. Há montes de miúdas giras no Teatro!" (riso). Não,
134 não foi nada disso que eu disse, mas podia ter sido. Ah....m no décimo segundo... o décimo segundo
135 começou (pausa) eu acho que no décimo segundo é que começou a minha vida. No décimo, a minha

136 vida, até ao décimo segundo foi assim uma coisa...andava ali aos saltos e pinotes... um rapazico e,
137 depois, no décimo segundo deixei de ser um rapazico e passei a ser um puto, que é aquilo que eu vou ser
138 nos próximos anos ainda. É um puto, um putozeco. Era um putozeco e o puto começa agora. Agora
139 começa o puto. Era ali o rapazico e agora é o putozeco. O putozeco era no décimo segundo. É, é quando
140 eu começo a ter memórias mais claras, porque há imensas coisas, lá atrás, que eu me esqueço. Suspiro
141 fundo (expiração). Primeira coisa foi: foi a primeira vez que eu pus na cabeça uma rapariga que eu sabia,
142 eu, se calhar, até sabia que não ia gostar dela, mas pus na cabeça, porque ela era espectacular. Ela era
143 tudo aquilo que eu queria, portanto só podia ser ela. E ela tava numa relação, uma relação sólida de
144 anos... muitos anos! Ela já tinha aquela relação há três anos! Mas... eh, pá! Uma miúda inteligente!
145 Pronto. Ela deixou, deixou o rapaz e nós começámos a andar e passados uns dias eu disse: "Eh pá!
146 Afinal isto foi um erro! Porque eu acho que foi a partir dali que eu comecei a ser assim. Foi do género: "Eu
147 tenho a certeza que isto vai acabar mais cedo ou mais tarde. Vamos acabar já!", mas de longe a pessoa
148 que mais influenciou a maneira como eu vejo as relações a dois, foi a pessoa que eu conheci depois
149 disso. Não! Ainda teve outra pelo meio mas ... foi a Susana. A Susana foi o meu primeiro amor. Sem
150 pestanejar digo isto e por mais que saiba que na altura, que na altura ela era... se eu... lá atrás, não a
151 tivesse amado, eu sei que eu nunca podia ter tido uma relação de amizade com ela, porque ela era tudo
152 aquilo que eu não gostava numa rapariga. Ela agora tá completamente diferente. Ela agora é, se calhar,
153 muito mais próxima do que eu queria do que é agora, do que era lá atrás, mas... mas pronto. Eu
154 apaixonei-me por ela e foi... é assim e...foi mais ou menos na mesma altura que eu tomei a decisão de ir
155 pra Inglaterra. Eu tomei a decisão de ir pra Inglaterra porque eu tinha de fugir de casa dos meus pais! E
156 não chegava ir pra Coimbra ou pra Lisboa! Isso era perto demais. Tinha qu'ir pra o mais longe possível. O
157 mais longe possível e eu não podia estar ali. Eu não podia estar a viver aquilo. Ainda bem que eu fui!
158 Porque eu sei que não conseguia tar a viver aquilo. Mesmo eu não tinha resolvido isto se tivesse ficado
159 em Portugal. Eu não... eu tinha hoje... hoje não tava aqui. (Expiração funda) mas eu... pensei abandonar
160 tudo por ela. Ponderei mesmo, eu disse mesmo pra mim mesmo: "Pronto. Não vou pra lado nenhum. Vou
161 ficar com ela". Ela teve o bom senso de me dizer, de, de, de... de acabar tudo comigo para eu ir e pronto.
162 Houve várias coisas pelo meio depois. Passei momentos muito maus. Foi aí que eu conheci o PP e
163 comecei a dar-me com o PP, que eu sei que vai ser, é, é o meu "my brother for another mother". Ele é um
164 irmão que nasceu doutra mãe e doutro pai. Ele ajudou-me muito a passar essa fase terrível que foi a fase
165 em que eu andei com a Inês Firmo, e que eu comecei a ler Fernando Pessoa e que eu...li A Aparição e e
166 aquilo mexeu com os neurónios que eu não quero mexer mais! Ah (pausa) e depois fui pra Inglaterra.
167 Antes disso comecei a dar-me bem com o meu irmão comecei-me a dar bem com os meus amigos do
168 Olho Marinho, não sei como é que isso aconteceu! Aa...comecei aa... a abrir a minha cabeça pa outras
169 coisas. A perceber, perceber que lá porque nós não somos iguais às outras pessoas, isso não é assim.
170 Nós temos que nos identificar é com as coisas que temos em comum que temos com as pessoas, mais
171 do que com as coisas. Temos que nos focar nos aspectos em comum e não nos aspectos que nos
172 dividem. E Isso, eu aprendi ainda mais quando comecei a viver com, com, com pessoas... em Inglaterra
173 convivo com pessoas que, se calhar, nunca, nunca seriam minhas amigas noutras circunstâncias e assim
174 vivo com elas e pronto. Tive que as aceitar como... minhas amigas. Comecei a dar-me muita bem com o
175 meu irmão. O meu irmão passou a ser uma das coisas mais importantes que tenho na vida. E o meu
176 irmãozinho também. O meu puto pequeno. Aquilo que se passou com o acidente. Ah... eu não sei como é
177 que ia ter de lidar com o acidente se o meu irmão tivesse morrido... porque a responsabilidade foi minha.
178 O meu, a minha, eu deixei, eu deixei o miúdo atrás do carro quando a minha mãe ia fazer marcha-atrás!
179 Portanto, a culpa é minha. Eu sei, eu não, eu sei que não foi de propósito... mas, se o miúdo tivesse
180 morrido a m, a minha vida tinha acabado!

Isso foi quando?

Isto foi... (expiração funda) em Dezembro de, do meu décimo ano. Eu tinha acabado de vir pa Caldas. Aaaaa nós... isto foi no dia 2 de Dezembro. 2 de Dezembro? 2 de Janeiro... Não sei. Sei que o puto tinha dois anos, ou três anos. Eu deixei-o... lá. a minha mãe disse-me: "vai-me buscar o telemóvel a casa". Fechei o carro. E nós, naquela altura, tínhamos um BMW ... carrinha, que é baixíssimo. Aquilo tá... a dez centímetros do chão aaaa e a minha mãe começou a fazer marcha-atrás e eu já vinha lá em baixo com o telemóvel na mão quando (sei lá se ele tava ligado, sei lá!) vejo a minha mãe a gritar=a gritar=a gritar. O miúdo entrou por trás e saiu pelo lado e eu () e pronto, como sabia mais ou menos o que se estava a passar, peguei no miúdo, vi logo que tinha uma perna partida. Depois pensei: "pode ter um, uma...", a minha mãe entrou logo em pânico. Pronto. Não tem a noção do estrago que fez. Pensava que podia ter morto, e podia ter morto o miúdo! O miúdo era pa tar morto nesta altura! Não tenho, não tenho dúvida nenhuma. Ele entrou... memo ao pé da roda, que eu lembro-me onde é que o deixei, ele entrou pelo lado da roda, eu fui buscá-lo por baixo do carro de, de lado. Ah, não apanhou nem uma mão zinha do menino. O pneu por cima de qualquer coisa tinha esmagado o puto (expira incomodado com a recordação). Ah... foi muito doloroso... foi um.... Foi muito doloroso. Eu lembro-me, eu lembro-me do, eu não tava na sala quando a minha mãe teve o meu irmão, mas eu tava lá! Eu lembro-me do meu irmão nascer! Eu tava a ler Tolkien na altura, lembro-me perfeitamente da passagem que tava a ler no livro do Tolkien, eu tinha quê? Treze anos... catorze. Tinha acabado de fazer catorze e... e depois... a próxima vez que entrei no hospital foi pa deixar o meu irmão, nos meus braços, depois de o ter deixado atrás do carro. Eu vi logo que ele tinha uma perna partida. Podia ter um pulmão... pronto. Não foi nada, não foi nada. Foi muito. Foi a coisa que mais... de toda a minha vida me vou sentir culpado, do que quer que o meu irmão seja, porque o meu irmão passou dores horríveis, quando era muito pequeno, são coisas que entram no subconsciente das pessoas... muito. Ele passou um mês na Estefânia, totalmente dependente da minha mãe. Passou um mês em casa com gesso até aos ombros a... totalmente dependente da minha mãe e hoje o miúdo é totalmente dependente da minha mãe. Não sei que influência é que isso vai ter no futuro. No futuro isso vai, eu sei o qu'é ...o que quer que o miúdo faça na vida eu vou olhar e vou pensar assim: "Se eu não tivesse deixado o miúdo atrás do carro naquele dia (expira) ele não era isto, era outra coisa completamente diferente. Portanto... mas isso é a responsabilidade de ser pai. Eu, agora, já sei o que é a responsabilidade de ser pai. Não pode acontecer nada de mal. Tudo aquilo que acontecer... nós somos responsáveis, () não somos TOTALMENTE, nunca podemos controlar tudo, mas... mas pronto (Silêncio). E (pausa e expira) e pronto. () Calma, calma, estamos a falhar aqui uma coisa muito importante que é o núcleo. O núcleo... e ainda não falei da professora Lina, não falei, não falei... Oh! Não falei do Miguel!

Ok, mas eu queria que tu me dissesse como é que tu vês a escola, o que é que ela significa pra ti, como é que tu a encaras hoje e depois gostava que falasses do núcleo, do papel do núcleo....

A escola (pausa) a escola era, sempre foi...eu acho que houve muitas fases, eu vi a escola de maneiras diferentes à medida que... vejo a escola de uma maneira completamente diferente hoje e vi a escola... quando eu era puto era... uma maneira de.... ser o melhor. Não era ser o melhor por ser melhor que os outros. Era por ser bom. Eu nunca me preocupei de ser o melhor, quer dizer, havia aquela pontinha de mim que queria ser o melhor, mas nunca me preocupei porque, normalmente, o segundo melhor, quando eu era o segundo e o terceiro melhor eu conhecia o primeiro e o segundo e eram meus amigos e eu ficava feliz por elas, "Olha...", mas era uma maneira de ser bom, de as pessoas reconhecerem valor em mim. Era a única, era o único valor que eu tinha, eu não sabia, eu não tinha mais nenhum valor, era o único valor que eu tinha. Eu nunca soube, eu nunca fui bom em mai nada. Eu nunca fui bom à bola, eu nunca fui bom e... pronto. Em desportos era perfeitamente medíocre. Tinha cinco, mas nunca era, nunca

226 era aquele tipo “uou!”...artisticamente também nunca, nunca me excedi. Pronto! Mediocre, mais uma vez!
227 Mas na escola...pronto a maior parte do meu percurso escolar era ali em cima, sempre a puxar a fasquia
228 e, e pronto! Era uma maneira d’eu ter pessoas com quem discutir coisas. Era assim que eu via a escola
229 quando era mais novo. (silêncio) E É SEMPRE ISTO. ATÉ HÁ BEM POUCO TEMPO FOI SEMPRE ISSO!
230 Era sempre uma maneira de eu falar... eh pá! Pronto! Uma maneira de eu me sentir bem com o meu ego.
231 E isso sempre me deu muita confiança porque eu... por mais que eu não tivesse a roupa que, que, que
232 toda a gente tinha, e houve muita altura em que eu só queria a roupa que toda a gente tinha, mas eu já
233 sabia que não podia ter por isso não valia a pena...pensar nisso (baixou o tom de voz). Ahm (pausa)
234 era... era o meu refúgio. Depois passou a ser o meu refúgio quando eu comecei com problemas com os
235 meus pais era o meu refúgio. Eu vinha pa escola na camioneta das sete e eu ia pa casa com a minha
236 mãe às sete. Passava doze horas na escola. Todos os dias, cinco dias por semana, 50 semanas...
237 pronto. Nos três períodos era sempre aquilo, era tudo pr’ali. Passei...Eu desperdicei... hoooras a fio,
238 naquele café, porque o café em frente à escola é tão escola como a escola. Nin, ninguém se iluda. O café
239 em frente à escola é mais escola do que, do que a sala de aula. Aquela coscuvilhice... porque eu
240 alimentava-me... eu saltei da primária pró liceu porque o ciclo é assim uma coisa... é só, é um esboço do
241 que vai ser, do que a pessoa vai ser. Eu mudei muito. Toda a gente mudou muito, mas... eu sinto que
242 aquelas coisinhas pequeninas, que as pessoas tinham no ciclo, e que eu tinha no ciclo, influenciam muito
243 o que as pessoas são hoje. Nas pessoas que eu continuo a acompanhar. No liceu (pausa) era a
244 coscuvilhice porque, pra já, este meio é um meio que agora me enerva profundaamente, não posso... é
245 assim: Gosto muito, mas agora enerva-me profundamente porque a pessoa, eu chego a qualquer sítio
246 nas Caldas e, e, e, e o, o ponto é olhar prás pessoas. Isso é, é muito importante no liceu e eu aposto que
247 é assim em todos os meios. Toda a gente olha. É difícil ser diferente. Ser diferente exige uma
248 personalidade muito forte e...e... eu sempre consegui, porque, pronto, tinha boas notas e conseguia dar-
249 me com muita gente. Pronto. Como tinha boas notas e como tinha muito paleio sempre sobrevivi bem.
250 (Expiração funda) Mas faltava-me, eu sempre senti que me faltava pessoas do memo calibre em termos
251 de discussão porque depois eu começava a fala, aqui e agora noto ainda mais, agora em Inglaterra noto
252 ainda mais. Em Portugal toda a gente tem um certo nível de, de, de abstracção filosófica na cabeça. A
253 sério! Muito, MUITO. Toda a gente, começa-se uma discussão sobre religião toda a gente tem um ponto.
254 Começa-se uma discussão sobre, sobre política toda a gente tem um ponto e, e tou a falar em termos
255 abstractos, não é, não é uma discussão específica, é... No grande plano toda a gente tem qualquer coisa
256 pra dizer, mas... em Inglaterra ninguém tem! A pessoa... puxa-se um assunto minimamente profundo e é
257 rara a pessoa... “Ai Jesus! Agora tas a falar disso!”. Eu sei que no meio académico, em Portugal, o, o
258 pessoal da minha idade é muito mais... é muito mais aquela cena do, do, do café parisiense, vamos
259 sentar e vamos falar sobre, sobre NADAS! Lá não há isso. Damos as matérias e vamos ver um filme, ou
260 vamo-nos babar. E... na escola sempre senti que faltava isso e... pronto! Quando eu conheci, quando eu
261 conheci o meu melhor amigo de décimo ano foi isso que eu encontrei nele. Foi uma pessoa do memo
262 calibre que eu e eu liguei-me a ele através do núcleo. Foi um ACASO. Foi... eu tinha ido correr, porque eu
263 sempre tive bueeeee d’actividades, sempre, e o Diogo Amaro estava a atar os sapatos. Eu nunca mais
264 me esqueço. Eu cada vez que conto esta história eu lembro-me sempre, tava a atar os sapatos e... “olha
265 pá, tou com pressa...”, eu conhecia-o porque ele tava na turma da malta que era da minha turma no
266 nono, tava a atar os sapatos... Olha, não sei quê aaaah “pronto, tou com pressa porque tenho qu’ir pró
267 núcleo de cidadania!” e aquilo, núcleo de cidadania, não sei quê, o que é que se passa aí? Ele disse-me:
268 “Olha, vens, vens e vês se gostas ou não porque é um sítio porreiro e tal” e eu experimentei. E pronto.
269 Não sou um tipo calado, comecei logo a papapapapa. E tivemos logo uma discussão. Eu não gostei da
270 professora! Não gostei da professora! Não me lembro do que é que foi, mas a primeira reacção não foi

271 muito boa. Mas pronto. Voltei, continuei e encontrei ali um sítio onde, onde as pessoas tinham mesmo
272 interesse. Eu reconheço, que eu acho que algumas pessoas lá, tavam ali... não era pelos mesmos
273 motivos que eu, tavam ali por uma afectividade emocional que tinham aquilo que o núcleo era nelas, que
274 era uma coisa diferente do que era pra mim porque eu...ali... paraquedista, (), acabei por me tornar um
275 membro desse, desse, grupo que tinha uma afectividade emocional, mas não era pra mim isso! Pra mim
276 não era primariamente isso. Pra mim era, primariamente, um sítio onde eu ia todas as semanas e podia
277 discutir e podia tar a conversar com as pessoas. E isso era espectacular pra mim. Havia, havia temas de
278 interesse, coisas que interessavam, havia coisas pr'aprender e havia, sobretudo, foi sempre isso que o
279 núcleo me deu e acho que foi sempre, que é a coisa mais importante que retirei de todo o meu percurso
280 escolar, foi isto... porque, por mais que... academicamente eu já me esqueci de tudo. Eu lembro-me das
281 coisas que vou estudar pó próximo semestre mal, mas isto é lição de vida, é aquilo que a escola tem de
282 dar. É: eu falar com outro, descubro que o outro sou eu, é outro eu, é outra pessoa. Eu podia ser ele. Se
283 eu tivesse tido o mesmo background que ele eu tinha sido ele, só que ... pronto. Ele cresceu noutra sítio,
284 ele teve outras experiências. Ele é ele. Eu tenho a minha posição e ele tem a posição dele. Eu começo,
285 nós discutimos, e eu tou a discutir a minha posição com tanta força, com tanta paixão como posso e ele a
286 mesma coisa, mas como tamos num sítio onde não é pa discutir é para... é para discutir, mas não é pra
287 entrar, pra discordar, não é para entrar em discórdia, é para entrar em discordância...ah... "Oh! Tá a
288 chover" (comentário ao olhar para a janela). Eu vou adaptar aquilo... o facto de eu tar a defender a
289 posição dele vai adaptar a minha posição, vai, eu vou, eu vou ver a análise do ponto, do ponto de vista
290 dele... e vou pensar: " por acaso não é mal pensado!", eu vou continuar com o meu ponto! Não vou
291 mudar o meu! E isto, eu estou a falar com os meus pares, eu não tou a falar, não é um professor a falar
292 de lá de cima! Tou a falar com pessoas da minha idade, com pessoas que vivem no mesmo mundo que
293 eu. Que têm experiências diferentes, que passaram por outras coisas, mas que, pra todos os efeitos,
294 podiam ser eu se tivessem tido outro tipo de experiências. E isso é... é brutal! É brutal! Porque t'ali um
295 órgão onde isto pode acontecer, onde há espaço pa isto acontecer. E acho que há aí muita, muita puto
296 que... em que as coisas não correm tão bem como poderiam porque falta isto, porque falta isto. Falta esta
297 educação e eu sei que seria outra pessoa completamente diferente se não fosse o núcleo. Era uma
298 pessoa muito mais tacanha e muito mais fechada nas minhas vistas e o núcleo abriu-me, abriu-me o
299 ponto que a pessoa que tá sentada ao meu lado, quando sai da sala, vai pa casa e tem uma vida tal como
300 eu tenho uma vida quando vou pa casa. Eu é que experiencio a minha e não experiencio a dela, mas a
301 outra pessoa também tem. Também existe um espaço. Existe um outro espaço além da sala d'aula. Fora
302 da escola existe um mundo. Não é só o meu mundo. Há um mundo de mundos diferentes! Não é só o
303 meu país! É outros países porque nós depois também tínhamos lá um grupo de pessoas que vinham
304 d'outro lado e também partilhavam as outras experiências connosco. E isto elimina preconceitos. Isto é,
305 isto é a primeira, isto é o primeiro passo. Nós...toda a gente tem preconceitos embebidos desde infância.
306 Isto é sempre assim. É, é por mais que nós não queiramos... eu adoro piadas de louras, piadas de pretos,
307 adoro piadas de... adoro fazer piadas de judeus, as piadas que eu mais gosto é as piadas de judeus. Eu
308 adoro essas piadas porquê? Porque eu consigo fazer essas piadas sem preconceito nenhum. Eu rio-me
309 é, pra mim a piada não é fazer pouco do, do, do grupo, é fazer pouco do preconceito. Eu acho que essas
310 piadas ... haviam de haver mais piadas dessas! Por amor de deus, fechem meia dúzia de génios numa
311 sala a fazer piadas de judeus! A sério! Porque eu não tou... as piadas, as piadas... nós temos... eu rio-
312 me é do preconceito. Esse preconceito existe. Isto é ridículo! Porque... nós vamos, sentamo-nos numa
313 sala e nós... somos todos iguais! Portanto podemos fazer piadas à vontade. O humor não se justifica, não
314 é? E isto... isto foi o núcleo que me ensinou. Eu sei que, se calhar, era uma pessoa muito mais perigosa
315 sem ele. Muito mais perigosa. O núcleo ensinou-me a... Eh pá! A pôr as coisas no seu lugar! A pôr as

316 coisas no seu lugar! Eu existo porque os outros existem. Eu vivi, houve momentos na minha vida em que
317 eu duvidei da existência dos outros. Eu duvidei, pá! Porque acho que ninguém, ninguém, toda a gente
318 põe isso em causa, mais cedo ou mais tarde e ali não! Aquilo... não em termos intelectuais é muito giro
319 pôr em causa a existência do, do universo, mas estas pessoas choram á minha frente a contar, a contar
320 as coisas delas! Eu experienciei muito mais só por estar sentado naquela sala, porque eu vivi a minha
321 vida, e as pessoas, essas pessoas viveram aquilo que eu lhes dei, lhes quis dar a partilhar. E VIVERAM!
322 Porque puseram-se no meu lugar e eu pus-me no lugar delas. "Olha, me tivesse acontecido isto, como é
323 que eu tinha reagido?" porque era isto. Era isto. "Oh, aconteceu-me isto assim-assim e eu fiz
324 isto=isto=isto e agora sinto-me mal e não sei o que é que hei-de fazer!". Isto não é a revista Maria! Isto é
325 mesmo muito difícil! Isto não é a revista, isto é: "eu fiz isto. Eh pá, mas agora... se calhar, não fiz bem". E
326 depois vira-se outro e diz assim: "eu, eu tinha feito desta maneira", " Olha e eu tinha feito d'outra!" e
327 depois pensamos bem nas coisas, pensamos bem nas coisas que estão a acontecer, porque é isso... nós
328 só pensamos connosco! Ali temos um sítio pra pensar com os outros. Pa pensar, pa pensar... pa pensar
329 com mais do que a nossa cabeça! E não é para formatar a nossa cabeça, não é pra nos fazer sentir isto,
330 ou pensar isto sobre as coisas. É: Ok... é, é, é um sentimento racional, é um sentimento racional de
331 grupo, é... nós estamos ali juntos, a pensar todos juntos numa coisa pa sair com aquilo que... para nós
332 para este grupo é o mais racional. Não é? Nós não nos vamos pôr a pensar... eu, no outro dia, tive... por
333 acaso, encontrei um tipo muuuuito engraçado que tava-me a, a, que escreveu um ensaio, eu não gosto
334 dele porque pra já é namorado de uma amiga minha e eu tenho tendência pra não gostar dos namorados
335 das minhas amigas e depois porque ele tem assim umas ideias muito à frentex. Escreveu um ensaio
336 sobre o facto de que... não foi, não é, que o Shoa não foi imoral. Eu nem sequer puxo a conversa com
337 ele, nem quero falar com ele, mas eu pus-me a pensar assim: quando nós nos púnhamos a falar do
338 Holocausto, e falámos tantas vezes, (pausa) se calhar eu, hoje, se não tivesse tido essas conversas
339 sobre o Holocausto, eu também ia pensar isso! Se calhar, ia pensar assim: " olha, agora imaginem o facto
340 demográfico de seis milhões de judeus no norte da Europa. Se calhar agora dominavam a Europa, tal
341 como dominam os Estados Unidos, e qual era o risco disso?" Mas independentemente de eu pensar isto,
342 ou não pensar isto, aquelas conclusões que nós tirámos: "Ok, morreram seis milhões de seres humanos!"
343 não foi a stora a, a... de cima do seu alto, do seu palanque a dizer: "Olha isto está muito errado! Isto é
344 muito mau porque, porque sim! Porque eu vos estou a dizer." Não! Era nós a pensarmos qual é a
345 dimensão de uma morte, porque nós... acho que toda a gente, mais cedo ou mais tarde, eu,
346 especialmente, sei que tive muita morte na minha vida! Mortes a mais! mortes a mais meus, mortes a
347 mais dos outros. O impacto de uma morte... seis milhões de mortes é impensável! É impensável! Mas isto
348 era conclusões que nós tirávamos de tarmos ali sentados a discutir. Não era, não era da professora tar a
349 dizer "Olha que isto é muito errado!". Não era bláblá. Era pensar qual era a diferença entre as pessoas.
350 Era nós fazermos coisas pela escola, pela comunidade... isso=isso=isso... Eu nunca tinha feito nada por
351 ninguém se não fosse o núcleo! Tinha chegado todos os dias de manhãzinha, saído à noite... Pronto,
352 muito contente com a minha escolinha e tinha... eu entrava em montes de actividades, mas sinto que as
353 actividades que nós fizemos com o núcleo, as,as,as sessões de discussão com, com oradores, os
354 projectos de voluntariado, isso foram coisas QUE FIZERAM DIFERENÇA! Ou que podiam ter feito
355 diferença. Sei lá se fizeram se não fizeram. Prás pessoas que participaram fizeram de certeza e isso já é
356 mais do que teriam feito se não tivessem existido. As pessoas que participaram nesses projectos de
357 certeza que se enriqueceram tanto com isso que... não interessa, que já nem me interessa, se a
358 comunidade se enriqueceu ou não. Mas aposto que as pessoas que participaram se enriqueceram. Pa
359 mim isso chega. Eu enriqueci-me de certeza. E eu, eu nunca participei o suficiente. Eu senti sempre que
360 não estava a participar o suficiente.

Mas fui pra Inglaterra e aí é que eu vivi o que o núcleo me ensinou. Há um mundo aí fora e nós, aqui fechadinhos no nosso casulo não temos a noção, não sabemos mesmo... ah, a coisa que eu mais noto é que... é nós estamos perfeitamente convencidos que somos os maiores... é um sentimento Português! O saudosismo... nós, um dia, fomos grandes, nós temos sempre aquela ideia: NÓS JÁ FOMOS GRANDES! (imita alguém a dizê-lo a outro) mas temos essa ideia há novecentos anos e não há nada a fazer. Nós temos essa ideia há novecentos anos. Nós... não... somos nada. Nós somos tão grandes por causa disso, ok? Eu amo este país muito=muito=muito=muito, não é esta pátria, é este país. Eu amo este sítio, este estilo de vida, esta maneira de estar, esta língua...amo isto. Mas lá fora, isto é tão relevante para o resto do mundo como a Estónia ou a Letónia...são para nós. Porque pra eles, eles são muito importantes e eu... pronto vi isto porque saí. E ainda bem que eu saí porque senão eu quando tivesse cinquenta anos ia dizer como aqueles velhos jarretas "Este país assim...". Não! Este país é assim e os outros também. Isto é tudo a mesma porcaria, só que a nossa... é nossa. A nossa porcaria cheira à nossa porcaria e, portanto, nós gostamos. É bom. É bom pa nós, porque é a nossa. Nunca pensei que me havia de sentir emigrante e sinto. Não muito. As coisas ensinaram-me que eu não precisava de fugir dos meus pais, que eu precisava era de crescer, mas não conseguia ter lidado com isso se tivesse cá. Não conseguia. Eu sei que não. Se tivesse cá tinha sido só fricção, fricção, fricção e assim tive, tive espaço...para deixar as coisas assentar e olhar pra elas de uma maneira diferente e... pronto. Tive muitos problemas o Verão passado...o verão passado! Depois do meu primeiro ano de universidade, mas estão resolvidos. Aliás, o facto de eu estar a pensar voltar só, só pode e de eu tar a olhar pró modo de vida dos meus pais como um modo de vida que eu quero, só pode mostrar que tá curado e tá passado e que isto aconteceu porque me fui embora. E eu acho a importância de me terem mandado pa lá... acho que eles entendem a importância.

Mas foram eles que te mandaram pra lá?

Não, de eles me terem deixado ir. Eu fui-me embora com dezassete anos aliás, eu sempre ... foi mesmo uma opção minha, mas eu sempre me senti muito mal... porque lá estava, eu olhava pró exemplo de vida que eu tenho, de pessoas que chegam a algum lado na vida sem ajuda de ninguém, sozinhas, por causa do valor que têm e eu sempre me sentia muito mal, porque "Eh, pá! Eu estou a fazer isto da maneira certa. Os meus papás estão a mandar-me um cheque", mas nunca consegui mudar. Sempre, eu sempre sinto isto: não tou a fazer o suficiente mas não consegui mudar, deixei-me estar.

Mas estavas a fazer a relação entre o que aprendeste no núcleo e a ida para Inglaterra. Tu andaste no núcleo...

Três anos. Dois anos e meio pouco mais. Não, não... muito mais. Foi logo no primeiro período. Foram três. Sim, sim, o corta-mato foi logo nos primeiros meses. Foi logo no primeiro mês de, de... Naaão! Naaão! Não, porque o acidente foi em Janeiro e eu devo ter ido pró núcleo aí em Março, no décimo ano. Pronto. Independentemente ahhhhhh. Houve muitas coisas, fazia contraste, havia um contraste muito grande, há um contraste, é o que eu tava a dizer ainda há um bocado, há um contraste muito grande entre as pessoas de Inglaterra e as pessoas cá. A maneira de vestir, a maneira de, pra já a língua não se dá a tanta, tanta... floreado. É uma língua prática, diz o que tem a dizer e pronto. E a nossa língua é uma língua onde se anda ali á volta e não havia espaço, não há espaço lá... ninguém tem espaço, lá, pa pensar nessas coisas. Ninguém se interessa por política. Ninguém se interessa por filosofia. É, pra já, uma formação muito mais fechada. Uma formação fechadíssima! Uma formação onde as pessoas que tiram o secundário tiveram que realizar três exames. Andam dois anos pra tirar três exames e só estudam aquilo! E eu sei, os portugueses, toda a gente em Portugal que anda no secundário teve... Filosofia. Lá ninguém teve Filosofia. Se lhes perguntarem quem é Kant, Kant é só uma palavra má, mais nada! É, é, é só o maior palavrão. Ninguém conhece...

Mas tu, lá, estiveste só com ingleses?

Não, não estive só com ingleses, mas ninguém se preocupa muito e é assim: eu contraste sempre isto com o português, em geral, a pessoa portuguesa em geral... eu conheci uma rapariga da Dinamarca aliás, eu namorei com uma rapariga da Dinamarca e nós portugueses, como não conhecemos o suficiente, em Portugal, ouve-se falar qualquer coisa "Ah, mas nos países do norte...". O norte é um conto de fadas. Em Portugal, quando se fala "Ah! Mas lá no norte...". É UM CONTO DE FADAS! Esse sítio não existe. Eu nunca, eu ainda não tive a hipótese de visitar esses países, mas aquilo que a minha namorada me contava... é um conto de fadas! Aquilo não era assim. PRONTO! São... São feitos de maneira a serem... se eles são bons cidadãos, eles são bons cidadãos porque é... pronto! É porque não sabem fazer as coisas de outra maneira! Ninguém lhes dá hipótese de eles serem más pessoas! Más pessoas! Não é más pessoas é... são cordeirinhos. É um rebanhinho e vão todos atrás uns dos outros e isto é tudo muito bonito até ao dia em que os transformarem em rebanhinhos pra fazerem outras coisas. É assim, eles agora são rebanhinhos pra serem bons cidadãos e não serem uma ameaça pó mundo, um dia qualquer transformam-nos em rebanhinhos pra tomar conta do mundo e eles vão tomar conta do mundo. Rebanhinhos pra tomar conta do mundo.

Mas porquê que tu os vês assim? O que é que os torna assim?

Porque eles não têm espírito crítico! Eles recebem tanto dinheiro do Estado que eles podem ter tudo o que quiserem e, portanto, tudo o que querem é à sexta-feira irem (assobia) apanhar copos, apanhar uma copofonia porque no resto da semana é pra tar a fazer aquilo que têm que fazer a ver televisão e é, na escola, eu não tenho a noção do que é a escola lá, mas eu acho que a escola lá é mesmo um sítio onde se dá formação técnica. Não se dá formação humana. Não é preciso dar formação humana.

E a nossa dá?

Se a escola não dá o café à frente da escola dá. Se a escola não dá o café à frente da escola dá. Se é boa se é má? Eu não sei, mas há de certeza POSIÇÕES FORTES. Há discussão. Não se evita a discussão neste país. Não se evita! E lá fora evita-se a discussão. "Ai é? Tens essa posição? Tá bem. Pronto. Amigos como dantes. Não se fala neste assunto mais". Mas o que é isto? Não, não, nós... eu acho que, eu acho, eu acho, eu acho que ainda temos, as gerações seguintes vão começar a perder isto. Eu acho que nós estamos gerações atrasados, mas eu acho que nós ainda temos aquele espírito de há trinta anos atrás. Se for preciso, há trinta anos atrás ainda tá um bocadinho vivo em nós. Eles NÃO! Quando é que foi a última revolução que eles tiveram? Eles estiveram sempre muito bem muito obrigado. Não é? Nós... foi preciso todos saírem à rua. É muito triste que se perca a noção do que é que foi o vinte cinco de Abril, porque os putos... pra eles é um feriado, vamos mas é pós copos no dia anterior, mas é importante que não se esqueça! Foi importantíssimo pra nós podermos estar aqui a ter esta discussão! Eles nunca tiveram que lutar por nada! Como os nossos putos de agora, eu tou a falar como um velho, hã! como a malta mais nova que eu vejo na geração do meu irmão e do meu vizinho... não há nada, não têm de lutar por nada. Tem tudo feito. Têm a papinha toda feita! É fácil nós esquecermos de que aquilo que temos, os direitos que temos, são... são direitos que temos que lutar por eles. É difícil nós nos lembrarmos que, que há muito sítio no mundo onde, onde as pessoas não têm as mesmas condições que nós. O núcleo lembrava-nos disso. O núcleo lembrava-nos que a Amnistia Internacional tava a fazer um trabalho aqui, ali e acolá porque não há direito disto, não há direito disto, não há direito disto, não há direito disto. E nós temos tudo... pouco mais... esquecemos que isso existe, esquecemos que ser cidadão não é não deitar lixo pró chão. Eu, se me apetecer deitar uma beata pró chão eu deito uma beata pró chão. Tou-me borrifando. A sério... porque... eh pá! Mais cedo ou mais tarde, alguém vai limpar a beata. Isso não é ser bom cidadão. E eles na Dinamarca, ui, meu deus se alguém manda, se alguém manda um () pó chão Ser bom cidadão é: ok, o que é que se passa? Se alguma coisa falhar eu tenho

que ter o sentido crítico de sair pá rua e dizer assim: “Não pode ser!”. Eles não têm isso. Eu acho mesmo que eles não têm isso. Eu sou memo sincero e isto... e isso perde-se. No Reino Unido então perde-se de uma maneira... terrível... ninguém “Ai é? tal...!” (mudou o tom de voz para um mais suave e fino)”então agora vamos ver o que é essa novidade? Então vá, vamos!” e depois dizem assim: “Ah, não! Mas eu vou em manifestações pós, pós coitadinhos!” e, se calhar, em Portugal era a mesma coisa, mas aposto, aposto que as pessoas que, as pessoas que estão cientes de que é preciso lutar pela liberdade têm que ser cada vez mais, porque eu vejo a situação mundial pôr-se de tal, tar a alinhar-se de tal ordem para, para... eles já não nos oprimem, eles já não nos oprimem com um lápis azul. Eles agora oprimem-nos com Coca-Cola, oprimem-nos com modos de vida. Eles não estão a vender ideais. Eles já não estão a vender capitalismo! Eles estão a vender um modo de vida. Já não é uma questão de capitalismo/comunismo, já não é uma questão de opressiv, é: “ vocês podem entender o que vocês quiserem desde que nós vos deixemos”. E nós: “ Ah! Eles deixam a gente faz. Nós podemos fazer o que quisermos.”

Tu não encontraste pessoas a querer construir o seu próprio... (Interrupção)

Encontrei! Encontrei! Encontrei! Tenho amigos (riso)! Não! Encontrei! Mas... e o que eu sinto é que tão muito perdidas. Tão muito perdidas porque... pronto. Como eu LÁ! Como eu LÁ, porque...pronto! Eu vou-me sujeitando, eu vou-me sujeitando. Aa, ninguém quer falar, ninguém quer falar... porque, lá, toda a gente pensa que eu sou... que é só teorias da conspiração na minha cabeça! Porque pronto! Eu... falo das coisas. Questiono-me. Questiono tudo! E eles lá “Ah! Teoria da conspiração” e todas as outras pessoas que pensam assim estão muito perdidas, porque têm que se adaptar. Essas pessoas, eu acho que não têm um sítio onde... são pessoas a quem faltou lá... como cá eu conheço pessoas assim, não tanto porque ainda há este espírito de café, mas lá faltou um espaço onde se pudesse questionar, onde se pudesse pôr em causa. Um dos rapazes que eu trouxe comigo hoje, o Mark, é, é exactamente assim. No outro dia estávamos na conversa à, à noite. Começou sobre religião e depois passou pra sociedade e eu tava a pensar: “ ele nem sequer tá, ele quer muito, mas nem sequer está, ainda, treinado para discutir, porque nunca teve essa oportunidade. Depois eu começo a falar e a mostrar os pontos... eu tive que lhe ensinar... naquela discussão eu tive que lhe ensinar que eu tou a dizer isto, mas não é para, pa te atacar a ti! É para te mostrar o que é que na minha visão é diferente da tua. Pronto! Não, não eles não tas treinados pra dialéctica.

Mas tu achas que o núcleo ajudou?

Ah, completamente! Completamente, porque eu tou com pessoas... Há muitas pessoas que acham qu’eu, que eu não consigo discutir. Acham-me arrogante só porque... pronto! Se eu estiver a discutir da maneira como eu discuto, normalmente, e eu tenho este problema com a minha mãe, mas ela agora já começa a entender. Eu não tou a passar atestados de ignorância! Eu tou a defender da melhor maneira que eu posso para que tu te defendas da melhor maneira que tu possas para nós, os dois, nos enriquecermos! Eu não tou a atacar a tua pessoa, tou a atacar a tua ideia. Quando isso acontecer é com nomes. Acredita que é tar a chamar tudo e mais alguma coisa.

Mas as aulas não proporcionam isso?

Não! (riso de desdém) As aulas não proporcionam isso. As aulas não proporcionam isso, porque os professores têm muito medo. Os professores têm muito medo de não terem razão. A maior parte dos professores... andam ali muito frustrados. A maior parte anda ali porque, enfim... porque não conseguiu mais nada na administração... eles têm muito medo, os professores têm muito medo. Os professores estão-se ali a expor e depois... pra já têm o currículo. Eu nunca senti, eu só senti a pressão do, do que há pa dar, da matéria que há pa dar, do temos que dar este programa, no décimo segundo. Até ali e tal, pronto. temos isto pa não podemos andar aqui a... mas sempre nas calmas como, como, como Portugal

496 é. É sempre nas calmas. Ah... mas, então, e se eles depois não conseguirem contra argumentar? Eu tive
497 que engolir muito sapo, eu tive que me calar muita vez! Eu lembro-me perfeitamente de um professor de
498 História que eu tive, do sexto, do sétimo ao nono... eu tive que engolir, tive que me calar muita vez! E ah,
499 ah... eu já não me lembro do que é que foi...ah! Eu lembro-me perfeitamente disto: cada vez que eu me
500 punha a argumentar ele quase que só faltava chamar-me estúpido. Porquê? Porque eu via que os meus
501 colegas estavam assim: "Ah! Realmente!" e eu tinha que... pra eu poder ter liberdade... eu podia, às
502 vezes, mandar assim uma boca mais provocatória, mais ...tive que lambear muita bota, tive que fazer
503 muitas vezes aquele charme que eu agora não tenho paciência pa fazer. Aquele charmezinho de: "Ah e
504 tal... então depois assim=assim=assim" a dizer aquilo que ele queria que eu dissesse pra depois, então,
505 poder mandar a minha machadada. Mas eu lembro-me perfeitamente... por exemplo... este exemplo
506 marcou-me muito, por acaso. Foi: ele fez dois testes iguais um pa minha turma e outro pa que fez o teste
507 antes e... um dia veio e veio dizer e tal "Então, quem é que foi dizer à outra turma o que saía no teste?" e
508 eu levantei o bracinho. Fui eu! Perfeitamente, se ele queria outra coisa tinha que fazer um teste diferente!
509 Levantei o bracinho. Quem é que levantou o braço comigo? O meu amigo que era... éramos, os dois, os
510 que tínhamos melhores notas. Tumba! E eu lembro-me, naquele período específico eu sabia que andava
511 ali entre o quatro e o cinco. Andava ali nos oitentas e nove oitentas e seis a um passinho do cinco. Toda a
512 gente como é óbvio, toda a gente como é óbvio, tinha dito. Porque é assim, da próxima vez são eles que
513 nos dizem a nós e é perfeitamente inocente. Não tem o menor, a menor diferença. Então, vocês os dois
514 em vez de terem cinco vão ter quatro. E eu fiquei assim... como é que é possível isto? Porque os
515 professores têm muito medo, muito medo de nós. É perfeitamente compreensível. Os professores... eu
516 não sei como é que o vosso treino pa ser professores, mas eu não sei se eles têm treino suficiente pa tar
517 em frente a uma plateia que está a fazer julgamentos. Eles estão ali... é pá, é uma cambada de putos, pá!
518 Por amor de deus! Por mais barulho que façam! isso não faz sentido nenhum. Uh! Como é que eles
519 aguentavam a pressão de dar aulas num anfiteatro, com trezentas pessoas, com vinte e tal anos?
520 Coitados! Não é?

521 **Como é que encaraste os professores?**

522 Sempre como amigos. Eu sempre tive uma imagem, tirando um ou dois maus exemplos, sempre como
523 amigos. Havia ali alguns que não, mas sempre na boa, eu qualquer professor, qualquer professora que eu
524 veja na rua vou-lhe dar dois beijinhos. Qualquer professor... Há um professor que eu tive uma vez, um
525 ano, no sexto ano, cada vez que o vejo é sempre uma grande festa. Eu tive grandes amigos que são
526 professores. Mas sinto que muitos amigos meus não tiveram! Tenho muitos amigos meus que continuam
527 a ver a escola como um sítio terrível. Eu só posso falar da minha experiência, porque foi uma experiência
528 maravilhosa. Eu se pudesse voltar atrás, voltava atrás já! No liceu! Oh! pá! Eu sinto tanta pena quando
529 vou agora ao liceu buscar o meu irmão, porque eu penso assim "Isto já não é o meu liceu! É o liceu do
530 meu irmão. Já não é as mesmas pessoas, as mesmas coisas. Sinto muita pena, porque se eu pudesse
531 voltar aqueles dias, com aquelas pessoas, com aquelas experiências, era isso que eu queria. Foram os
532 melhores anos da minha vida! Mas há muita gente que não foi. Há muita gente que...Eu aposto que há
533 muita gente que acorda de manhã pra ir prá escola e chora lágrimas... lágrimas dolorosas ham? ... Eu
534 sempre me adaptei muita bem, mas há pessoas que não se adaptam bem, que não têm sítio onde
535 possam (expiração funda) respirar. Entram na escola... e depois, pronto, começa a dar no estilo dos
536 filmes como os americanos. Isto está um bocadinho em filmes americanos. É...as cheerleaders e os nurd.
537 Há pessoas que não têm nin, ninguém e há professores que passam, que vêem isto nos corredores e
538 vêem isto nas salas de aulas e ainda espevitam. Ainda ajudam, às vezes. Eu sinto isso, eu sentia isso. E
539 agora contra mim falo, não é contra mim, porque não era pra mim, mas é assim aa... eu detesto pôr as
540 coisas neste prisma, mas aa... no décimo primeiro havia dois grupos na turma. Era o grupo dos fixes e o

grupo dos não fixes. E eu... estava no grupo dos FIXES! Mas o grupo dessas raparigas, era um grupo de raparigas, sentia-se muito alienado. E porquê que eles se sentiam alienados? Porque eles tavam sempre no corte da gente, porque tinham ciúmes, eh pá! E eu compreendo que elas tivessem ciúmes, porque é assim: havia ali duas ou três pessoas naquele grupo que tinham muito dinheiro e podiam fazer o que é...e depois chegavam e falavam da neve e depois chegavam e falavam: "ai, comprei esta camisola... não sei quanto e não sei quê" e eu... como nunca, nunca achei... sou amigo deles como sou dum, dum mendigo, não ligo nada, nada a isso, pronto, não me afectava. Às vezes pensava: "Escusavam de tar a fazer isto tanto!", mas pronto. É a tal coisa, somos amigos não ligo. E elas ligavam muito e depois começavam, não sei quê e um dia foram-se queixar à, à directora de turma e a directora de turma veio ter comigo! Que nós tínhamos que as integrar, porque não sei quê. E nós não temos que integrar nada! Nós não tínhamos que integrar nada. Ela, AO fazer isto, ao ter esta posição de "Olha, agora, vocês, coitadinhas das meninas! Vocês têm que as integrar!" isto é pater... paternidade... não existe essa palavra em português! É fazer coitadinhas das meninas! É piorar ainda a situação, não é? Em vez de lhes dar espaço () "vocês têm que ser vocês, têm que ter a vossa identidade". Ela ao querer ajudar ainda piorou a situação! E depois criou o quê? Criou ainda mais uma barreira entre nós! Ai ela está a dizer isso? Ah! Então pêra! E eu sempre na boa, porque nunca alimentei esse tipo de coisas, mas pronto. As outras pessoas alimentaram e ainda piorou a situação! Há professores que sofrem por causa dessas coisas e depois há professores que passam perfeitamente ao lado e não, não ajudam... Eu acho mesmo qu'há aí muito, muito estudante a gritar por ajuda. A GRITAR POR AJUDA! E ninguém dá uma mão. Eu acho que se fosse professor tinha sensibilidade de olhar pra alguém, que tá ali, em determinado sítio e, e, e "então pá! Então como é? como é que tão as coisas?" o puto até pode não se abrir nada, mas () "olha sabes, quando tinha a tua idade e assim isto e assim" e pode ser, pode ser qu'ali, uma partezinha dele seja iluminada e diga o que se tá a passar e se abra um bocadinho e... às vezes, dá uma ajuda tão grande... só de perder uma porcaria de cinco minutos, pá! Ser professor não pode ser receber o ordenado ao fim do mês e discutir quantas horas na escola passa ou não se passa. É uma questão de paixão, acho eu. E a maior parte dos professores anda ali a fazer de frete. Pá! Não tenho nada contra professores, aliás tenho muitos amigos, muitos amigos meus são professores, mas há muita gente ali a fazer frete. Muita gente ali a fazer frete e, depois, esses gritos de ajuda passam ao lado, porque, depois, os gritos de ajuda que não são ouvidos na sala de aulas pelos professores são ouvidos depois no café por pessoas que, às vezes, não precisavam de ouvir e depois levam os miúdos pra maus, pra muito más opções de vida. Porque depois... "ninguém me dá atenção vou ser um revoltado!" ou se vou ser um revoltado vou ser um revoltado contra tudo! Ou então não! É só meter uma bala na cabeça!

Mas tu foste uma das pessoas que levou muita gente ao núcleo.

Fui porque, porque... isto é um problema muito grande. Eu acho, eu acho... esta foi a parte que eu mais tinha medo quando tava a pensar na entrevista. Que é: eu fui, de facto, uma pessoa que levou muitas pessoas ao núcleo. Eu podia ter levado muitas mais... e agora tou a pensar... eu lembro-me uma vez que levei montes de gente. A stora lembra-se disso. Eu uma vez levei, assim, montes de gente e ninguém ficou. Qualquer uma dessas pessoas que eu levei têm todas montes de valor. Nenhum deles, nenhum deles ficou, mas fica-me uma noção que eu não sei se quero sentir que é aquilo é... que é aquilo que o Fábio diz, e cada vez que ele diz aquilo eu enervo-me tanto, tanto, tanto que é. "Nós somos um grupo de elite! Nós somos especiais!" NÓS NÃO SOMOS NADA ESPECIAIS! PÁ!

Alguma vez te sentiste especial?

Eu sinto-me especial todos os dias. Eu sempre me senti especial por pertencer ao grupo, mas eu nunca achei que nós somos "os especiais" que nós somos elite. NÃO!

E eram tratados como "os especiais"?

Não! Mas alguém sabia da existência, alguém disse, alguém se importava com alguma coisa? Só na cabeça do Fábio! Só na cabeça do Fábio é que se não fosse ao núcleo já não era um fixe.

Mas tu sentias-te especial por pertenceres ao núcleo porquê?

Eu sentia-me especial, porque tinha aquele lugar. Eu sentia-me especial porque eu parava, parava pa pensar, porque o núcleo não acontecia naquelas três horas! O núcleo acontecia a semana toda! Eu não me sentia no núcleo naquelas horas. Sentia-me no núcleo a semana toda. Aquela discussão começou naquela quarta-feira e, às vezes, prolongava-se por três e quatro semanas e prolongava-se e era no café e era na rua e era em todo, o núcleo não era, o núcleo não era uma sala! Eu escrevi um poema uma vez sobre uma sala. O núcleo não era a sala fechada. O núcleo não era aquela sala. A sala não interessava pa nada! O núcleo era lá fora. O núcleo éramos nós! eram as pessoas que lá tavam! E por isso eu sentia-me especial. Então, eu fazia parte de um grupo de pessoas com tanto valor! Claro que me sinto especial! Mas eu não sinto que seja uma elite! Eu detesto isso! Detesto! Eu sei que é sempre assim, é sempre assim, mas eu detesto esse sentimento! Eu, se calhar, cá dentro penso exactamente como o Fábio. Aliás, é isso que eu tou a dizer, eu penso como ele, mas eu nunca, jamais dizia isso... a não ser agora... que tou a dizer. Não é? Mas nunca, jamais eu dizia assim: "éramos um grupo de elite!" Não era nada um grupo de elite! Éramos meia dúzia de putos que tivemos a sorte de gostar de estar naquela sala e de partilhar experiências uns com os outros e discutir coisas com cabeça, com, com, com... não...

E tu ficavas a pensar nelas durante... (interrupção)

Ai sim=sim=sim=sim. Eu lembro-me... o que mais me marcou... O dilema que mais me marcou nós discutirmos foi... pronto... também havia malta nova, putos novos que precisavam de aconselhamento, também em termos de educação sexual, às vezes. Lembro-me que havia algumas vezes. Mas o que mais me marcou foi uma vez que a stora trouxe um dilema que era: ia haver uma catástrofe qualquer, no mundo, e havia dez lugares numa casa forte e não sei se vinte pessoas e nós tínhamos de escolher quais eram as dez e eu: eh pá! Ai! Isso não pode ser! ... Então não... eu, às vezes... ainda hoje, dou por mim a pensar: quem é que eu escolhia? E eu já não me lembro quem eram as pessoas, mas eu olho pás pessoas com quem vivo...por exemplo, eu olho pás pessoas todas com quem eu vivo, quem é que escolhia? E porquê que eu escolhia? Fazer juízos morais sobre as pessoas! E não posso... a lição toda daquilo é que não há juízos morais possíveis. Cada um de nós tem... e eu passei semanas... eu passei anos, eu passo anos a pensar naquele dilema! E toda a vida me ensinou muito e vai-me continuar a ensinar. Não há nem é possível fazer... uma vida não tem valor, uma vida não tem valor. Eu estou, às vezes, com amigos que dizem assim: "se deres uma vida pa salvar duas já valeu a pena". Não! Não consigo pôr a questão! Se calhar, é verdade. Se calhar, em termos práticos, o pensar em tirar uma vida é... em que alguém vai morrer é... é uma catástrofe, é uma tragédia sem=sem=sem dimensões definíveis. É o fim do mundo. A morte é o fim do mundo. Independentemente disso, os convites que eu fazia... a pessoa mais importante que eu trouxe e, e e essa é a que eu tenho muito orgulho em dizer, foi a Carolina. Não conhecia a Carolina de lado nenhum. Eu andei... desde o meu décimo ano que eu olhava pa Carolina e pensava: "esta miúda é especial. Esta miúda tem qualquer coisa aqui muito especial". E eu tenho pena de não a ter convidado mais cedo. A Carolina é, se calhar, um dos membros mais importantes do grupo que está lá e a Carolina é a prova de que, às vezes, nós convidamos pessoas quando elas são mesmo especiais. E isto ataca a esperança que o núcleo me chegou a dar que é: se houvesse um sítio destes em cada escola e, e as pessoas fossem, havia melhores pessoas no mundo. Mas as pessoas não ficam. As pessoas vêm, mas as pessoas vão. Só alguns... só os especiais, só os membros dessa elite, é que vão ficando. Não... não sei se, se pode generalizar o princípio do núcleo. Pra já, porque tem uma pessoa muito especial à frente e, e, oh, oh, stora, eu=eu=eu=eu=eu tenho este problema cada vez que discuto isto consigo que tenho este problema, porque eu tenho isto...na minha cabeça e digo: "não posso

631 dizer isto. Porque isto é, Isto... mas eu penso sempre: a professora Lina, a professora Lina vive pa isto.
632 Eu não posso tirar-lhe..." eu acho, eu acho que este projecto é um projecto único. Eu acho que este
633 projecto não... eu gostava muito de lhe dizer: "Stora! Vá ao Ministério da Educação e diga: vamos fazer
634 isto em todas as escolas! Vamos...". Não, não vai, não dá. Em lado nenhum. Não dá. Isto é isto. Este
635 núcleo foi isto. É isto. Este núcleo é isto. Este núcleo é: a pessoa que está à frente dele, é a professora ter
636 a paixão que tem e é a pessoa ser a pessoa que é e é as pessoas... Isto é só pa determinadas pessoas!
637 Isto não pode... se isto... nós estávamos a discutir isto no sábado. As pessoas... isto se fosse obrigatório
638 não...mas não sendo obrigatório as pessoas já têm a predisposição para ter determinadas perspectivas
639 em relação à vida, determinadas perspectivas humanistas e determinadas perspectivas de respeito pelos
640 outros e de, de tentar fazer do mundo um sítio melhor é que vai ficando! Os outros, os outros... têm a
641 VIDINHA DELES!

642 **Mas o que importa não é a possibilidade de poder fazer as coisas?**

643 É, é é! Mas isto... em mim despoleta, despoleta o dilema que eu tenho que eu não sei o que pensar sobre
644 a natureza humana. Nós discutimos a natureza humana e durante o núcleo eu tinha uma ideia da
645 natureza humana que é uma ideia da natureza humana que eu já não tenho agora. Eu dantes pensava
646 assim: "Não! O Homem é memo bom! Só que pá! Pronto, vai-se deixando levar e torna-se mau." Não. Eh
647 pá! Eu a maneira como vejo as coisas agora já não sei. Eu já não sei. Se calhar, o Homem é memo mau.
648 De vez em quando lá aparece uns que conseguiram encontrar o caminho do Bem. Eu já não sei o qu'ê
649 qu'acho. Eu já não sei o que acho. A sério! Em termos... neste momento, na minha vida, estou
650 perfeitamente perdido em termos do que é que achava e acho que: é pena, mas a gente não consegue
651 fazer toda a gente bom. Não dá. Não dá. A gente não consegue fazer um mundo melhor.

652 **Tu sentiste que o objectivo do núcleo... (interrupção)**

653 Era fazer um mundo melhor, ai sim

654 **...era tornar as pessoas melhores?**

655 Não era tornar as pessoas melhores. Não, não! Não era, não era uma questão de tornar as pessoas
656 melhores. Nunca vi isso assim, porque eu sei que qualquer pessoa que entrava por aquela porta
657 porque... e aí a sensação que os convites eram convites feitos.

658 **Houve cartazes!**

659 Houve cartazes! As pessoas podiam ir, mas, mas quantas pessoas vieram por causa dos cartazes?
660 Quase todas elas vieram por convites. "Oh pá! Vem, vem, vem só uma vez!" pouco mais. Por serem
661 convites as pessoas já eram boas. Não era uma questão=de=fazer=as=pessoas=me o quê, o quê que
662 nós podemos fazer pa fazer do mundo um sítio melhor. Ai isso era. Eu... enquanto tava no núcleo eu
663 achava: se toda a gente no mundo tivesse um sítio assim pa falar das coisas que nós falamos o mundo...
664 valia a pena viver no mundo. Era um sítio bom. Eu tinha essa noção vívida, vívida, vívida. E, agora, olho
665 pa trás e penso assim: "ai! Se eu pudesse pensar como quando tinha dezassete anos!". Mas quando tinha
666 dezasseis ainda era pior. É idealista. É idealista. Não é perca de tempo. Nunca, nunca. Nunca.

667 **Eu ia perguntar-te: qual é ...o lado negativo deste grupo?**

668 Se calhar, se calhar, eu tenho uma parte de mim que não tem esperança nenhuma=nenhuma=nenhuma
669 pó Homem, pó mundo... não tem! Não vejo, não vejo... sou perfeitamente derrotista. Isto vai-tu-do-pa-ra-
670 as-cou-ves (soletrou) ... perfeitamente derrotista. Mais cedo ou mais tarde ou não há malucos... mais
671 cedo ou mais tarde nós comemo-nos uns aos outros só porque sim, só porque sim. Nem sequer com uma
672 justificação plausível... vamos lá destruir isto, porque... é: "Ai e tal... vamos." Não=Não... ninguém sabe
673 porquê mas vamos fazer. Mas não é em vão. Cada uma das pessoas que tá ali sentada naquela sala,
674 naquele círculo... a falar... eh pá! Há uma parte de mim que ainda tinha aquela esperança de que... " se
675 calhar, ainda dá! Se calhar...Há pessoas que merecem um mundo melhor. E se há pessoas a darem as

vidas delas pa fazerem do mundo um mundo melhor, se calhar, vamos... Se cada um de nós discutir estas coisas quando sai do núcleo, e eu aposto que fazemos, aposto que fazemos... as nossas atitudes, a maneira como nós vemos e a maneira como nós falamos com as outras pessoas é um testemunho da experiência que nós tivemos naquela sala. Se cada um de nós, é como aquela coisa do... ai, como é que se chama o filme? Não sei. O puto tem ideia de fazer um mundo perfeito... se cada um de nós tocar mais duas pessoas e essas duas pessoas tocarem mais duas pessoas... pronto! É um efeito em cadeia. Vamos lá ver como é...

"Favores em cadeia" ("Pay It Forward")

...mas eu tava à procura do nome em inglês que é muito mais... válido. Independentemente disso, se cada um de nós fizer isso, então nunca foi uma perda de tempo. Nunca foi, apesar de eu, pessoalmente, achar que no, no, no panorama todo das coisas não vá fazer diferença nenhuma, mas ali... mas... se alguém algum dia olhar para tudo, esta vai ser uma daquelas coisas que, que, que se podia dizer: "Ok, mas houve alguém a fazer algo de bom. Houve alguém a tentar fazer disto um sítio melhor" e isso é... Oh! pá!... Não tem valor!

Como é que tu viste a questão do respeito e da confiança no grupo?

(Expiração funda) as coisas que se falaram no núcleo nunca me lembro de... eu lembro-me de... pá... houve em relação a uma questão... eu quebrei o voto de, de, de... de confiança que fiz. Eu sei disto. E lembro-me que me custou muito. E só o fiz porque falei com um tipo que não conhece ninguém das pessoas envolvidas e, portanto, não vai, não vai fazer diferença nenhuma. Estava a contar a história: "Olha a um amigo meu aconteceu isto assim, assim". Mas eu sei que... pelo menos pra mim, eu acho que pa toda a gente, as coisas tavam ali dentro, eram ali dentro. Aquilo era uma porta fechada. Uma porta aberta pa entrar, não era uma porta aberta pa sair. Aquilo tava... tava muito... e... o respeito era total. "Ok, tu fizeste isto... coiso... ok.". Não havia julgamentos de... valor. Não havia julgamentos de...

Sentiste alguma vez preconceito... no grupo?

Dentro de mim. Só dentro de mim. Porque eu sou uma pessoa preconceituosa por natureza. Toda a gente, eu acho, eu tenho, eu tenho a noção que toda a gente é preconceituosa por natureza, mas eu sou extremamente preconceituoso por natureza. É um esforço muito grande... Eu... depois, eu gosto, eu acho que é uma das coisas porque eu gosto de piadas étnicas é isso, é que eu assim posso, posso mandar a minha à mesma, memo, conscientemente, não achando o que estou a dizer. Dentro de mim... sim. Perfeitamente! Porque entra uma pessoa... eu acho que toda a gente faz julgamentos. Entra uma pessoa a falar de determinada maneira, a pensar de determinada maneira e eu penso assim: "Ok! Eu consigo ler exactamente quem tu és, donde é que tu vens e onde é que tu vais". (Risos) Eu faço isso todos os dias! E faço, fazia isto desde o núcleo! É... eu sei quem é que tu és, como foste criado aa... e sei exactamente onde é que tu vais parar e.... e pronto! E pra baixo e pra cima. Preconceito para, para... preconceito para pessoas de todas as categorias sociais, preconceito de todas... tudo. Eu tenho esse preconceito. Sempre tive e no núcleo também tinha, mas... nunca mudei a minha maneira de estar para essas pessoas por causa disso. Quando havia preconceito era na minha cabeça e acontece. A minha cabeça é assim e coiso. Mas nunca achei que devia mudar as minhas atitudes perante essas pessoas por causa de... de ter essa opinião, ou de achar que isso ia acontecer, ou que era assim. Não, isso não. Isso não. Nunca no grupo isso aconteceu... até porque se fosse... eu penso isto muitas vezes... as mesmas pessoas... ok, quando eu cheguei a orientar sessões no núcleo... as mesmas pessoas, com outra presença a orientar têm comportamentos completamente diferentes. A pessoa do orientador, por mais que se tente, ok, afastar para não influenciar o comportamento do grupo, porque é isso que tem de ser feito, influencia sempre. O facto de tar lá a, a e o facto de toda a gente olhar pa, pa, pá professora Lina do género: "Uou!

720 Nós tamos aqui, porque ela é a maior”, é muito, foi muito importante. Isto não é, este trabalho, este... oh
721 stora! Eu não tou aqui só pa...

722 **Mas sentias esse desnível ...**

723 Não, não! Não era o desnível.

724 ... de quem coordenava? E neste caso concreto, o facto de eu ser professora, porque eu era
725 professora da escola, não é?

726 Sim, mas... não, não era pelo facto de ser professora. Não tinha nenhum... não ia afectar a nossa
727 avaliação em nenhum...sentido. Era só... nós víamos as suas posições... se a stora dissesse assim:
728 “olha que eu não sei se concordo muito com a tua posição”. EU NÃO IA MUDAR A MINHA POSIÇÃO
729 LOGO! Aliás, nós tivemos n de discórdias. Pensávamos e pensamos de maneiras completamente
730 diferentes num número... inúmero de coisas. Aa, aa... mas... num número inúmero? (muitos risos). Em
731 inúmeras coisas nós pensamos de maneiras diferentes, mas eu pensava... Se a stora Lina dissesse
732 assim: Essa posição e tal...vê lá!”. Eu ia “vê lá!”, eu ia “vê lá!” eu não ia mudar, mas eu ia “vê lá!” e isso...
733 é claro que isso quer dizer que se houvesse ali preconceito, se houvesse ali um comportamento de “Olha,
734 este preto já tá aqui a...” O QUÊ? ISTO NUNCA, NEM ERA POR MEDO DO QUE PODIA ACONTECER!
735 ISTO ERA INCONCEBÍVEL NA NOSSA CABEÇA. Eu nunca, eu não consigo pensar, eu não consigo
736 imaginar uma cena dessas no núcleo! Ainda que fosse outra pessoa a orientar. Quando eu tava a orientar
737 as coisas eram dirigidas de uma maneira diferente, porque a professora sempre teve... pronto, pronto. A
738 professora tem o seu treino e é completamente diferente porque a stora tem... aquelas directivas para...
739 pronto. Tem mais ou menos um curso que a discussão vai tomar e a stora vai explorando... “Oh! Vou por
740 aqui e... ok, vamos lá explorar esta parte” e eu... tenho uma maneira completamente diferente. A minha
741 cabeça funciona de uma maneira completamente diferente e é... perfeitamente... saltar de um lado pró
742 outro e a ... nada de concreto. É só... abstracção e o núcleo era orientado de maneira diferente. E,
743 portanto, nas vezes que eu orientei nunca havia espaço pa preconceito porque era tudo muito..., mas, se
744 calhar, havia espaço pa pressionar... eu, se calhar, trazia um bocadinho este preconceito quando
745 orientava! Se calhar, incutia um bocadinho esse preconceito na maneira como eu levava as coisas. Ah...
746 ma não! Não! ... É aquilo que eu disse em relação às piadas... é, é... ainda qu’ houvesse lá, eu sou de
747 opinião que nunca se consegue eliminar o preconceito, tem é de se viver com ele e perceber que ele é
748 uma palermice! A piada tá... a piada não tá no que se tá a dizer, a piada tá no facto de haver alguém que
749 ache mesmo que as louras são mais burras que as morenas. E essa é que é, o preconceito é que é a
750 piada. E... qualquer preconceito que fosse era dito dessa maneira. Era dito dessa maneira, era dito numa
751 piada, não é? Eu devo ter mandado p’aí uma centena e meia de, de louras à Andreia. É, é ... a Andreia
752 abria a boca e...”É pá! Mas tu és loura o que é que...”, eu sou capaz de ter feito isto dezenas de vezes,
753 mas eu não acho mesmo que as louras sejam mais burras que as morenas, como é óbvio, apesar de
754 haver provas científicas que elas têm o cérebro mais pequeno (risos).

755 **As questões religiosas na escola. Tu achavas que eram motivo de discriminação?**

756 (Expiração funda) discriminação! Pronto. Nós temos um meio religioso muito limitado. Eu lá experiêncio,
757 em Inglaterra experiêncio um meio religioso muito mais abrangente... hindus, muçulmanos, católicos,
758 protestantes, ateus... tudo, não é? Nós... aqui... temos um meio muito limitado. Basicamente, a única... o
759 único meio que eu sinto que há ali uma segregação minúscula... não é muita. Não é muita...São os
760 protestantes cá. Mas eu acho que essa segregação é mais... da parte deles... deles quererem segregar
761 um bocadinho... do que... nós a segregá-los a eles, porque nós fazemos... acho que nós não fazemos
762 isso. De todo. Em Portugal ninguém tá preocupado com a religião. Em Portugal eu vejo memo isso.
763 Ninguém se preocupa nada.

764 **Mas no núcleo... (Interrupção)**

765 No núcleo, no núcleo... no núcleo não. Tá a ver, eu noto... a Carol é protestante, mas eu sei que a Carol
766 nunca trouxe isto pra cima. Nunca. Enquanto que, outras pessoas com quem eu andei na escola, que vão
767 exactamente à mesma igreja que a Carol fazem disso um ponto assente. Um ponto assente que é
768 importantíssimo pra eles. Ok, tem... é importantíssimo pra eles, mas ninguém pôs de parte, mas dentro
769 do núcleo nunca se percebeu muito isso, apesar de se estar, às vezes, a discutir questões de moralidade,
770 acho que, quem quer que tivesse pontos de vista religiosos a, a... sabia que ali era o sítio pra discutir as
771 coisas de uma forma... secular. O que quer que fosse a minha opinião em termos religiosos não era essa
772 a questão. Eu, pelo menos, sempre tive essa noção. É... ok, eu, se calhar, em termos religiosos até acho
773 que... penso duma maneira, mas eu tou a analisar isto... de forma secular. De forma... ok, deixando
774 Deus lá fora, porque isto não é sobre Deus, não é sobre o que Deus acha ou não. Deixando Deus lá fora
775 vamos discutir isto. Se vamos discutir isto, então há, a razão diz-me que... isto tem... vamos discutindo as
776 coisas juntos... sem Deus no programa. Acho qu'isso foi sempre a maneira de ser do núcleo por mais que
777 houvesse, às=às=vez=às (gagueja) eu sei que, às vezes, havia pessoas a defender determinados,
778 determinadas posições pelos pontos de vista religiosos que têm, mas... por exemplo, havia montes de
779 discussões sobre sexualidade e não me lembro de ninguém ter dito... AH! Por acaso o Pedro... uma vez.
780 Uma vez nós tivemos uma discussão muito grande, eu e o Pedro. Apesar de eu ter um bocadinho uma
781 visão parecida com a dele em termos... eu, eu não consigo imaginar o meu filho gay...pá! Se for, for! Se
782 for vai ser, mas não, não, não consigo imaginar! Até percebo a maneira de ver das coisas dele, mas
783 lembro-me que tivemos uma discussão muito grande porque eu assim: "quê? Mas tu és totó da cabeça! É
784 errado? Então, mas não há opção? Então, mas o que é isto? E eu lembro-me de ele uma vez ter trazido
785 isto, mas ele trouxe isso e fez daquilo a bandeira dele e andou com ela a correr até... até cair pó lado,
786 mas mais ninguém... tocou nisso, porque toda a gente tava assim... do género... mas não tem... não tem
787 ponta por onde se pegue aquele argumento. E eu sei que essa discussão foi despoletada pelas visões
788 religiosas dele. À parte... eu, à parte desse episódio muuuito específico, não me lembro de nada porque,
789 pronto, eu... a stora tava caladinha muito bem eu lembro-me perfeitamente da stora ... a stora tava a
790 participar, mas houve uma parte, ali uns cinco minutos... tava toda a gente calada e era eu e ele. E eu a
791 pensar assim: "Eu tou a perceber o que tu queres dizer. Porquê que é tu não tas a querer perceber o que
792 eu quero dizer?", porque eu tava a acordar... ok. Tu pensas isto, mas vê lá o que é que eu penso! E ele
793 esqueceu-se disso, mas pronto... também... mas... pronto. O Pedro não teve cá na sessão de sábado e o
794 Pedro entrou, saiu e...se calhar, não deixou... deixou marca porque eu tou a falar dele! Mas, se calhar,
795 não foi dos, dos elementos mais marcantes do núcleo, pelo menos da minha geração. E não é... de
796 maneira nenhuma nós correremos com ele, porque ele achava que os gays eram errados. Nem pensar
797 nisso. Foi só ele... se calhar, não se sentiu bem, porque sentiu que ele era preconceituoso de mais para a
798 maneira de estar do grupo, que era uma maneira de estar perfeitamente aberta, perfeitamente saudável
799 e, e... e pronto, e de pôr as coisas no, no... posicionar. Esta é a tua posição, esta é a minha posição. Ok.
800 Vamos discutir e vamos sair e... quando sairmos vamos beber uma cervejinha! Não há, não há ali
801 conflito. E com ele... ele não evitava... ele, ele... ele não cedia. Quando eu cedia a um ponto dele ele não
802 cedia ao meu ponto e isso é uma coisa que no núcleo sempre aconteceu e... e também aprendi isso no
803 núcleo. Aprendi isso no núcleo. Eu, regra geral, sou de gancho, ateimo até ao fim, memo quando sei que
804 já não tenho razão, ateimo=ateimo=ateimo e o núcleo ensinou-me: "não há motivo para ateimar. Ok, eu
805 tenho esta posição. Até percebo o teu ponto, mas não consigo concordar! Mas tá tudo bem! Não tenho...
806 e isso não é acordar, nem discordar. Isto é não confundir discordância com discórdia. Nós discordamos,
807 mas nós não estamos em discórdia. Isso, isso foi muito importante. Foi extremamente importante da
808 minha experiência de núcleo eu aprender isso porque senão... Senão eu nunca tinha conseguido resolver
809 os problemas com o meu pai porque era esse, eu agora sei, olhando pa trás, que era esse o meu

problema. Pronto. Nenhum de nós cedia e nós quando tivemos a grande discussão das nossas vidas percebemos isso, que nós pensamos tão igualzinho que se nós...percebermos que, às vezes, não tamos em discórdia, tamos a discutir as mesmas coisas, só de maneiras diferentes, com a mesma visão só de maneiras diferentes, diferentes prismas... porreiro! Porreiro. Eu percebo... "Oh! calma, calma! Vamos ter calma. Ah! Mas eu concordo contigo. O que eu tou a dizer é isto assim de maneira diferente e... ter calma a discutir. Ter calma. Há muita gente aí...na rua, na estrada, que começa coisas sem jeito nenhum porque não pára pra ouvir. O núcleo é um espaço de... parar pa ouvir. Ouvir a sério! Não é... pa escutar. Pa escutar! Pa tar a prestar atenção ao que a outra pessoa... vá ouvir-me a mim também se eu a ouvir a ela. Uma conversa é um mútuo acordo pa perdermos tempo um com o outro. Uma conversa é "Ok. Tu vais perder o teu tempo a perceber-me pa que eu perca o teu tempo a perceber-te a ti. Enquanto tu tás a falar... o tempo que a outra pessoa tá a falar não é o tempo de espera pa eu falar. É o tempo de eu escutar e isso havia ali. Ali, no núcleo, havia. Eu era o pior...eu fazer barulho (imita o falar baixo).

Tu achas que o núcleo pode ter algum papel na forma como se encara a escola e depois em termos mesmo...

...Profissionais?

...de rendimento escolar e de aceitação das próprias aulas?

Eu tenho pena mas tenho que dizer que sim. Tenho pena, mas tenho que dizer que sim. Eu, se calhar, não tinha aguentado tão bem certas coisas que aturei a professores se não fosse aquilo que aprendi no núcleo que é "Eh pá! Pronto. Lá tá este... estrôncio a, a... impor-me a posição dele, mas qual é o ponto de eu fazer, não é de conformar-me é... assertividade. Assertividade. Ok. Eu tenho coisas pa dizer, mas há instâncias em que não vale a pena. Há instâncias em que não vale a pena, porque só vai causar problemas, só vai piorar a relação entre as pessoas. Eu tou a falar, porque eu sempre tive muita propensão pa atritos com determinados professores, porque quando... posições diferentes, diferentes maneiras de ver os tópicos. Eu nunca fui um aluno de me calar e dizer assim: "Ah! Pronto! tas a dizer isso, então é porque é verdade." Mas calma lá... mas isso é assim?... mas assertividade foi uma das lições, foi uma das grandes lições do núcleo. Não só porque... nós cobrimos o tópico da assertividade, mas não foi, isto não foi o mais importante. O que é certo é que... no núcleo tinha-se de ser assertivo, porque não havia n pessoas todas iguais. No núcleo não somos todos iguais, portanto a única maneira de, de, de transmitir a nossa posição, transmitir a nossa visão é ser assertivo. Não é? Nós não podemos, não podemos impor ninguém pela força, nem pela autoridade, nem por... truques. É por ser assertivo. Portanto, dentro de uma sala de aula também é importante, isto é, saber levar as coisas da maneira certa. E depois... pa algumas pessoas, eu acho que o núcleo aa, aa e eu aposto que alguém, em alguma entrevista falou disto, que é... aa, aa... havia o sítio pra onde vir pr'á escola. Eu aposto que algumas pessoas no núcleo não tinham mais nada que esperar da escola senão o tar com o núcleo. Quando eu digo tar com o núcleo é tar cá fora com as pessoas que nós gostamos, não é? Havia ali, havia ali uma ponte. O que quer que aconteça sabia-se que lá fora, nos intervalos, eu não passava grande tempo com as pessoas do núcleo, a maior parte das vezes, mas havia ali... nós fazíamos parte... nós... faz-me lembrar o "Fight Club". É nós olharmos uns nos outros e é... até que podia não estar lá gente do núcleo, mas sabíamos que nós tínhamos de tar lá. Nós sabíamos que fazíamos parte daquele grupo. Havia um sentido de, de, de grupo! Um sentido de grupo que falta muitas vezes na escola, que é uma coisa que existe muito nos EUA, que eu acho que ajuda muito à maneira como os EUA tão posicionados no mundo que é: a malta da equipa de... toda a gente tem que fazer parte de um grupo. Não é? ou faz parte da equipa de futebol, ou faz parte da equipa de basquetebol, ou faz parte da equipa de soletrar palavras, mas faz-se parte de qualquer coisa. É um forte sentido de grupo. Ninguém está ali sozinho. E há pessoas sozinhas nas nossas escolas. Há pessoas sozinhas e há pessoas que têm um amigo e é aquele amigo e

é aquele amigo e não conhecem mai nada, porque e isso só quer dizer que não se conhecem a elas mesmas. Se nós não conhecermos pessoas diferentes... nós não nos conhecemos a nós mesmos. Não pode haver vontade d'ir pá escola. Não pode haver vontade d'ir pá escola porque não uma identificação com alguma coisa. E aqui o núcleo servia de identificação pa alguma coisa. E o núcleo servia tamém... porque pronto, nós depois tínhamos aquelas actividades, tínhamos aquelas, aquelas palestras com pessoas que... que sabiam o que é que tavam a falar em determinados campos e, e isso fazia-nos olhar, pensar assim: "Eh pá! Eu gostava de ser uma pessoa daquelas!" e depois, depois e pra isso nós tínhamos que estar na escola. As pessoas tiveram na escola. Tiveram que aguentar aquilo que nós aguentámos. E, se calhar, isso anda-me a fazer falta. Agora que eu ando a pensar em desistir de tudo o que é académico. Se calhar andava a fazer-me falta dar-me com esse tipo de pessoas, porque cada vez que eu falo com o professor Cay ou com o professor Carlos Faro penso assim. "Caramba! eu...se nã fosse tão calão, se trabalhasse, ainda ia conseguir chegar aqui!" e o núcleo proporcionava-nos essas coisas. A Carol, por exemplo, tá a tirar Antropologia... QUAL FOI O IMPACTO da antropóloga que nos veio fazer aaaa...aquela, aquela... só me lembro de "talk"... aquela palestra ahmmmm... nas escolhas dela? Não é? Um exemplo! Um exemplo, não é? O Impacto que teve o... o... aí como é que se chama aquele médico que foi lá?... O filho da... senhora da secretaria?

Daniel.

... o Daniel, Daniel Pinto. O Daniel Pinto ... aí! Foi quando eu... eu quando fui à palestra do Daniel Pinto é que eu tive assim a certeza "Oh, Pai! Eu peço imensa desculpa, mas não vou ser médico! Deves tar é doido da cabeça!" (muitos risos). E não só a nós! Ali foi o ponto. Não foi só ao núcleo. Eu sei de pessoas... no outro dia tava a conversar com a Eva... a Eva disse-me assim: "Olha, aquela conversa, aquela vez que o Pinto foi lá, o Daniel foi lá à escola, olha foi, foi muito importante porque"...ninguém sabe de nada. Ninguém na escola sabe o que é o mundo! A escola não tem contacto nenhum com o mundo real. Não tem! Eu continuo a não ter! Por isso é que eu quero fazer outro estágio este ano. A escola tá no mundo! Nós quando acabarmos a escola vai memo haver coisas lá fora e nós protegemos os alunos coitadinhos. Não sabem o que andam a fazer. "Vamos pô-los aqui, entre quatro paredes, não sei quê, não os deixem sair da escola, fechem os portões". NÃO! Oh pá! Abram os portões! Dêem-lhes é instrumentos pa eles lidarem com o que está lá fora. Lá fora vai haver malta a dizer:"Haxixe, haxixe?" como há na rua Augusta. Mas será, a malta tem é que ter instrumentos pa dizer que não! A malta tem é que ter instrumentos pa chegar lá fora e, e... ser bem sucedido. E isso tem de ser dado pela escola. Senão, o quê?

Nas aulas?

Eu não sei! Se eu soubesse era uma daquelas ideias de um milhão de dólares, não é? Mas não sei. Eu, se calhar, é nas aulas... se calhar é... se calhar é em tudo. Se calhar, é preciso pôr em tudo, mas pra isso era preciso que as coisas, que quem tá lá, quem tá lá em cima, quem tá virado de costas pó quadro preto... ter paixão por fazer isso. Quem tá virado pós alunos é que tem de fazer isso. É que tem de mostrar... é pá! Atenção! Tem que perder cinco minutos, pá! Perde-se cinco minutos com tanta porcaria dentro duma sala de aula. Tantos cinco minutos desperdiçados que uma contínua traga um projector, à espera que... então não desperdicem cinco minutos pa se falar d'outra coisa qualquer? O programa é assim tão importante de ser cumprido? É assim tão importante? Não se pode passar d'alto uma ou duas coisas?

Tu sentes que ao longo do teu percurso a escola te tentou formatar?

(silêncio) Uma pergunta difícil, porque eu nunca senti que estava a tentar, mas, se calhar, tentou eu é que sempre tive uma personalidade muito forte ... nunca, nunca... se alguma vez tentaram nunca me afectou.

Como é que tu fizeste pra escapares a essas... pra não teres a noção disso?

Sempre li imenso, sempre li imenso. Tive muita pena... em Óbidos... as bibliotecas nunca foram exactamente aquilo que eu queria que elas fossem. As contínuas das bibliotecas nunca foram exactamente aquilo... e eu sempre fui amigo das contínuas das bibliotecas, porque passava lá muitas horas.

Das bibliotecas das escolas?

Sim, das pessoas à frente das bibliotecas. Os professores...da minha experiência, os professores responsáveis pela biblioteca tinha de ser um professor responsável pela biblioteca a tempo inteiro. O professor tinha de tar na biblioteca. O professor tem de lá estar e tem de lá estar o tempo todo. Eh pá! Outra vez. Com tanto professor a não fazer nada, tantas horas, porquê que não há-de haver, lá, um professor que seja só responsável pela biblioteca? ARRUMADA POR ORDEM NUMÉRICA, com os livros que a gente quer, com os livros que toda a gente quer, livros bons. Não existe.

Não sentiste isso na Raul?

A Raul melhorou muito. A Raul tem andado a melhorar muito. Desde o décimo até ao décimo segundo melhorou muito e melhorou muito a minha visão das bibliotecas que tinha em Óbidos. Óbidos, a biblioteca de Óbidos era *Uma Aventura* e pouco mais. Mas memo assim! Memo assim! Era o tipo de biblioteca onde...no meu décimo ano havia Harry Potter em todo o lado e havia lá, pa requisitar, Tolkien, porque... não sei. Ai! Comprei um livro do Tolkien Companion e pensei "Olha, vou ler outra vez o "Duas Torres" e não havia *Duas Torres*. Assim que saiu o filme já havia o, mas antes do filme não havia o *Duas Torres*. Pá, tamos a falar de uma das mais influentes obras literárias do século XX. Pronto, este tipo de sentimento. Mas eu aposto que não há Marcel Proust na biblioteca... por exemplo! Isto, são coisas que tinham de lá tar. Pronto. Ok, como é que eu me escapei à formatação? Foi sempre a ler, foi sempre aaaaa ler imenso, a conversar e, depois, é assim, eu nunca... eu nunca me... houve meia dúzia de pessoas que me incutiram um espírito crítico muito grande. Meia dúzia de pessoas que me incutiram... "questiona". Eu estou-vos a dizer isto...isto é o que eu sinto de mais diferença entre os cientistas portugueses e os cientistas lá fora. O cientista português teve Filosofia, o cientista lá fora não teve Filosofia. O cientista português sabe que... sabe quem foi Karl Popper. Eu falo de Karl Popper... todos os dias, pouco mais... todos os dias, pouco mais eu falo de Karl Popper na, nas minhas aulas. Ninguém sabe quem foi Karl Popper! É só, pa mim, é só um dos nomes mais importantes da ciência de sempre. É o tipo que diz: "Ok, o chão tá molhado não quer dizer que teve a chover. Se teve a chover quer dizer que o chão tá molhado, ou melhor, ah! Já tou a trocar isto tudo. Não interessa. Pronto. O verificar algo não, não prova essa coisa. O verificar que algo não acontece, prova que não acontece, não é? E ninguém lá fora percebe isto. Se a caneta não cair a gravidade deixa de existir. Cada vez que a caneta cai é mais uma ajuda pa gravidade existir, mas não quer dizer que a gravidade exista. É só que ainda não provámos que a gravidade não existe. Provar que algo não existe é prova de que não existe. Ninguém percebe isto. E sempre tive professores que me incutiram espírito crítico. Nunca me deixaram... e lá em casa tamém. O meu pai, o meu pai sempre foi, nunca, nunca se sujeitou aos moldes e a minha mãe tamém não e... e... e pronto. Nunca fui um rebelde. Nunca fui um rebelde, nunca fui do género: "Eh pá! agora vou usar calças rotas. Não! Mas nunca me conformei com o que me disseram. Lá porque dizem nas notícias, não quer dizer que seja verdade. Agora... a maior parte dos professores formata, a escola formata, não é por pensar assim:"Vamos formatar os meninos". É porque eles já de si são formatados. Se os professores são formatados, eles só nos podem formatar, porque eles não vão ter a abertura de mente para nos incutir espírito crítico. Não é? Eu acho, eu acho que a maior, muitos professores fazem isto. Muitos professores fazem isto. O meu professor de Filosofia de décimo ano ajudou-me a não fazer isto, o meu professor de Psicologia ajudou-me a não fazer isto... mesmo. Alguns professores de Biologia ajudaram-me a não fazer isto, mas ... mais cedo na escola, mais cedo na escola... Os miúdos não são parvos. Há

945 muita gente... acho que as teorias pedagógicas que circulam, por aí, hoje, tratam, ainda tratam os
946 meninos como uns meninos. Os meninos já não são os meninos, pá! Os meninos com, os meninos com
947 seis anos já jogam xbox e já me dão () na xbox. Ora, se eles são capazes de compreender um jogo
948 complexo, onde têm que usar os dedos e a cabeça, para resolver problemas, que eu não sou capaz de
949 resolver, os meninos não são meninos, coisa nenhuma. Nós temos teorias de ensino que são teorias de
950 ensino que foram usadas pra educar os nossos pais. Nós, não somos os nossos pais. Os nossos filhos...
951 eu nem quero pensar, eu nem quero pensar... eles...da maneira como as consolas de jogos estão a
952 modificar-se, os nossos putos, os meus putos... eles hão-de conseguir beber café, fazer o sudoku e, e, e
953 pintar um quadro ao mesmo tempo. É, é... é incrível.

954 **A questão é que a escola...**

955 A escola trata os meninos como os meninos e depois isso só frustra os putos. Isso, só frustra. Eu sempre
956 fui...pronto. (Pausa) Toda a vida os professores quiseram passar-me um ano à frente e eu sempre...
957 porquê? Porque eu tava sempre frustrado porque já sabia o que se tava a passar. Eu olhava pós livros, já
958 percebia o qu'ê que tava...mas... há muita gente que não. Há muita gente com problemas de
959 aprendizagem... têm que ser mais lentos. Mas... à medida que nós vamos andando pá frente, isto vai
960 acabando. Os putos sabem memo o que é que se tá a passar no mundo. Ok? Temos é de os fazer
961 preocupar com isso. Temos de os fazer ter espírito crítico em relação àquilo que lhes estão a dizer. Todo
962 este potencial... nós, com todo este potencial, o mundo de informação, o mundo de informação, qualquer
963 pessoa pode ler a opinião de qualquer pessoa, a qualquer hora do mundo, em qualquer sítio. Amh? Se
964 nós não lhes damos as apetências pra fazerem, pra tirarem o melhor disto, pra potenciarem, pra
965 concretizarem este potencial que o mundo tem hoje, então vai tudo pás couves, porque é assim: com toda
966 a informação que temos, o *overload* de informação, é... se nós os armarmos com espírito crítico, pra eles
967 verem tudo isso e saberem o qu'ê qu'ê bom o qu'ê qu'ê mau daquilo que tão a ouvir, então toda esta
968 informação é boa. O que eu vejo é que ninguém explica aos putos que não se pode acreditar em tudo o
969 que se vê e ninguém explica aos putos que questione. Eu sempre disse, a primeira coisa que eu ensinei
970 ao meu irmãozinho foi: "Porque sim, não é resposta e porque não, não é resposta." E, às vezes, a minha
971 mãe diz: "porque sim" e "porque não" "Mãe, não é porque sim e porque não. Explica ao miúdo porquê que
972 é sim ou porquê que é não!" e depois (Riso) lá me apanha em contra mão que é: eu viro-me pa ele e digo
973 assim: "então, mas porquê? Porque NÃO! porque não, não é resposta!" (risos) E É ASSIM QUE TEM
974 QUE SER! Porque, "porque não" não é resposta. Nós... eu... pra já, acho que 1984 devia ser leitura
975 obrigatória. É ... se eu algum dia for, é como diz o meu avô, se eu algum dia for presidente, a primeira
976 coisa (riso) que eu faço, 1984 tem que ser leitura obrigatória. Eu li aquilo quando tinha treze anos e eu
977 tenho medo, eu tenho medo, um pavor do opressor. Eu tenho um pavor de... um dia, eu só pensar aquilo
978 que me deixarem pensar. Ninguém, ninguém, ninguém vê que isso é o que acontece hoje! Ninguém vê
979 que nós só pensamos aquilo que eles nos deixam pensar. E eu sou vítima disso. Toda a gente é. E eu
980 sou mais vítima disso do que aquilo que gostaria, porque tenho noção disso. Mas a maior parte das
981 pessoas "Ah! Tás com as teorias da conspiração!" Não tou nada com as teorias da conspiração! Não tou
982 nada com as teorias da conspiração. Há interesse em que as massas sejam... sejam... tapadas. Há
983 interesse em que as massas sejam cegas, sejam rebanhos. Nós=não=podemos=deixar=qu'isso=
984 aconteça=aos=nossos=miúdos porque corremos o risco de que... essas massas sejam usadas para
985 coisas más. Enquanto essas massas forem usadas pa coisas boas, só pró lucro, só pra gastarem, porque
986 é isso, as massas pa gastarem dinheiro agora. Tá tudo bom! Endividem-se, façam o que quiserem.
987 Enquanto=não=fizerem=nada=de mal=tudo=bem. Se algum dia told, e já tão a toldar a cabeça das
988 massas pa pensarem assim, tão a toldar a cabeça dos muçulmanos pra acharem que têm que atacar os

989 cristãos e tão a atacar aaaaaa a mente dos ocidentais pa achar que tudo o que não é... branco e
990 americano é mau!

991 **Mas tu não te sentes massa!?**

992 Eu... eu sinto-me massa. Eu sinto-me, eu sinto-me membro, um bocadinho menos dominado da massa.
993 Eu continuo a ser massa. Eu continuo, eu sinto que aquilo que eles me dão a comer eu continuo a comer.
994 Engulo e pergunto assim: "Eh pá! Pa quê que eu tou a comer isto? Mas como à mesma!

995 **Mas "comes" tudo?**

996 Eh pá! Não "como" tudo, não como tudo. Algumas vezes cuspo, mas gostava de cuspir as vezes todas.

997 **Não acreditas que haja mais gente a ter a mesma posição que tu?**

998 Ac, se calhar, é isso que eu procuro tar em Portugal, porque em Portugal eu conheço muita gente que
999 cospe. E que cospe tudo! E em Inglaterra eu não conheço, eu conheço poucas pessoas que cospem. Em
1000 Inglaterra toda a gente"HUM, Hum! Isto é muito bom."

1001 **Mas o que tu conheces do Reino Unido também é uma parcela... (interrupção)**

1002 É uma parcela, é uma parcela.

1003 **...pequenina.**

1004 Certíssimo. É uma parcela pequena, mas...não é... eu acho que tenho uma... uma (pausa) A amostra
1005 que eu tenho pa explorar é uma amostra significativa. Eu acho que é uma amostra significativa do que é,
1006 do que é o problema no mundo e é muito perigoso. É muito perigoso porque... eu conheço pessoas, por
1007 exemplo, eu tenho um amigo meu que é o número um sempre a dizer: "Essas teorias da
1008 conspiração...não sei quê". O filme preferido dele é o "V for Vendetta". O V for Vendetta é, eu acho que é,
1009 é uma das bíblias das Graphic Novels, porque é isso mesmo que é o **1984** em forma gráfica. É o NÃO
1010 VAMOS DEIXAR QUE ISTO NOS ACONTEÇA! Não vamos deixar que eles nos digam o que fazer. E ele
1011 que, aquele é o filme preferido dele e não vê isto a acontecer no mundo à volta dele! Ninguém vê! Poucas
1012 pessoas vêem. E... e eu não quero ver porquê? Porque eu quero ir pa caminha descansado. Quero sair
1013 sexta-feira à noite e não pensar nisso e, portanto, eu, dão-me a comer e eu penso assim. "Isto não sabe
1014 nada bem, mas olha, pronto, siga." Mas tenho noção que eles me estão a alimentar com lixo.
1015 Nós=não=podemos=deixar que=isso=aconteça=aos=nossos=putos.

1016 **Tens um projecto de vida neste momento?**

1017 Neste momento tenho, mas ponho-o em questão. Ponho-o muito, muito em questão. O meu projecto de
1018 vida é: tenho de acabar a minha licenciatura porque isso é fundamental Não é fundamental toda a gente
1019 ter uma licenciatura, é fundamental é ter a experiência de... tar a estudar fora dos pais. Sair de casa.
1020 SAIR DE CASA MESMO. Eu acho que isso é uma coisa muito importante no Reino Unido. Eles saem de
1021 casa, eles tão o mesmo tempo sem ver os pais qu'eu tou! Pouco mais pouco menos. É sair de casa, é
1022 sair de casa. Tiras um empréstimo vais tirar um curso. A experiência que se tira... sair de casa... não é a
1023 licenciatura, é o sair de cá. Ensinou-me muita coisa. Não tenho a minha mãe pa me lavar a roupa. Isso é
1024 o que custa mais! Qual o que custa mais! Mas pronto. Aaaaah acabar a licenciatura... passa por vir pa
1025 Portugal... por um ...inúmero de coisas... sol, sardinhas (risos) ... Não! Tou a brincar! As pessoas. Eu
1026 gosto muito das pessoas, das pessoas. Eu não gosto nada das pessoas. Eu gosto muito das pessoas. Eu
1027 vejo com cada coisa que até me dói neste país. E vejo com cada coisa que até me dói nos outros. Mas é
1028 o que eu digo: isto não vale nada (expiração rápida), mas lá fora também não é muito melhor. É diferente!
1029 Isto tem muitos problemas, lá fora também tem muitos problemas. Aqui tem uns que nós resolvemos
1030 melhor, lá fora ... Acho que as pessoas continuam com uma mente muito fechada e não percebem que
1031 nós devíamos tirar lições boas dos outros países e ficar com as nossas boas lições. E tudo o que eu vejo
1032 é: nós esquecemos as coisas boas que temos e vamos absorvendo as coisas más dos outros. Quero vir
1033 pa Portugal, pa tãr com a minha família, esta zona... não consigo viver, não consigo viver em cidades. Em

Lisboa, se calhar, ainda conseguia, mas tem que ser um sítio onde eu tenha amigos. Eu não me imagino a envelhecer sem amigos... e não me imagino a fazer novos amigos, porque se eu me imaginasse a fazer novos amigos ia pra Manchester, ia pra outro sítio qualquer. Aah tem que ser um sítio onde eu já tenha um grupo de amigos que... "Então! Vamos tomar um café?", onde eu SAÍA à noite e conheça as pessoas, apesar de, se calhar, cá não gostar tanto dos sítios como lá. Aah, tem que ser um sítio destes. E o que é que eu tou a fazer? Não sei. O qu'ê qu'eu tou a fazer não sei. Tenho tantas ideias às vezes... acordo de manhã dum lado, acordo de manhã noutro. Sinto que tem que ser uma... coisa... minha. Se calhar, não vai ser. Neste momento já tou a duvidar d'isto. Eu, aqui há uns meses, achava que tinha que ser uma coisa que eu criasse de raiz "Ok, agora vou criar, eu e o meu mano, uma coisa assim de raiz, pa, pa crescer." Mas, às vezes, penso que não. Às vezes, penso que, se calhar, trabalhar em Bioquímica, ser professor, uma coisa assim. Não sei. Aaaah, acho que o meu projecto é ser feliz. Quero ter, quero ter uma ranchada de putos... Acho que o motivo principal de eu voltar pa Portugal, eu digo sempre se não for nos próximos dois, é nos próximos cinco, se não for nos próximos cinco, é nos próximos dez, mas a razão principal é: eu não me imagino a criar miúdos n'outro sítio. Não m'imagino. Porque eu não sei como é que Portugal vai ser daqui a dez anos. Se calhar, vai ser tão mau como, como nos outros sítios todos, mas eu ainda me lembro dum sítio onde criar putos era... criar putos bem. Eu, eu, eu, eu acho... a minha geração foi, já foi das últimas, já foi das últimas que não vai ver um, um determinado número de coisas que eu gostava que os meus filhos não vissem. Eu já vejo... eu já vejo, eu já vi, mas já... como, como fui criado num meio pequeno não me afectou muito... mas... eu não consigo ser específico. É só, é só porque nos últimos seis meses eu fui atacado duas vezes por putos de catorze, quinze anos que acham que são os reis do mundo, ou qualquer coisa assim. Só porque sim encontram o pessoal na rua e batem-lhe. Eu não quero sequer que os meus filhos tenham, não quero sequer que eles vão às mesmas casas de banho públicas qu'essa gente (riso irónico). É muito estúpido, mas é isso. Eu não quero memo contacto com pessoas destas. Eeeeeee, e, se calhar, ainda vamos conseguir fazer deste sitiozinho, deste paraísozinho, qu'a gente aqui tem, um sítio em condições nos próximos vinte anos. Esperemos que sim qu'ê pra eu pelo menos nos dez primeiros anos de vida dos meus putos ter esse sítio. Mas este é o meu projecto de vida. Arranjar uma miúda em condições. Vai ser complicado! E arranjar oito putos, deixá-los na minha mãe pa ela tomar conta deles (silêncio)

Em termos profissionais...está por definir?

Uma coisa muita boa. Eu só queria ser rico por uma coisa. Na minha vida toda, pronto, eu sempre quis viver bem pa ter a minha colecção de DVD's, agora já não ligo muito a isso, mas eu vi uma coisa! Pá! Essa é que me tá atravessada... que é no Baleal, a mansão dos bombeiros...compraram a mansão dos bombeiros. E agora a mansão dos bombeiros foi comprada por uma escola de surf e um bocadinho do meu coração morreu. Pronto, morreu. Tá ali, tá ali. Tá podre ali, porque aquilo é pa mim! é a única coisa porqu'eu queria ser rico. De resto...

Então e a Bioquímica?

Há muita glória por ali. Há muita glória por ali. Há muito respeito por a malta a olhar pa nós e a dizer assim: "Ui! Pá! Este homem descobriu uma coisa que mais ninguém viu!" Ya! Ok! Aquilo é tudo inventado. Aquilo é tudo inventado.

Eu, quando fui pra Inglaterra eu era Ruben Maia, futuro Prémio Nobel (riso) ... e depois... e agora... Não! Agora não. Há tanta coisa tão mais importante pa fazer. Eu sei que aquela malta tá a tentar ajudar a humanidade, mas a maior parte deles não tá. A maior parte deles tá só a estudar coisas porque sim. Porque "Ah! Agora... não sei fazer nada na vida então agora vou estudar uma proteína numa bactéria qualquer que ninguém conhece e vou pedir ao Estado pa me dar dinheiro. Pronto e vou passar o resto da minha vida assim" (imitou um cientista com os óculos na ponta do nariz e ridicularizou-o). Não pá! Ou se

está a fazer qualquer coisa que é de facto prática e útil ou então, conhecimento por conhecimento já não me diz nada. Conhecimento... ler por ler já não me diz nada. Se eu não vou aprender nada com aquilo que vou ler, não vale a pena tar a ler. É uma perda de tempo. Se eu não vou investigar nada que, que valha a pena, não vale a pena investigar.

Mas não achas que isso possa acontecer?

Pode acontecer. Eu posso encontrar uma coisa pó ano que me diga assim: "Uou! Eh pá! Eu quero memo saber isto porque é mesmo importante, pá!", mas até agora, não. Até agora as coisas que me têm dito é "Ah! Não sei quê na célula." Isso interessa-me porquê? Há muita investigação a ser feita porque sim. Eu porque sim, não, não, não me diz nada. Eu... começo a pensar que tem que ser uma coisa na indústria, não pode ser uma coisa médica. (pausa) Isto é malta que tá a tentar subir cada vez mais alto, tá a tentar descortinar os mistérios da ciência e os mistérios do mundo e eu já percebi que os mistérios do mundo nunca vão ser descortinados. Portanto, é um bocadinho de trabalho em vão. Vale a pena descortinar aquilo que é prático, aquilo que tem uma aplicação agora vamos descobrindo, mas não vale a pena tar a pensar... Eu tenho muito respeito por essas pessoas que tão a tentar fazer o mundo andar pá frente, mas eu tenho muito medo do que é que tá lá à frente, portanto, eu fico assim "Eh pá! Vocês andam aí na ponta da lança, mas vocês não sabem pa onde é que vão". Eu acho que o progresso tecnológico tem que ser mais devagarinho, pé ante pé, a pensar bem cada passo, porque se nós temos aprendido qualquer coisa nos últimos duzentos anos é que a ciência tem muita coisa boa e muita coisa má. O buraco do ozono está agora a recuperar de tudo, de toda a agressão que nós fizemos. Nós fazemos muita coisa que não sabemos o que andamos a fazer, MAS ANDAMOS A FAZER. Porquê? Porque há meia dúzia de nurd's, com óculos... como não sabem fazer mai nada na vida, nós temos que lhes arranjar qualquer coisa pa fazer, então andam p'ái a descobrir coisas.

Tu não achas que podes dar o teu contributo?

Eu posso dar o meu contributo. Eu posso dar o meu contributo, mas acho que se eu der o meu contributo e publicar quinhentos artigos na revista Nature e escrever o meu nome na História pó resto da vida...da vida humana... dou tanto contributo como... Não! Não dou...mais importante do que isso tudo, mais importante do que isso tudo é eu criar os meus putos pra eles serem pessoas em condições, pra eles depois criarem os putos deles como pessoas em condições.

Num mundo... (interrupção)

Pior ou melhor...

... que tu criticas!

(expiração rápida) Não interessa. É o mundo. Ninguém me disse assim: "Olhe qual é o mundo... olhe você pode viver num mundo assim, assim". Não. Espetaram-me aqui eu tenho que fazer o melhor com o que me deram. Eles deram-me isto e eu vou tentar fazer melhor! Eu acho... eu vou ter tanto respeito por mim mesmo se ganhar um Nobel e se for professor universitário em Cambridge, como se trabalhar num posto dos correios no Olho Marinho. Vai haver uma parte de mim que vai tar sempre assim: "Eh pá! Tanto potencial...". Não me interessa nada. Desde que eu tenha, desde que eu tenha, desde que eu teja com a minha família. Família nunca foi uma palavra que fizesse sentido pra mim. Carreira era o que fazia sentido. Família era um acessório. Família é o pilar básico da sociedade. Um dos grandes problemas do mundo moderno é que família já não é o pilar do mundo moderno da sociedade. Se nós olharmos pa trás, desde sempre, qual foi a primeira coisa que existiu? Família! Família! Depois então sociedade! Nós pensamos: "Sociedade e depois família". NÃO PODE SER! Família é família se não houver primeiro a estabilidade pa haver família, não pode haver a estabilidade pa haver família não pode haver desenvolvimento. As pessoas esqueceram-se disso e olha! O que deu foi isto!

Mas como é que tu vês as relações amorosas, as relações afectivas, hoje em dia?

1124 (expiração) A stora tá sempre a mexer no, no, no ponto mais complicado. É... EU TOU A APRESENTAR
1125 O PONTO E A STORA VAI LOGO: ENTÃO E SE ALI. É O PONTO QUE EU NÃO CONSIGO AINDA
1126 JUSTIFICAR É AQUELE ONDE A STORA VAI.

1127 É assim: nós... isto continua no ponto em que eu tava dizer... nós somos putos. Nós somos putos até
1128 termos quarenta anos, porque nunca ninguém nos põe, porque ninguém nos dá um chuto no cu e diz
1129 assim: "Vá! Desenrasca-te!" Ninguém, ninguém (pausa e expira). O meu pai quando me dizia desenrasca-
1130 te eu dizia: "Desgraçado, devias tar-me a ajudar." E agora digo assim: "Eh pá! Miserável! Devias-me ter
1131 ajudado ainda menos". Porque nós somos putos e depois nós casamos com trinta e três e toda a gente
1132 diz: "Ah! Já tas tão velho pa casar! tens memo que casar!" então vamos casar. Agora tá na altura de nos
1133 casar portanto vamos casar. Depois, já tamos com trinta e três, somos putos, não sabemos nada ainda da
1134 vida, porquê que é, somos putos, somos miúdos mimados, meninos da mamã até sei lá quando. "A minha
1135 mamãzinha é que me faz o comer, a minha mamãzinha... a minhaaa!" andamos p'ái habituados a uma
1136 certa promiscuidade e depois, de repente, já tamos velhos demais p'aquilo, já tamos habituados, já é
1137 esperado de nós "casa-te e arranja uns filhos" e depois pronto tem de ser. Agora aguenta-te. E eu vejo
1138 isto a acontecer com muita gente. E assusta-me muito. Não quero. Olha! Antes quero falhar a vida, não
1139 ter família do que, do que casar assim.

1140 **Mas eu não te falei de casamento. Eu falo-te das relações amorosas, hoje em dia, e da forma como**
1141 **elas são vividas.**

1142 (Expiração funda) Eh pá! Eu acho que é intemporal. Amor é amor, mas o que eu acho é, as pessoas,
1143 hoje... é o amor dos filmes. As pessoas não andam à procura de amor a sério. Dantes não havia filmes...
1144 portanto... aquelas histórias todas do amor nos tempos medievais, nos filmes, isso é tudo BALELAS!
1145 Aquilo não era assim! Ok! Ninguém, ninguém fazia... Eu, às vezes, ponho-me a tentar imaginar o meu
1146 avô a conhecer a minha avó. O MEU AVÔ A CONHECER A MINHA AVÓ, AQUILO NÃO FOI UMA COISA
1147 TODA POÉTICA, COMO NOS FILMES! Aquilo foi... foi como eu a conhecer algumas das minhas
1148 namoradas! Foi uma coisa perfeitamente normal! Mas nós andamos aí atrás do mundo dos filmes () Ei!
1149 Acordem! Isto é viver a dois. É tu dares uma parte de ti e a outra pessoa dar uma parte dela. É andar ali a
1150 batalhar, às vezes... É como o tempo. É como o mar. O mar, às vezes, tá revoltado, outras vezes tá pacífico
1151 e outras vezes...e nós não tamos habituados a isso. Tamos habituados a: casaram-se e foram felizes
1152 para sempre. Os contos de fadas já são um bocadinho velhinhos. já não dá pra nada, não é? O amor...
1153 os putos não tão preparados pró mundo real. Nós somos putos.

1154 **A partir do momento em que casas como é que vês a relação?**

1155 (Expiração) eu acho que a relação tem que ser dar. Dar e receber. Tem de ser. Eu acho que, que, que as
1156 relações amorosas têm que ser equilibradas. Acima de tudo equilibradas, em todos os níveis, porque se
1157 nós já começamos desequilibrados... é sempre um jogo pa manter aquilo mais ou menos nivelado os
1158 cinquenta anos de casamento. Quanto mais à frente, pior! Se nós já começamos desnivelados... é como
1159 andar na corda bamba. Se nós começamos com um pé atrás do pescoço...eh pá! É muita trabalho pa
1160 fazer a corda bamba até ao fim!

1161 **Isto está a gravar. Daqui por uns anos...**

1162 Daqui por uns anos A stora manda-me isto à cara, daqui por uns anos a stora diga-me isto quando eu me
1163 for casar. Tenho que ter a noção que tem que ser equilibrado em todos os níveis. É, é... tem que ser
1164 trabalho d'equipa, tem de ser... se calhar, não... se calhar, a pessoa acaba por se casar não é com a
1165 pessoa, acaba por se dever casar não é por quem tá mais apaixonado. Paixão e amor são coisas
1166 completamente diferentes. Eu sei perfeitamente que vou-me sentir tentado a casar com alguém por quem
1167 me vou apaixonar, mas não sei se pode ser isso. Há pessoas por quem eu já me apaixonei, a Susana,
1168 por exemplo, eu estava apaixonado por ela, nunca estive tão apaixonado na vida, se calhar, nunca vou

estar. Porquê? Porque era a primeira vez. A primeira vez que eu senti aquilo, mas... não sei como é que vai ser no futuro. No futuro ele até pode ser uma pessoas diferente, podemos casar e ter filhos, mas... a pessoa que ela era dantes, eu agora sei que nunca, que nunca poderia, sequer, pensar em tar com ela pró resto da vida. Nunca ia resultar. Por mais apaixonado que eu tivesse, a paixão é uma chama. A paixão morre o amor é que tá lá. O amor é outra coisa. O amor é uma coisa... também é um bocado racional... o amor é uma coisa... o amor tem, tem de nos dar a melhor coisa pás nossas vidas. E só isso é que pode dar, e só isso é que tem de dar. Aí temos que ser um bocado egocêntricos. Temos de desejar o melhor pá outra pessoa, de desejar o melhor o melhor pa nós e desejar o melhor pós nossos filhos. E só aí é que pode haver um amor. Até lá, porque... porque depois... as pessoas gostam de ver é... os filmes. Acho, acho qu' é isso, as pessoas gostam de ver os filmes e gostam de ver as coisas boas nas relações...a primeira, a primeira dificuldade "Oh! Pscht! Eu não tou p'aturar isto! Eu quero... eu quero mas é ir sair! Eu já tou farto d'ir pá cama contigo". E... não pode ser assim pá!

O que é que tu vês como fundamental para uma relação assim, a dois?

(expiração) ok. Há uma série de pilares: intimidade física... aaah, a atracção física entre as duas pessoas... é um dos pilares. As pessoas podem dizer "Ah! Não sei quê isso não é nada verdade!" Não é nada verdade o caraças! É claro que é verdade. É o que eu digo: não têm que ser dois, não têm que ser dois top models. Têm que ser duas pessoas que se sintam fisicamente atraídas e têm de ser, tem de se tentar garantir, isto é muito difícil, mas tem de se tentar garantir que as pessoas se vão continuar a sentir atraídas daí a vinte anos. E, às vezes, é muito difícil, mas outras vezes... Há, há pessoas qu'eu olho pa elas e digo assim: "ok. Ela não é muito bonita, mas daqui a trinta anos ainda vai ser assim, ainda vai ser ... só não é muito bonita, mas é gira". Há raparigas que são... giríssimas, lindas, e eu penso assim: "Eh pá! Eu não te quero ver daqui a vinte anos. Vai ser horrível". E isso, e depois, e isso, provavelmente, é mais personalidade do que corpo. É óbvio que () ... Intimidade física. Confiança. Confiança é, é um fungo a crescer. Dá espaço pa crescer e aquilo... começa-se a não confiar, começa...Verdade...sempre. Sempre Verdade... e há mentiras que têm que ser ditas. Eu ach... eu acredito, acredito em mentiras úteis, em mentiras que têm de ser, ok? Há coisas que, às vezes... às vezes, pa manter a confiança é preciso mentir... ACHO EU! É, é... há mentiras que têm de ser dadas. Não é? Porque é mais conveniente, é mais simples pa manter as coisas equilibradas. Não pode ser uma relação... a relação nunca pode ser baseada numa mentira. Tem que ser sempre baseada numa verdade. A verdade, essa verdade tem de ser o amor e tem de ser... essa verdade tem de ser a verdade de todos os outros pilares. (expiração funda) Ahm (pausa) O, o dar, o perder uma parte de nós, o pôr a outra pessoa em primeiro lugar. É... eu sei que dava tudo pelo meu irmão, pela minha mãe, pelo meu pai... pela minha mãe e pelo meu pai não, porque eu nunca podia dar tudo pela minha mãe e pelo meu pai porque eles depois iam-se sentir pior. Se me dissessem assim: "Vais dar a tua vida pela tua mãe". Eu não dava, porque eu, se eu desse a minha vida pela minha mãe eu roubava a vida à minha mãe. Mas se me dissessem assim: "Vais dar a tua vida pelo teu irmão!" JÁ. Ok? Tem que ser alguém assim. Tem que ser alguém por quem nós sintamos isto. Tem que se pôr essa pessoa antes de nós. E a outra pessoa tem que nos pôr a nós antes dela. Depois tem que ser uma coisa muito equilibrada. Tem que ser uma coisa equilibrada. Não pode haver uma pessoa a sentir, uma pessoa a, a, a... Acho que há muitas relações que começam assim e, e ... que são erradas por isso que é: "Eu vou tar com esta pessoa, porque eu vou conseguir fazer com que ela goste de mim", isso é... pronto. Mais cedo ou mais tarde chega-se à exaustão. Isto não pode acontecer. Isto não pode acontecer. Gostamos os dois. Gostamo-nos da mesma maneira. Somos compatíveis. "Eu gosto de ti, como tu gostas de mim" e, depois, aí... se nós começamos desse ponto... pá! Há n de coisas que ninguém controla. Ninguém controla tudo, portanto... pode tudo ir pás couves, pode tudo dar mal, mas as probabilidades são muito menores do que se já se começa mal.

1214 Quando=se=começa=mal... e há p'aí muitos casamentos que começam terrivelmente (tosse) e, depois,
1215 até correm bem e a pessoa pensa assim:"Olha! pronto!"
1216 Sabe professora, esta entrevista está a ser isso, eu a definir-me. E isso faz bem, mas é como
1217 psicoterapia, traz ao de cima muita coisa com que não queremos lidar, ou pelo menos a mim trouxe. O
1218 percurso da entrevista, o livre pensamento, a associação quase livre, pelo menos com a minha, reflecte o
1219 carácter geral da experiência social que a professora desenvolve, esta em tudo, por mais que não
1220 pensemos nisso conscientemente. E realmente uma aprendizagem não de conteúdos mas de
1221 competências, de competências para a vida. E por isso as entrevistas são sobre a vida em geral, sobre os
1222 percursos que fizemos em tantas vertentes.

ANEXO 3 – Tabela de caracterização sociológica dos entrevistados

LINA CARLA MENDES NICOLAU

**DA “ESCOLA ATRIBUÍDA” À “ESCOLA RECLAMADA”:
O LUGAR DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES PESSOAIS
DOS JOVENS**

Anexos II

2007

VOLUME II

INDÍCE

ANEXO 4 – Modelo de grelha analítica

ANEXO 5 – Grelhas analíticas das entrevistas

Grelha um

Grelha dois

Grelha três

Grelha quatro

Grelha cinco

Grelha seis

Grelha sete

Grelha oito

Grelha nove

Grelha dez

ANEXO 6 – Grelhas-síntese das entrevistas

Grelha um

Grelha dois

Grelha três

Grelha quatro

Grelha cinco

Grelha seis

Grelha sete

Grelha oito

Grelha nove

Grelha dez

ANEXO 7 – Tabela síntese do peso de cada um dos temas por indicador da AD – Psicologia Discursiva

ANEXO 8 – Tabela desdobrada por temas, categorias e subcategorias e indicadores de análise da psicologia discursiva

ANEXO 4 – Modelo de grelha analítica

Entrevista nº 1			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e Percurso familiar		<p>Para já, sempre muito feliz (risos) sempre.</p> <p>Nasci e sou natural de Salir e vivi lá os primeiros três anos com os meus pais, a minha irmã. Depois viemos para as Caldas, vivi uma data de anos no Bairro dos Arneiros, assim sempre num meio muito ... muito... bairro!!! Sempre com os amigos da escola, as vizinhas... a brincar. Uma infância muito normal, sem problema algum. 2</p> <p>O namorado... também, que entrou no 10º ano. Depois a universidade, em Leiria, que depois aconteceu aquilo ao final do ano e não me apetecia continuar, que é mesmo assim. E, hoje, cá estou e sou feliz em casa. 2</p>					
	Relação familiar	Pais	<p>Gosto de estar com os meus pais. Foi, foi, foi por isso que ... foi uma das razões por que eu desisti da universidade.</p> <p>Apetecia-me estar perto, não estar longe. É incrível, mas apetecia-me estar em casa, estar ao pé dos meus pais. Sentir-me aconchegada. Não estar longe, porque... então, vim para casa. 2</p>					

			<p>Vinte e cinco anos de casamento (...) Os meus pais! Os meus pais, fogo. Tenho os melhores pais do mundo, que é mesmo assim.³</p> <p>Porque ajudam-me no que eu preciso e estão sempre, dão-me o espaço que eu preciso. Conhecem-me de tal maneira, não é? Desde que eu nasci. Dão-me o espaço que eu preciso. Respeitam-me. Sinto-me respeitada. Não tenho necessidade nenhuma de mudar. Sinto-me satisfeita com a minha vida. É mesmo assim. 4</p> <p>Os meus pais sempre... tipo... eu dou a minha opinião e falo sobre as minhas experiências e eles parece que... confiam no que eu penso, no que eu sinto e apoiam. Têm, ou devem saber que tenho, sei o que digo e ao dizer o que sinto... Sim, realmente, se calhar, tens razão ou... se não queres continuar não continuas, não precisas, mas... ah, realmente é muito giro, não sei quê.... Anda mais ou menos assim. É a ideia que eu tenho dos meus pais reagirem a mim.¹¹</p>					
		Mãe						<p>A minha mãe todos os dias me prepara o pequeno-almoço. Tipo, eu levanto-me eles ainda estão deitados. Então, ela, todos os dias à noite,</p>

								prepara-me um saquinho com fruta descascada e cortada para trazer, para comer! Isto não é normal (muitos risos). (...) É verdade, a minha mãezinha é mesmo... 3-4
		Irmã	e a minha irmã, pronto, saiu de casa aos 18 anos, tudo bem, mas desde que ela saiu de casa temos uma relação, pronto, sabemos que gostamos muito uma da outra e tal tá-se bem, que é memo assim. 3					
Escola	O percurso escolar	Geral	Eu na escola sempre me dei muito bem. 2					
		Pré-primária						
		Primária						
		Ciclo						
		Na Raul	"o liceu"	Depois... escola, escola, escola (risos) ...os amigos também sempre fizeram parte...até ao 12º, também no liceu. 2				
			A turma: nós e os outros	sempre gostei das minhas turmas, sempre me dei muito bem, sempre me enturmei, digamos assim. Sentia-me bem no meio das pessoas e depois conseguia juntar isso com a escola em si, com a parte da aprendizagem e os professores e estudar... na véspera, mas sempre me saí (risos). 7				
			Os professores	é assim, os que eu retenho mais são os que me marcaram pela positiva.17	Crescemos um bocadinho, percebemos que é importante, é importante termos confiança suficiente,			quer dizer que conseguiam ser bons professores a nível escolar, ou seja, eu conseguia interessar-me, conseguiam

				<p>A Inglês foi o contrário, por exemplo. Eu tinha boas notas porque gostava de Inglês, não da professora.18</p>	<p>proximidade suficiente para, por exemplo, expormos qualquer dúvida, sem qualquer problema. Não, não guardarmos nada e essa relação ajudamos a manter-nos interessados pela disciplina. 17</p>			<p>fazer-me interessar pela disciplina e mantinham uma relação próxima que isso ajudava-nos a estar interessados. É um bocado complicado, eu acredito, manter uma relação mínima de confiança, mas depois manter aquele limite, para não abusarem. A professora, por exemplo, dá aulas a que anos? 17</p> <p>os alunos têm que sentir aquela proximidade. Por isso é que não gosto, nem gostava de... porque eu na universidade tive em salas de aula normais, como no secundário. São salinhas! Eu não gostava de ter aulas naqueles auditórios, anfiteatros enormes (fez um gesto de grandiosidade com as mãos) porque o stor é visto como algum ser superior, com muitos conhecimentos e que tá ali, tão longe, e não nos desperta interesse por ele. Porque se alguém estiver interessado é porque quer memo aquele curso, ou quer mesmo passar naquela disciplina, mas não, não, eu acho, eu não teria motivação para estar numa disciplina assim. Por acaso, e fiquei muito satisfeita quando vi que na ESEL eram salinhas. Isto é tão familiar! A sensação foi boa. Ter assim um... 19-</p>
--	--	--	--	---	--	--	--	--

								20
	Para que serve a escola	Definitivamente, sempre foi um lado muito importante, sempre fez parte da minha vida. A escola, seja de que tipo for, é aí que desenvolvemos as relações sociais, o nosso intelectual, logo, relações a nível emocional. 8	Escola...estamos ali para aprender. 18 Para quê que serve? Serve... tem muita influência na forma como nos construímos. Mas isso também parte das pessoas com quem estamos, com quem lidamos. Ajuda-nos a construir a nossa própria consciência. A consciência que temos de nós mesmos, do que fazemos, ou seja, a construir o que somos. É mesmo assim. É a partir daí, porque a escola faz parte da nossa infância, da nossa adolescência, pelo menos nessa fase obrigatória que são as fases mais importantes da nossa vida, que é onde nos construímos, onde nos estamos a pôr as bases para construir algo, para erguer. Depois também depende de cada um. Cada indivíduo é como cada qual! 6/7		Oh, oh professora! Temos experiências que nem sequer as valorizamos. Só mais tarde é que as podemos valorizar e aprender alguma coisa com elas e assimilar de alguma forma. Não sei, porque... há um... há regras, há ali, como os professores dizem constantemente... Temos um programa pa dar e temos, temos que dar isto, ou seja, nós estamos ali p' aprender, p'aprender e as experiências vivemos em conjunto. Estamos na escola, estamos com outras pessoas, estamos a interagir, estamos a trocar experiências, estamos a vivê-las. Mas... a nível... nem sei se a escola deve valorizar isto... porque nós, por nós mesmos já o fazemos. É inconscientemente é ...tamos...no meio de um conjunto. Tamos num conjunto de pessoas, já tamos a viver isso na escola.			
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Quanto à escola, em si, sempre gostei. Sempre gostei. Gostei! Sempre tive aquela coisinha, sabe, de estar nas aulas e tirar apontamentos e... estar assim com atenção e letrinha pequenina e a tirar	Os amigos. Primeiro as pessoas, porque é onde, é o sítio onde trocamos experiências e... o núcleo. 6				A escola... para já, por causa das amizades. Começa logo aí. Tenho as amizades do secundário. A C e a L desde o 7º ano. Atenção que não é brincadeira. Ficam amizades que eu tenho a sensação	

		<p>apontamentos nos livros. Sempre gostei, sempre fui uma pessoa que... gosto de estar nas aulas! Gosto de aprender, de assimilar a informação. 6</p> <p>Mas no entanto continuo na escola, porque tenho necessidade de me sentir a evoluir, de não estagnar, não estar parada intelectualmente. Fogo! É do pior.6</p> <p>Não sei, gosto de tar ali, gosto de tar ali a tirar apontamentos. Sentir-me aluna! (risos). É um bocado estranho. (...) A assimilar, a assimilar informação e estudar prós testes à última da hora, sentir aquela pressão (Muitos risos). 16</p>					<p>que vão ser mesmo para durar. É o conhecermo-nos desde pequenos. O B! A stora lembra-se do B? 6</p> <p>tenho a sensação que tem sempre implícito assim, um sentido cívico, não é? O sermos... dar-nos aquelas bases pra sermos correctos em sociedade, ter certos comportamentos que, não sei, assim uma sensibilidade maior para, para lidar com situações, com as pessoas. Fogo! Sem escola? E depois as pessoas também são completamente ocas! Vivem da experiência de vida? Tá bem, mas a nível de informação... é diferente. Eu não imagino. Sinceramente! As mudanças que eu possa imaginar a nível escolar é a nível informático. É as novas tecnologias serem cada vez mais aplicadas, mas por exemplo... não, não imagino ser um computador ou ser uma aula por videoconferência. 19</p>
	Adesão a actividades extra curriculares	<p>Cheguei a ter o volei a nível desportivo. Foi só. E o teatro, mas actividades extracurriculares não tive muitas. Não sentia necessidade disso! 12</p> <p>Porque já me sentia satisfeita, não...tinha a escola diariamente, normal</p>					

		<p>e depois o tempo que tinha livre ia passear com as amigas. As actividades que tive foi o volei e o teatro, que também gostei muito. Se eu pudesse continuava. Gostei! 13</p>					
	A relação da escola com o mundo do trabalho	<p>Actualmente, estou a trabalhar, estou a estudar à noite e sinto-me dinâmica...sinto-me activa. Estou a ficar independente, mas continuo a apostar na minha formação, que é o que eu quero. Ainda estou indecisa se hei-de ir para a universidade se não, mas quero sempre estudar, quero sempre estar sempre activa, sempre a aprender e a evoluir só que manter também uma parte profissional por mais coisa que seja. Neste momento não estou no ramo que eu quero. Mas pronto. 3</p> <p>É no Turismo. Eu não fujo muito a essa área, só que o curso em Leiria também não tinha nada de especial. Era muito, não sei... 3</p> <p>Isso aí... Não, não. Eu também, é assim, aí é mais o nível universitário. Ao nível do secundário não, porque o mundo do trabalho.... É tudo muita teoria, muita coisinha, informação que, na prática, não nos</p>	<p>chega o momento em que no próprio trabalho parece que evoluímos e se tivermos experiências sempre diferentes, se lidamos com coisas diferentes, situações, pessoas, aprendemos, mas lá está, o estudo, manter ou um curso qualquer ou, não sei, aquela coisa do ter aulas aprender matérias diferentes e... é cultivarmo-nos (entusiasmada). É cultivarmo-nos, não é professora? É assim que se diz? 16</p> <p>C</p>				<p>hega uma altura numa profissão que aprendemos, vamos aprendendo. Não é preciso ter aulas, mas eu gosto, também, daquela coisinha de ter aulas (sorriso)! 16</p>

		<p>serve. Também depende do trabalho que queremos. Só na universidade é que nos podem preparar para isso e, mesmo assim, eu acho que é um lado que ainda está muito por explorar a nível prático. É tudo muita teoria. É só o estágio, só estágio, mas lá está, a nível universitário. 7</p> <p>No secundário, até ao 12º...por isso é que, se calhar há muito insucesso escolar, porque muitas pessoas, muitos jovens, como eu, vão para a escola... "Isto é uma grande seca, mas para quê que eu preciso disto? Se eu estou aqui... yah... isto é a nossa História, está bem, é tudo muito bonito. Vou lá fora, não me serve. Onde é que eu vou utilizar estes conhecimentos para me desenrascar? Lá fora, na realidade, no que o mundo é? Portugal, neste caso?" 7</p>					
Núcleo	Conhecimento da sua existência (a sua história)						<p>Ah, por...por eles, eu tenho... tenho...a sensação que me dá é que eles tinham actividades muito giras e... há o... voluntariado que eu fiz. Fiz com elas. 9</p>
	Motivos da adesão						<p>Foi, foi um bocado por influência deles. 9</p>

	O que é/era o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania			<p>O núcleo era um espaço e um tempo em que passávamos, em que conversávamos à vontade, num clima informal... a professora era...éramos todos colegas, amigos, a falar sobre temas da vida, que nos interessam. 6</p> <p>o núcleo de cidadania investia mais no... o como somos é... no alimentar as pessoas, as pessoas em si e não tanto o nível criativo, a criatividade e esses lados assim mais, mais artísticos! Era mais pessoal, mais... é pra nos ajudar pró resto da vida, lá está. Há experiências que nos reforçam e que nos ajudam a ser o que seremos, o que somos.14</p>			
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral	<p>O que me marcou no núcleo foi, foi ter falado pela primeira vez na virgindade. Na perda disso, pronto, nesse assunto que eu lembro-me de contar à professora que eu uma vez tentei falar com a minha mãe sobre isso e ela: "mas porquê?", numa atitude defensiva, tipo, assustada, mas porquê que tu estás a falar nisso? (Risos) 6</p>	<p>O ambiente que se vivia, porque a professora sempre foi vista... ah... muito proporcionalmente professora nas aulas, mas amiga. Sempre disponível pra qualquer coisa e muito activa, sempre com projectos diferentes e... ham, interagirmos com pessoas diferentes. Lá está, com alguém fora dali, instituições, fazermos alguma coisa, sermos úteis para outras pessoas. Era, era nesse sentido que despertava. Tinha actividades. 11</p>			<p>(Pausa) Deixa-me pensar. É que eu parece... tenho, tenho a sensação que vivi mais o núcleo, ou, o que me lembro mais são as reacções que via nos outros, o entusiasmo deles, do Fábio, da Laetícia da Vanessa, era, ham, é o que me marca mais e lá está aquela conversa que eu tive, de ser virgem e quando perder a virgindade, esse tema assim. Foi o que me marcou mais por ser... Tabu! ...aquela idade! Mas pronto e não sei quê, e não se deve falar (tristeza) ou plo</p>

				<p>Aprende, mas lá está, não é aprender matéria em sentido obrigatório tipo, estão-nos a impingir uma coisa que temos que saber. Aprende. Aprende-se a lidar. Aprende-se a viver de forma diferente. Aprende-se a ver as coisas de forma diferente. Aprende-se a construir relações. É um aprender, com prazer. É uma interacção. 20</p>				<p>menos em casa não se deve, não se deve ou não se fala e... é o que me marca mais mas...Sentir assim, sentir que era uma coisa boa. Tínhamos ali uma coisa ...onde aprendíamos e interagíamos. Sentiamo-nos bem. É essa a reacção que eu via nos outros e que senti, também, as vezes que fui. 12</p>
		A confiança dentro do núcleo	<p>Sem dúvida que eu tenho a sensação que se trocavam, ali, informações que poderiam até ser um bocado confidenciais. Ficarem por ali, lá está, o grupo de amigos e pra isso é preciso confiança. Tenho a sensação que se trocavam ali informações mais íntimas, que não é com qualquer pessoa que a gente vai falar, nem em qualquer ambiente por isso, era muito importante.14</p>					
		Lidar com as diferenças dentro do grupo						<p>É o que eu disse há bocado, sentirmo-nos tranquilos com o que somos, com o que fazemos. Se as outras pessoas têm uma opinião diferente sobre isso eu respeito, aliás, eu... quando as pessoas me confrontam com uma opinião diferente sobre qualquer coisa, eu acima de tudo respeito, mas também mostro a</p>

							<p>minha. 15</p> <p>Só que eu mantenho a minha (risos). Não me faz confusão! Tenho plena noção que, que vemos as coisas de forma diferente. Que as pessoas encaram a mesma coisa duas pessoas encaram de duas formas completamente distintas. Eu respeito! Tudo bem! Mas é: eu mantenho a minha, tu manténs a tua. É assim.15</p> <p>Não. O que eu me lembro era que, quando alguém tava a falar as pessoas ouviam, tavam receptivas, não estavam ali pra julgar, tava um bom ambiente, assim...ouvir e depois ouviam e davam a sua opinião mas, não com maldade. 22</p>
		O voluntariado	<p>Fiz no Centro de Acolhimento 9</p> <p>Foi um bocadinho difícil, porque... mas gostei ((entusiasmo)). Sentia-me bem com o que estava a fazer, com a minha intenção, porque... é nobre! Eu sempre... mas foi um bocadinho difícil porque eram miúdos difíceis. Não...porque têm uma história de vida muito carregada e isso nota-se neles, assim, muito... não se dão. Desconfiados. Lá está, não se dão! 10</p>	<p>Nós propunhamos actividades e Vamos fazer isto! Olhem, o quê que... o quê que querem? Tipo... vamos fazer um dia diferente, não sei quê Não! Não sei quê. Tudo a ver televisão assim... cara fechada, não se darem a conhecer. Ok. Tão, hummm... 10</p>		<p>Mas também não houve, não houve, eu ...eu, por mim, eu admito, não levei aquilo muito a sério, não me esforcei o suficiente para continuar e para os conhecer. Ainda hoje passo pelo menos por uma, que era a mais velha, passo por ela, já tem um filho ((sente-se o juízo de valor negativo)). É mais nova que eu e. ...Via-a há uns tempos grávida e... 10</p> <p>Bem, eu, pra já, sentia que não, não tinha jeito para lidar</p>	<p>Pois houve e eu lembro-me... no entanto... de eles falarem disso com um entusiasmo que era mesmo.... que era lindo. A receptividade que eles sentiam daquelas pessoas. Porque lá está, um dos prazeres que temos ao fazer esse tipo de trabalho, esse tipo de voluntariado, é sentir que... que estamos todos a ser apreciados com o nosso trabalho. O nosso esforço está a ser valorizado de alguma forma. Tamos... tamos ali pra algum efeito,</p>

					<p>com situações assim. Parece que não sou desenrascada. Não... não consigo tomar aquela iniciativa para interagir, porque me sinto... sinto-me afastada. Como eu não gosto de fazer isso com as pessoas. Normalmente, quando eu conheço alguém, não tenho em... em dar-me, tudo bem, não tenho desconfianças e, quando fazem isso comigo... eu sinto-me afastada e... Não gosto da sensação, então tive dificuldades em lidar com eles. Então pronto, fez-me desistir, não continuar com aquele projecto, não... No entanto lembro-me... quem é que foi para o voluntariado com deficientes? Alguém fez ((pensativa)). 10</p>	tamos a surt... tamos a despertar alguma sensação... boa... e eu não senti isso. Não sei. Tava a sentir-me inútil, ali, mas foi uma experiência diferente que serve sempre para aprendermos, lá está. 10-11	
	<p>Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?</p>	<p>Não, não. Não. Era um grupo de pessoas que naquele espaço faziam várias actividades.14</p>					
	<p>A sua relação com o mundo do trabalho</p>		<p>É a forma como lidamos com os outros. Ajuda-nos, na forma como lidamos com os outros, mas isso também é... em conjunto com o que já somos, nós mesmos, mas... sim, principalmente as relações que podemos desenvolver com os outros. 14-15</p>				

Escola/Núcleo: comparação	<p>A relação entre professores e aluno. Óbvio! É o que mais marca, o que mais se evidencia, que mais se distingue. É uma aula...entre uma aula normal e o núcleo é: uma aula um professor e um grupo de alunos e o núcleo acho que é um grupo de amigos. Acho que era o ambiente que se vivia. 13</p>	<p>As vezes fazia falta, porque há uma certa idade na escola somos, temos os amigos na escola e não sei quê, mas fora disso, vamos pra casa, nem saímos muito, podemos não interagir fora da escola e esses bocadinhos ajudavam-nos, ajudavam-nos a ter mais esse lado social e conhecer mais as outras pessoas. Ir além de assuntos mais... normais, "a escola, sim, os meus pais..." 11/12</p> <p>Porque interagíamos de forma diferente e crescíamos como pessoas e sentíamos-nos mais realizados. Nós! Eram momentos de prazer. Prazer! 13</p>				<p>Isso, no núcleo, marcou-me nesse sentido de assuntos... assuntos que deviam ser falados, mas, no entanto, não havia nenhuma disciplina na escola, oficial que nos falasse, que nos permitisse falar sobre isso. 6</p> <p>tinha a noção que era uma actividade extra. Extra. Pra já, eu é que tinha que ter a iniciativa de. A escola era obrigada, apesar de gostar, mas pronto, faltas e essas regras todas. O núcleo, o núcleo ia e fui enfim... só ia porque gostava. Ia porque gostava de ir e gostava de tar ali à conversa... só aquele ambiente de termos entre amigos e termos uma conversa descontraída e surgirem os temas com naturalidade, só isso, isso era bom. 11</p> <p>era mesmo uma actividade extracurricular, mas extra... é mesmo extra. Não tinha nada a ver era... era um bom momento para passarmos. Era na escola. Eu acho que ali utilizavam-se as instalações e uma professora da escola por acaso, mas naquele, no núcleo não... eu não relaciono com a escola era só porque era nas instalações. 13</p> <p>Utilizava-se ali o</p>
---------------------------	---	---	--	--	--	--

						<p>espaço mas... em termos de actividades era mais criativo e mais... ia além, além daquelas grades digamos assim, além das grades da escola, dos portões. Ia explorar a realidade, o que se vive cá fora, as diferentes realidades, diferentes pessoas. Acho que nos, que nos punha o desafio de interagirmos com elas, para crescermos, para termos experiências diferentes. Eu acho que não tem...que é bem distinto da escola, muito mais enriquecedor. A sério! Em termos pessoais, em termos de experiência! 13</p>
Família/Núcleo: a relação		<p>As questões do núcleo? Não me lembro. Não me lembro. Acho que... acho que não, acho que não, por acaso... pronto, agora, agora disse, disse aos meus pais que a stora me ligou e não sei quê pra falar sobre o núcleo e a minha mãe foi assim: "Foi?". Parece... parece que ela ficou contente pela stora me ter escolhido (riso). 22</p>				
Estudar "fora"	Porque sim, porque não	<p>é muito caro. Eu pensei nisso. Gostava de ir pra Inglaterra 20</p>				
	Reacções à ideia	<p>então não ia? E queria e gostava de ir. 20</p>			<p>Ai, ir pra um sítio diferente! Acho qu'ê, que deve ser assim uma sensação! Bem, a mim entusiasma-me a ideia de estar</p>	

						num sítio. Eu , não me assusta! Não me assusta! Depende. Também não gostava de me sentir completamente sozinha numa experiência dessas. Gostava de ter alguém próxima com quem partilhar mas...não sei, acho excelente a pessoa ter a experiência de ir pra um país diferente e ter que falar uma língua diferente e ganhar ou... viver com hábitos diferentes, culturas... Acho que isso é excelente. 21	
Os projectos pessoais		<p>A minha mãe assim: "Então, mas tu ainda há uns tempos disseste que querias sair de casa e tal...". Isso já mudou, isso já mudou. Isso eram outros projectos que ...que pronto! Era outra perspectiva. Agora, agora deixa-me estar em casa que aqui é que eu estou bem. Era outra perspectiva, lá está. 4</p> <p>Ai, realizar-me... mesmo pessoal, pessoal... A nível emocional já é mais complicado eu sentir-me realizada. 4</p> <p>por exemplo eu, no meu futuro, espero ter sucesso a nível profissional. Espero ser bem sucedida, que é mesmo assim, e sentir-me realizada, mas a nível pessoal eu tenho a sensação que vou estar</p>					<p>Ai, eu já disse aos meus pais: "Olha... portanto... eu acabo este curso, vou aí nuns cruzeirozitos e tal... dar umas voltitas ao mundo, mas não esperem que eu saia de casa tão cedo, porque isto de nós, aqui, com a mãezinha a lavar a roupa, fazer o comerzinho e tal, isto é confortável de mais". 4</p>

	<p>sozinha, porque não me vou conseguir envolver e assumir uma relação com alguém. 4</p> <p>Eu sei que é muito cedo. Atenção! Tenho noção disso, mas não sei, não... olho para a frente e não vejo isso. não me sinto bem com essa ideia, porque, lá está, esse projecto de vida já estava delineado, essa parte...Era a única... Atenção, agora é ao contrário. Virou completamente. 4</p> <p>Sim. Agora, é o lado profissional. Agora desejo é... é ter... assim realizada com o que faço. Como a professora! Sente-se feliz com o que faz, sente-se bem! Realizada! 6</p> <p>Um futuro assim, mais longínquo, não sei. Assim, num futuro mais próximo, gostava de ir, assim nuns cruzeiros, de trabalhar nos cruzeiros, de ter essa experiência. Gostava também de experimentar ser comissária de bordo, hospedeira, assim. Muito relacionado com as viagens. Conhecer sítios diferentes, pessoas diferentes... 16</p>					
A minha visão de mim e dos outros	<p>É assim, aquilo aconteceu no meio das frequências então, fui para lá, fui para Leiria, aquilo foi no fim-de-semana...pois... fui na segunda-feira.</p>	<p>Claro que há características, há características que desenvolvemos com o tempo. Não somos bebés e temos logo tudo connosco. 9</p>		<p>tou a aprender a lidar com pessoas um bocadinho ruins. Não são ruins, muito... huuf (esgar de repulsa) ... estranhas, estranhas</p>		<p>É estranho, porque compreendo que crescemos, que temos que mudar. É aceitar, aceitar. Eu vivi isto, naquela altura, quando tinha que viver, agora</p>

	<p>Tinha uma frequência na terça para as quais não estudei nem tinha cabeça para isso. Mas eu sempre tive uma... sempre tive grande facilidade em separar as coisas, tanto que eu cheguei naquele dia à escola e as minhas amigas mais próximas sabiam... Ya! A Amanda, a profª conheceu a Amanda? Uma rapariga do liceu, alta, de óculos, pronto, que andava lá, uma amiga minha também... soube e disse às raparigas da minha turma mais próximas. Eu cheguei lá, naquele dia, elas olharam para mim, tipo...elas...as pessoas... coitadas! Nem sabem como é que hão-de reagir. Eu sei, eu compreendo-as, pronto. Eu cheguei lá...olá, tudo bem, e não sei quê. Entrei na sala, não era nada comigo. Há pessoas que nunca souberam. Possivelmente. Não têm nada a ver com isso. Fiz as frequências com o que me lembrava das aulas. Consegui concentrar-me minimamente. Fiz. Deixei uma para trás que não consegui passar. Tive 6 na frequência, 8 no exame. 2</p> <p>E tenho o 1º ano feito. Mas foi mesmo... (...) Pus aquele objectivo...</p>			<p>no mau sentido...ah... Muitos comentários assim. São penicheiros! Há muitos penicheiros. Penicheiras! Na minha turma. Lá está, são pessoas diferentes, experiências diferentes... 20</p>		<p>estou noutra fase. 6</p> <p>mas eu acho que... eu sou de opinião que cada pessoa tem a sua própria essência e é aí, é isso que nos torna individuais, que nos torna diferentes e acho que isso não tem a ver com a escola, não tem a ver com nada, somos nós. Eu, o que me faz dizer eu sou assim... não me consigo definir. 8</p> <p>A nossa essência é o nosso núcleo, digamos assim. Nós temos um núcleo. Ou o sabemos aproveitar, não é aproveitar... é deixar crescer e mostrar também aos outros. Reconhecê-lo, reconhecê-los a nós mesmos. Eu sou assim, eu aceito-me como sou, gosto e mostrar isso também aos outros e isso não é na escola, nem com a própria família. Influencia-nos sempre, tudo o que esta à nossa volta, a nossa realidade, o que conhecemos influencia-nos sempre. Óbvio! Mas aquele... não sei explicar stora, é uma essência, está cá dentro. É natural. Que nós temos. 8</p> <p>Só o facto de falar com alguém, lá está, na escola, que são as primeiras pessoas com quem nós contactamos e falamos sobre isso e o que nos interessa e</p>
--	--	--	--	---	--	--

	<p>bem, eu vou acabar o ano.3</p> <p>Mas... por enquanto, não me apetece continuar. Apesar de virem aí as férias e tal, mas não me apetecia continuar ali. Não sei! Não estava satisfeita! Não me sentia... bem! 3</p> <p>Leiria? Não! Tanto que é uma coisa recente. Se calhar, demasiado recente. Era tudo muito... superficial para mim. Não era nada que pudesse dar o que eu precisava, se calhar, naquela altura. 3</p> <p>Ainda hoje, eu sinto-me bem é em casa, ao pé dos meus amigos e em estar em casa. Não sei. E... gosto muito. 3</p> <p>Actualmente, estou a trabalhar, estou a estudar à noite e sinto-me dinâmica...sinto-me activa. 3</p> <p>Isto é muito complicado, o emocional, quando mexe com os sentimentos. Há sentimentos que ainda não foram mexidos, que é mesmo assim. Vão ficar sempre e é uma parte de mim que está presa. Está presa! Eu sinto-me... eu sinto-me um bocado presa. 3</p> <p>Lá está, o Igor era uma pessoa muito específica. Única!</p>					<p>curiosidades, "e eu fiz isto, mas eu fiz assim". Trocar experiências. Logo aí aprendemos, utilizamos isso para nós, para lidar com outras coisas no futuro de maneira diferente. Logo aí estamos a mudar. Nós mesmos. Os outros são muito importantes só que ... porquê que nós somos todos diferentes, stora? É porque também temos experiências diferentes, mas porque nascemos com uma personalidade específica. 8/9</p> <p>"Olha, quero-te dizer que tens um dos sorrisos mais bonitos que eu conheço! E eu: "Ah!" E fiqueil... Ai, não imagina como isso me deixou bem. Uma coisa tão simples. É uma característica, mas é por me sentir bem com o que sou e mostrar sem defesa alguma. São características minhas, que... É uma junção, professora. Uma junção de tudo. É o relacionamento com os outros, é o nós mostrarmos o que somos e os outros fazerem isso connosco. Aprendermos, crescermos.9</p> <p>Eu continuo a fazer o que tenho a fazer e...e tenho a consciência que, que faço o melhor que posso e isso eu não</p>
--	--	--	--	--	--	--

	<p>Qualquer pessoa que o conhecia, e mesmo se não o conhecesse, via que ... é qualquer coisa de diferente, não é a maneira de pensar de encarar a vida e as pessoas... era totalmente diferente do que normalmente vemos. 5</p> <p>Por exemplo, a desconfiança... uma pessoa ser desconfiada... acho qu' aí já pode resultar das experiências que teve na vida, ao longo da vida, tipo...exactamente. Na relação que teve com os outros, ao longo dos tempos, houve várias experiências que teve ...ajudaram a desenvolver aquele sentido. Confiança ou desconfiança, depende. Há certas características que eu acho qu' é na interação, meio social, outras...que eu não consigo explicar.9</p> <p>Eu, por exemplo, com o meu chefe... Meu Deus! Não vai lá (riso)! É uma pessoa demasiado autoritária, sem calma e... às vezes, parece que não tem respeito e eu sinto que não sou valorizada pelo que faço, qu' é memo assim. E eu não gosto dessa sensação, mas pronto! 15</p> <p>Cheguei a ser uma</p>					<p>ponho em causa. É o que eu disse há bocado, sentirmo-nos tranquilos com o que somos, com o que fazemos.15</p> <p>O meu chefe, hum, podemos estar duas pessoas a trabalhar no mesmo sítio e é ...por exemplo, no corredor dos iogurtes, estão ali duas pessoas a trabalhar e... chega-me material e ele vai ter com a outra pessoa: "Então, chegou tudo e não sei quê, falta alguma coisa?". Como se eu não fosse responsável o suficiente para responder a isso. Esse tipo de perguntas não me faz (mágoa). Ainda há bocado falou alto. Foi agressivo a falar e eu acho qu'isso é quase uma falta de respeito. Não há necessidade. Eu não gosto de lidar com as coisas assim, porque há um limite. Há chefes, há empregados, mas somos todos pessoas e ninguém é surdo, ninguém é burro temos todas capacidades, as mesmas capacidades. Mas pronto. Tá tudo bem (resignação). 15</p> <p>Lembro-me de muitas coisas que nós fizemos que eu tenho tudo guardadinho numa caixa (sorriso) e, de vez, em quando vou ver. São coisas importantes e, pra</p>
--	--	--	--	--	--	--

	<p>ótima aluna, passei a boa aluna. Na universidade fui média, média baixa.¹⁷</p> <p>São... eu acho que são pessoas que, com as quais eu não me identifico, logo, de acordo com o que eu sou, mantenho uma relação cordial, claro! Agradável, sem maus ambientes, mas sem grandes proximidades porque não há identificação. Eu não concordo com maneiras de agir, com comportamentos, com certos comportamentos, mas não tenho a confiança pa chegar ao pé dessas pessoas e dizer: "Olha, isto, não estás a fazer bem! Isto não se deve fazer!". Nem tenho nada que comentar! 20</p> <p>Mas... eu... isso até me... ham, como é que se diz... eu sinto-me curiosa... curiosa, sem maldade nenhuma, sem fazer juízos que eu gostava de saber, gostava, olha, por acaso, que eu saiba, não conheço ninguém homossexual, mas não tenho nenhum problema com isso. 21</p> <p>Senti que a marquei de alguma forma que... Pronto, não fui só mais uma aluna, ou... se calhar, ninguém é, ninguém passa</p>					<p>hoje em dia 16</p> <p>Só acho é que uma pessoa tem que se esforçar. Tem que fazer, tem que fazer o que está ao seu alcance para... o respeito, acima de tudo, óbvio, pelos outros.</p> <p>Mas... Esforçar-se! É mesmo assim! Para se manter n'alguma coisa se se deseja, se desejamos alguma coisa a nível profissional, ou pessoal, temos que fazer por isso, tão simples quanto isso. Nada nos cai do céu! 16</p> <p>Um bom aluno, um bom aluno... aluno professor, aluno aulas só a nível escolar. Mantém uma boa média e... pois, realmente! Ele tem que se manter interessado nas disciplinas. Não é só estudar pró teste e ter boa nota. Isso é que é um bom aluno. Manter-se interessado constantemente.</p> <p>Então... Eu até fui uma boa aluna! (Riso). Fui, fui. Só que isso reflectia-se. Stora, as frequências que eu fiz foi só a partir das aulas, do que eu me lembrava das aulas. Quer dizer que eu mantenho-me atenta.¹⁸</p> <p>Eu vejo-me como uma pessoa muito open mind. Não tenho, não tenho qualquer problema. Até hoje não tive problemas de maior</p>
--	--	--	--	--	--	---

	despercebido... que criámos algum, algum laço. 22					<p>com ninguém, porque ouço, ouço os outros, dou a minha opinião. Desde que haja respeito mútuo não há conflitos e, e acho que podemos sempre aprender a ver, a lidar com culturas diferentes. É uma experiência de aprendizagem assim, intensa! 21</p> <p>acho que... pequenos gestos fazem diferença. Não é? Não é preciso grandes coisas para, para fazer uma pessoa sentir-se melhor. É só... ser... bem intenci.. é, é uma pessoa ter boas intenções, sentirmo-nos... acarinhados, aconchegados! Acho que é suficiente. 22</p>
Os relacionamentos e a intimidade	<p>A parte emocional ... tinha um namorado, tinha um namoro de 4 anos que é mesmo assim, adorava e queria aquilo para o resto da vida e não é por ter 18 anos que é menos sério. Encarava de forma mais séria possível. Era para o resto da vida e a casinha tudo a que temos direito, que é mesmo assim. Essa parte já estava. 5</p> <p>Ele ia vender a moto. Ia estar uns meses para juntar dinheiro, ia viver sozinho e eu tinha mesmo a vontade de ... já...também quero ir viver contigo. Só aquela coisa de</p>					<p>houve um tempo que nós terminámos, mas, no entanto, voltámos, voltámos e a partir daí.... paah! Era aquela pessoa, mas não é por ter acontecido o que aconteceu que vejo de maneira diferente. Havia alturas sim, que nos sentíamos estranhos, pois, lá está, aquelas situações de estranheza, alguma coisa não está bem aqui e isso quando duas pessoas se conhecem bem, nota-se logo. A mínima reacção que não é normal, pronto, isto está aqui alguma coisa e tentávamos ao máximo falar sobre isso,</p>

	ficarmos mais... juntos. Ai professora! O homem da minha vida! (tristeza) 5					conversar, o diálogo. Às vezes, não corria muito bem, porque eu... quatro anos mais nova, miúda (risos), não víamos as coisas, às vezes, da mesma maneira, mas tudo bem e agora cá estou. 5
Lugar de pertença						

Entrevista nº2		Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e percurso familiar	<p>Bem... então, eu nasci... cá, nas Caldas, e vivi toda a minha infância sempre, lá, nos Casais de Santa Helena o que é uma maravilha. Eu adoro, porque nós... em todo o lado... tinha brincadeira, podia andar na rua até quando eu queria e fui sempre muito livre. Isso é muito bom. Foi muito bom. 2</p> <p>Tive lá os meus amiGUiNhos! (...) morávamos todos lá ao pé 2</p> <p>Tou ali protegida por toda a gente.2</p> <p>tive uma infância um bocadinho marcada, porque eu fui muito doente. 2</p> <p>Eu quando tinha três anos... descobriram uma doença... não descobriam, não sabiam o que eu tinha 2</p> <p>Disseram à minha mãe que eu ia morrer, que não sabiam o que haviam de fazer. 2</p> <p>Fui internada dos dois aos três anos. 2</p> <p>tava no hospital brincava com toda a gente. 2</p> <p>passou um ano inteiro que os fins-</p>					

		<p>de-semana era irem me ver ao hospital. Tinha a minha família toda sempre ao pé de mim. Era brinquedos, era tudo. 2</p> <p>Depois fui... estive internada em Lisboa 4</p> <p>Em Santa Maria (...) tive lá uma semana, mas tive sempre deitada. 4</p> <p>cá, no hospital das Caldas... não há, não há muitas raças! E eu lembro-me quando eu cheguei ao hospital de Santa Maria era uma sala enorme de brincar. Ah! E eu cheguei lá fui brincar e eu lembro-me de ver todas as raças! 4</p> <p>Tive a brincar... integrei-me bem. 4</p> <p>Eu era muito acarinhada por todos.5</p> <p>as pessoas mais velhas tinham muito cuidado comigo. 5</p> <p>Sempre tive o meu percurso normal, porque foi uma doença que não... não sentia sequelas em mim.5</p> <p>Não podia comer doces, tinha uma dieta muito rigorosa. 6</p> <p>sentí que nunca me prejudiquei. Talvez se eu tivesse esta doença... na primária, ou... na</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

			Básica 6					
	Relação familiar	Pai	o meu pai não TRABALHAVA 2					
		Mãe			<p>Muitas vezes ficava lá... durante a noite também. E nas minhas alturas mais críticas... não sabiam... porque eu tomei muitos anos cortisona (). Pronto. Depois, há episódios muito giros. Lembro-me... a minha mãe passava o dia inteiro no hospital e há uma coisa muito engraçada (sorri) que isso é que nunca me esqueço. Lembro-me de uma rapariga, de uma menina da minha idade entrar lá, e ficar no meu lado, que era filha de uma prostituta, que ficou intoxicada com comprimidos por que a mãe deu-lhe comprimidos pa dormir durante a noite toda e ela entrou lá. Eu lembro-me que a minha mãe tomava conta de mim e dela, porque a mãe não tava LÁ. Eu lembro-me que de manhã, porque tínhamos que levantar, a minha mãe penteava ELA... eu ficava com uns ciúmes horríveis. Eu detestava a miúda. Penteava ela igual a mim, fazia tudo igual a mim. Dava-lhe o comer, dava tudo. E, no entanto, a assistente social do hospital falou com a minha mãe se ela</p>			

					<p>queria... adoptar a menina. Falo isso muitas vezes com a minha mãe, porque, hoje em dia, tinha uma irmã... da minha idade. A minha mãe diz que não podia ser. Já tinha um filho a que não dava atenção... ia ter outra menina sem dar atenção, não sabia o que ia ser da minha vida também ... não aceitou. Mas... a coisa... lembro-me tão bem... a mãe dela entrar... a mãe dela... entrou, uma vez, na porta do hospital... perguntou, na pediatria... perguntou quem era a mãe da Andreia... lembro-me (parece-me que tou a ver a senhora). 3</p> <p>Tinha uns três... três e tal, quase quatro anos...a mãe dela entrar e perguntar à minha... saber quem é que era a mãe da Andreia, a minha mãe disse que era ela e ela disse que era a mãe... eu não me lembro do nome da miúda, mas lembro-me tão bem da miúda! ... Ela disse que era a mãe dela e que queria agradecer por tudo o que ela fez pela filha...porque... ela sabe que não é uma boa mãe... lembro-me tão bem de tar a ouvir isto...lembro=que sabe que não é muito boa mãe, porque não consegue, fica muito</p>			
--	--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>triste () por acaso, uma coisa muito gira. 3</p> <p>Eu... sinceramente, naquela altura... sabe, eu tinha muitos ciúmes dela. Tinha! Tinha ciúmes. Eu lembro-me. Eu irritava-me c' a miúda! Nem brincava com ela (risos). Eu, eu não gostava muito dela, mas a senhora a falar com a minha mãe... eu senti muito orgulho da minha mãe (pausa). Senti, mas senti que não queria ela ao pé de mim. Não queria, não queria. Eu... eu sei que não queria. 3</p>			
		O irmão	<p>o meu irmão teve a minha mãe muito pouco presente também. Tenho dez anos de diferença do meu irmão. Eu tenho dezanove, o meu irmão tem vinte e nove anos e... quando eu tinha dois... dois, três anos ele tinha treze, a idade da adolescência. Então ele sentiu muito pouco a minha mãe. Ele teve sempre muito mais com o meu pai. 3</p>					
Escola	O percurso escolar geral	Pré-primária	não andei no jardim-de-infância 2					
		Primária	<p>entrei no primeiro ano, na escola dos Barreiros. 2</p> <p>eu com seis anos comecei... entrei pa escola (...) primária... depois é que tive assim uma</p>					

			melhora. 4/5					
		Ciclo: a EBI	vim pra cá, pràs Caldas... quinto e sexto ano. Tive na EBI. Pronto. Os meus amigos... transitaram COMIGO... fomos todos. 2					
		Na Raul	<p>fui pó liceu, no sétimo ano. 2</p> <p>eu fui po liceu, mas começávamos as aulas à segunda-feira e no sábado antes apareceu-me o período, pela minha primeira vez. E aquilo, pra mim, foi um drama. Eu não queria ter o período, nem por nada na minha vida, eu detestava aquilo, eu não queria aquilo. É que não queria mesmo e foi o choque de ir pa uma escola, pa uma turma que eu não conhecia, porque nós fomos três amigas pra lá e as três amigas ficaram em turmas diferentes. 6</p> <p>Ao princípio eu NÃO gostava. Foi muito mau, porque foi o acumular de tudo. Era ter o período, aquela insegurança, ir pra uma escola NOVA, 7</p> <p>Depois integrei-me muito bem. 7</p> <p>Fui pó décimo ano (...). Queria Humanidades. 8</p> <p>Fiz décimo, décimo primeiro, décimo segundo. Repeti o décimo segundo, o ano passado, porque</p>					

				<p>eu deixei disciplinas pa trás. 9</p>					
			A turma: nós e os outros	<p>Lembro-me que... as primeiras pessoas com quem falei foi com a Diana e com o Igor. Eu tive... eu era muito amiga da Diana. Muito, muito mesmo.</p> <p>Pronto, eu dava-me muito com eles, depois começámos o núcleo e acho que foi no núcleo que eu comecei a falar mais com os outros, também. E depois eu enraizei-me muito mais aos outros. 7</p> <p>... e sétimo, oitavo e nono, pra mim, foram os meus melhores anos, porque foi onde eu agarrei as pessoas que tenho hoje, porque os meus melhores amigos são estes, que estão aqui. Porque, eu tive décimo, décimo primeiro, décimo segundo...sim, tive amizades, mas ...colegas. São colegas. 7</p>	<p>Pronto e... marcou muito, muito mesmo. Porque nós... é que nós vivíamos as coisas... fazíamos coisas que ficam pa sempre e quando nós tivemos juntos, nós falámos sempre muita coisa. Quando nós íamos brincar pr'ali, pr'acolá, quando... quando nós íamos... quando não tínhamos aulas nós íamos po parque brincar, andar de barco... são coisas... que ficam sempre, sempre, sempre. Que nós vivíamos... Era tão engraçado que nós ríamos tanto, fazíamos tanta coisa e, ao fim ao cabo, fazíamos sempre as nossas coisas. Fomos uma das melhores turmas do liceu! Isso também marca! Isso também é bom! Os projectos que nós fizemos... 7</p>		<p>Eu andei sempre... andava sempre, andei sempre... tinha MORAL. Andei com eles... eu comecei, dava-me muito bem com a Diana, mas eu lembro-me que, ao princípio... não me dava com as pessoas que me dou mais agora: Fábio, a Vanessa, a Patrícia, a Laetícia... a Laetícia ... não me lembro dela. Eu, sinceramente... sétimo, oitavo...eu tinha pessoas que... coiso... a Laetícia... não me lembro de coisas da Laetícia. Não sei. Passava muito... passava ao lado. Eu não me lembro. 7</p> <p>Os do nono ano. Eu nunca... nunca me relacionei muito com as outras pessoas. Porque... Oh, pá! Eram pessoas diferentes! Eu nunca... não sei, eu agarrei-me muito ali. Eu sei que a gente SAÍA, íamos sempre, outra vez, ter com os outros. 9</p>		<p>Nós... comecei a falar com eles, a nossa brincadeira, sempre na brincadeira, porque eles também iam no autocarro comigo. Pronto. E foi assim. Depois começou. Depois comecei a dar-me com os outros tamém. 7</p> <p>Oh, stora... eu tenho...! No outro dia, quando vim cá no sábado, no domingo fui fazer limpeza a uma escritaninha que eu lá tinha. O que é que eu vou achar: uma agenda minha do oitavo ano a falar da área de Projecto. Porque nós começámos a fazer trabalhos era da área de projecto, não era? 7-8</p> <p>Oh, stora! Eu ria-me tanto de coisas que eu tinha lá escrito. <u>Coisinhas nossas</u> que... lembro-me que não pude... olhe, não pude ir a uma festa de Carnaval porque tinha qu'ir a uma consulta, em Lisboa e depois dizia: "Que chatice! ter qu'ir pa consulta e não não puder, e não puder ir à festa de Carnaval!" () foi muito engraçado tar a ler as coisas (), mas eu lembro-me de escrever lá sobre a área-escola, mas era sobre...Quando é que nós fizemos uma exposição numa sala? Lembra-se</p>

								<p>stora? Passámos filmes...foi no sétimo ano. Foi no nosso primeiro ano. Foi o ano em que nós ficámos mais ligados ... isso foi a nossa área-escola! Exactamente. Nós viemos fazer, viemos fazer... dançar! Eu ia dançar! O teatro! Qu'a mãe do Fábio fez... fez umas nuvens e umas coisas. Nós pintámos e depois no fim fizemos... quem era o sol? Era o Pedro Seixas, não era, stora? 8</p> <p>Então, pronto. Depois foi o nono ano. Foi a quebra. Lembro-me da nossa festa do nono ano. Até foi a professora Celeste Custódio com a menina dela, que nós... fartámo-nos de chorar. Chorei muito, muito e... porque é muito raro chorar e lembro-me de ter chorado tanto, porque era estranho... íamos... acabar ali aquela turma, ía pa uma turma que não conhecia e eu dou muito valor a isso. 8</p> <p>mas lá tá... Eu lembro-me... nós saíamos... nos intervalos íamos encontrar com todos na mesma. Os do nono ano. 8/9</p>
		Os professores	eu dava muito valor à professora! Ainda dou. É verdade! E isto não é tar aqui a dizer pra parecer bem. Não é. Eu lembro-me de dar			e lembro-me... EU LEMBRO-ME MUITO BEM DE NAS AULAS DE GEOGRAFIA eu punha-me sempre à frente...		<p>Lembra-se quando eu escrevi uma carta à professora? Isto ficou-me pa sempre e é verdade. Eu lembro-me que... eu ouvia a stora a falar</p>

				<p>muito valor à professora...20</p>			<p>onde=tava=a stora e nas outras aulas eu não, eu sentia que... eu sempre, eu sempre vi a escola... fui uma aluna sempre normal. 20</p>		<p>e ouvia a stora a falar de nós e tava-nos a ajudar e como nos entregava a nós. Eu via a stora... eu lembro-me da stora tar a dizer que nós devíamos arranjar um ponto de referência para ficarmos... pra seguirmos aquela pessoa e eu lembro-me que eu escolhi a professora. Lembro-me tão bem de escrever aquilo. E é muito verdade. Isso é muito importante, porque eu lembro-me, eu tenho a ideia da stora sempre a ajudar os outros e tar sempre muito aplicada aos outros e eu também sou um bocado assim. Não sou como a professora, é claro (muitos risos), mas... mas eu lembro-me de... ligar muito a isso e via a professora, e lembro-me muitas vezes de ver a professora NA ESCOLA a dizer OLÁ às outras pessoas e tudo. E lembra-me disso. E acho que é muito importante, principalmente, onde nós távamos, naquela idade 10/11</p> <p>Porque, nós aprendíamos muito com os outros, mas... era dos outros. Eu dava mais importância às coisas que a professora dizia, percebe? 19</p>
--	--	--	--	--------------------------------------	--	--	--	--	---

	Para que serve a escola	<p>Candidatei-me na segunda fase, porque eu não passei o meu exame de Alemão. No segundo exame é que passei. Candidatei-me, na segunda fase, para Serviço Social, em Leiria; Educação Social e Animação cultural, na ESAD. Na minha ideia, eu entrava em Animação Cultural, porque a última pessoa que tinha entrado tinha dez, eu tinha média de treze! E eu: "Eu vou entrar! Eu entro". 9</p> <p>Não entrei. Lembro-me que passei um dia todo a chorar. "E agora? O que é que eu vou fazer?" 9</p> <p>Tinha o meu décimo segundo ano feito ... eu não... Não era isso e... e eu tinha consciência que também não tinha uma média tão alta. Tava na expectativa de entrar, ou de poder entrar na ESAD. Tava mesmo na expectativa, mas não entrei. 10</p> <p>eu não sabia o quê que havia de fazer. Senti-me me inútil. Foi o que eu me senti, mas não me revoltei com a escola. Não pus em causa a escola. 10</p>					
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	se as aulas fossem voluntárias eu também ia às aulas. 15					
	Adesão a actividades extra curriculares						

	A relação da escola com o mundo do trabalho	não me vejo a vida toda a fazer a mesma coisa. Eu ...pra mim... é: eu , agora tou nisto, VAMO lá ver o que vem aí 22	Que seca que é o Direito, mas aquilo é fundamental no nosso curso pra nós aprendermos, porque nós sem Direito não conseguimos ajudar a outra pessoa, porque temos que conhecer... as coisas, temos que saber. 22				
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)	Há uns que já iam por causa do DPS, mas eu não conhecia nada! Não sabia nada do que se passava! Eu fui por eles dizerem: "Ah, Andreia! Aquilo é muito fixe. Nós falamos e... e não sei quê, não quê mais" e eu fui. 12					
	Os motivos da adesão						Eu vou ser sincera: Eu aderi muito ao núcleo pela professora ser nossa professora e por ser nossa directora do sétimo ano e eu conhecer a professora e depois o DPS e fui. 14
	O que é/ era o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania	É uma coisa voluntária. Sim, sim. Não haver uma coisa obrigatória d'ir ao núcleo. Ser voluntário. 14	as pessoas chegavam lá e tanto que se abriam! Não é? E () nós falávamos sempre! É muito bom aquilo que se cria no núcleo. O à vontade. 12 o primeiro núcleo era naquela sala onde tínhamos Geografia. Nunca me esqueço. Aquela sala muita branca, com muita luz. 12		Há certas coisas que não... certas coisas que se passaram lá qu' acho que não. Porque nós ...sim. Eu só sou a pessoa que sou, porque tive naquela escola e porque encontrei aquelas pessoas, mas se calhar há certas coisas que nós podíamos... acho que o núcleo segurou-nos muito. Manteu-nos muito. E acho qu' é muito importante. E pra mim foi. E pra muitas pessoas foi muito importante.		Lembro-me... cada vez que saía do núcleo, ia no autocarro, sempre a pensar nas coisas que se passavam lá, eu lembro-me muitas vezes, porque eu fazia uma hora de autocarro, e a gente vê, víamos os outros a chorar, com os problemas dos outros, víamos... pessoas a rir, víamos pessoas que ... nós , ali, falávamos de tudo. 12 E é muito engraçado que eu acho que há muitas pessoas, como a Ana Rita. Ela

							<p>chegou aqui e começou a chorar, porque ela tem necessidade de ter aquele espaço, ali, que só dá atenção a nós.12/13</p> <p>Oh stora, é o que eu digo. É aquele espaço... nós sentíamos bem. É uma coisa à parte da escola. Aprendíamos muita coisa e ouvíamos muitas coisas... e coisinhas que nos fazem sentir o que nós somos hoje. DAR VALOR A NÓS! O nosso trabalho de auto estima... eu acho que isso é muito importante.14</p> <p>Núcleo? O que era isso? Eu lembro-me que expliquei que era após escolar, em que nós debatíamos muitas coisas, púnhamos muitas coisas em questão, éramos um grupo, 16</p> <p>O aprender é muito importante também. Se o núcleo deu valor ao aprender? Deu muito valor à cultura. Eu acho que sim. Porque nós lá tínhamos aquela coisa de tar: hoje é uma coisa diferente, amanhã é outra coisa diferente e nós, eu gostava de saber isso e nós parece que temos aquela coisa d'ir sempre pesquisando, sempre ouvindo os outros, ouvir com mais atenção os outros. 20</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

			<p>Pra mim, o que ouvia lá tinha muito valor, porque se cria... cria-se ali uma coisa...</p> <p>IMPORTANTE! Não sei! Um à vontade. As pessoas sentem-se bem.13</p> <p>Pra mim, tanto ser ali na escola, ou ser noutro sítio, eu ia na mesma. Percebe, stora? Era uma coisa que... é importante. Eu acho que é... eu aprendi muito. 15</p> <p>Lembro-me que até lá não sabia o que era auto estima. Não sabia mesmo e... e, hoje, isso é fundamental. É muito importante.16</p> <p>o núcleo... ajudou-me a conhecer-me, a mim.17</p> <p>As pessoas? ahmmm Ajudou-me... eu antes= eu lembro-me que eu antes tinha muita coisa que era: "eh, pá! Não vou com a cara daquela pessoa! não quero ver aquela pessoa". Hoje, não. Ajuda-me a ter... eu acho que... eu acho que, eu acho que tenho uma sensibilidade pa tar com as pessoas e gosto muito de comunicar com as pessoas. 17</p> <p>Eu ouvia as coisas e, depois, pensava a opinião qu'eu tinha, a opinião que os outros tinham e</p>	<p>E... as nossas discussões, então, é uma das coisas que ficam pa sempre.10</p> <p>(...) Porque, é fundamental olharmos pa pessoas pa percebermos as pessoas. 21</p>		<p>O núcleo ensinou-me muita coisa. Ensinou-me muita, muita coisa. Coisas base ...acho que é muito giro...lá tá, é estrutura. É estrutura que nós temos hoje. Ensinou ... ensinou-me... eu acho que nós... ensinou-me... a ouvir... muito... a ouvir. Tar a ouvir as pessoas e... respeitar as pessoas, mas isso, eu sempre vi, no núcleo, mas ensinou-me... cá as coisas pra mim. Eu lembro-me... eu sou muito cá reservada pra mim, sinto as coisas muito pra mim. Isto pra mim foi muito importante, era o qu'eu dizia: que eu lembro-me de sair do núcleo... eu sempre fui muito calada e não falava muito, mas lembro-me de sair do núcleo e ir a pensar... a pensar nas coisas. Isso vai mexendo c' as coisas cá dentro. 13</p>		<p>Tivemos a Área de projecto, tivemos isso tudo e o núcleo aparece no oitavo ano. Não foi stora? Eu ando muito à deriva com as data. E acho que... aparece... quando...quando é muito bom, quando nós começamos a pôr em questão certas coisas, e nós, no núcleo, lembro-me que nós tínhamos muitas respostas, respostas e... eu lembro-me que era sempre muito caladinha, mas tava sempre muito atenta às coisas e... e ainda vou buscar muita coisa do núcleo ainda hoje, principalmente no curso qu'eu tou hoje. 10</p> <p>ali nós púnhamos muita coisa em causa e falávamos e discutíamos e há certos, e hoje eu consigo, às vezes, discutir coisas e falar coisas com as pessoas que tenho colegas minhas que não são capazes de fazer isso. É consigo pôr em causa e consigo... olhar p'aquela pessoa... "aquela pessoa tem aquilo". E consigo ver mais ou menos. 10</p> <p>Coisas... como é que=acho que é importante é... como é que... as pessoas chegavam lá e tanto que se abriam! Não é? E () nós falávamos sempre! É muito bom aquilo que</p>
--	--	--	---	---	--	--	--	---

			<p>tirava as minhas conclusões. 19</p> <p>Eu não tenho problema em olhar nas pessoas. Não tenho problema. Há pessoas que... que TÊM. E isso foi uma coisa que mudou isso em mim, também. E aprendi no núcleo. A olhar nos olhos das pessoas e é uma coisa que é muito importante e era uma coisa que eu não era capaz de fazer. 20</p>					<p>se cria no núcleo. 12</p> <p>Eu lembro-me de nós falarmos muito de problemas como anorexia... coisas que... hoje tenho uma opinião sobre as coisas e sei! E tenho mais aquela ... faz-me crescer com uma personalidade melhor e acho que isso foi quase ... o que se passou com as pessoas do núcleo. Nós... acho que temos uma personalidade... simples. 13</p> <p>Claro, porque nós aprendíamos as coisa e, depois, nós, por dentro, é que púnhamos em causa as coisas e aprendíamos as coisas. Eu cresci assim. Eu aprendi assim... porque... eu ouvia as coisas no núcleo, ouvia tudo, e lembro-me de pensar pra mim... e era... as coisas que... depois, a gente cá dentro, é que <u>mexe</u> as coisas. Não é? () E tem que ser uma coisa voluntária. As pessoas têm qu'ir porque querem. Ouvem porque querem, aprendem porque querem. Tem que ser uma coisa voluntária. Mas cresce-se sempre. 15</p> <p>Lembro-me de muitas coisas que nós fizemos que eu tenho tudo guardadinho numa caixa (sorriso) e, de vez, em quando vou ver. São coisas importantes e, pra</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--

								<p>hoje em dia 16</p> <p>Fazíamos aqueles joGUINHOS. Não tenho muito a noção do núcleo. Tenho mais do núcleo pró fim. Lembro-me ... lembro-me das cartas, lembro-me de muita coisa. Lembro-me de sair de lá a chorar. Lembro-me... cada vez que saía do núcleo, ia no autocarro, sempre a pensar nas coisas que se passavam lá, eu lembro-me muitas vezes, porque eu fazia uma hora de autocarro, e a gente vê, víamos os outros a chorar, com os problemas dos outros, víamos... pessoas a rir, víamos pessoas que ... nós, ali, falávamos de tudo.</p>
		A confiança dentro do núcleo	<p>isso era a coisa que fazia as pessoas... irem LÁ e falar, porque havia sempre muita confiança. 19</p> <p>lembro de falar muitas vezes do núcleo e de falar com a minha mãe e com o meu pai do núcleo, mas nunca falava de certas coisas que se passavam lá, porque acho que... não se devia dizer. 19</p>					<p>Porque... Acho que cada um tem que ser respeitado. Ele tava ali, dizia as coisas dele, dele e eu também falei=disse muita coisa, aprendíamos, ouvíamos, mas não tínhamos que dizer. 19</p> <p>Muitas pessoas contavam coisas que... que eram... DELAS e que nós ouvíamos e que nós tínhamos que respeitar. 19</p>
		Lidar com as diferenças dentro do grupo						
		O voluntariado	<p>foi uma coisa que ficou mesmo muito, em mim, porque hoje... tenho feito</p>		Deficientes e eu tenho uma colega minha que é assim uma pessoa MUITO			

			<p>muito voluntariado, tou em Leiria, também escolhi voluntariado.</p> <p>9</p> <p>lembrei-me disto por causa do núcleo. Eu fiz voluntariado no Centro de Educação de aí, é que, se calhar, comecei a ver exactamente o quê que eu queria, se era mesmo aquilo que eu queria, se eu gostava daquilo ou não.</p> <p>16</p> <p>vou fazer voluntariado com as prostitutas...</p> <p>16</p>		<p>REVOLTADA, MUITO COISA, sempre... TÁ SEMPRE A RALHAR, SEMPRE A REFILAR e vim a descobrir que ela tinha um irmão deficiente e ela diz que... ela vai passar muitas vezes férias à Nazaré e que as pessoas, às vezes, quando olham pro irmão, ela diz que chega ao pé, ao pé das pessoas e que refila e que não têm nada que olhar pra ELE e porquê que as pessoas olham e porquê que as pessoas discriminam e porquê, porquê e sempre a refilar. E eu disse assim: "Mas...Oh, Sofia! Tu aceitas ter um irmão deficiente?". É que ela não aceita. Ela calou-se. E eu lembro-me de dizer... porque... e eu disse-lhe: "Olha, tu não tens que te preocupar com as outras pessoas. Tu, pra já, tens o teu irmão deficiente...eu fiz voluntariado no Centro de Educação Especial e senti-me lá tão bem! e fiquei com um valor dentro de mim. Eu, também, às vezes, se calhar, punha um bocado em causa... as coisas e não sabia, mas eu, NAQUELE momento... eu dizia sempre: quando entro o portão pa dentro é um mundo à parte. Nós sentimos que são pessoas com tanto valor, pessoas que,</p>		
--	--	--	---	--	---	--	--

					<p>só com um simples sorriso, elas ficam felizes, são pessoas simples, pessoas que não ligam a nada, são pessoas completamente... completamente simples. Vivem a vida e de coisinhas pequeninas fazem tudo delas. Tu não tens que te importar com as outras pessoas, mas com o teu irmão. Tens de gostar do teu irmão. Tens de o aceitar como ele é. E...e acredita eu lembro-me que, quando tava no Centro de Educação Especial, tava a brincar com os meninos e tava um menino cadeira de rodas, que ele não podia brincar, e lembro-me de só olhar pra ele e rir e ele deu-me um sorriso! Nós estávamos a brincar com os outros, ele olhou pra nós e ele deu assim um sorriso, assim uma coisa! É o que basta! Ele não se rala com isso. Tu não tens que te preocupar com os outros". E eu... senti... "Eh, lá! como é que eu consegui ir buscar isto?" e é verdade. Há muita coisa que eu passei e... muitas coisas que fazem hoje a pessoa que eu sou. E isto é muito importante.</p> <p>11/12</p>			
	<p>Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo?</p>	<p>Nunca senti... essa forma de pertencer ao núcleo. 19</p>	<p>nós tínhamos muito mais destaque! As nossas sessões que nós fazíamos... quando as outras pessoas iam. Nós</p>					

Porquê?

			sentíamos, nós fazemos parte do núcleo, "nos organizámos isto!". Era muito bom! 19/20				
	A sua relação com o mundo do trabalho	<p>este ano é o ano em que eu tou a pôr em mais valor as coisas que eu aprendi no núcleo. 16</p> <p>(...) "Olhe, eu vim pra este curso..." porque é verdade, eu sempre... eu ...o voluntariado pra mim marcou muito. Adorei fazer voluntariado. Adorei, adorei, adorei. E disse que já tinha muitas experiências de voluntariado porque tinha feito. Que... tinha... feito o voluntariado ATRAVÉS do NÚCLEO. 16</p>					
Escola/Núcleo: a comparação		<p>Faz parte da escola, porque se eu não andasse na escola não tinha ido ao núcleo, mas era... era uma coisa à parte, porque... era voluntário. 15</p> <p>eu sentia-me diferente. Eu não ia pa ir pa uma aula. Eu não tinha o espírito de ir pa uma aula. 15</p> <p>Passava-se coisas completamente diferentes sempre. Havia sempre uma coisa diferente.16</p>	<p>Parecia que era uma coisa à parte da escola, também. Era aquela sala... vamos entrar ali... conhecemos as pessoas... problemas que as pessoas tinham que nós... não sabíamos... que víamos na escola e não sabíamos. 12</p> <p>talvez ... ajude a dar um bocado tamém valor à escola e interpretar a escola d'outra maneira que não é só aquele sítio onde nós vamos para... pronto. Porque, ao nós, ao darmos valor às pessoas e darmos valor às outras coisas, valorizamos, também, a escola.20</p>		<p>e acho que o núcleo TAMBÉM NÃO DEVERIA SER UMA COISA ABERTA P'À ESCOLA TODA, porque... não... não... perde-se a essência do núcleo. Percebe, professora? Acho que... é bom haver aqueles grupinhos como... grupos pequenos. E... é assim: acho que toda a gente devia de passar... É verdade. Muita gente devia d'ir. Mas que há muita gente que ... que não sei. Perdia muito a essência do núcleo se fosse aquela gente toda... duma escola, mas acho que é fundamental haver sempre o núcleo quando as</p>		<p>... numa sala d'aula, eu não sei... é aquela cooisa, o respeito. Professooor. Nós temos que tar com atençãao. Temos que fazer as coisinhas da escola, todos os dias, não sei quê, não sei que mais. lá não! Era completamente diferente. 15</p>

				peças... possam ir (). 14		
Família/Núcleo: a relação		<p>Eu falava muita coisa 18 quando era para ir ao núcleo, quando era para fazer trabalhos do núcleo a minha mãe nunca me dizia nada! Porque ela sabia que aquilo era um espaço importante pra mim. 18 E ainda hoje falo muito do núcleo. 18</p> <p>eu lembro-me de, às vezes...quando vinha do núcleo, à hora de jantar, falava-se certas coisas e era tema de debate da mesa 18</p>				
Estudar "fora"	Porque sim, porque não					
	Reacções à ideia	<p>Eu, quando fui pa Leiria até, eu tinha muito medo de encontrar pessoas que eu não me... que eu não me conseguisse relacionar COM ELAS! Pessoas que não tivessem nada a ver comigo. Tive muito, muito medo. Era o meu problema. 8</p>				
Os projectos pessoais		<p>Candidatei-me na segunda fase, porque eu não passei o meu exame de Alemão. No segundo exame é que passei. Candidatei-me, na segunda fase, para Serviço Social, em Leiria; Educação Social e Animação cultural, na ESAD. Na minha ideia, eu entrava em Animação Cultural, porque a última</p>		<p>Eu quero... ainda tou... ou se eu não ficar a trabalhar vou pa universidade, ou começo a trabalhar e depois vou pa universidade. 22</p>		<p>É isso. Isso... é uma coisa que... eu não sei o que vou fazer. Depende. Eu tou muito dependente do meu estágio. Muito dependente. Tou com medo do estágio porque... nós acabamos e depois temos o estágio. O estágio é que acho qu'è fundamental. Eu não sei onde é que vou estagiar. Eu queria muito ir estagiar pa Lisboa.</p>

	<p> pessoa que tinha entrado tinha dez, eu tinha média de treze! E eu: “Eu vou entrar! Eu entro”. 9 </p> <p> Pensei mesmo: “Ah! Se não entrar nas outras... ir pa Leiria não devo d'ir, mas na ESAD eu entro, quase de certeza”. Não entrei. Lembrome que passei um dia todo a chorar. “E agora? O que é que eu vou fazer?” 9 </p> <p> “O que é que eu vou fazer agora? Vou trabalhar? Vou já trabalhar? Vou estudar? Não vou estudar? Então, já tenho o décimo segundo ano feito!” 9 </p> <p> Encontrei este curso por acaso, na Gazeta. Vi na Gazeta este curso: Serviço Social e Desenvolvimento Comunitário, que era uma coisa que eu queria. Fui pa net pesquisar, pesquisar, pesquisar. 9 </p> <p> vou fazer voluntariado com as prostitutas... tou a fazer muita coisa em que há muita relação com as pessoas 16-17 </p> <p> Não, não me vejo a vida toda a fazer a mesma coisa. Eu...pra mim... é: eu, agora tou nisto, VAMO lá ver o que vem aí e vou... quero muito, muito fazer este curso. Quero muito estagiar. Tou com </p>					<p> Muito. Porque é diferente, porque eu não conheço muito Lisboa, é lá que tá o núcleo das coisas (ri-se) e era lá que eu queria ir. Mas... é assim... o meu curso, não sei se há muita pessoa a vir pra lá, também, e, depois, é o que os meus professores também têm dito: o estágio é muita sorte. Depende. Ou a outra pessoa que nós vamos encontrar pa estagiar, porque há muitos estagiários que passam a tirar fotocópias e coisas, não é? E... depende... e... ando aqui... não sei. É que eu não sei. Eu posso ficar a trabalhar, também. Percebe, professora? Eu acho que, numa fase inicial, eu queria tirar o estágio... eu queria trabalhar... queria trabalhar. 21 </p>
--	---	--	--	--	--	--

	<p>uma enorme coisa d'ir estagiar, de fazer o meu trabalho, porque depois no fim temos que apresentar () tou animada com isto, porque eu tou a adorar o meu curso. Quero ir estagiar e quero... eu não sei pra onde é que vou, mas tou muito animada. No fim do estágio é que eu vou decidir. Se ficar a trabalhar, se conseguir ter a hipótese de ficar a trabalhar, eu fico a trabalhar e a universidade tá lá.</p> <p>22</p>					
A minha visão de mim e dos outros	<p>E há muito que não tenho uma recaída. Vou a consultas de rotina e dizem que... tá estável. Só que... com a gravidez... quando eu ... com a mudança... porque é assim: c'a... c'a minha adolescência podia melhorar também ou como podia recair outra vez. Portanto, na minha adolescência eu ia sempre muito seguida, muito seguida. Duas vezes a Lisboa, sempre a fazer análises, isso tudo. Agora não. Agora tou estável, tá tudo bem, eles dizem que só com a gravidez talvez possa, mas ... 5</p> <p>eu era uma meniNinha e depois muito louRInha, com caracoLinhas e com tudo e elas gostavam muito de mim. E eu passei ali muito tempo e as</p>			<p>Há certas coisas que não... certas coisas que se passaram lá qu' acho que não... Porque nós...sim. Eu só sou a pessoa que sou, porque tive naquela escola e porque encontrei aquelas pessoas, mas se calhar há certas coisas que nós podíamos...14</p>	<p>Na mesquita (...) As mulheres... só a diferença... se calhar, eu, era capaz de pôr em causa: "Fogo! Então, mas porquê que as mulheres vão lá pra cima e os homens tão cá em baixo?" (...) Mas não. Achei aquilo... respeitei, exactamente, exactamente. É claro! Lógico. Por amor de Deus, mas... É giro! É= foi... adorei lá tar. É completamente diferente. 18</p> <p>Por amor de Deus, mas... É giro! É= foi... adorei lá tar. É completamente diferente. 18</p>	<p>Eu tenho feito entrevistas a toxicodependentes... tou... vou fazer voluntariado com as prostitutas... tou a fazer muita coisa em que há muita relação com as pessoas e se nós não temos uma estrutura nossa, se nós não sabemos o que queremos e se nós não somos pessoas... estruturadas, não conseguimos... como é que nós conseguimos ter relação com as outras pessoas? E isso é muito importante. Acho que sim. É importante... o núcleo... ajudou-me a conhecer-me, a mim. A mim...às vezes... claro que há coisas que nós vamos descobrindo a pouco e pouco. Há coisas que... nós fazemos que nunca nos passava pela cabeça fazer...</p>

	<p>peessoas afeiçãoaram-se 6</p> <p>Tenho medo das pessoas que apanho. 8</p> <p>Há pessoas que não sabem o que é auto estima. 16</p> <p>Eu tenho pessoas, na minha turma com montes de problemas. Montes, montes de problemas... eu não percebo! 17</p> <p>eu não sou uma pessoa que projecta muita coisa. 21</p>					<p>talvez... mas são coisas que nós... vamos aprendendo com as coisas () 16-17</p> <p>Eu tava lá... eu e as minha colegas, nós... lógico... pusemo-nos um bocadinho à parte. Eles tavam a fazer o culto. Uma senhora entrou lá e cumprimentou-nos a TODAS. Cumprimentou toda a gente. Achei <u>tão giro</u>! E eu gosto de lidar com as coisas diferentes, porque... nós... eu aprendi muito ali. Só o pouco tempo que tive ali. Vi uma oração... e é <u>tão giro</u> ver... as outras PESSOAS, por isso eu adorei lá tar! A diferença. As mulheres... só a diferença... 18</p>
Os relacionamentos e a intimidade						
Lugar de pertença						

Entrevista nº 3			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e percurso familiar		<p>Eu nasci no Brasil (risos). Nasci no Rio de Janeiro. 2</p> <p>Vivi com os meus avós, depois vivi com os meus tios... e vivi com os meus avós... Vivi com a minha mãe um ano, assim... dos cinco aos seis anos. Depois, vivi novamente, eu só fui viver, voltar a viver com a minha mãe, mesmo, aos nove anos. 2</p> <p>Então, eu viajava com, com minha mãe. Então, cheguei a viver em cidades diferentes, em estados diferentes do Brasil. 2/3</p>					
	Relação familiar	Pai	<p>Era muito inexperiente o meu pai. Muito. 2</p>					<p>Eu nunca vivi com o meu pai. Eu nunca... eu não sei...o que é () dormir com ele, viver dentro da mesma casa. Nunca... pronto. Mas sempre, sempre mantive aquela situação... aquela, aquela, aquela relação... "Ail... Aquele é o meu pai! Mas não: é o meu pai! Não tem mais características de pai. É. É meu pai. Olha (encolhe os ombros)". 2</p> <p>Não era, não era uma relação nem muito doce mas também não era amarga. Não tinha raiva. Não tinha raiva de meu pai. 2</p>

		Mãe	<p>Minha mãe foi uma mãe... assim, ela me teve muito nova... muito nova... pra mim é muito nova... dezasseis anos. E, por ser muito nova era muito inexperiente. E por ser muito inexperiente não, não, não... não soube como cuidar... e não... não teve atenção, às vezes, a muita coisa. Depois, houve muita coisa que me fez muita falta. 2</p> <p>E quando eu tinha nove anos ela já tava no segundo casamento... E... tinha outra vida. Nesse tempo todo ela ficou divorciada do meu pai. 2</p> <p>E mesmo não tendo vivido muito tempo com ela... eu peguei, eu peguei um amor mais forte pela minha mãe quando ela ficou doente, porque eu vi que ela não podia morrer. Não podia perder minha mãe. 4</p>					<p>Faltava... pouco tempo pra nós voltarmos pró Rio de Janeiro. Nós estávamos em outro Estado. E quando faltava=tava tudo certo, tudo marcado, vendemos a casa e minha mãe... e eu quase perdendo minha mãe. 3-4</p> <p>Quando era pequena, eu achava... Por dentro de mim havia aquela coisa: porquê que eu não fui criada com o meu pai? Porquê que eu não tive a minha casa com meu pai, minha mãe? E aquela casa que os meus amigos tinham! Que era tudo perfeito! Eles nasceram no mesmo sítio e tavam no mesmo sítio! E eu não. 2</p>
	Pais						<p>E eu... eu cheguei um tempo em que eu tinha uma reacção assim... eu aproveitava os modelos dos meus pais e dizia: "Isso não vai acontecer comigo! Isso não vai acontecer comigo". Só que cada um tem o seu percurso, tem a sua história.</p>	

						Tamém não posso fazer disso um... assim algo pra, pra... não sei, não sei. Às vezes, a pessoa tem tendência "Ah! Não aconteceu eu com ele então também não vai acontecer comigo, porque eu não quero aquele mal". Só que... quem sabe se não vai acontecer comigo amanhã? A gente muda tanto. A cabeça muda tanto. Tanta coisa. (..) e pronto. 3-4	
	A mãe e o padrasto	<p>E o meu padrasto, como era engenheiro agrônomo, viajava muito. Fazia muito trabalho em vários estados. Então, eu viajava com, com minha mãe. Então, cheguei a viver em cidades diferentes, em estados diferentes do Brasil. 2</p> <p>Fui-me adaptando. Fui-me adaptando a ela... não sei quê. Ela e o meu padrasto discutiam muito. Muito. Era um casal que brigava de mais, de mais. 3</p>					<p>o que foi acontecendo com minha mãe e meu padrasto foi... eles foram virando... eles discutiam menos. Resolveram não discutir, mas viverem... dois estranhos na mesma casa. 4</p>

		O irmão	Eu tenho um irmão, mais novo do que eu... e pronto. Fomos levando, eu e o meu irmão fomos crescendo. 4						
Escola	O percurso escolar geral	Geral							
		Primária							
		Ciclo							
		Na Raul	“o liceu”						
			A turma: nós e os outros				Então, eu não queria falar na sala. Eu não me sentia... afirmada, confiante pra poder falar. É, é... quando eu dizia que era... eu só queria ouvir, era porque...também era... não era só assim na sala de aula. 8		
Para que serve a escola			a escola é pra aprender. Pra absorver. 16					Nem sempre a põe em prática. O que tá escrito nem sempre põe em prática muita coisa, mas pra absorver muita coisa. Porque, às vezes, pode haver...às vezes, quando... o conhecimento ele é transmitido, mas nem sempre...há aquela, aquela... ele é transmitido, mas às vezes nós não sabemos como aplicá-lo. Ou, às vezes, não sabemos como, como... como utilizar aquilo que nós aprendemos. A mexer naquilo tudo que nós... que nos foi passado. É... há muita coisa assim. Quando eu ouvi, se eu tivesse mais, não é mais atenta, porque eu tava atenta, posso ter estudado prós testes	

							<p>todos e respondi às questões todas, mas muita coisa ficou esquecida. Mas eu acho que isso também faz parte. É impossível absorver todas as coisas. () AAAH!!! LEMBREI-ME DE TUDO!!! 16</p>
Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral	<p>Eu tive que fazer da escola um lugar bom.15</p> <p>era o espaço, o espaço que eu convivia, o espaço em que eu fazia amigos, era... era mais do que disciplinas, aprendizagem e todas as outras coisas. 16</p>					
	Na Raul	<p>Eu ficava assim: "Será?... Será?". Tinha muito... tinha muito...a, ali, a escola, pra mim, os anos que passei na escola foi cada dia, pra mim, era uma luta. Cada dia que eu deitava eu dizia: "Eu venci um dia!". Um dia, um dia, um dia. E foram=as=atividades, foi tudo o que foi acontecendo. Foram as sessões de leitura, foi tudo aquilo. Uma pessoa está cheia de sede. Uma pessoa está cheia de fome. Qualquer coisa ela... ela come tudo, ela quer comer de tudo. E foi aquilo... é, é... eu disse à minha mãe: "Eu vi na escola o meu mundo". Quando as pessoas falam: "Ah! Eu não moro na</p>					

			<p>escola!". Eu comecei a ficar viciada na escola. Eu só queria escola. Queria passar o tempo todo na escola... porque era onde eu entrava em contacto com gente da minha idade. O maior edifício era ali dentro, não era fora. Era ali dentro. Então, eu comecei a ter gosto pela escola e queria fazer um milhão de coisas num pequeno espaço de tempo e também, porque... eu queria fazer tudo e mais alguma coisa porque... 9-10</p> <p>Tinha... tinha minha carteira, tinha minha mesa, tinha... aí foi um lugar é... eu acho que tá tudo... tá tudo ali. Tá tudo ali. 16</p>					
		As aulas	<p>Aulas que eu tive, quando tava no sexto ano, foram inesquecíveis. () décimo segundo, já não me lembro de nada, de nada. 17</p>					
		Os professores	<p>os professores que eu tive fizeram... tiveram um papel fundamental... pra eu ver as coisas. 17</p> <p>dependendo do professor aquilo mudava de curso, aquilo mudava de ambiente, aquilo mudava 17</p>					
			<p>a diferença do Brasil... eu estava numa boa escola, mas pra eu poder fazer tudo aquilo que</p>					

Adesão a actividades extra curriculares

		<p>queria sai muito caro. Então, eu queria fazer desporto, eu queria fazer teatro, eu queria fazer tudo. E eu quis abocanhar aquilo tudo 10</p> <p>Era desporto, era teatro, era núcleo, eu tinha de fazer as coisas da Igreja, tocava e tinha os ensaios 10</p>					
	A relação da escola com o mundo do trabalho						
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)	<p>a professora A. numa aula falou comigo: “Olha, Carolina! Ele tem um grupo assim=assim=assim, que tá aqui na escola, eles se reúnem na sala dez, aqui ao lado, eu estava na sala doze, olha é a professora... eu acho que vai gostar muito dela. É muito simpática, eles falam sobre várias coisas, eles não sei quê” 7</p>					
	Os motivos da adesão	<p>E eu lembro, e eu lembro... era um dia de chuva. Estava a chover e eu entrei e fiquei muito caladinha e falei: “vamo ver o que que sai daqui!” é co=como eu disse no dia da reunião: pra mim foi uma questão de necessidade. PRECISAVA! Precisava de tar ali. Precisava mesmo.7</p>					
	O que é/era o NFPC	<p>a primeira imagem que eu tenho da malta do núcleo é, quando eu saio da sala, deu o toque, eu</p>					

		<p>vi o Fábio vestido com uma caixa, uma coisa assim e os outros a empurrarem "VÁ! ANDA, NÃO SEI QUÊ." e eu: "Aquilo é o núcleo?" (Gargalhadas), mas eu cheguei na sala, o pessoal estava todo descontraído, toda a gente na boa e pronto. 7</p> <p>E... dizem que a gente só conhece uma pessoa de verdade quando ela é pisada.... Quando aquele... Ali! HAM! Vamos ver agora como... como é que a Carolina reage. Agora é que eu vou ver quem a Lina é. Agora é que eu vou ver quem o Manuel é. Vou pisar, ali... naquele calinho. Pisando... ali. Naqueles pontos... assim mais... sensíveis ... ou quase intocáveis. E... e era uma coisa que eu gostava no núcleo era conhecer as pessoas quando aqueles pontos eram tocados. 14</p>					
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral	<p>eu sentia um desejo muito grande, muito grande de tar ali! 7</p> <p>às vezes, eu queria, eu só queria sentar e conversar. 7</p> <p>Então, eu tava a sentir aquilo tudo. Era um turbilhão de coisas dentro de mim. Será que vai dar certo? Será que não vai? Devo continuar? Devo parar? Ai. O que é que eu acho desta</p>				<p>Porquê que não dá certo? Porquê que não sei quê? Só que não conseguia chegar até aos meus tios e... e falar tudo isso... porque também achava que era peso de mais em cima deles. 7</p> <p>Eles já me cuidam, já tão aqui a ser responsáveis sobre mim e eu chego em casa a resmungar sobre a vida? Dizer que não gostei, de</p>

			<p>escola? O que é que eu não acho? Pronto. Não comentava isso em casa. E... e era... e ao mesmo tempo que eu tinha necessidade de ir pró núcleo era... ai era uma hora... era...era... era onde eu falava. Era onde eu fazia, era o que eu fazia que não fazia dentro da sala... eu tava a fazer uma adaptação. 8</p> <p>Era giro até se tivesse aquelas conversas, de início, gravadas, porque eu sabia que estava mesmo à vontade. 9</p> <p>É engraçado que eu tenho esse papel guardado até hoje... da apresentação. Não deito fora (risos de emoção com lágrimas nos olhos). Eu tenho a data marcada e quando aquilo, quando daquele vez me falou que eu sai no Jornal, na Gazeta das Caldas ((o contentamento é enorme. Ri muito)) "UI, MINHA MÃE! Ai a minha vida". Eu fiquei! Eu na foto, ao lado da antropóloga! 9</p> <p>Mas, principalmente, tem que haver esforço, tem que haver força de vontade. Tem que haver força de vontade. E uma das coisas que me dava essa força era o núcleo 10</p>				<p>isso, na escola? Dizer que não achei, aquilo, interessante? Que eu quero me ir embora? Eles estão a fazer um sacrifício por mim e eu acho que... que falar é, conversar sobre isso era... era jogar assim (bate com uma mão na outra) um balde de água fria.8</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

			<p>Era...era... o estado de espírito com que eu saía dali mexia qualquer coisa e..."Não! Amanhã, amanhã, se calhar..." 10</p> <p>eu chegava a não falar com ninguém, mas ali dentro eu falava. 10</p> <p>Foi uma necessidade suprida na altura em que eu mais precisava. 12</p> <p>e quando eu tava no núcleo, também era uma das coisas que, que, que eu gostava, que eu sentia assim: era vida, era o que tava... dentro. Dentro de mim. Porque eu gostava quando essas coisas lá de dentro saíam. Lá de dentro. Vinham mesmo do fundo. Era mais do que um tema abordado. Era... era aquilo que saía... era... era eu mesma, ali em confronto com o que estava sendo dito, 18</p>				
	A confiança dentro do núcleo	<p>E eu lembro de falar assim: "Mãe!" e contei: "Olha, aqui tem um núcleo", eu estive a falar com minha mãe, " Olha, mãe! a professora me escolheu... Ah, minha filha! Estão confiando em você?", ela assim, brincando. Porque eu achava, eu não via essa abertura. Eu achava que essas coisas não eram possíveis. 9</p> <p>Eu ia tentar. Eu não,</p>	<p>Era, era muito bom quando nós falávamos a nossa opinião, mas eu gostava muito quando eu via a que as pessoas estavam mesmo tirando aquilo que tava lá dentro. Mudava completamente, porque era, era muito vivo, muito real, era muito verdadeiro. 14/15</p> <p>Porque, às vezes, era uma coisa que não acontecia em</p>				<p>Você precisa ver no outro que ele... ele pode não dizer verbalmente, mas um gesto, qualquer coisa e digo: "Ok! Quando for hora vais contar comigo. E eu vi isso ali. Mas não fui me abrindo logo de uma vez. 11</p> <p>E (...) quando eu olhava pra eles não era aquela coisa: "Ham! Já te vi a chorar, mas nao conto a ninguém". Não! Era. "Ok. Tá</p>

			<p>eu não, eu... lá no fundo, no fundo, eu não sabia, não sabia o que aquilo ia dar. 9</p> <p>Até que... é, é era engraçado... é, é engraçado pensar que num espaço, com pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida, eu me sentia à vontade pra falar. Era... podia ter alguém que chegasse ali e contasse depois lá fora? Poderia? Poderia! Mas... era uma troca, era, era...a gente também não consegue observar todos e controlar todos, mas foi um voto de confiança que eu fiz... sem pensar. 11</p> <p>eu lembro que a primeira vez que falei foi dos meus pais. Lembro perfeitamente. (...) e aquilo pra mim era... era como eu tivesse uma ferida e tava-lhe a meter o dedo na ferida. Imagina tocar. E eu lembro que eu falei e chorei. 11</p> <p>e fiquei com muito medo, mas decidi ir embora da escola e... "Olha! Me viram chorando". 11</p> <p>Ok. Ali fora era... como se fosse um outro mundo ali dentro. Era aconchegante. Quando eu falo outro mundo não era que as pessoas eram uma coisa lá fora e</p>	<p>casa, era uma coisa que não acontecia na sala de aula, era uma coisa que não acontecia, às vezes, nem com o melhor amigo. Nem com o melhor amigo. Às vezes, mesmo pra que nós confiamos muito é fácil libertar, nem mesmo pra nós, nem pra gente mesmo a gente quer falar. 15</p>			tudo bem. 11
--	--	--	--	--	--	--	--------------

			outra coisa cá dentro, mas eu tava muito... 11					
		Lidar com as diferenças dentro do grupo	Eu, às vezes... eu fazia, não é? pré-julgamentos de algumas pessoas, especialmente do pessoal que tava comigo na sala de aula () e ali não. Ali era (pausa) era, era tranquilo e eu precisava muito... muito.12					Toda a pessoa... merece ser ouvida. Toda... por mais que possa pra nós parecer desinteressante, que eu pareça que já sei muito aquilo, ela é (...) a vida dela m'interessa. A vida dela m'interessa. Não é uma atitude de ser cusca! Não é isso. Não é... querer...Não! A vida dela é... é preciosa. É... é rica. Por mais que tenha um percurso completamente diferente do meu. Porque esse era o momento que eu mais gostava ali dentro. Era quando eu ouvia uma coisa que vinha assim... lá, lá mesmo do livro daquela pessoa, da história dela. 15
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?		Nós não somos especiais. Não somos diferentes de ninguém. De ninguém. A diferença é que a atitude foi diferente. A vontade foi diferente, o esforço foi diferente e... e se todo o mundo tirasse um tempinho pra conversar, se tirasse um tempo pra... pra tentar... rever as coisas que acontecem. Que aconteceu connosco? Aí a gente pára de jogar muita coisa, a gente pára de colocar a culpa em muita					

			gente e vê que muita coisa não depende das outras pessoas, depende mesmo de nós. 14				
	A sua relação com o mundo do trabalho						
Escola/Núcleo: a comparação	<p>E quando a professora fez aquele convite pra apresentar a antropóloga, que eu uma palestra na escola, ali... pra mim... foi... foi... foi muito bom. Eu assim. "Eh! Ela pode contar comigo pra alguma coisa!". Ela confiou em mim. Não interessa. Uma frase () ela confiou em mim pra fazer alguma coisa. Ela me escolheu pra fazer alguma coisa. 8</p> <p>QUANDO EU PAREI PRA PENSAR QUE AS PESSOAS QUE TAVAM ALI DENTRO ERAM AS MESMAS QUE TAVAM ALI FORA e com elas eu conseguia tratar, então, quer dizer, que eu, lá fora, também posso tratar. Lá fora também pode haver isso. 13/14</p>					<p>Só que ali dentro era diferente. Eu não tinha que fazer esse exercício todo. Eu já tinha: "o que é que eles vão pensar? O que eu posso dizer? O que não posso dizer?" EU DIZIA! EU FALAVA! E houve uma vez... eu achei tão engraçado que eu saí dali e "Oh, meu Deus! Será que eles perceberam aquela palavra que eu disse? Será...", porque eu não fazia, eu não tinha... eu não tinha nenhum cuidado de transformar as palavras. Eu falava... se vocês entendessem... Será que eles entenderam? Ah! Eles devem entender. Eles aqui entendem tudo!" (risos). 8</p>	
Família/Núcleo: a relação	<p>As questões de paternidade era uma ferida que eu tinha... dentro de mim. Tinha mesmo. E teve que ser tratada e teve que ser confrontada, mas é... é... e.. e hoje em dia eu falo nisso e falo normalmente. Eu não conseguia falar nisso! 13</p>					<p>Eu chorava porque também... aquele... dizem que o falar cura e uma coisa aconteceu e teve reflexo... depois. Foi: eu não falava=não falava=não falava não gostava de falar sobre os meus pais, a infância que tive, porque não tinha vivido com eles, não</p>	

						<p>sei quê. Aquilo me magoava muito, portanto, ... boca fechada. E quando falei sobre isso, e depois... depois que falei comecei a pensar frequentemente sobre nisso e depois fiz uma coisa que eu pensei que não ia ter nunca essa conversa. Eu cheguei em casa, mas demorou um tempo... quando o meu pai me ligou pra falar comigo, o meu pai era mais assim... amigo, mais parente, do que meu pai e eu falei com o meu Pai e tive pena do meu pai. Falei: "Olha, perdão porque...", porque às vezes eu sentia vergonha da história. Sentia... sentia... não é...pronto, indiferença. Sentia indiferença porque é assim: o facto de eles terem errado também não justificava aquela...aquele, aquele, aquele sentimento todo. Eu acho que não valia a pena. E era uma das coisas que precisava de ser tratada em mim! Eu via, via isso. E falei com o meu pai... e pedi perdão a ele e dizia que o amava muito () "ah, pai! eu gosto muito de voccê! Pai, pai! Olha, eu te amo. Me perdoa por isso, isso e isso", meu pai... calado. A ouvir. Depois eu ouvi meu pai chorar. Foi! E me pediu perdão pelo que aconteceu. "Oh</p>
--	--	--	--	--	--	---

							pai! Deixa pra lá". 12
Estudar “fora”	Porque sim, porque não	<p>eu mesmo muito... muito, muito novinha, eu já tinha aquela, aquele, aquele pensamento de que queria estudar fora “Ai, não queria ficar aqui, não queria... porque tinha... não tinha também um relacionamento muito bom com a minha mãe.3</p> <p>E o tempo passava e, e um dia eu cheguei pra minha mãe e pró meu padrasto e falei assim: “Olha, eu quero estudar fora”. Eu tinha dezasseis anos, e a minha mãe: “Minha filha, lá vem você com a mania de grandeza, Carolina. Pra quê, minha filha? Você tem tudo”.5</p> <p>E, assim, vim viver com os meus tios, em Portugal, aqui. Eu já tinha sido criada por eles, lá. Por isso que tive aquela... assim, é, é, eu fiz... eu tinha parentes em outro lugar, só que preferi vir pra cá, porque eram pessoas que eu conhecia, era gente que eu já tinha fidelidade, ligação, amor, já tava em casa. Eu achava. Tava em casa. E vim. 5</p>					<p>Eu não aguentava aquilo. Não aguentava. Eu me achava incapaz. Eu=eu não conseguia! Não conseguia. Era, era... era horrível. ERA HORRIVEL... NÃO, não era o ambiente, não era... nós não discutíamos. Não era isso. Pior que isso. Numa discussão costuma haver vida (riso), mas quando já não se toca nas coi, no assunto, quando se finge que as coisas não acontecem! 5</p> <p>quando eu cheguei aqui, é... eu, de início, os meus tios ainda... nós nos revemos e foi muito bonito, mas depois começou a convivência. Depois começaram a ver os defeitos, as qualidades...mas TEMOS que conviver juntos. 5</p>
	Reacções à ideia	<p>foi a melhor escolha que eu fiz. Acho que eu nunca acertei tanto. Eu nunca acertei tanto. “Oh! Deus! Obrigada</p>	<p>E, e... e quando eu cheguei... eu adorei a cidade, eu adorei Portugal. Achei tudo lindo, mas... UAU! 5</p>				<p>Não, vam'embora. Eu sabia que tinha que haver esforço. Isso sempre soube. Era... eles eram muito diferen</p>

		<p>porque...". Foi ali, foi a fatia certa. Foi no tempo certo.5</p> <p>Então... é... entrar numa escola... falando... pronto! Pode ser a mesma língua, mas falando com=com, com outro sotaque. Sendo, tendo uma cultura completamente diferente, tendo jeito... "Meu Deus, essa rotina. Eu sou tão diferente deles. Agora! Como é que vai ser?" 6</p> <p>Aquilo correu... pior não podia (bate as mãos). E... eu chorei, eu chorei, eu chorei.6</p> <p>E houve uma professora que me disse... houve uma professora que me diz:"Tu estás perdida, querida!", julgou que eu tava perdida. Oh! Obrigada pela informação (muitos risos). Eu estou mesmo perdida, estou mesmo perdida...pensava assim. 6</p> <p>E quando eu pensei, nesse dia, ir embora eu falei assim: " Eu vou em casa. Eu vou fazer as malas. Acho que eu vou embora. 6</p> <p>mas eu tive ... que aprender a ser humilde, a ser mais humilde, a ser mais simples nas coisas. Tive que engolir muita coisa. 6</p> <p>E uma das coisas que me fazia ficar</p>	<p>Cheguei às Caldas de manhã. "Meu Deus! Isto é o máximo!" (a rir). Eu achei tudo tão fofo, tão querido, tão fofinho. 5</p>			<p>podiam ser muito diferentes de mim, podiam ter costumes diferentes, mas o esforço que eu fiz foi meu, que eu sei que fiz. Só que agora a uma escala maior. 6</p>
--	--	---	--	--	--	---

		<p>era porque a decisão foi minha e eu não aceitava que aquilo voltasse pr'atrás. Não me dei essa chance. Voltar não. Se=os=meus pais=tivesses =mandado=eu=tinha =voltado, mas fui eu que escolhi.6</p> <p>Então... então, eu resolvi que a solução... era do tempo. Vou tentar mais um período e vamos ver como é que vai ser 6</p>					
	As diferenças culturais	<p>Eu achei, achei, achei o...o máximo, porque... não era que eu tinha vergonha de, de... de ser brasileira, mas aí, pelas histórias que eu ouvi, por tudo aquilo que eu via, eu tive muito medo de pensarem mal de mim.9</p> <p>Não quero ferir cultura nenhuma, não quero... desrespeitar pensamento nenhum. Mas se eu pudesse chegar nos lugares que, às vezes, eu vejo e quero, eu tenho vontade de chegar sem... é um=é um transmitir pra somar... não pra... não pra destruir nada. Pode ser uma coisa muito nova, pode ser... uma ideia estúpida... não sei, mas é aquilo que eu, que eu penso. 19</p>			<p>Era onde eu fazia, era o que eu fazia... que não fazia dentro da sala... eu tava a fazer uma adaptação. Então, eu não queria falar na sala. Eu não me sentia... afirmada, confiante pra poder falar. É, é... quando eu dizia que era... eu só queria ouvir, era porque...também era... não era só assim na sala de aula. Queria ser assim em tudo, porque foi o meu tempo se sentar e aprender as coisas. Aprender como é que elas são, aprender como é que as coisas se organizam, como é que as pessoas brincam, como é que elas falam, como tudo. O que pra eles é... tá tudo bem, o que não tá, o que os ofende. Pronto. E eu tinha que refazer isso tudo e ia observando. 8</p>		

<p>Os projectos</p>	<p>É ... eu também não quero ser... terminar o décimo segundo ano e fazer um trabalho voluntário fazer... "Não! Eu quero mais, quero mais". Ah! E a gente, apesar de, às vezes, das opiniões contrárias... "Ai! Um antropólogo cristão! Um antropólogo com essas ideologias cristãs pode ser ameaçador e tal" (inspira) mas era, era, era... a vontade que eu tenho de, de passar, de transmitir... aquilo que eu vivi, aquilo que eu já senti, é maior... é maior do que... qualquer coisa. Eu acho que é aquilo que me move. É Aquilo que...a... e quando eu tava no núcleo, também era uma das coisas que, que eu gostava, que eu sentia assim: era vida, era o que tava... dentro. Dentro de mim. Porque eu gostava quando essas coisas lá de dentro saíam. Lá de dentro. Vinham mesmo do fundo. Era mais do que um tema abordado. Era... era aquilo que saía... era... era eu mesma, ali em confronto com o que estava sendo dito, mas... e... e quando eu comecei agora no primeiro semestre, eu comecei a... a...a estudar e a, a ... a estudar assim alguns trabalhos etnográficos e a ver umas coisas, eu achava engraçado,</p>					
---------------------	--	--	--	--	--	--

	<p>porque onde havia um antropólogo havia um missionário (bate as palmas e ri-se à gargalhada). 18</p> <p>Não, mas eu... era... eu sempre tive vontade de ir pra África. Assim desde, antes, antes de começar. Antes de ter ido aos exames, eu já tinha lido muita coisa, eu já tinha visto muita coisa, já havia muita coisa que me tinha despertado a atenção sobre África e eu acho que as coisas fora se juntando.19</p> <p>Era... era como se fosse... NÃO=NÃO=NÃO SEI EXPLICAR O PORQUÊ mas... é ... A sensação de, de quando comecei era...era não sei, era um gosto por alguma coisa que eu nunca, nunca, nunca, não conhecia! Era uma coisa nova. Era... mas eu vejo tantas coisas novas! Mas... era... o que me despertava era... era mais que interesse, era... era qualquer coisa. Era um bichinho que vivia (imita o bicho dentro dela e com a voz). Eu não sei. E foi-se juntando tudo e eu pensava... e quando... e, às vezes, quando penso, ainda quando eu penso sobre isso eu falo: "Ai, não sei! Será que... ai o que vão pensar disso? O que é que...". A gente pensa! Mas...</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>era aquilo... que eu quero e que vou fazer. Vou mesmo. Porque... por mais que pareça difícil, pareça...que pode ser contra a opinião de muita gente... por isso eu acho importante estar estudando aquilo que eu estou estudando.19</p>				
A minha visão de mim e dos outros	<p>Então, a maior parte das vezes, eu ficava mirando aquilo tudo, mas não..."mas não faço parte! Eu sou sobrinha!" 6</p> <p>e depois eu vi nos meus tios a necessidade de quebrar isso e "Não! Eu sou filha! Sou filha". E foi, e foi... foi muita coisa. Foi eu ter que, foi aprender a viver numa família diferente 6</p> <p>eu tenho muita dificuldade de falar das coisas que eu acho me estão acontecendo. Fujo=completamente =do=assunto. Não falo nada. Quando aquilo passou...acabou? Então, agora, posso falar nisso. 8</p> <p>Cada vez que alguma coisa pode ... "De certeza que não vai pensar?", eu me fecho, eu me recuo, eu dou o meu jeito pra...pra...me distanciar, pra dizer: "Pelo amor de Deus! Não pense de mim!" 9</p> <p>eu não soube lidar</p>	<p>às vezes, a gente fala: "Ah! Isso o tempo cura". Há coisas que parece que o tempo cura, mas o tempo faz esquecer, mas curar...pode passar dez anos, mas eu vou tar naquela situação se bater de frente com aquela pessoa que me vai... fazer o flash-back e vai voltar tudo. Por isso... que é... às vezes as coisas precisam mesmo... ali confrontadas (bate na mesa). É preciso um confronto. É preciso um confronto com aquela situação (bate na mesa). É preciso um confronto com aquela pessoa (bate na mesa) por MAIS que DOA 13</p> <p>Porque por mais, por exemplo, o caso dos meus pais, por mais que tenha sido, talvez, um erro deles no passado, eu me senti culpada por toda aquela relação que nós távamos vivendo naquela época. 14</p>	<p>Hoje em dia acho até que era saudável se eu sentasse e conversasse com eles: "Olha! Tá sendo difícil!" Não. Eu era impenetrável. 8</p> <p>nós somos agentes de mudança. Eu tenho convicções. Eu tenho coisas que eu acho. Eu não gosto de impingir nada a ninguém. Nem... a pessoa tem que mudar porque eu acho aquilo. Não! ... mas é muito bom quando nós somos um testemunho vivo daquilo que nós falamos e daquilo que nós acreditamos. É diferente. 14</p>		

	<p>com as coisas. Eu não soube administrar. Eu tinha muita coisa pra fazer e não dava conta de todas elas. Então, eu fui escolhendo. Um dia ia a um, um dia...não ia no outro. 10</p> <p>eu fui aprendendo a respeitar o tempo e a... "Calma! Vamo lá". Isso pra mim foi, foi... foi a melhor coisa. Saber que nada vem de mão beijada. Nada lhe é entregue assim: "Olha, toma lá". Eu desconfio. Não sei! Eu aprendi Não, mas isso me ensinou a saber, saber esperar o tempo certo das coisas.10</p> <p>pra mim, o perdão é a chave pra muita coisa. Mesmo, às vezes, quando eu acho que não tenho que pedir.13</p> <p>Porque... quando alguém, quando uma pessoa quer, ela muda. Ela muda a situação. Claro que não depende só dela, mas a dela, o estado dela, ela muda. Ela pode não mudar a situação inteira, mas a parte dela, ela sente. 14</p> <p>Agora, o tentar viver, o testemunhar é... pra mim muito mais forte... e duro. 14</p> <p>É... é... porque é bom sentar, é bom ouvir... é bom... é muito bom dizer pra alguém, é muito bom ouvir elogio, é... é</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>muuito melhor falar o elogio, elogiar alguém. É muito bom dizer uma boa palavra pra alguém. 16</p> <p>Porque a escola... como vivi... nunca, nunca, nunca tive um lugar muito fixo pra viver, então ali, aquele espaço, eu tinha... eu fuiiii, é, é... quase obrigada a transformar aquilo, ali, numa maravilha. 16</p>					
Os relacionamentos e a intimidade						
Lugar de pertença	<p>Não, porque desde pequena que nunca residi em lugares fixos. Eu vivi com vários membros da família e até mesmo quando vivi com a minha mãe eu nunca vivi em nenhum lugar fixo. Me sinto... acho que há coisas que se foram misturando. Há coisas que entraram em choque: hábitos, maneiras de falar que tinham a ver com o Brasil e eu não fazia, mas na faculdade eles voltaram. Eu sou uma brasileira em Portugal. Na Raul o que eu era não estava à mostra. Não era eu fingir alguém que não era, mas quando eu entrava no sistema as coisas corriam melhor. Eu me soltava numa sessão de leitura, no núcleo. Sou uma brasileira, mas não me sinto perdida. Se me tiver de tornar um pouco portuguesa, por</p>					

	necessidade, consigo, mas volto a ser brasileira. Acho que sou mais brasileira aqui que lá. 19					
--	---	--	--	--	--	--

Entrevista nº 4		Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e percurso familiar	<p>Nasci em Chapecó – Santa Catarina 2</p> <p>morei até aos três anos em Águas de Chapecó.2</p> <p>Aos três anos é que fui pra Chapecó até aos onze anos. 2</p> <p>Depois aos onze anos vim para Portugal.2</p> <p>Morei um ano...uns meses no Estoril, um ano em Carcavelos...depois, vim para as Caldas da Rainha até ao décimo segundo e depois faculdade, em Viseu. 2</p> <p>Mudei muitas vezes de escola, nessas cidades todas (riso) e agora... tou... na faculdade. Faculdade... de Medicina Dentária. 2</p> <p>Vim para Portugal. Foi muito difícil. Foi uma fase muito difícil. Vim para Portugal dois meses antes de começar as aulas. 4</p> <p>mas quando mudei para Carcavelos, pra começar a escola, aí começou a ser... a ser difícil porque começou a dar muita saudade do Brasil, dos amigos do Brasil, da minha melhor amiga... 4</p> <p>a vida no Brasil, profissionalmente,</p>	<p>Depois nós viemos, e quando nós viemos em uma semana foi decidido que íamos ficar. Nós viemos pra passear e depois decidido:"vamos ficar!" 4</p> <p>Construção da... da nossa pessoa, além da educação que é nos dada em casa, em casa entre aspas, não é? Pela família. 2</p>				<p>Os meus pais alugaram apartamento no Estoril, porque eles passavam o dia a trabalhar () com a minha empregada, espécie de babá, e a minha cadelinha, junto. E... meu irmão e eu passávamos o dia brincando ou íamos... morava perto do casino... íamos para os jardins, praia... brincávamos em casa. Tinha uma, uma amiga, filha da dentista brasileira que trouxe a minha mãe, tinha a minha idade, portanto, brincávamos também, 4</p>

			<p>prós meus pais... o mercado estava ficando saturado profissionalmente e o meu pai também estava muito envolvido em... o meu pai tinha um canal de televisão com mais dois amigos. Tava envolvido em rádio, TV, fazendo faculdade de Comunicação Social... já quase não trabalhava como dentista e JÁ quase não passava tempo nenhum em casa, também. 5</p> <p>Não foi por necessidade económica. Foi memo pra dar uma nova volta à vida. 5</p>					
	Relação familiar	Pais						<p>Eu sinto que, se eu quisesse, eu, eu falava... mas também há certas coisas que eu prefiro guardar pra mim. Há certas coisas que acho que não se deve falar com os pais (risos), pelo menos da minha parte. 10</p> <p>Também há assuntos mais delicados em que eu me sinto mais constrangida... mas que... se eu falasse, eles falaria, também, comigo, eles me responderiam e me (), mas como eu me sinto mais constrangida, também procuro falar com outras pessoas.10</p> <p>Os meus pais, se</p>

								calhar, vão ser as únicas pessoas que vão tar sempre, sempre, independentemente daquilo que eu faça, vão tar comigo. Podem não tar de acordo comigo, mas vão tar comigo. E... e eu também quero tar com eles. 15-16
		Pai	mas o meu pai e meu irmão foram os que tiveram mais força e que não deixaram minha mãe e eu voltar (riso), mas hoje também ninguém mais quer voltar. 4					
		Mãe	Minha mãe queria voltar. Minha mãe tava...minha mãe foi diferente, porque ela veio pra cá quarenta dias antes...sozinha... sem conhecer... o... país 4					
Escola	O percurso escolar geral		<p>eu no primeiro e segundo ano estive numa escola, terceiro e quarto noutra, quinto, noutra, sexto noutra, no sétimo noutra, até vir, no oitavo, pro liceu. 2</p> <p>Foi um tempo de muitas... transições. Muitas pessoas, como eu disse, passaram pela minha vida e me ensinaram alguma coisa e eu ensinei-lhes algumas coisas também. Eu aprendi muito. 2/3</p> <p>As recordações do Brasil não são... não são... muito grandes. Recordações que eu</p>					

			tenho... a... Tenho recordações não muito positivas até ao quinto ano 3					
			Fomos para um colégio particular, porque no Brasil a escola particular é melhor que a pública e as capacidades económicas, as exigências económicas, pra falar na escola, escolar, não são muito altas. É mais acessível que em Portugal um colégio particular. 5					
			Pré-primária					
			Primária					
			Ciclo					
	Na Raul	"o liceu"	quando falam em escola... pra mim a escola foi... foi o... liceu. Foi a época do liceu. Até porque antes de isso as memórias são...são... não são tão nítidas. 2	Depois mudamos para as Caldas e... e fui para no liceu, porque disseram que era muito melhor que a D. João e que a Técnica. 6				
		A turma: nós e os outros	As boas recordações só vêm do liceu... 2					
			Receberam-me muito bem na turma. Eu antes de ir pr'as Caldas, já tinha entrado no chat, na Internet. Já tinha conhecido... umas pessoas que estudavam no liceu, mas a amizade não, não, não foi aprofundada. Mas, na turma, receberam-me bem... enturmei-me logo, também... não foi, não foi, não foi difícil. Foi uma maravilha. 6					nós começamos todos a fazer as festinhas, os encontros e que eu sei sempre gostei muito, porque éramos um grupo... 6
			Senti-me bem tratada. 6					

			Os professores	<p>é difícil uma pessoa se impor, uma pessoa de catorze, quinze anos se impor contra um adulto gigante. Professor. 11</p>					<p>Os professores! A gente vê sempre os professores num... numa espécie, numa espécie de mundo à parte. Uma espécie, não é? Porque o professor é... não, não... são poucos os professores que têm uma relação além de professor aluno com os alunos. Além daquela relação de sala de aula. Também porque não há outro lugar de convívio. É só mesmo... pr'ali, porque é só... é aquela função de professor e ele não tem mais nada. E, às vezes, até os professores dizem: "Eu tou aqui pró que for preciso", mas é difícil uma pessoa, um aluno, ter a coragem... de ir lá e falar com, com o professor se estiver a precisar. 11</p> <p>E também é difícil... também... há aquelas coisas... se você quiser se encontrar num café com o professor pra conversar, já vão haver, também, aquelas conversas dos outros alunos por trás. Graxista e isso... e isso também tem um grande peso para um aluno.11</p> <p>É a parte da humanização que, que muitos professores não...não... não, não exercem. Vão pra lá, dão as aulas e... às vezes, não há a convivência além disso. A preparação</p>
--	--	--	----------------	---	--	--	--	--	--

									pra fora da escola é mais feita entre o gru, entre os alunos.14
	Para que serve a escola			<p>Escola... educação...educação. Socialização. Aprendizagem... aprendizagem, não só cultural, aprendizagem de conhecimentos, aprendizagem social. 2</p> <p>A responsabilidade da escola é preparar e ensinar conhecimentos, mas... tem que, cada vez mais, preparar pra fora da escola, pra a pessoa viver fora da escola, também. 14</p> <p>A escola acho que tem a responsabilidade de... de preparar uma...uma criança para sair da escola e não se sentir perdida. 14</p>	<p>Uma educação que nos é dada pela convivência, pela construção da nossa personalidade, junto com a educação vinda de todas as outras casas que se encontram... ali. 2</p> <p>A gente não aceita, não compreende, mas a gente TEM que fazer, não é? A gente fica REVOLTADO, mas a gente tem que fazer o que a escola manda (riso). 11</p> <p>mas por trás do fazer tudo, do aceitar tudo, a gente nunca aceita tudo. A gente tem sempre uma opinião diferente 11</p>				
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral	<p>Podia recomendar, outra vez, no sexto, mas passaram meio ano acima. Mas não gostei, porque senti muita diferença. Além da diferença cultural, senti muita diferença das, das pessoas, porque elas a, a, se achavam muito... importantes por terem mais condições económicas. 5</p>					Na escola você forma uma boa parte da sua pessoa, porque você não vai pra casa a... você não vai pra escola e só faz o que teus pais te ensinaram em casa. Como eu já disse, você aprende na escola a... regras, regras não! Aprende na escola a socializar 10/11	

		A exclusão social						<p>Então, e depois entrei no grupo e depois vim pra cá. Só que sei que eles faziam acampamentos... e era giro, era como, era como o núcleo! 3-4</p> <p>mas era um grupo muito giro! E...foi de lá também que eu tirei a ideia dos "brigadeiros", porque nós lá vendíamos os "brigadeiros" na escola pra conseguir dinheiro. Depois no núcleo também fui vender "brigadeiros" na escola (riso). 4</p> <p>Tu tens a escola feita no Brasil e depois tens a escola feita em Portugal.</p> <p>As recordações do Brasil não são... não são... muito grandes. Recordações que eu tenho... a... Tenho recordações não muito positivas até ao quinto ano porque... a...as recordações que eu tenho do Brasil são as recordações um pouco más porque foi aquela fase...as crianças eram más e que me maltrataram, é um modo de dizer, com as palavras, verbalmente pela exclusão social, não é? Porque, porque era gordinha. E isso também me marcou muito.</p> <p>O que é que eles te diziam?</p> <p>Quê que eles diziam? Eu não me lembro do quê que eles diziam. Não me lembro exactamente</p>
--	--	-------------------------	--	--	--	--	--	--

								<p>do quê que eles diziam. Coisas... a impressão que eu tenho é de ir pra casa chorando. É a recordação que eu tenho.</p> <p>E aí tinhas quê?</p> <p>Dez, onze anitos?</p> <p>Dez. menos de dez. Entre... menos de dez. Até aos dez.</p> <p>las para casa a chorar e, e falavas com alguém?</p> <p>Minha mãe. A minha mãe e o meu pai e dizia que não queria voltar para a escola. Não queria.</p> <p>E eles?</p> <p>Eu tinha que voltar, mas... por isso é que eu estava mudando de escola... pra uma, pra uma turma... completamente diferente. Porque na escola do sexto ano... sexto ano que eu adorei, adorei (), mas eu adorei, adorei. Foi uma escola... Colégio Marista de S. Francisco, aaaa, encontrei amigos que eu gostei muito, encontrei professores também bons. Encontrei motivação pra estudar. Gostava muito de lá. Havia teatro, tinha um grupo...uma escola religiosa... 3</p> <p>houve um episódio que, especialmente, me marcou que foi um colega que me disse: "volta pra tua terra! Volta pró teu país!" Isso... não sei se ele falou também na brincadeira, mas eu... eu levei aquilo sentido...aaaa...</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	---

								leve aquilo sentido e comecei também a ter um pouco de pé atrás com, com os meus colegas. 6
	Adesão a actividades extra curriculares							
	A relação da escola com o mundo do trabalho					Já? A escola? Não. A faculdade. Acho que é uma pergunta difícil, porque há pessoas que saem dali pa trabalhar. Há pessoas que saem dali pa trabalhar embora não, não sejam preparadas 14 Terminar e, e não procurar fazer outras coisas. Terminar o curso e não... e pronto, acabou aí. Tem que tar sempre a... a se desenvolver, a, a,a activar o cérebro, não é? (riso) Não, não tar parado pra nosso próprio bem. 17		
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)		O núcleo chegou por falta de DPS (riso), não é? Porque os meus amigos falavam que DPS (...) era muito bom, era muito bom, que era muito fixe, só que eu não tive. 6 Só no nono ano. Só comecei também a ir ao núcleo só no nono ano. No oitavo já houve núcleo? Não me lembro, mas eu lembro que não ia. Comecei a ir mais tarde. Lembro que eu comecei a ir mais tarde.6			Mas eu sei que eles só falavam bem de DPS. Eeee que gostavam muito e...principalmente... mais da professora. Sinceramente era mais da professora, também. 6		
	Os motivos da adesão							Claro que

								convidaram. Mas no início não estava muito entusiasmada pra ir. Mas eles iam e eu comecei a ir também.7
	O que é/era o NFPC			<p>Acho que todos, também, iam de mente aberta. Acho que isso também era, era um dos... grandes qualidades do núcleo. 8</p> <p>Nós... o respeito, nós falamos também, pela hora de cada um falar, mostra também que tem que haver respeito, tem outras coisas. Se aprende um pouco a socializar ali pra depois poder socializar fora dali. 9</p> <p>ali incitava-nos o pensamento. Era uma forma de trabalhar o pensamento, de trabalhar os valores, aprender os valores, dar valor aos valores. 9</p>			<p>Se entrava uns com uma opinião... a... podíamos mudar de opinião, porque havia conversa, havia troca de palavras, de, de pensamentos e havia formação de pensamentos, havia formação de... de carácter, também, porque não eram só, só, só, só debate sobre, sobre assuntos...a... de amizade, de amor. Era debates que faziam a gente decidir, não é decidir. Não sei se me vou conseguir explicar. Já tou me baralhando (riso). Eram assuntos que nos faziam, também, seguir por certos caminhos. Que faziam-nos escolher valores e escolher... e criar os nossos caracteres. Um pouco. Pelo menos, uma base. 8</p>	<p>Estávamos num grupo, que nos propunha assuntos mais sérios. Assuntos que me faziam pensar. Às vezes, rolava uma brincadeira. Claro! Mas eram assuntos mais sérios! Eram... eram assuntos que nós tínhamos... que...pronto, eu vou-me repetir, tínhamos que pensar, que... íamos formando as nossas opiniões. 8</p>
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral	<p>Aprendi. Aprendi...coisas, talvez eu não consiga explicar, mas eu sei que grande parte daquilo que eu sou foi construído em base... em base de certas coisas. Nem que sejam pequenas, a gente vai construindo um pouquinho, porque um pouquinho de cada pessoa que tá lá, também tá dentro</p>	<p>porque nós ... achamos que ninguém, ali, se sentia dono da razão, também.8</p> <p>Nós... o respeito, nós falamos também, pela hora de cada um falar, mostra também que tem que haver respeito, tem outras coisas. Se aprende um pouco a socializar ali pra depois poder</p>				<p>Apesar de ser criança, eu me sentia mais adulta. Estávamos num grupo, que nos propunha assuntos mais sérios. Assuntos que me faziam pensar. Às vezes, rolava uma brincadeira. Claro! Mas eram assuntos mais sérios! Eram... eram assuntos que nós tínhamos... que...pronto, eu vou-me repetir, tínhamos</p>

			<p>de mim! 9</p> <p>E eu puxei esse assunto no núcleo e não me apoiaram. Não me apoiaram, quer dizer, não admitiram. Não tinham nada que me apoiar, mas não admitiram também isso. Essa situação lembro.14</p>	socializar fora dali. 9				<p>que pensar, que... íamos formando as nossas opiniões. Que, se calhar, nesses assuntos não estavam formadas. Ia ouvindo uma coisa de uma e de outra pessoa. Tentávamos formar, também, uma opinião e... e havia pessoas em desacordo... nem todos concordavam. Nós tínhamos que meter prós e contras 8.</p> <p>Isto é útil em todos os momentos. Talvez eu teria aprendido, também, em outros lugares, isso! Mas... ali incitava-nos o pensamento. Era uma forma de trabalhar o pensamento, de trabalhar os valores, aprender os valores, dar valor aos valores.9</p> <p>Quase sempre. Quase sempre a gente ficava a pensar. As conversas, às vezes, não tinham fim. Não tinham fim, nem que fosse na minha cabeça, porque uma pessoa... acho que mesmo em qualquer situação você fica pensando o que é que aconteceu. Quase sempre (riso) ... pelo menos comigo... pra, pra tentar organizar as coisas na mente.9</p>
		A confiança dentro do núcleo	<p>Confiava. Pra tar ali... a pessoa que ia pra lá, já era previamente informada pra quê que ia. Ia pra um</p>					

			grupo de debates... um grupo de debates de cidadania que envolve... e isso tudo. lá pra conversar, pra... pra expor as suas ideias, pra ouvir. Não ia pra lá para ser julgada. lá pra lá pra debater. Debater já diz quase tudo. 9					
		Lidar com as diferenças dentro do grupo						
		O voluntariado	E entusiasmei-me o voluntariado. Apesar de não ter feito voluntariado. Foi só um dia, ou dois, no Centro de Acolhimento (riso). Era no hospital que me interessava, mas que, depois, não fui. Era preciso ter pelo menos... Dezoito anos. Pois.7					
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo?Porquê?							
	A sua relação com o mundo do trabalho		Por exemplo, com o debate de... certos assuntos, de assuntos que te podem preparar que te podem marcar, que te podem abrir os olhos, também. 14					
Escola/Núcleo: a comparação				O núcleo faz parte da escola. 10				Eu acho que o núcleo funciona muito bem na escola. Se calhar, funcionava noutros lugares sem ser na escola, só que, na escola há uma diversidade tão... boa de pessoas. Há uma diversidade tão grande de ideias e há uma necessidade também tão grande de incentivar essas

						ideias, de pôr essas ideias a trabalhar e de expor essas ideias pra virem as outras ideias das outras pessoas pra você não ser radicalista, também. Pra uma pessoa... porque na escola é que você vai ter uma grande formação da tua pessoa. É, é, eu acho que isso é certo. Na escola você forma uma boa parte da sua pessoa, porque você não vai pra casa a... você não vai pra escola e só faz o que teus pais te ensinaram em casa. Como eu já disse, você aprende na escola a... regras, regras não! Aprende na escola a socializar, mas eu estou-me a repetir. 10-11
	Família/Núcleo: a relação					Era. Era do agrado deles. Se fosse do desagrado, com certeza que eles tinham dito pra não ir. Mas eles... pelo que eu falava com eles, do... que nós conversávamos, que nós expúnhamos as nossas ideias, eles não eram nada contra isso. Bem ao contrário, bem ao contrário.10
Estudar “fora”	Porque sim, porque não	Eu tenho hipótese de ir pra um outro país, mas... de ir e voltar, de ir e voltar, porque eu quero sempre estar ao pé dos meus pais, quero estar sempre, sempre ao pé deles. 15 Ainda é aquela				

		<p>situação de conforto, de tar no colo deles, mas...também, porque nessa mudança toda que eu tive de escola (começou a ficar rouca), mudança de escola, enfrentar de chorar com a minha mãe tanta coisa que eles fizeram (estou um bocado rouca já!). É quase um namoro. Sinto-me tão grata, tão grata por eles terem sempre ao pé de mim (está emocionada) e por eles terem feito tudo, tudo... por nosso melhor! Pra, pra melhorarem a vida de todo o mundo... que... me sinto tão grata e tão feliz de contar com eles, que não tenho vontade de me separar deles nunca. 15</p> <p>Eu tenho uma sorte enorme, professora, de ter... de ter condições pra poder ir lá pra fora aprender mais. Eu tenho uma sorte enorme de poder fazer isso e de ter quem me apoie, tanto financeiramente, como emocionalmente. Que me dá força pra ir e que também acha que é o melhor pra mim, pra conhecer outras coisas, outros lugares. 17</p>					
	Reacções à ideia	Tenho vontade de conhecer o mundo. Ir por ali, por aí e conhecer países, e culturas, e museus,					

		e monumentos, e tudo, e de trabalhar. Tenho muita vontade de trabalhar. Mas tenho vontade também de morar ao pé deles. 15					
Os projectos			Sim, os nossos planos, os nossos sonhos vão sendo planeados... vão sendo sonhados quando a gente vai também conhecendo as coisas que estão pr'além de nós. As coisas que estão pr'além de nós não, não nos caem na frente... brutalmente. Vão, vão aparecendo devagarinho e vão aparecendo por outras pessoas. Na maioria das vezes vão-nos dando um pouquinho aqui, um pouquinho ali e a gente vai encaixando nas nossas ideias e vai construindo os nossos sonhos e os nossos planos.12			Porque a pessoa, também, não pode ficar presa. Presa... quer dizer... Uma pessoa tem sempre que buscar algo mais. Eu não quero terminar o curso e vir aqui trabalhar pro resto da vida sem crescer mais. Quero terminar o curso, trabalhar e depois ir pra algum outro lugar, aprender mais... trabalhar mais outra vez. E eu quero é trabalhar (riso). 17	
A minha visão de mim e dos outros		Eu não me... eu sentia aquela atracçãozinha. Não sabia, ainda, diferenciar. Não sabia quando estava mais perto dum menino... quando estava mais perto de um menino não sabia se estava gostando dele, ou não! (risos). Aquela coisa que a gente não sabe ainda. Mas era, era... nos meus olhos era tudo tão inocente ainda, comparado com, com, com as crianças, eu digo crianças (riso), que eu vejo hoje. Eu saio	em relação aos grupos da mesma idade, de HOJE, eu sinto que nós éramos muito inocentes, muito crianças. Porque as crianças, as crianças ou rapazes e raparigas do sétimo, oitavo ano d'hoje, já fazem tantas coisas que nós... que nunca nos passaram pela cabeça. Eu vejo-os todos bêbados na rua...fumando. Acham a maior piada ir fumar. E nós nunca! Nunca nos passou pela cabeça ir fumar. Nós			Muitas pessoas, como eu disse, passaram pela minha vida e me ensinaram alguma coisa e eu ensinei-lhes algumas coisas também. Eu aprendi muito. Foram pessoas muito diferentes. Pessoas diferentes... umas das outras, convivendo juntas, que... todas aprendemos umas com as outras. Todas... fomos... trazendo um pouquinho de cada um... pra dentro de nós, Em Viseu, durante a	

	<p>na rua e entro numa casa de banho de um barzinho... doze, treze catorze anos...7</p>	<p>pégavamos o cinema muitas vezes, muitas vezes, algumas vezes. Íamos ao cinema, íamos a praia. Tínhamos sempre juntos no Verão, mas... não... começamos a experimentar a bebida. A bebida ia também junto, mas é mais tarde! Não foi na idade desses agora. Nós, nessa época, era pura brincadeira. Era mesmo brincadeira. Brincávamos. Brincar. Não havia também namoros.7</p>				<p>semana, eles não saem, não é? Os pais não deixam. Durante o fim-de-semana, se calhar, até saem, mas eu não tou lá. Mas cá, ao fim-de-semana, quando vou ali, ao Daiquiri, ou a... aquela zona, vou à casa de banho e tá lá mais gente, mas fisionomia de criança, ainda! A dizer: "Tens que me passar um shot! E roubou um cigarro e não sei quê! Roubou um cigarro!" Isso, eu comento com, com, com os meus amigos. Eles também dizem que não eram assim! A diferença é tão pouca! Não sei se éramos nós que éramos atrasados (muitos risos), ou se mudou mesmo em tão pouco tempo. 7</p>
Os relacionamentos e a intimidade						
Lugar de pertença	<p>Já tenho... a minha personalidade foi feita no meio de portugueses. Eu tenho, acho que mais características portuguesas do que brasileiras.</p> <p>Tenho...acho que sim, acho que me sinto mais portuguesa. Cresci aqui, eu me desenvolvi aqui, que me lembre, quase aprendi aqui (risos). Por isso é que não quero ir embora, tão cedo, daqui.17</p>					

Entrevista nº 5			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e percurso familiar		Então... pequanino, pequanino foi... uma criança muito doente. 2 Até aos meus quatro aninhos era surdo dum ouvido 2					
	Relação familiar	Pais	a relação com os meus pais é ótima. 24 E, os meus pais sempre me proporcionaram...de sde pequeno...viagens, portanto, eu desde os meus onze anos que, que VIAJO com... quer dizer... uma vez por dois anos, mas... pronto. 11 Eu quero que os dois saibam da minha vida ao mesmo tempo. 27	A compreensão, o à vontade, aaaa todo os tipo de temas, todo o tipo de problemas, até mais íntimos, nós falamos lá em casa. E são sempre os quatro. 24				Orgulho-me deles, choro com eles , estamos à mesa e dizemos... abraçamo-nos os quatro... amamo-nos. Amamo-nos mesmo! Eu sinto mesmo que tenho uma família cristal 24
		Pai	Durante muitos anos, com o meu pai, não era tão boa. 24 o facto de eu ligar sempre à minha mãe: "Mãe, tive boa nota", "vem-me buscar!", "o que é que achas? Não sei quê", eu sentia que o meu pai: "oh, filho! Mas porquê que não ligas ao pai?" e eu não quero. Não quero mais isso. 27					Tinha uma pequena revolta, que não percebia porquê, com o meu pai. O meu pai está bastante diferente. Ele próprio está diferente, desde há... sei lá... três, quatro anos, mais, se calhar, até. Porque ele , como tinha a empresa, não acompanhou muito a infância, a minha infância. 24
		Mãe	A mãe é sempre mãe. 27					
	O percurso escolar geral							
Escola		Pré primário	sempre num infantil, sempre muito bem, porque a					

		a	minha mãe é que fazia as pecinhas para dar às crianças, pintava, gostava de pintar. 2					
		Primária	Pronto, um infantário normal. A primária também... 2					
		Ciclo						Depois... o, o quinto e sexto ano, na..., na... aqui no ciclo, na D. João II, foi muito mau. Os professores não percebiam... tinha só um colega que era o Pedro Leal, que me juntava mais a ele porque éramos os dois sozinhos e o meu DESEJO de sair daquela escola ah... era, era...era muito forte.2
		Na Raul	Fui parar à Raul Proença, a melhor mudança da minha vida. Acho que a partir daí, tudo o que eu sou hoje começou daí. O meu sétimo ano, com uma turma magnífica, com professores magníficos. A professora X e professora Y como... foram as minhas professoras de eleição. Desde...					Mas... pronto, o meu período de secundário foi esse. Aaaaa com um leque de amigos totalmente diferente e que eu sentia, que assim que eu fosse pra universidade, não iam continuar comigo. (...) Não aprendi com eles . 5

desde...ahmmmm, desde o envolvimento na escola, desde às revelações de que... que nem **eu** próprio conhecia. As minhas capacidades, aí,

			<p>oitavo e no nono, eu junto esses três anos num mesmo período porque... ahmmmm fui um bom, sei que fui um bom aluno, porque realmente o reconheço e trabalhei para isso. (Inspiração profunda) 2</p> <p>no início do segundo ano, e porque me aproximei dos meus colegas do nono ano, tenho tido momentos de choro mesmo, com saudade, com saudade do liceu. Haaaa, hammm, desde o edifício às funcionárias, aos professores, ao ambiente, à..., ao café, ao ABC, ao voluntariado 6</p> <p>Depois, no secundário... mudança de turma, mudança deeeeeee professores, mudança de amigos. 3</p> <p>Depois, e já entrando noutro período, o do secundário, toda a importância do Teatro, a libertação, era reconhecido na escola doutra maneira, mas também o era. 4</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--	--

		Os profes sores	com professores magníficos. 2					<p>Revoltava-me, muitas vezes, porque... tinha chatices com o professor A porque, às vezes, achava que ele era mal agradecido ahhhh, pela, pela f... pela, pela frequência e a dedicação que nós mostrávamos por aquilo, nós não éramos remunerados! 5</p>
		Faculdade	<p>Depois ahmm a transição. Depois a carta de condução, uma sensação de independência, de maturidade. Aaa a entrada na universidade, uma vitória, uma alegria plena. Ahmmm primeiro ano de universidade muito, muito vago. Muiiito ahhhh ahmmm... Sem grande ahhhh contente. Nunca duvidei do curso. Metia-me pena estar com pessoas que ahmmmm a, a, desiludi-me até. Desiludi-me com as pessoas. Pensava que ia encontrar pessoas mais interessantes.</p> <p>Estava todo contente, que ia partilhar dos mesmos interesses dos mesmos sonhos, mas não, não aconteceu. Muita gente está ali, porque não está noutro, portanto, por exclusões de parte. Mas... estou muito contente, porque ser Guia/Intérprete é um sonho mesmo. É... tenho a certeza</p>					

			daquilo que quero. 6					
	Para que serve a escola		<p>Como é que eu me conhecia em termos das minhas capacidades, da minha escrita? É importante escrever, é importante ler, é importante nos cultivarmos, nos aaaah, aculturarmos, não sei se usei a palavra correcta, nos tornarmos instruídos. 9</p> <p>E a escola é, pr'além de explorar as nossas capacidades aaaaah intelectuais, possibilita-nos também todo o relacionamento com os outros. 9</p> <p>se não fosse a escola a, a, talvez, como é que eu me orientava, como é que eu me orientava profissionalmente? 9</p> <p>Se calhar, quando se está a estudar uma matéria que é mais maçuda... "Mas este rei fez o quê? Mas porquê que eu estou a estudar isto? Mas porquê... a latitude e a altitude, mas será que isto interessa?" e aí questiona-se. 13</p>					
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral	<p>não entendo as pessoas que não possam gostar da escola, porque eu vejo a escola como uma formação... essencial. 8</p>	<p>acho que a seguir ao bom relacionamento com os pais, às nossas prioridades, a escola deve fazer parte das nossas prioridades... de vida, porque é no fun, há que ser instruído, há que ser... há que</p>				

				explorar as capacidades 8				
	Adesão a actividades extra curriculares	O teatro	Depois, e já entrando noutro período, o do secundário, toda a importância do Teatro, a libertação, era reconhecido na escola doutra maneira, mas também o era. Se, durante o terceiro ciclo, era reconhecido pelo meu trabalho do Núcleo e pelo voluntariado eeeeeee, aaaaah, pelos prémios que ganhei, no secundário é o Teatro, sem dúvida. O Teatro veioooooo, veioooooo a desenvolver todas as minhas capacidades corporais e... faciais que eu sabia que me iam ajudar para a minha profissão futura. O falar com o público é extremamente importante, o à vontade. Depois, a sorte de me poder					

			<p>naquele momento explicar. E o Teatro foi sem dúvida isso. Proporcionou-me muitos bons momentos, novos colegas, novos professores, saídas ahhhhh, ahhhhh... aplausos doutra maneira, mas aplausos e todo aquele... fascinou-me ooooo, aaaaa, aquele, aquele ambiente de Teatro e o stress e o ter de decorar... depois durante aquele... eu estou a fazer comparações porque é, é isso que eu estabeleço. Se, por um lado, a minha mãe me dizia: "F. um ou dois voluntariados. Não te metas em todos!" ou "cuidado com as horas. Tens de estudar, sei que tens d'ir ao Núcleo, sei que tens d'ir a reuniões". Depois, no secundário, ouvia ralhetes: "Não te podes meter em tantos Teatros. Olha lá". Baixei as notas no secundário. Dedicava-me bastante ao Teatro e aos ensaios.4-5</p>					
		O teatro e o mundo do trabalho	<p>Sabe, eu tive uma proposta no, no meu décimo segundo ano, de fazer parte do Teatro da Rainha. Convidaram-me pra fazer parte do elenco uma vez que me viram a actuar na peça 25 de Abril eeeee, a peça 25 de Abril foi muito importante para mim. Eu sentia</p>					<p>Foi, foi no fim do décimo segundo ano. Ia para a universidade e não ia ser capaz de trocar... como acho que o Teatro não tem..... somos mal pagos, é preciso ter muita sorte onde... É PRECISO TALENTO, CLARO! Mas é preciso também sorte onde se entra e eu não</p>

		<p>aquilo! A peça 25 de Abril estreamo-la no dia trinta de Abril, quando eu fiz... dezassete ou dezoito? Dezoito, talvez. Não sei se se recorda. Estava lá. Estava lá. Pois, com certeza.</p> <p>Essa peça foi muito marcante para mim e foi justamente a ver uma peça dessas que um actor, não me lembro agora o nome, alguém do Teatro da Rainha veio ter comigo e fez-me o convite. E eu pensei muito porque, quer dizer, estava a haver ali uma proposta de trabalho... porque era remunerado, claro! Mas acabei por dizer que não, porque dali a meses entrava na universidade.</p>					<p><u>queria</u> essa incerteza para mim. Deixei a proposta, mas o Teatro é um sonho meu. É um sonho meu a vir a realizar.¹¹</p>
	A relação da escola com o mundo do trabalho	<p>E o Teatro, portanto, no, no, no lidar, no comunicar, no projectar a voz. Muitas coisas encaixavam-se e eu sinto hoje, olho para trás, assim... realmente, nada é por acaso. As minhas escolhas, as minhas escolhas não foram ao acaso.</p> <p>7</p> <p>o universitário é muito mais específico: é eu saber que é aqui que eu aprendo a, que eu aprendo aquilo que vou exercer o resto da vida, porque é a preparação, é a minha preparação</p>					

		<p>pró meu ganha-pão, não é? 9</p> <p>Sem a escola não era instruído. Se não fosse instruído ia pra um emprego qualquer, ou nem sequer tinha emprego, e eu não quero tar a ser sustentado pelos meus pais. 9</p>					
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)		<p>Esse período foi marcado por isso e pelo, claro, pelooooo crescimento e pela luta daquilo que viria a ser o núcleo, não é? Desde reuniões com o professor Pimpão, a abaixo-assinados, ahhhh uma luta imensa e uma revolta por ter acabado o DPS e a revolta dos alunos, turma A e turma B, por desaparecer uma disciplina que nos dava tanto gozo e que, realmente... 3</p>			<p>eu tive a sorte e o privilégio de acompanhar e de saber que fiz p, de que LUTEI, e é tão bom ver, é tão bom vermos ahm, aaaa, contribuirmos para o nascimento de uma coisa que depois se torna tão forte! E eu saber que fiz parte, orgulhosamente fiz parte desse momento em que, como, realmente, já disse ainda há bocado, em que houve abaixo-assinados, em que... houve PAIS envolvidos, houve vários professores em quem falava com o professor Pimpão na escola. O Núcleo surge graças a um Núcleo de alunos, que estavam no oitavo ano, não é? Surgiu no nosso oitavo ano... e à professora e... no fundo o Núcleo surge... acho que é, foi a vontade de aaaa, de aaaa.....de falar, de falar durante...Acho que eram duas horas por semana, não era? À quarta-feira? ... Bem, também Já não me lembro. Às vezes</p>	

						estendíamo-nos aaaaa, deeee, desenvolver aí...deeee... sei lá! 13	
	Os motivos da adesão						
	O que é/era o NFPC	E o Núcleo é esse espaço, é aaaa esse ambiente, éééééé uma família, é, sei lá, não consigo definir em espaço, ou em número, ou em nome o Núcleo, porque o Núcleo podia decorrer no Parque, podia decorrer em casa sentados no chão, podia decorrer num café numa mesa. Ali, decorria numa sala por questões de organização. Mas o Núcleo... sei lá. Não havia nem tempo, nem espaço. Era uma coisa espontânea... uma conversa...não há faltas... No fundo, acabava por marcar. Não há obrigações, há espontaneidade, há... há... humm há volun, há um sentimento de volun, voluntário, não é? 14 mesmo que fosse	foi, no fundo, uma segunda escola, uma escola... mais para a vida, não é? Nós tínhamos a escola onde nós estudávamos, mas o núcleo foi a escola que, no fundo, nos preparou para a vida aqui fora! Puxava outros assuntos. 3 toda a gente sabe, ou dizia que a sensação de alívio... parece que no núcleo era ali uma lavagem, uma lavagem entre aspas. O desabafo, o poder ajudar os outros, a capacidade de ouvir, ahhhh. Tudo isso era tão saudável e todos vínhamos do núcleo a voar, chegávamos a casa contEntes. Era tão bom saber que podíamos ajudar os outros. 3-4 nem toda a gente tinha de ser amigo de toda a gente. Não... o objectivo não era sair dali com amizades perfeitas! O objectivo era conhecermo-nos, ou não, falarmos, discutirmos, pormos questões que nunca nos passariam pela cabeça pôr um dia, que nos faziam pensar, quando				eu acho que, no Núcleo, o que acontecia era que... as coisas iam surgindo. Espontaneamente, nós íamos... íamos consumindo... a pouco e pouco, sem nos interrogarmos, porque não havia...não havia... não havia necessidade de nos interrogarmos porquê que estávamos ali, porquê que dizíamos aquilo, não é? se calhar quando se está a estudar uma matéria que é mais maçuda... 13 O Núcleo foi uma coisa que... vai aparecendo, que nós vamos visitando e aaa praticando e aaa fazendo sem saber porquê. Mas Núcleo é aaaa, é aaaa, é...é uma segunda escola, é o espaço... onde...aaaa se aprende, onde eu APRENDI a ser tolerante comigo e com os outros. 13

			<p>íamos para casa descobríamos e explorávamos, questões que, realmente, aaa aaa nem em casa se punham, não é? 13</p> <p>deu-nos oportunidade de perceber coisas antecipadamente, mais cedo... 21</p>				
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral	<p>esse período foi muito importante e faz, sem dúvidas, hoje, aquilo que eu sou porque eu... os meus princípios surgiram daí. 3</p> <p>não é que eu sentisse que o núcleo tinha sido feito por mim, ahhh, mas eu sabia o papel ahhhh, o papel... no fundo um dos pilares do núcleo. 3</p> <p>Depois, o facto de ter gostado do Ruben levou, claramente, a afastar-me do núcleo e a dedicar-me ao Teatro para não o ver. 3</p> <p>o núcleo me obrigava a pensar sobre as coisas e eu não queria pensar</p>	<p>Uma coisa muito importante: o saber ouvir, o saber dar... saber escutar... não... aaaa. Às vezes, procuramos pessoas que nos oiçam, não é? Ou gostamos de estar sempre a falar e, depois, aaaa, aaaa, a simplicidade, a honestidade que há em ouvir, em simplesmente ouvir os outros aaaa, em saber que podemos contar com aquelas pessoas. 13</p> <p>E a professora deve ver isto, deve ver com um distanciamento diferente. Nós víamos entre nós... sem saber o que dizer, sem saber como estar. 14</p> <p>Às vezes, naquelas alturas que nós estamos mais confusos, é óptimo! É uma terapia. Deixa cá ver: o que é que agora dou mais importância? E é bom pra nós nos concentrarmos e alinharmos o nosso pensamento e a nossa concentração. 18</p>		<p>Eu ia para casa pensar... umas eram conversas... umas marcaram-me mais, outras menos. Agora não me recordo... aquelas que me diziam mais... nomeadamente... provavelmente ... as questões de racismo... porque tinha a ver com homo, por acréscimo, tinha um pouco a ver com homossexualidade e dessas eu gostava de observar a opinião das pessoas e dessas punham-me a pensar... às vezes. 17</p>	<p>eu lembro-me de uma vez estarmos a falar, um assunto que surgiu, assim, do nada e que foi tão engraçado! Que nunca nos perguntámos era... sonhos molhados, ou o que era, o quê que era... lembra-se? O quê que era erótico, o quê que era exótico, questões assim que, no fundo, é uma preparação para a nossa vida cá fora, para a nossa vida de relacionamento com os outros... 14</p> <p>O estar na sala tranquilo, confiante, sabendo que as pessoas que estavam ali estavam com o mesmo sentimento QUE EU! Que era estou ali para ouvir, para falar, para debater. Não estou ali para saber a vida particular daquele, para ir depois cá fora... 15</p> <p>É tão importante dizer às outras pessoas o quanto gostamos delas. Eu acho que aprendemos muito no Núcleo a, a, com isso. Uma vez nós</p>

			<p>Queria arranjar fugas. A fuga foi tornar-me mais vaidoso, foi juntar-me a pessoas que também não me faziam pensar, que não eram de todo inteligentes, que não puxavam. Isso ao contrário de todo aquele grupo, de todo aquele grupinho do núcleo, não é? 4</p> <p>Do meu sétimo ano, colegas do Ruben, o Ruben, todas essas pessoas que me faziam pensar. Eu tive que me afastar delas por cobardia e juntar-me a pessoas que não me faziam... que me faziam esquecer... eu ter de pensar sobre as coisas. Não sei se estou a ser muito redundante, mas acho que estou a ser claro. 4</p> <p>Às vezes, no Núcleo, discutiam-se coisas que eram tão mais certas, mais concretas do que, às vezes, em... outras disciplinas quaisquer. Aaahm e, realmente, parece que... nunca me questioneei sobre isto! Uhmmm Outras questões... sei lá... aaaa uhmmm racismo, homossexualidade, identidade ahmmm, desde a paixão, de... às vezes, até eram constrangedoras, temas constrangedores 14</p> <p>mas pôr a falar aaa</p>				<p>falámos no Núcleo... foi uma sessão de revelações de "Ah! Mas eu já gostei de ti uma vez!" e nunca se diz quando, às vezes, tem-se vergonha de dizer que se gosta da pessoa e eu acho que, eu adoro gostar das pessoas! Porque é bom, é saudável! E do Núcleo foi uma das coisas que eu aprendi. Quando se gosta da pessoa, nem que seja por nada é assim: "Gosto de ti! Acho-te um espectáculo! Adoro-te!". Pra já, porque, depois, vamos pa casa, sentimo-nos bem nós... porque nos sentimos bem! É bom gostar. É bom. É positivo! 18/19</p> <p>E depois já é tarde, quer dizer, nunca é tarde para se dizer que se gosta, mas aaaa, há momentos para tudo e quando nós temos o impulso que achamos, porquê que não havemos de dizer que não... gostamos, não é? Isso é uma das coisas que, que uso agora e que sei que vem do Núcleo, porque havia quase um ritual de tratamento. 19</p> <p>Quando havia algum assunto no Núcleo, algum... alguma pessoa... que tinha algum problema e estávamos ali para, para ajudá-la no fim do Núcleo havia ou abraços a essa pessoa, ou ... havia uma coisa... a...a</p>
--	--	--	---	--	--	--	---

			<p>jovens com treze, catorze, quinze, dezasseis anos sobre estes assuntos é extremamente enriquecedor. 14</p> <p>as conversas, os temas que, às vezes, surgiam no Núcleo eram, no fundo, um do, o empurrão, um empurrão para eu poder... propagar cá fora. Percebe? Era como se desse, se desse aaaaa a semente pra eu poder plantar cá fora. Como se fosse um bem! Eu sentia que estava a fazer bem! 17</p> <p>Muitas vezes, às vezes, quando participava no Núcleo é porque já tinha ideia sobre as coisas, quando não participava escutava várias opiniões, havia sempre ideias diferentes 18</p> <p>e, no fundo, a...a... e por isso é que eu digo que muitos dos princípios e umas actividades que eu achei muito importante e que eu, de vez em quando até faço, e até digo aos meus colegas pra fazer, estabelecer as prioridades na vida. (...) 18</p> <p>E, depois, porque a outra pessoa, é sempre bom prá outra pessoa ouvir isso. E isso foi uma das coisas que eu aprendi 19</p>				<p>professora pedia-nos sempre para... quer dizer... a ideia tá-me a vir, mas não estou a conseguir especificar (pausa) a (pausa) fazer a pessoa mudar aaaa. Por exemplo, aaaa a pessoa dizia: "Ah! Eu não gosto disto em mim!" e nós tínhamos de lhe dizer e tínhamos que a convencer que isso... não era...que... nós tínhamos de realçar outras qualidades da pessoa para fazer (). Isto é um tratamento. Isto mete um PSICÓLOGO a um canto (muitos risos). 19</p> <p>Com o Núcleo tive esse conhecimento antes, de uma maneira bonita, que foi: com colegas da minha idade, em que as dúvidas eram todas as mesmas, as curiosidades eram todas as mesmas, os sentimentos eram todos, eram os mesmos, não é? Estávamos na idade... de afirmação, e é giro surgir o Núcleo nessa altura, e que nos esclarece as coisas mais cedo e que nos dá uma preparação, até a nível sexual, que, que, que começa a surgir com dezasseis, dezassete, dezoito, dezanove anos. É no fundo essa preparação. Não quero com isto dizer que sem o Núcleo não era nada! Mas estou a querer dizer que com o Núcleo</p>
--	--	--	---	--	--	--	--

								aprendi as coisas de uma maneira diferente, em conjunto, com tolerância, com calma, conversando, com encontros. De maneira mais bonita e mais cedo. 21
		A confiança dentro do núcleo	eu sabia que dali não saía o que o Núcleo falava! Portanto, havia um respeito, havia honestidade. Tratava-se disso. 15 Portanto, havia cumplicidade, havia amizade, havia objectivos em comum, havia o orgulho de ter conseguido fundar uma coisa. Com treze, catorze anos não são todos que se podem orgulhar disso, não é? 16	as pessoas que o fundaram, entre aspas, entre aspas não, que o fundaram já se conheciam há um ano, não é? Houve ali um Núcleo principal e primordial e isso contribuiu bastante pra essa certeza. Hum, as pessoas que iam ao Núcleo eram as mesmas pessoas que estavam no DPS, as mesmas pessoas que, e era um grupo ainda grandinho, um grupo grande de amigos que... inseparáveis, e que nós, quer no Núcleo, quer no café, quer nos intervalos aaaa aa a, portanto, havia esse respeito. 15				e depois eu acho que as pessoas que foram chegando e que se foram... como é que se diz em português... juntando, foram percebendo que, de certa forma, NÃO HÁ condições, não há qualidades ou... não há aaaa aaaa aaaa press, como é que se diz? Requisitos para entrar no Núcleo, mas perceberam que... pra... para respeitarem e serem respeitados tinham que no fundo estar de acordo, ou aaaaaa partilhar dos mesmos sentimentos e objectivos dos que lá estavam. 15
		Lidar com as diferenças dentro do grupo :	surgiu oooo, o Teatro. A troca do núcleo pelo Teatro porque, eu, até me lembro que o Ruben estava primeiro no Teatro e eu estava no núcleo ahhhh e teve que haver uma troca para o meu bem-estar 3 O respeito que havia no Núcleo, não é? 15	desde os treze, catorze anos foi uma educação que nós ali tivemos! O saber respeitar as opções dos outros, o saber respeitar um segredo, uma privaci, um assunto particular=privado=d o outro. 15				

		<p>O preconceito</p> <p>É claro que ninguém ia dizer... "Ai, eu sou contra os homossexuais, sou contra os pretos, eu sou contra a, a, o, o, os Testemunhas do Geová... eu sou contra"... pronto! Nunca há isso, por isso eu acho que, se calhar, foi sempre...essas diferenças foram faladas, os temas foram falados, foram debatidos, mas claro que ahmmm, que há sempre preconceito! Há sempre preconceito. 20</p> <p>O grupo era aberto. Não era, de todo, preconceituoso. Agora, não era tão aberto ao ponto de, por exemplo, eu falar da minha orientação sexual. 20</p> <p>O grupo nunca me deixou à vontade ou, eu próprio, também nunca me senti cem por cento seguro daquilo que queria falar 20</p> <p>Por exemplo, se estivesse uma A., um D., um P., um Zé, as pessoas que me são mais chegadas eu=ai=estaria=mais =à vontade=para=falar=de=determinados =temas, não quer dizer que falasse da minha diferença... Diferença não! Da minha orientação sexual. Ai, mas, às vezes, com pessoas que não me eram tão chegadas nunca me passaria pela cabeça falar</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--

			disso e, por isso, eu acho que, nem eu ou, por exemplo, o Rui... pelos vistos. E, pelos vistos, deve haver mais, não é? Que não só em termos de orientação sexual, mas com outros problemas... ou doenças...ou... ou questões familiares aaa, pronto! Variadíssimas coisas... não! Talvez não. 20					
		O voluntariado					o voluntariado marcou muito todo aquele período do oitavo, não. Nono, talvez. Não sei se apanhou o oitavo, o voluntariado. 4	
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?		<p>Sim. Não sei como explicar. Não me sentia mais importante. Não é isso. Sentia-me diferente. 16</p> <p>Sentia-me diferente também porque, às vezes, me faziam sentir diferente. Eu chegava a casa, contava isto... "Ah! Que orgulho que nós temos no nosso filho! Ah, o F. está a participar no Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania, faz voluntariado, chega à escola... O Núcleo sai na Gazeta, vai ao..." como é que se chamava aquilo em</p>			Não fui ao Núcleo para marcar a diferença! Eu andava no Núcleo pra ser diferente dos outros, pra fazer parte de uma elite de meninos inteligentes, ou bem comportadinhos, para impressionar os professores. Não tinha nada a ver com isso. 16		<p>uma das pessoas que, que, que me disse isso e depois acabou por ir ao Núcleo e mudou de ideias (...) e ela acabou por falar de um dos grandes complexos dela, que ela nunca foi capaz, em relação ao corpo...(...) ela nunca foi capaz de assumir isso perante o grupinho de amigos que nós tínhamos... e ali mudou de ideias. 17</p>

		<p>participava em coisas diferentes, porque eu sabia que, se calhar, era capaz, e no meu décimo ano ouvia isso, dos meus colegas, "Ah! Mas que treta! Mas O qu'ê qu'ê isso? Vais pra lá ouvir os outros chorar, mas...isso tem alguma jeiteira, isso aaaa saís de lá aaa tiram-te energias!", eu ouvia isso "betinho!", bocas desse género. "Vem mas é jogar futebol=Vamos mas é ao cinema=Vamos mas é fumar um cigarro.=Vamos é ...sair." Sentia-me diferente, mas era onde me sentia melhor.¹⁶</p> <p>talvez um pouco de inveja, ou de ciúmes por eu ter este gosto voluntário de fazer uma coisa diferente!¹⁷</p> <p>Eu duvido que determinadas pessoas se sintam orgulhosas depois de ter fumado sei lá o quê, ou de ter pegado num carro às escondidas dos pais... e o orgulho, depois de fazer o voluntariado, depois de ter ouvido alguém a desabafar, é completamente diferente! ¹⁷</p> <p>E eu acho que isso choca às pessoas= chocava a determinadas pessoas. Algumas... porque, se calhar, também gostavam de ir, mas sabiam</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--

		que não iam ter pachorra para tar a ouvir, ou... ou, então, porque me invejavam por eu ter essa capacidade de me envolver com os professores e me dedicar às coisas... de uma outra maneira. 17					
	A sua relação com o mundo do trabalho	Era uma oportunidade linda de eu saber que era capaz de fazer. E eu sabia que era. E eu vejo que o voluntariado, saber que... ter que lidar com pessoas diferentes, trabalhar todo o lado humano e a sensibilidade... sei-o perfeitamente e... as conversas do núcleo, portanto, todo o lado humano consigo ver aplicado nas minhas práticas. 6					
Escola/Núcleo: a comparação		<p>a motivação e o interesse que, quer o Núcleo de Cidadania, quer o Teatro me proporcionava fez crescer, também, o meu interesse pela escola, no ir à escola, no ver as pessoas que eu gostava. 9</p> <p>provavelmente não daria a mesma importância à escola se não fossem esses dois Núcleos... O próprio reconhecimento que eu tinha na escola foi desenvolvido também nesses dois Núcleos e aaaa eu sei que contribuíram... aaaa, para a minha formação</p>	<p>Nós aprendemos na escola matéria. Nós Aprendemos a cultura, datas, números. Ali nós aprendemos sentimentos... aprendemos não! Exploramos, os sentimentos estão cá dentro, exploramos, falamos, descobrimos... descobrimos todo esse... pomos cá para fora todo esse lado que se esconde, não é? Que às vezes está escondido. 14</p>				<p>Sim, porque eu tive o semestre passado um psicólogo a dar Relações Interpessoais, era uma cadeira semestral, que era a pessoa mais racista e menos tolerante que eu alguma vez conheci. Eu pergunto: como é que este homem pode ser psicólogo? Quer dizer... Percebe? E, ali, era muito mais que uma sessão com um psicólogo! Porquê? Porque, depois, havia um sentimento voluntário, um abraço no fim, uma troca de energia... tenho a certeza que a pessoa que ali entrou menos bem, saía bem, porque</p>

		académica. 9 é engraçado... não estou a conseguir imaginar a escola... não me estou a imaginar, eu , no liceu, sem essas duas actividades, 9					nós fizemos por isso. E, e é isso. 19
	Família/Núcleo: a relação	às vezes, ia pra casa, era tema de conversa lá em casa também, porque... senti-me sempre bem. "Oh, pai e mãe! Mas já pensaram sobre isto? E qual é a vossa opinião?", porque dava, não é? dava um certo gozo também chegar ao pé dos outros eeeee e porquê? 18					
Estudar "fora"	Porque sim, porque não	Não. 22 em termos profissionais não me dá, não me...vale a pena ir estudar pra fora porque eu posso fazer pró ano um ERASMUS para Barcelona, para Londres ou para Paris e a única vantagem e a única vantagem que isso iria ter, por exemplo para Barcelona, é que eu iria aperfeiçoar o Espanhol, mas ia perder a matéria porque eu estou a estudar Portugal. 22 Se tiver que fazer para alargar o meu					

		Portanto, pra mim, nem sequer ponho essa possibilidade, porque não me trás vantagens no meu curso. 22					
	Reacções à ideia				Se tiver que fazer para alargar o meu currículo, experiência pessoal aaaa, aaa farei sem medos. E como isso será quando eu tiver... sei lá... trinta anos, acho que já sou maduro o suficiente e... e o medo de ficar longe da família já fica diferente. Foi uma pergunta que nunca me pus porque nunca se colocou, nunca se colocou no meu caminho. 22		
Os projectos		<p>ser Guia/Intérprete é um sonho mesmo. 5</p> <p>tenho a certeza daquilo que quero. Desde o meu nono ano que é isso que eu quero ser 5</p> <p>nos primeiros anos de profissão quero-me dedicar-me a ser Guia, porque eu sei que demora o, a ganhar nome no mercado e eu quero conquistar isso. Eu vou conquistar isso. 10</p> <p>Se um dia me aparecer uma proposta de Teatro sou capaz de me meter dela, nela. Se me aparecer um casting... 10</p> <p>mas o Teatro é um sonho meu. É um sonho meu a vir a realizar. 11</p>					

	<p>irei tirar o curso de Correia de Turismo (...). É tipo carácter geral, ao microfone, "Aqui têm não sei quê, têm não sei quê", mas não pode fazer visitas dentro de monumentos. É como um acompanhante. 23/24</p>					
A minha visão de mim e dos outros	<p>Sofri muito quando era criança. 2</p> <p>Era uma criança muito doente, muito frágil. 2</p> <p>O meu grupinho de amigos, ahhhh, o início de DPS, esta actividade do Jardim-de-Infância... que até hoje tenho fotografias no meu quarto disso. Aquela actividade de DPS que até apareceu no jornal. Tenho lá fotografias no meu quarto. Adoro recordar. Ganhei o prémio de melhor aluno, o do aluno mais simpático e eu, o Diogo e o Pedro ganhámos o Raulinho. Em cada ano ganhei um prémio e isso foi importante pra mim porque eu, pela primeira vez na vida sabia o que era auto-estima e sabia que estava a crescer de uma maneira... sempre me senti, às vezes, um pouco mais maduro do que os outros, modestia à parte, mas eu sentia-me... uma compreensão, uma observação, uma sensibilidade ahhhh</p>	<p>A grande aprendizagem foi mesmo no terceiro ciclo porque, realmente, o que conta é quando as pessoas nos despertam e desenvolvem o nosso interior que é isso que vai marcar, é isso que... os nossos princípios, as nossas ideias, aquilo em que nós, realmente, acreditamos são... tem a ver com o relacionamento que nós temos com as pessoas, com as escolhas que nós fazemos na nossa vida, NESSAS ALTURAS. Depois ahmm a transição. Depois a carta de condução, uma sensação de independência, de maturidade. Aaaaah a entrada na universidade, uma vitória, uma alegria plena. 5</p> <p>tenho muitos colegas que têm a mesma sensibilidade que eu, estou a ser absolutamente sincero, têm a mesma sensibilidade que eu, fizeram também</p>				<p>Adoro estudar com colegas e de explicar e de nós debatermos a matéria. 12</p> <p>tenho muitos colegas que têm a mesma sensibilidade que eu, estou a ser absolutamente sincero, têm a mesma sensibilidade que eu, fizeram também voluntariado, por outros meios, mas fizeram. Falam comigo, também sobre temas que nós debatíamos, no entanto sei que nem sabem que... nunca tiveram um Núcleo, ou um Núcleo do género, ou DPS, que muitos não chegaram sequer a ter, e, no entanto, são pessoas em que eu vejo qualidades tal como vejo nas pessoas que foram ao Núcleo, por isso...A aprendizagem, a experiência adquire-se com a vida também. 20/21</p> <p>o cerco, fecha-se o cerco e...e pronto! E questiono-me, agora que senti uma coisa mais forte. Será</p>

	<p>muitos colegas diziam que eu era graxista, mas eu gostava de ser simpático e sentia que conseguia captar a atenção das pessoas e o carinho. Tinha facilidade, também, em arranjar amizades ahhhh e pronto. 2</p> <p>um pouco de egoísmo da minha parte em determinadas situações. 3</p> <p>Recorriam, recorriam a mim. ahhh e eu, pela primeira vez, vi ali uma pessoa que ahh estava ahhh, não era a fazer-me FRENTE, eu tinha que partilhar oooooo esse pilar com outra pessoa. Isso foi, assim, já um toque, para mim, que me deixou de pé... de pé ATRÁS, porque acho que já tinha vindo a crescer de uma maneira que, e já com a influência do Teatro e dos meus novos amigos, aí, não estava a conseguir aceitar. 3</p> <p>Depois, mais para o fim, e também num momento de esquecer e de depressão, tive aquela... aquela fase que... me envergonho, mas que fez parte, e preocupou muita gente, eu sei (riso), em que eu emagreci muito, que me deixou ir abaixo... que desmaiava. Passei noites em</p>	<p>voluntariado, por outros meios, mas fizeram. Falam comigo, também sobre temas que nós debatíamos, no entanto sei que nem sabem que... nunca tiveram um Núcleo, ou um Núcleo do género, ou DPS, que muitos não chegaram sequer a ter, e, no entanto, são pessoas em que eu vejo qualidades tal como vejo nas pessoas que foram ao Núcleo, por isso...A aprendizagem, a experiência adquire-se com a vida também. 20/21 portanto, se não fosse o Núcleo eu, Fábio, conhecendo a minha personalidade, eu buscava as coisas, eu buscava encontrar as respostas, mas de uma outra forma. Talvez não tivesse feito voluntariado. Talvez não. Por mais que quisesse, mas era difícil ... talvez não, mas... Respostas a determinados temas ia encontrando com a experiência da vida, com outras pessoas, com os meus pais, mais tarde ou mais cedo.</p> <p>21</p>				<p>mesmo que depois vou ter vontade de morar com os meus pais quando for mais crescido? Porque, realmente, a vontade de estar com aquela pessoa... e... a independência é outra. Por isso, sou capaz de mudar de ideias, como acho que sim, que já estou a mudar, mas como fez a pergunta... é nos meus pais que... A CURTO PRAZO vejo-me a continuar a morar com eles, mesmo depois de terminar o curso. Mas tudo isto parece, ao mesmo tempo, contraditório, não é? É contraditório no sentido em que... se são tudo para mim, se nós falamos de tudo sem problemas, se os meus pais têm tido, têm-se dedicado, portanto... bastante () e eles tornam-se muito mais tolerantes e eu próprio também e o meu irmão está cada vez mais... isso dá muito mais vontade de contar, mas ao mesmo tempo não. Porque é o sentir que possa rachar, quebrar o cristal... que posso perder o que tenho. É verdade! O que é estranho, porque eu sinto... eu acho que quando se tem medo de haver alguma quebra é porque se duvida que não é tão sólida, assim, a relação... ou NÃO, OU AO</p>
--	--	--	--	--	--	---

	<p>hospitais, a soro, porque, realmente, não comia ahhhh. Isto tudo fez parte de... eu querer dar nas vistas de outra maneira. Eu tinha de me afirmar, tinha que ahhhhh, tinha que chamar, tinha que continuar a chamar à atenção, as pessoas tinham de reparar em mim ahhhh pelo... e a maneira mais fácil que foi, foi era, era, pela, pela, pelo meu corpo. 5</p> <p>"Estás tão magro. Vê lá se comes". Isso, pra mim, era, eram elogios. 5</p> <p>Reparavam em mim por eu ter emagrecido e... e isso fazia-me... fazia-me sentir bem até que, realmente, cheguei ao ponto de baixar notas, de não fazer testes, deeeee, deeeee, ahah de me sentir estúpido. 5</p> <p>Vejo, também, que sou reconhecido pelo meu trabalho. Sinto que tenho jeito pr'aquilo que vou fazer. 5</p> <p>eu tenho vindo a construir o meu futuro. 6</p> <p>eu sabia que o ter de lidar com o público, com turistas com nacionalidades diferentes, ter que ser uma pessoa sensível para saber se estão a gostar, se não estão a gostar... 6</p>				<p>CONTRÁRIO! Mas eu acho, eu, por acaso acho que sim. E no entanto, eles... no entanto a relação é extremamente sólida, mas sei lá. É o medo. 25</p> <p>o Fábio contou-me isso, que a ligação que ele tem com os pais não é tão próxima. Ele passa, às vezes, três meses sem ir ver a mãe. A mãe, desde que se separou do pai é uma mulher que sai muito, um bocado desligada dos filhos. O pai é camionista. Nunca está em casa. Portanto, ele não teve tanto medo, diz-me ele, de contar à mãe. 25</p> <p>eu até nem falo sobre isto com muita gente, porque sei perfeitamente que há pessoas que ligam, que confundem espiritualidade com espiritismo... e bruxarias e não é nada disso. Não tem nada a ver com, com, nem médios, nem nada disso. E pronto. E eu tava tão contente que a minha mãe perguntou como é que tinha corrido a leitura, eu fui com o objectivo de, de... queria, queria saber... eu ia com o objectivo de descobrir... Ah! Eu tinha um problema com o meu pai que era: ele cada vez que colocava, que bebia, ele nunca</p>
--	--	--	--	--	--

	<p>a minha colega estagiária fez uma figura horrível. Apareceu o grupo, ooooo, aquele casal cego e ela disse que não estava preparada para fazer uma, uma visita a cegos e que não ia fazer, em frente ao, ao casal. Foi um pandam, uma coisa... horrível. 6</p> <p>Tive aquelas duas peças, Núcleo e Teatro que se encaixam agora de uma maneira que eu... Obrigado por, por me terem aparecido na vida. Por eu ter feito por elas. 7</p> <p>Neste momento, o meu objectivo de vida, que é terminar o meu curso. Aaaa E, sem dúvida, o momento mais recente e mesmo até ao último...ao último... isto é giro, fazer este balanço da vida... vindo até ao momento mais recente... foi sem dúvida... finalmente, eu tratar e cuidar da minha identidade. 7</p> <p>assumo-me como bissexual ou homossexual, também não tenho bem a certeza, mas assumo, sem problemas, que gosto, que posso gostar de rapazes, e ter relacionamentos, e ser feliz assim. 7</p> <p>É o acontecimento assim mais recente e muito importante, sem dúvida, porque</p>					<p>apareceu bêbedo em casa, nem nada disso, mas cada vez que na mesa bebia, ou uma cerveja, ou uma bebida alcoólica, eu, mas isto recente, dois, três anos. Eu batia na mesa "à minha frente tu não bebes!", eu saía da mesa a chorar... que eu não queria que ele bebesse. E eu nunca, nunca o vi bêbedo. O meu pai nunca bebeu, mas bastava... eu revoltava-me e chateava-me com ele. Eu estava a enervar-me comigo, porque eu sabia que ele não tinha culpa nenhuma e eu é que (). E eu decidi perceber donde é que vinha esta revolta. A senhora fez-me uma regressão e eu percebi donde é que veio este problema com o meu pai e tá tratadíssimo! Já percebi donde é que vinha o problema e pronto! E depois a minha mãe perguntou-me como é que tinha corrido a leitura e eu na, na, na na minha alegria disse: " Oh mãe! Sabes?", mas assim completamente estúpido. Nunca imaginei que um dia fosse dizer isto daquela maneira: "Sabes, mãe? Há uns tempos atrás eu questioneei a minha orientação sexual!" e ela ficou assim a olhar... assim: "eu até acho que gostava do Ruben,</p>
--	---	--	--	--	--	---

	<p>isso traz-me felicidade, faz-me estar nas nuvens, faz-me ter mais força, apesar de saber as dificuldades que vou ter... nos próximos tempos, mas que... sei que faz parte e eu... 7/8</p> <p>podia ter negado o Fábio, não é? Podia ter recusado mais uma vez, tar a adiar...e não. 8</p> <p>sei o que é auto-estima, porque durante mui=alguns momentos não soube, mas sempre fui apurando bastante a minha auto-estima. 8</p> <p>Sei aquilo que valho e gosto de ir pelos caminhos, às vezes, mais difíceis que sejam. 8</p> <p>eu sei que sou uma pessoa que luto pelas coisas que realmente quero. 8</p> <p>Estava a querer dar o exemplo do estágio que eu sabia do difícil que ia ser para aluno do primeiro ano, me colocar no Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, porque são assim os monumentos que, realmente, vão fazer parte, obrigatoriamente, da minha vida futura. Tive uma boa nota do estágio, até melhor... havia colegas do terceiro ano que lá estavam, portanto, fiquei muito</p>				<p>mãe. Mas agora já não! Agora eu gosto da Joana e tenho a certeza que foi uma confusão!". Veja lá! Eu fui dizer isto (riso). Fui dizer isto assim. 27</p> <p>Saiu assim, porque estava contente. E eu acho que ela já suspeitava disto há muito tempo e foi uma maneira de fazer bem a mim e a ela. Pronto!</p> <p>E ela: "Oh filho! Oh filho! pronto. A mãe já tinha percebido alguma coisa. Mas pronto. Já tens a certeza, já tens a certeza! Mas olha, isso era um problema que nunca se punha, nunca se punha aqui em casa. Por favor quando tiveres essas dúvidas fala, fala com a mãe. Mas é assim: nunca contes isso ao teu pai.</p> <p>E eu: "Oh pá! Então, pelos vistos, não estou assim tão à vontade." E sei que a minha mãe disse isto sem pensar, com certeza. Sem pensar naquela pequena frase: "mas não contes nada disso ao teu pai." Então pera aí, então não estou assim tão à vontade. Então o à vontade que tu me disseste que eu podia estar não é assim tão abrangente. 27</p>
--	--	--	--	--	--

	<p>orgulhoso. 8</p> <p>E o facto de ter escolhido o pior caminho, o meu pai diz que o pior caminho é sempre ooooo que vai trazer mais frutos e, realmente, o facto de ter ido pró Mosteiro dos Jerónimos... apareceu uma proposta de trabalho, porque realmente o meu nome foi falado lá na escola pela nota que tive no Mosteiro e Indicaram-me pra fazer parte dessa empresa, na qual farei visitas particulares a turistas... que aí... virão. 8</p> <p>A minha profissão é sazonal. Eu tenho alturas de época muito alta e, sou como as formigas, tenho que ganhar no Verão para me sustentar no Inverno e isso assusta-me, mas é o que eu quero fazer. Não posso pensar na minha profissão...não posso pensar na minha profissão só como um ganha-pão! 10</p> <p>Mas não me assusta durante o Inverno ter que ir trabalhar para um restaurante, para... um, um café. Vários dos meus professores disseram que, ao início da profissão, até ganharem bom-nome iam, uma professora ia tirar</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>cervejas pa, pa um bar! Os guias que são bons oradores, bons comunicadores, persuasivos são chamados também, às vezes, para vender produtos em exposições e... tudo. Isso não me assusta, não me assusta, por isso é que eu... vejo-me a fazer várias coisas, porque eu acho que um Guia e a sua for..., eu tenho que saber um pouco de tudo, tenho de saber um pouco de política, de Gastronomia, de História, de Arte e isso eu vejo... vejo que posso... que é uma profissão flexível. 10</p> <p>eu sinto que a minha missão aqui, nesta vida, é comunicar, é ajudar, é.... ahmmm, é comunicar. ..11</p> <p>Eu sinto que tenho que ser um orador. O problema da gaguez não é por acaso que eu o tenho. Eu já percebi donde é que ele vem e, por isso, tenho que... é uma prova, eu tenho que... que ser um excelente comunicador, por questões KÁRMICAS até, que eu... pronto, que eu acredito. Tenho que as tratar e por isso eu sei que vim aqui para comunicar. 11</p> <p>e eu, podendo ensinar e conduzir e explicar, também me passou pela cabeça</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>ser professor porque gosto de falar e explicar. 11/12</p> <p>portanto, se não fosse o Núcleo eu, Fábio, conhecendo a minha personalidade, eu buscava as coisas, eu buscava encontrar as respostas, mas de uma outra forma. Talvez não tivesse feito voluntariado. Talvez não. Por mais que quisesse, mas era difícil ... talvez não, mas... Respostas a determinados temas ia encontrando com a experiência da vida, com outras pessoas, com os meus pais, mais tarde ou mais cedo.</p> <p>21</p> <p>Pronto! Eu fui fazer uma [leitura da aura] e na altura que estava a pensar... já fiz duas ou três. Duas. Na altura estava a deixar de gostar do Ruben e tava mesmo, ou por negação, ou... eu sei que houve um momento que eu me senti mais seguro, que eu me senti atraído pela Joana. Gostava dela e acho mesmo que teria gostado a sério. E fiquei tão contente a, a, por achar que "Ah! Agora estou a fazer as coisas bem!" e tinha vindo dessa leitura da aura e a senhora que me fez aaaa também disse que via que eu</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	estava apaixonado pela Joana. Pronto! 25-26					
Os relacionamentos e a intimidade	<p>o Teatro foi a terapia para eu tentar esquecer o Ruben. Tentar esquecer aquele peso de consciência de ter-me separado de pessoas por uma razão que não podia naquele momento explicar. 4</p> <p>Eu sinto que sou, eu cá dent, eu, a, a, Fábio a, amor, paixão, esses sentimentos mais fortes, estou a descobri-los muito recentemente. 7</p> <p>Sei que podia ter tido a oportunidade de explorá-los anteriormente, mas... fui negando-os e agora... conheci o Fábio eeeee, eeeee, eeeee, portanto, a minha identidade está a ser mais tratada. Está a ser bem tratada agora. 7</p> <p>... mas a partir do momento em que se tem uma paixão mais a sério, em que se começa a pensar em viver junto, em ter uma casa, em... pronto! Eu não falo em casamentos porque é uma coisa que ainda me faz... que até eu... não consigo... por exemplo, entre um casal de homossexuais adoptar um filho é uma coisa que nem sequer me passa</p>					

	<p>pela cabeça. Às vezes questiono-me: "Será que um dia vou ter vontade?" 24</p> <p>Eu antes de pensar na minha homossexualidade, ou bissexualidade, eu imaginava-me com uma mulher, pai, dois filhos, numa casa, no Natal, com a minha família toda junta, a trazer os meus filhos e a minha mulher e a família da minha mulher, e, agora, a situação... o cerco, fecha-se o cerco e...e pronto! E questiono-me, agora que senti uma coisa mais forte. 24/25</p>					
Lugar de pertença	<p>Não sou muito patriota. Agora falando em termos concretos de território... pra mim... consigo imaginar a viver em Portugal... em Espanha... em qualquer outro país, por isso... não, não tenho... vejo-me... eu acho que seria eu em qualquer lugar que fosse. 23</p> <p>também o facto de estar no curso onde estou me faz mais ter a certeza que não pertença a um lugar específico, porque realmente vou andar por aí e onde estiver estou a fazer aquilo que gosto. 24</p>					<p>Agora, o meu lugar, e eu sinto que é, é onde estiver as pessoas que eu mais amo neste mundo que é o meu pai, a minha mãe e o meu irmão, por isso, onde eles estiverem eu pertenço. 23</p>

Entrevista nº6			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e Percurso familiar		<p>Nasci em França, não é? Em Paris. 2</p> <p>Eu vim pa cá com oito anos, com os meus pais... Decidiram vir pa cá. O meu pai decidiu que sim. 2</p> <p>Eu queria muito vir pa cá. 2</p> <p>Eu vinha cá de férias porque eu tenho cá muita família 2</p> <p>a minha família tem muita confusão entre ela, mas eu dou-me bem com toda a gente. 3</p>					<p>o meu pai decidiu que vinha, não sei porquê. Acho que era porque os irmãos já tavam todos cá e porque achava que tinha que ser. Porque ele já cá tava há mais anos que nós, ou seja, ele veio antes de nós e ficou cá pa comprar casa e... e gostou muito daqui 2</p> <p>nós íamos ter um restaurante e eu tava muito entusiasmada pa vir pa cá trabalhar com o meu pai e pa vir pa cá estudar. Eu tirei um curso lá... pelo correio... lá. E eu queria muito, tava... como ainda era muito nova, tinha amigos, mas os amigos na altura... eu achava, pronto. 2</p>
	Relação familiar	Pais		com o núcleo familiar tá tudo muito bem, damo-nos todos muito bem. 3				
Escola	O percurso escolar geral		eu estudava pouco, mas tirava boas notas, por isso sempre gostei muito da escola. 4					
		Pré-primária						
		Primária	<p>Vim po quarto ano. Correu mais ou menos bem.2</p> <p>Os professores disseram todos qu'eu ia chumbar LOGO, não sei quê, por causa da língua, mas depois eu passei com muito BOAS NOTAS e</p>					

			depois já gostavam muito de mim, e pronto, aquelas coisas qu'agente sabe.2					
		Ciclo	Depois fui po quinto ano, na EBI.2					
		Na Raul	<p>Seguidamente no sétimo fui po liceu.2</p> <p>Fui po liceu até ao décimo segundo.2</p> <p>Tive no núcleo2</p> <p>conheci muita gente. Foi uma altura muito importante 2</p> <p>do sétimo ao nono foram muito importantes, porque conheci pessoas que, ainda agora são, meus amigos.4</p>	<p>Depois, do décimo ao décimo segundo... foi importante porque todos crescemos, claro. Foi importante... pa muita coisa. Pra mim, porque conheci tamém outras pessoas muito diferentes... de mim, mas que... ainda tenho muitos amigos, também, do décimo segundo, mas não tantos como os do sétimo ao nono. Os do sétimo ao nono são mais importantes.4-5</p> <p>Porque nós passávamos mais coisas juntos do que, provavelmente, com o décimo... ao décimo segundo () e porque nunca deixámos de nos falar. 5</p> <p>separámo-nos todos, mas nunca deixámos de falar.5</p> <p>continuamos a sair juntos, continuámos... no décimo, décimo segundo, continuámos a sair c'os antigos 5</p>				
		A turma: nós e os outros						

			Os profess ores					
	Para que serve a escola		<p>Eu acho que é importante como crescimento pessoal.5</p> <p>ensinar! 6</p> <p>Há sempre alguns que não querem saber da escola pa nada. (...) Se calhar, acham que a escola não vai servir de nada. 6</p>	<p>Pronto, é ensinar! ... pa nós nos interessarmos mais com as coisas. Pa nós termos mais vontade e ir procurar. Quando nós temos que fazer trabalhos da escola nós temos que procurar. Nós temos que nos informar, temos que ... p'aprendermos, pra já, pra crescermos, porque nós temos que nos autonomizar mais. Porque aí somos nós que temos que fazer as coisinhas. Ninguém faz por nós. 6</p>				<p>Eu não. Não. Então, se [a escola] acabasse, ninguém era nada. Quer dizer, entre aspas, nós não nos instruíamos, porque de certeza que não ia procurar sozinha. Não. SÓ O AQUILLO QUE ME INTERESSAVA MESMO. A cultura geral não se aprende assim, quer dizer... na escola. Aprende-se com a televisão e com os livros, só que, por exemplo, eu gosto muito de ler, mas quem não gosta de ler não vai procurar em livros. 6</p>
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral	<p>Que remédio! Principalmente, era quando não gostava ou das disciplinas, ou dos professores, mas isso... eu não tinha outro remédio senão... senão ir, tar nas aulas e... fingir que gostava muito daquilo, mas nunca tive assim grandes chatices. 5</p>	<p>porque, nós crescemos com as outras pessoas que lá tivemos e com as experiências que tivemos lá, com as pessoas que lá tão dentro e... e porque aprendemos muito a nível cultural com a escola. 5</p> <p>Nós criamos relações em todas as coisas que nós tivermos. Se andarmos no desporto... etc., etc. na escola nós temos... se calhar é um primeiro passo. É quando... se nós tivermos numa turma, e não nos dermos bem com ninguém, não nos sentimos bem.7</p>				<p>Pra já, pra já, não tinha conhecido metade das pessoas que tinha conhecido e não me dava tão bem com elas ... como me dou. Depois... porque não tinha crescido, eu tou a falar do núcleo, claro! Não sei se é pa falar agora, mas tou a falar, que ajudou muito. Porque o núcleo também ajudou muito e que fez-me crescer muito e, depois, porque não ... não sabia metade das coisas que sei... da escola. Não tinha conhecido os professores que conheci, não tinha.... Eu acho que nós aprendemos, não só com disciplinas, mas aprendemos com aquilo que tá à volta. 6</p>

								Temos que ter amigos ali. Temos que aprender a criar, a ir ter com eles, a ... relacionar. Não acontece só na escola. 7
	Adesão a actividades extra curriculares	No de Francês. 11 Tinha volei.11						
	A relação da escola com o mundo do trabalho	<p>Eu acho qu'isso... as pessoas têm que pensar no que é que querem fazer. Têm que pensar no que gostam de fazer, nas disciplinas que gostam... as pessoas têm sempre qualquer coisa que gostam de fazer. Se eu gostar mais de... sei lá... de lidar com... com coisas... tipo sangue, se calhar, vou mais po primeiro agrupamento, se eu não tiver dificuldade ou gostar, assim, mais dessas coisas. Se gostar mais d'Artes vou po segundo, se gostar de economia, matemática e geometria vou po terceiro e os outros vão po quarto ((riso)). 2o</p> <p>Pois, mas agora aquilo mudou! Agora há lá cursos que se tem mais... Eu sei, eu sei duma pessoa que tá no liceu, que tá a tirar o mesmo curso que eu, mas ... no... até ao décimo segundo. Não é o mesmo curso, mas tem a mesma vertente. Essas pessoas, se calhar, vão mais</p>			<p>Hum! Mas as pessoas quando acabam o décimo segundo não vão traba=não vão ter um emprego... se calhar, vão ... a maioria das pessoas que acaba o décimo segundo vão trabalhar pa um supermercado, que não têm... digo eu, não sei.21</p> <p>Mas as pessoas quando acabam o décimo segundo pressupõe-se que vão tirar um curso ou que vão pa universidade.21</p> <p>Porque é o seguimento lógico. Sei lá! porque é as pessoas.... as pessoas vão preparadas, mas não têm uma área específica pa trabalhar. Eles não podem...elas têm... têm conhecimentos, mas não têm conhecimentos sobre aquela ÁREA. Não têm conhecimentos sobre determinada área pa trabalhar. Não tão prontos pa ter um emprego. 21</p>	<p>Mas assim tinham que fazer uma data de cursos ... uma data d'áreas, porque... é muito específico. Eu acho que não pode ... dever, se calhar, até devia, mas não dá. 21</p>	<p>mas eu acho que toda a gente deve seguir, porque no décimo segundo tu não arranjas o mesmo emprego do que se tivesses na universidade. Porque p'além de não teres os conhecimentos específicos ... da área que queres seguir, sabes tudo muito geral. Tu podes trabalhar pa uma coisa... tu podes trabalhar em lojas, tu podes trabalhar num café, agora... não podes ser assistente social com o décimo segundo, não podes trabalhar num ... não podes ser empresário, quer dizer, não podes trabalhar num... numa empresa como gestor sem ... sem o décimo segundo. Não tens, não tens os conhecimentos específicos daquilo. Tu podes é tirar um curso ... qu'é importante. Que existem agora e que eu acho que são importantes. Há cursos que têm equivalência ao décimo segundo e que têm uma área específica.22</p>	

		preparadas do que as pessoas qu'antigamente saíam do décimo segundo, de Humanidades. Mas aí também já vão porque já têm consciência do que querem fazer. 21					
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)	Porque a professora explicou... foi numa aula que a professora disse que havia o núcleo e explicou o qu'é que era 7					
	Os motivos da adesão	eu fiquei interessada e fui. Depois gostei, nunca mais parei.7					
	O que é/era o NFPC		É uma pessoa... que tá ali porque quer e porque sabe... sabe, mais ou menos, o que vai acontecer ali. Quando a professora explicava que aquilo era um núcleo onde as pessoas falavam... Pronto, nós falávamos todos.... As pessoas quando iam pr'ali ou era porque precisavam ... ou era, porque... sentiam necessidade de tar, assim, com as pessoas e falar de tudo e ... porque ali nós távamos muito mais à vontade. Era, assim, um bocado diferente. 8 Nós falávamos muito mais abertamente das coisas do que, se calhar, falávamos na rua. 8 ali dentro nós começávamos a falar das coisas muito naturalmente e as pessoas				se eu tiver um problema tenho ... naquela altura, agora já aprendi, se calhar, pensava duas vezes nas coisas que nós tínhamos dito ali. Ou... a RELACIONAR-ME com as outras pessoas: tudo aquilo que se dizia ali ficava cá dentro e nós aprendíamos coisas que agora... agora já tão ... adquiridos, mas que na altura não tavam. Na altura eram coisas novas e que nós podíamos agarrar ou não, mas nós, geralmente, coisas que nos interessavam agarrávamos mais. Tudo o que era ali falado eram coisas que nós gostávamos que fosse falado. Nós távamos ali, porque achávamos que aquilo nos ia ser útil. 9

			<p>ajudavam-nos. Na hora nós falávamos de coisas que nos tocavam sem as pessoas saberem. Elas tavam a dizer coisas que nos tavam a ajudar. 8</p> <p>se alguém ... se nós tivéssemos lá todos a falar e sabíamos que alguém tinha um problema, se calhar, nós, íamos aprender a lidar muito melhor com aquele problema se nos acontecesse a nós... e a não dizer só que: "ah! Temos um problema e pronto. Deixa andar", mas aprendíamos a resolvê-los. A, a tentarmos que o problema não fosse tão grande.9</p> <p>Nós falávamos todos. E toda a gente tinha a sua opinião e se o problema era centrado numa pessoa, mesmo que não fosse dito: "ah! Aquela pessoa tem um problema", todos nós íamos debater aquele assunto. Cada pessoa, entendia ou não que aquilo tava certo ou errado. Claro, certo ou errado entre aspas, e as pessoas iam dizendo, as pessoas iam pensando que aquilo era pra elas, ou seja, távamos a falar dum tema em geral e toda a gente dizia uma coisa, não é? E não se dizia concretamente que aquilo era um problema de uma</p>				
--	--	--	---	--	--	--	--

			<p>certa pessoa. A pessoa... vai... achar que aquilo tem a ver com ela, se tivéssemos a falar de uma coisa que... tinha a ver comigo eu ia pensar naquilo muito mais: "ah! O que ela tá a dizer faz sentido. Eu, se calhar, vou seguir esse conselho". Era conselhos entre aspas. Entre aspas não era. Conselhos das pessoas sem elas saber, porque... toda a gente falava dos problemas que tinha, mas não era tanto agora fala tu ou agora fala tu. Era mais o assunto em geral e depois as pessoas tomavam mais a iniciativa de... "aquilo tem a ver comigo e eu vou seguir aquilo". 9</p> <p>Não. Porque nos sentimos suficientemente à vontade para o fazer, porque aquilo ... aquilo não era muito... eu chegava lá e dizia: "bem, hoje vou", ou a professora dizia: "hoje vamos falar sobre a... a Laetícia tem um PROBLEMA E VAI FALAR!" não era assim (risos). A pessoa dizia um tema, nós começávamos todos a falar e, depois, eu identificava-me com o tema e, depois, tinha necessidade, eu sentia a necessidade de tar a contar aquilo ali, porque sabia que aquilo me fazia bem a mim e porque</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--

			sabia que os outros me iam ajudar a... resolver. 11				
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral	<p>aquilo foi muito bom pra minha auto estima. Eu acho que... acima de tudo eu cresci muito e aprendi 8</p> <p>eu... tenho consciência que aprendi ali muita coisa que... eu podia ter aprendido mais tarde. Se calhar, não tinha aprendido naquela altura e tinha aprendido mais tarde. 10</p> <p>Por exemplo, eu fiz montes de voluntariado c'o núcleo e isso agora ... é muito bom p'aquilo qu'eu tou a fazer. Se calhar ali... foi ali que eu consegui ver: " se calhar... se calhar é isso que eu quero seguir", porque eu comecei a fazer voluntariado com o núcleo. Eu comecei a pensar: "ai eu gosto de fazer isto. Se calhar quero fazer alguma coisa a ver com isso". Se calhar, inconscientemente, foi ali qu'eu aprendi...ou percebi, o que é que eu queria ser mais tarde.10</p> <p>Pra já, faz-me sentir muito bem quando eu tou triste, porque são coisas que... valem ... por serem assim... uma coisa... quando eu leio eu</p>				<p>Eu acho que nós aprendemos a ver as coisas de maneira diferente. Eu fui lá desde relativamente pequena. No sétimo... ainda temos muita coisa qu'aprender. Eu acho que, aos poucos, nós vamos... nós aprendemos muito... a=a crescer ...a crescer mais saudavelmente... com as coisas... com os problemas dos outros, com os nossos, a entender melhor, a ver os dois lados das coisas e a não dizer só "qu'é isso?". Sei lá! Muita coisa! Nós aprendemos ... muita coisa, pronto. 8-9</p> <p>Em várias sessões que nós fizemos coisas... que me tocavam mais, tocavam entre aspas, coisas... houve muita coisa (riso) qu'eu lembro-me ter a ver comigo, do género, da auto estima, na altura era o que tinha assim mais... eu lembro-me que nós... que nós, houve um... uma aula? Não é aula, uma sessão que nós fizemos todos e lembro-me que todos tínhamos de dizer uma coisa dos outros e os outros a nós, pronto. Nós tínhamos de definir os outros e eu lembro-me (riso) que</p>

			<p>sinto que ... a carta tá tão bonita, que eu não sei (riso), eu não consigo explicar. Aquilo, quando eu acabo de ler parece-me que me sinto muito melhor. Aquilo teve imenso, em mim, efeito... assim... bombástico... naquilo... naquilo qu'eu sentia. Quando eu acabo de ler ... sinto-me outra pessoa. 15</p> <p>Se calhar, mais inconscientemente do que conscientemente, eu faço as coisas, porque sei que foi lá qu'eu aprendi. 15</p>				<p>... ainda tenho esse papel em casa e ainda olho pra ele muitas vezes, porque, se calhar, na altura pensava coisas... quando eu tou mais triste ainda há alturas em qu'eu pego nisso, ainda pego nesse papel das coisas que disseram de mim e ainda pego naquela carta que nós fizemos uma vez pós outros, que a mim foi o Ruben que escreveu, e que ainda tenho a carta em casa e ainda a leio muitas vezes. E há coisas que ainda penso agora que já penso há muito tempo. 14-15</p> <p>Foi na altura em qu'eu andava pior e que sei que eu saía dali muito melhor do que quando entrava, ou saía pior, porque tinha que sair pior. Mas eu saía pior porque saía a pensar naquilo que fiz de mal. Saía pior porque sabia que eles tinham razão e eu não dava razão. Eu saía dali... já aprendia a dar. 15</p> <p>Eu acho que ... Nós ainda falamos muitas vezes disso. Nós... que estávamos lá, ainda falamos várias vezes ... nós não estamos tantas vezes juntos, mas várias vezes falamos disso e eu penso... há muita coisa que teve muito efeito e eu vou pensando nas coisas. Claro que não penso sempre,</p>
--	--	--	---	--	--	--	--

								<p>mas há coisas= se calhar, mais inconscientemente do que conscientemente. eu faço as coisas, porque sei que foi lá qu' eu aprendi. Porquê que foi uma aprendizagem? Porque... eu penso e há sessões que me marcaram mais e que eu penso ... nas coisas, nos debates que nós fazíamos quando ia lá PESSOAS... e... e eu acho... nós pensamos todos. Eu acho que toda a gente que lá teve, de certeza que pensa naquilo. 15</p> <p>eu penso e há sessões que me marcaram mais e que eu penso ... nas coisas, nos debates que nós fazíamos quando ia lá PESSOAS...15</p>
		A confiança dentro do núcleo						<p>Eu acho que... nós sabíamos que o que ali era dito... não, não eu passava ...daquela... eu acho que nós entrávamos ali... era um mundo à ... parte, ou seja, nós quando saíssemos dali ... as pessoas não iam dizer ali dentro passou-se isto=isto=e=isto=e=i sto e aquilo. Eu tinha... eu pelo menos tinha=e pra já, porque a maioria das pessoas que lá tavam eram todas minhas amigas e se não foram TORNARAM-SE, porque a partir do momento em que</p>

								<p>nós tamos todas ali, todos nós damos um bocadinho de nós aos outros e os outros a nós. Todos nós... contamos um bocadinho da nossa vida, tanto como os outros contam... a deles, e acho que aprendemos a ajudarmo-nos muito mais e isso cria confiança, cria relações de confiança, de amizade. 11</p>
		Lidar com as diferenças dentro do grupo						<p>Acho que quase qu' éramos todos iguais. Éramos todos iguais.12</p> <p>Havia muita discussão. Chegou a haver discussão, assim, a sério. A sério quer dizer, assuntos que dividiam mais, mas eu acho que nós ao defendermos, se conseguíssemos defender como deve ser, assertivamente, as pessoas ... tentavam, um bocadinho, entender o nosso ponto de vista. Eu acho que nós tentávamos todos entender uns dos outros. No fim, havia, mais ou menos, um consenso. As pessoas conseguiam...claro que toda a gente tinha a sua opinião, mas nós aprendíamos, um bocadinho com a opinião dos outros e, se calhar, no fim, éramos capazes de dizer: "se calhar, tens um bocado de razão". E acho que</p>

							aprendemos... a valorizar isso, a valorizar a opinião dos outros, que nem sempre é errada. Pode ser a nossa que tá errada.13
		O voluntariado	Portanto, fiz um ano no Centro de Educação Especial, um ano... fiz dois anos no Centro de Acolhimento e fiz um ano, ali, no jardim-de-infância do Coto. Quatro anos. (...) Todas as semanas.11			Eu gostei muito. Eu sei que nem toda a gente gostou. Eu sei que houve pessoas que sen ... não é que não gostaram, mas que se sentiram mal e que não conseguiam... não conseguiram tar ali. E porque será que são assim? 20	gostei muito de trabalhar com eles quando foi ali no Centro. Porque eu acho que é com essas... porque eu acho qu' é com essas pessoas que quando saímos d'ao pé delas nós aprendemos muito MAIS. Sentimo-nos tão melhor quando tamos com elas. Eu sei qu' é muito pesado e é... é muito ... é um bocado pesado porque há graus de deficiência muito elevados, mas mesmo sendo pesado eu acho que é sempre muito reconfortante quando nós saímos dali. Mesmo que nos custe, à primeira vista, porque não estamos tão habituados a que as pessoas sejam tão diferentes de nós. nós estamos com elas e ... e a maneira como elas nos olham, ou como nos tocam, ou como nós percebemos como elas estão ali, eu acho que é muito melhor ... não sei.19

							<p>Gostei d'ir ver, de saber como é qu'elas viviam, como é qu'elas lá tavam, o quê que elas faziam, o quê que se podia fazer pr'ajudar, porque há aqueles tratamentos e aquelas ... aquelas salas ... que eles fazem com música ... as terapias que fazem. Acho que tudo o que eles fazem agora é de muito interesse, p'além de ser bom poder fazer com eles, é uma... uma aprendizagem que nós temos. Tenho consciência qu' é um bocadinho difícil ... pa muita gente, mas eu... eu sinto... eu sinto-me bem. É isso mesmo. 20</p>
		<p>Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?</p>				<p>Sentia, quando eles diziam coisas que eu achava que eles não sabiam. Quando... ou seja ... quando... se calhar, quando eles discutiam, ou quando...aquilo qu'eu tava a dizer de valorizar a opinião dos outros, se calhar, eles não davam tanta importância como eu dava na altura. Se calhar, eu aprendia coisas qu' eles... só depois... se calhar... eu é que dizia quando... por exemplo, quando... quando alguém se chateava e essas pessoas não andavam... elas chateavam e bumba, uma tinha a razão e a outra não tinha. Pronto, era assim. Eu, se calhar... eu</p>	

						sempre que tentava ajudar eu dizia: "tens que pensar no teu lado e no lado do outro". E isso, pra já, a maioria das pessoas não tinha. A maioria das pessoas não pensava nas coisas assim e... a pergunta... já me esqueci.	
	A sua relação com o mundo do trabalho	tenho mais consciência dos problemas qu'existem. Eu já dei muitos exemplos de casos qu'eu tive, casos qu'eu tive? Momentos que eu tive na altura em que fazia voluntariado que, agora digo: "vocês agora tão a dizer isso porque, se calhar, nunca passaram, mas...". 11					<p>ESTÁGIO só vamos ter no terceiro ano, mas ... o tarmos a dizer aos professores que já fizemos, porque eles perguntavam todos porquê qu'iam po curso, não é? São aquelas perguntas (). O tarmos a dizer que já fizemos, aos professores, e não só aos professores, aos colegas, demonstra que nós já tivemos interesse, demonstra que é mesmo aquilo que nós queremos fazer e que se nós tamos ali é porque o curso é mesmo aquele. Nós dizemos a um professor que já fizemos, o professor fica muito or...gulhoso, não é de nós, mas... isso já em si ... porque são poucas as pessoas que já fazem isso antes d'ir. Só fazem quando começam a ir e o... o termos já feito significa que temos a certeza que é aquilo que queremos fazer e já nos... já nos... já PROCURAMOS as coisas, já tentámos fazer. 10</p> <p>As pessoas dizem que trabalhar com deficientes é muito mau e é difícil. Eu</p>

							<p>digo que NÃO! Digo que... que são pessoas que, se calhar... que nós a trabalharmos com elas, se calhar, temos muito mais consciência do que a vida é. No geral, damos muito menos importância às coisas, porque elas dão muito menos importância às coisas do que nós, e aprendemos a valorizar essas pessoas por darem menos importância... a coisas materiais, como nós damos. 11</p>
Escola/Núcleo: a comparação		<p>pra já, não tinha conhecido metade das pessoas que tinha conhecido e não me dava tão bem com elas ... como me dou. Depois... porque não tinha crescido, eu tou a falar do núcleo, claro! 6</p> <p>Já quando fui po quarto agrupamento já tinha a consciência daquilo que queria. Já tinha objectivos. Quando se tem objectivos segue-se muito mais as coisas com muito mais ... com consistência do que se não tiver. 20</p> <p>Sabia que tinha que ter boas notas porque tinha que entrar e tinha muito mais... vontade de fazer as coisas do que, se calhar, as pessoas que não sabem. 20</p>					<p>Aquilo era feito na escola, mas é diferente da escola. Aquilo não era uma aula, por isso.... Era feito mais como ... é extra. Távamos lá... é assim um bocado mais como se eu tivesse volei. É uma coisa diferente! 11</p>

<p>Família/Núcleo: a relação</p>							<p>Eu lembro-me muito que falava muito do núcleo. Eu dizia: “Ah! Hoje falámos disto, falámos...”¹³</p> <p>Chegava à hora de jantar e dizia: “ai, mãe! Hoje falámos não sei do quê, não sei do quê”, mas eu tenho quase a certeza... mas eu não me lembro, assim, de nenhum 13</p> <p>A minha mãe sempre gostou, porque eu sempre quis, sempre quis ir e eu sempre lhe contei o que se passava ali dentro. Não contava as coisas, contava como é qu'aquilo funcionava e ela...¹³</p> <p>ela sempre foi... ela conhecia toda a gente que lá tava ... quase.¹³</p> <p>Ela sempre gostou qu'eu lá tivesse e ela tava muito interessada. E ela sempre soube que, aquilo, era à quarta... feira e ela sempre me perguntava o qu'ê que tinha acontecido, como é que tinha corrido.¹³</p> <p>E eu acho qu'ela percebia qu'aquilo era importante.¹³</p>
<p>Estudar “fora”</p>	<p>Porque sim, porque não</p>	<p>Eu acho que ainda não me sinto preparada. Porque acho qu'ê preciso muito estômago. 22</p>					
	<p>Reacções à ideia</p>	<p>tamos muito longe. Custa muito. Então, eu não sei se vou fazer o mestrado pa fora. 22</p>			<p>Agora es... tudar... Agora, com o Tratado de Bolonha, já dá. 22</p>	<p>Assusta os dois, mas o estudar... temos muito mais... se eu for pra um país que fale outra</p>	

		<p>voluntariado vou fazer, de certeza, no estrangeiro. Vou pa África e vou pelo IPJ, em princípio. Isso vou fazer de certeza, agora estudar... 22</p>				<p>língua, estudar é muito mais complicado do que fazer voluntariado. Fazer Voluntariado eu vou aprendendo com o Tempo e ... pronto. Estudar, se calhar, eu tenho que me esforçar. Não é que me custe esforçar, mas... tem... custa muito mais ... os primeiros tempos... mas eu não sei se...22</p>	
Os projectos		<p>Há muitas vertentes, mas a que eu quero mesmo é com os deficientes, ou com os deficientes, ou com as famílias que têm ... com as famílias, com as famílias mais carenciadas, que têm mais problemas. Sejam os filhos que tenham os problemas com os pais, sejam os pais que tenham os problemas com os filhos. Essas são as duas vertentes. 19</p>				<p>Ah, AGORA! Porque já tenho aqui as coisas todas, que já tenho tudo, que já... porque...Sair... eu gosto muito de viajar, mas pa viver acho que... vai ser mais ou menos aqui. Eu sei que não, mas... eu sei que não vai ser aqui, porque eu quero muito ir trabalhar pró estrangeiro e estudar no estrangeiro e fazer montes de coisas no estrangeiro... eu quero, quando acabar o curso, ir pa África. E quero...e preciso. Em voluntariado, porque eu acho... eu não sei... é uma coisa que eu quero muito. EU NÃO SEI EXPLICAR (RISO). É uma coisa que eu quero há muito tempo, que eu acho que vai ser muito bom pra mim, como pessoa, e por outro, como ajuda. E, por isso... e... e o mestrado não sei se vai ser cá ou se vai ser no estrangeiro, também. Mas isso logo se vê. E</p>	

					<p>depois... eu acho que... ou seja, as minhas raízes vão ficar cá e eu não vou deixar as Caldas. Eu sei... tá a perceber (riso)? Não? É que EU NÃO CONSIGO EXPLICAR! Eu sei, eu gosto muito daqui e não vou esquecer nada do que aconteceu eu aqui, mas sei que... que vou sair muitas vezes daqui pra fazer muitas coisas fora, mas nunca vou deixar as Caldas. E Paris, eu gosto muito, mas não vou... não, não, não morava lá. Posso ir lá passar férias e ... e pa ir ter com a minha família do lado da minha mãe e pa tar lá, mas morar já não. Agora já tá tudo cá. 3</p> <p>Vai depender se eu arranjar trabalho, se... coiso, mas é isto que eu quero mesmo. Eu não me tou a ver tirar outro curso. Acho que não. 4</p>	
A minha visão de mim e dos outros			<p>acho que há muitas crianças que são maltratadas e que... que, se calhar, não se sabe. E essas crianças sofrem muito. E os pais maltrataram os filhos, os filhos, consequentemente vão maltratar, GERALMENTE, maltratam depois os seus, ou... são crianças, depois, mais ... PROBLEMÁTICAS, sem terem culpa nenhuma, se calhar,</p>	<p>E tu não gostas da palavra porquê?</p> <p>Porque cliente parece que nos que têm que pagar pra tarmos ali. É horrível ... parece... não sei ... clientes soa muito mal. Cliente é aquele que vai a uma loja! Eu vou lá, sou cliente numa loja. Agora, ali, nós não tamos ... ai, não sei, é horrível. eu não gosto.</p>		<p>Em várias sessões que nós fizemos coisas... que me tocavam mais, tocavam entre aspas, coisas... houve muita coisa (riso) qu'eu lembro-me ter a ver comigo, do género, da auto estima, na altura era o que tinha assim mais... eu lembro-me que nós... que nós, houve um... uma aula? Não é aula, uma sessão que nós fizemos todos e lembro-me que todos tínhamos de dizer</p>

			<p>na escola, portam-se muito melhor que os outros alunos... depois os professores dizem mal deles sem saberem a vida deles, n'ê? Dizem... não é dizer mal, mas... se calhar, nem todos os professores têm consciência qu'eles, se calhar, são só assim, porque tiveram... porque tiveram ... vidas mais difíceis, anteriormente. E então... se forem ajudados desde mais pequenos, se calhar, vão ter uma vida diferente depois.19</p>		<p>uma coisa dos outros e os outros a nós, pronto. Nós tínhamos de definir os outros e eu lembro-me (riso) que ... ainda tenho esse papel em casa e ainda olho pra ele muitas vezes, porque, se calhar, na altura pensava coisas... quando eu tou mais triste ainda há alturas em qu'eu pego nisso, ainda pego nesse papel das coisas que disseram de mim e ainda pego naquela carta que nós fizemos uma vez pós outros, que a mim foi o Ruben que escreveu eu, e que ainda tenho a carta em casa e ainda a leio muitas vezes. E há coisas que ainda penso agora que já penso há muito tempo. 14</p> <p>Não são menos do que eu. Elas são a mesma coisa, só que, se calhar, tão a passar por uma fase pior e precisam qu'alguém, não tem que ser necessariamente eu, que os vá ajudar. Só que, realmente, é mais fácil ser alguém que tem, não é que tenha estudos, mas que possa fazer alguma coisa por elas. Porque eu... como Laetícia... tirando ser assistente social, eu mesmo que saiba que uma criança tá a ser maltratada, eu não posso fazer a mesma coisa do que se for assistente social.16</p> <p>Qualquer pessoa pode chegar ao pé de</p>
--	--	--	---	--	---

						<p>mim e dar-me uma lição como eu nunca tive... uma lição ao longo do tempo, claro. Não é chegar ao pé de mim e dizer assim: " tu és isto, isto e aquilo". eu acho qu' isso nós podemos aprender com qualquer pessoa e não é preciso alguém com uma profissão pra=pra m'ensinar a ser melhor. Acho qu' é muito mais fácil aprender com os amigos do que com um profissional. 17</p> <p>No trabalho de Assistente Social nós temos de ajudar aquelas pessoas que precisam mais. As pessoas que precisam mais não é só a nível monetário. Por exemplo, as crianças que são maltratadas precisam d'alguém que cuide delas, que as vá tirar ou dos pais, ou que trate dos pais, entre outras. Por exemplo, as crianças que são maltratadas precisam d'alguém que cuide delas, que as vá tirar ou dos pais, ou que trate dos pais, entre outras. 16</p> <p>Nós, ali vamos ter um bocadinho mais de poder que elas, agora não vamos ter uma vida... não, não somos mais como pessoas... do que elas, não somos. Agora, temos mais poder no sentido que nós, se calhar, podemos fazer diferença, mas não é ... de elas, como pessoas, não lhes</p>
--	--	--	--	--	--	---

						<p>vamos ensinar a ser melhores pessoas. Na vida delas podemos fazer diferença.17</p> <p>Aliás, nós aprendemos, o que nós aprendemos no curso é que temos qu'aprender... nunca aprendemos é a discriminar. Isso, isso é essencial na nossa profissão nunca discriminar ninguém, agora aprendemos é a separar e a não dar-mo-nos bem com essa pessoa, ou seja, não é não nos darmos bem, mas... aprendemos a não ter uma relação que temos com as pessoas... que não são nossos clientes, pronto. Não gosto nada dessa palavra. 18</p> <p>Porquê que a usaste? Porque... porque é a que nós temos que usar. Ai é? É cliente. Porque antes eram utentes, agora já não são utentes, são clientes. Mas a noção de cliente parece que sugere uma necessidade da parte do outro. Quando gasta o produto volta outra vez...</p> <p>Sim, eles têm essa necessidade, mas nós tamos=quando vamos ao médico somos utentes e também temos a necessidade. (silêncio) Cliente soa mal. Não vou com a palavra. Soa muito</p>
--	--	--	--	--	--	--

						<p>mal.18</p> <p>Dás-lhe uma... outra interpretação.</p> <p>É Eu=eu sei que a tenho que usar, porque é essa a palavra correcta pr'aquilo que eles são. Correcta em termos de dicionário profissional deste curso, mas agora... a meu ver, fora disso, nunca vou usar, porque cliente soa muito a... é mesmo, soa muito a cliente numa loja. Eles têm necessidade d'ir lá... há a necessidade do cliente, eles vêm ter connosco, pedem ajuda e tudo bem, nós damos, nós ajudamos só... cliente soa muito... EH PÁ! Tou-te a pagar pra isto! E a relação que nós temos que ter não é essa. Não é assim tão afastada. Eles têm que ter confiança em nós. Pra eles terem confiança em nós... nós tratarmos por clientes é ... um bocado frio... um bocado... uma distância. 18</p>
Os relacionamentos e a intimidade						
Lugar de pertença	<p>Eu sei, eu gosto muito daqui e não vou esquecer nada do que aconteceu aqui, mas sei que... que vou sair muitas vezes daqui, pra fazer muitas coisas fora, mas nunca vou deixar as Caldas. 3</p> <p>E Paris, eu gosto muito, mas não vou... não, não, não morava lá. 3</p>					

Entrevista nº 7			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e percurso familiar		<p>Nasci na Nazaré... Nasci nas Caldas. Fui registada na Nazaré, portanto... como tendo nascido na Nazaré, portanto, quase que se assume que eu tenha nascido lá, apesar de, curiosamente, ter nascido cá e aaa, e uns anos depois ter vindo morar para cá. Portanto, foi quase à nascença uma negação (risos) daquilo que viria a acontecer mais tarde, 2</p> <p>Tive lá, estudei lá, até ao 8º ano, na mesma escola onde os meus pais davam aulas, eu e o meu irmão. 2 os meus pais separaram-se quando eu tinha sete anos. A minha mãe não voltou a casar desde essa altura. O meu pai tem um relacionamento desde o ano seguinte. 2-3</p>					
	Relação familiar	Pai	<p>com o meu pai é... é distante (pausa). É... aquilo que se pode. Não, não, não, nem mais nem menos do que aquilo que me é... permitido. É uma pessoa de quem eu gosto muito, de quem eu sempre gostei, que eu adoro, que nalgumas situações não posso ter como exemplo, mas que noutras,</p>					

			forçosamente, tenho que ter, quanto mais não seja por ser uma figura masculina importante na minha vida aaa... e, e, se calhar, posso tomar por exemplo por, por tão más escolhas, portanto, eu posso tirar do que é mais... não vou dizer do que é mais negativo, mas, se calhar, daquilo que, que de algumas coisas que me magoaram muito e que podem ser tomadas como exemplo de, de prevenção ou de, de (risos) tentar evitar. 2					
		Mãe	<p>Com a minha mãe é...é por fases, quase tantas como as da lua 2</p> <p>Com a minha mãe, é bom, porque também é uma pessoa que se preocupa e que procura estar atenta a todas as situações que vão acontecendo, todas as novidades, todas as...todas as situações, mesmo, que acontecem comigo, com o meu irmão, procura tar presente indo a Lisboa, cá nas Caldas, passando tempo connosco, conversando, fazendo pensar nas coisas, no que acontece, não influenciando a fugir delas e a tentar enfrentá-las. 2</p>					
Escola	O percurso escolar	Geral						
		Primária						
		Ciclo						

			“o liceu”	<p>vim fazer o nono ano à, à Raul Proença. Fiquei até ao décimo segundo. 2</p> <p>Depois, conheci os meus colegas do 9º ano. Alguns deles foram meus colegas depois no, no secundário aaa... foi, aí sim, já foi uma descoberta por, por serem pessoas diferentes. 5</p> <p>Foi, foi marcante. Foi marcante no 9º ano por, por colegas que tive, por, por professores que tive. Não vou falar de si (baixou o tom de voz e muitos risos)! 5</p>					
		Na Raul	A turma: nós e os outros						<p>acabei por me insurgir um bocadinho contra alguns colegas que eu achava que não tinham um comportamento que deviam ter numa sala de aula e que as pessoas deviam gostar de aprender e que se não gostavam de aprender não estavam ali a fazer nada, portanto xô com eles (risos) não tavam ali... pa, primeiro porque tavam a atrapalhar quem queria fazer as coisas, não é? E, por outro, porque não tinham forma de estar e não, não sabiam fazer a diferença entre o que era o recreio e a sala de aula. 7</p>

		Faculdade	<p>Entrei para Direito. Fiz a matrícula em dois mil e... em dois mil e dois, fiquei até ao ano lectivo 2004-2005, 2</p> <p>2005-2006 tive o ano a trabalhar 2</p> <p>2006-2007 candidatei-me outra vez e entrei na Escola Superior de Comunicação Social, em Relações Públicas e Comunicação Empresarial.2</p>				
	Para que serve a escola		<p>Questionei a escola no sentido de, por vezes, não ter, se calhar, pessoas suficientemente firmes para perceberem que, independentemente de não serem os filhos deles, há uma parte educacional que as aulas exigem que deve ser dada, de formação enquanto agente de socialização. Enquanto segundo, não é? Porque a família deve ser o primeiro</p> <p>aaa...enquanto segundo deve ter e, e, houve situações em que me apetece<u>eu</u> ser <u>eu</u> o professor (muitos risos) só por isso, só por isso.6</p> <p>Serve aaa... para impor limites. 7</p> <p>Essa negociação que <u>eu</u> falo é de... uma maneira de estar e uma maneira de passar as coisas que não deve não deve cingir-se única e exclusivamente a</p>	<p><u>Nós</u> aprendemos, <u>nós</u> só retemos se tivermos interesse nisso e <u>nós</u> só fazemos uso dessas coisas se acharmos que devemos fazer. 7</p>			<p>Questionei o sistema em termos agente de educação, porque... não sei se serei a melhor pessoa para falar disso, porque os <u>meus</u> pais são professores educadores. Barra. E não sei se serei a melhor pessoa pa falar disso, mas em determinadas alturas questionei-me se <u>nós</u> estaríamos ali apenas pa sermos ensinados e não, de alguma forma, pa sermos educados. 6</p> <p>Acho que é uma instituição que se pretende que ensine, que... proteja e que faça perceber aos alunos que têm que tirar partido de algumas coisas, numa base de negociação muito grande, porque se tamos a falar de uma escola, de uma primeira a uma quarta classe, não podemos estar a fazer nos mesmos moldes que tamos a fazer num décimo ou</p>

		<p>escola enquanto formação profissional, mas escola enquanto formação pessoal, também porque... 9</p>				<p>décimo segundo, não é? Uma coisa é termos a falar de crianças, no primeiro caso, outra coisa é termos a falar de adolescentes, alguns deles adultos, não é? Porque, depois, a idade também não corresponde à maturidade das pessoas, mas isso é outro assunto. Mas eu acho que serve, sobretudo, como agente de negociação entre as pessoas de, de perceber que uma coisa é aprender, outra coisa é reter e outra coisa é fazer uso disso. São três coisas completamente diferentes. Nós aprendemos, nós só retemos se tivermos interesse nisso e nós só fazemos uso dessas coisas se acharmos que devemos fazer. E, e acho que a escola serve para ensinar, mas, por outro lado, tem que ter mecanismos para poder aaa... para poder incentivar as pessoas a reter e a fazer uso dessas coisas. 7</p> <p>Aaa...em casa temos limites, na escola temos limites, em actividades extracurriculares temos limites. Nós não vamos pa uma aula de Inglês com...com um rádio e pôr o rádio a tocar, não é? nós não vamos ppp, portanto, essa liberdade é liberdade dentro</p>
--	--	--	--	--	--	--

								daquilo que nós podemos ter numa escola. Dentro daquilo que é suposto ter-se numa escola. O ir pás aulas, ter uma dinâmica de aulas boa, ter horários que nos permitem fazer outras coisas fora d'aulas, ter intervalos que nos permitem estar com os nossos colegas, tar com os nossos professores, acho que sim, acho que tive numa escola livre de realizar... uma escola que me proporcionou ser livre a realizar projectos, a fazer coisas, a participar em coisas, sim. 10
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar							<p>A minha escola, a minha escola foi, foi, foi na Nazaré, não é? Até ao 8º ano, foi bom, foi, foi... não foi uma descoberta por aí além, porque num meio pequeno aquilo que nós vivemos fora da escola e dentro da escola acaba por ser muito, muito semelhante. 4</p> <p>Tudo aquilo que nós vivemos na escola fica pó resto da nossa vida toda. São os primeiros anos que nós vivemos em convivência com as outras pessoas e nós aprendemos, retemos e fazemos uso disso. Muitas das coisas que eu sei hoje, eu aprendi quando tava no liceu e se não as tivesse aprendido eu hoje não sabia e não podia fazer uso delas e tinha que as ir</p>

								<p>estudar porque elas me faziam falta. Mas quando digo, quando falo destas coisas não são coisas do conteúdo do programa, 9</p> <p>A minha escola... Foi! Mas foi, foi por parte de alguns professores, que eu gosto muito e continuo a gostar, porque aaa...se calhar... um bocadinho, também por iniciativa minha ao dar-me com eles e, e, e... gostar de saber mais aaa...e, e por, por, pelo DPS, pelos exercícios, pela, pelo pensar nas coisas quando saíamos das aulas de quarta-feira, às nove e meia da manhã, de DPS. Aaa... Por pensar nelas. Por, por pensar, realmente, qual era, qual era o papel, o que é que estávamos ali a fazer, o que é que as outras pessoas estavam ali a fazer connosco, o que é que era suposto, qual era suposto ser a nossa relação com elas, a relação delas connosco, a nossa relação com as pesso... com os nossos colegas, aaa... com as pessoas do exterior, portanto, fora escola... Se foi a minha escola? Aaa... Foi! Acho que tive sorte porque... como em tudo na vida ganhámos...ganhei ... aaa... prós professores que gostei mais e</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	---

								esqueci aqueles que gostei menos, mas acho que sim, acho que foi a minha escola. Acho que tive sorte, acho que tive sorte porque a minha cabeça apagou maus exemplos e deixou ficar os bons.9-10
		Os professores	<p>Professores que eu tive no externato, na Nazaré, tinham ido ver-me nasc, tinham ido ver-me quando, quando eu nasci e, e... e, portanto, era um meio todo ele muito familiar, muito, muito pequeno. 4</p> <p>Os próprios professores aaa, aaam, comecei, comecei a, a ter a noção de que podia fazer as coisas bem não tendo a, a, (riso), se calhar, não tendo a minha mãe e o meu pai por perto, no mesmo sítio que eu, e que as pessoas me avaliavam, efectivamente, por mim! Que não, não precisavam de conhecer mais nada pa, pa me avaliarem. Isso era bom! 5</p> <p>Dentro de uma sala, portanto, convém que haja, que seja, que o professor seja um professor e um mediador, entre tudo aquilo que se passa naquelas quatro paredes, de uma hora ou de uma hora e meia, em que as pessoas estão todas juntas, não é? 8</p> <p>Se bem que, por outro lado, os</p>					<p>O professor deve ensinar para que nós possamos aprender, mas sempre que nós queiramos reter alguma coisa esse processo deve estar ao encargo dos professores. Não totalmente, mas deve ser um processo de entreajuda, por isso é que eu digo que deve ser uma negociação, porque não, não, não cabe na minha cabeça que um professor entre numa sala de aula e queira ensinar, ensinar, ensinar e depositar as coisas. 8</p> <p>Nós vamos ali pa ensinar, pa... p' aprender aquilo que eles têm pa nos ensinar, mas vamos também p'aprender aquilo que não faz parte só da matéria, mas faz parte de Acho que um professor deve entrar numa sala de aula com aaam a necessidade de mostrar aos alunos aquilo que eles devem saber, aquilo que é bom eles saberem. 8</p> <p>todos enquanto uma pessoa que está num nível hierarquicamente</p>

			<p>professores também não podem escolher o que é que os alunos querem e não querem aprender, daí que eu diga que há o aprender, há o reter e há o fazer uso dessas coisas. 8</p>				<p>superior ao nosso, é uma verdade, e na relação que ela tem connosco, e na relação que nós vamos ter com os nossos colegas. Por isso, eu acho que temos... vamos pra lá aprender o que somos, e vamos pra lá aprender o que têm para nos dizer e as relações que temos que ter uns com os outros. 8</p> <p>é óbvio que vai haver alguns que vão reter e vão filtrar aquilo que foi dito, não é? E vão fazer uso dessas coisas. O professor tem que se mostrar como alguém que tá ali pra ensinar mas, inevitavelmente, para ajudar, para compreender, para mediar toda essa informação que nós que nós retemos a nível dos conteúdos, do programa, mas também a nível de, de relações entre as pessoas. 8-9</p> <p>Eu lembro-me, por exemplo, nas aulas da, da, da professora, da professora C. e depois mais tarde, no secundário, do, do professor II., nós tínhamos verdadeiras aulas do que era saber estar e eles nunca precisaram de dizer, ou poucas vezes precisaram de dizer: "é assim que se senta numa cadeira!". Eu acho que o facto das pessoas serem bem</p>
--	--	--	---	--	--	--	--

							<p>formadas, não é? Também passa um bocadinho pelos alunos. E isso é muito importante para nós aprendermos. Aquilo que eu acho é que, os professores não são bichos, como os alunos não são bichos. 9</p> <p>Eu nunca mais me esqueço de um professor meu me ter dito que passava mais tempo connosco durante a semana do que passava com os filhos porque tinha tantas aulas, e tinha outro trabalho e queria proporcionar tantas coisas boas aos filhos que com o ritmo de aulas que tinha chegava a casa, tava meia hora com eles, todos os dias, e era esse o tempo que ele passava com eles por semana.9</p>
	As aulas	<p>Gostava muito das aulas da professora Celeste, gostava muito das aulas de DPS aaa...que escolhi, porque aaa, aaa sabia o que era porque no 8º, no meu 8º ano uma das professoras de lá, da escola, tava a fazer a formação de DPS, pra dar no ano a seguir, e aquilo foi uma coisa que eu fui acompanhado, portanto, um ou outro conteúdo que aparecia e eu, fui, fui assistindo e depois quando escolhi, no 9º ano, não teve nada a ver com o</p>		<p>Há, há, há falta de tempo entre as aulas por aquilo que.... Por exemplo, na minha altura nós até tínhamos algum tempo, mas agora, pelo que sei, as cargas horárias são cada vez mais, as cargas horárias são cada vez maiores, por isso... vai havendo uma falta de tempo...pós miúdos! Há um exagero de tempo para a sua formação profissional e há uma falta de tempo para a sua formação pessoal. Não há preocupação em</p>			<p>Eu acho é que muitas das vezes nós assistimos a situações nas salas de aula que são provocadas por uma falta de tempo de toda a gente que está à volta destes adolescentes, pa eles, pra dedicar a eles, não é? pra lhes dedicar. 18</p>

		facto de "Aaa, não! Não vou ter Religião e Moral", até porque ao fim de um tempo acabei mesmo por ter aaa... Educação Religiosa, pa me baptizar e pa me crismar. Portanto, não foi de todo vou pôr aqui pa me salvar dali. Não foi. Foi uma escolha, duma disciplina, que eu sabia que ia ter e que precisava de ter. 6		saber o que é que ele sente, o que é que o preocupa, qual é o medo dele, como é que vai ser a seguir. Ninguém se preocupa que é importante ele saber quais é que são as características do Estado em que ele está inserido, qual é a importância de ele tar dentro de uma Comunidade Europeia, qual é a importância que tem ele ser um ser vivo... no mundo... hoje em dia. É importante ter consciência que há outras realidades que não esta. Que enquanto ele, se calhar, tá na escola há muitas outras crianças que tão a fazer a bola com que ele vai jogar, quando chegar o intervalo. E eu acho que, hoje em dia, há muito poucas pessoas que se encarreguem dessa formação pessoal que eu acho que é preciso pra vida, porque senão tamos a criar uns ...uns...desleixados. 18-19			
	Adesão a actividades extra curriculares						
	A sua relação com o mundo do trabalho						
Núcleo	Como soubeste da existência deste núcleo?	Soube que a professora andava a preparar qualquer coisa. Perguntou-me se eu achava que devia ir pa frente, eu disse que sim, que gostava muito da ideia. Não, não me considero criadora, mas considero-me... devota (risos).13 Entrei no primeiro					

		dia (muitos risos).13					
	Alguém te convidou, ou procuraste-o por tua iniciativa?						
O que é/era o NFPC	<p>aprendi em DPS, que havia uma Declaração Universal Dos Direitos Humanos. Não sabia que havia.15</p> <p>Acho que o nome foi bastante bem escolhido, não é? Pomposo. Formação Pessoal e Cidadania e depois acabou por corresponder... a tudo aquilo que aconteceu lá, pelo menos enquanto eu estive, àquilo que presenciei. Correspondeu. Mas suscitava o interesse. 21</p>	<p>Era o cantinho, era, era o... era o nosso cantinho. Era...era o nosso espaço. Era onde nós dizíamos o que pensávamos, sem medos. Onde, se calhar, nós acabávamos por ser nós. 14</p> <p>Era o único sítio da escola onde nós, se calhar, éramos os filhos, os sobrinhos, os, os namorados, as namoradas, os alunos, éramos tudo. Se há sítios onde nós somos isso tudo, mas há uma parte de nós que se evidencia, pelo contexto em que nós estamos, o núcleo fazia com que nós fôssemos isso tudo porque éramos nós. E éramos nós próprios, em todas as componentes em que tínhamos que nos dividir, porque somos tantas coisas ao mesmo tempo, nunca deixando de ser nós, lá éramos isso mesmo. Éramos um bocadinho de cada coisa, de cada função que nós desempenhávamos na nossa vida e que nos compunham.14</p> <p>era o nosso espaço. Porque foi criado por nós, pra nós, por nós aaa, e darmos essa importância foi, um, um, acho que, desde logo, um sítio... privilegiado, onde nós nos sentí, onde nós nos</p>					

			<p>sentíamos importantes, não é? Aquilo era nosso, aquilo tinha sido feito por nós, porque era preciso pra nós e, e, se era pra nós porquê que, quer dizer, não havia explicação, era pra nós era pra nós, era nosso, era, era... era (risos). Era! 14</p>				
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral	<p>Aprendi, no núcleo, a respeitar, mas a primeira coisa que eu aprendi foi a ouvir... com atenção aaa... se calhar, ... escutar, em vez de ouvir, aaa... Aprendi a respeitar. 15</p> <p>Aprendi aaa... a não ter medo de muitas coisas que eu tinha e que guardava pra mim e que, que, e que eu achava que, que me minimizava, enquanto pessoa, e aprendi a... ter alguém do meu lado, a sss, estar ao lado de alguém e a dar a mão... 15</p>	<p>E o núcleo serviu pra isso. Serviu pra, pra nós percebermos que nos podemos ajudar, que devemos ser ajudados aaa...e devemos ajudar aaa... e que... não temos sozinhos. Que as pessoas podem e devem fazer as coisas sem medos e que se alguma coisa correr bem ou correr mal, pelo menos o núcleo... era duro ((muitos risos)). 13</p> <p>Deve haver uma parte, sim, que nós devemos preservar, mas deve haver outra parte que nós podemos partilhar e podemos, não vou dizer divulgar que não gosto, mas podemos... partilhar. É mesmo essa a palavra, porque, se calhar, no fundo nós pensamos que é diferente, mas é igual (sorriso) a tantos outros e... quando não é igual, pelo menos não é um quebra-cabeças como nós achamos que pode ser na cabeça das outras pessoas</p> <p>E... é muito bom</p>			<p>fazer algumas coisas que nós achamos que não conseguimos. Olhar pro colega do lado e ver "ele" tem exactamente a mesma dificuldade que eu, mas ele tá a conseguir superar. Será que se eu tentar um bocadinho mais e não me resguardar aqui no meu cantinho eu não vou conseguir também?" 13</p> <p>foi muito engraçado por causa dos mais novos. Foi muito engraçado, porque, afinal, eles não eram assim tão mais novos, principalmente a nível de gestão desses sentimentos, dessas emoções, de, de ... foi, foi importante, porque... todos temos um eu, não é? E, e por muito bom e por muito, ou por muito mau que ele seja não deve ser só nosso. 13</p> <p>Aprendi muitas coisas muito difíceis de pôr em palavras, porque (pausa), porque, porque era mais do que... um estou aqui, mais do</p>

				<p>perceber que nós não, não tamos sozinhos, que não fazemos um caminho tão solitário como, às vezes, parece. Que a pessoa que tá ao nosso lado tem exactamente os mesmos medos que nós, aaa... e é bom perceber que, numas coisas nós desenvolvemos mecanismos de, de acção diferentes que a outra pessoa, exactamente pra mesma questão e, ou que , se calhar, nós não desenvolvemos e a outra pessoa desenvolve, saber da forma como, saber como é que ela os desenvolve, saber como é que... como é que ela, ela consegue levá-la até ao fim a nós, se calhar, permite ver que é possível e...e isso é muito bom.</p> <p>13</p>				<p>que... eu vou tar lá, mais do que... faz isto ou faz aquilo... Era uma, uma companhia. Era uma... Eram momentos em que... em que nós não precisávamos de, de, às vezes, de falar. Nós estávamos lá todos.15</p>
		A confiança dentro do núcleo	<p>Eu penso, muitas vezes, o que é que me tinha acontecido se não fosse o núcleo, porque... há muitos... conceitos que são, que eram falados no núcleo, que foram falados no núcleo, que eram desenvolvidos lá, que pra mim, continuam a ser definidos exactamente da mesma e...e eu utilizo-os até hoje na minha vida e ficaram muito assentes nessa altura, porque eu tive mostras disso.16</p>	<p>as relações eram... muito... aaaaa... dignas. Merecedoras disso, porque éramos todos... Começámos a criar uma família, que era a família do núcleo.15</p> <p>As coisas que se falavam lá dentro aaaa, nós não falávamos nos intervalos. Eram coisas guardadas quase religiosamente aaaa se bem que pudessem ser faladas cá fora, quer dizer, não, não, mas</p>	<p>Porque eu, eu penso sempre que, que há muitos miúdos, há mui, muitos rapazes, muitas raparigas que não sabem hoje em dia o que é ser-se pessoa. Não sabem! Não sabem o que significa ser pessoa. Não sabem o que significa ser cidadão. Não sabem o que significa fazer parte de uma sociedade. Fazer parte de vários núcleos que existem dentro de uma sociedade. E o núcleo é... tem uma componente pessoal e social muito</p>			<p>Aquelas coisas, pra mim, tavam quase como... não é arrumadas, no sentido de esquecidas, arrumadas no sítio certo. Era como se nós fossemos pra lá criar dossiês e saber onde é que as coisas deviam ser metidas e, e, “e eu tenho medo que, tenho ciúmes. Mas porquê que eu tenho ciúmes? Qual é a vantagem de ter ciúme? E, e, e eu tenho medo de não ter boas notas e não confio em mim. Mas</p>

			<p>Porque não foram teoricamente mandados ao ar, porque as pessoas que lá estavam sabiam o que é que aquilo queria dizer e aquilo foi... aaa, aaa... foi, foi escolhido por mim pa fazer parte daquilo que eu queria ter comigo e, e tenho comigo hoje como dados adquiridos daquilo que deve ser aaa... uma base pó, pó caminho que eu vou fazer, que eu quero fazer, p'além de ter contribuído muito para perceber que há relações que se podem e devem manter e há outras que não fazem sentido.¹⁶</p> <p>quando tava lá, acontecia-me uma coisa muito engraçada aaa.... eu sentia-me muito bem comigo porque aaa...porque... vinha, vinha livre, não é? Vinha, vinha liberta, vinha leve, vinha... muitas coisas boas. E, sem dúvida, que quando aaa... saía de lá, era como, era como uma parte da minha vida tivesse resolvida (risos).¹⁹</p> <p>Ficava a pensar. Muito tempo. Utilizei muitas das coisas que foram ditas no núcleo pa resolver situações que tive à medida que o núcleo foi, foi acontecendo aaa...não vou dizer quais (riso) ...mas</p>	<p>era o nosso espaço de entreajuda, era, era... é tão difícil de explicar, porque foi... tão importante, pra mim, durante estes anos todos sem nunca ter que falar delas.¹⁵</p> <p>As coisas eram partilhadas, eram ouvidas, eram...era intimidade! Era Intimidade não no sentido de, de (pausa). Era intimidade. Era intimidade, era ... eram as nossas emoções, os nossos sentimentos, as nossas dúvidas, as nossas preocupações, as nossas vitórias, os nossos medos.¹⁵</p> <p>Era tudo, portanto, aquilo era a adolescência, no estado mais bruto, não é? que pode existir aaa... que as coisas depois também se vão atenuando, não é? À medida que nós vamos crescendo. E ali, era tudo o que havia na, tudo o que há na adolescência à flor da pele, porque, porque... porque podíamos contar uns com os outros.¹⁵</p>	<p>grande. Por isso, pela partilha, pela, pela aprendizagem do respeito, pela interiorização do respeito, pela aplicação do respeito, pelo, por escutar, por sentir-se seguro para falar, para dizer, p'assumir, para, para ter o seu próprio espaço.¹⁸</p>		<p>porquê que eu não confio em mim? Mas porquê que não, não...E estas coisas, quando realmente se fala delas e se ouvem outras explicações a... se ouvem explicações e se ouvem maneiras de sentir diferentes da nossa, dá-nos um, um sentimento completamente oposto ao da solidão. Portanto, nós estamos constantemente acompanhados e isso faz com que a nossa... aaa... tendência para fazermos as outras coisas bem, relacionarmo-nos melhor com os outros, seja, realmente, evidente. Isso, eu tenho a certeza que sim. 19/20</p> <p>A minha convivência com as pessoas, a partir do núcleo foi... tão baseada nele, tão, tão criteriosamente escolhida a partir dele, as relações de amizade, que eu procurei construir, e outras... desconstruir, foram tão baseadas nas coisas que nós passámos no núcleo, nas, nas, na importância que teve nós falarmos das nossas coisas, nós termos alguém pra nos ouvir, ¹⁵ hoje, em dia, há muito o hábito de as pessoas irem ao psicólogo pa falarem, não é? Porque aquelas coisas todas</p>
--	--	--	---	---	---	--	--

			<p>foram, mas foram muito úteis pa fazer escolhas, pa, pa... porque eu fui... fui... tentando escolher aquelas que eu achava que eram, as que eram importantes pra mim, organizando-as da maneira como eu achei que fazia sentido. E como achei que devia ser. 20</p> <p>Triste de quem não puder usufruir da mesma oportunidade que eu usufruí.21</p> <p>[Mas tu já saíste da Raul há quanto tempo? Há cinco anos.] Mas se, se calhar, tem mais a, a digestão que se faz das coisas agora... é mais intensa do que se fazia. 21</p>				<p>metidas na cabeça e, e precisam de falar e precisam, e nós ali, não quer dizer que não houvesse alguém que precisasse... com outras pessoas, mas nós falávamos uns com os outros. 16</p> <p>Eu sentia que arrumava as coisas, porque... juntos, mediante os testemunhos das pessoas que queriam falar sobre o tema que era lançado, era quase como se fosse uma desconstrução dum tema, não é? Portanto, nós falávamos da, da rejeição. O que é a rejeição? Mas donde é que vem a rejeição? Mas porquê que há-de haver rejeição? À medida que nós íamos falando destas coisas, cada um ia dando a sua opinião, era como se estivéssemos a montar um puzzle... a, a desmontar um puzzle, sem saber que o estávamos a montar. Portanto, nós agarrávamos numa coisa, íamos desfazendo, à medida que tamos a desfazer, tamos a encaixá-la no sítio onde ela deve tar e isso era feito em conjunto. E, muitas das vezes, nós saímos de lá com algumas coisas em aberto, para pensarmos em casa, e essa assimilação que era feita em casa era igualmente importante ao trabalho feito no</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

								núcleo, porque exigia um raciocínio da nossa parte, uma interiorização das coisas e um, um...uma... organização delas naquilo que fazia mais sentido pra nós. 20
		Lidar com as diferenças dentro do grupo	quando tava lá, acontecia-me uma coisa muito engraçada aaa.... eu sentia-me muito bem comigo porque aaa...porque... vinha, vinha livre, não é? Vinha, vinha liberta, vinha leve, vinha... muitas coisas boas. E, sem dúvida, que quando aaa... saía de lá, era como, era como uma parte da minha vida tivesse resolvida (risos). 19					<p>E nós não tínhamos medo da rejeição, não aspirávamos aaa, aaa, ao aplauso uns dos outros e nós conseguíamos ser... transparentes, uns com os outros. E acho que essa transparência foi criando uma ligação de, respeito... de, de consciência de que há muito mais do que aquilo que tá dentro de nós, ou dentro do outro, e do outro, e do outro, e do outro, e por muito semelhantes, ou muito diferentes que as coisas possam ser elas tão lá e fazem parte de cada um. E, e, e há essências diferentes. Há... há... coisas que são genuínas. Fazem parte das pessoas e aprender a respeitar o outro por aquilo que ele é, independentemente de ser parecido ou diferente de nós é algo importante. 16</p> <p>Aquelas coisas, pra mim, tavam quase como... não é arrumadas, no sentido de esquecidas, arrumadas no sítio certo. Era como se nós fossemos pra lá criar dossiês e saber onde é que as coisas</p>

								<div>deviam ser metidas e, e, “e eu tenho medo que, tenho ciúmes. Mas porquê que eu tenho ciúmes? Qual é a vantagem de ter ciúme? E, e, e eu tenho medo de não ter boas notas e não confio em mim. Mas porquê que eu não confio em mim? Mas porquê que não, não...E estas coisas, quando realmente se fala delas e se ouvem outras explicações a... se ouvem explicações e se ouvem maneiras de sentir diferentes da nossa, dá-nos um, um sentimento completamente oposto ao da solidão. Portanto, nós estamos constantemente acompanhados e isso faz com que a nossa... aaa... tendência para fazermos as outras coisas bem, relacionarmo-nos melhor com os outros, seja, realmente, evidente. Isso, eu tenho a certeza que sim.</div> <div>19/20</div>
	<div>Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo?</div> <div>Porquê?</div>	<div>sentia-me igual, quer dizer, cada um faz as suas escolhas e eu fiz a minha de participar, como havia outros que, que escolheram fazer natação, ou fazer outra coisa qualquer. É uma escolha e eu fiz a minha. 21</div> <div>Porque muitas das vezes diziam. “Eu não vou lá falar de</div>						

		<p>nada que me interesse e porque... eu não gosto de falar das minhas coisas assim, porque são pessoas que eu não conheço e... e eu não quero participar!"22</p> <p>Eu acho é que as pessoas não iam com medo de sentirem necessidade de falar. 22</p>					
	Achas que este tipo de grupos tem aspectos negativos? Quais? E positivos? Quais?						
	A sua relação com o mundo do trabalho	<p>Porque eu nunca pensei que uma escolha profissional minha pudesse ir de encontra valores e a conceitos, que podem ser pré-conceitos, que eu tenho comigo e que eu trago comigo há muito tempo e que eu construí, que me ajudaram a construir, principalmente, no relacionamento que tive com as pessoas, a ouvir as pessoas, no DPS, no Núcleo, não é? Não vou mentir. 12</p> <p>o mundo do trabalho, para mim, é um mundo um bocadinho cão. O mundo do trabalho é o... salve-se quem puder, não é? Sempre fui muito de entrar, fazer o meu trabalho, sair, aaa.... 16</p>					<p>Parte destes conceitos e parte destes sentimentos que eu tenho foram numa relação muito estreita e muito íntima que eu tive com, com as pessoas com quem, com quem tive no núcleo, com os, com os, com a troca de emoções, porque, pra mim, foi isso, foi uma troca de emoções, de sentimentos que nós fizemos todos e não... foram coisas que foram fazendo parte mim e, pra mim, não fazia sentido estar a abdicar de de coisas que eu tenho como sendo... genuínas pa poder trabalhar nalguma coisa. E foi isso é que me fez... mudar, depois, alterar a minha escolha profissional.12/13</p> <p>eu acho que... da mesma forma que é no mundo do trabalho, é em qualquer outro...</p>

							<p>outro mundo onde nós estejamos: é o respeito e é o saber ouvir, o saber escutar e o não se deixar Des-Res-Peitar. Fazer-se valer daquilo que é, e daquilo quer ser sem medos, e sem preocupações daquilo que pode vir ou daquilo que pode não vir. Assumir-se como aquilo que é, sempre sem qualquer aaa... medo ou constrangimento. Essencialmente isso.17</p>
<p>Escola/Núcleo: a comparação</p>		<p>a escola era mais abrangente. Na escola dava-me muito com pessoas, com colegas, que nunca se interessavam, nunca se interessaram pelo núcleo. Namorei com uma pessoa que nunca quis ir ao núcleo. Tinha amigos que nunca puseram os pés no núcleo e que não deixavam de ser pessoas com quem eu me dava, na escola. 17</p> <p>E, e se for a pensar bem os meus amigos eram os do núcleo, as pessoas com quem, a quem eu fazia as minhas confidências, as pessoas que, com, com quem eu partilhava as minhas coisas e que na escola não partilhava. Portanto, eram duas coisas completamente diferentes.17</p>	<p>Nós vamos, nós confidenciamos coisas que vivemos, parte delas são na escola e, portanto, ter o núcleo fora da escola, quase que ia dissociar o real, aquilo que nós vivemos, nem que fosse há dez minutos atrás, com um espaço que era nosso e que era, sobretudo, aberto pa, pa essas questões, pós nossos medos, pás nossas preocupações. Não quer dizer que no núcleo nós não falássemos de família, de projectos, não falássemos de outras coisas, de qualquer forma aaa... acho que faz sentido, faz sentido principalmente na adolescência, sendo a escola o instrumento que é. Sendo o instrumento que é, sendo o agente que é. Nestas idades acho</p>			<p>Se fosse criar um núcleo hoje e se me perguntassem se o criava dentro de uma escola ou fora de uma escola, eu criava-o numa escola. (..) porque é muito importante ser... nesse contexto, em tempo real, num sítio real, onde nós estamos, onde parte das coisas que nós aaa... confidenciamos, lá, que vivemos. 17</p>	

		que sim, acho que faz todo o sentido. 17/18				
Família/Núcleo: a relação	Dava origem a diálogo, dava origem a...a debate muitas vezes em casa, com a minha mãe e com o meu irmão. Mas... o debate maior era interior (risos). Não era, não era em casa. 21					<p>Perguntavam para que é que servia, o que é que nós fazíamos, como é que tinha sido criado, por quem, se tinha actividades.</p> <p>Suscitava sempre algum interesse. 21</p> <p>Falava muito do núcleo aaa...muito! Toda a gente sabe que eu tive no Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania porque me orgulho muito de o dizer (riso) e sempre que é possível. Toda a gente sabia que eu tava no núcleo. Ao início... aaa... não se perguntava como é que tinha corrido, mas a meio do ano já havia questões acerca da forma como o núcleo tinha corrido, o que é que tínhamos feito...20</p> <p>Porque eu acho que haver um núcleo não é razão suficiente pós pais deixarem de ter tempo pós filhos, ou que pelos pais não terem razão, não terem tempo, aaa... é isso que o leva aaa, aaa, ou é isso que justifica a criação do núcleo...não é isso que eu estou a dizer. São coisas diferentes. Nós, no núcleo confidenciávamos coisas que não confidenciávamos em casa, não é? No entanto tínhamos lá um adulto e</p>

							tínhamos lá... no fundo, as pessoas com quem nós íamos relacionar, ou aquelas ou outras, mas com quem, com as quais nos íamos relacionar quando crescêssemos e, e há sempre a ideia de... o pai e a mãe são suspeitos, tanto pró bom como pró mau, não é? e ali não! Aquilo que eu acho é que ...os resultados a nível escolar podem, de facto, ser melhores, se isso acontecer.18
Estudar “fora”	Porque sim, porque não						
	Reacções à ideia						
Os projectos	<p>não posso dizer que fui daquelas pessoas que nunca pensou em ir pa universidade, que nunca pensou ter uma formação académica. Sempre teve na minha cabeça que era um dado adquirido fosse qual fosse a formação, fosse qual fosse aquilo que eu decidisse fazer. O grau académico era um coisa que tava pré estabelecido na minha cabeça, não por, não por os meus pais falarem nisso, mas porque era aquilo com o qual eu estava rodeada todos os dias e, e, e a escola nesse sentido teve um papel, se calhar, de afirmação dessas convicções e, e... e de ... total! (risos)</p> <p>Não posso dizer que não tenha sido.10/11</p> <p>Fui das primeiras a entrar na Faculdade</p>						

	<p>de Direito de Lisboa. Não me valeu de muito, porque, também, fui das primeiras a sair (muitos risos). Pelo menos das que entraram no meu ano. Mas foi, foi, foi complicado, porque não tava nada à espera, se calhar, por me ter preocupado em, em, em ver mais filmes e séries de Direito americano, americanas, do que propriamente as portuguesas, não é? E procurar saber como é que era o Direito português.¹¹ ir para Direito, desde o nono, para depois fazer a magistratura aaa...fazer magistratura. Muito, muito... concreta, uma opção muito, achava eu, muito, muito definida, muito, toda muito... recta! Aquilo ia ser assim uma estrada (risos) certinha aaa... depois acabei o décimo segundo, entrei.¹¹</p> <p>Nunca procurei saber de maneira que foi uma desilusão completa e total. Não quis continuar, porque não queria fazer parte dum, dum jogo onde eu não queria ter os meus bonecos, onde eu não queria jogar. ¹¹</p> <p>Recusei completamente alterar a minha maneira de ser para fazer uma coisa, pela qual eu tinha</p>					
--	---	--	--	--	--	--

	<p>uma, uma certa paixão aaa.... Era preciso abdicar de muitas características pessoais que eu tenho que, que iam, que contrastavam com aquilo que era o curso, das quais eu iria ter que abdicar para exercer um trabalho que não era o trabalho que eu queria exercer quando fiz a escolha, mas que era o trabalho que deveria ser feito depois de acabar o curso e, e... perdi-me aaa, perdi-me, 11</p> <p>Fiquei... os meus objectivos ficaram baralhados, era a única coisa que eu tinha pensado para mim, portanto obrigou-me a uma investigação de mim mesma aaa... acerca de que outras coisas é que eu poderia fazer, onde é que eu podia ser útil, onde é que podia trabalhar, o que é que eu podia fazer na minha vida que me... que me fizesse... querer ter poucas férias e... desisti do curso. Fiz o segundo ano. Fiz o primeiro e o segundo ano. 11/12</p> <p>O ano passado tive a trabalhar... conheci imensa gente...continuei...ti ve a trabalhar em Lisboa...foi um ano de reflexão, de descoberta, de muitas coisas e ...e acabei por, por me decidir e escolhi o curso onde tou</p>					
--	---	--	--	--	--	--

	<p>agora.12</p> <p>Voltei a fazer exames nacionais. Fiz Português e Sociologia e entrei.12</p> <p>Isto mexeu, mexeu com relações, mexeu comigo, mexeu com a minha... com a minha auto estima e mexeu aaa, sobretudo com a minha maneira de estar, com essa minha essência. 12</p>					
A minha visão de mim e dos outros	<p>O divórcio dos meus pais foi maravilhoso.3</p> <p>tando ele casados isso era... era, era complicado, era... Não havia gestão possível, não havia certezas, não havia... nada, havia... podia m haver umas férias óptimas, podia haver dias óptimos, como podia haver jantares aaa... em que toda a gente tava a chorar, em que havia gritos, em que havia... noites em que às cinco da manhã havia pessoas a entrar em casa e era uma instabilidade muito grande, portanto, a partir do momento em que os meus pais se divorciaram foi bom na dinâmica familiar, dentro de casa.3</p> <p>A partir de determinada altura passou a haver dois lados, um lado da mãe, um lado do pai, uma coisa muito</p>	<p>A adolescência foi mais complicada, acho que é pa todos o choque entre a liberdade que nós queremos ter e a liberdade que eles acham que nós não podemos ter aaa, por norma. 3</p> <p>O certo é que passou a haver dois lados que nós tivemos que gerir desde, desde cedo porque os tios eram os tios da parte da mãe, porque os tios eram os tios da parte do pai, porque nós íamos p'ós tios irmãos da mãe, íamos p'ós tios irmãos do pai.3</p> <p>Nós viemos para as Caldas e os amigos passaram a ser outros. 4</p> <p>Começámos a crescer. O contacto com a família por parte do meu pai era, se calhar, um bocadinho menor, porque a maior parte</p>			<p>Acho. Acho que tenho... acho que tenho uma essência de, de... de muitas coisas que, pra mim, são...são a minha base e sem as quais eu não, não consigo, não consigo raciocinar, não consigo pensar, não consigo juntar as ideias e, e resolver os meus, meus, as coisas que me vão aparecendo, mas, mas...12</p>	<p>apesar de ter sete anos, sempre tive muita consciência do que é, do que é que o meu pai fazia, das horas que ele chegava a casa, do tipo de vida que ele fazia e, e mais grave, do tipo de vida que a minha mãe não fazia e que era suposto fazer, principalmente, tendo (riso de tristeza) 31 anos, não é? Se calhar, aos 7 anos eu não sabia o que era ter vida de 31 anos, mas aquilo que se estava a passar não era concerteza e foi muito bom porque, pelo menos a partir do divórcio, eu sabia com o que podia contar.3</p> <p>Eu acho é que muitas das vezes nós assistimos a situações nas salas de aula que são provocadas por uma falta de tempo de toda a gente que está à volta destes</p>

	<p>difícil de gerir porque toda a gente tem uma opinião, não é? Nessa altura, se calhar, um bocadinho por azar o meu ou por sorte, não sei, aaam, pouca gente se privou de dizer as coisas que achava que devia dizer!3</p> <p>Deixou de haver uma família quase... aaam, que englobava tudo, não é? Passou a haver duas facções (risos) familiares muito fortes, muito fortes, com valores completamente distintos, aaa, aaa, porque, porque a família do meu pai é da Nazaré, não é? Quer dizer, que é uma terra completamente sui generis (pausa) e que, que... e com valores que, que não são os mesmos da, da, dos sítios onde eu tou agora, dos sítios onde eu vivo, dos sítios que comecei a frequentar naquela altura, porque, entretanto, vim pás Caldas, não é? 4</p> <p>E, portanto, sempre foi... primeiro foi uma descoberta, porque tive que passar a avaliar o que é que eu queria, o que é que eu não queria pra mim, uma descoberta e um processo de escolha, não é? 4</p> <p>À medida que as coisas iam aparecendo eu ia ter,</p>	<p>do tempo nós passávamos era com a minha mãe, não é? aaa e, e, e, talvez por aí, a minha parte familiar paterna tenha sido, tenha demorado mais a, a tomar consciência do nosso processo de crescimento.4</p>				<p>adolescentes, pa eles, pra dedicar a eles, não é? pra lhes dedicar. Há pais que não tem tempo pós filhos aaa... Há, há, há falta de tempo entre as aulas por aquilo que.... Por exemplo, na minha altura nós até tínhamos algum tempo, mas agora, pelo que sei, as cargas horárias são cada vez mais, as cargas horárias são cada vez maiores, por isso... vai havendo uma falta de tempo...pós miúdos!</p>
--	--	--	--	--	--	---

	<p>automaticamente, que escolher qual é que era aaa, aaa, aquilo que eu ia ter como meu e aquilo que eu ia excluir, por oposição àquilo que eu sentia naquele momento.4</p> <p>Depois, quando vim pás Caldas, foi mais difícil ao início porque não tinha amigos, não conhecia praticamente ninguém, havia cinco ou seis pessoas que eu conhecia do sítio onde passei a morar nas Caldas aaa... e que foram, eram as pessoas com quem eu tava no início das aulas.5</p> <p>vim dum sítio onde eu conhecia toda a gente pa um sítio onde eu não conhecia ninguém, não é?5</p> <p>Onde os professores não, não sabiam que eu era filha dum colega, d'uns colegas deles, não é? Portanto, eu era uma aluna como os outros, igual aos outros, não, não tinha diferenciação absolutamente nenhuma e, se calhar, tive que, nessa altura, recorrer a...àquilo que eu era pa... pa poder dizer que era eu, não é? Dantes isso não era preciso! (risos). Bastava ser filha de quem era pra poder, pra me poderem conhecer e, ali, aaa, o processo era diferente. Era eu</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>que tava em jogo, não era mais ninguém e, portanto, só por mim é que eu ia ser conhecida.5</p> <p>Por professores, bons professores que eu tive, por, por coisas muito engraçadas, por ser um sistema completamente diferente, por, por por ser livre... quer dizer, porque era o 9º ano, porque eram 14 anos, (riso) porque o facto de termos vindo pás Caldas aaa... morar proporcionou uma data de conhecimentos novos, actividades novas, pessoas diferentes 5</p> <p>Era bom, eu, conseguir ter boas notas, era... foi quase como uma prova às minhas capacidades, se é que eu pudesse ter dúvidas delas, n'é? Mas, chegar às Caldas e saber que era um mundo só meu, onde não tava nem o meu pai nem a minha mãe e perceber assim: "Não, os 98% ou os 50% que eu tiver aaa, só têm a ver comigo! Quer dizer, eu não posso pensar que têm a ver com outras coisas aaa, que não estas. Só têm a ver comigo! Não duvidando, e isto parece, po... pode (gaguejou) parecer absur...absurdo tar a dizer que, se calhar, na outra escola</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>davam 90% de eu ser filha de quem era. A questão não era essa. 5/6</p> <p>A questão é que aaa, aaa, eu, se calhar, achava que aquilo era tudo uma coisa (risos) muito familiar, muito juntinha e nas Caldas não foi assim. Realmente, não foi assim e tive... foi bom pa me começar a descobrir sem amarras nenhuma, sem, sem ninguém que eu conhecesse sem... e começar a perceber que as pessoas podiam gostar de mim e não dizer, e não me associar a outra pessoa qualquer, outra coisa qualquer. Era eu, porque era eu que era aluna, porque era eu que tinha boas notas, porque era eu que tinha más notas, mas porque era eu. Não estava lá mais ninguém e só podia ser por minha causa.6</p> <p>Porque, depois, a idade também não corresponde à maturidade das pessoas, mas isso é outro assunto.7</p>					
Os relacionamentos e a intimidade	Tive um namoro muito longo dos 14 aos 18. Estive sem namorado dos 18 aos 19 e voltei a ter namorado aos 19 que dura até agora (risos). 2					
Lugar de pertença						

Entrevista nº 8			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e Percurso familiar		Vivi numa aldeia pequena, que é uma aldeia pequena, mas que, mas que conhecia todas as pessoas. Tive uma liberdade imensa desde logo. 2					
	Relações familiares	Pais						
		Pai	Foi um choque tremendo pra toda a família, até pra própria terra, porque o meu pai era uma pessoa super querida e bastante comunicativa, bastante simpático. 4		e também sentia... prontos, quando alguém dizia: "Vou com o meu pai não sei aonde... Vou com o meu pai", é óbvio que eu sentia um friozinho na barriga e também queria, não é? Mas também isso dava-me forças para seguir em frente e dizer: "eu consigo arranjar outras coisas, consigo fazer outras coisas que me vão deixar de ter a necessidade de ter o meu pai", portanto. "Eu vou crescer sem... com necessidade dele, mas sem sentir necessidade dele", que é um bocado complicado de se explicar a quem nunca passou pela experiência, mas eu acho que toda a gente funciona assim. Toda a gente sente saudade e ... sente...sente... é a saudade, não é? É a palavra portuguesa melhor pra definir, não é? Toda a gente sente saudade, mas toda a gente cria pra si própria a ideia de que "não, não! Eu vou crescer sozinho, eu vou conseguir". 7			

				a minha mãe é uma pessoa mais reservada 4					
		Mãe		Se bem que posso contar, podia contar a 100% com a minha mãe, mas... apercebi-me que, realmente, a falta de uma presença masculina numa casa é bastante importante 7					
Escola	O percurso escolar	Geral		frequentei muito poucas escolas. Frequentei o Infantário, a escola primária e entrei num Preparatório que fiz desde o quinto ao nono ano 9					
			Pré-Primária	Basta-me dizer que, com cinco anos ia para o infantário sozinho. A minha mãe não me ia pôr ao infantário. E eu vinha do infantário e não sabia se ia para casa, se ia para a casa da minha avó, se ia pa a casa da minha vizinha. Quando chegava é que via para onde é que me apetecia ir, portanto, isso deu-me logo, a mim, uma liberdade fantástica e fez de mim uma pessoa diferente. 2					
			Primária	Depois, a escola primária. Um percurso completamente normal (pausa) até aos meus nove anos 4					
			Ciclo	Fiz o Ciclo normalmente. Passei todos os anos com notas razoáveis, ou excelentes. Um percurso escolar com muitas amizades,					

				<p>com, com muitos e muitos amigos 10</p> <p>porque eu passei cinco ou seis anos no Bombarral, a estudar. A minha vida era o Bombarral. Eu conhecia todos os cantinhos do Bombarral, porque quando havia uma hora livre saía-se da escola. Conhecia tudo. Os meus amigos eram do Bombarral minha família, alguns familiares viviam no Bombarral.</p> <p>13</p> <p>Nas Caldas eu conhecia a Praça da Fruta e pouco mais (Risos). Mas é verdade! E Isto parece surreal, mas é verdade. É o que aconteceu! 10</p> <p>Acabei o nono ano, houve uma mudança completa... completa para as Caldas. Passei do Bombarral para as Caldas.</p>				
	Na Raul	"O liceu"	<p>Tecnológico de Design. Inicialmente não sabia prá onde é que ia. Escolhi a área, não saberia se iria pra... pra Rafael Bordalo Pinheiro se prá Raul Proença. 11</p> <p>Fui pa Raul... Foi uma diferença enorme. 11</p> <p>Ao meio do Verão recebi um telefonema da Raul Proença a dizer que sim. Sim, senhor, podes vir frequentar. Fiquei contente, porque sempre ouvia dizer que era uma escola</p>	<p>nunca frequentei a Bordalo Pinheiro. Talvez se tivesse lá um período, dois períodos, um ano, talvez sssoubesse apontar uma diferença, talvez aquilo que eu esteja a dizer seja errado. Talvez seja uma ideia só minha. Se bem que é uma ideia partilhada por muitas pessoas... há um feedback, as pessoas relatam isso mesmo quer dizer... os próprios professores também, se calhar, preferem dar aulas no Liceu do</p>				

				<p>com prestígio, que toda a gente adorava lá andar, que era uma escola prá vida, que toda a gente ficava com saudades quando saía aa... porque tive familiares meus que também andaram no liceu e que diziam isso e quando eu disse que..." Olha, vou frequentar o liceu". Ficaram orgulhosos e ficaram... de certa maneira é um estatuto, ainda hoje, na cidade das Caldas, os alunos andarem no liceu.11-12</p> <p>Cheguei às Caldas, recordo-me perfeitamente, um dia às oito e pouco da manhã, em Setembro, pa ir ver a minha turma. Não sabia a minha, eu sabia lá onde é que estava, nem sabia onde era a escola! 13</p> <p>Eu acordava às seis e meia da manhã para estar na escola às oito e meia. E atravessava as Caldas todas, porque vinha desde a Rodoviária até lá abaixo ao liceu, portanto ainda é um tiraço.13</p>	<p>que na, na Bordalo Pinheiro, as classificações finais de avaliação são muito mais positivas na, na, na Raul Proença do que na Bordalo Pinheiro. Isso faz a diferença entre duas escolas. Faz diferença...hoje em dia as pessoas também dão importância...nisso até no próprio local onde vivem. Não vão viver pr'aquele bairro porque... porque existem pessoas piores. Preferem ir viver pra uma zona nobre. Sempre assim o foi também, não é? Se calhar, a diferença é mesmo essa. Se calhar, é mesmo uma negligência da, da própria sociedade ou duma, duma caracterização que se dá aquele local, aquele local, aquela escola. 12</p> <p>as pessoas quando entram na Raul Proença entram com uma mentalidade mais eh.....de... de uma posição superior de... não sei... talvez.13</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

			A turma: nós e os outros	Fui ver a minha turma, uma turma de trinta alunos. Eu achei aquilo surreal, prontos, quer dizer. Uma turma enorme, se bem que o funcionário disse logo: eu assim: "ai que turma tão grande, trinta alunos!"; "Ah, isso no primeiro período... metade sai logo (muitos risos)". Foi verdade. 13					As turmas de Artes eram os alunos mais velhos, mais... os repetentes as ... as turmas problemáticas todas da escola (risos), as turmas diferentes as turmas de Artes, os alunos de Artes. Encarei também essa situação, que não tinha essa noção, não tinha essa noção que as turmas de Artes, se calhar, o <i>avant garde</i> dos próprios alunos, não é? O estarem à frente, todos os símbolos, todos os mitos que se começavam a venerar, desde logo, só porque se andava a aprender Artes.13-14
			Os professores						
			Para que serve a escola	Justificando de uma forma muito simples assim, é um treino pra vida porquê? Porque nós temos que tomar opções na nossa vida... e a escola faz parte da sociedade. Nós temos que seguir as regras de uma sociedade porque vivemos nes... tem que... temos que seguir as regras de uma sociedade entre aspas. Estamos sujeitos, porque vivemos numa sociedade, portanto, estamos sujeitos às regras daquela sociedade. Portanto, naquela idade, naquele... ano de calendário... naquela situação, houve aquelas hipóteses... de escolher.					A escola treina-nos pra vida.(...) E larga-nos na vida. Treina-nos pra vida no... a escola dá-nos hipóteses. Eu quando cheguei ao nono ano vi-me com quatro agrupamentos à minha frente que não sabia o qu'é que eram aqueles quatro agrupamentos. 24 o treino pra vida porquê? Porque lá está, a escola vai-nos treinar para sermos capacitados a desempenhar um papel naquela ou na outra área. Eu refiro-me ao treino pra vida nesse aspecto. 24/25

			Portanto, nós vamos escolher aquilo que nós achamos que...24				
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	era a minha vida, era, era a minha escola, era o meu dia-a-dia, era a minha segunda casa e é a minha segunda casa, de certa forma. 10					Foi, foi importante, porque foram... foram etapas que se foram... foram, foram professores que se foram conhecendo, foram histórias, foram visitas de estudo, foram, foram dificuldades, foram negativas, foram positivas em testes, em, em avaliações, sei lá. Coisas boas, coisas más, acontecimentos nacionais que se viveram dentro daquele espaço... que ao fim e ao cabo não é de ninguém, porque à noite fica vazio e nas férias fica vazio. É uma casa de ninguém mas é uma casa de toda a gente... das escolas...os átrios públicos... é o mal dos estabelecimentos públicos, não é? Porque é uma coisa que...que, lá está, não é de ninguém e que, cria as pessoas, desenvolve as pessoas, ajuda as pessoas e nós depois abandonamo-las amhhh... sem qualquer tipo de saudade, por vezes, não é? Nem ligamos nada. "Olha, aquela foi a minha escola". Mas nem há saudades. Nem há. Eu sinto, de certa maneira saudades, sempre senti saudades. Aliás, no meu nono ano, assim como também aconteceu no meu

							décimo segundo ano foi horrível, porque eu não queria pensar que a escola ia acabar, não é? Quer dizer, era uma coisa impensável, mas prontos, aconteceu eu e...e as coisas assim vão acontecendo, não é? 10
	Adesão a actividades extra curriculares	Não, núcleos não. Lá está, eu , por exemplo, no meu Preparatório, o núcleo, a minha própria turma funcionava como um núcleo também, de certa maneira. Porquê? Porque foi uma turma desde o, desde o sétimo até ao nono ano. Assim como também aconteceu neste grupo, num determinado grupo de...de colegas de núcleo que também... Isso aconteceu. Houve um núcleo dentro dum núcleo. Houve grupos dentro de um próprio grupo, não é? As pessoas começam-se a conhecer, lá está! 18					
	A sua relação com o mundo do trabalho	há imensas pessoas que não estão e que depois até optaram por uma via profissional completamente diferente. Assim como eu optei e assim como eu também... tive. Mas isso depois já não é só, já não é uma, já não é só uma insatisfação pessoal. É aquilo que a sociedade também nos oferece. Mas, se calhar, entrei pra uma pastelaria					

		<p>porque foi a opção que eu tive mais perto de mim e mais cómoda porque , se calhar, se aparecesse uma galeria d'Arte a dizer que precisava de um vendedor, eu , se calhar, também aí ia desempenhar essa função de uma forma tão correcta e tão exacta como estou a desempenhar agora numa pastelaria.25</p>					
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)						<p>Lá está, porque nem todas as pessoas tiveram um colega e um amigo, como eu, que me disseram assim: "Vens! Se gostares ficas, se não gostares não és obrigado!" 17/18</p>
	Os motivos da adesão						
	O que é/ era o NFPC	<p>a busca pelo querer saber mais, mesmo sendo opiniões diferentes e o espanto.14</p>	<p>Porque nós... lá está, o núcleo... não nos obrigava a pensar, não nos obrigava a pensar... de uma maneira...de uma maneira obrigatória. Não nos obrigava a pensar de uma maneira obrigatória, ou sobre aquela ou outra posição... imposta.14</p> <p>Nós se quiséssemos debater o assunto debatíamos, se não estávamos... calados e nem sequer falávamos, nem sequer dávamos a nossa opinião. Estávamos pra ouvir e no entanto, nós não éramos apontados porque estávamos ali calados e nem sequer falávamos nada. Não é? 14</p>				

	Significado atribuído à vivência no núcleo	Geral	<p>Lá está, o próprio, o próprio, o próprio estar é importante também, mesmo sem nós darmos a nossa opinião. Isso hoje em dia, numa sociedade, também é muito importante e no nosso dia a dia também é importante. O nós olhamos pra uma pessoa que não fala ou que não, ou que não se confessa sobre certo ou determinado assunto, não é? Nós não vamos, nós por norma, ou as pessoas por norma têm tendência a dizer aquele é mais desconfiado, ou é mais orgulhoso, ou... ou tende a filtrar as pessoas porque tem a mania, ou não sei quê. Não! A pessoa... se não quer se pronunciar não se pronuncia. O núcleo também... isso faz par... isso fazia parte também do núcleo. Muitas das pessoas quando não tinham argumentos... lá está! Se calhar, até estavam a reflectir, se calhar, até estavam a apresentar os seus próprios argumentos, mas também tinham a liberdade de pensar pra eles, ou pra nós, não é? 14</p> <p>la-se ali buscar o conhecimento do, do ouvir, tomar atenção, captar, não é? Ouvirmos essencialmente aquilo que se falava e debatermos e depois saímos de lá íamos, por exemplo,</p>			<p>é ótimo para nós, é ótimo para o ser humano saber que tem um conhecimento de alguma coisa e sentir-se bem com ele próprio. Nós quando temos dúvidas, por mais que não... nos queiramos preocupar em esclarecer essas dúvidas ficamos sempre com a nossa... com o nosso subconsciente ah... não tranquilo. Não é? E, quando nós encontramos a resposta para algo que já tínhamos falado há um tempo atrás, se calhar, nem tínhamos dado muita importância, mas que ficou lá, não é? Ficamos mais, eu fico mais calmo. Fico mais calmo, porquê? Porque, não é não é abandalhar a conversa, nem é, nem é desprezar a conversa na altura, porque, porque não achei bases nenhumas nem achei, nem achei, nem achei conteúdo nenhum para justificar aquela, ou a outra conversa. Mas agora vou achando. Se calhar, na altura, até nem achei. O assunto falou-se, a campanha tocou, nós saímos e a conversa ficou a meio e, se calhar, até fomos pra casa e surgiu uma outra coisa e...e... e aquele assunto esqueceu-se e ao fim de um ano ou dois e acre dito que pró, pró resto de, de todo o meu ser e de toda a minha vivência, todos</p>
--	--	-------	---	--	--	--

				<p>no percurso escola-rodoviária ou, ou entrarmos dentro do autocarro e todo o mundo estar estafado e morto às sete da noite, a cair pó lado, de rastos, à nossa volta, e nós irmos pra casa e, e pormo-nos a pensar sobre aquele ou o outro assunto.</p> <p>14</p> <p>O que é que levou aquela pessoa a fazer isto ou aquilo? Porquê? E, então, (pausa) quando nós nos deparamos, se calhar, três dias, quatro, um mês, dois meses, um ano, eu posso dizer isso porque já passou um ano, não é? Ou mais! ... Se calhar, só ao fim desse tempo todo é que nós vamos agora encontrar respostas. Por isso é que o núcleo está a ser muito importante pra nossa vida futura. Porque, se calhar, só agora é que nós estamos a entender, realmente, a posição de que... que o Ruben ou... a Carolina, ou... ou alguém tinha sobre aquele assunto, porque, se calhar, na altura sabia mais sobre aquele assunto do que nós, ou estava mais... interessado do que nós e, no entanto, nós agora estamos a captar sinais, no nosso dia-a-dia, coisas que, se calhar, até... não nos dizem... não têm aviso prévio, não é? "Olha, lembras-te daquele assunto que tiveste há não sei</p>			<p>os assuntos, directos ou indirectos, não quer dizer que vá, que vá falar de toxicodependência, porque de toxicodependência fala-se todos os dias... não é? ou de prostituição, ou de homossexualidade ou... seja lá daquilo que for, de tantos, de ambiente, de política, de religião...15</p>
--	--	--	--	---	--	--	---

				<p>quantos anos atrás, no núcleo? Agora tas-te a deparar com ele", ou a sociedade, agora, está-se a deparar com isso e, agora, nós estamos aaa, e...nós, pontualmente, estamos a interagir com o núcleo! 15</p> <p>há respostas que nós precisamos de encontrar, ou de captar, que só conseguimos, ou que só agora, achamos resposta e conseguimos, digamos que... que memorizar de uma forma mais consciente..... aquilo que se falou há um tempo atrás. Se calhar, até se falou no assunto, mas não se achou uma, realmente uma resposta E, então, fica-nos, fica-nos sempre aquela dúvida. Essa é a importância do núcleo pró... nosso, pró nosso, prá nossa, pró nosso desenvolvimento, pró nosso dia-a-dia, prós nossos anos, prá nossa passagem pla Terra.16</p>				
		A confiança dentro do núcleo	<p>eu quando fui pela primeira vez àquela sala, eu não senti confiança em ninguém, mas também não senti descrença (pausa). Não é? Não senti que, havia ali um grupo de pessoas que me iria fazer mal mas também não senti que havia ali um grupo de pessoas que iam proporcionar uma, uma sensação</p>					<p>Em todos os grupos isso acontece, em todos os núcleos isso acontece. Porquê? O simples facto de nós estarmos a falar, e agora nesta conversa está a acontecer o mesmo, eu tou a falar e, eventualmente, está a tirar conclusões daquilo que eu tou, que eu tou a falar e era o que acontecia. Portanto, isso é um</p>

			<p>fantástica pró resto da minha vida. Senti, lá está, como é característica do núcleo, e isso tá, tá, tá inserido... inseriu-se em mim logo nesse aspecto... que é algo neutro... que é algo positivo enegativo. 18</p> <p>É claro que o confiar vem depois. O apostar na pessoa vem depois. Primeiro há que haver um reconhecimento da pessoa, não é? 18</p>					<p>conhecimento. Isso é uma avaliação das outras pessoas. Não é? eu não ia dizer: Olhem, eu vou dizer isto só porque aquela pessoa vai pensar que eu sou o maior, mas depois eu tinha uma outra pessoa ao lado que já achava o contrário, portanto não valia a pena! 18</p>
		Lidar com as deiferenças dentro do grupo			<p>é importante, também, nós sabermos, realmente, aquilo de que gostamos e o que queremos. Não levantarmos dúvidas sobre tudo aquilo que fazemos ou que, ou que vamos...desenvolver pra nossa vida, não é? O facto de sabermos que vivemos numa sociedade que tem regras e que dentro dessas regras, por mais que nós não concordemos com elas podemos conviver, com elas, ou podemos viver com elas de uma maneira diferente, de uma maneira...mais... não é nem mais aberta nem mais fechada... de uma maneira... é... diferente! Podemos... nós, nós... assumimos essas diferenças. Nós assumimos essas regras. Porquê? Porque... não mesmo não</p>			

					<p>fazendo parte delas, ou mesmo não nos identificando com elas, sabemos que elas pertencem a um... a um turbilhão de gente que não somos nós. Portanto, se não tem significado pra nós, tem significado pra outras pessoas e essas pessoas, certamente, têm uma resposta pra isso. Lá está! Nós ainda não encontramos essa resposta, para valorizarmos isso, não é? , se calhar, só... é a tal coisa, se calhar, só daqui a um ano ou dois, é que depois de reflectirmos, agora, sobre isso, é que vamos achar resposta pr'aquilo que, que... alguma coisa... qu'até pode ser no nosso dia a dia. Podemos até passar por uma pessoa e...e vê-la... e... e achar resposta pra uma questão que tínhamos há dois ou três anos atrás. Isso influencia, influencia-me a mim...na, na sociedade na maneira com que eu convivo com as pessoas. Eu sei aquilo que quero e sei aquilo que gosto e sei aquilo que...que preciso pra viver. No entanto, também sei, sei que tenho que respeitar aquilo que as outras pessoas pensam, mas não vou excluir de fazer, ou de dizer aquilo que eu quero, ou aquilo que eu penso, só porque um grupo, ou outro, pensa de uma outra maneira porque aí</p>			
--	--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>não iria estar a ser eu, então seria, seria... uma alma perdida é uma palavra muito forte, mas digamos que era algo de perdido no meio de tanta coisa. Porque se há tantas pessoas, há tantas, há tanta modalidade de, tanta diversidade de... de opiniões, de raças de...de vestuário, ... sei lá...de culturas, não é? Eu acho que não tem lógica as pessoas, hoje em dia, tarem-se a massacrarem em dizer... estarem a apontar o dedo a isto ou àquilo, de uma forma irreflectida, porque... tudo tem sentido tudo tem o se... se as coisas existem é porque elas têm razão pra existirem. Se as dúvidas surgiram foi porque ela pensou sobre isso, ou porque ou porque houve algo que atravessou a vida dessa pessoa, ou que surgiu, podia até ter sido na rua das montras, não é? Mas que surgiu! Portanto, tem valor.19/20</p>			
	Aspectos negativos/positivos deste tipo de grupos			<p>Se calhar, há aspectos negativos, por exemplo, o aspecto de haver um horário, o aspecto de...de por exemplo não termos disponibilidade, quando queremos ou o facto de por vezes ser a tal conversa no café porque não há uma sala, porque a sociedade, lá está, não está preparada para este tipo de</p>				

			grupos e para este tipo de, de situação, porque é uma situação diferente pra sociedade, até pras, pras nossas mães ou prós nossos irmãos.23				
	Achavas-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê? Eu, os do grupo e os outros	Acho-me uma pessoa essencialmente normal, perfeitamente normal, contudo privilegiado de ter participado no núcleo. Privilegiado. Considero-me uma pessoa na minha época, na época em que atravessamos, com toda, com toda, com todas as problemáticas de adolescências e... e vivências de jovens. Hoje, em dia, considero-me... que sou privilegiado e que sou, que sou, que sou diferente! Que sou diferente das outras pessoas, porquê? Porque tive algo diferente na minha vida! Posso contar isso a uma outra pessoa. Posso dizer, eu participei nisto ou naquilo, isso faz de mim uma pessoa diferente. Faz de mim uma pessoa com currículo. 17					Porque, se calhar, acordaram num dia que se lhes dissessem assim: "És capaz de me dizer sim e não? Eles diziam assim: "Não, não sou! Só digo não!" Porque, se calhar, se acordassem... eu , não digo mais bem dispostos (risos), não é? Não é essa a questão. Não é essa a questão, ao fim e ao cabo digo se, se acordassem mais abertos pró mundo, mais ponderados, mais... não é também tar a dizer que só pessoas ponderadas e abertas pró mundo é que podem pertencer ao núcleo ou que vão pertencer ao núcleo.17
Escola/Núcleo: a comparação							é assim, hoje em dia a sociedade lá está, a sociedade vive num turbilhão. Toda a gente sabe algo, ou é especializado n' alguma coisa, sendo formado academicamente ou não, não é? E o qu' é que acontece? Acontece que... Nós ... estamos perante pessoas,

						<p>como eu estive, com o cabelo verde, um vestido preto e botas de biqueira d'aço, não é? e achamos completamente diferentes, mas , se calhar, têm tantas respostas pr'aquilo que nós queremos saber e que nem sequer temos consciência de que queremos saber aquilo. E, no entanto, há aquela pessoa e o núcleo, o núcleo numa escola é fundamental ou pode-se tornar fundamental caso seja adoptado por mais escolas, ou por mais, ou por mais grupos, sejam, sejam de cidadania sejam de uma outra coisa qualquer. Um núcleo, uma coesão de, de pensamentos de, de... sei lá... de (pausa). É isso, é pensamentos e... está-me a faltar as palavras de... o que eu quero dizer é que nós passamos por milhares de pessoas todos os dias que podiam nos ser... óptimas à nossa vida e que podem, podiam ser ou não, mas porquê? Porque lá está, essas pessoas podiam dizer o sim, o tal sim e o tal não, não é? Nós podemos ir ter com uma pessoa e dizer: "Olha, queres ir pró núcleo de cidadania?" e essa pessoa diz "Não" redondamente, porque não está, minimamente, interessada em ir pra um grupo de cidadania. Mas, se calhar, se essa</p>
--	--	--	--	--	--	--

						<p>pessoa... reflectir um bocado, assim como nós reflectimos e pensar, ou quando está a pensar, ou a tentar descodificar algum problema, tivesse a capacidade de se inserir num núcleo, ou num grupo... de pessoas que pudessem eventualmente dar respostas ah, aa, a essas tais ...questões, qu'essa pessoa tinha, ou tem, ou até...as questões, dúvidas, prontos! Ou, assim como nós... uma conversa puramente banal de café! Não é? Pode ser uma conversa de café ou...16-17</p>
Família/Núcleo: a relação						<p>Se eu disser que a minha mãe, ou os meus irmãos, que eram as pessoas com quem eu falava de uma forma mais directa do núcleo, compreendiam o que era o núcleo, não compreendiam, não estavam no núcleo. Mas sabem o que é um núcleo, sabem o que é uma reunião de pessoas que vão debater algo, porque em casa acontece isso mesmo, não é? Portanto...eles nem sequer perguntavam ou tinham muita curiosidade em dizer assim, mas explica-me isso afincadamente, como é que funciona? O que é que se passa? Porque eles sabem. 23</p>

Estudar “fora”	Porque sim, porque não		<p>O fascínio, porquê? Por tudo o que é diferente. Lá está, nós... nós vivemos numa sociedade... vivemos...vivemos na nossa cidadezinha, no nosso cantinho e... é bom até uma certa altura, mas depois há a descoberta, há o querer, lá está, começamos a subir as escadas...25</p> <p>(...) nós não pensamos nos riscos.20</p>				
	Reacções à ideia	<p>Seduz-me. Seduz e isso, e isso, de certa maneira... se calhar, se me perguntasse há quatro ou cinco anos atrás eu dizia... que estava com uma posição muito mais cómoda e muito mais... pacata e dizia assim: Não! Estou extremamente confortável onde estou! Não vou, não vou estar a passar por isto ou por aquilo, não quero, estou bem, sinto-me bem. O núcleo também me ensinou aaaaah a gerir essa, essa vertente. A vertente do enfrentar as coisas.20</p>				<p>Primeiro, economicamente não era viável (riso), porque... eu não tenho pais ricos (muitos risos) e segundo, porquê? Assim como, lá está, mais um orgulho, entre aspas, porque cresci a ouvir as histórias da minha mãe dizer ai há não sei quantos anos atrás podia ter ido viver pa Londres, há não sei quantos anos atrás podia ter ido viver pa Paris, há não sei quantos anos atrás...20</p>	
Os projectos							<p>O meu projecto de vida é construir a minha vida. É como as casas, as casas nós construímos num projecto e quantas e quantas vezes depois do projecto de uma casa estar feito e pensarmos ser ideal...quando passamos pela maquete, passamos por todo o processamento, as</p>

						<p>licenças e não sei quê e depois construímos a casa, a casa já está com o telhado e nós dizemos, Meu Deus! Isto é horrível. Portanto, o núcleo ensinou-me, a mim, isso Pode haver projectos, mas os projectos têm que ser pensados, têm que ser reflectidos. Não há uma coisa fixa, não há algo que esteja... atacadado! Não é? É óbvio que eu posso dedicar-me a uma área específica, posso-me dedicar e, e, assim como dedico! Dedico-me aos desenhos, não é? Procuo, procuro informar-me com revistas de arquitectura, procuro ver trabalhos de outras pessoas, procuro saber tendências 25</p>
A minha visão de mim e dos outros	<p>Sem stresses, sem... sem.... sem a confusão do dia-a-dia, das rotinas. Não havia, não existia! Isso deu-me liberdade para... para sonhar e para viver uma infância feliz para, para ter toda... para viver as coisas no seu devido tempo e no seu devido lugar, para que... as coisas serem vividas não à pressa, mas... não serem vividas à pressa, mas ... saboreá-las. Quando elas aconteciam eram saboreadas.2</p> <p>E sempre fui muito acompanhado por pessoas idosas, por</p>	<p>O facto de um colega levar uma bola nova pra escola, que hoje em dia não se dá a mínima importância a isso, ou o facto de nos juntarmos aos três e os quatro e irmos pa casa dum colega e lanchar e tarmos lá toda a tarde, até à nOite! lrmos noite escura pra casa, e mesmo assim, chegarmos a casa, nem sequer irmos tomar banho e irmos ainda brincar com os cachorros ou com os gatos ou os pássaros e, e... tarmos ali até às oito, nove, dez horas da noite sem qualquer tipo de rotinas diárias, 2</p>	<p>Eles sabem o que é um núcleo, sabem que... é possível ter um núcleo, assim como há um núcleo familiar. Porquê, porquê que a família é tão importante para o equilíbrio de uma pessoa? Porquê que a família é tão importante para as sociedades? Porque é um núcleo! Porque é, dentro daquela sociedade, é dentro daquela família, é dentro daqueles três ou quatro ou cinco ou vinte pessoas que compõem uma família na totalidade ou em número de casa, em número reduzido, que depois as pessoas vão</p>	<p>estava na minha família, portanto, não é um fantasma, mas é... uma presença que não está presente! Sentimos falta dela, mas, ao mesmo tempo, também não sentimos, porque lá está, como eu estava a dizer, ao mesmo tempo criamos a tal força para vivermos sem ela, vivermos sem... termos necessidade de viver com ela, ou de estar com ela.7</p>	<p>a partir de que eu entrei no Preparatório. A partir do momento em que se tem que fazer uma redacção. Se tem que fazer uma composição, que se começa a dialogar com os colegas de uma forma verbal mais...mais verdadeira, a relatar o dia-a-dia. Comecei a notar que não tinha bases. Não tinha, não tinha, não tinha consciência... Tinha consciência que aquela pessoa pertencia à minha família, mas ao mesmo aspecto, ao mesmo tempo tinha consciência que essa pessoa não estava</p>	<p>Nas cidades não, não se nota. O ano passa. Sabemos que é Inverno porque chove e sabemos que é Verão, porque vamos até à praia ou porque está calor e ali não. Existia a Primavera, existia a chegada das andorinhas, os ninhos. Acompanhávamos tudo isso, de uma forma mais...mais pormenorizada. Valorizávamos mais isso, portanto era... foi sempre algo que em mim, também, se calhar, por isso, desenvolvi uma sensibilidade maior e ... pr'aquilo que eu gosto hoje, que é,</p>

	<p>peessoas que me contava muita coisa, que eu retirei muito, e que ainda hoje retiro, porque adoro ouvir histórias, adoro contar também, e isso foi muito importante pra mim. Vivía rodeado e era acarinhado por uma série de velhinhas, entre aspas, que viviam na minha rua e que me consideravam (sorriso largo). Eu, mesmo não tendo eu avós biológicas, por já, por já serem falecidas, consideravam-me, a mim, um neto, não é? E, portanto, fui sem... sentia-me, eu e os meus colegas e ... sentiamo-nos protegidos naquele grupo, naquela sociedade, naquela aldeia.</p> <p>2/3</p> <p>a minha mãe, a minha mãe nasceu no Pó, viveu no Pó até aos 14 anos. Depois foi viver pra Cascais, Cascais-Praia Grande. Regressou aos 24 anos, conheceu o meu pai, que sempre viveu toda a vida lá, no Pó, também. Nasceu na aldeia, cresceu e depois acabou por conhecer a minha mãe lá e casaram-se e formaram, lá, a casa deles, formaram, lá, a família deles e continuaram lá, apesar de terem convites pra irem pra... na altura a emigração... Inglaterra, Espanha, França qu'era muito... os meus pais</p>	<p>Coisas que a minha mãe nunca teve a necessidade de nos contar, de nos contar, a nós, também para que... pra... de certa maneira para não nos magoar e também porque, certamente, será um pouco difícil pra ela lidar com essa situação também. Porque ela também está presente nessa saudade, e nessa mágoa porque nós, porque foi o homem com quem ela casou e foi um namoro atribulado. 8</p> <p>Nós temos coisas tão bonitas ao nosso lado e, por vezes, vamos lá e perdemos-nos! Ou não as conhecemos e chegamos lá e ficamos boquiabertos, porque a nossa vida não é virada pr'ali, é pr'a um outro local E, então, ... às vezes, podíamos dar uma voltinha maior, mas não! A nossa vida... é condensada naqueles sítios E, então, é naquele sítios que nós nos envolvemos.</p> <p>13</p> <p>Há escolhas, mas também há muitas encruzilhadas. Não é? E nós não sabemos qual é a encruzilhada certa.</p> <p>27</p>	<p>tomar decisões sobre aquilo que vão fazer, também tomam decisões sobre aquilo que a família pensa, sobre aquilo que ponderaram com a família, numa conversa, que, se calhar, até foi no Natal de há...do ano não sei quantos e que falaram naquilo e... depois vão-se lembrar... "Hi! Naquele Natal falámos sobre isto, aquilo e aqueloutro". 26</p> <p>É como eu ia dizer, não digo que eu seja mandrião. Se calhar, se calhar, eu podia se, se calhar, eu podia procurar, ir... procurar ah... de uma forma mais directa e mais perspicaz algo que se condizesse mais com, com isso, não é? Algo que tivesse mais a ver com. Só que, se calhar, todas as escolhas que eu agora fosse fazer sobre isso, sobre esse aspecto e sobre essa, sobre essa pesquisa, se calhar, não me iriam satisfazer e não iriam até estar correctas, não iriam até estar correctos sobre o, sobre aquilo que eu penso, sobre aquele determinado assunto. Porquê? Porque eu ainda tenho de ouvir muito da sociedade, ainda tenho que satisfazer muitas dúvidas, muitas questões para estar realmente preparado... para quando entrar naquele campo e para quando entrar</p>	<p>na minha família, portanto, não é um fantasma, mas é... uma presença que não está presente! Tinha consciência que aquela pessoa pertencia à minha família, mas ao mesmo aspecto, ao mesmo tempo tinha consciência que essa pessoa não</p>	<p>fundamentalmente, as Artes e o Design e tudo isso... pra mim, eu dei logo muita importância a isso. Se calhar, por ser o clá da minha família, não sei, não é? Talvez por ser numa aldeia, não sei, mas... 3</p> <p>Depois, sei lá, a escola primária, as primeiras emoções, o ir pra escola primária, o aprender, o afiar os lápis até não haver mais lápis, o destruir dois e três lápis por dia, o... sei lá... o chegar a casa todo enlameado no Inverno, o cheiro, o cheiros das folhas, das vindimas da... é a grande diferença e das melhores recordações que eu guardo da minha infância. São os cheiros. Os cheiros e as tradições das aldeias. Nas cidades não, não se nota. O ano passa. Sabemos que é Inverno porque chove e sabemos que é Verão, porque vamos até à praia ou porque está calor e ali não. Existia a Primavera, existia a chegada das andorinhas, os ninhos. Acompanhávamos tudo isso, de uma forma mais...mais pormenorizada.3</p> <p>se calhar, tem coisas más como todas as outras famílias. Tem as desavenças familiares, tem os atritos, tem os stresses também nas conversas que se têm à mesa, diariamente, não é?</p>
--	--	--	--	--	--

	<p>já se tinham casado há bastante tempo. 3</p> <p>Sei lá, o meu pai, quando eu fiz quatro anos, comprou um burro (risos). Sei lá, as coisas mais mirabolantes que podem acontecer. Eram coisas super simples, não é? Mas que no fundo, no fundo têm muita, pra mim, eu acho que são fundamentais pra um crescimento equilibrado de uma pessoa porque... O tempo... é muito importante! Era especial, pra mim, quando eu ia pra escola que se falava no Inverno, não se conhecia a neve de forma alguma, mas imaginava o Inverno com muita neve e, no entanto, o começo pra mim do Inverno era o cheiro das vindimas e o barulho dos lagares na minha rua, e é verídico. Ainda hoje existem. 4</p> <p>depois de uma infância, de uma infância volumosa e ...especial, não é? Acompanhada com todos os mimos, com tudo aquilo que eu queria, houve a, houve a ... o corte! O corte devido ao falecimento do meu pai E, então, aí... é assim, a partir dos meus nove anos começ, não me lembro de, quer dizer, recordo-me de todas estas sensações, da maneira como fui educado, mas não me recordo de nada em especial daquilo que... não me</p>		<p>naquele meio realmente saber esclarecer, a todas as outras pessoas que me possam fazer qualquer tipo de pergunta... preciso de saber informar a pessoa, preciso, preciso de dizer, Não, eu tenho capacidade para dizer Não e Sim. 26</p> <p>Pode ser, ou então é como eu tava a dizer, também é o facto de, de eu, pelo menos na minha arquitectura, se calhar, eu iria ao fim destes anos todos em que vivi num, num, não digo num sonho, mas num, num núcleo meu, num prazer meu, porque nós também temos os nossos prazeres pessoais, não é? Independentemente de cada um achar ou debater, é óbvio que nós, por exemplo, se eu debater um prazer pessoal meu com outra pessoa, mesmo do núcleo que seja, eu tenho a capacidade de aceitar aquilo a que essa pessoa diz, mas sei que é um prazer meu e é algo que nós no núcleo nem nunca reparámos nisso, não é? Podemos até nem nunca ter falado nesse aspecto. São prazeres pessoais. São prazeres que são só nossos. Por mais que a sociedade os condene, ou diga que é diferente, ou... já não digo os prazeres tabus, nem nada... mas coisas nossas. São coisas que não</p>		<p>É uma família normal, se bem que... eu acho que... a diferença entre o meu pai e a minha mãe... também contribuíram para que, eu e os meus irmãos, ah.... Aquilo que eu sinto e que eu estou agora a relatar é o mesmo que eu noto que os meus irmãos sentiram porque fomos criados da mesma maneira e a minha mãe diz precisamente isso porque não houve uma diferença, porque ele foi pró colégio A e o outro já foi pró colégio B. Não! Todos crescemos no mesmo quintal...aaah, todos tivemos um cachorro quando éramos mais pequenos. 3-4</p> <p>se calhar, tem coisas más como todas as outras famílias. Tem as desavenças familiares, tem os atritos, tem os stresses também nas conversas que se têm à mesa, diariamente, não é? É uma família normal, se bem que... eu acho que... a diferença entre o meu pai e a minha mãe... também contribuíram para que, eu e os meus irmãos, ah.... Aquilo que eu sinto e que eu estou agora a relatar é o mesmo que eu noto que os meus irmãos sentiram porque fomos criados da mesma maneira e a minha mãe diz precisamente isso porque não houve uma diferença,</p>
--	---	--	--	--	---

	<p>recordo do meu pai, não me recordo... O meu pai faleceu no dia em que eu fiz nove anos.4</p> <p>toda a gente gostava muito dele e foi um choque enorme, porque ninguém estava à espera e, então, eu ao fim de ... viver aquela vida toda calma e.... e diferente e... sem pensar em mal deparei-me... de uma coisa completamente diferente do que era o meu dia-a-dia. Deparei-me com, com conversas de advogados, que eu nem sequer sabia nem pensava, deparei-me com finanças, deparei-me com, com, com heranças, com tribunais, com, com todos os termos legais que são obrigados a serem, a serem efectuados quando uma morte acontece numa família. Isso pra mim assustou-me um bocado e fez com que eu apagasse toda aquela, toda aquela infância.4-5</p> <p>Fez com que eu abrisse os olhos pró mundo! Não é? Porque foi uma fase, Se bem que não houve qualquer tipo de... de... de raivas, nem de rancores, como eu disse, nem de Porquê que isto acontece? Sim! Toda a gente o pergunta. Porquê no dia do meu nono aniversário? Toda a gente fazia essa pre,</p>		<p>são debatidas com mais ninguém. Por mais que nós podemos ouvir falar disto ou daquilo ou daquelo outro e não sei quê e nós no nosso subconsciente Oh! Eventualmente, identifico-me com isto, identifico-me com aquilo. Por vezes pode-se ver isto, ou pode-se ver aquilo, mas que nem sequer comentamos com as outras pessoas porque não tem lógica. Porquê? Porque é nosso. Não é? 28</p> <p>Não! A minha mãe dá-me imensa força. Por acaso, eu, nesse aspecto tenho muita sorte, porque a minha mãe também é uma pessoa que.....desde que, não é dizer que eu tenha que justificar as coisas perante ela. Eu não tenho que justificar nada. Aliás, eu, eu já cheguei a dizer a colegas meus que não sei como é que nunca me tornei toxicodependente, nem marginal porque a minha mãe sempre me deu uma liberdade... incrível e... em todos os aspectos m esmo quando vim aqui pra Caldas podia ficar mais, eu não digo que ela não ficasse preocupada, mas mais atenta, estar mais... em cima dos acontecimentos...mas em quatro anos que eu andei no liceu a minha mãe só entrou no liceu duas vezes. E eu não considero isso uma</p>		<p>porque ele foi pró colégio A e o outro já foi pró colégio B. Não! Todos crescemos no mesmo quintal...aaah, todos tivemos um cachorro quando éramos mais pequenos. 3-4</p> <p>eu não, não fiquei enraivecido porque aquilo aconteceu, digamos que a guardei de uma forma muito especial para... se calhar, a partir de agora, que já passaram treze, catorze anos, começar agora, se calhar, a saboreá-la novamente, ah... tirar partido daquilo que ela me deu e...5 Ela a infância. No entanto, porque foi uma fase diferente, foi um subir... por vezes, as pessoas dizem que nós subimos um degrau de uma vez só. Os meus nove anos, se calhar, pode-se acrescentar mais dez porque tive que assumir uma mentalidade, se calhar, de uma pessoa de nove. Subi, subi aquele patamar de uma forma sozinha e brusco e cheguei lá acima... é como nós estarmos num prédio e subirmos o elevador, abre-se as portas e nós dizemos: -em que andar é que eu estou? Pra onde é que eu vou? E a partir daí tomei consciência... ninguém me disse isso! Mas tomei consciência de que, tudo aquilo que eu</p>
--	--	--	---	--	---

	<p>ess..., queria, interrogava-se a si própria, não é? Mas eu nunca achei isso também como um aspecto, não digo positivo mas ...de...de uma nova etapa, de um novo, de um novo caminho. 5</p> <p>Portanto, segui isso de uma forma... natural. Encarei o meu dia-a-dia... podia-me revoltar: mas porquê que eu não me lembro de, de episódio nenhum com o meu pai? E foram inúmeras as festas, foram inúmeras as viagens, foram inúmeras as fotografias. Porquê que eu vejo as fotografias e eu não me lembro daquele momento? Porquê que eu me recordo das viagens e não me recordo da figura do meu pai (agastado), do som, do cheiro, da, da, sei lá, do toque dele? E era uma pessoa que me tocava constantemente, porque, porque era uma pessoa que gostava, e acredito que goste, né? Esteja lá ele onde estiver, dos filhos, da família. 6</p> <p>Sei lá... desenvolvi, comecei a desenvolver, se calhar, a partir dessa altura, se calhar, uma forma de refúgio, que eu hoje considero que, se calhar, tinha sido e que eu desenvolvi, se calhar, a aptidão para desenhar e... para estar mais tranquilo,</p>		<p>falta de, de preocupação da parte dela, porque não. Ela estava presente. Ela sabia as minhas notas tão bem quanto eu porque a carta ia pra casa e ia no nome dela, não é? Portanto, só ela é que a abria. No entanto, ela não sentia necessidade. Porquê? Porque sentia confiança em mim. Sente confiança em mim. Portanto, e sente que eu estou a crescer. Todas estas etapas que eu estou a atravessar e que eu estou, que eu estou a passar de dias e anos de... sei lá, de épocas, não é? Ela sabe que com isto eu estou a aprender e com isto eu depois vou saber filtrar outras coisas. E foi aquilo que me aconteceu e que desde logo eu tomei consciência e como eu tomei consciência e ela apercebeu-se que eu tinha, realmente, tomado essa consciência, de que tudo aquilo que eu fizesse quem iria sofrer as consequências era eu, porque eu não iria ter um pai ou uma mãe para ir pedir satisfações a alguém, ou ir pagar a multa a alguém ou, ou ir tirar satisfações a alguém. Ela tava-se pouco marimbando pra isso, não é? Portanto, tu tens que assumir as tuas responsabilidades, tu tens que viver sobre o teu ser, o teu, o teu, a tua pessoa!</p>		<p>fizesse seria de minha, da minha... seria eu o responsável! 5</p> <p>Se bem que eu, eu comecei a desenvolver esta característica de uma forma muito natural, sem qualquer tipo de...de..."Olha, vou ter que fazer aquilo, porque ele fazia" ou porque alguém da minha família fazia. Não! Eu faço um trabalho completamente diferente daquele... que eles (pausa breve) presumivelmente fariam! 6</p> <p>Parece uma história de filme, mas é verdade, as famílias adiavam-se e, e a minha mãe mesmo assim casou-se com ele e... teve três filhos com ele e viveu feliz até, até, até um domingo (pausa) que ele entra numa ambulância pelo próprio pé e entra no hospital pelo próprio pé e já não saiu à quarta-feira ((tristeza)). 8</p> <p>Tanta coisa que... ao fim de catorze anos nós estamos a realizar agora... coisas que ele já... se fosse vivo, já tinha feito há anos, mas que só agora é que nós estamos a conseguir ter força e outros meios, financeiros, tudo mais, não é? Pra fazer isso, que era aquilo que ele gostava. E ele deixou-nos, a nós.</p>
--	--	--	--	--	--

	<p>mais calmo, mais... que já vem da infância essa... essa... essa tendência da tranquilidade, do, do ser despreocupado com tudo e mais alguma coisa (risos), contudo responsável 6</p> <p>Mas comecei a desenhar, comecei-me a entusiasmar pelas obras, pela construção civil, pelo, pelo construir coisas novas, pelo seguir em frente e foi uma busca. Todas as obras que havia nas casas ao lado da minha e não sei quê, eu tava lá, a ver, eu falava com os construtores, com os carpinteiros, porque era uma coisa que, também hoje é que eu descubro e me vêm dizendo, também, já é de herança, de certa maneira, se bem que eu nunca liguei a isso, nunca olho a isso, porque, também o meu pai, também as pessoas da minha família eram pessoas ligadas à construção, ou à remodelação de espaços, de, de criar ambientes. 6</p> <p>Os meus desenhos do infantário eram apenas casas (riso) com uma grande chaminé, com um grande fumeiro, ah pronto, uma porta ao centro e duas janelinhas características dos desenhos, mas... e escrevia, pedia para escrever "a minha casa" ou "a casa do meu cão" 6-7</p>		<p>Portanto, tens que escolher o melhor pra ti. E ela acredita que se eu tou a tomar escolha, se eu estou a fazer aquilo que estou a fazer certamente é o melhor pra mim e se o estou a fazer é porque não estava bem, logo, se não estava bem, ela não me vai estar a dar apoio. Certamente, não digo que não terá pena (entoação e baixou a voz) porque é um trabalho tranquilo, não sei quê, lá está, a tal questão da, da, da pessoa se acomodar, não é? Estar, estar, estar inserido numa sociedade em que a pessoa te pergunta "O que é que fazes? Faço isto. Há quanto tempo? Há não sei quantos anos". Estás inserido numa sociedade E, então, vida rola, não é? Mas, no entanto, se ela se apercebe que um dos filhos não está feliz, ela também não se sente feliz. Se calhar, também não tenta, não tenta, ela não tenta, nem o faz. Ela não vai arranjar solução pra uma felicidade. Mas... cada um... eu, tenho que procurar a minha própria felicidade. Tenho que procurar a a minha própria solução. Não vai ser ela a dizer"eu vou falar com o fulano, eu vou falar com beltrano para que realmente possa mudar a tua vida. Não! Ela nunca fez isso. Em, em, de forma alguma, em</p>		<p>essas bases, que nós, ainda hoje, veneramos e que ainda hoje apostamos nelas, porque sabemos que são certas, são correctas, são o melhor pra nós. 8-9</p> <p>é chato, mas a vida toma, toma caminhos diferentes e nós, por vezes, temos um amigo que nos é tão querido e tão, e tão chegado e chegas ao fim, chega-se ao final de um período e parece que já não faz nada sentido, não faz sentido estarmos ao pé daquela pessoa. Porquê? Porque seguimos estradas diferentes. Eu fui pra um lado e ele foi pra outro e depois estando em estradas diferentes, mesmo que haja um cruzamento ou mesmo que haja uma rotunda, a ligação já não é a mesma. Há uma quebra. Há uma quebra, se calhar, também porquê? Porque era o Preparatório e também a construção das amizades é diferente. Não se dá tanto valor, no entanto, senti muita afinidade com todos os meus amigos e senti que eram mesmo, mesmo meus amigos. (...)Os de turma, de fora de turma, todo o clã escolar,9</p> <p>agora, quando nós olhávamos pró relógio, realmente, ter a necessidade de ter um relógio e de pedir um telemóvel</p>
--	---	--	---	--	--

	<p>Foi uma...foi uma fase tão... a infância e a adolescência também, se bem que, a adolescência, como eu lhe digo, foi algo mais, mais, mais cauteloso, com mais atenção aquilo que se passava à minha volta, porque já não tinha, entre aspas, sabia que já não tinha alguém que me pudesse proteger.⁷</p> <p>nunca tive problemas em falar do meu pai, aliás, sempre tive muito orgulho em falar do meu pai. E sempre tive e... aliás, era... ainda hoje, das coisas que me dá mais prazer é chegar ao pé de alguém e essa pessoa, por exemplo, perguntar de quem é que eu sou filho? ⁸</p> <p>Nas aldeias, os emigrantes e não sei quê, mesmo pessoas que estão fora da aldeia bastante tempo e eu dizer: "olhe, sou filho do, do José do Sérgio, que era o... o José era o meu pai e o Sérgio era o pai dele, portanto era o filho do Sérgio", já vem a herança, não é? Os nomes que se acumulavam de família ⁸</p> <p>E as pessoas olharem pra mim, e com uma saudade imensa, e dizerem: "o teu pai era fantástico!" e era uma pessoa assim, assim e eu, agora, vou recolhendo, a pouco e pouco, informações. ⁸</p>		<p>qualquer tipo de ponto. Nunca fez isso, nem escolar, nem... ela sabe que (pausa). Só aquilo que tu vais escolher é que é bom pra ti. Seja bom ou mau. Eu tenho a sorte também de ter uma mãe assim, não é? Porque há muitas mães que opinam de maneira diferente na educação dos filhos. A minha mãe nunca fez isso. Posso dizer que em nove anos em que vivi com o meu pai nunca levei, nunca levei uma tarefa do meu pai, e da minha mãe não me recordo. E a minha mãe diz que lhe mete confusão aquelas mães que, por exemplo, estão com as crianças, e estão constantemente a dizer "não mexas! Está quieto! e pára quieto! e vai-te sentar! e vai não sei pra onde e olha que isso cai e que isso parte-se". A minha mãe diz que isso é horrível pró desenvolvimento de uma pessoa e pró desenvolvimento, principalmente, de uma criança. É o que ela disse: " Se partiste desta vez, aquilo que se tem a fazer é dizer: lembras-te daquilo que partiste da outra vez? Não o faças novamente". Porque as coisas, lá está, não são eternas, não estão fixas. As coisas mudam-se, porque se eu não partisse quinhentas jarras em casa ainda hoje tinha a mesma decoração</p>		<p>que era algo impensável na minha infância. Aliás, todas as minhas férias de Verão... era a primeira coisa que eu fazia quando chegava a casa era arrumar os livros do ano que tinha passado e era arrumar o meu, o meu relógio de pulso no, no, na, na mesa de cabeceira. E andava todo o Verão sem o relógio. E às vezes chegava a Setembro e... ainda o relógio tinha que ir pra ourivesaria porque já nem pilha tinha (muitos risos) ¹¹</p> <p>quando tomamos uma decisão... há as decisões que são decisões prá vida, não é? E há decisões que nós tomamos que é pa nosso conforto pessoal, conforto emocional, conforto financeiro, não é? E é assim, eu não digo que não haja profissões, como por exemplo, a Medicina. Uma pessoa pode ser médico, mas é médico em Portugal, no Luxemburgo, na Nova Zelândia, seja lá onde for e no entanto, muda, muda de país, mas a profissão é aquela. ²¹</p> <p>não é questão de não me sentir, de não me sentir capaz. É o facto de, de sentir ou...ou de sentir que ainda não houve a oportunidade, que ainda não houve, talvez o apoio de</p>
--	--	--	--	--	--

	<p>Porquê que eu estou a trabalhar numa pastelaria e pedi a demissão ao fim de quase um ano e meio de trabalho? Porque não estou confortável. Mas tenho a consciência que, se calhar, noventa e nove ou, se calhar, 75% de todos os portugueses diziam, Não! Hoje em dia ter um emprego é fundamental para a nossa vida, portanto eu vou aguentar isto, mesmo que não seja pró resto da vida.20/21</p> <p>Lá está... há uma mudança, mas... nada, nada é, é fixo. Nada está... está dado como concreto. Eu, se calhar, sou um bocadinho suspeito, e notei isso logo quando, após a minha infância, a morte do meu pai! Não é? Eu vivi toda, toda aquela infância...triciclo com balõezinhos e... e a andar descontraidamente pela terra e quando o meu pai morreu, se calhar, foi aí o primeir, tomei a consciência que tinha que agarrar na chave e fechar o portão e a porta de casa à chave... porque isso é que m'iria proteger. Não era, não era o meu pai. Era a porta trancada. Não é? Portanto, as coisas mudam. As pessoas têm é a capacidade, há pessoas que têm capacidade de mudar e têm, e têm, e têm capacidade, não é</p>		<p>e, certamente, a casa tava horrível! (muitos risos). 29-30</p>		<p>alguém, que também é fundamental, não é? Nós termos alguém que nos diga assim, "Olha! eu conheço um sítio, eu conheço alguém, eu conheço isto, eu conheço aquilo... vai lá!". Se calhar, também ainda não houve essa pessoa. Se calhar, se calhar, eu podia explorar mais essa área e ainda não explorei, ou não quis explorar, quem sabe? Não é? Se calhar, é algo que é tão meu, é algo que é tão particular e que me dá tanto prazer que, se calhar, se eu for, se eu for retirar economia disso, se eu for tirar, se eu for explorar de uma forma, de uma forma profissional não vou estar a ser profissional. Vou estar a, a abandonar aquilo que, pra mim, é algo que tem muito valor.26-27</p> <p>Sinceramente, não sei. E arrisco-me a dizer que seria, se calhar, tão feliz como sou agora. Portanto... lá está, porque não há escolhas, não há, não há algo que esteja fixo, não há algo que... Nós, hoje em dia, não podemos dizer: "Eu vou por aquele caminho porque por aquele caminho eu sei que vou ter aquele sítio". 27</p> <p>Pode ser, ou então é como eu tava a dizer, também é o facto de, de eu, pelo menos na minha arquitectura,</p>
--	--	--	---	--	---

	<p>capacidade é...têm...umas sentem a necessidade e mudam, assim como eu que sinto necessidade de mudar e de e de ... e conforme vou mudando... vou aprendendo e não me arrependo nada daquilo que faço e daquilo que... vou aprendendo. É óbvio que daqui a sete ou oito anos , se calhar, até já nem não tou ligado a uma pastelaria e vou tar com alguém numa pastelaria e aquela pessoa vai dizer Ai como é que será qu'isto é feito? E eu vou saber dizer, porque já tive aquela experiência, não é? 22</p> <p>Não vou estar à espera de saber. Vou estar atento à sociedade e vou estar a... aprender cada vez mais e a captar cada vez mais sinais para quando, quando essa oportunidade, ou para quando, eu estiver preparado a procurar, ou quando for procurar, se calhar, até procurar uma coisa completamente diferente daquela de que eu estou a pensar ou que eu faço ideia do que é agora. E o núcleo, nisso, também... ajuda-me no meu dia-a-dia. Eu podia dizer, “Eu vou trabalhar pró lado de um arquitecto!”. Ok, eu sei desenhar plantas de casas. Tudo bem. E</p>					<p>se calhar, eu iria ao fim destes anos todos em que vivi num, num, não digo num sonho, mas num, num núcleo meu, num prazer meu, porque nós também temos os nossos prazeres pessoais, não é? Independentemente de cada um achar ou debater, é óbvio que nós, por exemplo, se eu debater um prazer pessoal meu com outra pessoa, mesmo do núcleo que seja, eu tenho a capacidade de aceitar aquilo a que essa pessoa diz, mas sei que é um prazer meu e é algo que nós no núcleo nem nunca reparámos nisso, não é? Podemos até nem nunca ter falado nesse aspecto. São prazeres pessoais. São prazeres que são só nossos. Por mais que a sociedade os condene, ou diga que é diferente, ou... já não digo os prazeres tabus, nem nada... mas coisas nossas. São coisas que não são debatidas com mais ninguém. Por mais que nós podemos ouvir falar disto ou daquilo ou daqueloutro e não sei quê e nós no nosso subconsciente: “Oh! Eventualmente, identifico-me com isto, identifico-me com aquilo”. Por vezes, pode-se ver isto, ou pode-se ver aquilo, mas que nem sequer comentamos com as outras pessoas, porque não tem lógica. Porquê? Porque é nosso. Não</p>
--	--	--	--	--	--	---

	<p>quantas, e quantas, e quantas, e quantas outras coisas eu não tenho que saber que ainda não sei. E que, se calhar, e realmente eu podia me... entrar num gabinete de arquitectura e trabalhar ao lado de um arquitecto só que depois, se calhar, aí ia fazer imensas coisas que eu detestava e que, se calhar, nem, nem percebia nada e iria tar a desvalorizar tudo aquilo que eu sabia.</p> <p>27</p>					<p>é? 28</p>
<p>Os relacionamentos e a intimidade</p>		<p>hoje em dia falar de vida emocional é quase que... é, é...não digo um tabu, mas é... é, é um pau de dois bicos, porque assim como as profissões também não está, não está, não está ligada, não está fixa, não está, não está amarrada, não está atracada... a lado nenhum. Porquê? Porque não depende só de nós, depende das outras pessoas. E nós temos que saber se vivemos numa sociedade, sabemos que as pessoas têm, têm dúvidas, tem ansiedades, têm... portanto há mudanças. Se nós aceitamos as mudanças, nós vivemos de uma forma mais tranquila e de uma forma mais aberta pró mundo, que foi isso que o núcleo nos transmitiu a nós para o... para o depois, para o a seguir. Senão, talvez</p>	<p>Portanto, durou três dias. Foi uma coisa, foi um choque! Calculo que pra ela foi um choque muito maior e muito mais doloroso do que pra nós, os três, juntos. Porque foi... ela construiu um namoro de oito anos, na impossibilidade de estar perto da pessoa que amava e que gostava, não é? E perdeu essa pessoa. Ao fim de oito anos, e ao fim de quase trinta anos de casamento e de vida em comum, não é? 8</p>			<p>Se bem que ela tinha todo o total apoio de nós, lá em casa. Meu e dos meus irmãos também, mas ela nunca teve necessidade de refazer a vida. Não teve necessidade de refazer a vida mas tem uma dependência completamente ofusc... completamente pelos filhos (riso de condescendência). É uma coisa louca. Ela preocupa-se demasiado, como nós costumamos dizer. (...) eu sou o mais novo (muitos risos) portanto, sou o que sou mais nesse aspecto.9</p>

		<p>não sejamos emocionalmente pessoas tão... tão saradas, não é? Pessoas... se calhar, vamos ter mais dificuldade em, em reagir quando nos aparece certas coisas pela frente porque, porque podemos nos questionar, mas mais uma vez só conseguimos dizer Não, não, não e não dizemos o sim, porque é uma mudança, não é? 22</p>				
Lugar de pertença	<p>Tenho vários lugares que me dão referências. É obvio que me sinto melhor nuns que noutros, mas não anseio apenas por este ou aquele lugar, gosto de descobrir os sítios, quero angariar experiências e sentimentos. Um único lugar, por melhor que fosse, condicionava isso, contudo tenho a minha casa como um lugar, mas é diferente. 30</p>					

Entrevista nº 10		Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família		<p>Houve um dia em que eu nasci. Vamos lá ver como é que a história começa. (Pausa) Quando eu nasci a minha mãe tinha um emprego muita bom ahhhhh e o meu pai andava a construir uma empresa e andava a, a, a ver, a ver se a cor dos gatos... e eu lembro-me de que... as coisas começaram a ficar mesmo bem quando eu comecei a andar na escola, tipo cinco, seis anos. Ahhh... Sempre tive muito, sempre tive muito bem, nessa altura, na minha casa. 2</p> <p>... lá todos os dias pa casa da minha, das minhas avós.3</p>		<p>Não me interessa nada. Desde que eu tenha, desde que eu tenha, desde que eu seja com a minha família. Família nunca foi uma palavra que fizesse sentido pra mim. Carreira era o que fazia sentido. Família era um acessório. Família é o pilar básico da sociedade. Um dos grandes problemas do mundo moderno é que família já não é o pilar do mundo moderno da sociedade. Se nós olharmos pa trás, desde sempre, qual foi a primeira coisa que existiu? Família! Família! Depois então sociedade! Nós pensamos: "Sociedade e depois família". NÃO PODE SER! Família é família se não houver primeiro a estabilidade pa haver família, não pode haver a estabilidade pa haver família não pode haver desenvolvimento. As pessoas esqueceram-se disso e olha! O que deu foi isto! 45</p>		<p>passámos ali um tempo muito complicado, décimo ano, muito complicado em termos económicos com a empresa do meu pai... A minha mãe mudou, deixou o emprego dela... isto foi antes... já estou a saltar tudo, mas pronto! Abriu a loja dela e o meu paaai... teve que fechar a empresa dele e acabou por abrir a funerária 6</p>	
	Infância e Percurso familiar	<p>o meu pai gostava que eu fosse uma pessoa diferente da pessoa que a minha mãe queria que eu fosse. Havia duas, duas expectativas diferentes em termos morais, em termos éticos, ah... por causa da religião da minha mãe e por causa do ateísmo do meu pai 3</p> <p>Aaaaaaah, nessa altura foi quando eu comecei a, a frequentar o Inglês e não sei quê e a tentar, eu já andava no inglês antes. Pronto! Mas, no décimo primeiro, eu acabei os meus exames Já tinha o sétimo ano, já podia</p>					

			fazer o que eu quisesse. Pronto. Tinha as portas abertas, se quisesse ir pra Inglaterra podia ir e... já pensava nisso, mas não pensava nisso a sério porque foi nestas altura, nesta altura, que começou, que começaram problemas com os meus pais. 6					
	Relações familiares	Pais	<p>e eu naquela altura achava que isto era absolutamente horrível, a ideia de eu... ter uma funerária, não tinha jeito nenhum, ou o meu pai ter uma funerária, porque eu nunca pensei () porque eu sempre disse que nunca havia de trabalhar com os meus pais. Nunca! 6</p> <p>Eu tomei a decisão de ir pra Inglaterra porque eu tinha de fugir de casa dos meus pais! E não chegava ir pra Coimbra ou pra Lisboa! Isso era perto demais (...) Ainda bem que eu fui! Porque eu sei que não conseguia tar a viver aquilo. Mesmo eu não tinha resolvido isto se tivesse ficado em Portugal.8</p> <p>Eu fui-me embora com dezassete anos aliás, eu sempre ... foi mesmo uma opção minha, mas eu sempre me senti muito mal... porque lá estava, eu olhava pró exemplo de vida que eu tenho, de pessoas que chegam a algum lado na vida</p>					<p>Aliás, o facto de eu estar a pensar voltar só, só pode e de eu tar a olhar pró modo de vida dos meus pais como um modo de vida que eu quero, só pode mostrar que tá curado e tá passado e que isto aconteceu porque me fui embora. E eu acho a importância de me terem mandado pa lá... acho que eles entendem a importância. 16-17</p> <p>Não é fundamental toda a gente ter uma licenciatura, é fundamental é ter a experiência de... tar a estudar fora dos pais. Sair de casa. SAIR DE CASA MESMO. Eu acho que isso é uma coisa muito importante no Reino Unido. Eles saem de casa, eles tão o mesmo tempo sem ver os pais qu'eu tou! Pouco mais pouco menos. É sair de casa, é sair de casa. Tiras um empréstimo vais tirar um curso. A experiência que se tira... sair de casa... não é a licenciatura, é o sair de cá. Ensinou-me muita coisa. Não tenho a minha mãe pa me</p>

			sem ajuda de ninguém, sozinhas, por causa do valor que têm e eu sempre me sentia muito mal, porque "Eh, pá! Eu estou a fazer isto da maneira certa. Os meus papás estão a mandar-me um cheque", mas nunca consegui mudar. Sempre, eu sempre sinto isto: não tou a fazer o suficiente mas não consegui mudar, deixei-me estar. 16					lavar a roupa. Isso é o que custa mais! Qual o que custa mais! Mas pronto. 41
	Pai		O meu pai, quando me dizia "desenrasca-te" eu dizia: "Desgraçado, devias tar-me a ajudar." E agora digo assim: "Eh pá! Miserável! Devias-me ter ajudado ainda menos. 46					assim que ele se posicionava dum lado eu tinha que me posicionar do outro. Eu lidei com isto de uma maneira muito errada. Agora percebo isso! 6
	Mãe							
	O irmãozinho		eu não sei como é que ia ter de lidar com o acidente se o meu irmão tivesse morrido... porque a responsabilidade foi minha. 8 se o miúdo tivesse morrido a m, a minha vida tinha acabado! 9 Isto foi... (expiração funda) em Dezembro de, do meu décimo ano. Sei que o puto tinha dois anos, ou três anos. 9		O que eu vejo é que ninguém explica aos putos que não se pode acreditar em tudo o que se vê e ninguém explica aos putos que questione. Eu sempre disse, a primeira coisa que eu ensinei ao meu irmãozinho foi: "Porque sim, não é resposta e porque não, não é resposta." E, às vezes, a minha mãe diz: "porque sim" e "porque não" "Mãe, não é porque sim e porque não. Explica ao miúdo porquê que é sim ou porquê que é não!" e depois (Riso) lá me apanha em contra mão que é: eu viro-me pa ele e digo assim: "então, mas porquê? Porque NÃO! porque não, não é resposta!"	e hoje o miúdo é totalmente dependente da minha mãe. Não sei que influência é que isso vai ter no futuro. No futuro isso vai... eu sei o qu'ê ...o que quer que o miúdo faça na vida eu vou olhar e vou pensar assim: "Se eu não tivesse deixado o miúdo atrás do carro naquele dia (expira) ele não era isto, era outra coisa completamente diferente. 10		Eu lembro-me do meu irmão nascer! Eu tava a ler Tolkien na altura, lembro-me perfeitamente da passagem que tava a ler no livro do Tolkien, eu tinha quê? Treze anos... catorze. Tinha acabado de fazer catorze e... e depois... a próxima vez que entrei no hospital foi pa deixar o meu irmão, nos meus braços, depois de o ter deixado atrás do carro. Eu vi logo que ele tinha uma perna partida. Podia ter um pulmão... pronto. Não foi nada, não foi nada. Foi muito. Foi a coisa que mais... de toda a minha vida me vou sentir culpado, do que quer que o meu irmão

					(risos) E É ASSIM QUE TEM QUE SER! Porque, "porque não" não é resposta. 39			<p>seja, porque o meu irmão passou dores horríveis, quando era muito pequeno, são coisas que entram no subconsciente das pessoas... muito. Ele passou um mês na Estefânia, totalmente dependente da minha mãe. Passou um mês em casa com gesso até aos ombros a... totalmente dependente da minha mãe 9</p> <p>Portanto... mas isso é a responsabilidade de ser pai. Eu, agora, já sei o que é a responsabilidade de ser pai. Não pode acontecer nada de mal. Tudo aquilo que acontecer... nós somos responsáveis, () não somos TOTALMENTE, nunca podemos controlar tudo, mas... mas pronto (Silêncio). E (pausa e expira) e pronto. 9</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	---

		O irmão	<p>a relação com o meu irmão nunca tinha sido grande coisa. A relação com o meu irmão começou a ser grande coisa no Verão antes de eu ir embora. 6</p>			<p>Ahhh o meu irmão... era... quem me dava... porrada a mim e eu nunca, nunca bati no meu irmão ou, aliás, deve=deve ter, o meu irmão é algum... mas pronto, quando ele era pequeno, eu coitado, tinha pena do puto, que era tão bebé. Ahm e, e eu acho que sempre... o meu irmão teve foi um bocadinho coiso, um bocadinho de complexo, porque os meus pais nunca disseram que eu era melhor que ele, mas, mas o... acho que acabou por, acabou por afectá-lo um bocado... 2</p>	
		A tia	<p>... Pôr-me a ouvir discos da minha tia. Comecei a ouvir coisas boas tipo The Smashing Pumpkins ahhh, lembro-me... a minha tia também teve bué de influência em mim, porque...não sei, acho, pra já, afecta a maneira como eu olho práς miúdas. As miúdas...se houver uma miúda que me lembra a minha tia eu... Uiiiiiiiiiii (risos) e não é no, no, no sentido no mal. É toda artista e não sei quê... 3</p>				
		As avós					<p>avó Gina, que foi uma excelente influência em mim 3 avó Maria que não foi uma boa, uma boa tão boa influência em mim...porque ela comprava-me, comprava-me com doces, como faz com os meus irmãos todos. 3</p>

		O avô		<p>iiiia com o meu avô jogar à malha! la sachar batatas! Era giro (alguma nostalgia). Momentos giros... 3</p>					
Escola	O percurso escolar	Geral	Pré-Primária	<p>Lembro-me de no jardim-de-infância... eu... perceber que os rinocerontes. eu lembro-me de algumas coisas do Jardim-de-infância! Um dia a, a professora disse que os rinocerontes estavam em vias de extinção e então eu chorei, pus-me a chorar no meio do jardim-de-infância porque como é que podia ser fazerem uma coisa dessas. Havia, havia um animal que ia deixar de existir porque os Homens eram estúpidos! E lembro-me de... havia um pátio de areia... e eu consegui pôr toda a gente a escavar a areia pós lados para fazer uma piscina no meio. E cada vez, e todos os dias, todos os dias púnhamos as areias pós lados e depois no fim-de-semana vinham os senhores da, da junta de freguesia e punham a areia no meio. E eu... bora lá, Vamos começar outra vez. São as coisas que eu tenho do meu jardim. E tive sempre a mesma professora. 2</p>					
			Primária	<p>eu comecei a andar na escola, tipo cinco, seis anos. 2</p>					<p>depois tive também a mesma professora na, na, na, no jardim escola, no jardim escola? Na escola... primária e sempre fui... o melhor de três. Nos primeiros</p>

									dois anos até nem era o melhor, mas depois comecei a, a, a (). Desapontei a professora uma quanti, uma ou duas vezes. Lembro-me perfeitamente disso. Estraguei-lhe um livro e, uma vez, ela pediu-me pra eu escrever qualquer coisa com uma letra muita bonita e eu não consegui e escrevi aquilo tudo... 2
			Ciclo	Ahm, no quinto ano foi quando fui pa, pa, pa, pa outra escola. Pá escola... ah...pó ciclo e foi, foi aí que, que as, que a minha vida começou a ser complicada! Continuei a ter notas excelentes eu lembro-me de ter tudo cinco de uma ponta à outra, pouco mais, poucos quatros por aí, mas... alguém que era assim, não se conseguia, não se conseguia integrar... muito bem. Não sabia jogar à bola, (já nessa altura) era o nardzito lá do sítio, não é? Acho que a minha média a História, no quinto ano, foi noventa e ...oito. Tive um noventa e seis pelo meio, uma coisa assim, e (pausa) o que é que teve que começar a acontecer? Tive que começar a... usar diferentes máscaras. A ser uma pessoa diferente no recreio e uma pessoa diferente na sala de aula, ou em casa. Quando comecei...mas isto foi um processo lento, porque eu tentava ser outra pessoa, mas eu não					

				<p>queria ser essa pessoa! Mas tinha que ser, porque senão também não tinha amigos não tinha ninguém. Ahm is, isto levou-me pelo ciclo todo. É sempre esse o sentimento. Foi sempre esse sentimento que tava a viver duas coisas. Duas coisas ou três coisas até, mas também me ensinou a adaptar-me. 3</p> <p>eu saltei da primária pró liceu porque o ciclo é assim uma coisa... é só, é um esboço do que vai ser, do que a pessoa vai ser. 11</p>						
		Na Raul	"O liceu"							<p>Havia um, um grupo que era muito importante pra mim no nono ano. E que era sempre onde eu queria tar, mas nunca tive, nunca fui inserido lá! Nunca calhou! Porque, pronto, eu era um nardzito qualquer, eles não me queriam lá, porque eles eram uns putos bacanos, uns putos fixes. Eu acabei na turma</p>

								<p>deles de décimo primeiro e agora sou grande amigo deles todos! Pronto, eu já era amigo deles, mas aquilo uniu. O décimo primeiro () correu muita bem por causa, essa foi uma das razões. Porque, pra já, não havia rapariga nenhuma ali no meio, havia raparigas, mas nunca foi assim uma coisa muito grande, pronto! Um ano limpinho desses problemas e depois, foi um ano em que eu dei tudo ao núcleo. Eu andava ali, tudo. Era sempre núcleo, núcleo, núcleo, que me fez muito bem. Era núcleo, núcleo, núcleo, depois tive aquele grupo de amigos que também tava a correr tudo muito bem. Eu continuava sem grandes liberdades pa sair com eles e não sei quê. Pronto! É natural, porque eu tinha quinze, dezasseis anos também quando tiver os meus filhos eles também não vão andar aí na boa vai ela! 5</p> <p>Décimo segundo foi um dos anos muito, muito, muito importantes ... foi a primeira vez que eu me separei de pessoas que gostava por causa das minhas opções académicas. 6</p> <p>Eu, por força, queria ter TLB, Laboratórios de Biologia III, que era difícil, mas que eu queria ter e... os meus colegas não. 6-7</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	---

									<p>No liceu (pausa) era a coscuvilhice porque, pra já, este meio é um meio que agora me enerva profundaaamente (...) porque a pessoa, eu chego a qualquer sítio nas Caldas e, e, e, e o, o ponto é olhar prá pessoas. Isso é, é muito importante no liceu e eu aposto que é assim em todos os meios. Toda a gente olha. É difícil ser diferente. 11</p> <p>Eu só posso falar da minha experiência, porque foi uma experiência maravilhosa. Eu se pudesse voltar atrás, voltava atrás já! No liceu! 22</p> <p>Eu sinto tanta pena quando vou agora ao liceu buscar o meu irmão, porque eu penso assim “Isto já não é o meu liceu! É o liceu do meu irmão. Já não é as mesmas pessoas, as mesmas coisas. Sinto muita pena, porque se eu pudesse voltar aqueles dias, com aquelas pessoas, com aquelas experiências, era isso que eu queria. Foram os melhores anos da minha vida! 22</p> <p>Há muita gente que...Eu aposto que há muita gente que acorda de manhã pra ir prá escola e chora lágrimas... lágrimas dolorosas ham? 22</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

			A turma: nós e os outros	<p>Eu acho mesmo qu' há aí muito, muito estudante a gritar por ajuda. A GRITAR POR AJUDA! E ninguém dá uma mão. 23</p>	<p>Também existe um espaço. Existe um outro espaço além da sala d'aula. Fora da escola existe um mundo. Não é só o meu mundo. Há um mundo de mundos diferentes! Não é só o meu país! 13</p>				<p>E agora contra mim falo, não é contra mim, porque não era pra mim, mas é assim aa... eu detesto pôr as coisas neste prisma, mas aa... no décimo primeiro havia dois grupos na turma. Era o grupo dos fixos e o grupo dos não fixes. E eu... estava no grupo dos FIXES! Mas o grupo dessas raparigas, era um grupo de raparigas, sentia-se muito alienado. E porquê que eles se sentiam alienados? Porque eles tavam sempre no corte da gente, porque tinham ciúmes, eh pá! E eu compreendo que elas tivessem ciúmes, porque é assim: havia ali duas ou três pessoas naquele grupo que tinham muito dinheiro e podiam fazer o que é...e depois chegavam e falavam da neve e depois chegavam e falavam: "ai, comprei esta camisola... não sei quanto e não sei quê" e eu... como nunca, nunca achei... sou amigo deles como sou dum, dum mendigo, não ligo nada, nada a isso, pronto, não me afectava. Às vezes pensava: "Escusavam de tar a fazer isto tanto!", mas pronto. É a tal coisa, somos amigos não ligo. E elas ligavam muito e depois começavam, não sei quê e um dia foram-se queixar à, à directora de turma e a directora de turma veio ter comigo! Que nós tínhamos que as</p>
--	--	--	--------------------------	--	---	--	--	--	--

									<p>integrar, porque não sei quê. E nós não temos que integrar nada! Nós não tínhamos que integrar nada. Ela, AO fazer isto, ao ter esta posição de "Olha, agora, vocês, coitadinhas das meninas! Vocês têm que as integrar!" isto é pater... paternidade... não existe essa palavra em português! É fazer coitadinhas das meninas! É piorar ainda a situação, não é? Em vez de lhes dar espaço () "vocês têm que ser vocês, têm que ter a vossa identidade". Ela ao querer ajudar ainda piorou a situação! E depois criou o quê? Criou ainda mais uma barreira entre nós! Ai ela está a dizer isso? Ah! Então péra! E eu sempre na boa, porque nunca alimentei esse tipo de coisas, mas pronto. As outras pessoas alimentaram e ainda piorou a situação! Há professores que sofrem por causa dessas coisas e depois há professores que passam perfeitamente ao lado e não, não ajudam...</p>
			A biblioteca	<p>as bibliotecas nunca foram exactamente aquilo que eu queria que elas fossem.³⁷ passava lá muitas horas.</p> <p>As continuas das bibliotecas nunca foram exactamente aquilo...</p> <p>tinha de ser um professor</p>					

				<p>responsável pela biblioteca a tempo inteiro.</p> <p>ARRUMADA POR ORDEM NUMÉRICA, com os livros que a gente quer, com os livros que toda a gente quer, livros bons. Não existe. 37</p> <p>a biblioteca de Óbidos era <i>Uma Aventura</i> e pouco mais.</p> <p>A Raul tem andado a melhorar muito. Desde o décimo até ao décimo segundo melhorou muito e melhorou muito a minha visão das bibliotecas</p> <p>no meu décimo ano havia Harry Potter em todo o lado e havia lá, pa requisitar, Tolkien não havia o Duas Torres. Pá, tamos a falar de uma das mais influentes obras literárias do século XX. Pronto, este tipo de sentimento. Mas eu aposto que não há Marcel Proust na biblioteca... por exemplo! Isto, são coisas que tinham de lá tar. 37</p>					
			O liceu e o café	<p>Passei...Eu desperdicei... hooras a fio, naquele café, porque o café em frente à escola é tão escola como a escola. Nin, ninguém se iluda. O café em frente à escola é mais escola do que, do que a sala de aula. Aquela coscuvilhice... 11</p>					

			Os professores	<p>Os professores têm muito medo de não terem razão. A maior parte dos professores... andam ali muito frustrados. A maior parte anda ali porque, enfim... porque não conseguiu mais nada na administração21</p> <p>Eu nunca senti, eu só senti a pressão do, do que há pa dar, da matéria que há pa dar, do temos que dar este programa, no décimo segundo. 21</p> <p>Eu tive que engolir muito sapo, eu tive que me calar muita vez! Eu lembro-me perfeitamente de um professor de História que eu tive, do sexto, do sétimo ao nono... eu tive que engolir, tive que me calar muita vez! 21</p> <p>cada vez que eu me punha a argumentar ele quase que só faltava chamar-me estúpido.21</p> <p>Eu sempre tive uma imagem, tirando um ou dois maus exemplos, sempre como amigos. 22</p> <p>qualquer professora que eu veja na rua vou-lhe dar dois beijinhos. 22</p> <p>Ser professor não pode ser receber o ordenado ao fim do mês e discutir quantas horas na escola passa ou não se passa. É uma questão de paixão, acho eu. 23</p>	<p>Porque os professores têm muito medo, muito medo de nós. É perfeitamente compreensível. 22</p>	<p>Eu acho que se fosse professor tinha sensibilidade de olhar pra alguém, que tá ali, em determinado sítio e, e, e "então pá! Então como é? como é que tão as coisas?" o puto até pode não se abrir nada, mas () "olha sabes, quando tinha a tua idade e assim isto e assim" e pode ser, pode ser qu'ali, uma partezinha dele seja iluminada e diga o que se tá a passar e se abra um bocadinho e... às vezes, dá uma ajuda tão grande... só de perder uma porcaria de cinco minutos, pá! 23</p> <p>porque, depois, os gritos de ajuda que não são ouvidos na sala de aulas pelos professores são ouvidos depois no café por pessoas que, às vezes, não precisavam de ouvir e depois levam os miúdos pra maus, pra muito más opções de vida. 24</p> <p>é nas aulas... se calhar é... se calhar, é em tudo. Se calhar, é preciso pôr em tudo, mas pra isso era preciso que as coisas, que quem tá lá, quem tá lá em cima, quem tá virado de costas pó quadro preto... ter paixão por fazer isso. Quem tá virado pós alunos é que tem de fazer isso. 36</p> <p>Tantos cinco minutos desperdiçados que uma contínua traga um projector, à</p>		<p>"Então, quem é que foi dizer à outra turma o que saía no teste?" e eu levantei o bracinho. Fui eu! Perfeitamente, se ele queria outra coisa tinha que fazer um teste diferente! Levantei o bracinho. Quem é que levantou o braço comigo? O meu amigo que era... éramos, os dois, os que tínhamos melhores notas. Tumba! E eu lembro-me, naquele período específico eu sabia que andava ali entre o quatro e o cinco. Andava ali nos oitentas e nove oitentas e seis, a um passinho do cinco. Toda a gente, como é óbvio, toda a gente como é óbvio, tinha dito. Porque é assim, da próxima vez são eles que nos dizem a nós e é perfeitamente inocente. Não tem o menor, a menor diferença. Então, vocês os dois em vez de terem cinco vão ter quatro. E eu fiquei assim... como é que é possível isto? 21</p> <p>eu não sei como é que o vosso treino pa ser professores, mas eu não sei se eles têm treino suficiente pa tar em frente a uma plateia que está a fazer julgamentos.22</p> <p>Eles estão ali... é pá, é uma cambada de putos, pá! Por amor de deus! Por mais barulho que façam! isso não faz sentido nenhum. Uh! Como é que eles aguentavam a pressão de dar</p>
--	--	--	----------------	--	--	--	--	--

					<p>espera que... então não desperdicem cinco minutos pa se falar d'outra coisa qualquer? O programa é assim tão importante de ser cumprido? É assim tão importante? Não se pode passar d'alto uma ou duas coisas? 36</p> <p>Será comunidade imaginada????</p>			<p>aulas num anfiteatro, com trezentas pessoas, com vinte e tal anos? Coitados! Não é? 22</p> <p>Há pessoas que não têm nin, ninguém e há professores que passam, que vêem isto nos corredores e vêem isto nas salas de aulas e ainda espevitam. Ainda ajudam, às vezes. 23</p> <p>E a maior parte dos professores anda ali a fazer de frete. 24</p> <p>a maior parte dos professores formata 38</p> <p>Se os professores são formatados, eles só nos podem formatar, porque eles não vão ter a abertura de mente para nos inculir espírito crítico.38</p>
	Para que serve a escola		<p>como é que eu me escapei à formatação? Foi sempre a ler, foi sempre aaaaa ler imenso, a conversar e, depois, é assim, eu nunca... eu nunca me... houve meia dúzia de pessoas que me inculiram um espírito crítico muito grande. Meia dúzia de pessoas que me inculiram... "questiona". 37</p> <p>A escola trata os meninos como os meninos e depois isso só frustra os putos.39</p>	<p>Nós temos teorias de ensino que são teorias de ensino que foram usadas pra educar os nossos pais. Nós, não somos os nossos pais. 39</p>				

		<p>A escola (pausa) a escola era, sempre foi...eu acho que houve muitas fases, eu vi a escola de maneiras diferentes à medida que... vejo a escola de uma maneira completamente diferente hoje e vi a escola... quando eu era puto era... uma maneira de.... ser o melhor. Não era ser o melhor por ser melhor que os outros. Era por ser bom. Eu nunca me preocupei de ser o melhor, quer dizer, havia aquela pontinha de mim que queria ser o melhor, mas nunca me preocupei porque, normalmente, o segundo melhor, quando eu era o segundo e o terceiro melhor eu conhecia o primeiro e o segundo e eram meus amigos e eu ficava feliz por elas, "Olha...", mas era uma maneira de ser bom, de as pessoas reconhecerem valor em mim. Era a única, era o único valor que eu tinha, eu não sabia, eu não tinha mais nenhum valor, era o único valor que eu tinha. Eu nunca soube, eu nunca fui bom em mai nada. Eu nunca fui bom à bola, eu nunca fui bom e... pronto. Em desportos era perfeitamente medíocre. Tinha cinco, mas nunca era, nunca era aquele tipo "uou!"...artisticament e também nunca, nunca me excedi. Pronto! Medíocre, mais uma vez! Mas</p>	<p>A escola tá no mundo! Nós quando acabarmos a escola vai memo haver coisas lá fora e nós protegemos os alunos coitadinhos. Não sabem o que andam a fazer. 36</p>			<p>... o D., DP. O DP ... aí! Foi quando eu... eu quando fui à palestra do DP é que eu tive assim a certeza "Oh, Pail! Eu peço imensa desculpa, mas não vou ser médico! Deves tar é doido da cabeça!" (muitos risos). E não só a nós! Ali foi o ponto. Não foi só ao núcleo. Eu sei de pessoas... no outro dia tava a conversar com a E. ... a E. disse-me assim: "Olha, aquela conversa, aquela vez que o P. foi lá, o D. foi lá à escola, olha foi, foi muito importante porque"...ninguém sabe de nada. Ninguém na escola sabe o que é o mundo! A escola não tem contacto nenhum com o mundo real. Não tem! Eu continuo a não ter! Por isso é que eu quero fazer outro estágio este ano. 36</p> <p>"Vamos pô-los aqui, entre quatro paredes, não sei quê, não os deixem sair da escola, fechem os portões". NÃO! Oh pá! Abram os portões! Dêem-lhes é instrumentos pa eles lidarem com o que está lá fora. Lá fora vai haver malta a dizer:"Haxixe, haxixe?" como há na rua Augusta. Mas será, a malta tem é que ter instrumentos pa dizer que não! A malta tem é que ter instrumentos pa chegar lá fora e, e... ser bem sucedido. E isso tem de ser dado pela escola. Senão, o quê? 36</p>
--	--	--	--	--	--	---

		<p>na escola...pronto a maior parte do meu percurso escolar era ali em cima, sempre a puxar a fasquia e, e pronto! Era uma maneira d'eu ter pessoas com quem discutir coisas. Era assim que eu via a escola quando era mais novo. (silêncio) E É SEMPRE ISTO. ATÉ HÁ BEM POUCO TEMPO FOI SEMPRE ISSO! Era sempre uma maneira de eu falar... eh pá! Pronto! Uma maneira de eu me sentir bem com o meu ego. E isso sempre me deu muita confiança porque eu... por mais que eu não tivesse a roupa que, que, que toda a gente tinha, e houve muita altura em que eu só queria a roupa que toda a gente tinha, mas eu já sabia que não podia ter por isso não valia a pena...pensar nisso (baixou o tom de voz). Ahm (pausa) era... era o meu refúgio. Depois passou a ser o meu refúgio quando eu comecei com problemas com os meus pais era o meu refúgio. Eu vinha pa escola na camioneta das sete e eu ia pa casa com a minha mãe às sete. Passava doze horas na escola. Todos os dias, cinco dias por semana, 50 semanas... pronto. Nos três períodos era sempre aquilo, era tudo pr'ali. 10</p>					
	Adesão a actividades extra curriculares	<p>experiências de Teatro foram no nono e décimo ano. 7</p> <p>No nono ano foi</p>					

		<p>quando eu fiz o Auto da Barca do Inferno, em Óbidos. Foi aí que o professor Aníbal me viu e disse: “Olha, eu quero que tu venhas, venhas trabalhar comigo.” E eu disse. “Porreiro e tal. Há montes de miúdas giras no Teatro!” (riso). Não, não foi nada disso que eu disse, mas podia ter sido.⁷</p> <p>eu sempre tive bueeeeé d'actividades 11</p>					
	A sua relação com o mundo do trabalho						
Núcleo	<p>Tomada de conhecimento da sua existência</p> <p>(A sua história)</p>						<p>Eu nunca mais me esqueço. Eu cada vez que conto esta história eu lembro-me sempre, tava a atar os sapatos e... “olha pá, tou com pressa...”, eu conhecia-o porque ele tava na turma da malta que era da minha turma no nono, tava a atar os sapatos... Olha, não sei quê aaaah “pronto, tou com pressa porque tenho qu’ir pró núcleo de cidadania!” e aquilo, núcleo de cidadania, não sei quê, o que é que se passa aí? 12</p>
	Os motivos da adesão						<p>Ele disse-me: “Olha, vens, vens e vês se gostas ou não porque é um sítio porreiro e tal” e eu experimentei. E pronto.12</p>
	O que é/ era o NFPC	<p>um sítio onde, onde as pessoas tinham mesmo interesse 13</p> <p>um sítio onde eu ia todas as semanas e</p>	<p>É difícil nós nos lembrarmos que, que há muito sítio no mundo onde, onde as pessoas não têm</p>				<p>Era isto. “Oh, aconteceu-me isto assim-assim e eu fiz isto=isto=isto e agora sinto-me mal e não sei o que é que hei-</p>

		<p>podia discutir e podia tar a conversar com as pessoas.13</p> <p>havia temas de interesse, coisas que interessavam, havia coisas pr'aprender 13</p> <p>E não é para formatar a nossa cabeça, não é pra nos fazer sentir isto, ou pensar isto sobre as coisas.14</p> <p>porque o núcleo não acontecia naquelas três horas! O núcleo acontecia a semana toda! Eu não me sentia no núcleo naquelas horas. Sentia-me no núcleo a semana toda. 25</p> <p>não sei se, se pode generalizar o princípio do núcleo. Pra já, porque tem uma pessoa muito especial à frente e (...) eu acho que este projecto é um projecto único. 25</p> <p>sabia que ali era o sítio pra discutir as coisas de uma forma... secular. O que quer que fosse a minha opinião em termos religiosos não era essa a questão 32</p> <p>O núcleo é um espaço de... parar pa ouvir. Ouvir a sério! 32</p>	<p>as mesmas condições que nós. O núcleo lembrava-nos disso. 19</p> <p>Aquela discussão começou naquela quarta-feira e, às vezes, prolongava-se por três e quatro semanas e prolongava-se e era no café e era na rua e era em todo, o núcleo não era, o núcleo não era uma sala! Eu escrevi um poema uma vez sobre uma sala. O núcleo não era a sala fechada. O núcleo não era aquela sala. A sala não interessava pa nada! O núcleo era lá fora. O núcleo éramos nós! Eram as pessoas que lá tavam! 25</p> <p>Este núcleo é: a pessoa que está à frente dele, é a professora ter a paixão que tem e é a pessoa, ser a pessoa que é, e é as pessoas 26</p> <p>não sendo obrigatório as pessoas já têm a predisposição para ter determinadas perspectivas em relação à vida, determinadas perspectivas humanistas e determinadas perspectivas de respeito pelos outros e de, de tentar fazer do mundo um sítio melhor é que vai ficando! Os outros, os outros... têm a VIDINHA DELES! 27</p>			<p>de fazer!". Isto não é a revista Maria! Isto é mesmo muito difícil! Isto não é a revista, isto é: "eu fiz isto. Eh pá, mas agora... se calhar, não fiz bem". E depois vira-se outro e diz assim: "eu, eu tinha feito desta maneira", "Olha e eu tinha feito d'outra!" e depois pensamos bem nas coisas, pensamos bem nas coisas que estão a acontecer, porque é isso... nós só pensamos connosco! Ali temos um sítio pra pensar com os outros. Pa pensar, pa pensar... pa pensar com mais do que a nossa cabeça! 14</p> <p>Se vamos discutir isto, então há, a razão diz-me que... isto tem ... vamos discutindo as coisas juntos... sem Deus no programa. Acho qu'isso foi sempre a maneira de ser do núcleo, por mais que houvesse, às=às=vez=às (gagueja) eu sei que, às vezes, havia pessoas a defender determinados, determinadas posições pelos pontos de vista religiosos que têm 32</p>
--	--	---	---	--	--	--

	Significado atribuído à vivência no núcleo	Geral	<p>E isto, eu estou a falar com os meus pares, eu não tou a falar, não é um professor a falar de lá de cima! Tou a falar com pessoas da minha idade, com pessoas que vivem no mesmo mundo que eu. Que têm experiências diferentes, que passaram por outras coisas, mas que, pra todos os efeitos, podiam ser eu se tivessem tido outro tipo de experiências. E isso é... é brutal! É brutal! Porque t'ali um órgão onde isto pode acontecer, onde há espaço pa isto acontecer. 13</p> <p>eu sei que seria outra pessoa completamente diferente se não fosse o núcleo. Era uma pessoa muito mais tacanha e muito mais fechada nas minhas vistas e o núcleo abriu-me, abriu-me o ponto que a pessoa que tá sentada ao meu lado, quando sai da sala, vai pa casa e tem uma vida tal como eu tenho uma vida quando vou pa casa. Eu é que experiencio a minha e não experiencio a dela 13</p> <p>O núcleo ensinou-me a... Eh pá! A pôr as coisas no seu lugar! a pôr as coisas no seu lugar! Eu existo porque os outros existem. 14</p> <p>Eu experienciei muito mais só por estar sentado naquela sala, porque eu vivi a minha vida, e as pessoas, essas</p>	<p>Era nós fazermos coisas pela escola, pela comunidade (...) 15</p> <p>sinto que as actividades que nós fizemos com o núcleo, as=a=,as sessões de discussão com, com oradores, os projectos de voluntariado, isso foram coisas QUE FIZERAM DIFERENÇA! Ou que podiam ter feito diferença. Sei lá se fizeram se não fizeram. Prás pessoas que participaram fizeram de certeza e isso já é mais do que teriam feito se não tivessem existido. 15</p> <p>o respeito era <u>total</u>. “Ok, tu fizeste isto... coiso... ok.”. Não havia julgamentos de... valor. 29</p> <p>No núcleo não somos todos iguais, portanto a única maneira de, de, de transmitir a nossa posição, transmitir a nossa visão é ser assertivo. 34</p>			<p>foi sempre isso que o núcleo me deu e acho que foi sempre, que é a coisa mais importante que retirei de todo o meu percurso escolar (...) É: eu falar com outro, descubro que o outro sou eu, é outro eu, é outra pessoa. Eu podia ser ele. Se eu tivesse tido o mesmo background que ele eu tinha sido ele, só que ... pronto. Ele cresceu noutro sítio, ele teve outras experiências. Ele é ele. Eu tenho a minha posição e ele tem a posição dele. Eu começo, nós discutimos, e eu tou a discutir a minha posição com tanta força, com tanta paixão como posso e ele a mesma coisa, mas como tamos num sítio onde não é pa discutir, é para... é para discutir, mas não é pra entrar, pra discordar, não é para entrar em discórdia, é para entrar em discordância... 13</p> <p>quando nós nos púnhamos a falar do Holocausto, e falámos tantas vezes, (pausa) se calhar eu, hoje, se não tivesse tido essas conversas sobre o Holocausto, eu também ia pensar isso! Se calhar, ia pensar assim: “ olha, agora imaginem o facto demográfico de seis milhões de judeus no norte da Europa. Se calhar agora dominavam a Europa, tal como dominam os Estados Unidos, e qual era o risco disso?” Mas independentemente</p>
--	--	-------	--	---	--	--	--

			<p> pessoas viveram aquilo que eu lhes dei, lhes quis dar a partilhar. E VIVERAM! Porque puseram-se no meu lugar e eu pus-me no lugar delas. 14 </p> <p> Eu nunca tinha feito nada por ninguém se não fosse o núcleo! Tinha chegado todos os dias de manhãzinha, saído à noite... 15 </p> <p> já nem me interessa, se a comunidade se enriqueceu ou não. Mas aposto que as pessoas que participaram se enriqueceram. Pa mim isso chega. Eu enriqueci-me de certeza. E eu, eu nunca participei o suficiente. Eu senti sempre que não estava a participar o suficiente. 16 </p> <p> o núcleo ensinou-me: "não há motivo para teimar. Ok, eu tenho esta posição. Até percebo o teu ponto, mas não consigo concordar! Mas tá tudo bem! Não tenho... e isso não é acordar, nem discordar. Isto é não confundir discordância com discórdia. Nós discordamos, mas nós não estamos em discórdia". Isso, isso foi muito importante. Foi extremamente importante da minha experiência de núcleo eu aprender isso, porque senão... Senão eu nunca tinha conseguido resolver os problemas com o meu pai porque era esse, eu agora sei, </p>				<p> de eu pensar isto, ou não pensar isto, aquelas conclusões que nós tirámos: "Ok, morreram seis milhões de seres humanos!" não foi a stora a, a... de cima do seu alto, do seu palanque a dizer: "Olha isto está muito errado! Isto é muito mau porque, porque sim! Porque eu vos estou a dizer." Não! Era nós a pensarmos qual é a dimensão de uma morte, porque nós... acho que toda a gente, mais cedo ou mais tarde, eu, especialmente, sei que tive muita morte na minha vida! Mortes a mais! mortes a mais meus, mortes a mais dos outros. O impacto de uma morte... seis milhões de mortes é impensável! É impensável! Mas isto era conclusões que nós tirávamos de tarmos ali sentados a discutir. Não era, não era da professora tar a dizer "Olha que isto é muito errado!". Não era bláblá. Era pensar qual era a diferença entre as pessoas. Era nós fazermos coisas pela escola, pela comunidade... isso=isso=isso... Eu nunca tinha feito nada por ninguém se não fosse o núcleo! Tinha chegado todos os dias de manhãzinha, saído à noite... Pronto, muito contente com a minha escolinha e tinha... 15 </p> <p> Mas fui pra Inglaterra e aí é que eu vivi o que o núcleo me ensinou. Há um </p>
--	--	--	--	--	--	--	---

			<p>olhando pa trás, que era esse o meu problema. 33</p> <p>o tempo que a outra pessoa tá a falar não é o tempo de espera pa eu falar. É o tempo de eu escutar e isso havia ali. Ali, no núcleo, havia. 34</p>				<p>mundo aí fora e nós, aqui fechadinhos no nosso casulo não temos a noção, não sabemos mesmo... ah, a coisa que eu mais noto é que... é nós estamos perfeitamente convencidos que somos os maiores... é um sentimento Português! 16</p> <p>Mas o que mais me marcou foi uma vez que a stora trouxe um dilema que era: ia haver uma catástrofe qualquer, no mundo, e havia dez lugares numa casa forte e não sei se vinte pessoas e nós tínhamos de escolher quais eram as dez e eu: "eh pá! Ai! Isso não pode ser!" ... Então não... eu, às vezes... ainda hoje, dou por mim a pensar: quem é que eu escolhia? 25</p> <p>a lição toda daquilo é que não há juízos morais possíveis. Cada um de nós tem... e eu passei semanas... eu passei anos, eu passo anos a pensar naquele dilema! E toda a vida me ensinou muito e vai-me continuar a ensinar. 26~</p> <p>E isto ataca a esperança que o núcleo me chegou a dar que é: se houvesse um sítio destes em cada escola e, e as pessoas fossem, havia melhores pessoas no mundo. Mas as pessoas não ficam. As pessoas vêm, mas as pessoas vão. Só alguns... só os</p>
--	--	--	---	--	--	--	---

							<p>especiais, só os membros dessa elite, é que vão ficando. 26</p> <p>Eu... enquanto tava no núcleo eu achava: se toda a gente no mundo tivesse um sítio assim pa falar das coisas que nós falamos o mundo... valia a pena viver no mundo. 27</p> <p>Se cada um de nós discutir estas coisas quando sai do núcleo, e eu aposto que fazemos... as nossas atitudes, a maneira como nós vemos e a maneira como nós falamos com as outras pessoas é um testemunho da experiência que nós tivemos naquela sala. 28</p> <p>se cada um de nós fizer isso, então nunca foi uma perca de tempo. Nunca foi, apesar de eu, pessoalmente, achar que no, no, no panorama todo das coisas não vá fazer diferença nenhuma, mas ali... mas... se alguém algum dia olhar para tudo, esta vai ser uma daquelas coisas que, que, que se podia dizer: "Ok, mas houve alguém a fazer algo de bom. Houve alguém a tentar fazer disto um sítio melhor" e isso é... Oh! pá!... Não tem valor! 28</p> <p>tava toda a gente calada e era eu e ele. E eu a pensar assim: "Eu tou a perceber o que tu queres dizer. Porquê que é tu não tas a querer perceber</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

								o que eu quero dizer?", porque eu tava a acordar... ok. Tu pensas isto, mas vê lá o que é que eu penso! E ele esqueceu-se disso, mas pronto 32
		A confiança:	<p>eu quebrei o voto de, de, de... de confiança que fiz. Eu sei disto. E lembro-me que me custou muito. E só o fiz porque falei com um tipo que não conhece ninguém das pessoas envolvidas e, portanto, não vai, não vai fazer diferença nenhuma. 29</p> <p>pelo menos pra mim, eu acho que pa toda a gente, as coisas tavam ali dentro, eram ali dentro. Aquilo era uma porta fechada. Uma porta aberta pa entrar, não era uma porta aberta pa sair. 29</p>					
		Lidar com as diferenças dentro do grupo: O preconceito	<p>toda a gente tem preconceitos embebidos desde infância. 14</p> <p>eu adoro piadas de louras, piadas de pretos, adoro piadas de... adoro fazer piadas de judeus, as piadas que eu mais gosto é as piadas de judeus (...) pra mim a piada não é fazer pouco do, do, do grupo, é fazer pouco do preconceito. 14</p> <p>Dentro de mim. Só dentro de mim. Porque eu sou uma pessoa preconceituosa por natureza. Toda a gente, eu acho, eu tenho, eu tenho a noção que toda a gente é</p>					<p>também tínhamos lá um grupo de pessoas que vinham d'outro lado e também partilhavam as outras experiências connosco. E isto elimina preconceitos.13</p> <p>Esse preconceito existe. Isto é ridículo! Porque... nós vamos, sentamo-nos numa sala e nós... somos todos iguais! Portanto podemos fazer piadas à vontade. 14</p> <p>nós convidamos pessoas quando elas são mesmo especiais. 26</p> <p>E não é... de maneira nenhuma nós correremos com</p>

			<p>preconceituosa por natureza, mas eu sou extremamente preconceituoso por natureza. É um esforço muito grande... 29</p> <p>eu acho que toda a gente faz julgamentos.29</p> <p>preconceito para pessoas de todas as categorias sociais, preconceito de todas... tudo. Eu tenho esse preconceito. Sempre tive e no núcleo também tinha, mas... nunca mudei a minha maneira de estar para essas pessoas por causa disso. Quando havia preconceito era na minha cabeça e acontece. 29</p> <p>Mas nunca achei que devia mudar as minhas atitudes perante essas pessoas por causa de... de ter essa opinião, ou de achar que isso ia acontecer, ou que era assim. Não, isso não. 29</p> <p>quando eu cheguei a orientar sessões no núcleo... as mesmas pessoas, com outra presença a orientar têm comportamentos completamente diferentes. A pessoa do orientador, por mais que se tente, ok, afastar para não influenciar o comportamento do grupo, porque é isso que tem de ser feito, influencia sempre. 30</p> <p>se houvesse ali preconceito, se houvesse ali um</p>				<p>ele, porque ele achava que os gays eram errados. Nem pensar nisso. Foi só ele... se calhar, não se sentiu bem, porque sentiu que ele era preconceituoso de mais para a maneira de estar do grupo, que era uma maneira de estar perfeitamente aberta, perfeitamente saudável e, e... e pronto, e de pôr as coisas no, no... posicionar.33</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

			comportamento de “Olha, este preto já tá aqui a...” O QUÊ? ISTO NUNCA, NEM ERA POR MEDO DO QUE PODIA ACONTECER! ISTO ERA INCONCEBÍVEL NA NOSSA CABEÇA. Eu nunca, eu não consigo pensar, eu não consigo imaginar uma cena dessas no núcleo! 30 eu sou de opinião que nunca se consegue eliminar o preconceito, tem é de se viver com ele e perceber que ele é uma palermice! A piada tá... a piada não tá no que se tá a dizer, a piada tá no facto de haver alguém que ache mesmo que as louras são mais burras que as morenas. 30					
		O voluntariado	projectos de voluntariado, isso foram coisas QUE FIZERAM DIFERENÇA! 15					
	Aspectos negativos/positivos deste tipo de grupos							
	A sua relação com o mundo do trabalho							
Escola/Núcleo: a comparação	Eu , se calhar, não tinha aguentado tão bem certas coisas que aturei a professores se não fosse aquilo que aprendi no núcleo que é “Eh pá! Pronto. Lá tá este... estrôncio a, a... impor-me a posição dele, mas qual é o ponto de eu fazer, não é de conformar-me é... assertividade. 34 Eu nunca fui um aluno de me calar e		tar com o núcleo é tar cá fora com as pessoas que nós gostarmos, não é? Havia ali, havia ali uma ponte. 34 Nós sabíamos que fazíamos parte daquele grupo. Havia um sentido de, de, de grupo! 35 Não pode haver vontade d’ir pá escola porque não há uma identificação	Um sentido de grupo que falta muitas vezes na escola, que é uma coisa que existe muito nos EUA , que eu acho que ajuda muito à maneira como os EUA são posicionados no mundo que é: a malta da equipa de... toda a gente tem que fazer parte de um grupo. Não é? Ou faz parte da equipa de futebol, ou faz parte da equipa de basquetebol, ou faz				nós depois tínhamos aquelas actividades, tínhamos aquelas, aquelas palestras com pessoas que... que sabiam o que é que tavam a falar em determinados campos e, e isso fazia-nos olhar, pensar assim: “Eh pá! Eu gostava de ser uma pessoa daquelas!” e depois, depois e pra isso nós tínhamos que estar na escola. As pessoas tiveram na escola. Tiveram que

		<p>dizer assim: “Ah! Pronto! tás a dizer isso, então é porque é verdade.” Mas calma lá... mas isso é assim?... mas assertividade foi uma das lições, foi uma das grandes lições do núcleo. 34</p> <p>Eu aposto que algumas pessoas no núcleo não tinham mais nada que esperar da escola senão o tar com o núcleo. 34</p> <p>E, se calhar, isso anda-me a fazer falta. Agora que eu ando a pensar em desistir de tudo o que é académico. Se calhar, andava a fazer-me falta dar-me com esse tipo de pessoas, porque cada vez que eu falo com o professor Cay ou com o professor Carlos Faro penso assim: “Caramba! eu...se nã fosse tão calão, se trabalhasse, ainda ia conseguir chegar aqui!” e o núcleo proporcionava-nos essas coisas. 35</p> <p>eu quando fui à palestra do Daniel Pinto é que eu tive assim a certeza “Oh, Pai! Eu peço imensa desculpa, mas não vou ser médico! Deves tar é doido da cabeça!” (muitos risos). 36</p>	com alguma coisa. E aqui o núcleo servia de identificação pa alguma coisa.35	parte da equipa de soletrar palavras, mas faz-se parte de qualquer coisa. É um forte sentido de grupo. Ninguém está ali sozinho. E há pessoas sozinhas nas nossas escolas. 35			<p>aguentar aquilo que nós aguentámos. 35</p> <p>A C., por exemplo, tá a tirar Antropologia... QUAL FOI O IMPACTO da antropóloga que nos veio fazer aaaa...aquela, aquela... só me lembro de “talk”... aquela palestra ahmmmm... nas escolhas dela? Não é? 35</p>
Família/Núcleo: a relação							
Estudar “fora”	Porque sim, porque não	<p>Eu quando fui pra Inglaterra eu era Ruben Maia, futuro Prémio Nobel (riso) 43</p>					

	Reacções à ideia						
	Lidar com as diferenças culturais						<p>Temos que nos focar nos aspectos em comum e não nos aspectos que nos dividem. E Isso, eu aprendi ainda mais quando comecei a viver com, com, com pessoas... em Inglaterra convivo com pessoas que, se calhar, nunca, nunca seriam minhas amigas noutras circunstâncias e assim vivo com elas e pronto. Tive que as aceitar como... minhas amigas 8</p>
Os projectos		<p>O meu projecto de vida é: tenho de acabar a minha licenciatura 41</p> <p>Quero vir pa Portugal, pa tá com a minha família 41</p> <p>Tenho tantas ideias às vezes... acordo de manhã dum lado, acordo de manhã noutro. 42</p> <p>“Ok, agora vou criar, eu e o meu mano, uma coisa assim de raiz, pa, pa crescer.” Mas, às vezes, penso que não. Às vezes, penso que, se calhar, trabalhar em Bioquímica, ser professor, uma coisa assim. 42</p> <p>acho que o meu projecto é ser feliz. 42</p> <p>Quero ter, quero ter uma ranchada de putos 42</p> <p>Arranjar uma miúda em condições. 43</p> <p>Eu... começo a pensar que tem que</p>					

	ser uma coisa na indústria, não pode ser uma coisa médica. 44					
A minha visão de mim e dos outros	<p>Eu era muito gostado em, em, na, em Óbidos. Era memo... pronto! Toda a gente gostava bué de mim! Contínuos, professores. Eu dava-me muito... Bué d'amigos. 4</p> <p>Que eu agora volto lá e percebo que, se calhar, não eram tão meus amigos como isso pessoas que eu achava que naquela altura iam-se preocupar pró resto da vida! 4</p> <p>E começo a pensar: "Pois, a malta lá no liceu, também vai ser a mesma coisa!", mas é diferente, porque são fases diferentes.4</p> <p>ia-me adaptando às pessoas com quem tava.4</p> <p>Por isso é que foi sempre, os meus grupos de amigos foram sempre muito baixos. Eram amigos duns, de pessoas que não se podem ver umas às outras! 4</p> <p>no Olho Marinho, eu fui a única pessoa que fez o décimo segundo no ensino normal4</p> <p>Ninguém mais vai sair daquela terra e eu já saí. Aos dezassete anos já estava fora 4</p> <p>tenho mais confiança a falar em público que a maior parte</p>	<p>Em Portugal toda a gente tem um certo nível de, de, de abstracção filosófica na cabeça. 11</p> <p>O saudosismo ... nós, um dia, fomos grandes, nós temos sempre aquela ideia: NÓS JÁ FOMOS GRANDES! (imita alguém a dizê-lo a outro) mas temos essa ideia há novecentos anos e não há nada a fazer. Nós temos essa ideia há novecentos anos.16</p> <p>Se nós não conhecermos pessoas diferentes... nós não nos conhecemos a nós mesmos. 34</p> <p>Nós somos putos até termos quarenta anos 46</p>	<p>Eu quando o vejo, há qualquer coisa aqui que até fumega. Enerva-me tanto, tanto. Tanto! Porque eu olhava muito pra cima pra ele. Foi uma coisa... que eu nunca mais tive um amigo assim. 4</p> <p>eu sempre tive um melhor amigo, mas era sempre ele a olhar, ou olhávamos de igual pra igual ou ele a olhar pa mim, pra cima. 5</p> <p>Como o meu melhor amigo faz agora, porque é a maneira de ser dele. Eu olho pra cima, pra ele, mas ele olha pra cima, pra mim. Eu sei que é muito mais forte ele olhar pra mim num pedestal do que o contrário.5</p> <p>Mas naquele caso, do meu melhor amigo de décimo ano... era eu a olhar pra ele. 5</p> <p>Tínhamos um problema que era: gostávamos os dois da mesma rapariga (silêncio) e ele tomou uma opção muito, muito diferente daquela que eu achava que ele devia ter tomado que foi: ele optou pelo caminho fácil de ser aceite pelo resto do mundo. 5</p> <p>Nós éramos dois tipos que podíamos ser diferentes e, ainda assim, sermos populares porque tínhamos</p>	<p>Há muitas pessoas que acham qu'eu, que eu não consigo discutir. Acham-me arrogante só porque... pronto! Se eu estiver a discutir da maneira como eu discuto, normalmente, e eu tenho este problema com a minha mãe, mas ela agora já começa a entender. Eu não tou a passar atestados de ignorância! Eu tou a defender da melhor maneira que eu posso para que tu te defendas da melhor maneira que tu possas para nós, os dois, nos enriquecermos! Eu não tou a atacar a tua pessoa, tou a atacar a tua ideia. Quando isso acontecer é com nomes. Acredita que é tar a chamar tudo e mais alguma coisa. 20</p> <p>A morte é o fim do mundo.26</p> <p>Nós discutimos a natureza humana e durante o núcleo eu tinha uma ideia da natureza humana que é uma ideia da natureza humana que eu já não tenho agora.27</p> <p>Se calhar, o Homem é memo mau. De vez em quando lá aparece uns que encontram o caminho do Bem. Eu já não sei o qu'é qu'acho. Eu já não sei o que</p>	<p>Enerva-me muito, porque... eu sei que, agora não me enerva nada. Eu nunca penso nele! Ou raramente. Nunca penso nele, mas quando o vejo enerva-me que ele tenha feito isso, porque eu achava que era um duo dinâmico...5</p> <p>Vai haver uma parte de mim que vai tar sempre assim: "Eh pá! Tanto potencial...". Não me interessa nada.45</p>	<p>Havia um, um grupo que era muito importante pra mim no nono ano. E que era sempre onde eu queria tar, mas nunca tive, nunca fui inserido lá! Nunca calhou! 5</p> <p>eu era um nardzito qualquer, eles não me queriam lá, porque eles eram uns putos bacanos, uns putos fixes. 5</p> <p>Eu acabei na turma deles de décimo primeiro e agora sou grande amigo deles todos! 5</p> <p>Foi aí que eu conheci o PP e comecei a dar-me com o PP, que eu sei que vai ser, é, é o meu "my brother for another mother". Ele é um irmão que nasceu doutra mãe e doutro pai. Ele ajudou-me muito a passar essa fase terrível que foi a fase em que eu andei com a Inês Firmo, e que eu comecei a ler Fernando Pessoa e que eu...li A Aparição e e aquilo mexeu com os neurónios que eu não quero mexer mais! Ah (pausa) e depois fui pra Inglaterra. 8</p> <p>Aa... comecei aa... a abrir a minha cabeça pa outras coisas. A perceber, perceber que lá porque nós não somos iguais às outras pessoas, isso não é assim. Nós</p>

	<p>das pessoas. 7</p> <p>eu acho que no décimo segundo é que começou a minha vida.7</p> <p>No décimo, a minha vida, até ao décimo segundo foi assim uma coisa... andava ali aos saltos e pinotes... um rapazico e depois no décimo segundo deixei de ser um rapazico e passei a ser um puto que é aquilo que eu vou ser nos próximos anos ainda. É um puto, um putozeco. Era um putozeco e o puto começa agora. Agora começa o puto. Era ali o rapazico e agora é o putozeco. O putozeco era no décimo segundo. 7</p> <p>Não era ser o melhor por ser melhor que os outros. Era por ser bom. Eu nunca me preocupei de ser o melhor, quer dizer, havia aquela pontinha de mim que queria ser o melhor, mas nunca me preocupei porque, normalmente, o segundo melhor, quando eu era o segundo e o terceiro melhor eu conhecia o primeiro e o segundo e eram meus amigos e eu ficava feliz por elas10</p> <p>Em desportos era perfeitamente medíocre. Tinha cinco, mas nunca era, nunca era aquele tipo “uou!”...artisticament e também nunca, nunca me excedi. Pronto! Mediocre,</p>		<p>possibilidades, posses suficientes pra fazer quer o que fizéssemos pra termos posições, posições certas, as posições de defendermos os pontos importantes da vida tendo posições inteligentes e ainda assim sermos olhados como modelos. 5</p> <p>Eu, ele como o meu modelo, foi sempre assim que eu o vi, ele como o meu modelo e eu como o modelo de toda a gente ao lado dele, como braço direito dele e ele tomou a opção contrária.5</p> <p>Tomou a opção: “Vou mas é ser popular, comprar uns sapatinhos, como toda a gente quer, e vou começar a ler as revistinhas da moda que... pronto. E, certamente, deve ter resultado muito bem pra ele. Deve ter sido, deve ter muita, muita mulher atrás dele por causa disso, mas pronto.5</p> <p>Os miúdos não são parvos. Há muita gente... acho que as teorias pedagógicas que circulam, por aí, hoje, tratam, ainda tratam os meninos como uns meninos. Os meninos já não são os meninos, pá! Os meninos com, os meninos com seis anos já jogam xbox e já me dão () na xbox. Ora, se eles são capazes de compreender um jogo complexo, onde têm que usar os dedos e a cabeça,</p>	<p>acho. A sério! Em termos... neste momento, na minha vida, estou perfeitamente perdido em termos do que é que achava e acho 27</p> <p>A gente não consegue fazer um mundo melhor. 27</p> <p>E, agora, olho pa trás e penso assim: “ai! Se eu pudesse pensar como quando tinha dezassete anos!”. Mas quando tinha dezasseis ainda era pior. É idealista. É idealista. Não é perca de tempo. Nunca, nunca. Nunca. 28</p> <p>tenho uma parte de mim que não tem esperança 28</p> <p>Há uma parte de mim que ainda tinha aquela esperança de que... “ se calhar, ainda dá! Se calhar...Há pessoas que merecem um mundo melhor. E se há pessoas a darem as vidas delas pa fazerem do mundo um mundo melhor, se calhar, vamos...28</p> <p>acho que se eu der o meu contributo e publicar quinhentos artigos na revista Nature e escrever o meu nome na História pó resto da vida...da vida humana... dou tanto contributo como... Não! Não dou...mais importante do que isso tudo, mais importante do que isso tudo é eu criar os meus putos pra eles serem pessoas</p>	<p>temos que nos identificar é com as coisas que temos em comum que temos com as pessoas, mais do que com as coisas. 8</p> <p>Começa-se uma discussão sobre, sobre política toda a gente tem um ponto e, e tou a falar em termos abstractos, não é, não é uma discussão específica, é... No grande plano toda a gente tem qualquer coisa pra dizer, mas... em Inglaterra ninguém tem! 12</p> <p>Eu sei que no meio académico, em Portugal, o, o pessoal da minha idade é muito mais... é muito mais aquela cena do, do, do café parisiense, vamos sentar e vamos falar sobre, sobre NADAS! Lá não há isso. Damos as matérias e vamos ver um filme, ou vamo-nos babar. 12</p> <p>Eu amo este país muito=muito=muito= muito, não é esta pátria, é este país. Eu amo este sítio, este estilo de vida, esta maneira de estar, esta língua...amo isto. Mas lá fora, isto é tão relevante para o resto do mundo como a Estónia ou a Letónia...são para nós. Porque, pra eles, eles são muito importantes e eu... pronto, vi isto porque saí. 16</p> <p>Este país é assim e os outros também. Isto é tudo a mesma</p>
--	--	--	---	--	---

	<p>mais uma vez! Mas na escola... pronto a maior parte do meu percurso escolar era ali em cima, sempre a puxar a fasquia e, e pronto! 10</p> <p>eu sinto que aquelas coisinhas pequeninas que as pessoas tinham no ciclo, e que eu tinha no ciclo, influenciam muito o que as pessoas são hoje. 11</p> <p>Ser diferente exige uma personalidade muito forte e...e...eu sempre consegui, porque, pronto, tinha boas notas e conseguia dar-me com muita gente. Pronto. Como tinha boas notas e como tinha muito paleio sempre sobrevivi bem.11</p> <p>(Expiração funda) Mas faltava-me, eu sempre senti que me faltava pessoas do memo calibre em termos de discussão porque depois eu começava a falar, aqui e agora noto ainda mais, agora em Inglaterra noto ainda mais. 11</p> <p>Quando eu conheci, quando eu conheci o meu melhor amigo de décimo ano foi isso que eu encontrei nele. Foi uma pessoa do memo calibre que eu 12</p> <p>Eu vivi, houve momentos na minha vida em que eu duvidei da existência dos outros. 14</p> <p>As coisas ensinaram-me que eu não precisava de fugir dos meus pais, que</p>		<p>para resolver problemas, que eu não sou capaz de resolver, os meninos não são meninos, coisa nenhuma. 38/39</p> <p>Os nossos filhos... eu nem quero pensar, eu nem quero pensar... eles...da maneira como as consolas de jogos estão a modificar-se, os nossos putos, os meus putos... eles hão-de conseguir beber café, fazer o sudoku e, e, e pintar um quadro ao mesmo tempo.39</p> <p>Toda a vida os professores quiseram passar-me um ano à frente e eu sempre... porquê? Porque eu tava sempre frustrado, porque já sabia o que se tava a passar. Eu olhava pós livros, já percebia o qu'ê que tava...mas... há muita gente que não.39</p> <p>Os putos sabem memo o que é que se tá a passar no mundo. Ok? Temos é de os fazer preocupar com isso. Temos de os fazer ter espírito crítico em relação àquilo que lhes estão a dizer. 39</p> <p>nos últimos seis meses eu fui atacado duas vezes por putos de catorze, quinze anos que acham que são os reis do mundo, ou qualquer coisa assim. Só porque sim encontram o pessoal na rua e batem-lhe. Eu não quero sequer que os meus filhos</p>	<p>em condições, pra eles depois criarem os putos deles como pessoas em condições. 45</p> <p>Espetaram-me aqui eu tenho que fazer o melhor com o que me deram. Eles deram-me isto e eu vou tentar fazer melhor! 45</p> <p>eu vou ter tanto respeito por mim mesmo se ganhar um Nobel e se for professor universitário em Cambridge, como se trabalhar num posto dos correios no Olho Marinho. 45</p>		<p>porcaria, só que a nossa... é nossa. A nossa porcaria cheira à nossa porcaria e, portanto, nós gostamos. É bom. É bom pa nós, porque é a nossa. 16</p> <p>Nunca pensei que me havia de sentir emigrante e sinto. Não muito. 16</p> <p>há um contraste muito grande entre as pessoas de Inglaterra e as pessoas cá. A maneira de vestir, a maneira de, pra já a língua não se dá a tanta, tanta... floreado. É uma língua prática, diz o que tem a dizer e pronto. E a nossa língua é uma língua onde se anda ali à volta e não havia espaço, não há espaço lá... ninguém tem espaço, lá, pa pensar nessas coisas. Ninguém se interessa por política. Ninguém se interessa por filosofia. 17</p> <p>toda a gente em Portugal que anda no secundário teve... Filosofia. Lá ninguém teve Filosofia. Se lhes perguntarem quem é Kant, Kant é só uma palavra má, mais nada! É, é, é só o maior palavrão. Ninguém se conhece...17</p> <p>não estive só com ingleses, mas ninguém se preocupa muito 18</p> <p>Em Portugal, quando se fala "Ah! Mas lá no norte...". É UM CONTO DE FADAS! Esse sítio não existe.</p>
--	---	--	---	--	--	---

	<p>eu precisava era de crescer, mas não conseguia ter lidado com isso se tivesse cá.16</p> <p>tive espaço...para deixar as coisas assentar e olhar pra elas de uma maneira diferente 16</p> <p>eu sempre sinto isto: não tou a fazer o suficiente mas não consegui mudar, deixei-me estar. 17</p> <p>Lá, toda a gente pensa que eu sou... que é só teorias da conspiração na minha cabeça! Porque pronto! Eu... falo das coisas. Questiono-me. Questiono tudo! 20</p> <p>Eu tive grandes amigos que são professores. Mas sinto que muitos amigos meus não tiveram! 22</p> <p>Eu sempre me adaptei muita bem, mas há pessoas que não se adaptam bem, que não têm sítio onde possam (expiração funda) respirar. 22</p> <p>sou amigo deles como sou dum, dum mendigo 23</p> <p>eu não consigo imaginar o meu filho gay...pá! Se for, for! Se for vai ser, mas não, não, não consigo imaginar! 32</p> <p>Até percebo a maneira de ver das coisas dele, mas lembro-me que tivemos uma discussão muito grande porque eu</p>		<p>tenham, não quero sequer que eles vão às mesmas casas de banho públicas qu'essa gente (riso irónico). É muito estúpido, mas é isso. Eu não quero memo contacto com pessoas destas.43</p> <p>A maior parte deles tá só a estudar coisas porque sim. Porque "Ah! Agora... não sei fazer nada na vida então agora vou estudar uma proteína numa bactéria qualquer que ninguém conhece e vou pedir ao Estado pa me dar dinheiro. Pronto e vou passar o resto da minha vida assim" (imitou um cientista com os óculos na ponta do nariz e ridicularizou-o). Não pá! Ou se está a fazer qualquer coisa que é de facto prática e útil ou então, conhecimento por conhecimento já não me diz nada. Conhecimento... ler por ler já não me diz nada. Se eu não vou aprender nada com aquilo que vou ler, não vale a pena tar a ler. É uma perda de tempo. Se eu não vou investigar nada que, que valha a pena, não vale a pena investigar. 43-44</p> <p>Isto é malta que tá a tentar subir cada vez mais alto, tá a tentar descortinar os mistérios da ciência e os mistérios do mundo e eu já percebi que os mistérios do mundo nunca vão ser descortinados. 44</p>		<p>Eu nunca, eu ainda não tive a hipótese de visitar esses países, mas aquilo que a minha namorada me contava... é um conto de fadas! Aquilo não era assim.18</p> <p>eles são bons cidadãos, eles são bons cidadãos porque é... pronto! É porque não sabem fazer as coisas de outra maneira! Ninguém lhes dá hipótese de eles serem más pessoas! Más pessoas! Não é más pessoas é... são cordeirinhos. É um rebanhinho e vão todos atrás uns dos outros e isto é tudo muito bonito até ao dia em que os transformarem em rebanhinhos pra fazerem outras coisas. É assim, eles agora são rebanhinhos pa serem bons cidadãos e não serem uma ameaça pó mundo, um dia qualquer transformam-nos em rebanhinhos pra tomar conta do mundo e eles vão tomar conta do mundo. Rebanhinhos pra tomar conta do mundo.18</p> <p>Porque eles não têm espírito crítico! Eles recebem tanto dinheiro do Estado que eles podem ter tudo o que quiserem e, portanto, tudo o que querem é à sexta-feira irem (assobia) apanhar copos, apanhar uma copofonia porque no resto da semana é pra tar a fazer aquilo</p>
--	---	--	---	--	--

	<p>assim: “quê? Mas tu és totó da cabeça! É errado? 32</p> <p>Nunca fui um rebelde (...) Mas nunca me conformei com o que me disseram. 38</p> <p>EU TOU A APRESENTAR O PONTO E A STORA VAI LOGO: ENTÃO E SE ALI. É O PONTO QUE EU NÃO CONSIGO AINDA JUSTIFICAR É AQUELE ONDE A STORA VAI. 45</p>		<p>Eu tenho muito respeito por essas pessoas que tão a tentar fazer o mundo andar pá frente, mas eu tenho muito medo do que é que tá lá à frente, portanto, eu fico assim “Eh pá! Vocês andam aí na ponta da lança, mas vocês não sabem pa onde é que vão”. 44</p>		<p>que têm que fazer a ver televisão e é, na escola, eu não tenho a noção do que é a escola lá, mas eu acho que a escola lá é mesmo um sítio onde se da formação técnica. Não se dá formação humana. Não é preciso dar formação humana.18</p> <p>Não se evita a discussão neste país. Não se evita! E lá fora evita-se a discussão. “Ai é? Tens essa posição? Tá bem. Pronto. Amigos como dantes. Não se fala neste assunto mais”. 18</p> <p>Eu acho que nós estamos gerações atrasados, mas eu acho que nós ainda temos aquele espírito de há trinta anos atrás.</p> <p>Quando é que foi a última revolução que eles tiveram? Eles estiveram sempre muito bem, muito obrigado. Não é? Nós, foi preciso todos saírem à rua. É muito triste que se perca a noção do que é que foi o 25 de Abril19</p> <p>Como os nossos putos de agora, eu tou a falar como um velho, há! Como a malta mais nova que eu vejo na geração do meu irmão e do meu vizinho... não há nada, não têm de lutar por nada. Tem tudo feito. Têm a papinha toda feita! 19</p> <p>Ser bom cidadão é: ok, o que é que se passa? Se alguma coisa falhar eu tenho que ter o sentido crítico de sair pá rua</p>
--	--	--	--	--	---

					<p>e dizer assim: “Não pode ser!”. Eles não têm isso. Eu acho mesmo que eles não têm isso. Eu sou memo sincero e isto... e isso perde-se. No Reino Unido então perde-se de uma maneira... terrível... ninguém... “Ai é? tal...!” (mudou o tom de voz para um mais suave e fino)”então agora vamos ver o que é essa novidade? Então vá, vamos!” e depois dizem assim: “Ah, não! Mas eu vou em manifestações pós, pós coitadinhos!” 19</p> <p>eu vejo a situação mundial pôr-se de tal, tar a alinhar-se de tal ordem para, para... eles já não nos oprimem, eles já não nos oprimem com um lápis azul. Eles agora oprimem-nos com Coca-Cola, oprimem-nos com modos de vida. Eles não estão a vender ideais. Eles já não estão a vender capitalismo! Eles estão a vender um modo de vida. Já não é uma questão de capitalismo/comunismo, já não é uma questão de opressivo, é: “você podem entender o que vocês quiserem desde que nós vos deixemos”. E nós: “ Ah! Eles deixam a gente faz. Nós podemos fazer o que quisermos”. 19-20</p> <p>lá faltou um espaço onde se pudesse questionar, onde se pudesse pôr em causa. 20</p> <p>naquela discussão eu tive que lhe ensinar que eu tou a</p>
--	--	--	--	--	--

						<p>dizer isto, mas não é para, pa te atacar a ti! É para te mostrar o que é que na minha visão é diferente da tua. Pronto! Não, não eles não tas treinados pra dialéctica. 20</p> <p>sempre tive uma personalidade muito forte 37 Sempre li imenso (...) 37 isto é o que eu sinto de mais diferença entre os cientistas portugueses e os cientistas lá fora. O cientista português teve Filosofia, o cientista lá fora não teve Filosofia.38</p> <p>sabe quem foi Karl Popper! É só, pa mim, é só um dos nomes mais importantes da ciência de sempre.38</p> <p>1984 devia ser leitura obrigatória.40 eu tenho medo, um pavor do opressor. 40 Eu tenho um pavor de... um dia, eu só pensar aquilo que me deixarem pensar. Ninguém, ninguém, ninguém vê que isso é o que acontece hoje! 40 Ninguém vê que nós só pensamos aquilo que eles nos deixam pensar. E eu sou vítima disso. Toda a gente é. E eu sou mais vítima disso do que aquilo que gostaria, porque tenho noção disso.40</p> <p>Há interesse em que as massas sejam cegas, sejam rebanhos. Nós=não=podemos=deixar=qu'isso=</p>
--	--	--	--	--	--	--

					<p>aconteça=aos=nosso s=miúdos porque corremos o risco de que... essas massas sejam usadas para coisas más. 40</p> <p>Enquanto essas massas forem usadas pa coisas boas, só pró lucro, só pra gastarem, porque é isso, as massas pa gastarem dinheiro agora. Tá tudo bom! Endividem-se, façam o que quiserem. Enquanto=não=fizere m=nada=de mal=tudo=bem. Se algum dia told, e já tão a toldar a cabeça das massas pa pensarem assim, tão a toldar a cabeça dos muçulmanos pra acharem que têm que atacar os cristãos e tão a atacar aaaaaa a mente dos ocidentais pa achar que tudo o que não é... branco e americano é mau! 40</p> <p>eu sinto-me membro, um bocadinho menos dominado da massa (...) Engulo e pergunto assim: "Eh pá! Pa quê que eu tou a comer isto? Mas como à mesma! (...) não como tudo. Algumas vezes cuspo, mas gostava de cuspir as vezes todas. 40</p> <p>Portugal eu conheço muita gente que cospe. E que cospe tudo! E em Inglaterra eu não conheço, eu conheço poucas pessoas que cospem. 40/41</p> <p>"Isto não sabe nada bem, mas olha, pronto, siga." Mas tenho noção que eles</p>
--	--	--	--	--	--

						<p>me estão a alimentar com lixo. Nós=não=podemos=deixar que=isso=aconteça=aos=nossos=putos. 41</p> <p>Eu gosto muito das pessoas. Eu vejo com cada coisa que até me dói neste país. E vejo com cada coisa que até me dói nos outros. Mas é o que eu digo: isto não vale nada (expiração rápida), mas lá fora também não é muito melhor. É diferente! 42</p> <p>Acho que as pessoas continuam com uma mente muito fechada e não percebem que nós devíamos tirar lições boas dos outros países e ficar com as nossas boas lições. 42</p> <p>não consigo viver em cidades. Em Lisboa, se calhar, ainda conseguia 42</p> <p>Eu não me imagino a envelhecer sem amigos... e não me imagino a fazer novos amigos, porque se eu me imaginasse a fazer novos amigos ia pra Manchester, ia pra outro sítio qualquer. Aah tem que ser um sítio onde eu já tenha um grupo de amigos 42</p>
Os relacionamentos e a intimidade	<p>eu namorei com uma rapariga da Dinamarca 18</p> <p>Amor é amor, mas o que eu acho é, as pessoas, hoje... é o amor dos filmes. As pessoas não andam à procura de amor a sério. 46</p>	<p>Porque nós somos putos e depois nós casamos com trinta e três e toda a gente diz: "Ah! Já tas tão velho pa casar! tens memo que casar!" então vamos casar. Agora tá na altura de nos casar portanto vamos casar. Depois,</p>				<p>Eu sempre me lembro de raparigas pelo meio disto. Eu lembro-me das primeiras. 3</p> <p>No jardim-escola eu lembro-me... coitada! Ela agora é tão feiinha 4</p> <p>No nono ano comecei a ter</p>

	<p>É andar ali a batalhar, às vezes... É como o tempo. É como o mar. O mar, às vezes, tá revoltado, outras vezes tá pacífico 46</p> <p>Agora aguenta-te. E eu vejo isto a acontecer com muita gente. E assusta-me muito. Não quero. Olha! Antes quero falhar a vida, não ter família do que, do que casar assim. 46</p> <p>Os contos de fadas já são um bocadinho velhinhos. 46/47</p> <p>... tem que ser trabalho d'equipa 47</p> <p>acaba por se dever casar não é por quem tá mais apaixonado. Paixão e amor são coisas completamente diferentes. 47</p> <p>Há uma série de pilares: intimidade física (...) Têm que ser duas pessoas que se sintam fisicamente atraídas e têm de ser, tem de se tentar garantir, isto é muito difícil, mas tem de se tentar garantir que as pessoas se vão continuar a sentir atraídas daí a vinte anos.</p> <p>Há n de coisas que ninguém controla. Ninguém controla tudo, portanto... pode tudo ir pás couves, pode tudo dar mal, mas as probabilidades são muito menores do que se já se começa mal. 49</p>	<p>já tamos com trinta e três, somos putos, não sabemos nada ainda da vida, porquê que é, somos putos, somos miúdos mimados, meninos da mamã até sei lá quando. "A minha mamãzinha é que me faz o comer, a minha mamãzinha... a minhaaa!" andamos p'aí habituados a uma certa promiscuidade e depois, de repente, já tamos velhos demais p'aquilo, já tamos habituados, já é esperado de nós "casa-te e arranja uns filhos" e depois pronto tem de ser.</p> <p>O amor é uma coisa... também é um bocado racional... o amor é uma coisa... o amor tem, tem de nos dar a melhor coisa pás nossas vidas. 47</p> <p>Temos de desejar o melhor pá outra pessoa, de desejar o melhor o melhor pá nós e desejar o melhor pós nossos filhos. 47</p> <p>os putos não tão preparados pró mundo real. Nós somos putos.47</p> <p>Gostamo-nos da mesma maneira. Somos compatíveis. 49</p>			<p>problemas por causa disso, porque fui sempre rejeitado. 4</p> <p>no décimo ano, as coisas correram bem e tal e tive a minha primeira namorada. 4</p> <p>no décimo segundo (...) foi a primeira vez que eu pus na cabeça uma rapariga que eu sabia, eu, se calhar, até sabia que não ia gostar dela, mas pus na cabeça, porque ela era espectacular. Ela era tudo aquilo que eu queria, portanto só podia ser ela. E ela tava numa relação, uma relação sólida de anos... muitos anos! Ela já tinha aquela relação há três anos! Mas... eh, pá! Uma miúda inteligente! Pronto. Ela deixou, deixou o rapaz e nós começámos a andar e passados uns dias eu disse: "Eh pá! Afinal isto foi um erro! Porque eu acho que foi a partir dali que eu comecei a ser assim. Foi do género: "Eu tenho a certeza que isto vai acabar mais cedo ou mais tarde. Vamos acabar já!", mas de longe a pessoa que mais influenciou a maneira como eu vejo as relações a dois, foi a pessoa que eu conheci depois disso. Não! Ainda teve outra pelo meio mas ... foi a Susana. A Susana foi o meu primeiro amor. Sem pestanejar digo isto e por mais que saiba que na altura, que na altura ela era... se eu... lá atrás, não a tivesse amado, eu</p>
--	---	--	--	--	--

	<p>e há p'ai muitos casamentos que começam terrivelmente (tosse) e, depois, até correm bem e a pessoa pensa assim:"Olha! pronto!" 49</p>				<p>sei que eu nunca podia ter tido uma relação de amizade com ela, porque ela era tudo aquilo que eu não gostava numa rapariga. Ela agora tá completamente diferente. Ela agora é, se calhar, muito mais próxima do que eu queria do que é agora, do que era lá atrás, mas... mas pronto. Eu apaixonei-me por ela e foi... 7/8</p> <p>Ponderei mesmo, eu disse mesmo pra mim mesmo: "Pronto. Não vou pra lado nenhum. Vou ficar com ela". Ela teve o bom senso de me dizer, de, de, de... de acabar tudo comigo para eu ir e pronto. 8</p> <p>Eu acho que o progresso tecnológico tem que ser mais devagarinho, pé ante pé, a pensar bem cada passo, porque se nós temos aprendido qualquer coisa nos últimos duzentos anos é que a ciência tem muita coisa boa e muita coisa má. 44</p> <p>Ei! Acordem! Isto é viver a dois. É tu dares uma parte de ti e a outra pessoa dar uma parte dela. 46</p> <p>Eu acho que, que, que as relações amorosas têm que ser equilibradas. Acima de tudo equilibradas, em todos os níveis, porque se nós já começamos desequilibrados... é sempre um jogo pa manter aquilo mais ou menos nivelado</p>
--	--	--	--	--	---

						<p>os cinquenta anos de casamento. 47</p> <p>as pessoas gostam de ver os filmes e gostam de ver as coisas boas nas relações...a primeira, a primeira dificuldade "Oh! Pscht! Eu não tou p'aturar isto! Eu quero... eu quero mas é ir sair! Eu já tou farto d'ir pá cama contigo". E... não pode ser assim pá! 48</p> <p>(...) Confiança. Confiança é, é um fungo a crescer. (...) a relação nunca pode baseada numa mentira tem que ser sempre baseada numa verdade. (...) essa verdade tem de ser o amor (...) o perder uma parte de nós, o pôr a outra pessoa em primeiro lugar. (...) E a outra pessoa tem que nos pôr a nós antes dela. Depois tem que ser uma coisa muito equilibrada. 48</p>
Lugar de pertença		<p>se calhar, ainda vamos conseguir fazer deste sitiozinho, deste paraísozinho, qu'a gente aqui tem, um sítio em condições nos próximos vinte anos. 43</p>				

Entrevista nº 1			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes	
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relação familiar	Pais							
		Mãe							
		Irmã							
Escola	O percurso escolar	Geral							
		Pré-primária							
		Primária							
		Ciclo							
		Na Ra ul	"o liceu"						
			A turma: nós e os outros						
			Os professores						
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar								
	Adesão a actividades extra curriculares								
	A relação da escola com o mundo do trabalho								
	Núcleo	Conhecimento da sua existência (a sua história)							
		Motivos da adesão							
O que é/era o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania									
Significado atribuído à vivência dentro do núcleo		Geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as diferenças dentro do grupo							
		O voluntariado							
Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?									
A sua relação com o mundo do trabalho									
Escola/Núcleo: A comparação									
Família/Núcleo: A relação									
Estudar "fora"	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos pessoais									
A minha visão de mim e dos outros									
Os Relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº2			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e Percurso familiar							
	Relação familiar	Pai						
		Mãe						
		O irmão						
Escola	O percurso escolar geral	Pré-primária						
		Primária						
		Ciclo: a EBI						
		Na Raul	"o liceu"					
			A turma: nós e os outros					
			Os professores					
		Para que serve a escola						
		Significado atribuído à vivência na instituição escolar						
	Adesão a actividades extra curriculares							
	A relação da escola com o mundo do trabalho							
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência							
	Os motivos da adesão							
	O que é/ era o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania							
	Significa do atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral						
		A confiança dentro do núcleo						
		Lidar com as diferenças dentro do grupo						
		O voluntariado						
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?							
A sua relação com o mundo do trabalho								
Escola/Núcleo: a comparação								
Família/Núcleo: a relação								
Estudar "fora"	Porque sim, porque não							
	Reacções à ideia							
Os projectos pessoais								
A minha visão de mim e dos outros								
Os Relacionamentos e a intimidade								
Lugar de pertença								

Entrevista nº 3				Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	de	Pontos de crise	Mudanças de pronomes	de	
Família	Infância e Percurso familiar											
	Relação familiar	Pai										
		Mãe										
		Pais										
		A mãe e o padrasto										
		O irmão										
Escola	O percurso escolar geral	Geral										
		Primária										
		Ciclo										
		Na Raul	"o liceu"									
		A turma: nós e os outros										
	Para que serve a escola											
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral										
		Na Raul										
		As aulas										
		Os professores										
	Adesão a actividades extra curriculares											
	A relação da escola com o mundo do trabalho											
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)											
	Os motivos da adesão											
	O que é/era o NFPC											
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral										
		A confiança dentro do núcleo										
		Lidar com as diferenças dentro do grupo										
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?											
	A sua relação com o mundo do trabalho											
Escola/Núcleo: A comparação												
Família/Núcleo: a relação												
Estudar "fora"	Porque sim, porque não											
	Reacções à ideia											
	As diferenças culturais											
Os projectos												
A minha visão de mim e dos outros												
Os Relacionamentos e a intimidade												
Tu sentes... que pertences a algum lugar?												

Entrevista nº 4			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes	
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relação familiar	Pais							
		Pai							
		Mãe							
Escola		O percurso escolar geral	Geral						
	Pré-primária								
	Primária								
	Ciclo								
	Na Raul		"o liceu"						
			A turma: nós e os outros						
			Os professores						
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral							
		A exclusão social							
	Adesão a actividades extra curriculares								
	A relação da escola com o mundo do trabalho								
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)								
	Os motivos da adesão								
	O que é/era o NFPC								
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as diferenças dentro do grupo							
		O voluntariado							
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?								
	A sua relação com o mundo do trabalho								
Escola/Núcleo: a comparação									
Família/Núcleo: a relação									
Estudar "fora"	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos									
A minha visão de mim e dos outros									
Os Relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº 5			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes	
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relação familiar	Pais							
		Pai							
		Mãe							
Escola	O percurso escolar geral	Pré-primária							
		Primária							
		Ciclo							
		Na Raul							
		Os professores							
		Faculdade							
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral							
	Adesão a actividades extra curriculares	O teatro							
		O teatro e o mundo do trabalho							
A relação da escola com o mundo do trabalho									
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)								
	Os motivos da adesão								
	O que é/era o NFPC								
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as diferenças dentro do grupo	Geral						
			O preconceito						
		O voluntariado							
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?								
	A sua relação com o mundo do trabalho								
Escola/Núcleo: a comparação									
Família/Núcleo: a relação									
Estudar “fora”	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos									
A minha visão de mim e dos outros									
Os Relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº6			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas fundo de	Pontos de crise	Mudanças pronomes de	
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relação familiar	Pais							
Escola	O percurso escolar geral	Geral							
		Pré-primária							
		Primária							
		Ciclo							
		Na Raul	"o liceu"						
			A turma: nós e os outros						
			Os professores						
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar								
	Adesão a actividades extra curriculares								
	A relação da escola com o mundo do trabalho								
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)								
	Os motivos da adesão								
	O que é/era o NFPC								
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as diferenças dentro do grupo							
		O voluntariado							
		Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?							
	A sua relação com o mundo do trabalho								
	Escola/Núcleo: a comparação								
Família/Núcleo: a relação									
Estudar "fora"	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos									
A minha visão de mim e dos outros									
Os Relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº 7			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas fundo de	Pontos de crise	Mudanças pronomes de
Família	Infância e Percurso familiar							
	Relação familiar	Pai						
		Mãe						
Escola	O percurso escolar	Geral						
		Primária						
		Ciclo						
		Na Raul	"o liceu"					
			A turma: nós e os outros					
		Faculdade						
	Para que serve a escola							
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral						
		Os professores						
		As aulas						
	Adesão a actividades extra curriculares							
	A sua relação com o mundo do trabalho							
Núcleo	Como soubeste da existência deste núcleo?							
	Alguém te convidou, ou procuraste-o por tua iniciativa?							
	O que é/era o NFPC							
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral						
		A confianç a dentro do núcleo						
		Lidar com as diferenç as dentro do grupo						
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?							
	Achas que este tipo de grupos tem aspectos negativos? Quais? E positivos? Quais?							
A sua relação com o mundo do trabalho								
Escola/Núcleo: a comparação								
Família/Núcleo: a relação								
Estudar “fora”	Porque sim, porque não							
	Reacções à ideia							
Os projectos								
A minha visão de mim e dos outros								
Os Relacionamentos e a intimidade								
Lugar de pertença								

Entrevista nº 8				Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relações familiares	País							
		Pai							
		Mãe							
Escola	O percurso escolar	Geral							
			Pré-Primária						
			Primária						
			Ciclo						
	Na Raul	"O liceu"							
		A turma: nós e os outros							
		Os professores							
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar								
	Adesão a actividades extra curriculares								
	A sua relação com o mundo do trabalho								
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)								
	Os motivos da adesão								
	O que é/ era o NFPC								
	Significado atribuído à vivência no núcleo	Geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as deiferenças dentro do grupo							
	Aspectos negativos/positivos deste tipo de grupos								
	Achavas-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê? Eu, os do grupo e os outros								
Escola/Núcleo: a comparação									
Família/Núcleo: a relação									
Estudar "fora"	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos									
A minha visão de mim e dos outros									
Os relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº 9			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e Percurso familiar							
	Relação familiar	Pais						
		A Mãe						
		O Pai						
		A Irmã						
		A Tia						
		A avó						
Escola		A Pré-primária						
		A Primária						
		O Ciclo						
		Na Raul	"o liceu"					
			A turma: nós e os outros					
			A biblioteca					
	Os professores							
	Para que serve a escola							
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral						
		Os professores						
		Os funcionários						
	Adesão a actividades extra curriculares							
	A relação da escola com o mundo do trabalho							
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)							
	Os motivos da adesão							
	O que é/era o NFPC							
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	No geral						
		A confiança dentro do núcleo						
		Lidar com as diferenças dentro do grupo						
		O voluntariado						
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?							
	A sua relação com o mundo do trabalho							
	Escola/Núcleo: a comparação							
Família/Núcleo: a relação								
Estudar "fora"	Porque sim, porque não							
	Reacções à ideia							
Os projectos								
A minha visão de mim e dos outros								
Os Relacionamentos e a intimidade								
Lugar de pertença								

Entrevista nº 10			selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e Percurso familiar							
	Relações familiares	Pais						
		Pai						
		Mãe						
		O irmãozinho						
		O irmão						
		A tia						
		As avós						
O avô								
Escola	O percurso escolar	Geral	Pré-Primária					
			Primária					
			Ciclo					
		Na Raul	"O liceu"					
			A turma: nós e os outros					
			A biblioteca					
			O liceu e o café					
			Os professores					
	Para que serve a escola							
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar							
	Adesão a actividades extra curriculares							
	A sua relação com o mundo do trabalho							
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência							
	Os motivos da adesão							
	O que é/ era o NFPC							
	Significado atribuído à vivência no núcleo	Geral						
		A confiança: Lidar com as diferenças dentro do grupo:						
		O preconceito						
		O voluntariado						
	Aspectos negativos/positivos deste tipo de grupos							
A sua relação com o mundo do trabalho								
Escola/Núcleo: a comparação								
Família/Núcleo: a relação								
Estudar "fora"	Porque sim, porque não							
	Reacções à ideia							
	Lidar com as diferenças culturais							
Os projectos								
A minha visão de mim e dos outros								
Os relacionamentos e a intimidade								
Lugar de pertença								

Entrevista nº 1			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes	
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relação familiar	Pais							
		Mãe							
		Irmã							
Escola	O percurso escolar	Geral							
		Pré-primária							
		Primária							
		Ciclo							
		Na Ra ul	"o liceu"						
			A turma: nós e os outros						
			Os professores						
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar								
	Adesão a actividades extra curriculares								
	A relação da escola com o mundo do trabalho								
	Núcleo	Conhecimento da sua existência (a sua história)							
Motivos da adesão									
O que é/era o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania									
Significado atribuído à vivência dentro do núcleo		Geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as diferenças dentro do grupo							
		O voluntariado							
Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?									
A sua relação com o mundo do trabalho									
Escola/Núcleo: A comparação									
Família/Núcleo: A relação									
Estudar "fora"	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos pessoais									
A minha visão de mim e dos outros									
Os Relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº2			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e Percurso familiar							
	Relação familiar	Pai						
		Mãe						
		O irmão						
Escola	O percurso escolar geral	Pré-primária						
		Primária						
		Ciclo: a EBI						
		Na Raul	"o liceu"					
			A turma: nós e os outros					
			Os professores					
	Para que serve a escola							
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar							
	Adesão a actividades extra curriculares							
	A relação da escola com o mundo do trabalho							
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência							
	Os motivos da adesão							
	O que é/ era o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania							
	Significa do atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral						
		A confiança dentro do núcleo						
		Lidar com as diferenças dentro do grupo						
		O voluntariado						
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?							
A sua relação com o mundo do trabalho								
Escola/Núcleo: a comparação								
Família/Núcleo: a relação								
Estudar "fora"	Porque sim, porque não							
	Reacções à ideia							
Os projectos pessoais								
A minha visão de mim e dos outros								
Os Relacionamentos e a intimidade								
Lugar de pertença								

Entrevista nº 3				Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	de	Pontos de crise	Mudanças de pronomes	de	
Família	Infância e Percurso familiar											
	Relação familiar	Pai										
		Mãe										
		Pais										
		A mãe e o padrasto										
		O irmão										
Escola	O percurso escolar geral	Geral										
		Primária										
		Ciclo										
		Na Raul	"o liceu" A turma: nós e os outros									
	Para que serve a escola											
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral										
		Na Raul										
		As aulas										
		Os professores										
	Adesão a actividades extra curriculares											
	A relação da escola com o mundo do trabalho											
	Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)										
Os motivos da adesão												
O que é/era o NFPC												
Significado atribuído à vivência dentro do núcleo		Geral										
		A confiança dentro do núcleo										
		Lidar com as diferenças dentro do grupo										
Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?												
A sua relação com o mundo do trabalho												
Escola/Núcleo: A comparação												
Família/Núcleo: a relação												
Estudar "fora"	Porque sim, porque não											
	Reacções à ideia											
	As diferenças culturais											
Os projectos												
A minha visão de mim e dos outros												
Os Relacionamentos e a intimidade												
Tu sentes... que pertences a algum lugar?												

Entrevista nº 4			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes	
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relação familiar	Pais							
		Pai							
		Mãe							
Escola		O percurso escolar geral	Geral						
	Pré-primária								
	Primária								
	Ciclo								
	Na Raul		"o liceu"						
			A turma: nós e os outros						
			Os professores						
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral							
		A exclusão social							
	Adesão a actividades extra curriculares								
	A relação da escola com o mundo do trabalho								
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)								
	Os motivos da adesão								
	O que é/era o NFPC								
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as diferenças dentro do grupo							
		O voluntariado							
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?								
	A sua relação com o mundo do trabalho								
Escola/Núcleo: a comparação									
Família/Núcleo: a relação									
Estudar "fora"	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos									
A minha visão de mim e dos outros									
Os Relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº 5			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes	
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relação familiar	Pais							
		Pai							
		Mãe							
Escola	O percurso escolar geral	Pré-primária							
		Primária							
		Ciclo							
		Na Raul							
		Os professores							
		Faculdade							
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral							
	Adesão a actividades extra curriculares	O teatro							
		O teatro e o mundo do trabalho							
A relação da escola com o mundo do trabalho									
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)								
	Os motivos da adesão								
	O que é/era o NFPC								
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as diferenças dentro do grupo	Geral						
			O preconceito						
		O voluntariado							
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?								
	A sua relação com o mundo do trabalho								
Escola/Núcleo: a comparação									
Família/Núcleo: a relação									
Estudar “fora”	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos									
A minha visão de mim e dos outros									
Os Relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº6			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas fundo de	Pontos de crise	Mudanças pronomes de	
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relação familiar	Pais							
Escola	O percurso escolar geral	Geral							
		Pré-primária							
		Primária							
		Ciclo							
		Na Raul	"o liceu"						
			A turma: nós e os outros						
			Os professores						
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar								
	Adesão a actividades extra curriculares								
	A relação da escola com o mundo do trabalho								
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)								
	Os motivos da adesão								
	O que é/era o NFPC								
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as diferenças dentro do grupo							
		O voluntariado							
		Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?							
		A sua relação com o mundo do trabalho							
	Escola/Núcleo: a comparação								
Família/Núcleo: a relação									
Estudar "fora"	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos									
A minha visão de mim e dos outros									
Os Relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº 7			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas fundo de	Pontos de crise	Mudanças pronomes de
Família	Infância e Percurso familiar							
	Relação familiar	Pai						
		Mãe						
Escola	O percurso escolar	Geral						
		Primária						
		Ciclo						
		Na Raul	"o liceu"					
			A turma: nós e os outros					
		Faculdade						
	Para que serve a escola							
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral						
		Os professores						
		As aulas						
	Adesão a actividades extra curriculares							
	A sua relação com o mundo do trabalho							
Núcleo	Como soubeste da existência deste núcleo?							
	Alguém te convidou, ou procuraste-o por tua iniciativa?							
	O que é/era o NFPC							
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	Geral						
		A confianç a dentro do núcleo						
		Lidar com as diferenç as dentro do grupo						
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?							
	Achas que este tipo de grupos tem aspectos negativos? Quais? E positivos? Quais?							
	A sua relação com o mundo do trabalho							
Escola/Núcleo: a comparação								
Família/Núcleo: a relação								
Estudar “fora”	Porque sim, porque não							
	Reacções à ideia							
Os projectos								
A minha visão de mim e dos outros								
Os Relacionamentos e a intimidade								
Lugar de pertença								

Entrevista nº 8				Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relações familiares	País							
		Pai							
		Mãe							
Escola	O percurso escolar	Geral							
			Pré-Primária						
			Primária						
			Ciclo						
	Na Raul	"O liceu"							
		A turma: nós e os outros							
		Os professores							
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar								
	Adesão a actividades extra curriculares								
	A sua relação com o mundo do trabalho								
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)								
	Os motivos da adesão								
	O que é/ era o NFPC								
	Significado atribuído à vivência no núcleo	Geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as deiferenças dentro do grupo							
	Aspectos negativos/positivos deste tipo de grupos								
	Achavas-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê? Eu, os do grupo e os outros								
Escola/Núcleo: a comparação									
Família/Núcleo: a relação									
Estudar "fora"	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos									
A minha visão de mim e dos outros									
Os relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº 9			Selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes	
Família	Infância e Percurso familiar								
	Relação familiar	Pais							
		A Mãe							
		O Pai							
		A Irmã							
		A Tia							
		A avó							
Escola		A Pré-primária							
		A Primária							
		O Ciclo							
		Na Raul	"o liceu"						
			A turma: nós e os outros						
			A biblioteca						
			Os professores						
	Para que serve a escola								
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar	Geral							
		Os professores							
		Os funcionários							
	Adesão a actividades extra curriculares								
	A relação da escola com o mundo do trabalho								
Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência (A sua história)								
	Os motivos da adesão								
	O que é/era o NFPC								
	Significado atribuído à vivência dentro do núcleo	No geral							
		A confiança dentro do núcleo							
		Lidar com as diferenças dentro do grupo							
		O voluntariado							
	Sentias-te diferente dos colegas que não participavam no grupo? Porquê?								
	A sua relação com o mundo do trabalho								
	Escola/Núcleo: a comparação								
Família/Núcleo: a relação									
Estudar "fora"	Porque sim, porque não								
	Reacções à ideia								
Os projectos									
A minha visão de mim e dos outros									
Os Relacionamentos e a intimidade									
Lugar de pertença									

Entrevista nº 10			selves	Comunidades imaginadas	Investimento psicológico	Dilemas de fundo	Pontos de crise	Mudanças de pronomes
Família	Infância e Percurso familiar							
	Relações familiares	Pais						
		Pai						
		Mãe						
		O irmãozinho						
		O irmão						
		A tia						
		As avós						
	O avô							
Escola	O percurso escolar	Geral	Pré-Primária					
			Primária					
			Ciclo					
		Na Raul	"O liceu"					
			A turma: nós e os outros					
			A biblioteca					
			O liceu e o café					
			Os professores					
	Para que serve a escola							
	Significado atribuído à vivência na instituição escolar							
	Adesão a actividades extra curriculares							
	A sua relação com o mundo do trabalho							
	Núcleo	Tomada de conhecimento da sua existência						
Os motivos da adesão								
O que é/ era o NFPC								
Significado atribuído à vivência no núcleo		Geral						
		A confiança: Lidar com as diferenças dentro do grupo:						
		O preconceito						
		O voluntariado						
Aspectos negativos/positivos deste tipo de grupos								
A sua relação com o mundo do trabalho								
Escola/Núcleo: a comparação								
Família/Núcleo: a relação								
Estudar "fora"	Porque sim, porque não							
	Reacções à ideia							
	Lidar com as diferenças culturais							
Os projectos								
A minha visão de mim e dos outros								
Os relacionamentos e a intimidade								
Lugar de pertença								